

# SESMARIA

## Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

- I - Casa do Rei
- II - Sinagoga dos Negros
- III - Casa de audiência  
com arrematador
- IV - Palácio do Quilombo
- V - Casa do Teor
- VI - Cortiço de Couro
- VII - Casa de forja de ferro
- VIII - Casa de Filões
- IX - Trancheiras de ortigas
- X - Morro da gorila
- XI - Horta do Quilombo
- XII - Casas do Quilombo

Quilombo do Ribeirão



T. J. Martins, o Escriba Maldito



# **SESMARIA**

**Cruzeiro, o Quilombo das Luzes**

Capa: João Batista Martins

Revisão: Tarcísio José Martins

Editoração: Tarcísio José Martins

Martins, Tarcísio José

“SESMARIA – Cruzeiro, o Quilombo das Luzes” – 1ª Edição (Virtual)

Romance-Histórico – Escrito no ano de 1990  
Brasil, Minas Gerais, Século XVIII, Quilombos.  
Registro FBN n.º 220.323, Livro 385, Folha 483.

Copyright – 1990  
Tarcísio José Martins  
Todos os direitos reservados ao autor.  
INICIAL DISTRIBUIÇÃO GRATUITA,  
através de cópia autorizada  
no “site” do autor  
<http://tjmar.sites.uol.com.br>



## ÍNDICE

ALERTA AOS GENOCIDAS .....	5
BREVE CURRÍCULO DO AUTOR.....	6
ESCLARECIMENTOS DO AUTOR.....	7
Capítulo I.....	10
Capítulo II.....	20
Capítulo III.....	33
Capítulo IV.....	42
Capítulo V.....	56
Capítulo VI.....	64
Capítulo VII.....	78
Capítulo VIII.....	88
Capítulo IX.....	104
Capítulo X.....	116
Capítulo XI.....	129
Capítulo XII.....	150
Capítulo XIII.....	162
Capítulo XIV.....	179
Capítulo XV.....	194
Capítulo XVI.....	203
Capítulo XVII .....	218
Capítulo XVIII .....	232
Capítulo XIX .....	247
Capítulo XX.....	261
Capítulo XXI .....	278
<b>FIM ?</b> .....	302
NOTAS SOBRE O PEQUENO GLOSSÁRIO .....	303
GLOSSÁRIO .....	304

## ALERTA AOS GENOCIDAS

**Esta é uma das histórias  
que as penas e a tinta azuis  
jamais contaram ou, antes,  
procuraram sempre esconder.**

**“VERITAS QUAE SERA TAMEN”**

**“Porque não há coisa oculta que não  
venha a manifestar-se, nem  
escondida que não se saiba e venha  
à luz”.**

São Lucas, 8, 17

### **BREVE CURRÍCULO DO AUTOR**

Tarcísio José Martins, brasileiro, mineiro, paulistano (sic), casado, advogado, natural da cidade de Moema/MG, hoje, residente na cidade de São Paulo/SP.

Perdeu o pai antes de nascer. Nasceu em 26.06.49. Mudou-se, de Moema/MG, em 1950, para a cidade de Uberaba/MG. Em 1962, mudou-se com a família para a cidade de São Paulo/SP. Conheceu Moema, sua terra, somente em 1983. Trabalhou em duas grandes empresas privadas, dedicando-se (mais vinte anos) à Auditoria, tendo se desligado em 1990, quando, por idealismo, resolveu abandonar bem sucedida carreira de auditor. Publicou livro técnico (em disquete) através da ABERJ, em 1992. Até recentemente ainda ministrava cursos técnicos de auditoria para várias empresas privadas.

Atualmente é advogado militante, formado pela FADUSP (Largo de São Francisco), pesquisador da História mineira, romancista, poeta, autor, entre outras, das seguintes obras: 1) "Moema, as Origens do Povoado do Doce", PM de Moema, 1987 – segunda edição, e-book, em 2001; 2) "Quilombo do Campo Grande – A História de Minas Roubada do Povo", Editora A Gazeta Maçônica, 1995; 3) "SESMARIA – Cruzeiro, o Quilombo das Luzes", que é o presente romance; 4) "Renovos de Mim, de Minas"- Poesias.

O autor resolveu publicar todas as obras supra através da Internet, podendo, o leitor obter – GRATUITAMENTE – o texto e capa de qualquer uma delas – exceto de "O Quilombo do Campo Grande" - bastando clicar <http://tjmar.sites.uol.com.br> e escolher a opção desejada.

O romance-histórico "SESMARIA – Cruzeiro, o Quilombo das Luzes" foi escrito em 1990. Somente agora, em 2001, é que o autor resolveu divulgá-lo. Optou por fazê-lo um livro virtual, de modo a que possa chegar ao maior número possível de leitores, primeiramente através do site <http://br.geocities.com/romancesesmaria> .

## **ESCLARECIMENTOS DO AUTOR**

Prezado leitor, o século XVIII - anos 700 - é chamado o Século das Luzes. Isto, porque foi nesse período que o saber se rebelou contra o obscurantismo despótico da Igreja Católica, através do chamado Enciclopedismo e, depois, do Iluminismo que desaguiariam politicamente na Independência dos Estados Unidos da América e na Revolução Francesa. Para o Brasil, no entanto, este é o Século da Escuridão.

Sobre a História do Brasil desse período, muito pouco se sabe. Esse muito pouco, além disto, foi propositadamente distorcido por historiadores do final do século XIX até meados do século XX, quando a historiografia brasileira quis apagar alguns fatos passados e retocar outros que escolheu para compor uma iconografia que atendesse aos interesses vigentes. Entre os anos de 1720 a 1788/1792, por exemplo, há buraco negro de 68 anos, como se nada de importante tivesse acontecido nesse período.

Nesse período, no entanto, há acontecimentos importantíssimos, que estão nas bases de nossa Identidade Nacional, a exemplo de: **a)** foi nesse período, 1734 a 1750, que vigorou o sistema tributário da *Capitação*, estercando de cadáveres as Capitâneas de Minas Gerais e Goiás; **b)** foi nesse período que os portugueses das Minas Gerais, através do genocida Gomes Freire de Andrada, destruíram a Capitania de São Paulo, 1748 a 1763; **c)** foi nesse período que Gomes Freire de Andrada, juntamente com espanhóis, praticou no sul o grande genocídio contra os guaranis aldeados por jesuítas; **d)** foi nesse período que a Companhia de Jesus foi extinta no Brasil e no mundo, sendo os jesuítas expulsos do Brasil em 1759; **e)** foi nesse período que Gomes Freire e seu irmão Freire de Andrade praticaram, nas Minas Gerais, o maior genocídio da América Latina, exterminando *pretos* forros, brancos pobres e paulistas dissidentes, escondendo os números do morticínio e alegando que atacara e destruíra a uns poucos quilombos; **f)** foi nesse período que o Brasil, que até então falava a Língua Geral, passou a falar a língua portuguesa.

Sobre a Sociologia brasileira, dois fatores há a considerar. **a)** A principal fonte de premissas da Sociologia é a História; no entanto, nenhum dos fatos supracitados foi levando em conta pelos nossos sociólogos, mesmo porque, a maioria praticamente olvidou o Século XVIII e pouca ou nenhuma importância deu à Descoberta do Ouro e ao surgimento da Capitania das Minas Gerais na formação da patronato político e da identidade nacional; **b)** em regra, nossos sociólogos NÃO buscaram fontes primárias e NEM sistematizaram dados do Século XVIII, trabalhando, a maioria, apenas com a fraca e tendenciosa historiografia nacional à luz de impertinente bibliografia estrangeira, produzindo obras que, na verdade, são meras crônicas infundadas, feitas para “inglês ver”, em busca de projeção de seus próprios nomes em academias estrangeiras. Exemplos: Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro etc.

Sobre o romance brasileiro de época, a grande maioria aborda apenas e tão somente o Século XIX. Alguns fazem estranhos e obscuros retrospectos ao final do século XVIII, retornando a meados do Século XIX, onde, realmente se desenvolve a trama principal desses romances. O Século XVIII é mesmo o Século da Escuridão, também para o romance brasileiro. Podem se contar nos dedos os romances de época do Século XVIII. Há um pouco mais de cinco, mas não chegam a dez, os romances cujos fatos ocorrem mesmo nos anos 700. Exemplos: 1) Daniela e os Invasores, de Dinah Silveira de Queiroz; 2) Chico Rei, de Agripa de Vasconcelos; 3) Xica da Silva, ultima versão de João Felício dos Santos; 4) o Retrato do Rei, de Ana de Miranda; 5) Confidências de um Inconfidente, de Marilusa Moreira de Vasconcelos; e uns poucos mais.

O presente **“SESMARIA”**, com o subtítulo **“Cruzeiro, o Quilombo das Luzes”** tem como objetivo revelar ao leitor como eram, realmente, as Minas Gerais dos anos 700; denunciar a falsidade de nossa historiografia oficial; denunciar hediondos genocídios praticados pelo colonizador e pelas elites-genéticas brasileiras dali emergentes. É fruto de vinte anos de pesquisa a fontes bibliográficas, mas, principalmente, a fontes primárias nos arquivos judiciais, administrativos e eclesiásticos de Minas Gerais e São Paulo. É fruto de pesquisa geográfica em cerca de trinta cidades mineiras e, sociológica, junto à população urbana e rural dessas mesmas cidades. Por isto, se o prezado leitor vislumbrar fatos, conceitos e formas **“diferentes”** das que conhece, não os estranhe e nem os irreleve... pense. Use o glossário existente ao final do livro.

A fundamentação HISTÓRICA do presente romance está documentada em obras paradigmáticas intituladas: 1) “Quilombo do Campo Grande – A História de Minas Roubada do Povo”, do mesmo autor, publicada em 1995, registrada sob o n.º 220.424, Livro 386, fl. 84, junto à Fundação Biblioteca Nacional - FBN; 2) “Moema – As Origens do Povoado do Doce”, PM de Moema, 1987, 2ª Edição e-book, 2001, registrada sob o n.º 240.472, Livro 426, fl. 132, junto à Fundação Biblioteca Nacional - FBN. Vide Internet <http://sites.uol.com.br/tjmar>

O narrador dos fatos, o **“Escriba Maldito”**, foi formatado como um cronista do próprio Século XVIII. Evidentemente seu vocabulário é arcaico, seu estilo é o da época. Vide, por exemplo **“Cultura e Opulência do Brasil”**, do Pe. Antonil; **“Notícias das Minas de São Paulo e dos Sertões da Mesma Capitania”**, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme; **“Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais”**, de José Joaquim da Rocha; **“Relatos Sertanistas”** e **“Relatos Monçoeiros”** de Afonso de E. Taunay; **“Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais”**, de José João Teixeira Coelho; etc.

Além das fontes supracitadas, o narrador buscou seus maneirismos também na leitura de milhares de textos antigos, onde se sobressaem os depoimentos de pessoas em *devassas* eclesiásticas, querelas, libelos e processos civis e criminais.

Mas **não** ficou por aí, a formação do vocabulário e do estilo do **“Escriba Maldito”** e de seus personagens. Todos os dados obtidos nas fontes antigas foram estudados e comparados com o linguajar atual das pessoas, mormente pessoas idosas, gente da roça e *pretos* da região. Essa gente não fala errado, como pensam nossos **“gramatiqueiros”**; fala um português arcaico enriquecido por vocábulos advindos da língua geral e de línguas bantu. Esse verdadeiro tesouro cultural e sociológico não pode se perder. Em caso de dúvida, consulte o glossário existente ao final do livro.



Enfim, também os fatos e a trama são totalmente verossimilhantes. Mesmo os poucos “efeitos especiais”, aparentemente criados, não o foram. Foram colhidos dos causos e crendices populares da própria região. Nenhum personagem foi criado; todos foram colhidos e, no máximo, compostos, aqui e ali das narrativas, processos e depoimentos encontrados nos arquivos mineiros e paulistas.

A aparente prolixidade do narrador, dentro do contexto do projeto, é maneirismo necessário e fundamental. Primeiro porque o estilo predominante no Século XVIII é esse mesmo, prolixo e gostosamente redundante. Segundo, porque, na maioria dos casos, esta redundância favorece o entendimento do leitor, mesmo que haja na frase vocábulos de que não conheça o significado ou o emprego.

Essa mesma aparente prolixidade ou redundância, no que concerne a descrição de roupas, comida, festas e armas utilizadas pelos personagens, foi muito mais que necessária. Caso, algum dia, esse livro venha a se transformar em imagem, espera, o autor, não ver seus personagens usando, simultaneamente, roupas dos séculos XVI, XVII e XIX, num verdadeiro “samba histórico do crioulo doido”, como sói acontecer em nossos filmes e novelas. E, muito menos, usando garruchões e espingardas de dois canos com ignição a espoleta, mesmo porque, a espoleta só seria inventada em 1804, na Europa. Por outro lado, as armas com ignição a pavio deixaram de ser usadas no final do século XVI. Também sobre isto, o autor muito pesquisou em fontes bibliográficas e primárias.

Consigne-se, por fim, que a geografia de locais e vilas descritos no romance são reais, pois o autor visitou e fotografou todos os locais que descreve. Também a toponímia, além de real, é aquela que vigorava na época, cujos nomes foram extraídos de mapas e plantas urbanas das vilas descritas. Aliás, até o calendário – ano, mês e dia da semana – é real, pois o autor sempre os teve em mãos.

Espera-se que, um dia, o leitor possa visitar os locais descritos no presente livro. Parece que Minas Gerais está acordando, também, para o turismo.

Enquanto isto não acontece, você poderá começar a ler “Cruzeiro, o Quilombo das Luzes” que, devagarinho, vai transportá-lo para os heróicos anos 700, na Capitania de Minas Gerais.

Tarcísio José Martins  
29.01.2001

## Capítulo I

**E**ra do ano do Nascimento de Nosso senhor Jesus Cristo de mil, setecentos e cinqüenta e sete anos, na Capitania das Minas Gerais. Dom José I, por Graça de Deus, é El-Rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém-mar, em África, senhor da Guiné e Conquista, navegação e comércio da Etiópia, Pérsia e da Índia, mas, quem em tudo manda é o seu primeiro ministro, o temerário *Sebastião José de Carvalho e Melo*, que o diabo o carregue. No Brasil-Colônia governa, com alçada em toda a Repartição Sul, Gomes Freire Andrada, sendo representado nessas Minas Gerais pelo seu irmão, o coronel *José Antônio Freire de Andrade*.

As Minas Gerais têm ainda muito ouro e diamante, mas a decadência e exaustão das lavras já se fazem sentir. O *Erário Régio* continua sendo o mesmo vampiro louco. Para fazer entrar à sua goela uma quantidade cada vez maior de ouro e diamantes, sempre variou insanas formas de arrecadação de impostos: ora, cobrava o *quinto da produção*; ora, o *quinto por derrama*; ora, o *quinto por capitação*; hoje, os *quintos por fundição*. *Quintos...* são os *quintos* dos infernos. As lavras de ouro já não valem mais à pena e, os diamantes, só os contratadores os podem procurar, *por serem de El-Rei*. O sonho com o Eldorado está virando um pesadelo e muitos mineiros têm acordado desiludidos da vida. Alguns começam a ter olhos nos sertões, sonhando com o conseguir boas terras para se instalarem com *fábrica* de roça ou criação de gado vacuum e cavalar. Muitos, porém, nem mesmo conseguem sonhar *dito* sonho; apenas ruminam, pois sabem que somente os homens poderosos por família, riqueza ou outras considerações é que podem conseguir uma carta de *sesmaria*. Mas, não é só. Além dos *quintos*, sempre houve ainda os subsídios voluntários, dízimos, taxas e inúmeros outros direitos de El-Rei sobre isto, sobre aquilo e aquil'outro a inviabilizar uma *fábrica* de roça ou de criação de gado. Tudo isto faz com que o povo dessas Minas Gerais guarde um ressentimento de morte à tirania fiscal, à corrupção

e à discriminação odiosa praticadas pelos favorecidos oficiais que se ocupam dos cargos e serviços de Sua Majestade. Esses homens do reino, donos de todos os privilégios públicos, roubam, sem nenhum temor a Deus, a sua própria pátria, enlouquecendo o *dito* vampiro que é o *Erário Régio* e, este, não sentindo em sua goela todo o sangue que deseja, afunda, ainda mais, as suas presas sedentas no pescoço do pobre povo brasileiro.

O povo brasileiro das Minas Gerais talvez nem seja um povo. No começo, era gente altiva e valente que não se calava à tirania e à corrupção, fazendo temer os reinóis: a terra, parecia que evaporava tumultos. A água exalava motins. O ouro tocava desaforos. Destilavam liberdades, os ares. Vomitavam insolências, as nuvens. Influíam desordens, os astros. O clima era a tumba da paz, o berço da rebelião. O modo assassino de governar do *Conde de Assumar* foi, por ele e por seus sucessores, colocado em prática, em nome de El-Rei: “Mais para terror que para castigo, porque os homens da natureza dos destas minas, e que ordinariamente são bárbaros e insolentes, mais temem, como disse o imperador Maximiliano, as circunstâncias e gênero de morte, que a mesma morte”. As Minas, a partir daí, se tingiram de sangue vermelho de todas as cores. Os enforcamentos e os esquartejamentos alimentaram os urubus e esterçaram a terra. Já se passam quase quarenta anos e o povo ainda não se deixou sujigar, talvez porque, como dissera *Assumar*, “é propriedade e virtude do ouro tornar inquietos e buliçosos os ânimos dos que habitam as terras onde ele se cria”. Mas, se os ânimos inquietos e buliçosos dos mineiros são apenas virtudes malditas do ouro, as minas se estão exaurindo e, com elas, talvez se esvaia a fibra e a coragem desse povo mineiro.

Mas, esse povo mineiro das Minas Gerais talvez nem seja um povo.

“Os paulistas não passam de uma horda bárbara de quase-*gentios da terra*, que nem mesmo sabe falar a culta língua do reino e, depois que Manuel Nunes Viana daqui expulsou suas cabeças maiores, ficaram deles só *badamecos* e vadios, a maioria restolhos que eles fabricaram nas negras e nas índias.

Os brancos sem nascimento, pés-rapados, cristãos-novos e outras gentilhas que, sem eira nem beira, fugiram do reino a vir buscar fortuna nestas terras, não passam de escória sem brio e sem vontade que há de se perder em meio aos *mulatos* que vivem a *fabricar* nas *ditas* negras. Não têm cabedais e nem influência para conseguirem uma *braça* de terra para lavar e, por não se casarem com mulheres brancas e, antes, por mancharem seu sangue na mancebia das negras, jamais alcançarão, ou sua descendência impura, os préstimos ou os cargos do serviço de El-Rei.

Os índios, inocentes *gentios da terra*s, têm estado nestas Minas ao abandono da Santa Madre Igreja e, de uma forma ou de outra, são gentes com quem se não pode contar. Quando em seu estado natural, são feras do mato que só urdem fazer guerra aos brancos e comer-lhes a carne do corpo. Quando largam a boçalidade pela caridade de algum cristão que lhes ensina o temor a Deus, caem na ociosidade e se entregam aos vícios que aprendem com os *negros*, manchando, muita vez, o seu sangue com uniões, deles e de suas mulheres, com *negras* e *negros*, gerando os chamados *caribocas*, gente também de pouca ou nenhuma qualidade.

O pecado da soberba é o que põe a perder os *pardos* livres. Eles *confundem a liberdade com a libertinagem*. A grande maioria é de vadios que vive a tocar violas nas vendas, ou a dançar nos tais batuques onde fazem todas as orgias e cometem todas as indecências com as negras. Alguns *pardos*, mal se vêem alforriados, proferem, sem nenhum temor a Deus, e mais por zombaria aos *negros*, o juramento que há algum tempo era pedido por El-Rei aos brancos que para esta terra vinham: “Juro que não farei nenhum trabalho manual, enquanto conseguir um só escravo que trabalhe para mim, com a graça de Deus e de El-Rei de Portugal”. A partir daí, querem em tudo se igualar aos brancos e sonham com o ter escravos, o que conseguem os mais industriais. Passam a desprezar os *negros* livres e se tornam os piores algozes dos escravos. Disto tem resultado muitas cabeças quebradas e fatos derramados, mormente nos *ditos* batuques onde bebem muita cachaça. Outros *pardos*, que se resolvem a trabalhar em ofícios e artes aprendidos pela metade branca que têm, se transformam em usurários e ladrões, precisando intervenção das câmaras das vilas a lhes regular os preços exorbitantes que querem cobrar por simples trabalhos ou pelas fazendas ordinárias de suas vendas. Estes *pardos* são dados a se associarem em maçonarias dentro das *irmandades* e vivem a excitar os escravos com promessas de *quartação* e *alforrias*, fazendo com que roubem, por esta conta, o ouro de seus senhores.

Os *negros* livres muito pouco diferem dos *pardos* mais laboriosos cuja superioridade invejam. Não fosse a soberba dos *pardos* vadios, muito distúrbio ao sossego público poderia ser evitado, pois a maioria dos *negros* livres é geralmente serviçal e respeitosa para com os brancos.

Os *negros* e *pardos* escravos são a única *fábrica* com a qual podem contar os *homens bons* para o trabalho que gera o bem público e os dízimos de Sua Majestade. Mas, ultimamente voltou a se alastrar na Capitania, mais do que nunca, a praga do *gentio calhambola*: *pretos* fugidos e forros vadios que, como *gentios*, voltam às suas origens e se juntam no mato em seus coutos chamados quilombos. Desses esconderijos saem às estradas cometendo insultos, roubando e matando gente branca e, agora, deram para invadir fazendas e vilas onde, além de cometerem toda a sorte de crimes, botam a perder muitos escravos que por bem ou por mal, levam para os seus redutos. A escravaria, antes laboriosa e submissa, vive a sonhar, ora com as promessas das *irmandades* de *pretos* e *pardos*, ora com a perniciosa liberdade dos *calhambolas*, tudo isto em prejuízo das *fábricas*, a cada dia mais arruinadas nestas Minas.

Os brancos, *mazombos* ou reinóis, que realmente se importam com o bem comum nesta Capitania, a cada dia se vêem mais incomodados e desanimados. É o *Erário Régio* que não vê a decadência das lavras, e insiste nos pesados impostos. São os oficiais do serviço do reino nesta terra que, até nas vilas, têm assumido os cargos da *vereança* e *justiça*, de onde praticam as mais vergonhosas extorsões e infamam a justiça de El-Rei, em proveito próprio e de seus familiares. Além de tudo isto, há o perigo iminente que representam os *negros alevantados* em quilombos que vêm, a cada dia, aliciando e conseguindo que mais *forros* e escravos se rebelem contra seus amos e senhores e fujam para os tais quilombos.

Essas gentes todas é que formam aquilo que, grosso modo, se pode chamar o povo destas Minas Gerais. O pior é que os *negros* e os *pardos*, se se aliciarem os livres e os escravos pelos *ditos calhambolas*, se se ajuntarem todos, formam uma monstruosa multidão, chegando, em algumas comarcas, a serem noventa *pretos* para dez ou onze brancos na proporção, pouco mais ou menos.

A Capitania vive sobressaltada com os *calhambolas* desde há muitos anos.

Quando era governador desta Capitania o *Conde de Assumar*, no ano de 1719, já os *negros* pensavam em sublevar-se e já não era a primeira vez. Naquele ano os *negros* de todas as comarcas tinham ajustado entre si, valendo-se de emissários que andavam de umas para outras paragens fazendo negociações, de que na *quinta-feira das endoenças* iriam degolar todos os brancos e ficarem donos das Minas. Cientes de sua multidão em relação aos brancos, esperariam que estes fossem para as igrejas, quando invadiriam suas casas tirando-lhes as armas com as quais cometeriam o *dito* intento. Alguns dias antes da Semana Santa os *ditos negros* tiveram diferenças sobre o domínio que pretendiam ter os de uma nação sobre as demais e veio a romper-se o segredo na Comarca do Rio da Mortes, onde o general governador teve aviso da sublevação. No começo pensara o governador que aquilo fosse alguma ridicularia de *negros*, mas logo mudou o seu pensar quando teve avisos de que aquela praga tinha raízes em todas as comarcas, inclusive na de *Vila Rica*. Antecipou-se aos *negros* em prevenções necessárias, desbaratando-lhes as medidas e, com a prisão de muitos *negros* e negras culpados, e castigos a outros, se foi extinguindo a sedição, tornando o *país* ao sossego em que estava.

Este sossego não mais poderia ser o mesmo pois, conforme advertira o *Conde de Assumar*, aos *negros* não se-lhes podiam tirar os pensamentos e os desejos naturais de liberdade, ficando a Capitania exposta a muitas outras sublevações, caso não fossem tomadas eficazes providências. *Assumar* fez tudo o que pôde para livrar a Capitania desse incômodo. Deu autorização para que todas as pessoas pudessem atacar os *negros* fugidos e, degolando-os, levassem-lhe as cabeças, garantindo que os senhores dos *negros* mortos nada podiam reclamar contra os executores. Os *negros* capturados vivos, pedia que os levasse a sua presença para que ele mesmo os justicasse. Em bando que expediu, prometeu açoitar pelas ruas ou degredar para *Benguela* qualquer pessoa branca que sabedora da existência de quilombos não os denunciasses à sua pessoa e, sendo *preta*, a pena de morte. Prometeu a todos os *pretos*, escravos e mesmo *calhambolas*, que denunciasses a existência e localização de quilombos, lhes daria além do perdão de seus crimes, a liberdade e, do mesmo passo, um prêmio de dez *oitavas* de ouro. Sugeriu à Sua Majestade que se criasse um Código Negro, a exemplo do que fizera o rei da França para as colônias de Mississipi e Loisiaiana, onde se estabelecessem penas severas, como o cortar uma perna ao *negro* fujão, substituindo-a por uma perna de pau; ou que se lhe cortasse um artelho do pé, dificultando-lhe a fuga, o que não foi aceito por Sua Majestade. Após o sucedido de 1719, mandou El-Rei que se implantassem na Capitania os *capitães-do-mato*, como se fazia em outras partes deste Estado do Brasil.



Os *capitães-do-mato* já possuíam regimento desde 1715, mas como serviço de que se ocupariam, além da gente branca desclassificada, muito mais os *pardos* e *negros* forros, o capitão-general houve por bem derrogar o anterior regimento e publicar outro, prevendo para os mesmos capitães penas severas caso não cumprissem seu dever, ou se houvessem com desonestidade na captura de *negros* que não fossem fugidos, ou detivessem-nos para usufruírem de seu trabalho.

Apesar de todas as medidas do *Conde Assumar*, a praga não se extinguiu, ou antes, aumentava ainda mais. Em inícios de 1731, já no governo de Dom Lourenço de Almeida, conseguiu este junto a El-Rei e ao Conselho Ultramarino que os ouvidores das comarcas ganhassem alçada, a exemplo dos ouvidores do Rio de Janeiro, para sentenciar *calhambolas* à morte.

Chegando Gomes Freire de Andrada, o Conde de Bobadela, para o governo destas Minas, em 1735, encontrou a Capitania infestada de quilombos e os *calhambolas* muito mais atrevidos e insolentes. *Pardos* e *negros* forros ambiciosos, recusando-se a servir a amos ou patrões brancos, recusando-se a prestar seus ofícios e artes nas vilas desta Capitania, bem como, se rebelando contra o imposto da *capitação*, saíram na trilha de paulistas facinorosos a explorar descobertos e a levantar numerosos vilarejos em sertões distantes, onde passaram a dar coito a escravos fugidos e a gentes facinorosas. Descobertos pelos *homens bons*, os *capitães* dessas perniciosas povoações de *pretos*, além de impedir o ingresso dos oficiais de El-Rei em seus povoados, conclamaram-se governantes de si próprios, desafiando o governo desta Capitania e a El-Rei, com todo o atrevimento e sem nenhum temor a Deus.

Havia quilombos por toda a parte, mas o mais pernicioso deles era um, chefiado por um *negro forro* chamado Ambrósio, que federava um enxame de pequenos coutos em toda a região localizada entre as comarcas do Rio das Mortes e o Rio das Velhas, chamada, em geral, o *Campo Grande*. Aquilo era um atrevimento inadmissível: além de o tal Ambrósio ser um *negro* dotado de bravura e todas as qualidades de um bom general, se cercava de um estado maior composto de *pretos* de sua confiança, governando mais de mil *negros* só no seu *Quilombo Grande*.

O governador viu que era preciso cautela. Em 1741 pôs em vigor na Capitania o alvará em forma de lei de Sua Majestade impondo maiores castigos para os *calhambolas*. Todo *negro* que, voluntariamente for encontrado em quilombos, desde então, se-lhe porá com fogo uma marca “F”, logo que entrar na cadeia. Caso já tenha a marca na espádua, então, se-lhe cortará uma orelha, sem processo algum. Passou a exigir que os *capitães-do-mato* cumprissem sua obrigação; passou a acudir sem cessar a inúmeros pedidos de socorro que recebia de várias comarcas fustigadas pelos *calhambolas*.

Nesse mesmo ano de 1741, mandou que o sargento-mor João da Silva Ferreira *apenas* gentes e *capitães-do-mato* e atacasse alguns vilarejos de *pretos*, verdadeiros quilombos, localizados na região do *Susuhy* e *Peropeba*.

Em 1743, mandou o governador que o tenente Manoel Cardoso da Silva e o alferes Sebastião Cardoso de Moraes, dessem mais fogo e chumbo a

um lote de *negros* do *Campo Grande* que havia saído a roubar pela Comarca do Rio das Mortes.

Em 1746 resolveu arrasar o *Quilombo Grande*, cuja capital era a Povoação do *negro* Ambrósio, localizada entre o rio Lambari e o Jacaré, afluentes da margem direita do rio Grande. Mandou que as câmaras das principais vilas e cidades das comarcas infestadas contribuíssem com as munições de guerra e de boca. Arrecadadas 2.750 *oitavas* de ouro, encarregou o capitão João Antônio de Oliveira a marchar sobre o *Campo Grande*, comandando tropa de mais de 400 homens armados de mosquetes e granadas, dividindo-os em várias esquadras sob o comando de outros capitães.

Muitas povoações de *pretos*, vendo o poderio das forças de El-Rei, decidiram por capitular um acordo e submeter-se aos *homens bons* desta Capitania, a exemplo dos quilombos chamados Gondum, Quebra-Pé, Boa Vista e Cascalho Velho, todos na margem esquerda do rio Grande.

Outras povoações de *pretos*, como o eram o Povoado do Fala e o *dito* das Pedras, quilombos que realmente eram, se uniram ao tal Ambrósio e desafiaram, mais uma vez, as tropas de El-Rei.

Destruídas essas vilas de *pretos* atrevidos, o *quilombo do Ambrósio* e um outro, que ficava adiante da *Ponte Alta*, foram arrasados, sendo queimados todos os seus paióis e plantações. Muitos dos *negros* foram mortos, outros amarrados, mas, a maioria fugiu. O capitão Oliveira achou que tinha destruído para sempre o tal *quilombo do Ambrósio*, visto que o *dito negro* general, segundo constou-lhe, estava morto. Ledo engano.

A praga renasceu das cinzas. Não demorou muito, os *negros* de novo se instalaram muito mais belicosos e atrevidos numa região até maior, abrangendo a mesma paragem e invadindo os limites das capitânias de São Paulo e de Goiás. Voltaram a roubar e a matar pelas estradas, a invadir vilas e fazendas, onde, até hoje, cometem toda a sorte de crimes e insultos, chegando a meter freios na boca dos senhores e a roubar mulheres brancas. A escravaria é levada a engrossar suas tropas, aumentando o poderio dos *negros*, onde os mais temerários e *absolutos* são erigidos *capitães* de magotes de *negros*, à forma de esquadras e pelotões. A nada respeitam e têm atacado até mesmo a quartéis de cavalaria e guarda de diamantes, registros e passagens, onde fazem grandes estragos com fogo e roubam os tesouros de Sua Majestade.

A convivência dos *capitães-do-mato* e de alguns senhores, aliada aos interesses dos *contrabandistas* e *extraviadores*, tem fortalecido ainda mais o poder dos *negros* que também *garimpam* criminosamente os diamantes de Sua Majestade até mesmo dentro da *Demarcação Diamantina* e no *Serro do Frio*. Essa rede de interesses criminosos tem dado aos *negros* escandalosa retaguarda, ora através dos *ditos capangueiros que lhes fazem o saco*, ora através das perniciosas vendas onde, além da luxúria das negras ali colocadas para atraí-los, *ditos negros* conseguem vender o fruto de seus roubos e de sua mineração criminosa, em troca das *fazendas secas e molhadas* de que precisam e, o que é pior, em troca de armas e munição de toda espécie.

Ano passado de 1756, o governador interino, tenente-coronel José Antônio Freire de Andrade, recebeu comunicação das câmaras sobre o novo

intento que os *ditos negros* estavam urdindo: igualmente a 1719, pensavam em matar todos os brancos na *Quinta-feira das Endoenças*. Todas as igrejas foram fechadas e as *ordenanças* se mantiveram em alerta, providências que devem ter feito desistir os *negros* de mais este escandaloso atrevimento. O governador interino resolveu tomar medidas para estancar de vez este abuso. Por hora, fez divulgar a nova lei de Sua Majestade, mudando a pena de degredo para as *galés* do Rio de Janeiro, transformando-a em pena de cem açoites, repetidos por dez dias alternados, para os *negros* que forem encontrados armados com facas ou mais armas proibidas. Assim, os seus senhores, por medo de perderem suas *peças*, não mais hão de esconder os seus crimes.

Sua excelência o governador interino, descrente da eficácia de suas milícias, oficiais e *capitães-do-mato*, está contratando com dois paulistas sanguinários, acostumados ao trato com o *gentio* desta terra, para acabar de uma vez também com a praga *calhambola*. Esses paulistas, Diogo Bueno da Fonseca e Bartholomeu Bueno Prado, estão fazendo os seus preparativos para dar fogo e aço sem trégua aos *ditos* quilombos.

Neste rebuliço é que se encontram essas Minas Gerais, neste ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de cinqüenta e sete. Ao invés de se alevantarem os brancos contra a tirania e a opressão, fazendo uma rebelião e representando a El-Rei contra aqueles maus vassalos que desonram seus serviços neste Estado do Brasil, o que existe é uma rebelião de *negros* que, pela própria inaptidão e corrupção desses vassalos infiéis, não encontra cobro e nem solução.

A tirania e a opressão por parte dos que governam esta Capitania devem ser motivo de preocupação, mas não devem as rebeliões de *negros* ser razões para medo ou incertezas. El-Rei haverá de olhar por esta Capitania e pôr cobro aos desmandos, sem o que se alevantaria a gente branca de boa cepa e escreveria com sangue a sua independência. Quanto à gentilha em geral, dando-se tempo ao tempo, tudo se controlará, como sempre, pois, perigo só o haveria se viessem a se constituir num povo ou nação, o que jamais ocorrerá.

Um povo, para surgir como nação, mister é que se una num passado comum e que tenha suas leis, tradições e heróis para cultuar. Mister é que tenha uma História. Esta, no entanto, só os que têm as *luzes do saber* é que podem escrever, preservar e cultuar. A oralidade é corrente que pode ser facilmente quebrada e os mortos não rememoram seus feitos. Os brancos, nesta Capitania e no mundo, são os que estas luzes possuem e, por isto, as outras raças dominam, como Deus assim o determinou sempre. Portanto, deve haver preocupação e providências, mas não há razão para o temor.

A intrínseca superioridade branca é inabalável. A própria anatomia dos *negros*, como têm demonstrado as ciências, circunscreveu-lhes um cérebro muito inferior, o que explica sua natural boçalidade. Os *pardos*, *caribocas* e outras mestiçagens de *negros*, concentram algum perigo na metade branca que têm, mas, esta, pode ser perfeitamente anulada pela outra parte *negra* e *boçal* que possuem, bastando que se-lhes encaminhe a soberba, dando-lhes encargos e empregos, mormente no combate à própria gentilha e aos *negros*, em troca de muitos títulos e pouco ouro, fomentando-lhes sempre

a vaidade. A gentilha sem nome, como a boa prática tem recomendado, não deve ser muito oprimida e nem favorecida e sim, de uma forma lenta e gradual, engajada em postos de meios comandos de trabalhos, serventias e ordens; o mesmo se pode praticar com os *pardos* mais claros e com os paulistas.

Para que se não perca a ordem das coisas é preciso não descuidar e manter controle sobre as *luzes do saber*. Estas, se mal distribuídas, podem ser faca de dois gumes. Assim como há os símios e outros animais a quem Deus privilegia no aprender aos truques e meneios, conhecem-se casos de *negros* que conseguem aprender a ler e a escrever. Isto é um grande perigo e devia ser obstado com um maior rigor, não se permitindo que as *luzes do saber* viessem a chegar nem mesmo à gentilha branca e aos *mulatos*, pois estes, por chiste ou galhofa, poderiam delas dar rudimentos aos *negros* e, alguns destes, por eventuais desvios da natureza, poderiam conseguir assimilá-las tornando-se insolentes e perniciosos ao convívio com os de sua raça e escravaria.

Caso escandaloso da espécie se teve exemplo há poucos anos na Real Cidade de Mariana. Um velho padre e professor do Seminário Episcopal da dita cidade alugara por *jornal* a seu dono, um *crioulo*, *moleque* dos seus vinte anos, a quem, para melhor cômodo, passou a utilizar como criado particular e bedel. Em pouco menos de um ano, o negrinho surpreendeu a todos e demonstrou que tinha aprendido, com maior proveito que os alunos, todas as lições de primeiras letras, o ler e o escrever correntemente. Outros professores, padres incautos, por curiosidade ou por divertimento, cometeram o erro de introduzir aquele *negro* - que sem dúvida era um desvio da natureza - ao aprendizado da língua latina, da filosofia, da teologia e da moral. Em menos de dois anos, o *dito negro*, favorecido pelo demônio, já explanava e discutia com os professores as ciências em que estes eram mestres, distorcendo-as e corrompendo os alunos com idéias escandalosas semelhantes à *lepra hebraica*.

O demônio prosseguiu em sua obra. O dono do *negro*, arruinado e sem outros ganhos a não ser o mirrado *jornal* que pelo escravo recebia do padre, tirou-lhe o *negro* e o alugou a um advogado. Este advogado, apesar de viúvo e padre, era um tratante, *falseador* de papéis de processos e terras, mentiroso, lascivo e corrupto. Com ele, o *dito crioulo* terminou seu aprendizado maldito, tornando-se *rábula mordaz e finório*, rato de cartório e repartição, e *falseador* hábil de escritos e papéis. Certo dia, a mando do *dito* advogado, falsificou recibo onde, por escritos e assinatura, seu dono o entregava à propriedade do *dito* tratante, em pagamento de honorário e *mezinhas*. Seu dono, doente e troncho na cama, ficou sem nada e morreu na miséria. O castigo, às vezes, vem a cavalo. *Dito* padre-advogado era mesmo um *birbante* e o *negro* conheceu de todas as suas patifarias. Um dia não tardou em que *dito crioulo* falseou os escritos e a assinatura do *dito* advogado em um documento de manumissão e em outros necessários que fez registrar em câmara e cartório daquela real cidade. Fugiu, deixando a seu mestre de falcatruas uma carta, onde o informava de que estava levando consigo diversos papéis que faziam sobejas provas de suas velhacarias e que, caso fosse procurado ou preso, entregaria incontinenti tais documentos aos oficiais

que o amarrassem. Assim, ganhou sua liberdade o *negro*, em prejuízo de todos aqueles que, sem nenhum temor a Deus, ousaram praticar ato tão hediondo e perigoso, como é o ensinar a ler a um *negro*.

Este *negro* é, hoje, um dos facinorosos mais perigosos desta Capitania. Inicialmente, após ter fugido de Mariana, viveu de quilombo em quilombo e tornou-se comparsa festejado de toda a *canalhada*. Apesar de letrado, fez-se, como todo *negro* que se vê longe do castigo, *absoluto* e sanguinário, mas o perigo maior que representa está em seus beijos e língua, pelos quais há um prêmio de trezentas *oitavas* de ouro, a quem lhos cortar. Por isto, deram-lhe o alcunha de O Beijado. Por onde passa, introduz-se em meio à escravaria, a quem bate os beijos e solta da língua maldita palavras corruptas como a *lepra hebraica*, fazendo perderem-se legiões de escravos que fogem de seus senhores e vão para os quilombos por ele indicados. Até mesmo aos *pretos* forros e à gentilha branca tem contaminado, enchendo-lhes os corações de revolta e sublevação contra El-Rei.

As últimas notícias que se tiveram do *dito negro*, diziam fora visto lá pela Capitania da Bahia. Contam que, naquela Capitania, já *capitão* de um magote de mais de trezentos *negros* insolentes e cruéis, invadiu um povoado de gente pobre contra quem passou a praticar todos os abusos. *Capitães-do-mato* daquela paragem, chamados pela pobre gente a dar combate aos facinorosos, foram por eles presos, açoitados e judiados, além de serem capados e despejados para morrerem nos sertões, sem cavalos, roupas e o que comer.

Esses *sucessos* demonstram onde e como é que pode haver perigo para este Estado do Brasil. As ordens de El-Rei têm sido muito sábias, mas é preciso que sejam praticadas, sem desvios, por aqueles que, em nome do mesmo Senhor, esta terra governam. Cabe aos *homens bons*, *mazombos* ou reinóis, zelar por esta terra e envidar esforços para que, mesmo que a custa de seu sangue, ela alcance o seu destino que, sem dúvida, é a grandeza e a prosperidade.

As rebeliões, revoltas e sublevações de *pretos* e gentilhas, não haverão de manchar a **HISTÓRIA**. Esta, haverá de cantar apenas os gloriosos feitos e conquistas dos *homens bons*, legando ao esquecimento os infelizes *sucessos* que, hoje, atribulam estas Minas. O passar do tempo, os castigos justos, a ausência de luzes e a vida curta, haverão de encaminhar esta gentilha e *pretos* à pacífica servidão e aquiescência ao generoso domínio de El-Rei, cuja magnanimidade coisas outras não quer a não ser o bem comum e a salvação dessas miseráveis almas para o Reino de Deus, por intercessão da Santa Madre Igreja e de seus Santos.

Estamos vivendo é agora, neste ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil, setecentos e cinqüenta e sete anos. Os *sucessos* importantes só eclodem onde há a gente de boa cepa a laborar, com suas vidas, a História. Nestas Minas, os *homens bons* e fiéis vassalos de Sua Majestade se concentram mais na *Vila Rica*, na Real Cidade de Mariana e nas sedes das comarcas. Por isto serão esses os centros das luzes que se farão palcos resplandecentes e de onde se encenarão os capítulos da História destas Minas. História esta, que será escrita e cantada por aqueles que, pela graça e vontade da Santíssima Trindade, a este mundo vieram para mandar e



governar sobre os mais fracos e inferiores. O resto, há de se apagar; há de se perder. O suceder dos dias, meses e anos, a este tempo em que vivemos, tem sido, porém, um vazio de feitos e glórias, como a preparar para muito breve - talvez, para o último quartel desta centúria - um muito *importante capítulo da gloriosa História destas Minas*. Por isto, os *homens bons* param por aqui, guardam suas penas e papéis e deixam passar em branco esses dias negros e vazios de **História**".

-----  
Assim prescreveram os cronistas da época; assim escreveram, e ainda escrevem, os historiadores arautos do poder; até mesmo os espíritos, ditos desencarnados, se transformaram em escribas atestadores da falsa história, não só negando a verdade antepassada do povo simples, como sugerindo que a gentilha e pretos se conformem com a canga, pois, esta lhes é purgação e prova, e que, só assim, esta Terra, no futuro, será grande e próspera.

- Até tu, Helil ?!

Os ditos espíritos escribas, quando se referem aos degredados, aos escravos e aos negros do Brasil, não citam um nome sequer de gente que tenha nascido, vivido e morrido na simplicidade e que, mesmo assim, tenha feito algo de construtivo para o engrandecimento desta Pátria. Os ditos espíritos sempre enxergam, e citam muito, os nomes dos poderosos e dos falsos heróis já consagrados na falsa história.

Será que, mesmo no teu plano superior, Helil, a gentilha e pretos continuam **não** sendo conhecidos individualmente e pelo nome? Será que só habitam contigo, nesse teu dito plano superior, os espíritos dos homens bons, também chamados a elite-genética? Se não estás com os pobres, aonde e com quem estás, Helil?

- Ora, às favas, reinóis!

Cedam lugar à minha pena maldita e deixem-na falar também de meu povo, de sua **História**, de seus feitos e de seus Heróis!

É injusto que o suceder dos dias, meses e anos que se seguem nunca venha a ser escrito em papel nenhum; que continue somente como meros e efêmeros rabiscos que o tempo escreveu com fumaça ao vento, que o mesmo vento leva e que o povo esquece, por se-lhe terem roubado a História e o direito a tê-la. Eu encontrei, reinóis! Encontrei os ventos e os rabiscos tênues de fumaça esparsa a quase se perderem nos arquivos velhos de papéis antigos de meias verdades manuscritas e outras comidas de traças. Também encontrei fumaça nas miseráveis bocas da tradição sem dentes e que confirmam outras, bem mais abundantes e de rabiscos claros, que não estão nas linhas, mas nas estrelinhas do que chamam a História. Assim, aquilo que omitiram as penas e a tinta azuis, deixo que as próprias fumaças que achei no tempo, a se condensarem e a escorrerem como sangue pelo bico de minha pena maldita, contem ao meu povo, que é a gentilha e os pretos, a começar por um pequeno capítulo de sua **HISTÓRIA** encenado nas vilas mais oprimidas e sertões invios das Minas Gerais do século XVIII.

## Capítulo II

**S**abe-se que a Comarca do Rio das Velhas é uma paragem das mais perigosas dessas Minas Gerais, tanto pela insolência de sua gente, como pela vizinhança que faz com a riqueza e com a miséria. Pelo oriente, divide-se da Comarca do *Serro do Frio* pelo rio Cipó até a sua foz no rio das Velhas. O *Serro do Frio* tem como sede a Vila do Príncipe e tem, também dentro de si, a *Demarcação* Diamantina, cuja sede fica no *Tijuco*. O Contrato dos Diamantes, depois da prisão do antigo contratador, *Felisberto Caldeira Brant*, foi arrematado e está em mãos do rico *reinol* *João Fernandes de Oliveira*. Os *garimpeiros* e *calhambolas*, avezados pela administração anterior, têm roubado a Sua Majestade muitos diamantes que vendem aos *contrabandistas* e *extraviadores*. Este é um grave prejuízo que terá de ser estancado pelo atual intendente dos diamantes, *Tomás Robi de Barros Barreto*, já que, agora, dentro das terras da *Demarcação*, nem mesmo o governador da Capitania tem mando, ou alçada, o *ouvidor* sediado na Vila do Príncipe. Ao sul, tem limites, a Comarca do Rio das Velhas, com a de *Vila Rica*, pelos rios do Peixe e Santo Antônio, até a foz deste pelo rio Doce. Ainda ao sul e também para o sudoeste, a Comarca do Rio das Velhas não tem claros os seus limites, a partir da *Vila de Pitangui*, com a Comarca do Rio das Mortes, porque é por ali que começam os quilombos a infestar aquela paragem até o *Campo Grande* e Sapucaí acima.

Haverá quase uns quarenta anos, existiram na *Vila de Pitangui* uns paulistas que foram os descobridores dos achados e os fundadores da povoação. Inconformados com a vitória dos reinóis comandados de Manoel Nunes Viana, insistiam em desacatar as ordens do governador, querendo perpetuar a guerra que faziam aos do reino a quem, em sua língua bárbara, chamavam os emboabas. O atrevimento desses paulistas chegou ao ponto de matarem a muitos dos enviados de sua excelência e de pegarem em armas

contra as forças de dragões ali enviadas para pôr cobro às desordens. Derrotados, depois de muita refrega, fugiram para a banda sul do rio Pará e, de lá, sumiram-se para a paragem dos Goiasés, em busca de novos achados para aplacar a ira de El-Rei. Como esses paulistas nunca foram apanhados pelas justiças da Capitania, apesar de terem sido julgados, condenados e enforcados em estátua, os seus descendentes mantêm ainda o topete da soberba e vivem em contínua desordem. É uma gente feita de pés-rapados, *mulatos* e *caribocas*, a maioria bastardos dos *ditos* paulistas. Por esta razão, até hoje, os *pelouros* das eleições dessa Vila têm a interferência direta de sua excelência o governador, garantindo, assim, que sempre haja bons vassalos reinóis do serviço de Sua Majestade, servindo nos cargos daquela câmara e senado, a par de alguns poucos paulistas velhos, fiéis a El-Rei.

A dita Vila de Pitangui está assentada sobre a lombada de uma montanha contida dentro de uma meia panela formada por outras montanhas mais altas. Tem cerca de duzentos fogos, e merece o nome de Vila. De longe, se-lhe avista o casario espalhado aqui e ali pela montanha abaixo, sendo algumas de telha, havendo até sobrados, outras de capim e ranchos. Tem casa de câmara e cadeia, fronteiras ao *pelourinho*, algumas capelas, uma matriz velha e uma nova de que já se servem, apesar de não estar terminada a sua fatura.

A sede da Comarca do Rio das Velhas é a Vila Real do Sabará, onde prepondera o elemento *reinol* de boa cepa. Vila Real dista cerca de vinte e cinco léguas de Pitangui. O caminho é antigo, passando por Curral D'el-Rei em direitura a Mateus Leme, pela passagem do Paraopeba, e chega primeiro ao Arraial Novo da Onça e, depois, à Vila de Pitangui. Há outra chegada, pela qual passa-se ao largo do Arraial Novo, indo diretamente a Pitangui. As tropas têm preferido a passagem pelo dito Arraial Novo.

Quem vai por esta estrada, depois que deixa para trás o Arraial da Onça, passando pelo Bromado, a pouco menos de uma légua de Pitangui, encontra na beira da estrada um rancho aberto, onde pode descansar e se assear antes de chegar na Vila. Este rancho fica num lugar bonito, de onde se vê a panela de montanhas que tem dentro de si a Vila de Pitangui. Dum lado da estrada está fincado o dito rancho que dá para acomodar até duas tropas. Do outro lado, faceando o rancho, está a venda de Josefa da Cruz, *preta forra*. É uma casa vistosa, feita de taipa, com quatro águas cobertas de telhas de coxa. As suas paredes pintadas de azul claro, sua porta grande e a janela rasgada de sua cozinha faceando a estrada atraem, de longe, as vistas de qualquer viajor. Tem, em apêndice, pregado no seu lado direito, um cômodo de pau-a-pique coberto de indaiá, onde um *negro angola* oferece seus ofícios de ferreiro e milho para os animais. A casa é repartida em quatro cômodos internos, sendo a parte da frente reservada à venda e à cozinha e, nos fundos, além dos aposentos da vendeira, tem uma sala destinada ao jogo e ao divertimento dos viajantes mais refinados. Atrás da venda, escondidos num vazezinho, a *preta* oferece ainda oito pequenos ranchos de indaiá, onde se pode passar uma boa noite, já que a vendeira tem três negras, uma *parda* e uma *cariboca*, protegidas suas, que gozam de toda a liberdade junto à casa e aos fregueses.

A venda é grande e bem sortida. O viajante sempre encontra nela a boa aguardente da terra, a farinha, o toucinho e o feijão. Pode encontrar, também, desde um par de *borzequins*, bombachas e calções de tafetá ou algodão, gibões, capotes e até chapéus copados feitos de palhinha, além de varas de panos de algodão. Dizem que se o freguês tiver muito ouro e demonstrar ser pessoa de confiança a *preta* Josefa tem para oferecer-lhe muitas mercadorias contrabandeadas, a exemplo de enxadas, *alviões*, *almocafres*, foices, tachos e caldeirões de cobre, espadas, facas e facões e, até mesmo, espingardas e reiúnas, munição de pólvora da terra e chumbo à vontade. Fechado o negócio, as fazendas, que ficam sempre bem escondidas, são colocadas nos alforjes do viajante somente no dia em que se for embora. Enquanto o freguês vai ficando, a *preta* Josefa, de intermeio, o leva até a sala dos fundos da venda, onde lhe apresenta as suas raparigas *pretas* e mostra-lhe, apontando da porta, as choças de indaiá lá no fundo do vale. Diz ao viajante que pode ficar à vontade, contanto que guarde a decência e a compostura.

Estamos no mês de janeiro do *dito* ano dos cinqüenta e sete, tempos de *águas* nesta terra. Quem está na venda da *preta* Josefa sempre vê as coisas de um jeito diferente. A chuva cai fina e compassada. Um sol, deitando-se ao poente, parece uma *mãe-do-ouro* molhada, recolhendo seus raios tímidos e tentando fugir, para não cair dentro do painelão de montanhas que cozinha em chuva fina a *Vila de Pitangui*. Do outro lado da estrada, um pequeno fogo dentro do rancho dos tropeiros faz fumegar o painelão de ferro que cozinha o de comer dos homens. Uns, *negros*, outros *pardos* e outros *caribocas*; nenhum branco. Uns deitados sobre couros, arreios e cargas; outros estirados nas redes penduradas nos esteios do rancho. Põem sentido, ora na chuva fina que cai lá fora, ora na fumaça que, cheirosa de feijão e toucinho, escapa aos canudinhos da tampa do caldeirão. As labaredas lambem o fundo preto do caldeirão e a lenha enxombrada ora chora resinas, ora espipoca fagulhas e espanta lembranças de *banzo* ou de dor. O sol se enterra de vez, os *pretos* comem o feijão e o breu toma conta das serranias.

Em tempos de estio, quando a noite é boa, o terreiro da venda se alumia e a lua assiste, escondida atrás das montanhas, as danças e os batuques regados de boa cachaça, até o amanhecer do dia. Mas, agora é época de chuva. A forja do *negro angola* deve estar com as brasas cobertas de cinza, pois nenhum clarão reluz mais a porta ou a pequena janela da sua *cafua* de pau-a-pique. A venda fechou a porta e a janela da frente, mas deixa escapar pelas gretas do telhado um fraco clarão de candeias.

Lá dentro da sala, nos fundos da venda, as candeias queimam azeite de mamona esfumando todo o ambiente. Dois *negros* dedilham as violas e um *pardo* bêbedor geme uma cantiga chorosa. Tropeiros, *faiscadores* e, até quem sabe, *calhambolas* disfarçados, bebem cachaça sentados em tamboretas à volta de um jirau de mesa. Tentam seduzir as *pretas*, jurando-lhes, em cochichos de pés-de-orelha, descaradas mentiras, arrancando delas risozinhos indecentes.

A dona da casa, em uma mesa isolada no canto escuro, conversa em voz baixa com um *negro* moço e muito bem vestido.

Josefa da Cruz, *preta forra*, na verdade *cabra*, uma vendeira bem sucedida. Apesar de seus quarenta e cinco anos bem vividos, é ainda muito bonita. Dentes pequenos e bem feitos, covinhas nas faces e umbigozinho no queixo. *Cabrita* de peitos duros e empinados, quadris de viola, indecentes e pecaminosos. Ganhou sua *alforria* na cama, mas nunca embarrigou. Teve um amásio, paulista rico e sem filhos, que além de ensinar-lhe a língua geral e as primeiras letras, deu-lhe teto e posição. Dizem que Josefa o matou de tanto prazer. Aberto o testamento, a *preta* estava rica. Reabriu a venda e foi ficando cada vez mais rica. Hoje ela vende de tudo, não só aos *faiscadores* e viajantes, mas principalmente aos *garimpeiros* e *calhambolas* que vêm nela pessoa de confiança e, em sua venda, lugar seguro.

- Pois é, Francisco Adão - confidenciava Josefa - o *negro* ficou moleirão...

- Pudera, Da Cruz - debochou o *negro* bem vestido - agüentar com *vassuncê*... nem *negro raçador*!

- Francisco, *vassuncê* lembra - prossegue a *preta* com um jeitinho malicioso - eu fiquei caidazinha pelo Miguel *Angola*... gastei quase todo meu ouro para comprar de *vassuncê* aquele *negro*! Foi tudo muito bom no começo... mas, foi só dar boa vida para o preguiçoso e ele *moleirou*... não vale mais nada! Só presta para ferrar mulas e para consertar arreios de tropa!

Francisco olhou para Da Cruz e riu só com os olhos. Somente de quando em vez, enquanto a *preta* lhe segredava frívolas confidências, é que se dignava a levantar os olhos *pardos* e a mover a cabeça em atenção à vendeira. *crioulo* alto, forte, com seus quase trinta anos de idade. Testa grande, nariz adunco, dentes bem feitos e um pouco beíçudo. Semblante sereno. Inocente quando ri, mas quando fica sério é mal-encarado. Parecia mais interessado na *gamela* de angu, feijão e farinha de milho com toucinho que comia com as mãos. Não fosse a catana na cinta e a pistola sobre a mesa, qualquer um juraria que era pajem de algum senhor rico. Camisa de seda amarela, calções azuis de tafetá, botas altas pretas e brilhantes, e a casaca azul enfeitada com botões dourados. O chapéu copado de palhinha pousava no cabo da pistola sobre a mesa.

Muito pouco se sabe desse *negro* que surgiu nessas paragens havia pouco mais de ano, como se brotado do chão. Josefa sabe apenas que se trata de emissário de um povoado de *pretos* livres plantado no sertão dos rios Lambari e São Francisco. Foi-lhe recomendado por Fernandes Preto, *cabra* livre, homem de respeito e chefe daquele povoado com quem mantém comércio. Já teve provas de que o *negro* Francisco Adão é letrado, conhecedor das leis e um bom *língua*, com caminho livre em todos os quilombos do Lambari até o *Campo Grande* e Sapucaí. A primeira vez que o viu em sua venda já se vestia do mesmo jeito e estava com a bolsa cheia de ouro e pedras. Foi ficando por ali e acabou conhecendo o *dito* Fernandes Preto com quem fez amizade e passou a servir de emissário de confiança. Depois disto já esteve várias vezes na venda, então, a serviço e comércio de seu *patrão*. Foi ele quem lhe vendeu o *dito* Miguel *Angola*. O tal Francisco Adão é, para Da Cruz, um *negro* esquisito: cantor, tocador de viola é, também, hábil *falseador* de escritos e papéis. Às vezes, parece-lhe fingido: educado como um pajem e



delicado como um copeiro, anda armado de pistola e catana com jeito de *capitão-do-mato*.

O *dito* Francisco, de rabo de olho, punha sentido numa triste figura que estava sentada num tamborete encostado na *canastra*, no outro canto da sala, perto da janela fechada.

- Quem é o brancozinho com cara de defunto? - Perguntou.

- É um desgraçado - respondeu Da Cruz - não tem eira nem beira, mas estou lhe dando crédito... tem me ajudado na venda. Hoje, está precisando afogar as mágoas. Tem muitas...

Um homem branco, franzino. Caneca de cachaça na mão e uma garrafa, já pelo meio, entre as pernas. Devia ter uns cinqüenta anos. Magro, cara chupada, cabelos louros ensebados, roupas sujas e rasgadas; descalço e com uma grande tristeza pregada na testa.

- Conte-me sobre o homem, Da Cruz - pediu Francisco, estendendo suas mãos sujas de feijão sobre a *gamela* vazia.

- Ele veio do reino - iniciou Da Cruz, ao tempo em que derrama a água da jarra de barro sobre as mãos do *negro* - é pé-rapado, gente sem nome. Raça de *herege-que-virou-cristão*. Bom que nem ouro achado, mas sem sorte que nem filho que bateu na mãe.

Francisco enxuga as mãos na toalha oferecida pela vendedeira e insiste:

- Conta o caso, *nega*, o caso....

- Está aqui no Brasil - continuou Josefa - há mais de oito anos. Chegando de Portugal, veio direto de São Sebastião do Rio de Janeiro a procura de um parente que morava na Vila Real de Sabará. Encontrou o tal parente e foi ficando agregado na casa dele. Esse parente era comprador de pedras e prestador de recursos em troca de papéis assinados. Sapeca... este é o nome dele: Antônio Pinto Sapeca. É muito bom para fazer contas e o parente encontrou serventia em seus préstimos, como eu também tenho encontrado aqui na venda.

Josefa percebeu num triscar de olhos, que o *negro* Francisco ficara mais interessado no caso quando lhe disse que o homem era bom fazedor de contas, e prosseguiu:

- O parente tinha uma escrava de nome Berenice e o pobre Sapeca ficou caído de amores pela pardazinha... desses amores que fazem um homem *macaquinho de tudo*. A *moleca* também se encantou e virou um céu-na-terra para os dois. O parente não opôs embargo; apenas aproveitou para explorar ainda mais o serviço do bobo. Sapeca nunca recebeu um *grão*. Cuidava daquele ouro todo, das pedras e da papelada toda só em troca dos olhos da *moleca* e do angu com feijão.

- Eu quero cuidar é da desgraça, *nega*! - Atalhou rindo, Francisco Adão, por conhecer o gosto de Da Cruz por belos casos de amancebagem.

- Quer desgraça, *nego*? Pois lá vai: um dia, dois oficiais das justiças, acompanhados de dragões, chegaram na casa do parente de Sapeca. Não bateram; puseram a porta abaixo. Alguém havia denunciado a *usura* e o *descaminho de pedras*. Prenderam o dono da casa e confiscaram todos os seus bens. O pobre Sapeca também foi parar na cadeia. Ficou uns dois meses no *tronco*, apesar de ter sido inocentado pelo parente. Certo dia, um bom

padre de *Vila Rica*, passando pela *Vila Real do Sabará*, ouviu Sapeca em confissão e ficou condoído de sua desdita. Intercedeu por ele e conseguiu colocá-lo em liberdade.

- E a *moleca* Berenice? - Inquiriu Francisco.

- Devagar, *nego*, que eu conto. Confiscada, juntamente com os mais bens do usurário e extraviador, a *moleca* foi entregue ao denunciante anônimo - um dono de lavras aqui da *Vila de Pitangui* - como parte da paga do seu direito pela denúncia que fez. Ao ser solto da cadeia, Sapeca soube disto e ficou quase louco. Nem sabia aonde ficava a dita *Vila de Pitangui* e, além do mais, não tinha nem nome e nem um *grão* em bolsa. Tomou decisão. Seguiu para o *Tijuco* juntamente com *garimpeiros* que conhecera na casa e negócios de seu parente. Decidiu lançar a sorte e buscar a fortuna. Depois de bem bafejado, tencionava, iria a *Pitangui*, compraria a sua amada para com ela se casar e, talvez, pudesse mandar alguma ajuda ao pobre parente que fora deportado para a *Angola*.

As candeias estavam enfraquecendo. A um sinal de Da Cruz, uma de suas *pretas* cuidou de realimentá-las com azeite. As chamas reacenderam. O *pardo* cantador, não. Sentado num tamborete perto da porta, com olhos mortiços perdidos no espaço, babava cachaça. As violas iniciaram um dueto tristonho e as moças tagarelavam entre si velhos casos de amores. Os fregueses - já bem encharcados - incomodavam muito pouco a esta altura. E, se tentavam, topavam com a caneca de cachaça a lhes invadir os beijos dormentes. Quanto mais enxombrados, mais ouro poderiam minar, menos trabalho dariam na cama: sabedoria que Da Cruz ensinara muito bem às suas *pretas*. Um *negro* e um *mulato*, alheios a tudo, jogavam com um baralho. Um *pardo* atarracado, que nem jogava e nem bolinava as *pretas*, depois de esvaziar mais uma caneca de cachaça, tombou para frente a cabeça enchapelada como se cochilasse.

Da Cruz pisca um olho e joga as sobrancelhas, mostrando o *pardo* a Francisco Adão. Depois, continua contando o caso.

- Lá no *Tijuco*, Sapeca se juntou com a gente criminosa, os ditos *garimpeiros* e *extraviadores*. Começou *sem ter com o quê fizesse o saco, praça*, de serviço em serviço. Vida difícil, pois os *serviços* sempre se prometiam *oitavas* e só resultavam em grãos. Um dia, afinal um serviço *visprou* e todos os companheiros foram sorteados. A notícia se espalhou e veio mais gente. A sorte continuou por algum tempo. Um dia não tardou em que o acampamento amanheceu pintado de dragões e guardas *pedestres*; não teve como fugir. Todos os *garimpeiros* sofreram castigo no *tronco* da cadeia, entregaram suas pedras, tiveram de assinar termo e foram expulsos do Distrito da *Demarcação*. Sapeca, que tinha as suas pedras em lugar seguro, foi-se agüentando na cadeia, ora *galês*, ora no *tronco*, sem confessar os crimes e nem entregar as pedras.

- Parece que o homem tem mesmo a sorte de quem bateu na mãe! - Observou Francisco Adão.

- Coitado! - Continuou Da Cruz. - Pagou pelo que nem sabia. Era briga de gente graúda. O *ouvidor Barcelar*, não satisfeito em desrespeitar a família do contratador *Felisberto Caldeira Brant*, como é sabido nessas Minas, o fez perder-se com intrigas. Depois, foi a vez do povo, dos comerciantes,

*faiscadores* e, principalmente, dos *garimpeiros*. Foi um não-acabar-mais de *devassas* e mais *devassas*, *eliminações* e *expulsões*. Queriam que Sapeca confessasse negócios fantasiosos com o ex-contratador, já preso, a quem queriam implicar mais. Os soldados fizeram longos interrogatórios a Sapeca, querendo as pedras que sabiam enterradas, pois se julgavam com direito a elas. Sapeca agüentou o diabo. Viram que o homenzinho, ou não tinha as pedras, ou era do sangue ruim mesmo. Esqueceram o pobre na cadeia. Nem mais como *galés* pôde sair. Assim ficou por uns três anos. Outros prisioneiros entravam e saíam; ele não. Seu corpo foi se enchendo de bexigas que, depois, viraram chagas fedorentas. Suas juntas endureceram até que seu corpo ficou inerte no chão. Um dia, as grades se abriram, dois *negros* o pegaram por morto e o enfiaram num saco. Botaram o corpo ensacado num carroção e jogaram fora, nos limites da *Demarcação*.

- *São Sebastião!* - Exclamou Francisco.

- Não, não era a peste. Por sorte - prossegue Da Cruz - ou por desgraça, ainda se salvou. Uns *negros* do *Santo Antônio do Curvelo* garimpavam ali por perto. Leram os sinais dos urubus e foram ver o que era. Aberto o saco, Sapeca, apesar de todo duro, ainda conseguiu balbuciar algumas palavras falando sobre diamantes. Os *negros* se interessaram e foram cuidando dele até que as chagas dessem sinal de secar. Depois, carregaram-no em um bangüê até o Povoado do *Papagaio*. Lá, um velho *negro mandinga* o curou a custa de rezas e banhos.

- E os diamantes, *nega?* - Intervém Francisco.

- *Nego* - propõe Da Cruz - parece que *vassuncê* está gostando do caso. Olha, o homenzinho bebeu um pouco, mas parece que ainda está no domínio do juízo. Quer que chame o Sapeca aqui?

- Pois, chama - concordou Francisco.

Da Cruz recolhe a *gamela* de água e a jarra e vai até o canto onde, noutro mundo, está o franzino homem. Deixa os *trens* sobre a *canastra* e cochicha alguma coisa em seu ouvido. Tira-lhe a caneca e a garrafa, colocando-as sobre a mesma *canastra*. Dá-lhe o braço e o conduz até a mesa onde está Francisco, fazendo as apresentações.

- Senhor Antônio Pinto Sapeca, apresento-lhe um grande amigo desta casa, Francisco Adão, que deseja conhecer a sua pessoa.

O *negro*, de pé, faz vênia e saúda o branco maltrapilho e bêbedo:

- *Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo*, senhor...

- Quem é esse *negro*, Da Cruz? - Boqueja o raquítico Sapeca, balangando o corpo e tentando manter o *negro* sob a mira do dedo indicador. - É *capitão-do-mato?* Caso seja, aviso que não converso com quem come a sua própria carne, pensando que isto o faz virar gente!

- O que vem a ser isto, senhor Antônio Pinto Sapeca! *Vossa mercê* está me desfeiteando dentro da minha própria casa! - Contesta Da Cruz.

Francisco Adão, mantendo-se de pé, sorrindo, explica-se ao bêbedo esfarrapado:

- Senhor Antônio Pinto, disto o senhor pode estar certo: eu não sou um Judas da minha própria raça. Sou apenas um humilde serviçal do Dr. Fernandes Preto, respeitável senhor de ricos cabedais nas paragens entre o Lambari e o São Francisco.

O homenzinho cai em si ao sentir a indignação que provocara em Da Cruz mas, principalmente, ao notar o físico avantajado do *negro* que, não obstante, com as mãos sobre a mesa, se mantinha respeitoso e educado.

- Peço as suas escusas, então, Francisco Adão... escusa-me cara amiga Da Cruz. Eu o saúdo Francisco, e ao seu senhor, o respeitável Dr. Fernandes: para sempre seja louvado o Nosso Senhor Jesus Cristo! Posso assentar-me ?

- *Por caridade*, senhor! - Responde Francisco, dando a volta e ajeitando o tamborete para que Josefa se assentasse. Sapeca cambaleia até o canto onde estava e volta com o tamborete debaixo do braço. Coloca-o à mesa em frente ao *negro* e se assenta com dificuldade.

- Ora pois, *negro*, o que deseja? - Inquire Sapeca.

- Senhor, "*concessa venia*" - inicia Francisco - longe de mim o ânimo de violar sua privacidade. Porém, senhor, Josefa da Cruz falava-me da sua bondosa pessoa e da desdita que o vem perseguindo desde que a estas terras chegou. Óh! três pessoas distintas em um só Deus verdadeiro! Como fiquei consternado pela sua sorte madrasta, senhor! Gostaria muito de lhe ser útil. É preciso reagir contra tamanha crueldade do destino. Diria o meu senhor, Dr. Fernandes: "*Si vis pacem, para bellum*", ou seja, "se queres a paz, prepara-te para a guerra!"

Sapeca ficou paralisado como se estivesse com o mal de bofes, ou nó nas tripas. Que diabo era aquilo? *Negro* exibido e ainda entojado como um rábula. Pediu licença, levantou-se pegando Da Cruz pelo braço, querendo um particular fora da mesa.

- Da Cruz, esse *negro* doido com o demônio na língua... aí tem dúvida! *Vassuncê*, por acaso, andou falando para ele que eu tenho uns diamantes enterrados na *Demarcação*?

- Não, Sapeca. Ainda não tinha chegado nessa parte do caso. Chamei *vossa mercê* para que, pessoalmente, conte esta parte...

- Ai, Santa Virgem das Virgens! - Exclamou assustado o homenzinho.

- Sapeca, controle sua ignorância. Este é o único homem que pode ajudá-lo. É homem de confiança... de minha confiança.

Sapeca pensou, pensou...

- É; fico de acordo. Afinal eu lhe devo algum ouro e *vassuncê* não arriscaria a perdê-lo para nenhum *negro* ladrão. Vamos conversar.

De volta à mesa.

- Pois bem, Sapeca - disse Da Cruz - eu já contei o caso para o Francisco Adão até o ponto onde *vossa mercê*, pela graça de Deus, foi curado pelo *negro mandinga* do *Papagaio*...

- Pois, pois - inicia o desconfiado Sapeca - ficaria mais fácil se o *negro* dissesse o que lhe interessa saber...

- Prefiro ouvir todo o caso, senhor Sapeca, pois não? - Insistiu Francisco, sem mais sorrir para o branco.

- Pois sim. Os *negros* do *Papagaio* são gente cristã. Os *pretos* mais velhos, antes, moravam no Curvelo. Falavam muito no tal *padre que havia pacificado aquela freguesia*, onde a maioria dos *pretos* era livre. Depois que o padre morreu, foram para o *Papagaio* e levantaram juntos as suas *cafuas*.

Vivem de roça, mas gostam também de *garimpar* em incursões que fazem até as terras da *Demarcação*. Aprenderam que os diamantes são de Deus e não de El-Rei - e eu concordo. Pois bem, fiquei uns três anos com esses *pretos*, sendo que por mais de dois anos passei entredado do corpo. O *negro mandinga* curou-me. Deram-me o que comer, o que vestir e onde dormir, sem pedir nada em troca. Assim que convalesci, apesar da bondade desses *pretos*, força maior me induziu a caçar rumo. A paga que pude dar foi *riscar para eles uns caminhos* de dois *serviços* que, na *Demarcação*, foram achados meus e não explorados. Riscaram para mim os caminhos para esta *Vila de Pitangui* e aqui vim ter em meados do ano passado. Quanto aos diamantes, informo a *vassuncê* que é lugar difícil e muito vigiado pela guarda da *Demarcação*.

- Senhor Antônio Pinto - atalhou Francisco, mostrando que não se interessava pelos diamantes - se o senhor veio para a *Vila de Pitangui*, ao invés de voltar à *Demarcação* para buscar as pedras, é porque o seu interesse daqui devia ser mais precioso... Da Cruz, mande servir para nós uma boa *umburana* - interrompe Francisco, pedindo uma pausa a Sapeca.

Da Cruz chama uma das *pretas* que traz a garrafa e duas canecas. A própria vendeira enche as canecas com a cachaça cheirosa.

- À sua saúde, senhor Antônio Pinto! - Brinda Francisco.

Sapeca, sem responder, entorna a cachaça na goela. Francisco Adão continua a conversa.

- Pois, conforme dizia... o seu interesse maior deve estar aqui no *Pitangui* e, pelo jeito, *vossa mercê* ainda não logrou alcançá-lo. Senhor Antônio Pinto: tenho certeza de que posso ajudá-lo...

Sapeca se contorce em caretas, mostrando a boca banguela, engolindo em seco:

- Ah! *Negro!* Está tudo perdido... ninguém deste mundo pode me ajudar mais... - Antes que as lágrimas irrompessem nos olhos vermelhos, baixa a cabeça com uma mão na testa, impedindo, com a outra, o correr da água salgada na cara sebenta.

Francisco Adão ficou sem graça e sem latim. Olhou para a amiga Josefa, pedindo-lhe ajuda.

- É caso muito triste, *nego*... - cochichou Da Cruz.

Silêncio de morte. Em volta do jirau da mesa, lá perto da porta, só restavam Luzia *Parda*, Maria Branquela e o *pardo* atarracado. Não haviam conseguido embebedá-lo, nem seduzi-lo. Este, levantou-se brusco, espreguiçou o corpo como um cachorro, coçou a carapinha por baixo do chapéu e foi-se embora, sem chamar nenhuma delas para sua choça de pernoite. Para desfeiteá-las, antes de sair, ainda deu uns três peidos na porta.

- *Cachaço* velho! - Deram de ombros e foram as duas se assentar perto da patroa, onde a conversa ainda era o silêncio.

- Da Cruz - pediu Francisco com a voz rouca e embargada - enquanto o amigo desabafa, vai contando o caso por ele...

- Eu conheci a *moleca* - atendeu Da Cruz - ela servia de ganho à sua senhora, lavando roupas. Fiquei sabendo do caso e ofereci a ela um pedaço de pano de algodão, em troca de que me contasse a história de sua tristeza. Pedi licença a sua senhora e combinamos o dia, lá na fonte do Baiacu, onde ela ganhava a vida. Enquanto ia lavando as roupas, foi



contando o seu triste caso de amor. Que coisas lindas! Que sofrimento santificado! Que...

- Da Cruz... sem indecência; em respeito à dor do amigo, seja mais breve, sem amiudar nos particulares - atalhou Francisco.

La fora, a chuva havia parado e as últimas gotas escorriam do telhado fazendo barulhos fofos e compassados no capim em volta da casa da venda.

- Berenice me contou - prosseguiu Da Cruz - como era o sofrimento de nunca mais ter visto o seu amado... de ficar sem saber se ainda era vivo, ou se já era morto. Veio a saber, um dia, através de uns *calhambolas* presos, que Sapeca estava vivo, garimpando lá pelas paragens do *Tijuco*. Seu coração voltou a se alegrar, mesmo porque - o que Sapeca nunca soubera - Berenice viera a ter, aqui em *Pitangui*, o fruto daquele amor: o mais belo pardozinho que já se viu; claro como o pai e com os traços bonitos da mãe. Deu-lhe o nome de Isac, em homenagem ao avô, pai de Sapeca. Tinha, então, motivos para continuar vivendo: um dia seu homem viria comprá-la para se juntarem e serem felizes com o filhinho que Deus lhes dera!

- Abrevia, *nega* - insiste Francisco, ao ver que Sapeca, por força do último golo, se havia *aferrado no sono*, deitado na mesa, com a cara em cima dos braços.

- Quando a megera da senhora da Berenice morreu - continuou a vendeira - aquela família virou angu. Briga de irmãos por causa da herança, que já vinha em demanda desde a morte do pai, havia um ano. Vai daqui, venha dali, tiraram o menino da pobre mãe. Filho para um lado e a mãe para o outro. Berenice foi ficando fraca dos miolos. Soube da morte de um *garimpeiro* branco, lá pelas bandas da *Demarcação* e achou que era Sapeca. Ficou louca, a *parda*, loucazinha. A tudo que se lhe perguntasse, só sabia responder com a língua de seu homem e de seu filhinho que nunca mais viu. “Está chovendo, Berenice?” Ela respondia: “Uai, tá sapecano, sapecano... mas, vai isaquiar, até ficar isaquinho, isaquinho”. Fugia de casa e saía pelas ladeiras de *Pitangui*: “Onde vai, Berenice? To sapecano à toa; sapecano Sapeca *mode* ver se isaco Isaquinho”. Um dia Berenice amanheceu morta na beira da Estrada Geral que, saindo da ponte de João Cordeiro vem de *Pitangui* ter a esta venda. Tentava vir até aqui para falar-me de sua dor. Morreu de tanto sofrer... não comia, não dormia... andou até morrer...morrer de saudade; morrer de amor! Ó Deus!

Aconteceu o que Francisco temia. A *preta* Josefa derreteu-se como se fosse banha no fogo. Bem do jeito que Fernandes Preto o avisara. Agora iria ficar amuada por uns dois dias. Era mesmo a *preta* mais sentimental que já vira em toda a sua vida errante. Apesar disto, conforme advertira também o amigo Fernandes, mesmo durante o *banzo*, era capaz de tirar o couro de qualquer freguês, mantendo sempre cheias as suas *burras* de ouro. A conversa havia acabado. Sapeca dormia com a cara esborrachada sobre a mesa. Da Cruz, de olhos parados, parecia a imagem de alguma santa doida.

- “*Consuetudo species legis est*”: A minha lei é não comer salgado e nem azedo, não dormir tarde e levantar cedo - espreguiçou o *negro*, dizendo estas coisas a si mesmo e, depois, voltado às abobadas Maria Branquela e Luzia *Parda*:

- A noite já vai alta. Levem a patroa para dormir. Eu vou me ajeitar na *cafua* do Miguel.

As candeias já se iam enfraquecendo. As duas amigas pegam Josefa pelos braços e a conduzem em *banzo*, passando por trás de Francisco, sumindo porta adentro aos aposentos da *preta*.

Sapeca continuava dormindo. Roncava tranqüilo, como se fosse um *cachaço cevado*. Maria Branquela voltou com uma manta e a estendeu sobre a *canastra* maior, onde o branco deveria dormir.

- São Francisco, parece que o homem bebeu mais do que de costume. Vou chamar, não. Acho que não agüenta levantar.

Francisco levantou-se e sorriu.

- Deixa, Maria. Mais tarde ele vai acordar querendo beber um ribeirão d'água. O pote está aqui perto. Vai levantar, beber água e há de achar o caminho da cama na *canastra*. *Vassuncê* pode ir dormir. Vai cuidar de sua patroa. Eu saio pelos fundos e... pode deixar, eu fecho a tramela.

O *negro* põe o capote de droguete sobre as costas, enfia o chapéu na cabeça, ajeita a pistola na cinta e sai. Passando pela porta, puxa-a, ao tempo em que gira com velocidade a tramela. Ao bater da porta, a tramela cai, travando-a. Maria Branquela, com a candeia na mão, faz o Sinal da Cruz, imaginando que o *negro* pode ter parte com o diabo.

Francisco sai pela porta dos fundos. Dando a volta, passa pela *cafua* de Miguel que já está com a porta e a janela obstruídas de paus-a-pique. Vai até a beira da estrada e fica parado no escuro.

- “*In-sim*, cumpade Chico” - cochicha um vulto que se aproxima, vindo do outro lado da estrada onde fica o rancho aberto dos tropeiros.

- “Cumpade Liando... e então... quem é a outra tropa?”

- “Ninguém não. Só uns *preto* que tão levando umas vara de pano pra Vila Real. Cumero do nosso feijão... sem pergunta e sem cunversa”.

- “*Perciso* cuidado. Acho que to cunheceno o *pardo* atarracado que tá encafuado num dos rancho da venda. Parece *bajerê*; *capungo*; acho que já vi ele na Bahia. Migué vai me dizê. Amanhã nós cunversa. Lovado seja”.

- “*Suscristo!*” - Responde o vulto que desaparece no breu da estrada.

Francisco retorna e vai até a porta da *cafua* onde Miguel *Angola* exerce o seu ofício de ferreiro. Um vulto lá dentro começa a abrir a porta, tirando, um a um, os paus-a-pique.

- “Bença *barundo* padim Chico Adão... bamo intrano” - murmura o de casa.

- “Bençoi, *manjangue* Migué... põe *anduro nim* candeia *nego*” - responde Francisco, tirando o capote e adentrando a *cafua*.

Uma palha inflamada dança no escuro. A luz da candeia pendurada num caibro ilumina a cara barbuda de Miguel *Angola*, cuja cabeça esbarrava no teto de indaiá. *Negro* de quase dois metros de altura, magro e de fala fina. Francisco pendura o capote e o chapéu numa estaca cravada na parede de pau-a-pique. Assenta-se num grande banco feito de um tronco serrado. Tira o cachimbo de um bolso da casaca e um tolete de fumo do outro. Ajeita o cachimbo entre os dedos, segurando o *bazé* na mesma mão. Pega a faca-

lambedeira no cano da bota e começa a picar o fumo. Miguel traz uma *gamela* de água morna, tira as botas do padrinho e começa a lavar-lhe os pés.

- “Oiô as mula e os petrecho, *nego?*” - Pergunta Francisco ajeitando o fumo na concha da mão.

- “*In-sim*, padim. As mula que Jusefa comprô é animal bão; há de güentá bem a viagem...mais, as cangaia tava tudo com as ferrági quebrada... munto ruim... bem ou male, deu pra cunsertá...”

- “*Ondara, malungo*” - resmunga Francisco, apertando o fumo na boca do cachimbo.

- “*In-sim, angana*”. O *angola* vai até a forja, num canto perto da janela fechada e bate um tição. Pega uma brasa com a mão e leva ao padrinho. Francisco segura a brasa com dois dedos sobre o cachimbo e vai baforando até surtirem grossos rolos de fumaça cheirosa.

- “Assuntou as coisa no *Pitanguí?*” - Pergunta.

- “*In-sim*. Coisa tá feia. Todo mundo só fala de matá *nego*. Diz que o tal *capitão* Bartalumeu vai cabá cum nós. O senado dos home tá juntano ouro prá mandá pra *Vila Rica*”.

- “Já tem munto ouro?”

- “Diz que não. As *lavra* tá ruim... nem onça e nem *grão*. Mais, a maldade tá grande. Tem munto *mulato rastano mala* cum jeito de home-do-mato. Onte morreu um *nego* no pelorinho. Foi pego cum *faca-cipó* na cintura. O coitado güentô só treis dia de tunda no *tronco*”.

A fumaça do cachimbo navega livremente, desenhando nos ares amarelados da luz de candeia formas movediças como o destino das gentes. O *negro* enorme, agachado na frente do seu padrinho, enxuga-lhe os pés com um molambo, demonstrando um certo desânimo.

- “*Suncê* tá quereno ir simbora daqui, fio?” - Pergunta Francisco com um tom paternal, apesar de Miguel ser bem mais velho que ele.

- “*Inhô-sim*. *Nega* Jusefa é munto boa, mais num há quem güenta. Quando lua-ossenê tá cheia, a *negra* qué drumi cum Miguê a somana intirinha... de dia e de noite... num tem *mbanga* que güenta, não. Jusefa percisa arranjá um *nego raçadô*” - ri o *negro*, com malícia e com amargura - “*omindes* é só um *nego* ferragero e ferradô... quero voltá pro povo...”

- “*Inhô* Fernande percisa de *suncê* é aqui, *nego*. É pro bem do povinho... percisa güentá; percisa vigiá... vigiá”. - Pondera o padrinho.

Miguel coça a barba e sacode a cabeça obediente e conformado.

- “Padim viu o *pardo* gordo cum cara de capivara parida?”

- “Vi... Jusefa tamém tá discunfiada. *Suncê* assuntô na choça dele?”

- “*Inhô-sim; capungo!* Deve de sê home-do-mato. Oiei drento da *canastra* dele: tem *cravina*, riúna, ispada e laço... vi pêga tamém... muntas pêga de piá *nego*” - informa o assustado Miguel.

“Negaceei ele na venda. Num tá sozinho, não. Tem mais dois *preto* cum ele que deve tá drumino no mato... e se tem dois, pode tê mais. Mais, hoje ele bebeu *marufo* que nem gambá e ficô *tiapureca* de tudo. Hoje num tem pirigo de nada... ele vai roncá que nem *cangulo* e manhecê cum cabeça inchada. Vamo drumi nós, *nego*... *candamburo* canta num demora munto”.

Miguel pega a candeia e mostra a cama arrumada junto à parede da venda: um estrado de paus roliços sobre forquilhas fincadas no chão. Francisco pega as botas e vai descalço até a cama. *Escorva* a pistola e a esconde dentro de uma das botas. Tira a casaca e a camisa e as pendura num gancho pendente sobre a cama. Miguel apaga a candeia e vai até a porta. Depois de fechá-la com os paus-a-pique, o *negro* espicha o corpanzil no banco de madeira. Francisco tira a catana e, com ela na mão, se afunda nas palhas do colchão coberto por fino lençol mandado colocar por Josefa. A espada é sua única companheira na viagem do sono.

## Capítulo III

**T**anto cantaram os galos que já *se haviam esgoelados*. Antônio Pinto Sapeca acordou assustado com o barulho na venda, onde Josefa e suas *pretas*, havia muito, estavam na labuta. Sentiu a cabeça cheia de grilos e um gosto de cascalho dentro da boca sem dentes. Foi tateando até o pote e não achou nem mais uma gota d'água. Saiu cambaleando, abriu a porta dos fundos e foi-se capengando morro abaixo.

O lusco-fusco da madrugada mal-e-mal deixava ver o caminho para o ribeirão da Venda. O barulho da cachoeirazinha, que aguçava ainda mais a sede, é que guiava os passos do ressequido Sapeca. Apertou o passo, andou *de jeira* e chegou: aquele corgo era a visão do paraíso, mas Sapeca só queria era bebê-lo. Arremeteu-se todo nas águas, de roupa e tudo. Nadou até o degrau da pedra que forma a pequena queda d'água, aconchegou o corpo no raso côncavo da pedra onde as águas caíam espumantes e encharcou-se gostosamente, agora, também por dentro, goela abaixo. Depois, tomado de uma agradável mazanza, resolveu tirar uma madornazinha. E assim ficou.

O dia amanheceu aos poucos. A chuva havia mesmo dado uma trégua. Os primeiros raios de sol que atravessavam as árvores vieram surpreender as aranhas, transformando em diamantes resplandecentes as gotas de orvalho salpicadas em suas teias presas nos galhos entrelaçados lado a lado sobre o ribeirão. As borboletas também foram chegando em bandos multicoloridos. As pedras, beijadas pelo sol da manhã, foram vestindo suas cores. Aquelas da margem, rodeando o pequeno lago formado pela cachoeirazinha, foram se vestindo, umas de verde, outras de lilás. Algumas, mais tristes, mantiveram seu luto, reluzindo o negro. Outras, no fundo daquela piscina natural, revelavam, tímidas e azuladas, os cardumes de peixinhos em debandadas para aqui e para ali, como se deslizassem debaixo de um límpido bloco de cristal. Passarinhos, lá nas grimpas das árvores,



saltitavam e abriam os bicos, como se cantassem só para o céu. Embaixo, na cachoeirazinha do ribeirão da Venda, só se ouviam as águas. Serenas no lagozinho, mais abaixo atravessavam pela mesa de pedra e se precipitavam como uma grinalda branca, espalhando-se no limoso leito que seguia raso mata adentro. Sapeca ainda ressonava com a cabeça sobre a pedra, tendo a água cristalina a lhe cair ribombando no peito. Subitamente, um pedaço de galho com muita folhagem precipita-se pela cachoeirazinha sobre o seu corpo, acordando-o de sobressalto.

- Virgem Mãe de Deus! O sol já se vai alto e eu dormindo deste jeito!

Ato contínuo, trata de tirar rapidamente as suas roupas molhadas. Todo pelado, sobe cascata acima com as roupas na mão e, agachando-se nas corredeiras, põe-se a esfregar os molambos. Depois, com os trapos encardidos na mão, caminha para o paredão de pedras na outra margem. Coloca a roupa sobre uma pedra mais alta e começa a malhá-la com um pau.

O esquelético Sapeca é meio torto de uma banda. Branco que nem alma do outro mundo e, assim, pelado daquele jeito, visto de costas com aquele saco enrugado, feito badalos de sino a lhe bater nas pernas, era a visão mais hilariante que Francisco Adão já tivera de um branco esquisito. Sentiu ímpeto de fazer mais alguma mangação com o homenzinho, mas conteve-se. Afinal, ali poderia estar um homem com os predicamentos de que Fernandes Preto estava precisando lá no Povoado do Cruzeiro. Saiu fora daquele ponto de visão, afastando-se morro acima, até não avistar mais o homem nu.

- Senhor Antônio Pinto, é de paz! Posso me aproximar? - Gritou lá de cima, como se estivesse chegando naquele momento.

Sapeca veste rapidamente as suas ceroulas encardidas e grita a resposta:

- Ó de lá! Estou só em meia compostura! Mas, se o amigo não reparar que eu estou asseando as minhas vestes, pode vir se achegando!

Francisco Adão, sem a casaca, mostrando os babados de sua camisa de seda amarela, aparece sobre uma grande pedra na boca do trilho. Agacha-se, fazendo com que os joelhos de suas botas negras brilhem ainda mais, ressaltando as fivelas douradas que as prendiam sobre os calções azuis na altura da coxa. Tira o chapéu e cumprimenta o branco:

- *Louvado seja*, senhor Antônio!

- *Louvado seja*, Francisco Adão. Estou aqui a tentar livrar-me da dor de cabeça e da roupa suja. Por oportuno, espero que o senhor irreleve alguma ofensa ou grosseria que, por causa da *umburana*, tenha eu tido a infelicidade de cometer ontem à noite. Peço, *por caridade*, não fazer de mim a imagem um homem deseducado!

Francisco riu, lembrando e comparando o baixinho petulante e chorão de ontem, o bode branco e sacudo de agora há pouco e o homem fino e educado que, agora, acabara de tratá-lo por “senhor”.

- Ora, senhor Antônio Pinto, perdão peço-lhe eu se o meu enxerimento trouxe-lhe recordação triste. Juro-lhe, senhor, não era a minha intenção fazer cair cisco antigo nos olhos de *vossa mercê*!

- Ah, meu filho! Haja cisco! Haja cisco! Já passei muita amargura na vida... foi cisco nenhum! A cachaça é que me faz amolecer o coração. Mas, hoje é um novo dia que de Deus nos é servido, e viva a vida, senhor Francisco!

- Isso mesmo, senhor Antônio Pinto! Viva a vida!

Sapeca enxágua a calça e a camisa. Torce e sacode muitas vezes, até ficarem quase secas. Depois, com a roupa na mão, atravessa as corredeiras e vai de encontro ao amigo. Francisco dá-lhe a mão, ajudando-o a subir pedra acima.

Em silêncio, Sapeca dá mais uma sacudida nas calças e as veste. Ajeita o joelho de uma das pernas, trespassando os panos para esconder o rasgado de cima a baixo. Depois, veste a camisa, dando-lhe um nó nas fraldas para esconder o esfarrapado da falta de um pedaço na barriga. Meio sem jeito, procurando manter a dignidade e a postura, dirige-se ao *negro*:

- O senhor há de ter a bondade de fingir que não vê a pobreza de minhas vestes, senhor Francisco. Estão um pouco rotas é certo, mas estão limpas, conforme o senhor pode ver...

- Ora, Antônio Pinto, *vossa mercê* não devia dizer tal coisa a mim... os de minha raça, mais do que os de outras, sabem muito sabido que um hábito não faz mesmo um monge. Importa é a limpeza e a dignidade do homem... e, disto, o senhor já mostrou que tem as arcas fartas...

- Muito obrigado, senhor Francisco, *vossa mercê* é um cavalheiro, sem dúvida! - Retrucou Sapeca.

- Nem tanto, Antônio, nem tanto! Sou apenas, conforme já lhe disse, um humilde serviçal do Dr. José Fernandes Preto. Este sim, é um grande cavalheiro e vassalo de Sua Majestade. Estou aqui a seu serviço exatamente para ver se encontro pessoa como *vossa mercê*, com vistas a um eventual negócio que há a propor em proveito do meu senhor.

- Ora, senhor Francisco, conforme já lhe disse, tudo o que tenho é minha roupa do corpo e minha honra, a qual também anda um pouco decadente... não atino em que poderia ser útil em proveito do *dito* Dr. Fernandes...

- Antônio, pelo que sei de *vossa mercê*, consta que está aqui nesta *Vila de Pitangui* por conta de adquirir a liberdade de seu filho e isto, não há duvidar, atesta que *vossa mercê* é pessoa de honra e temente a Deus...

Sapeca sente-se dignificado. *Negro* respeitável este - pensa - parece mesmo pessoa de confiança.

- Deus sabe o que tenho passado, mas a sorte não me tem sido muito boa mãe. Josefa da Cruz resolveu ajudar-me. Deu-me emprego, através do qual, até meados deste ano, hei de conseguir o ouro de que preciso para entrar com a *quartação* de meu filho. Espero conseguir em dois anos a sua liberdade, ou, talvez até antes, caso Deus me dê força e coragem para ir buscar minhas pedras lá na *Demarcação*.

- O senhor tem visto o menino? - Indaga Francisco.

- Sim. Ele já vai completar sete anos no mês de junho. Seu dono o tem tratado bem. *Dito* senhor tem contrato com a *Câmara da vila* para reparar o caminho por onde a ela se chega. Neste encargo é que tem utilizado o menino, porém, só em serviçozinhos leves, como o carregar água e o ajudar

no rancho da tropa... mas, senhor Francisco, já falamos muito a respeito da minha *fraca pessoa*... falemos de seu *patrão*, o ilustríssimo Dr. Fernandes...

O nanico é mesmo muito esperto e inteligente - pensou Francisco, dando um desconto à estatura e à feiúra do pobre homem.

- Bem, Antônio Pinto, em primeiro lugar proponho uma convenção de trato. Notei que *vossa mercê* não gosta que o chamem de senhor; da mesma forma, sinto-me constrangido quando *vossa mercê* a mim se dirige com o *dito* título. Portanto, proponho que deixemos para os estranhos tais protocolos, pois bem?

- Pois bem, Francisco Adão! Pois muito bem! - Aceita Sapeca, sacudindo afirmativamente várias vezes a cabeça e apertando a boca murcha.

- O Dr. Fernandes Preto - agacha-se Francisco, pondo o chapéu na cabeça - é um homem que tinha um sonho. Um sonho sonhado com tanta fé e tanta força que virou verdade, como uma árvore ou como uma pedra. Homem abastado que, nos idos de 49 já era, morava com a sua gente no *Ouro branco* da *Vila Rica*. Nessa Freguesia do *dito Ouro branco*, o Dr. Fernandes tinha suas lavras e, por ser sempre escolhido pelo povo, se ocupava também do cargo de *juiz de vintena*, distribuindo a justiça e o bem viver para toda aquela gente. Muitas injustiças, no entanto, não conseguia evitar pois estas, como sói acontecer, vêm geralmente dos próprios governantes e magistrados que, em nome de El-Rei, vêm servir nestas Minas. Inconformado com este estado geral de coisas, o Dr. Fernandes, por não ter outra ação, passou a sonhar... a imaginar como seria um povo governado e formado sem a perniciosa influência da escravidão, da inveja, dos vícios e das injustiças. Começou a reunir em sua casa os homens mais pobres falando-lhes do *dito* sonho. Uns poucos acharam que a labuta nas minas e a penosa lida da justiça estavam enfraquecendo a cabeça do homem; mas, muitos outros, a gente sem-nome, *mulatos*, *caribocas* e *negros forros*, passaram a sonhar juntos o mesmo sonho. Um dia, ajuntaram tudo o que tinham e, com famílias e *trens*, seguiram o homem em direitura do sertão. Depois de muito andarem e perambularem, acharam o lugar: fincaram bandeira num descampado muito bonito no pé de um morro, nas paragens entre os rios Lambari e do São Francisco. Ergueram ranchos para as famílias, plantaram roças comuns e lá estão até hoje. O lugar foi chamado de Povoado do Cruzeiro.

Sapeca punha atenção à narrativa. Mas seu sentido foge, trazendo-lhe à lembrança uma das histórias que, havia muitos anos, ouvira de seu pai. Era um caso parecido sobre o povo da raça de seu pai que, saindo do Egito, perambulou no deserto até que chegou à Terra Prometida.

- Mas, é muito interessante esta história, Francisco Adão. Acho, no entanto, que nunca ouvi falar do *dito* Povoado do Cruzeiro.

- É uma das regras estatuídas pelo Dr. Fernandes. Quer que, por enquanto, se guarde segredo da existência e da localização do arraial.

- Presumo que o Dr. Fernandes deva ter suas razões, pois sim, Francisco? - Indaga Sapeca.

- Certamente Antônio. Entre outras razões, existem as de que é preciso dar mais tempo para que as famílias formem melhores cabedais e que os meninos e meninas se adiantem um pouco mais no aprendizado das letras e dos números.

- Então o arraial tem até uma escola! E quem é que tem ministrado os ensinamentos?

- Até o ano passado era somente a filha do Dr. Fernandes, moça cristã e de muitos predicamentos. Para este ano, o próprio Dr. Fernandes pretende iniciar os meninos mais adiantados no estudo do latim e das leis.

- *Beza a Deus!* - Exclama Sapeca, arregalando os seus pequeninos olhos azuis.

- Por enquanto, conforme já lhe disse - enfatiza o *negro* - o Dr. Fernandes quer manter o segredo. Algum dia, quando sentir que o povo estiver pronto, irá realizar o seu sonho. Mandará emissários a *Vila Rica* e a *Vila do Sabará*, rogando a visita do *ouvidor* a quem pedirá solenemente a ereção do povoado em vila. Há de pagar, a partir de então, gordos dízimos a Sua Majestade e fazer a eleição do senado da vila, compondo-o somente com gente moça da dita vila, sem a necessidade de reinóis do serviço de El-Rei. Mostrará a Sua Majestade, em carta que irá escrever, que neste Estado do Brasil existem vassalos fiéis e laboriosos que, sem lançar mãos da injustiça e do despotismo, podem fazer com que esta terra gere incomensuráveis riquezas.

Sapeca fica sem palavras. Estica o pescoço e põe-se a sacudir afirmativamente a cabeça por dezenas de vezes.

- Estimo saber, Antônio Pinto, que os projetos de meu senhor e mestre o agradam. Mas, veja... o sol se vai cada vez mais alto. Vamos subir para a venda e tomar o nosso *quebra-jejum*. Lá, poderemos continuar com mais cômodo a nossa conversa.

O *negro* vai na frente. O branco, com os molambos já secos e os louros cabelos esvoaçando ao vento, segue o companheiro. Numa virada do trilho, onde o mato é mais fechado, Francisco escuta um barulho sutil e pára, fazendo sinal para que Sapeca passe na frente.

- O amigo pode ir se achegando... Eu preciso fazer uma serventiazinha do mato... *com pouco* estarei na venda.

Sapeca sobe sozinho, imaginando que o *negro* estivesse com um incômodo de barriga. Assim que o homem desaparece na trilha, Francisco dá um sinal com a mão e um *negro* sai do mato.

- “Seguiu o *pardo, malungo?*” - Indaga ao *negro*.

- “*In-sim*. Foi simhora não. Parô e arranchô lá perto da *Onça*. Ao dispois, cum pouco, foi chegano dois *mulato* e dois *preto*. Tudo gente bem armado de aço e de fogo”.

- “*Suncê* assuntô tamém se num ficô argum espia pono sentido aqui por perto da venda?”

- “Ficô não. Té a outra tropa que drumiu cum nós no rancho de tropa foi simhora cedozinho. Agora só tem memo é gente da *nega* Jusefa e a nossa gente... tem mais não”.

- “Fica de oio *malungo*... cuchila não”.

O *negro* torna a desaparecer no mato e Francisco sobe para a venda. O cheiro da comida vem de encontro às suas ventas e ele aperta o passo.

---

A mesa, como sempre, era farta. Uma grande *gamela* de angu com chouriço e carne de porco cozida fumegava no centro do jirau. Outras duas,

sendo uma de feijão com toucinho e outra de *quibebe* enfeitada com pimentas vermelhas, ladeavam a maior. Jacazinhos de farinha de milho e de mandioca, além de uma garrafa de cachaça, completavam aquele convite à gula. Sapeca, de cabeça baixa, pingava suor da testa enquanto devorava um sortido de tudo em sua *gamela*.

- *Louvado seja Deus*, Antônio Pinto, pela fartura da mesa e pelo apetite de *vossa mercê*! - Graceja Francisco, assentando-se à mesa, na frente de Sapeca.

- Ora, ora Francisco, não se faça de rogado e pegue logo uma *gamela*, pois esse *quebra-jejum* está um petisco dos deuses...

Neste instante, Da Cruz, parecendo uma defunta-viva, sai de seus aposentos e vem assentar-se ao lado de Francisco. Diz, sem levantar a cabeça:

- O *pardo* foi-se embora pela madrugada. Portou-se com decência e pagou o que devia. Talvez não fosse gente ruim.

- É. Acho que a gente estava enganado. - Conclui Francisco, ao tempo em que põe um pouco de angu em sua *gamela*. - E *vassuncê*, como tem passado? A cabeça amanheceu boa?

- É; há de passar.

- *Vassuncê* oporia algum embargo se eu chamasse o Antônio Pinto para trabalhar com Dr. Fernandes? - Pergunta à queima-roupa e sem rodeios.

- É... não deixa de me largar na falta... mas, se é de interesse de meu amigo Dr. Fernandes... vá lá.

Sapeca escuta falarem de seu nome e pára de comer. O *negro* a ele se dirige esclarecendo:

- Estamos falando de *vossa mercê* mesmo... tenho uma proposta a lhe fazer...

- Pois faça, amigo... vejamos. - Responde o esperto homenzinho, demonstrando interesse.

- Conforme já lhe contei, os meninos e as meninas do Povoado do Cruzeiro estão aprendendo as letras e os mais adiantados já se vão iniciar, neste ano, ao aprendizado do latim e das leis. O Dr. Fernandes tem sentido a falta de um mestre que pudesse ensinar-lhes, com mais propriedade, as ciências dos números e das contas. Josefa contou-me que *vossa mercê* tem boas habilidades nesse mister e, mesmo eu, só em vê-lo conversar, atino que o amigo já deva ter sentado em bancos de escola, lá em Portugal.

- *Vossa mercê* é bom observador. Isto é mesmo verdadeiro. Ao terminar as primeiras letras, iniciei-me com mestres particulares ajustados por meu pai, no estudo das matemáticas puras. Sempre gostei das artes, mas, meu pai, sendo um abastado comerciante, determinou que eu seguisse estudos nesse rumo dos números... mas, isto foi há muitos anos e era eu ainda um rapazinho. Inimigos de meu pai, certo dia, fizeram acusações contra a sua pessoa junto à Mesa do *Santo Ofício* e ele, em pouco tempo, veio a morrer de desgosto, pois não podia renegar sua fé. A esta época já havia eu concluído meus estudos. Meus irmãos mais velhos, nem bem havíamos enterrado nosso pai, lançaram-se como cães sobre a herança, tornando-se inimigos de morte uns dos outros. Senti um profundo desgosto, larguei tudo e saí pelo mundo. Engajei-me à tripulação de um navio mercante e vivi alguns



anos no mar; andei de terra em terra, até que vim parar neste Estado do Brasil. Por estas razões não sei se poderia, hoje, me desincumbir satisfatoriamente da missão de ensinar números...

- Antônio Pinto - sentencia Francisco - eis a proposta: tenho comigo bastante ouro. Iremos à *Vila de Pitangui* e compraremos o seu filho ao seu *dito* senhor. Acertaremos suas contas com Da Cruz e, amanhã, juntamente com o menino, partiremos para o Povoado. Lá, então, *vossa mercê* conhecerá o Dr. Fernandes e firmará com ele o compromisso de professor. É pegar ou deixar!

Sapeca ficou suspenso no ar. Aperta os beijos, pisca os olhos e belisca com força o próprio braço. Abre um enorme sorriso, mostrando as gengivas peladas e estende a mão ao *negro*:

- Está selado o negócio... está selado, Francisco!

O *negro* aperta a mãozinha ossuda do amigo e pergunta para a macambúzia vendeira:

- *Vassuncê* não há de ficar sentida comigo, não é *nega*?

- Qual nada... nadinha. Sapeca é muito feio e, além disto, come demais - retruca Josefa, com cara de quem já morreu.

O *negro* abaixa a cabeça e passa a cuidar da *gamela* de angu. Terminada a refeição, Maria Branquela vem trazer a jarra d'água para lavarem as mãos. Quando pega a toalha para enxugar-se, o *negro* tenta, em vão, que Maria o encare nos olhos. A *cariboca* parece temê-lo.

- Maria - solicita - vai buscar minha casaca lá na *cafua* do Miguel.

Maria Branquela sai meio sem jeito e Francisco indaga:

- Da Cruz, esta mulher está há muito tempo com *vassuncê*?

- Tem uns seis meses. É escrava de uma pobre viúva a quem pago um pequeno *jornal*, além do que ganha livre dos fregueses.

- Boa moça - comenta Sapeca.

Da Cruz pensou, pensou. Quando ia dizer alguma coisa, calou-se ao ver que a mulher já voltava com a casaca de Francisco. Maria entrou desconfiada, entregou a casaca e sumiu-se pela porta dos fundos, mostrando-se perturbada pelo olhar do *negro*. Francisco pôs-se de pé, vestiu a casaca e, com um sorriso largo, mudou o assunto.

- Da Cruz, precisamos dar um jeito na aparência do nosso novo professor de matemáticas. Vamos *nega*, arrume para ele umas roupas... as mais bonitas que tiver em suas *canastras*!

Sem dizer uma palavra, Da Cruz tira do seio uma enorme chave e entrega a Francisco. Este chama Sapeca até o canto, abre uma e outra *canastras*, revira as roupas para que o amigo veja e diz-lhe:

- Escolha aí, amigo Antônio. Faça provisão de mais umas duas mudas, além de uma para o corpo. Veja quantas calças, calções, camisas, meias... escolha à vontade. Eu preciso ir até o rancho dar um andamento...

- Eu não tenho muito gosto para escolher roupas... vou pedir a Josefa que faça a escolha por mim...

- Está muito bem, Antônio... peça que lhe veja também um bom par de sapatos. Eu vou indo; vou mandar preparar dois cavalos. Vamos *nega*, anda *de jeira* que há pressa! - Grita, gracejando com Da Cruz.

A *preta* a muito contra gosto, tira o traseiro do tamborete e vai até as *canastras* ajudar o indeciso Sapeca. Francisco sai, passando por dentro da

venda, tomando direitura do rancho da estrada onde estão os homens de sua tropa.

- “Gumercino!” - Grita para o *pardo* que estava sentado à beira da estrada: “*Suncê* e o Tonié, vai e aperpara dois cavalo. *Perciso* de ir no *Pitangui*. Tem pressa home!”

Os *pretos* saem correndo com os cabrestos na mão a procura dos animais. Francisco adentra o rancho e toma assento num arreio estirado perto dum *negro* que, sentado numa cangalha, costurava a aba do seu chapéu de palha.

- “Cumpade Liando... lembrei. O *pardo tarracudo* é memo um *capitão-do-mato*. *Suncê* alembra do caso que contei daquela refrega... lá no sertão da Bahia? Pois é; esse *pardo* era um deles... era sim”.

- “Falei pra *suncê*, cumpade” - comenta Leandro, sem levantar os olhos - “devia de tê matado os cachorro-do-mato. Bacaiau nas costa só, é poco; mijá nas cara deles só, é poco. Cobra, tem de pisá é na cabeça dela, só!”.

- “Mas há de sê nada, cumpade. Deixa está...amanhã, quando nós fô simbora, eles vêm atrais... aí, nós termina o serviço”.

- “O cumpade tá quereno ir no *Pitangui*?” - Indaga Leandro.

- “É; vô lá com o tal Antônio Pinto... home-professô que tô arregimentano pro Dr. Fernande... ele tem um fio cativo e nós vai lá *mode* comprá ele e levá junto”.

- “Ê bão abri o zóio... os home-do-mato pode sigui sunceis” - adverte Leandro.

- “Segue não, *nego*. Eles num pode aparecê nessas Minas. A parage deles é na Bahia. A lei dos home-do-mato diz que se eles fô notra parage, fica criminoso... têm de ficá é escundido. Vão ficá esperano nós sigui viagem... Mas, eu tô cuma *duda* na cabeça!”

- “E qualé a *duda* cumpade?”

- “Eles tão em cinco e tão tudo acoitado lá perto da *Onça*. Sei não, sô... *suncê* arregala bem o zóio, ao dispois que eu sigui pro *Pitangui*. Se eles num deixô espia é porque pode tê um aqui na venda que tá traíno nós. Ando cismado com a tal de Maria Branquela...”

- “Nóis vai *negaciá*... o cumpade Teodoro tá espreitano lá no couto deles... e eu, aqui, vô abri o zóio. Havemo de discubri”.

Subitamente o *negro* Leandro dá um salto, pondo-se de pé, e arregala os olhos rajados.

- “Escunjuro, cumpade Chico Adão! Senhora do Rusaro, o que é que vem a sê aquilo, sô?!”

Francisco se arriba com a catana na mão, pronto para cortar ou para furar o que viesse. Mas não eram os *homens-do-mato*. Era o Sapeca vestido com a roupa nova. A *preta* Da Cruz o vestira tal um defunto para missa de corpo presente: casaca roxa e camisa preta com uns filós esbranquiçados nas golas e nas mangas. Calções também roxos, meias encarnadas e uns enormes sapatos marrons de fivelas prateadas.

Sapeca, mais parecendo um sabugo torto encapado, tira o chapéu castelhano de abas duras e saúda o companheiro. Francisco cutuca Leandro

para que não ria, tira o seu chapéu e responde mesurosamente a sua saudação:

- Mestre Antônio Pinto: “*Veritas evidens non probanda*”, ou seja, a evidência de sua elegância nem precisaria ser provada. Compraz-me, mestre, o muito saudá-lo!

Gumercindo e Otoniel vinham chegando com os cavalos arreados, mas quando vêem Sapeca, fazem meia volta assustados. Leandro corre-lhes ao encontro e recomenda que não riam. Os *pretos* costuraram a boca e, com os olhos quase saltando das órbitas, seguraram os freios para que os cavaleiros montassem.

Mal os cavalos sumiram na estrada, os três *pretos* beberam o fôlego em gaitadas escandalosas. Faziam medidas uns para os outros e riam tanto que Maria Branquela veio ver o que era. Mandou que fossem rir bem longe dali porque Josefa estava com dores de cabeça e poderia mandar dar-lhes uma tunda de *bacalhau*. Os *pretos*, sem perder o pé da graça, sumiram-se para trás do rancho, saltando moitas morro abaixo e gargalhando à *goela a forra*. A uma certa altura, Leandro estacou para trás e fez cara feia.

- O que foi, *nego*! - Pergunta assustado Otoniel.

- “Sunceis fica aqui; eu vô vortá e pô sentido nessa *preta cariboca*”.

-----  
Escondido no barranco atrás do rancho, Leandro viu quando Miguel *Angola* chegou com um cavalo arreado. Maria Branquela saiu da venda, montou o cavalo e ganhou a estrada em direção a *Onça*.

- “Eta cumpade Chico Adão! O *nego* tem o zóio limpo memo, sô!” - Disse, de si para si, o *negro* Leandro.

## Capítulo IV

**A**s nuvens em formação nas beiradas do céu conjuravam silentes contra o sol do meio dia que era abrasador. Francisco, montado em seu cavalo baio, ia mais atrás. Punha sentido no amigo que na frente ia trotando em seu cavalo branco. Apesar de torto para uma banda, tinha jeito de quem sabia montar. A estrada começou a descer a montanha e os cavaleiros diminuíram a marcha.

- Amigo Antônio Pinto, *vossa mercê* não tem tido saudades da terra onde nasceu? - Indaga o *negro*, só para puxar conversa.

- Quando estive preso lá no *Tijuco*... quando estava entrevado do corpo lá no *Papagaio*... batia de quando em vez uma tristezazinha... mas, acho que era mais por minha Berenice que Deus a tenha. Não sinto saudades de Portugal. Hoje, além de não ter nada que traga boa memória daquela terra, tenho aqui neste Estado do Brasil um pedaço de mim, o meu filho. Quero acabar de criar o menino aqui mesmo nesta terra, onde espero morrer e deixar a minha semente!

- Mas, por aqui, conforme o amigo já deve ter percebido, os que são de sua raça, mesmo sendo brancos, não são muito bem vistos pelos que governam - interpõe Francisco.

- Em Portugal é ainda pior, amigo; não ouviu a história de meu pai? Aqui nesta terra é melhor... há muitas raças e em meio ao povo simples ninguém dá contas a isto. Além do mais, fui educado dentro do ensinamentos da Santa Madre Igreja... basta que consiga algum cabedal - o que hei de conseguir - o resto se acrescenta.

- O amigo tem razão... mas, com relação aos de minha raça, escravos nesta e em outras terras, o mesmo já não se pode dizer...

- Ora Francisco, o meu filho é meio de sua raça e meio da minha, ou talvez não seja de raça nenhuma! Os *pardos* e as outras mestiçagens, vejo-os

como um povo que está surgindo numeroso neste Estado do Brasil... virá o dia em que haverão de se impor!

- Esta nova raça, garanto ao companheiro, por enquanto em nada tem sido favorecida nesta terra, ao contrário... esquece o amigo de que seu filho é um cativo?

- Mas nós o estamos indo libertar, amigo! Isto é possível e é admirável!

- Digo-lhe que o nosso Dr. Fernandes é também dessa nova raça: filho de paulista mestiço de *gentio da terra* e de uma *negra de ventre livre*. Seu pai era muito rico e pôde lhe dar *luzes* e riqueza. Isto de pouco ou nada lhe valeu. Teve de abandonar *Vila Rica* muito humilhado pelos servidores do reino que lá governam.

- Como assim, amigo? - Indaga Sapeca, parando o cavalo e chamando Francisco para abrigarem-se um pouco do sol forte debaixo da frondosa paineira à beira da estrada.

Sob a paineira, Francisco tira o chapéu, atravessa uma perna sobre a cabeça do arreio e, com voz grave, inicia a história:

- Quando, por volta de 1725, o número de brancos que a esta terra vieram em busca do ouro achado pelos paulistas se fez mais avantajado, Sua Majestade fez publicar lei proibindo que as pessoas que tivessem *impureza de sangue* até a quarta geração pudessem ocupar cargos nas câmaras, nas ouvidorias e até nas milícias. Nestas Minas, onde sempre foi muito grande o número de *negros* e *pardos* livres, a *dita* lei foi ficando no esquecimento. Apesar da opressão da *capitação*, também, imposta aos *pretos* forros a partir de 1735, o Dr. José Fernandes, assim como muitos outros *pardos* e *cabras* livres, continuaram a ocupar pelo menos os cargos de somenos importância, como os de *juiz de vintena* e outros. Em 1748, o Dr. Fernandes enviou *requerimento à câmara da Vila Rica*, pedindo renovarem a provisão de seu cargo. Aquela câmara composta só de reinóis de corpo ou de alma negou-lhe o pedido, enviando *resposta tão injuriosa* que abateu os ânimos e quase mata de contrariedade o nosso Dr. Fernandes.

Sapeca, contristado, escuta de cabeça baixa aquilo que em tudo pode servir também para o seu filho.

- Escreveram - continua Francisco - dizendo com arrogância e desprezo que chamando-se ele José Fernandes Preto, como se chamava, segundo lhes parecia a qualidade de seu sangue quase que condizia com o seu nome pois, se não era *preto*, era *cabra* e, como tal, não devia ser provido, pois consideravam vergonhoso e pernicioso que um *mulato* servisse no cargo de *juiz de vintena*!

Sapeca pensativo e de olhos caídos, apenas continua a acariciar o tronco já liso da velha paineira. Voltam a tocar os cavalos e descem vagarosamente o morro.

- Amigo Antônio Pinto, parece que a minha ocupação tem sido a de deixá-lo triste... o que há de se fazer? - Bate nas costas do amigo, como se quisesse trazê-lo de volta à realidade.

- Eu tenho fé, Francisco, que lá no Povoado do Cruzeiro meu filho há de ter boa sorte! Debaixo daquela paineira que dava-nos a sua sombra



agora há pouco, foi ali que faleceu a mãe do menino... e ela haverá de lhe carrear a proteção Divina!

E, assim, os dois amigos vão seguindo viagem trotando pela estrada que contorna a montanha.

Subitamente, surge a *Vila de Pitangui*.

- Veja, amigo, estamos chegando! - Grita Sapeca.

- Vamos parar um pouco lá na ponte de João Cordeiro! - Avisa Francisco. - Enquanto os animais bebem água, poderemos combinar a nossa ação para a realização do negócio!

Forçam as montarias e vão chegando. Antes da ponte, os cavalos se desviam à direita. Os homens apeiam e deixam os cavalos seguirem para o córrego. Assentam-se debaixo de uma árvore de pau-pombo e se põem a confabular.

- Pois bem, Antônio, de quanto é o preço que o senhor do *moleque* está pedindo?

- O senhor Antônio Mendes Fialho pediu-me cento e oitenta *oitavas*... mas isto para a *quartação* onde os pagamentos se iam fazer em dois anos. Creio que, à vista, deverá aceitar até umas cento e vinte *oitavas*...

- *Vossa mercê* se engana. O problema é que por via de compra à vista o preço será agravado por impostos de duas qualidades... Assim, ou o *dito* senhor recusará o negócio... ou haverá de nos pedir muito ouro pelo *moleque*...

- Como assim, homem? - Inquire Sapeca, imaginando que o *negro* esteja querendo fugir ao compromisso assumido.

Francisco Explica:

- Primeiro, porque vamos pagar com ouro em pó. Ao passar-nos o recibo de venda - e nós precisamos desse recibo - Antônio Mendes estará dando a conhecer aos oficiais e intendência a existência do ouro não quintado em suas mãos... terá de mandar fundi-lo e, com isto, perderá vinte por cento do valor. Segundo, o que é pior, é que as vilas, por ordem do governador, estão empenhadas em arrecadar ouro para facear as despesas com as esquadras do mato que se estão organizando para atacar o *Campo Grande*. Assim, os oficiais da Câmara, sabedores de que o homem tem ouro nas mãos - o que todos escondem a esta época - haverão também de atribuir-lhe uma *finta*, subtraindo-lhe grande parte do valor. Por estas razões é que lhe digo que poderá haver recusa na compra e venda, ou aumento grande no preço...

- Assim sendo, sem dúvida... mas o que vamos fazer?

- Vejo saída através da manumissão. Ofereceremos no máximo cem *oitavas*, de bolsa para bolsa, sem recibo. Em troca, o *dito* senhor fará registrar, a título gratuito, a *alforria*, colocando o impúbere sob a tutela do pai. Deste modo, não se pagam os injustos impostos e todos saem ganhando...

- Francisco, sua inventiva faz ruborizar a um *semita*. Ainda bem que tomo o partido de *vossa mercê*! - Graceja o surpreso cristão-novo.

O *negro* vai buscar os cavalos e o branco fica meditando sobre a virada que a sorte está prometendo em sua vida. Francisco volta com os cavalos. Tira da cintura a pistola e a catana e as esconde sob os arreios do

cavalo do amigo. O *polvarinho* de chifre, esconde-o no arreio de seu próprio animal e explica o gesto.

- O risco é grande... mesmo um *negro* livre, se for apanhado portando qualquer arma pode levar um golpe terrível na bolsa, além do castigo no *tronco*!

- E um branco ? - Assusta-se o judeu.

- Leva lambadas só na bolsa... mas, caso não possua ouro, a sorte pode ficar bem ruim. Mas *vossa mercê* tem muito boa experiência em curtir cadeia! - Zomba o *negro*, montando o cavalo e saindo na dianteira.

- Vira para outra banda a sua boca malfazeja, homem! - Contesta Sapeca no mesmo tom de zombaria. Monta seu cavalo e segue o companheiro no rumo da ponte de João Cordeiro.

- Francisco! - Grita Sapeca. - Nessa primeira baixada de morro é onde tem as obras a estrada! Lá haveremos de encontrar o meu *moleque*!

De fato; ganhando a barriga do morro, os cavaleiros avistaram uns *negros* trabalhando. Alguns carregavam pedras para cobrir um rasgão na estrada; outros socavam a terra intermeada de pedras. Um feitor, com *bacalhau* na mão, fiscalizava os cativos lá de cima do barranco. Sapeca fez-lhe um sinal para que descesse e este, de um salto, veio bater de pé na estrada à frente do cavalo.

- Antônio Pinto, que nobreza! Virgem do Pilar! Tu és o noivo ou vais a algum enterro? - Debocha o feitor bigodudo.

- Sem chistes, senhor Henriques; sem chistes! Onde está o meu *moleque*?

- Pelo que sei, o *moleque* ainda não é... teu!

- O meu filho, Henriques... o meu filho.

- Olha para cima! - Grita o feitor apontando o menino que acabara de chegar no barranco com uma bilha na mão. - Ele vive por aí a vadear, pois... é meu protegido, como tu sabes...

O feitor continuou falando, mas Sapeca nada mais ouvia; via com os olhos nublados somente a imagem do seu menino sorrindo-lhe com a bilha na mão.

O pardozinho era claro e estava quase nu, só com uns molambos enleados no meio das pernas. Cabelos carapinhas, negros como a noite, e olhos azuis como o céu da manhã. Tinha o sorriso banguela dos sete anos e examinava atentamente as roupas do pai.

- Desça, diabo! - Gritou o feitor. - Venha tomar a bênção de teu pai!

O menino se manteve imóvel e Sapeca se dirigiu humildemente ao feitor:

- Henriques peço-lhe que me deixe levar o menino; vou falar com Antônio Mendes para ver se abrevio o negócio... É claro, como de costume *vossa mercê* terá boa paga...

- Ora, ora, Antônio Pinto! Tu sabes que eu não ligo ao ouro! Elias não ensina que os *fiéis de Deus* devam ser uns pelos outros? - Responde o cínico feitor. Depois, berra para o menino, brandindo o chicote: Desça já daí, ó diabinho!

Vendo o menino tremer de medo, Francisco emparelha seu cavalo ao barranco, pega-lhe a bilha e lhe dá a mão. O menino pisa na cabeça de seu

arreio e passa para a garupa do pai. Francisco bebe água, virando a bilha no queixo. Encara feio o feitor e lhe atira a bilha vazia nos peitos.

- Quanto vale a paciência de um homem, Antônio Pinto? - Pergunta o feitor arreganhando os dentes.

- Mais de uma *oitava*... mais de uma *oitava*, certamente. Até mais ver Henriques! - Despede-se, subserviente, Sapeca.

- Cão danado! - Murmura depois, tocando o seu cavalo.

Francisco nada pergunta, mas percebeu que o feitor já deve ter extorquido muito ouro do pai, pois que tinha o menino debaixo do seu chicote. O *moleque*, agora, agarrado na cintura do pai, tinha os grandes olhos azuis rasos d'água.

- Aonde fica a casa do homem, Antônio?

- É aquele sobrado ali no topo do morro.

O *negro* emparelha-se com o branco e lhe entrega a bolsa de ouro.

- Amigo, aí tem duzentas oitavas de ouro. Gaste o que for necessário, não faça economia.

Sapeca pega a bolsa estufada de ouro e mastiga murcho com a boca sem dentes. Levanta os olhos tristonhos e diz com eles o que a boca não soube falar. O *negro* entendeu e balançou a cabeça.

O portão do sobrado era aberto. Adentraram o quintal e foram parar em frente ao alpendre assoalhado. Antes de apeiar, Francisco estabelece:

- O menino e eu ficaremos aqui fora.

- Está muito bem - responde pensativo Sapeca - deixo o menino com *vossa mercê*. Talvez seja de melhor proveito negociar a sós com Antônio Mendes e sua mulher.

Apeiam. Francisco fica com as rédeas dos cavalos e as amarra no gradil do alpendre. Sapeca tira o chapéu e grita pelos da casa. Uma *negra* vem atender e o conduz a um corredor que esconde a porta de entrada do sobrado.

Francisco vai se assentar nuns tocos debaixo de um arvoredor ao lado da casa. Chama o menino, fazendo-lhe um sinal com a mão. O pardozinho escorrega pelo traseiro do cavalo e vai ter com o *negro*. Fica a rodeá-lo, examinando-lhe os detalhes das roupas.

- "*Suncê* também tem roupa bonita, *preto*. Que nome tem *suncê* ?"

- "Francisco Adão. E *suncê*, como chama?"

- "Isac. Só Isac. Quem é o seu dono?"

- "Eu num tenho dono. Sô *negro* livre".

- "Livre! Então *suncê* é *capitão-do-mato*! Um dia eu também vô sê *capitão-do-mato*!"

- "É memo?"

- "Acho que não. Pai num gosta de *capitão-do-mato*. Mais *suncê* é *capitão-do-mato*?"

- "Sô *negro* livre, mais num sô *capitão-do-mato*, muleque! Agora pára de rudiá e senta aqui perto de mim, entendeu *camuquenguezinho*?"

- "In-sim. Mais *suncê* deve tê dono rico. *Suncê* carrega ouro; *suncê* deve de sê paje!" - Insiste o mulatozinho.

- *Moleque* Isac - explica Francisco, falando corretamente o português - um *negro*, para que possa ter ouro, ou para que possa adquirir boas roupas, não há necessidade de que seja um *capitão-do-mato* e nem

precisa ser pajem. Existem muitos modos de um *negro* conseguir tais coisas; entendeu?

- “*In-sim*”. Mas *suncê* sabe dobrar a língua e falar bonito como branco! Por que, então, fica falando comigo como um *preto boçal*? Eu não sou *boçal*... meu pai tem me ensinado as coisas.

- Eu sou *negro* e gosto de falar como um *negro*. Mas, parece que *suncê* só acredita nas coisas faladas na linguagem bonita de branco; não é assim?

- “Não sinhô!” Eu também sou *preto*, pois *negro* e *pardo* são todos *pretos*. Meu pai disse para não me esquecer disto; disse também que cachorro que não aprender a miar, nunca vai apanhar um gato. É preciso aprender a falar certo, como um branco do reino. E *suncê* deve ter um dono sim! - Arremata o *moleque*.

Francisco ficou boquiaberto com o que Sapeca conseguira fazer ensinando o *moleque* em tão pouco tempo. O diabozinho era mesmo muito esperto. Resolveu explicar-lhe melhor as coisas.

- Isac, eu não tenho mesmo um dono. Eu sou livre, mas tenho um *amo*, um *patrão* para quem trabalho em troca de paga.

- Assim, sim! - Aceita o sabichãozinho.

- Pois bem, essa pessoa para quem trabalho, agora é *amo* também de seu pai. Aqui viemos, seu pai e eu, para comprar a sua liberdade. Depois, todos nós, juntos, vamos para a casa desse nosso *amo*, longe daqui, onde não há nem escravos e nem feitor.

- O meu pai veio me *forrar*?

- Sim! A partir de hoje *suncê* vai ser um *moleque* livre... livre, entende? Como um passarinho do céu, ou como um guará do cerrado!

O menino morde os beíçosinhos e treme o queixo até que gotas cristalinas se libertam de seus olhos, soltando-lhe a voz.

- O Henriques não há mais de me pôr *pêgas* e nem me bater de *bacalhau*? Não virá mais atrás de mim, caso meu pai não lhe dê muito ouro?

- Nunca mais, Isac - abraça o *negro* ao menino, confirmando-lhe as respostas com tapazinhas na cabeça - nunca mais! *Suncê* não tem mais dono e nem feitor... além disto, seu pai e este seu *cambarianguê* aqui estarão sempre perto de *suncê*!

- “*Suncê*... bão *cambarianguê*... tenho pai bão, *otata*, muito bão. A mãe falava que um dia *suncê* vinha... e veio! A bença *ovini* mãe Berenice!”

- Amém, para nós todos, pretozinho *boçal*! Que ela, lá de cima, olhe por todos nós! - Disse o *negro* rogando aos céus.

Francisco deitou no colo a cabeça do *moleque* e lhe *estalou cafunés* até que as lágrimas secassem em seus olhos azuis. Assim, algum tempo se passou.

- Veja, Isac! Seu pai vem vindo com seu dono!

Antônio Mendes e a mulher vinham ricamente vestidos. O homem de calças e casaca pretas, botas brancas e chapéu de couro de lontra. A mulher, muito gorda, com um longo vestido amarelo, exibia apertados dois enormes carcos de seios e um grande papo no pescoço, como se fossem três mamões maduros enfeitados de ouro e correntes. Pararam todos no alpendre e Sapeca foi ter com o filho e o amigo.

- Tudo feito, Francisco. Ele vai chamar a escravaria e fazer o proclama da *alforria* - avisa Sapeca.

Antônio Mendes caminhou até o beiral do alpendre e bateu repetidas vezes o sino, fazendo-o ecoar liberdades num céu que já se carregava de nuvens negras.

Em pouco tempo foram chegando alguns escravos e escravas, tomando assentos pelo chão à frente do alpendre. Sapeca e o filho foram chamados a tomar lugar junto aos manumitentes, no patamar do alpendre. Francisco os acompanhou em meio à negrada assentada no chão, mas voltou, tirando os cavalos para outra banda. Por fim, chegaram os escravos que estavam trabalhando na estrada e o feitor Henriques.

Uma *negra* veio de dentro de casa com uma bandeja de prata, trazendo a folha de papel já escrita. Henriques mandou que a negrada se calasse. Antônio Mendes tomou a folha de papel e a mulher puxou Isac para a sua frente, pousando as gordas mãos em seus ombros. O homem iniciou, solene, a leitura:

“Eu Antônio Mendes Fialho e minha mulher Gertrudes Henriques Fialho, reconhecidos das testemunhas ao diante assinadas, somos senhores e possuidores de um *mulato* de nome Isac, que terá idade de seis para sete anos, filho de nossa falecida escrava Berenice *Parda*, ao qual *mulato*, em razão de nos haver nascido em casa e por o havermos criado pelo preciso amor que lhe temos, dizemos nós, outorgantes, que pelo amor de Deus e muito de nossas livres vontades e sem constrangimento algum, pelo presente instrumento, e na melhor forma do *dito*, gratuitamente lhe damos pura e irrevogável doação de carta de *alforria* e liberdade, de hoje para todo sempre, somente com a obrigação de que o liberto passe a acompanhar e a servir a Antônio Pinto Sapeca, homem branco, natural da Vila do Faial, Bispado de Angra, residente no termo desta *Vila de Pitangui*, enquanto for vivo o *dito* Antônio Pinto e, morto que seja, poderá o *dito mulato*, como liberto que fica sendo, ir para onde quiser e fazer o que bem lhe parecer se maior de idade for, sem impedimento de pessoa alguma, mesmo dos herdeiros de mim e de minha mulher, o que, para firme expressão e valimento, abaixo assinamos. *Vila de Pitangui*, 27 dias do mês de janeiro do ano do nascimento do Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e cinqüenta e sete anos”.

Terminada a leitura, um escravo achegou-se com uma pequena escrivania, sobre a qual Antônio Mendes pousou a folha e mandou que sua mulher assinasse. Os *negros* começaram um *batuque* e arrastaram Isac para o meio da roda em que dançavam. Antônio Pinto chamou Henriques e Francisco. Abaixo das assinaturas de Antônio Mendes e de sua mulher assinaram, por testemunhas, Antônio Pinto Sapeca, Isaías Henriques e Francisco Adão, *preto forro*, este, por um “X” ao lado do seu nome já previamente escrito no documento.

O *batuque* e as cantorias foram engrossando com mais *tabaques* e as negras com os peitos de fora gingavam o corpo para diante e para trás. Antônio Pinto cumprimentou e agradeceu a Antônio Mendes. Francisco Adão ajoelhou-se e beijou a mão de dona Gertrudes e de Antônio Mendes e a negrada seguiu o exemplo, fazendo fila na frente do sobrado. Enquanto seguia o beija-mão, os *tabaques* continuavam a bater forte. Francisco Adão pegou o



menino e o levou para onde estavam os cavalos. Colocou Isac na garupa e saiu puxando seu cavalo pelos freios, em meio às danças. Da mesma forma Sapeca o seguiu levando seu cavalo. As negras os acompanharam dançando e cantando até a beira da estrada. Os cavaleiros montaram e fustigaram os animais em direção ao centro da Vila.

- A negociação se fez rápida, Antônio Pinto!  
- Rápida e proveitosa, Francisco! Imagine por quanto consegui concluir o negócio?

- Nem atino... quanto?  
- Cinquenta oitavas, amigo! Cinquenta oitavas!  
- Estou me sentindo um *boçal* diante de tal notícia! Como foi que *vossa mercê* obteve tal feito?

- Enalteci o espírito cristão da gorda mulher de Antônio Mendes... Fi-la crer que, com tamanha caridade e abnegação, a sua alma, sem nenhum desvio, já estava na direita do céu!

- Ah! Ah! Ah! *Vossa mercê* livrou de boa ao demônio. Uma capivara gorda como ela iria abarrotar as fomalhas do inferno!

Os amigos bebem o fôlego de tanto rir e continuam a marcha, ganhando a rua da Matriz Nova. Passam em silêncio, contemplando a beleza da igreja ainda inacabada, cujas torres majestosas e altíssimas lembravam a pequenez dos homens. Descobriram as cabeças e fizeram o sinal da cruz. Continuaram a marcha até ganharem o beco do Maciel.

- Precisamos ir lá na casa da câmara - disse Francisco adentrando o beco.

- Queira Deus que lá encontremos o escrivão Manoel Pereira para que nos faça o assento público da Carta de *Alforria* - responde Sapeca olhando para o céu que se enegrecia rapidamente.

Passando pelo beco estreito, saíram na praça da Cadeia. O carcereiro cochilava sentado num banco lá no alpendre da casa. O prédio era um sobrado onde, em baixo funcionava a cadeia e, em cima, a casa da câmara e senado da vila.

Os amigos pararam em frente ao alpendre e se entreolharam. O *pelourinho* à sua esquerda, no sul da praça, tinha um *negro* amarrado com cordas presas nas argolas do *tronco*. Apearam e pigarrearam as gargantas. O carcereiro, que dormia com um grande cachimbo na mão, acordou assustado, deixando o cachimbo cair no assoalho.

- É de paz ! *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!* - Cumprimentam.

- *Louvado seja* - responde o carcereiro, pondo-se de pé sem se aperceber do cachimbo que caíra.

- *Vossa mercê* sabe me dizer se o escrivão Manoel Pereira está presente? - Indaga Sapeca.

- Está sim... como sempre, deve estar a escrever! - Graceja. - Mas, a entrada para a câmara é pela escada lá atrás, nos fundos da cadeia. Vou acompanhá-lo. O *negro* e o *moleque* ficam aqui vigiando os cavalos e a porta da cadeia.

- *Inhô* sim - responde Francisco, educadamente.

Sapeca, acompanhado do carcereiro, segue pela esquerda do alpendre, contornando a parede para os fundos do prédio. Francisco e Isac adentram o alpendre e tomam assento no banco do carcereiro. Escutam os gemidos do *negro* pendurado no *pelourinho*.

- *Suncê* conhece o *negro*? - Pergunta Francisco.
- É um tal Orozimbo. Dizem que ele é cativo do juiz Antônio Bezerra, fugido há anos.
- Foi *capitão-do-mato* quem pegou ele?
- Não; foi um *pedestre*. Ele voltou por causa de uma *moleca*... mas ela traiu ele em troca de um vestido vermelho.
- Fica vigiando que eu vou ver o estado do coitado - ordena Francisco.

O Pardozinho se levanta e vai tomar posto na quina da parede que segue para os fundos do prédio. Francisco firma o chapéu na cabeça e vai para a frente do alpendre. Observa a praça e cochicha para Isac:

- Da banda de cá, tudo ermo... e aí, desse lado?
- Ninguém... as casas estão com as portas fechadas - responde o *moleque*.

Francisco sai caminhando pela praça deserta e toma a direção do *pelourinho*. O preso pressente que vem vindo alguém e começa a gemer.

- Pára de gemedeira, *negro*... *suncê* é *calhambola* ou um *ribeirinho*?
- Graceja Francisco.
- “Pros infernos, *cambrocotó! Canguro!*” - Responde o *negro*, virando-se para trás e mostrando as ventas arrebetadas e os olhos empapuçados de sangue e de ódio. Em sua espádua, um “F” de Fúria, em carne viva e queimada, mostrava que o ferro em brasa havia-lhe estragado fundo.

Francisco desabotoa a casaca e a camisa ante o olhar maligno do *calhambola*. Desnuda o ombro esquerdo e chega a espádua perto da cara do *negro*.

- “Enxerga *malungo*... o meu “F” é maió que o seu!” - Diz mordendo os dentes e fuzilando o *negro* com um olhar rajado.

O *negro* desarma o ódio dos olhos, mostrando no fundo deles a solidariedade e o rosto amargurado; moço, com menos de vinte anos.

- “Sô *garimpeiro*, *malungo*... andava pela *Demarcação*...”
- “Tô sabeno... rabo de saia tem fedô de *ufeca*, *negro*! *Suncê* feis bobage!” - Repreende o irmão.
- “Agora... seio” - baixa a cabeça o prisioneiro.
- “*Suncê* inda güenta corrê?”
- “*In-sim*. Num tem *caxicovera*, não. Mi pegaro ontem... tava cum a barriga cheia; hoje tô güentano. Mais logo, se vim o bacaiá, aí cabô o *pamba*!”

Francisco vira a cabeça do *negro* apontando-lhe o alto do muro de pedras que fechava a esquina da praça.

- “Tá veno ali... é a casa do *uganga*. Tem estrebaria no fundo do quintá e é fácil *cuatá ongoró*. Mais *suncê* num ia longe... ia sê pego de novo. Vai sê *perciso* pô *anduro* nargum lugá... enquanto o povo acódi, *suncê* foge... mais a *mossoroca* tá vino aí...”

- “Fogo não, *malungo*! Coisa mió... dibaxo da escada, atrais da cadeia, tem porva! Treis barri que tomaro dum faiscadô que tava minerano cum fogo... iô vi ontem!”

Francisco sorri e olha para o céu onde as nuvens negras continuavam a prometer um aguaceiro. Um corisco, dentro da sua cabeça, alumia-lhe um urdimento. Saca a faca-lambedeira na bota e fala compassadamente:

- “Orozimbo, presta o sentido... eu vô falá só uma veis...”

- “Tô escuitano *malungo*... tô escuitano...”

Francisco passa a faca numa perna da corda, por trás do *tronco* e explica:

- “Deixei uma nesgazinha de corda que dá pra *suncê* rebentá. Mais *suncê* num rebenta inda não... sabe ondê que fica a venda da *preta* Jusefa?”

- “*In-sim*... seio”.

- “A primeiro vô urdi as coisa. Ora que *suncê* escuitá o estoro da porva, rebenta e sai correndo... o portão da estrebaria vai tá aberto e há de tê um cavalo esperano lá dentro; *suncê* entra e fica queto. Cum pouco, a praça vai pintá de *pedestre* das *ordenança* e de povaréu pra cuidá do fogo... ora que tivé todo mundo lá pra trais da cadeia, *suncê* sai... sai divagá munta no cavalo e some lá pra Jusefa... vai pelo mato, ivita a estrada... cumpreundu, *malungo*?”

- “*In-sim*, *malungo*... lovado seja *Angana-N’Zambi*!”

- “Bamo rezá pra num chovê já; se não, levô o *zaio*. *Suncê* num deve de saí enquanto num escuitá o estoro e o povaréu passá... Se fizé bobage, vô fazê cumpania pra *suncê* aí no *tronco*...”

- “Cumprendi... vô esperá. Cumé que chama *suncê*, *negro*?”

- “Francisco Adão... Chico Beißado é mió... nós cunversa dispois lá na Jusefa”.

- “Oxalá, *Angana-N’Zambi*!” - Murmura o *calhambola*, ansioso pela *empreitada*.

Francisco volta andando calmamente pela praça deserta. Aproxima-se ainda o entardecer, mas um céu de chumbo já escondera o sol. O *negro* adentra o alpendre e chama o menino.

- Isac, está vendo ali a casa do vigário, atrás dos muros altos... lá na esquina, longe da casa, tem um portão...

- ... E lá dentro tem cavalos - completa o esperto mulatozinho.

- É isto mesmo! - Sorri Francisco. - *Suncê* pula o muro, vai até a estrebaria e põe freio num cavalo... leva o macho até o portão e deixa ele amarrado no mourão, do lado de dentro. *Destramela* o portão e vem embora, deixando ele só encostado... *suncê* dá conta *moleque*?

- “*In-sim*! Vô já?”

- *De jeira, camuquenguezinho*! - Brinca Francisco, despachando o *moleque* com uma palmada na bunda.

O *negro* pega no chão o enorme cachimbo do carcereiro e se assenta no banco. Saca a faca e começa a picar o tolete de fumo que trazia no bolso da casaca. Vê quando o menino apruma muro acima, lá no fundo da praça, e despenca para dentro do quintal. Olha a enorme *cuia* do cachimbo e, vendo que o fumo era pouco, pica mais. Depois enfia o fumo no cachimbo e vai

socando com o cabo da faca. Enfia a mão no bolso de dentro da casaca e tira uma *binga*. O diabo do *moleque* já vinha atravessando a praça, voltando como uma flecha.

- Pronto... e agora, *sô Francisco?* - Pergunta ansioso.

- Acalma *moleque*... controla esse fôlego... está tudo muito certo. Vai dar mais uma olhadazinha na praça, vai...

Isac vai e volta rápido como um pensamento.

- Tem ninguém... as casas estão todas fechadas.

- *Suncê* vai agora lá pros fundos da cadeia, sobe na escada e fica sentado lá em cima... eu vou olhar embaixo. Caso venha gente, saindo ou chegando, *suncê* assobia avisando... entendeu?

- Num sei assobiar - responde o *moleque* mostrando a língua entre a janelinha banguela - faço barulho de fogo-pagou, com a mão na boca, assim: "fogo-pagou!"

- Ê; fica bom. Agora vai. - O *moleque* vai ligeiro e Francisco começa bater a pederneira para acender a *binga*. Sopra a fagulha e o algodão se incendeia dentro da *binga*. *Derrama* o algodão em brasa sobre a *cuia* do cachimbo e vai baforando, baforando, até que o fumo pegue fogo e forme brasa por cima. Sai do alpendre com o cachimbo na boca e segue calmamente à esquerda, em direção aos fundos da cadeia.

Passando pela escada, vê o *moleque* sentado no topo. Faz-lhe um sinal com a cabeça a que ele responde pela mesma via. A escada era de tábuas, mas sua base era sólida. Feita com pedras de laje, estendia-se por toda a parede, dando suporte ao patamar que prolongava a escada no pavimento superior e, embaixo, dava lugar a um comodozinho que servia de almoxarifado.

A porta era rente ao chão de terra batida e tinha uma enorme fechadura. Francisco cutuca os molejos com a ponta da faca até encontrar o encaixe certo. Gira a faca e a porta se abre.

Uma cachimbada alumia o ambiente revelando, além de madeiras e couros de boi, os barris de pólvora. Sem perda de tempo, o *negro* crava a faca em um por um, fazendo-lhes grandes rombos. Arrasta os três para o centro do cômodo e, abrindo a porta, conduz um deles para fora, derramando um rastilho de pólvora até perto do virar da esquina para a outra parede. Tapa o buraco com a mão e reconduz a barrica para dentro do cômodo. Deita no chão os barris, pousando-os sobre o rastilho de pólvora. Coloca sobre eles todos os trastes que ali havia, principalmente os couros e a madeira. Sai calmamente, fecha a porta, trancando-lhe com a faca a fechadura.

- "Fogo-pagô!" "Fogo-pagô!" "Fogo-pagô!" - Assinala desesperado o *moleque*, lá de cima da escada.

Ouvia-se a voz de Sapeca a conversar com o escrivão e com o carcereiro, já no tope da escada. O *negro* segue rápido, dobrando esquina da outra parede. Deixou o cachimbo no chão, encostado na parede, e apressou-se em seguir, completando a volta em torno da casa, para junto dos cavalos na frente da cadeia.

Sapeca, conversando animadamente com os oficiais, vem andando devagar, com uma das mãos pousada na cabeça do menino. Francisco, vendo

a bateadeira nas veias do pescoço do *moleque*, antecipou-se e o pegou nos braços:

- “Fala bença pro *inhô-nhô* fio... fala pra nós ir simhora... tá vino chuva!”

O *moleque* beija a mão do escrivão e, depois, a do carcereiro; Francisco o leva rapidamente para a garupa do seu cavalo.

- *Negro* bem *ladino*, este - comenta o escrivão.

Sapeca sorri e se encaminha para o cavalo. Francisco, ajeitando-lhe o estribo, cochicha:

- Vamos sair pelos fundos...

- Sim - respondeu Sapeca, sem se dar conta de nada e a despedir-se do escrivão que voltava para a *câmara da vila*.

Sapeca, já montado, tira do bolso os papéis e dá mais uma olhada.

- Hoje foi um dia maravilhoso, amigo... maravilhoso!

- Sem dúvida alguma - sorri Francisco - mas vamos embora se não a chuva nos apanha no meio do caminho!

- Meu Deus... pois sim... veja que céu mais carrancudo! - Tocando o seu cavalo.

O carcereiro tomara de novo o seu assento e fazia jeito de voltar ao cochilo. O escrivão já no tope da escada, ao ver passarem os cavaleiros, resolveu fazer mais algumas recomendações.

- Pois é, senhor Antônio Pinto, espero que faça bom proveito do seu *moleque*... para isto, é preciso rédeas curtas e não descuidar dos ensinamentos da Santa Madre Igreja!

- Isto mesmo, senhor Manoel Pereira...

O homem desce uns três degraus da escada e Sapeca estica a conversa sobre a educação de cativos libertados.

O rastilho de pólvora ficara um pouco aquém da quina da parede e não havia como acendê-lo sem ser visto pelo escrivão que continuava a prosa com Sapeca lá de cima da escada. Francisco enfia a mão debaixo de seu arreio e pega o *polvarinho* de chifre. Destampa-o e o entrega ao *moleque*.

O *Moleque* pulou no chão e foi ter com o pai, segurando o *polvarinho* com as mãozinhas para trás.

- “*Inhô* Antonho... tô cum medo... vem chuva, vamo embora!”

Sapeca se despede pela última vez do escrivão e continuava com a prosa.

O *moleque* volta derramando a pólvora rente à parede até dobrar a esquina, completando a conexão. Francisco dá-lhe a mão jogando-o na garupa e recolhendo o *polvorinho* vazio. Um clarão corta o céu fazendo ribombar um trovão lá pras bandas da Paciência.

O *negro* pula no chão e começa a dar grandes baforadas no cachimbo para reavivar as brasas. O fumo socado virou uma brasa só, solta dentro da grande *cuiá* do cachimbo. Sapeca se despede mais uma vez e, quando o seu cavalo apontou o focinho na esquina, o *negro* cravou o cabo do cachimbo no chão, bem no meio do murundu de pólvora onde terminava o rastilho, deixando-o penso para o lado da boca, onde balançava o chumaço de fumo em brasa. Pulou jogando a perna sobre o pescoço do cavalo, montando-o, e gritou:



- Vamos embora, senhor Antônio Pinto! Vamos embora que há de trovejar muito!

Sapeca não se apercebeu de nada. Acompanhou o *negro* tranqüilamente. Saíram no beco da rua de Cima retornando à rua da Cadeia, de onde avistaram o carcereiro *ferrado no sono*.

Entrando pelo beco do Maciel, avistaram um alferes e Sapeca o cumprimentou, só não parando porque o militar seguiu em frente.

Saíram compassadamente do beco do Maciel e ganharam a rua da Matriz Nova. Descendo o morro, ainda se ouvia o *batuque* dos *pretos* de Antônio Mendes festejando a libertação de Isac. Vão passando na porta e muitos *pretos* vêm saudá-los. Francisco passa abanando o chapéu e Isac segue dizendo adeus da garupa do cavalo. Sapeca segue pensativo na frente.

A rua da Ponte de João Cordeiro estava vazia. As obras de restauração e calçamento estavam paradas. Os *negros* estavam festejando lá no *batuque*. Uma figura se apruma lá embaixo, pula do barranco e começa a fazer sinais para os cavaleiros. Era o Henriques, querendo a última paga prometida por Sapeca.

- Era o que me faltava - comenta Sapeca, parando o cavalo - o que faço, Francisco?

- Abra a bolsa, amigo... abra a bolsa! Este mundo é assim... cada um gosta de comer os de sua própria espécie!

Francisco viu que não devia ter gracejado. Os olhos de Sapeca adquiriram um brilho satânico que nunca imaginara possível. O homenzinho enfiou a mão sob o arreio e sacou de lá a catana. Bebeu o brilho do aço curvo do cutelo, afundou os calcanhares nas virilhas do cavalo e saiu como um louco, voando morro abaixo e de catana a riste:

- Morra *semítico* dos diabos! Morra cão leproso!

Henriques pensou em usar o *bacalhau*, mas quando viu que o homem vinha com o sangue nos olhos e a morte na curva da catana, encarapitou-se barranco acima, apavorado, e sumiu-se no mundo.

Francisco disparou seu cavalo morro abaixo e o mulatozinho agarrou-se a ele como um carrapato. Sapeca pulara do cavalo e tentava escalar o barranco atrás do seu desafeto. O *negro* parou seu cavalo nos cascos e obstou-lhe a escalada com um berro medonho:

- Põe a cabeça no lugar, nanico dos diabos!

Sapeca, como se saísse de um transe, fica parado com a catana na mão. Francisco dá-lhe o braço para que tome uma garupa atrás do filho no mesmo cavalo.

Chegando na ponte de João Cordeiro encontraram o cavalo branco a beber no corgo. Sapeca desmonta e vai pegar seu animal. Francisco parte a galope gritando para o companheiro:

- Vamos embora que há de trovejar muito!

Com *pouco* os cavaleiros já trotavam juntos, morro acima. Quando chegavam no topo do primeiro morro, um estrondo medonho ecoou e um clarão imenso alumiou toda a paragem!

- **ssssSSSSCAAATAAAAAAABBBBUUUUUUUUUUMMMMMM!**

- Valei-nos, Virgem Mãe-de-Deus! - Exclamou Sapeca, com a cara amarelada como o açafão!

Os sinos das igrejas de *Pitangui* começaram a repicar alvoraçados, dando uma idéia da confusão instaurada na vila.

Sapeca continuava paralisado com os ombros caídos e os olhos perdidos. Deu-se conta de que empunhava a catana e quis devolvê-la a Francisco Adão. O *negro* sorriu e lhe falou com mansidão:

- O estrondo não foi castigo de Deus, não, amigo. O Henriques é mesmo um canalha e extorquia-lhe ouro para não maltratar-lhe o filho. *Vossa mercê* tem direito ao pescoço dele... e não há de faltar ocasião... esse mundo vai e vem. A catana, dou-a a *vossa mercê*; fica-lhe bem a empunhadura.

Sapeca guarda a catana sob o arreio e o menino pede para passar para a garupa do pai. Francisco amiúda a explicação.

- O estrondo foi de uns barris de pólvora que havia debaixo das escadas da câmara... soltei o *negro* do *pelourinho*...

Sapeca balança a cabeça aprovando o ato.

A esta altura as labaredas, lá em *Pitangui*, subiam às alturas dando um tom avermelhado ao casario. Nuvens se contorciam no alto do céu, como se tivessem nas barrigas enegrecidas uma indigestão de eletricidade.

Um corisco passeou de fora a fora no firmamento, rachando nuvens e explodindo as alturas. A chuva veio mansa e compassada, mas a trovada avisava que já se ia despejar aos potes.

- Avante companheiro! A galope! - Gritou Francisco já em disparada pela lomba de morro que engolia o caminho.

Chegando na venda, Leandro lhes veio ao encontro. Apearam na porta deixando os cavalos com o *negro* tropeiro. O céu se pintou de breu e a chuva malhou bonito nas telhas da venda.

Francisco sentou-se ao jirau de mesa juntamente com o companheiro. Mandou que Da Cruz fizesse servir a janta e que mandasse chamar o *negro* Leandro. A *preta* mandou que Luzia *Parda* fosse procurar uma roupazinha que servisse no *moleque* e foi assentar-se com os amigos.

- Eu ouvi um estrondo... - insinua.

- Fui eu; soltei um *calhambola*... ele virá procurar *vassuncê*... é protegido meu... - relata Francisco em voz baixa.

Leandro vem chegando e o compadre pede que se assente à mesa.

- A onça bebeu água? - Pergunta.

- “Bebeu... e amanhã deve de bebê mais” - responde o tropeiro, entregando a Francisco a pistola e a catana que encontrara sob o arreio do cavalo de Sapeca.

- “Bão...” - responde Francisco, pondo a pistola na cinta e entregando a Sapeca a catana embainhada.

A chuva caía pesada. Maria Branquela serve a janta e todos comem em silêncio, escutando o barulho nas telhas e o ribombar de trovões ao longe.

## Capítulo V

**É**... nem os galos se aperceberam da manhã, por esta se fazer chuvosa e escura, fingindo-se noite ainda. Francisco Adão adentrou a venda e encontrou Sapeca debruçado nos livros e contas, abreviando os acertos com Josefa sob a luz das candeias.

Sapeca largou a pena e pediu a vendeira que conferisse as contas e o peso do ouro na bandejinha da balança. Antes de iniciar a aferição, a *preta* se deteve a olhar para o *negro* como se nunca o tivesse visto. Francisco já se vestira para a viagem. Usava as mesmas botas pretas, agora encobertas pela bombacha de droguete encourado, e camisa de linho branco cingida à cintura por uma barrigueira de camelão esverdeado onde se via o cabo dourado de sua pistola prateada.

O *negro* tirou o chapéu de feltro-chão e assentou-se ao jirau de mesa saudando os amigos:

- Ora viva, minha gente! Estamos prontos para a viagem?  
- Ora viva, quase prontos! - Responde Sapeca, acrescentando o resultado de suas contas: - Não há de ver que, feitas as contas, já estava a dever cerca de trinta oitavas a Da Cruz!... Ouro que vinha enfiando no biltre do Henriques para que poupasse o *moleque*...

Francisco mantém o seu sorriso, enquanto a vendeira meio acanhada continuava a aferição do ouro em pó na sua balança. A *preta* parecia incomodada por alguma coisa.

- O que foi Da Cruz? O *calhambola*, em sua chegada ontem à noite, não se houve com bom procedimento? - Indaga.

- Não; não é isto. Ele chegou respeitoso e lhe dei couro em meu porão, onde ainda deve estar a dormir...

- Que cara é esta, então, *nega*? É o *banzo* ainda?

A vendeira estremece e gagueja:

- *Vassuncê... vassuncê...* é Francisco Adão, ou é o Chico Beirão, o *negro* facinoroso mais caçado nesta Capitania?

- Eu já tive muitos nomes, *nega*... um deles bem pode ter sido este... conforme o *calhambola* lho deve ter *dito*...

Josefa da Cruz ficou paralisada. Media Francisco de cima a baixo, como se só agora enxergasse algo que até então não tinha ainda visto naquele *negro*. Com dificuldade conseguiu falar novamente.

- ... Se não o tenho servido com mais cômodo e respeito, é por falta de capacidade e de melhores recursos... soubesse quem era o senhor, teria me desdobrado em melhor servi-lo...

- O que é isto *nega*! - Levanta-se Francisco, indo assentar-se ao lado da amedrontada vendeira, abraçando-a.

Sapeca que a tudo assistia guardou os pesos e balanças em um saco de pano de algodão, fechou os livros e foi pedir a Maria Branquela que abreviasse o *quebra-jejum*.

Josefa da Cruz, toda encolhida, não ousava mexer-se e nem queria fugir daquele abraço temerário e terno com que Francisco a envolvera enquanto lhe acariciava com os dedos o umbigozinho do queixo.

- Da Cruz - iniciou o *negro* com uma voz rouca - eu sou Francisco Adão... doravante, sempre Francisco Adão. Chico Beirão foi nome de *calhambola*... nome de campanha. Continuo em guerra mas, de um outro modo. Após ter conhecido o meu senhor e *amo*, o Dr. Fernandes, resolvi mudar o jeito de guerrear pelo nosso povo. Agora faço parte de um sonho... um sonho de liberdade sem sangue. Agora eu sou Francisco Adão, emissário do Povoado do Cruzeiro... *vassuncê* compreendeu?

- Sim, senhor ...

- Assim não, *nega*. Nada de senhor... eu sou apenas Francisco Adão... apenas Francisco.

A *preta* sacudiu a cabeça afirmativamente e acariciou a mão do *negro*, em paga ao carinho respeitoso que lhe fazia no buracozinho do queixo. Submissa e de olhos ao vago, fala maternal e carinhosamente ao amigo:

- Pela fama que corre, pensava que *vassuncê* fosse um *negro de nação*... que fosse bem mais velho... mas, *vassuncê*, apesar da sabedoria que tem, é pouco mais que um menino. Eu nunca me embarriguei... nunca tive um menino, mas se tivesse tido um, teria hoje a sua idade...

- Eu nunca tive mãe, mas se tivesse uma, teria de ser bonita e de ter um bom coração, como *vassuncê* minha negazinha...

Maria Branquela, já na segunda viagem trazendo as *gamelas* de comida, punha sentido em tudo e se esforçava para ouvir as conversas.

Sapeca e Leandro vinham entrando e Francisco os chamou para assentarem-se à mesa.

- “E a tropa, cumpade Liando? Pronta para a carga?”

- “*In-sim*, cumpade. Os home vai cabá de cumê o *quebra-jejum* e começá a carregá as besta”.

- E o caminho, *suncê* sabe? - Indaga Francisco, aumentando o volume da voz.

- “*In-sim*” - respondeu Leandro, não entendendo a atitude do amigo.

- Qual o caminho a seguir, *negro*? - Insistiu Francisco no mesmo tom de voz.

Leandro atinou e respondeu no mesmo volume:

- “Saíno daqui, a tropa há de ir na direitura do São Joanico e, conforme as água, vai fincá acampamento no morro dos Cupim, perto do rio do Peixe!”

Maria Branquela ouvira o que queria. Pediu licença a Da Cruz e saiu de mansinho pensando não ter sido notada. Francisco tremeu a sobancelha e o *negro* Leandro piscou o olho.

Terminada a refeição matinal, Sapeca e Leandro foram chamar os homens para iniciar o carregamento das bestas. Francisco seguiu Da Cruz em direção aos seus aposentos.

O quarto da *preta* tinha uma enorme cama de madeira talhada, um toucador espelhado e com tampo de mármore, uma grande *canastra* dotada de três cadeados, onde guardava suas roupas e tesouros, e um oratório onde se destacavam *São Sebastião* e Nossa Senhora do Rosário e queimava uma vela pelas almas do purgatório.

Francisco arrastou a cama para um lado, revelando o alçapão por onde se desce ao porão da venda. Da Cruz acendeu uma candeia na vela das almas e sumiu escada abaixo acompanhada do *negro*.

Lá embaixo, cada candeia pendurada na parede, acesa pela vendeira, ia revelando o ambiente do porão. Era um buraco enorme e bem esquadrado, sobre o qual se construíra a venda. Esteios vigorosos sustentavam o assoalho da venda, circundados por outros mais grossos ainda que subiam em arcabouço a toda construção da casa. *Canastras* e mais *canastras*, umas fechadas, outras abertas mostrando a abundância de mercadorias ali guardadas por serem proibidas ou contrabandeadas.

Uma figura saiu de um canto mais escuro atrás de umas *canastras* e veio se aproximando.

- “A bença, *gunga*” - rosnou a figura, dando à luz das candeias a cara *negra* e brilhante.

- “Bençoi, *malungo* Orozimbo. Copequera só num cura *congembo*. Ovê tá sintino mió do machucado ia *anduro*?”

- “*In-sim*. Da Cruz banhô de arnica o lugá do ferro, onte memo. Omindes num vê hora ia vortá a sengüê... ovê pra donde vai *gunga mia*?”

- “Tô vivo no *nim combaro-catita* de povo livre na parage ia Lambari... larguei a desorde, mais num largo *mia malungo*... podeno, dô *catiça* e fuga”.

- “*Angana-N’Zambi* iô *catiça*, *manjanguê pamba*!”

Da Cruz deixa os homens conversando no porão e sobe para organizar as listas de mercadoria. Encontrou o salão dos fundos repleto de *canastras*, *surrões* e *borrachões* e os tropeiros a limpá-los e a consertá-los para o carregamento. Assentou-se à mesa com Sapeca e conferiu a lista de mercadorias a serem remetidas ao Dr. Fernandes Preto.

- Tudo pronto, Sapeca. Agora os homens podem ir descendo de dois em dois e vir trazendo as fazendas.



Sapeca chamou Miguel *Angola* e Leandro, instruindo-os para que trouxessem primeiramente as espingardas, a pólvora e o chumbo por serem mercadorias a se dissimularem em meio a carga.

- “Tonié!” - Chamou Da Cruz. - *Suncê* e o Teodoro podem ir pegar as roupas e os panos. Os fardos estão envoltos em couros de sucuri guardados debaixo da escada...

Otoniel e Teodoro desceram e, *com pouco*, voltaram o Leandro e o Miguel *Angola*. O primeiro trazia uma braçada de espingardas novas, do tipo que tem o cano preso por anéis de ferro e coroa de noqueira. O outro, o *negro* magro e grandalhão, trazia além de três barris de pólvora, um quarto barril contendo dez arrobas de chumbo como se fossem brinquedos feitos de buriti.

- Da Cruz - disse Leandro colocando as espingardas num canto da sala - “Francisco tá chamano lá no quarto”.

A vendeira, incontinenti, deixou o posto e foi para o seu quarto. Entrou e encontrou o *negro* com uma pena na mão e uma folha de papel em branco pousada sobre o mármore do toucador.

- *Vassuncê* possui algum papel que tenha assinatura do juiz *Antônio Jácome Bezerra*?

- Devo ter - responde a *preta*. Foi até a cama e levantou o colchão, onde guardava grande quantidade de manuscritos. - Veja, este é a nomeação de um *almotacel*. O bêbado o esqueceu certa feita aqui na venda... a assinatura, a do meio, é do juiz Bezerra...

- Pois muito bem... muito bem - sorriu o *negro* pegando o papel cujos grafismos passou a estudar com toda atenção.

Josefa já vira uma vez o que Francisco era capaz de fazer apenas com um papel em branco e uma pena. Ficou observando o que estaria urdindo desta feita. O *negro* gesticulou muitos movimentos com a pena, regulou melhor a sua abertura, meteu-a no tinteiro e passou a escrever rapidamente. Terminado o documento, assinou-o por três vezes e aplicou-lhe areia matando-lhe os borrões. Devolveu a areia ao recipiente e sorriu para a amiga.

- Deverá servir de salvo-conduto precário para o nosso amigo *calhambola* - disse, entregando o documento à curiosidade de Da Cruz.

A *preta* ficou maravilhada. A letra do texto, sem dúvida, era a do escrivão Manoel Pereira. As assinaturas, além da do escrivão, havia a do juiz *Antônio Jácome Bezerra* e a da testemunha Isaías Henriques, todas tão perfeitas que, certamente, nem os próprios supostos signatários as ousariam negar:

“Saibam todos quantos a esta carta de trânsito virem, que o portador desta, *negro* de nação, por nome e Orozimbo *Manjanga*, é meu escravo de confiança e tem minha ordem, registrada na câmara desta vila para todos os efeitos de lei, para transitar pelos matos deste e de outros termos desta Comarca do Rio das Velhas, pelo motivo de estar a procurar nesses *ditos* matos ervas e raízes de botica que lhe ordenei achar para a cura de minha mulher que se acha enferma e precisando das *ditas mezinhas* só encontráveis em sertões. Passada nesta *Vila de Pitangui*, aos vinte e oito dias do mês de janeiro do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil,

setecentos e cinqüenta e sete anos, por mim escrevão ao diante nomeado, a rogo de *Antônio Jácome Bezerra*, juiz da dita vila e senhor e possuidor do dito escravo que desta será portador. (...)”

Os tropeiros, sob o comando de Luzia Parda e de Sapeca, continuaram a descer e a subir carregando as fazendas do porão para a sala dos fundos da venda.

Josefa dobrou o papel várias vezes até reduzi-lo a um quadradozinho. Pegou seu balaiozinho de costura e foi assentar-se na cama, dando as costas a Francisco. Enfiou o papel dobrado dentro de uma capangazinha de couro e passou a cozê-la, dando-lhe a forma de um bentinho.

- Quero recomendar uma coisa a *vassuncê* - disse o *negro*, assentando-se do outro lado da cama, frente à boca do alçapão.

- Hum-hum - respondeu a *preta* sem se distrair da costura.

- Miguel é apenas um menino grandalhão. Quero que *vassuncê* tenha mais paciência com ele.

- Mais paciência? - Respondeu maliciosa.

- Sim. É grandalhão mas não passa de menino. Prometo a *vassuncê* que quando retornar a esta venda hei de trazer um *negro* mais *ladino*... que lhe será de mais agrado. Então, *vassuncê* me devolve a *peça*... é afilhado meu.

- Perfeitamente - sorriu a vendeira. - Miguel não me tem sido um homem e sim uma despesa. *Vassuncê* sabe, homens não faltam, mas gosto só do que é meu... gosto de ser dona... de ser obedecida e, Miguel...

- Eu sei... eu sei. Fica avençado então. Trar-lhe-ei outra *peça* e *vassuncê* me devolve o Miguel.

Josefa ia gracejar quando lembrou-se de quem era realmente aquele *negro* que até então supunha ser um pelintra qualquer: Chico Beirão, o terror das estradas, vilas e fazendas. O que montava a cavalo em senhores de escravos e chefes de povoados, após deixá-los pelados e com freios na boca. O que castrava *capitães-do-mato* e os fazia comer suas próprias *encomendas*. O que esquartejava traidores, fossem homens ou fossem mulheres. O *calhambola* lhe garantira: era, sem dúvida, o tal Chico Beirão. Devia ser mesmo. Muitas vezes desconfiara que fosse *capitão-do-mato*, mas jamais um *calhambola* e muito menos o mais amaldiçoado da Capitania.

- Haverá de estar gozando de perfeita saúde quando *vassuncê* a esta venda regressar - respondeu a *preta*, tirando um tamanco e prendendo um fio de lã no dedão do pé, passando a torcer um cordão para o bentinho.

- *Vassuncê* mandou que Maria Branquela fosse cuidar de algum afazer fora da venda? - Inquiriu o *negro*.

- Ela pediu-me, ontem, para ir visitar a sua senhora... deve ter ido para a vila.

- Da Cruz - virou-se Francisco puxando a *preta* pelo braço - aquele *pardo* atarracado que a deixou na cisma era mesmo um *capitão-do-mato*. É antigo desafeto meu... veio da Bahia a ter nestas Minas em meu rastro. Ele quer a minha cabeça e na verdade não se foi embora. Está acoitado lá perto da *Onça* e Maria Branquela tem-lhe sido a *futriqueira*. Hoje deve ter-lhe ido levar a notícia de nossa retirada e a diretura que a tropa irá tomar...

A vendeira virou-se surpresa e temerosa:

- Aquela bruaca cor de *cuia*! Vou lhe dar uma tunda de *bacalhau* e devolvê-la a sua dona! Eu vou castigá-la, *vassuncê* pode ficar certo disto!

- Não - respondeu o *negro* com a testa franzida.

- Não ? - Surpreendeu-se Da Cruz.

- Não. Quando voltar, diga-lhe somente que o serviço está se rareando e que *vassuncê* não carece mais da ajuda dela. Dê-lhe algum ouro e a entregue em mãos da dona.

- Eu faço questão de espancá-la pessoalmente! - Insiste a vendeira trincando os dentes.

- Escute - sentenciou o *negro* - *vassuncê* faça o que eu lhe digo. Ela sabe muita coisa sobre a sua venda... sobre o Povoado do Cruzeiro. É preciso mais prudência, *nega* - conclui Francisco indo assentar-se no outro lado da cama junto a vendeira.

- Está muito bem. Mas, dia menos dia, ela há de me pagar. Caninana ruim. - Remói Da Cruz encordoando o bentinho contendo a carta de trânsito.

Francisco pegou o bentinho e desceu para falar com o *calhambola* e Da Cruz foi para a sala da venda verificar a arrumação da mercadoria.

Orozimbo, sentado numa *canastra*, comia *farinha de guerra* enfiando as mãos gulosas no farnel de couro e arremessando sem parar a farofa na boca esganada. Vendo Francisco, puxou prosa.

- “Liando é *onumuquacho* bão. *Otombo* ia vicongo mata *injara* ia *mia* estamo”- disse o *negro* chovendo farinha dos beiços.

Francisco entregou-lhe o bentinho, mandando que pusesse no pescoço. O *negro* obedeceu e olhou interrogativo ao amigo.

- “*Suncê* deve de ficá acoitado aqui mais uns tempo. Nós vai simbora hoje. *Patuá* é *tiapossoca* té trevessá o rio das Véia. Tem papel dento onde fiz seu dono falá letra que *ovê* tá caçano raiz pra curá a *macuca* dele. *Suncê* tem cuidado... mais se pisá *arataca* dos home-do-mato, segura o *patuá* e mostra”.

- “*Angana-N’Zambi* iô *catiça*, *manjanguê*” - respondeu Orozimbo demonstrando ter entendido e fazendo vênia ao amigo.

- “*Angana-N’Zambi catiça ovê*, mais *ovê* tamém percisa ia *catiça ovê*” - argumenta Francisco, oferecendo ao *calhambola* uma espingarda que estava sobre a *canastra* próxima.

- “*Omindes* perfere um *quiapenga* bão... *ussonho* não tem *babaré*...”- responde o *calhambola* gesticulando o disparo de uma flecha.

- “Então vô mandá *malungo* Miguê trazê ponta de ferro pra *ovê* carapiná munto *ussonho* até *mossoroca* passá”.

- “*Gunga* Beiçado vai simbora já? Vai saí na *mossoroca* que tá?”

- “*Perciso*, *manjanguê*. *Mossoroca* é bão, pra num ficá rastro. *Angana-N’Zambi* iô *catiça*, *manjanguê*!” - Despede-se Francisco, fazendo vênia ao amigo.

- “*N’Zambi catiça ovê*”- responde Orozimbo, vendo amigo sumir-se escada acima.

- Espere um pouco - chamou Da Cruz do fundo do quarto, onde estava agachada em frente à *canastra* aberta.

Francisco voltou-se e viu a *preta* caminhar na sua direção, trazendo nas mãos uma espada embainhada em bronze polido e cravejado de pedras.

- Foi do meu paulista. Já sangrou muito emboaba ladrão. Não tivemos filhos nem herdeiros. Eu quero dá-la a *vassuncê*, por ser o *moleque* mais bom e justo que conheci.

Francisco empunhou o cabo de marfim e desembainhou a lâmina brilhante. O gancho prateado protegia-lhe a mão e projetava quase meia *braça* do mais puro aço, sulcado dos lados como a indicar o caminho do sangue desde a ponta da agulha.

- Ah! Josefa da Cruz! Mais obrigado ainda fico, a partir de hoje, a *vassuncê*! - Diz o *negro* encantado, cingindo à cintura, sob a barrigueira esverdeada, a bainha dourada de bronze polido.

- Deus guarde *vassuncê*, *negro* valoroso! - Responde a vendeira com um jeito embargado.

Francisco embainha a espada, beija a testa da amiga e sai vagaroso do quarto. Da Cruz estática, assim ficou até não ouvir mais o ranger do assoalho e o batido das botas que o barulho da chuva abafou. Gosta de não saber para que lado partem as tropas e não gosta de se despedir de quem gosta.

O *negro* parou na porta da cozinha e lançou um olhar debochado para a cozinheira. Luzia deu de ombros e jogou-lhe um beijo enxombrado. A porta da venda era um breu. O barulho da chuva era forte, mas se lha não via. Francisco esgueirou-se sob as telhas e foi ter na *cafua* de Miguel *Angola*.

O afilhado, sem dizer uma palavra, pendurou cruzados os dois *polvarinhos* de chifre, a tiracolo nos ombros do padrinho. Abriu-lhe depois o enorme capote de duquesa vermelha forrado, e o padrinho o vestiu em silêncio. Depois estendeu a mão ao afilhado.

- “Bença padim Chico Adão”- beija-lhe a mão o *angola*. - “Conta pra *ovini macuco* que Migué tá bão... tá filiz” - recomenda o *negro*, o que os seus olhos rasos d’água estavam a desmentir.

- “Ah! Fio! *De jeira* memo, *suncê* vai podê falá isso pra ela! Quando chegá São Pedro, Liando trais outo *nego* e *suncê* vai podê voltá pro povinho! Tem paciência, fio... tem paciência!” - Responde Francisco, abraçando o *negro*-menino grandalhão que, chorando por cima, lhe molha as abas do chapéu.

- “Põe sintido, Migué”- recomenda - “Maria Branquela num presta. Feis *vavaru* pros home-do-mato, quereno *congembo* nosso. Jusefa vai mandá ela simbora. Põe sintido!”

- “*In-sim*. Maria num presta; vô abri o zóio”.

- “Orozimbo é *nego* bão... *nego pamba*. *Suncê* ruma logo pra ele umas ponta de ferro... ruma tamém uns pau bão pra *quiapenga* e *ussonho*...”

- “*In-sim*, padim, vô arrumá agurinha memo!”

- “*Angana-N’Zambi* guarde *suncê*, fio bão!” - Despede-se Francisco deixando a *cafua*.

A tropa estava impaciente. Francisco sentiu a força da chuva no escuro a fustigar-lhe as abas do chapéu e a escorrer cachoeiras pelos ombros encourados de seu capote. Passou pelas mulas carregadas no meio da estrada; vultos impassíveis no escuro aguaceiro.

- “Eia, cumpade!” - Gritou Leandro. - “O cavalo tá aqui!”

- “Vamo cum Deus!” - Respondeu Francisco, buscando o seu baio de olhos acesos no breu do rancho de tropa.

Montou o cavalo e chamou a quem não via:

- Amigo Sapeca!

- Aqui estou, companheiro! Trago o menino na garupa, debaixo de meu capote! - Respondeu o *dito* amigo, chegando mais perto.

Leandro gritou no meio da tropa:

- “Tunié, Tiodoro, Gumerchino! Um na frente e dois no coice! Vamo cum Deus e nossa Senhora! Capeta, fica pra trais tocano viola!”

A tropa partiu devagar, na chuva e no escuro, sem sino, sem rumo e sem rastro.

O *angola*, da porta de sua *cafua*, com *pouco*, nada mais viu nem ouviu. A madrugada escura engoliu a tropa inteira misturada no breu; e, o barulho da chuva, o seu tropel.



## Capítulo VI

**A** tropa seguia vagarosa e constante, no mesmo passo da chuva pegajosa e fria. A estreita trilha ora subia, ora descia, ora atravessava matos fechados, ora carrasquinhos, ora terrenos pedregosos, ora pantanosos, sempre margeando o rio Pará abaixo e mantendo média distância de suas águas cheias.

O dia se ia clareando aos poucos. O *negro* Otoniel, sempre à frente das mulas, guiava-as em marcha constante, escolhendo-lhes os melhores caminhos, evitando-lhes os buracos de tatu e os lamaçais mais profundos. Assim como Teodoro e Gumercindo, o guia andava descalço e vestia apenas calções de algodão encardido, com o resto do corpo nu e a cabeça coberta por chapéu copado de camelão. Otoniel trazia na cinta um longo facão de ponta e corte. Gumercindo e Teodoro, além de facões, ostentavam bordões de pau com aguçadas choupas de ferro encaستoadas na ponta.

Francisco e Sapeca, embuçados em capotes de droguete de ombros encourados que cobriam também os cavalos, traziam os chapéus atolados na cabeça e seguiam logo atrás dos dois *coiceiros* da tropa.

Leandro vinha em separado, seguido mais atrás numa distância de quarto de *légua*, pondo o sentido na retaguarda para evitar surpresas e vigiar eventuais rastros.

As sete mulas levavam dez *canastras* e quatro balaies bem carregados. Couros de sucuri e de onça cuidadosamente estendidos e presos sobre os balaies e *canastras* protegiam da chuva a carga.

Uma mãozinha levantou o capote atrás de Sapeca, aparou o ar para medir a chuva e voltou a se esconder rapidamente.

- Ah! Ah! Ah! Parece que o pequeno canguçu está querendo deixar a toca, amigo Sapeca! - Gracejou Francisco.

- *Já não era sem tempo!* Desde que saímos, esse dorminhoco vem como uma ventosa agarrada em meu corpo!

A capa, na garupa de Sapeca, volta a reboir-se toda daqui e dali e, enfim, ergue-se de uma banda mostrando sorridente o *moleque* protegido por uma carapuça de couro e um poncho de droguete esverdeado.

O caminho estirou-se para uma baixada e os animais começaram a manquitolar com esforço para atravessar o lamaçal.

- As dificuldades seriam menores se tivéssemos esperado passarem as *águas*, amigo Francisco - comenta Sapeca.

- Sem dúvida - responde o *negro* - porém, viajar com chuva é de nosso interesse. O Dr. Fernandes, conforme já lhe disse, quer segredo sobre a localização de nosso povoado... viajando na chuva, as *águas* cuidam de apagar nossos rastros...

- Quando chegaram à venda de Josefa, em meados deste mês de janeiro, chegaram a pé... como foi que vieram em meio às pesadas chuvas que caíam então... a quanto dista o *dito* Povoado do Cruzeiro?

- Para voltar teremos que cobrir cerca de trinta *léguas*, segundo calculo. Mas, para vir a *Pitangui* foi-nos bem mais fácil e pouco penoso. Gumercindo é canoeiro experiente e sabe conversar a língua das *águas* do rio São Francisco. Viemos numa canoa até a barra do Marmelada e lá vendemos a embarcação a uns *garimpeiros malungos*. Seguimos a direitura do rio Pará em sua margem esquerda até a passagem do rio Peixe. Ali passamos à margem direita do *dito* Pará e viemos a ter no Bromado pelo mesmo caminho em que ora voltamos.

- Muito engenhoso... deveras engenhoso... mas arriscado demais, segundo estou sabendo. Dizem que o São Francisco é como um monstro cujas cheias a tudo devoram!

- Trazíamos carga muito valiosa e não poderíamos correr um risco maior, que seria o ser descoberto ou apanhado por *capitães-do-mato* e outras gentes mercenárias que infestam esses sertões.

- Assim é, pois eu mesmo aferi o ouro e as pedras e vi que se tratava de uma pequena fortuna...

- Josefa tem freguesia certa, é honesta e nos consegue bons preços em *fazendas secas e molhadas*.

- De onde sai tanta riqueza, amigo? O Povoado do Cruzeiro possui tantas lavras ricas assim?

- Não. Poucos de nossos homens a tal mister se dedicam. O Dr. Fernandes acredita mais é na lavoura de roça e na criação do gado vacum e porcos. Apenas parte dos diamantes advém do nosso pequeno *garimpo* na paragem chamada Calhambal. O grosso da riqueza na verdade foi-nos entregue pela gente do *Campo Grande* com quem mantemos negócios e trocas.

- Então, parte das fazendas da carga que levamos, à mesma gente pertence?

- Sim. Principalmente o ferro, as armas, a pólvora e o chumbo, além de sal e *mezinhas*.

- Vejo muito perigo em tal atividade, visto que a Capitania toda tem-se levantado contra a tal gente do *Campo Grande*... e fornecer-lhes armas...

- O Dr. Fernandes desaprova as atividades e não mantém comércio com aqueles *negros* mais *absolutos* e criminosos. Para fortalecer o Povoado do Cruzeiro, temos a necessidade e a esperança de cativar mais e mais gente daquela paragem, mormente aquela que vive da roça e da indústria das próprias mãos, como o tecer panos e o entalhar a madeira no fabrico de móveis, em que são mestres muitos *negros* e *pardos* daquele *país*. Precisam de armas para defenderem suas casas e famílias e nunca praticaram desordens, somente se defendem da gente aventureira que movida pelo ouro oferecido pelas cabeças de seus filhos vão a matá-los nesta ambição.

- Vistas dessa forma, *ditas* trocas e negócios se justificam plenamente, mesmo porque as gentes do *dito* Povoado do Cruzeiro são pessoas livres, pois não?

- Pois sim, Sapeca. Não receie... não estou a levá-lo e a seu filho para um quilombo; não. Somos um povoado constituído somente de gente livre, gente de todas as cores: brancos alguns, *negros* outros e a maioria mestiçada de *mamelucos*, *caribocas*, *cabras* e *pardos*, todos livres e vassalos de El-Rei.

- Estou, cada vez mais, ansioso para conhecer o nosso prezado *amo*... a cada coisa que me conta *vossa mercê*, mais me certifico de que o *dito* Dr. Fernandes é pessoa rara e distinta - comenta Sapeca.

A chuva foi encolhendo seus pingos, recolhendo, rareando e parou. O horizonte se fez mais nítido. O morro que visto de longe parecia coalhado de choupanas de *gentios da terras*, agora, mais de perto e mais delineado, desmanchava a ilusão e revelava uma verdadeira vila de cupinzeiros a lhe cravejar o topo.

A tropa seguiu macia, pisando a relva molhada sobre o chão pedregoso, indo em direção ao grande coqueiro que no sopé da colina se postava como uma sentinela do povoado de cupins. Ganhou, morro acima, trilha segura e foi-se ziguezagueando em meio aos cupinzeiros e arbustos enfezados até se sumir no horizonte, engolida pelo *dito* morro dos Cupins.

O atrás do morro guardava deste mundo uma divina visão. Uma belíssima e esverdeada lagoa, um reino de aves e bichos em pleno gozo de suas tendências naturais. Era rodeada de delicada floresta, onde cipós multicores entrelaçavam-se às árvores e sobressaíam em suas aberturas e acessos as embaúbas, as macaúbas e os buritis, os grandes caniços de flecha e as tabocas emplumadas. Um sol mirrado esperançava os paturis e os seus primos. Um de repente, e uma revoada de jaburus e paturis enfeitou os céus em resposta à aproximação da tropa. Capivaras, antas e pacas riscaram as águas silenciosas sumindo em meio aos galhos das árvores engolidas pela cheia, na margem oposta. Suçuaranas, canguços e onças pretas, misturaram seus olhos ao mais denso da floresta para melhor vigiar os forasteiros.

A tropa seguiu margeando a lagoa, pisando a relva molhada e fresca, macia como um feltro verde de lodo e salpicada de flores silvestres vermelhas, amarelas e, de quando em vez, brancas. O silêncio das dez horas da manhã tocava uma música voadora e maviosa a que os pássaros respondiam ecoando cristais de suas câmaras, nos recamos da floresta. Mesmo as mulas já não conversavam entre si. Até as pedras eram ouvidos.

A lagoa foi ficando de banda e a vegetação perdendo a igualdade do viço. Um pouco mais à frente, onde carrasquinhos elevados rompiam a paz e devolviam bruteza ao sertão, a tropa parou.

- O rio do Peixe fica logo atrás do próximo morro - avisou Francisco - e aqui vamos fincar acampamento!

- Caro amigo Francisco - interpõe Sapeca - o sol ainda está longe do seu pino... não se faz muito cedo esta parada?

- O amigo até pode ter razão. Deste ponto onde estamos, quebrando-se à esquerda, sai-se logo acima da barra do rio do Peixe, onde o Pará tem águas rasas e oferece segura passagem, no entanto, temos que esperar pela chegada do compadre Leandro pois este foi o combinado. Além disto, estou desejoso de saber se estamos ou não sendo rastejados...

- Pelos tais *homens-do-mato*? Mas, que diabos iriam querer tais urubus com *vossa mercê*, um homem liberto?

- Vou contar a *vossa mercê* o caso todo - responde Francisco, apeando do cavalo.

Os tropeiros amarram as mulas em arbustos e saem com as facas nas mãos, procurando paus e indaiá para levantar um abrigo. Sapeca e o filho também apeiam e, enquanto vão desarreando o cavalo, Francisco começa o caso sem desarrear o seu.

- Antes de ter conhecido o Dr. Fernandes, estive vagando uns tempos lá pelos sertões da Bahia. Conheci por lá um velho padre excomungado e andarilho de quem me fiz companheiro de viagem. Voltando para estas Minas, encontramos o último povoado daquela Capitania na paragem onde o rio Verde faz barra com o São Francisco. Gente pobre, a maioria *caribocas*, *pardos* e *negros* livres. Ficamos sabendo que aquele pobre povo estava sob o jugo de *Capitães-do-mato*, *absolutos* e cheios de ruindade que além de cobrar-lhes criminoso tributo os exploravam em roças, como se escravos fossem. Quando chegamos, os *ditos homens-do-mato* estavam ausentes e o velho padre, perigoso de língua, cuidou de plantar sedição no coração dos mais moços, a quem armou de paus e ferramentas. Poucos dias passaram e chegaram os malditos, cheios de si e a exigir o tributo. A refrega foi pouca. O povo amarrou os três maiores e o resto fugiu. Queriam sangrar os opressores, mas o padre os tirou de idéia, dando-lhes outra: mandou que aplicassem uma tunda de vara de marmelo nos três urubus, até lhes tirar o couro. Depois, os homens daquele povo, fazendo fila e bebendo muita cachaça, mijaram o dia inteiro na cacunda e na cara dos desgraçados. À manhã seguinte, assistimos as mulheres e os meninos do povoado que, a custa de mais tunda de vara e apedrejamento, fizeram com que seus opressores corressem até uma *légua* da paragem.

- Ah! Ah! Ah! Francisco! Daria o meu chapéu para ter visto semelhante correição! Ah! Ah! Ah! Este padre velho, mesmo excomungado, acho-o um santo homem! Ah! Ah! Ah!

- Sem dúvida, amigo. *Vossa mercê* há de conhecê-lo em breve. Fizemos para ele uma ermidazinha lá no Povoado do Cruzeiro. Hoje, é um dos nossos.

- É o que lhe digo... daí, a minha pressa... não vejo a hora de conhecer esse admirável Dr. Fernandes e a sua gente toda!

Os três tropeiros tinham fincado esteios no chão e já começavam a cobrir de indaiá uma cafuazinha. Francisco foi a eles, tirou o capote de droguete e, entregando-o a Gumerindo, recomendou:

- “Descarrega logo as mula... tira uma espingarda para cada home, porva e chumbo... municia as arma e abre o zóio!”

Examinou sua pistola e os *polvarinhos* de chifre a tiracolo onde trazia sua munição de pólvora e balas. Montou novamente o seu cavalo e, voltando para Antônio Pinto, encarceu:

- Amigo Sapeca, não se descuide do menino... o perigo pode ser grande! - E saiu a galope, sumindo-se na florestazinha da lagoa rumo ao morro dos Cupins.

As nuvens ajeitavam-se para lá e para cá no céu, ora fechando tudo, ora deixando nesgazinhas por onde o sol enfiava raios preguiçosos.

O *negro* galopava pensativo. Nem tudo contara a Sapeca. O ódio que os *capitães-do-mato* tinham por ele devia ser de sangue e de morte. Antes de levá-los ao *tronco* os havia capado a macete, deixando-os roncolhos de um bago. E fora muito pouco. Os amaldiçoados haviam tomado conta de todas as mulheres daquele povoado. Tinham embarrigado duas meninas de menos de onze anos de idade e matado uma pobrezinha de sete, segundo denunciou o povo, à qual, despedaçaram as *vergonhas* tentando amaldiçoado matrimônio e cometendo o mais horrendo dos pecados mortais. Devia tê-los matado mas, em nome de Deus, fora o velho padre quem fizera o julgamento e assim circunscrevera a sentença, incluindo a soltura dos criminosos após a *capação e tunda*, para que fossem em paz. O Dr. Fernandes, sabedor do caso, achou que a sentença não podia ser mais sábia e mais justa. O amigo e compadre Leandro, não: viu na *dita* soltura, não só uma injustiça muito grande, como alertou ao compadre de que fizera uma bobagem pois, mais dias, menos dias, os roncolhos viriam buscar vingança no seu sangue e nos seus bagos. Agora, era só esperar.

Chegando ao cume do morro dos Cupins, Francisco emparelhou o cavalo ao maior de todos eles e passou do arreio para o cocuruto daquele gigantesco murundu. Deixou o cavalo a pastar solto e, agachado no grande cupinzeiro, acomodou os olhos lá embaixo, na boca da trilha que rumava ao coqueiro no pé do morro. Ficou pensando na vida. Riu-se ao lembrar do velho padre excomungado que chegando ao Povoado afeiçoou-se ao velho Vicente Soares, *negro* feiticeiro, e o tomou para acólito de suas missas de domingo. Depois, reciprocamente, também passou a acolitar o mesmo *negro* em suas rezas e mandracas das sextas-feiras, numa associação fraterna que, sem dúvida, lhe valeria uma nova excomunhão, ou talvez fogueira, caso *Santo Ofício* disto soubesse e lho tivesse alcance. “Excomungaram-me, mas eu os excomunguei de volta, em dobro”, dizia o velho com a convicção e a autoridade de seus mais de cem anos de idade!

O vento veio trazendo um barulho de quebrar de mato e, *com pouco*, a boca da trilha cuspiu Leandro montando seu russo na direitura do coqueiro. O cavaleiro abanou o chapéu e veio subindo devagar em meio aos cupinzeiros e aos arbustos. À certa altura, Francisco gritou:

- “*Cavéia*, cumpade? Temo *nhorrã* no rasto?”



- “Temo sim! Mas, é só a grande! As outra eu num vi; deve de tá vino derramano veneno mais p'atrais!” - Respondeu Leandro, aproximando-se e parando seu cavalo na frente do compadre que permanecia agachado sobre o enorme cupinzeiro.

- “*Suncê* pode acabá de chegá, homem. Manda fazê um fogo pras cobra vê e abreviá o passo. Vô ficá esperano aqui!”

- “O *pardo* atarracado tem uma espingarda grande, a maió que eu já vi... é bão *suncê* saí de cima desse cupim se num quisé perdê as pena” - gracejou Leandro, seguindo para o acampamento.

Francisco firmou os olhos na trilha e apurou os ouvidos. As nuvens fugiram do meio do céu, o sol se mostrou a pino e enfiou as *sombras debaixo dos pés* das coisas. Quando *ditas sombras principiavam fuga ao nascente*, um ventozinho trouxe às orelhas do *negro* uns barulhos de pau quebrando ao longe.

- É um só - pensou Francisco em voz alta - tomara que seja o atarracado, o que matou a meninazinha...

Quando o *capitão-do-mato* apareceu na trilha, o *negro* se pôs de pé sobre o cupinzeiro e gritou:

- “Eia, Xibungo! Bamo cabá de chegá! Vai tê canjira-canjerê em cima do *camundá*!”

- “*Bambuzaô, cangúia!* Vô pegá *suncê, negro!* Vô arrancá seu *morumbo*, cum bago e tudo!” - Gritou o *pardo* montado a cavalo lá na boca da trilha. Depois, aprumou-se no arreio e fez pontaria com a espingarda.

Francisco, crendo ser impossível que o tiro de uma espingarda alcançasse tal distância, se expôs ainda mais em cima do cupinzeiro, desafiando o homem-do-mato. O *pardo* fez fogo sumindo-se no fumaceiro e o *negro* sentiu a bala a lhe passar zunindo perto do ouvido. Percebeu o engano e pulou no chão feito um canguçu, negaceando entre cupinzeiros. Escorvou sua pistola e ficou na espreita. Depois, ouviu um relinchar de cavalo solto lá no sopé do morro e um sutil estalar de gravetos morro acima. Esgueirou-se à esquerda e rastejou morro abaixo entre os cupinzeiros, tangenciando o barulho. O *pardo* tinha fedor de jaratataca. O *negro* apurou as ventas e sentiu a catinga passando ao largo, morro acima entre os cupinzeiros, do outro lado da trilha. Aquietou-se e esperou.

Quanto o vento empurrou morro acima a catinga, Francisco cruzou a trilha e foi ganhar melhor visão no arruamento de cupinzeiros que se fazia paralelo ao caminho. Viu de relance o *pardo* ganhando o cume do morro. O *capitão-do-mato*, visto de costas, tinha a pistola numa mão e na outra, a catana. A enorme espingarda que lhe pendia às costas devia estar descarregada. O *negro* marcou o rumo e foi subindo, movendo-se como uma cascavel caçando buraco de cupim.

O *capitão-do-mato* ganhou o cume do morro e contornou o cupinzeiro gigante. Babou de ódio não achando nada. O cavalo de Francisco, que pastava morro abaixo, do outro lado bufou e bateu os pés no capim. O dedo nervoso se traiu e chamou da pistola o gatilho, despejando chumbo no rumo. Ao ver o tropel morro abaixo e o cavalo sem cavaleiro, o homem-do-mato praguejou aos diabos e escorvou a outra pistola, guardando na cinta a vazia.

Francisco que a tudo viu, resolveu dar fim à caça:

- “Xibungo!” - Gritou, mostrando a cara, de um cupinzeiro próximo.

O *pardo* abriu fogo e perdeu a bala. O *negro* saiu de trás do murundu com a pistola numa mão e a espada na outra. Mirou na cabeça do *pardo*, mas só arrancou-lhe o chapéu. Guardou a pistola na cinta e gracejou com o homem-do-mato.

- “Bamo Xibungo! Bamo acertá nossa avença!” - Chamando-o com um vem-cá acenado com a ponta da espada.

- “É a satanás que agradeço, *negro sumbanga!* É por ele que eu hei de cumê seu *mataco* ... enfiar-lhe um bambu no *itaco* ... rasgã seu *morumbo* e arrancá seus bago!”

- “Não, Xibungo, o que *suncê* percisa é de *urundungo* na capadura! Vô rumá pra *suncê* !” - Responde Francisco, aparando a cutilada que o *pardo* lhe desferiu.

O sol brilhava no céu. Os inimigos se caçavam como feras rodeando cupinzeiros, fazendo ecoar nas cercanias o retinir do aço e o rugir dos impropérios babados de ódio.

Francisco, além da espada, usava um zombeteiro sorriso, fazendo com que o homem-do-mato perdesse o controle dos nervos. O *pardo* atacava com sua catana recurvada e trazia a tiracolo a espingarda sem carga. O *negro* zombeteiro abriu a guarda e o *pardo*, caindo no logro, atacou. Francisco rebateu-lhe de volteio a catana e teve aberto o caminho da goela de seu agressor. Zombou: cortou-lhe no peito a alça de couro, fazendo a espingarda cair e, com a ponta do aço, furtou-lhe também a pistola, sem rasgar-lhe a barriga, em mercê.

O roncolho *pardo* do mato urrava e espargia fedor. O *negro* brincava e sorria, até que a lembrança da morte lhe trouxe a mãe da menina: “Esse porco tem de morrer, sô Francisco, ou a minha negrinha nunca vai ter descanso”. O *pardo* tremeu e peidou, ao ver-lhe um brilho nos olhos e ao sentir-lhe a espada pesada a dentar-lhe a catana nos golpes, como se fosse de estanho o cutelo que, impotente, tentava interpor. O *negro* tinha *azagaias* nos olhos e muitas arrobas no braço a apesar e a catana subiu pelos ares com um dedo enganchado na cruz. O homem-do-mato, sem dedo, fez careta de ódio e de dor, a espada lambeu-lhe a cara, a barba, e cortou !

- “Ai! Minha orelha, maldito *negro* do *cariá* !” - Gritou o *capitão-do-mato*, arremetendo-se por terra, em busca da orelha decepada ou do toco de dedo da mão.

Francisco queria matá-lo de pé. Foi apanhar-lhe a catana arrancada, que caíra por perto dali. Quando quis dar um passo descendo, tiroteio ecoou da lagoa, zunindo balas no ar. O *negro* rolou para trás de um cupinzeiro e sentiu sua perna esquentando. Viu quando o *pardo* sangrando morro abaixo fugiu, gritando para os que da lagoa atiravam:

- “Ê camarada ! É o *capitão* !”

Francisco lembrou-se então da voz de Leandro: “... as outra eu não vi; devem de tá vino derramano veneno mais p'atrais”.

- Derramando veneno no rio Pará - disse de si para si. - Os malditos devem ter chegado de canoa pelo rio Pará! Pegaram a tropa de surpresa! -

Concluiu, recriminando-se pelo descuido e temendo pela sorte dos companheiros.

Tomado de muita tristeza, Francisco foi-se arrastando entre os arbustos no tope do morro até encontrar lugar seguro atrás de um cupinzeiro desmoronado de uma banda. Borbotava-lhe o sangue dum lado e de outro na coxa direita. A bala atravessara-lhe rasa a perna, saindo sem mais danos que o sangramento a duas ou três polegadas de onde entrara. Tirou a barrigueira de droguete e rachou-lhe as pontas com a faca. Enleou-a na perna, arrochando-lhe as pontas com um nó. Arrastou-se aqui e ali até achar a espingarda e a pistola que do *capitão-do-mato* tirara. Agora tinha uma espingarda e duas pistolas; municiou-as e ficou esperando quieto, inerte como um venenoso *bicho-mau* fermentando a peçonha ao sol quente. As *sombras foram se acompridando ao nascente* e Francisco sabia que os *homens-do-mato* haveriam de vir para conferir o seu estado de ferido ou de morto. Apurou de todo os ouvidos, mas o vento contrário não lhe dava notícias do que sucedera ou estaria a suceder no acampamento da tropa, do outro lado da lagoa.

Os *homens-do-mato* haviam caído sobre o acampamento como um magote de lobos das macegas. Eram só quatro, mas surgiram pelos quatro ventos com as pistolas escorvadas, machados e catanas em punho. Gumercindo havia acabado de municiar uma espingarda e tentara reagir, mas um golpe de machado, traiçoeiro e pelas costas, arrancou-lhe a cabeça do corpo que andou sem alma, caiu esguichando sangue e estrebuchou no chão. Otoniel e Teodoro, vendo o triste fim do companheiro, não ousaram pegar os facões e foram rapidamente amarrados como porcos. Leandro e Sapeca sacaram as catanas e apararam alguns golpes, mas capitularam a seguir, ao verem que o menino sofreria degola nas mãos de um dos malditos que lhes berrou a ameaça. Os *homens-do-mato* amarraram a todos, uns nos outros, e travaram-lhes os pés e as mãos com vira-mundos e *pêgas* de ferro. Depois, beberam cachaça e foram fuçar as cargas onde acharam as espingardas, munição e mais armas. Municiaram muitas espingardas e foram-se, três deles, na direitura do morro dos Cupins, ficando um a vigiar os presos. Ouviram-se tiros espaçados e tiroteio depois, seguindo-se um silêncio grande. Pouco tempo depois, ouviram ao longe que os *homens-do-mato* voltavam e, em meio deles, vociferando aos demônios e dando pescoções nos outros, vinha o *pardo* atarracado. *Dito pardo*, *capitão* dos outros, chegando ao acampamento, assentou-se numa *canastra* e mandou que um deles cuidasse de sua orelha e dedo decepados com cachaça, tabaco e ataduras. Depois, foi ver os presos jogados na macega perto da *cafua* inacabada. Vendo-os manietados a ferros e amarrados, riu satisfeito e deu-lhes coices e pontapés nas caras e corpos, não tendo nem do molequezinho piedade, pisando-lhe o corpo e as pernas. Recebeu uma bilha de *marufo* de um de seus parciais e foi-se encafuar no ranchozinho de capim coberto só de um banda e por lá ficou.

Isac acordou com a boca seca e o corpo machucado e dolorido. Estava preso somente por cordas, amarrado nas pernas de Leandro. Ao lado, amarrados num lote só, estavam Sapeca, Otoniel e Teodoro, os quais, além de enleados de cordas, tinham as mãos e os pés em ferros trancafiados. Um pouco mais à frente, via-se a cabeça decepada de Gumercindo com os olhos

arregalados a olhar o próprio corpo no chão, cuja pelota de sangue no lugar da cabeça, servia de banquete aos mosquitos.

- “O *moleque* acordô, sô Antonio” - cochichou Leandro.

- Isac! - Chamou Sapeca em voz sussurrada.

- “*In-sim*, nhô pai... eu estô bem... só uma dorzinha na suã” - respondeu o *moleque*.

Sapeca agradece a Deus e vê por cima da pilha de *canastras* e balaies que vem vindo um homem-do-mato. Avisa aos companheiros e todos se fazem quietos. O *negro* quadrilheiro aproxima-se, examina-lhes o aperto das cordas e fecho dos ferros e volta para os seus que, em roda de um fogozinho, comiam carne salgada e bebiam cachaça.

- “Tudo controlado, *capitão* Filisbino... tão bem amarrado e ainda com as cabeça tonta...”

O *pardo* atarracado olhou para o céu e viu que o sol se estava empanando de nuvens cor de chumbo e negras, prometendo a volta das chuvas para antes da chegada da noite. Pegou duas espingardas e saiu calado na direitura do morro dos Cupins, seguido por três de seus homens também armados de mais espingardas, pistolas e catanas. Um deles ficou no acampamento, sentado sobre a *canastra* mais alta, pondo sentido nos presos.

Lá no alto do morro dos Cupins o sol ainda vazava uns poucos raios por uma nesga de céu espremida por nuvens de estanho nas beiradas poentes do mundo. *Dita* nesga aos poucos foi-se encolhendo, apagando mansamente as compridas sombras das coisas e deixando que a mesma fumacenta penumbra que a toda paragem envolvia se estendesse sobre o morro.

A crosta do cupinzeiro aberto era grossa e dura como pedra. Francisco limpou-lhe do bojo os terrões, entulhos de sua parte caída, fazendo mais cômoda a trincheira, ou catacumba futura. Ajeitou-se no cone empedrado e feriu-lhe a parede com a espada vazando uma vigia e seteira por onde dominasse visão desde a mata da lagoa ao morro acima.

O *negro* lembrou-se do tiro que o *pardo* dera ao chegar, disparando da boca da trilha, a mais de cem passos e para cima, cuja bala passara-lhe zunindo aos ouvidos. Tomou fascinado a coronha em nogueira cor sangue brilhante, moveu o fecho de molinhas em ouro e prata incrustado, sentindo o descanso da árvore e o perfeito encaixe do fuzil que cobria a *escorva* de prata e o ouvido de ouro atarraxado. Bateu a espada no cano e ouviu dois aços rivais, depois leu no baixo relevo os nomes dos mestres armeiros: “*Manoel, Joseph & João*”, sobre as iniciais “M.I.”. incrustadas em ouro, na forma de um coração. O coração da lagoa, lá embaixo, bateu matracas nas asas dos jaburus e paturis que revoaram a mata denunciando intrusão.

- Então, já estão vindo - murmurou o *negro*, embocando na seteira o longo cano de aço.

Quatro vultos lá embaixo, saídos em fila da mata, fizeram-se sombras sem sol e sumiram em meio ao capinzal no pé do morro. O *negro* os queria mais perto e as vezes em que os teve na mira, esperou. Um deles se impôs mais pressa e nas macegas adiantou a se arrastar, enquanto os outros fizeram parada sumidos no capinzal. Francisco ajeitou a *escorva*, armou o cão e fez mira. Feriu-se a pedra ao fuzil e o fogo grande estrondou !

- Sssshiiitap-shibuuuummm !

O homem-do-mato, de joelhos, firmou as espingardas no chão e deixou-se jogar para trás rolando morro abaixo até sumir-se no capinzal. Caiu o último tombo nos pés de seu *capitão*: olhos arregalados, boca aberta golfando sangue, um buraco na testa e um grande rombo na nuca.

“*Negro sumbanga!* Hei de bebê o seu sangue desinfeliz!” - Berrou o *capitão-do-mato*, correndo morro acima e derriçando fogo junto com os companheiros até ganharem posição atrás de dois cupinzeiros juntos, perto do tope do morro.

As balas ricochetearam e zuniram nas muralhas do cupinzeiro enquanto Francisco cuidava de recarregar a espingarda. Viu que um dos *homens-do-mato* esgueirava-se buscando um cupinzeiro mais acima e mais perto. Fez-lhe fogo com a pistola e o *dito* rabeou com a perna partida, rolando de volta para junto de seus parciais. Os três *homens-do-mato* se mantiveram deitados com as barrigas no chão atrás dos cupinzeiros gêmeos, recarregando as armas para um ataque final.

Francisco acabou de carregar a espingarda, escorvou-a e remuniu também a pistola. Ouviu uns barulhos macios e compassados e sorriu satisfeito. A chuva estava de volta, prometendo em seu compasso lento e crescente que haveria de desatar os céus, como sempre faz no fim dos janeiros. Agora, maior era o seu proveito pois só as costas lhe molhava, ficando as *escorvas* das armas ao abrigo do velho cupinzeiro quebrado. Os *homens-do-mato*, na chuva, teriam que deitar sobre as armas os corpos, ou proteger-lhes com os chapéus as *escorvas*, sob pena de negarem fogo e de pouco proveito e difícil ser-lhes-iam as recargas na chuva.

O *negro* se ajeitou no buraco e pôs-se a espreitar o inimigo. A chuva engrossava progressiva e muitas *águas* prometia. Mais um disparo de pistola cuspiu do cupinzeiro a seteira, acuando atrás dos *filipes* lá embaixo a quem pensasse em subir ou descer. Quiseram os *homens-do-mato* em resposta cerrar fogo, mas de cinco intentos de tiro, um só estrondou zunindo a bala na carcaça dura do velho cupinzeiro. As outras quatro tenções só fizeram um rich-trec molhado, endoidecendo os malditos. Era forçoso o esperar. Por enquanto, a claridade cinzenta, mesmo riscada de chuva, favorecia e aconselhava a posição e o fogo. Mas quando a noite chegasse aquela contenda de fogo, no aço frio e molhado teria seu termo sangrento no meio da escuridão.

Lá no acampamento da tropa, assim que a chuva engrossou, o homem-*negro-do-mato* abandonou a *canastra* e foi caçar na *cafua* um couito mais abrigado. Os presos jogados ali por perto rezavam de todo jeito querendo a noite e a escuridão. O *moleque* mexera-se para aqui e para ali e assim que as cordas se molharam conseguira se desamarrar. Depois, arrastando-se entre as *canastras*, buscou o fogo apagado e voltou trazendo nas mãos um chuço e gancho de ferro, destes que se utilizam para segurar caldeirão no fogo. Agora, com a ponta do *dito* chuço, está bulindo e torcendo a fechadura da pega do ex-confrade de cordas.

- Abriu, sô Leandro - cochichou sorrindo.

- “Agora, o vira-mundo das mão!” - Murmurou o *negro*, rolando de banda e dando as costas para *cafua* onde cochilava o homem-do-mato.



O *moleque* arrastou-se ao lado do *negro* e, escondido pelo corpo do *dito*, começou a bulir e a caçar com o chuço o encaixe certo e o entrave nos ferrolhos do vira-mundo.

- Achei o jeito, mas minha força é pouca, sô Leandro!

O *negro* encurvou o corpo, mordeu no gancho do chuço e ajudou na torção.

- “Sô Antonho... tô sorto!” - Cochichou sorrindo. - “Agora, muleque vai e sortia seu pai!”

Leandro se manteve deitado, esperando melhor ocasião. Isac arrastou-se até os outros presos e com a ponta do mesmo ferro começou a desmanchar os nós das cordas que enleavam de todo e no mesmo lote aos três.

- Deixa as cordas, Isac, abra primeiro o vira-mundo que eu desamarro o resto - cochichou Sapeca, com a cara de banda no chão.

A chuva despejava serena, mas grossa e constante. A claridade cinzenta e riscada foi-se enfiando chão adentro, empurrada pelo negrume que descia do céu. Aos poucos, os pingos da chuva sumiram e foram virando somente escuros barulhos molhados a beliscar a cara e o corpo dos presos.

Otoniel e Teodoro eram banguelas na frente e Sapeca de todo o era. Viram-se livres das cordas e das *pêgas*. Isac não tinha força bastante para abrir os vira-mundos e eles, dentes para ajudar. Sapeca já tinha as gengivas sangrando, mas não desistia da *empreita*.

O homem-do-mato, debaixo da água coberta de capim na *cafua*, se estava impacientando. Desde que escurecera, não se ouviam mais os tiros que do morro dos Cupins ecoavam. Escutou barulho de ferros e saiu de catana na mão, prevenido.

- “*Nego vivo vale vinte oitava* de ouro, mais a cabeça sozinha também tem preço de seis” - resmungou, achando Leandro com o pé e apalpando-lhe o corpo com a ponta de aço.

Leandro ficou calado, com as cordas soltas por cima do corpo.

- “Cadê o muleque, *cananenecô?*” - Berrou o *negro* de esquadra, ao sentir a frouxidão das cordas e vazias as pernas de Leandro, onde amarrara o menino.

Sapeca conseguiu! Ainda com o gancho do chuço na boca, escancarou as chapas-presilhas de ferro e gritou:

- Aqui, urubu-do-mato! Venha desgraçado!

O quadrilheiro-do-mato pisou por sobre Leandro e arremeteu-se no escuro, zumbando a catana no ar em busca do vulto que parecia de pé. Sapeca, empunhando o vira-mundo aberto, bateu matraca com as chapas soltas nas dobradiças e aparou o golpe com o ferro. Leandro se pôs de pé, armado de vira-mundo também, arrastou o *negro* pelo poncho e deu-lhe com o ferro no corpo. Ao mesmo tempo, Sapeca, que na outra mão tinha o chuço, dele fez bom proveito em sucessivas cravadas, fazendo o *negro* bufar. Leandro, com braço forte, achou o pescoço do homem-do-mato e buscou-lhe na cintura a fina *faca-cipó*. Quanto quis sangrá-lo, sentiu que pesava e o deixou, mole, escorrer para o chão. Para maior garantia, o tropeiro encanzinado sangrou-lhe o pescoço e esmagalhou-lhe a cabeça com o vira-mundo fechado.

Sapeca apalpou pelo chão a procurar a catana do *dito* homem-do-mato. Achou-a na mão do próprio morto e lha tomou.

- Leandro, *suncê* cuida de soltar o resto da tropa que já vou indo na frente levar ajuda a Francisco! - Gritou, sumindo-se na escuridão.

A lua era nova e a chuva, preta; mas de quando em vez, bem longe, um corisco passeava sem estrondo no céu e jogava no morro um pouco de luz. Francisco, olhando da vigia, percebeu num clarão desses que os inimigos do mato já se haviam esparramado. Tinha as pistolas vazias e na espingarda, só pólvora, não lhe restando mais balas. Resolveu deixar aquele couto onde certamente haveria de ser caçado primeiro. Protegeu com o chapéu a *escorva* da espingarda, empunhou o aço e saiu se arrastando na direitura do cupinzeiro gigante.

A chuva se despejava natural, como se corriqueiro lhe fosse o cair e não o parar. O *negro* achou o grande murundu e se enrolou a seus pés apurando os ouvidos nos rumos. Um quebrar de mato lhe veio da subida da lagoa; depois foram pés batendo no chão, seguindo-se um retinir de aços a se embaterem: era mesmo luta renhida. Um corisco rasgou o céu e alumiou a refrega, mostrando Sapeca lá no meio do *dito* morro, cruzando catana feroz com um *pardo* que pulava numa perna só e tinha o seu tamanho dobrado.

- Sapeca, *N'Zambi*, é pequeno, mas há de levar a melhor - murmurou Francisco, pedindo a Deus pelo amigo.

Outro corisco, agora mais perto, rasgou o céu e esparramou luz, fazendo estranho barulho de flecha antes de tropejar!

- Morra desgraçado! - Gritou o pequeno Sapeca, sumindo a catana no fato do *pardo*, sem se aperceber do que só Francisco em meio ao clarão avistara: uma flecha enorme, quase uma *azagaia*, cravada nas costas do homem-do-mato.

- Agora vai mesmo *levar os alhos*! - Pensou Francisco. - Além dos *homens-do-mato*, *gentios da terra*!

Ao mover-se arrastando para o lado, Francisco sentiu a conhecida catinga molhada. O *pardo* maldito estava por perto. Armou a árvore do cão com a *escorva* por sob o chapéu, segurando com uma só mão a espingarda e com a outra pousada na espada estirada para trás sob a perna. Apertou os olhos no escuro e enxergou no rumo do fedor, vindo do cupinzeiro quebrado, um vulto que se arrastava no chão. O *negro* cortou o fôlego e deixou chegar mais perto. Quando o vulto já estava tão perto que se lhe distinguia um pano encardido à cabeça amarrado, um corisco incendiou todo o morro e a espingarda estrondou se antecipando ao trovão !

- Shiiiiitap-shiiffvuruuumdum !

Quando o clarão se apagou e ainda se via deitada a imagem do *pardo* trazendo à cabeça um chifre de luz, sibilou um corisco sem fogo e o *negro* rolou para o lado, escutando um baque no chão. Saltou de pé com a espada em punho e falou mansamente, com língua de botocudo:

- “*Jac-jemenu, cren-tone puri ... Hac amenuc anti-i ... Hac!*”

- “*Angana-N'Zambi iô catiça, gunga!*” - Saudou do escuro o suposto índio de voz grossa e macia.

- “*Orozimbo! É ovê memo, nego pamba!*” - Cochichou Francisco, alegre surpreso.

- “*In-sim, gunga. É omindes!*” - Respondeu o vulto aproximando-se no escuro.

- “Mais, *ovê* num tinha rumo lá pra *Demarcação, nego?*” - Indaga Francisco, abraçando o *malungo*.

- “Jusefa contô o caso. *Omindes* ficô carapinano *quiapenga* e *ussonho...* *Omindes* ficô pensano... pensano... *gunga* Beiçado podia tá percisano *adjutoro...*”

- “E tava memo, *nego*” - respondeu Francisco, apalpando o cadáver do último dos *homens-do-mato* que no escuro jazia debruçado com a cara no chão e uma gigantesca flecha cravada nas costas.

- “*Rio-rio*” - disse o *calhambola*, recomendado silêncio e ajeitando uma flecha no arco.

- “*Rio-rio*, num se apresse” - responde Francisco, cheirando o vento e a chuva - “pode sê *cambarianguê...* é branco!” - concluiu.

- “É *catita* branco memo” - confirmou Orozimbo, arreganhando as ventas a fungar.

- Sapeca! - Chamou Francisco, a meia altura de voz. - Eu sei que *vossa mercê* está por perto! Pode se aproximar... quem está aqui comigo é o nosso *malungo* Orozimbo!

O branco saiu de trás de um cupinzeiro e foi-se aproximando com a catana na mão, cuidadoso e desconfiado.

- *Louvado seja*, amigos! Parece que Deus não nos manda só chuvas...

- É bem verdade, amigo... Orozimbo me chegou numa bendita hora... não fosse ele, um dos *homens-do-mato* me teria rasgado no escuro. E... a tropa? O Acampamento? Como está tudo? - Indaga desinsofrido e agoniado.

- Os *pretos* eram quatro; cinco, com o *capitão*. Acabamos com um lá no acampamento e espetei mais um na subida do morro... Este, depois é que vi, não morreu do rasgo que fiz e sim varado por uma flecha que tinha a grossura de um cabo de *almocafre* - proseia Sapeca, protelando a notícia ruim - ... mataram o pobre Gumercindo - arremata.

Francisco baixou os olhos no escuro. Depois olhou para o céu enegrecido, deixando se misturarem no escuro as águas pretas da chuva com as salgadas da alma. Andou na chuva em silêncio e pegou no chão o *capitão-do-mato*; arrancou o trapo que lhe bandava a orelha cortada e a cabeça, agarrou-o pelos cabelos e decepou-lhe com a espada o pescoço. O tiro que dera, por não ter mais balas, pegando deitado o *pardo* a rastejar, havia-lhe cravado o alto da cabeça e vazado no queixo, o saca-trapo e vareta da espingarda, que em lugar de chumbo usara. O *negro* desceu macambúzio o morro, levando no espeto de ferro a cabeça maldita.

Sapeca seguiu o companheiro na escuridão morro abaixo. Orozimbo ficou para trás e resolveu terminar o serviço, dando aos homens *pretos-do-mato* o fim que merecem ter os que vivem de comer a própria espécie e raça. Começou pelo último *pardo* que varara de flecha: enfiou-lhe as mãos sob os calções e decepou-lhe com a faca afiada as *encomendas* que arrancou penduradas de tripas. Depois abrindo-lhe a boca com a faca, atafulhou-lhe na *dita* as mesmas *encomendas*, não deixando de fora nem tripa ou pelanca.

Depois, decepou-lhe a cabeça e foi colocá-la sobre um cupinzeiro. Depois de infamado um maldito, foi procurar morro abaixo os corpos dos outros.

Quando Francisco e Sapeca chegaram ao acampamento os homens haviam acabado de cobrir a *cafua* com couros de onça e de sucuri. Debaixo da *cafua*, protegido da chuva e sob a luz de duas candeias no chão, jazia Gumerindo a quem haviam recomposto com a cabeça o corpo, e velavam respeitosos. O *negro* fincou aos pés do morto uma estaca e nela espetou em tributo a cabeça maldita que do inimigo arrancara.

Francisco sentiu no peito uma tristeza de mãe que perdera um *moleque* vendido pra longe e foi assentar-se numa *canastra* qualquer no meio da chuva. Isac levou-lhe um chapéu e o casaco de droguete que o ajudou a vestir. Francisco sentou-se de novo, abaixou a cabeça e deixou que a chuva continuasse a cair.

## Capítulo VII

**H**umilde e respeitosa, a chuva parou deixando muda a escuridão da madrugada. Mas, o gorjeio de pássaros num crescendo chamou faminto os albores da manhã. A floresta da lagoa se encheu de vida e o passaredo revoo colorindo os campos.

Os *alviões* continuaram a cavar, ali mesmo ao lado da *cafua*. As terras que por último se tiraram do fundo da vala revelaram-se secas e quentes, indicando os sete palmos onde não se ouvem os barulhos do mundo e a água da chuva demora a chegar. O chão do cerrado é duro e impenetrável, como o peito dos homens que a ele habitam, mas tem nas funduras calor.

A *cafua* foi descoberta e a triste luz da manhã fez enegrecer a fumaça nas pontas do fogo das candeias que o vento esticou, antes de beijar a cara e o corpo de Gumercindo sob o sangue coalhado. A cabeça do *capitão-do-mato*, de olhos arregalados, a tudo assistia espetada aos pés do defunto.

Leandro fez o Sinal da Cruz, segurou as mãos do morto e rezou. Depois, envolveu-lhe o corpo com mais couros e afastou-se. Os *malungos* da tropa, batendo nas *canastras* ritmaram-lhe homenagem, reza e despedida:

- “Zóio que tanto viu; zi boca que tanto falô; zi boca que tanto riu, zi comeu e zi bebeu; agora, *N’Zambi*, calô! Zi corpo que tanto trabaiô; zi perna que tanto andô; zi pé que tanto pisô, agora *N’Zambi*, parô! Arapossi, *N’Zambi*! *Ucumbi* é *calunga*! *Ongira* é *calunga*! *Ucumbi* alumia *ongira*! Amém”.

Enlearam de cipós o corpo encourado. Leandro, de dentro da vala, recebeu de pé o amigo. Deitou-o devagar na terra quente e subiu para o mundo, de onde jogou-lhe sua terra primeiro. Depois, arrancou da estaca a cabeça maldita. Segurou-a pela ponta da vareta cravada no alto do crânio e a arremessou para longe, liberando o espeto de ferro entremeado de miolos que limpou no capim.



Enquanto Otoniel cuidou de fechar com terra a cova, os outros tropeiros e Sapeca carregaram as mulas. Francisco montou seu cavalo e saiu vagaroso seguindo viagem na frente. Orozimbo pegou a égua queimada ficada do *capitão-do-mato* em despojo e seguiu de longe o amigo.

As cheias do rio Pará vazadas fora do leito encontraram-se com a tropa, acariciando-lhe os pés e o capim do cerrado. Sapeca galopou seu cavalo deixando atrás de si um arco-íris de gotas cristalinas que o sol coloria no encalço das patas voadoras.

- Orozimbo! - Gritou ao passar pelo *negro*. - Vamos nos aproximar a Francisco e tentar espantar-lhe a tristeza!

Francisco seguia com seu cavalo a passos lentos, compassando ondas de luz que, nascendo humildes sob o pisar das patas em águas rasas, espargiam círculos de fogo respondendo ao sol e buscando lonjuras, onde morriam suaves. Ouviu os galopes ruflando águas e deteve a montaria fincada no espelho raso, ermo e sem fim.

Sapeca e Orozimbo vieram com o vento e o refrear dos cascos de seus cavalos salpicou de gotas coloridas os ares, centrifugando ondas que se embateram nas interseções ao sol. Francisco seguiu em frente e sem levantar os olhos disse-lhes:

- O valo do rio é ali na frente, onde se vê a correnteza... é raso também e nenhuma dificuldade haverá para a travessia de mulas e cargas...

- “*Cavéia, gunga? Cambariangue* bão reparte o *banzo*, *soma malungo* reparte *ocaia*... assim é” - insiste Orozimbo, andando ao lado do companheiro e *gunga*.

- O que foi que disse o *malungo*, amigo Francisco? - Indaga Sapeca do outro lado.

- É fala *quimbunda*, é língua de *preto*. Disse que “amigo bom reparte a tristeza, como um irmão reparte o fumo”; foi que disse - responde Francisco seguindo de cabeça baixa.

- Pois bem ... e *vossa mercê* nos tem por amigos... suponho. Digo-lhe que, se preferir, nada precisa dizer... apenas nos permita seguir a seu lado e nos dê um pedaço de sua tristeza, amigo - argumenta Sapeca com a voz embargada.

Francisco vira-se para o amigo Orozimbo e este sacode-lhe a cabeça, fazendo suas as palavras de Sapeca, apesar de não tê-las entendido muito bem, mas de tê-las sentido.

- Gumercindo... não deveria ter vindo - desabafou Francisco - pois estava casado de novo e sua mulher espera um filho... insisti para que viesse, pois ninguém conhecia mais que ele as águas do rio de São Francisco... agora, seu filho nunca irá conhecer o pai... - e, virando-se para Orozimbo, em meio quimbundo: “Gumercino tem *andambi* nova, cum *timba cheia*... *aquenjê* dele num vai vê *otata*... nunca...”

- “Orozimbo-*aquenjê* nunca mais viu *otata* e num é dezinfeiz. *Mia otata* era *macamau pamba*... *congemo nim* quilombo, mais levô *aiuca* home-do-mato junto... *ovini* contô. *Aquenjê* de Gumercino haverá de sabê que *otata* seu era *pamba*... muntava nas água do rio... e *congemo soma angue* brabo...”

- *In-sim... malungo* Gumercendo era desse jeito... - responde o *negro* com os olhos perdidos na suave correnteza do rio. Sapeca coloca a mão no ombro do amigo e o encara solidário. Depois, pára o seu cavalo e fica tristemente a pensar, esperando a tropa que vem ao longe. Francisco e Orozimbo seguem em frente, entrando em águas bem mais correntosas e fundas, indicando a metade da travessia do rio Pará e suas cheias.

A tropa, até então, ia seguindo em águas quase paradas, guiando-se pelas manchas de barro entremeadas de capim arrancado do fundo a indicar flutuantes o caminho seguro e raso para as mulas. Leandro toma a frente e guia as mulas na direita de Sapeca, iniciando a travessia do rio onde as águas se afundam e têm mais corrente.

As mulas e homens atravessaram o rio e venceram as cheias do outro lado. Depois, sumiu-se a tropa sertão adentro.

O rumo escolhido tinha direita entre o rio do Lambari e o do Picão. O primeiro rio, tinham-no do lado esquerdo. Nascia o Lambari na longínqua serra do Tamanduá, atravessava sertões e vinha a sumir-se no Pará, pouco acima de onde o *dito* do Peixe sumia-se na oposta margem do mesmo Pará. Ao lado direito tinham o rio Picão, que se sumia também no mesmo Pará, bem mais abaixo do *dito* do Peixe. Este tinha suas nascentes nas paragens fronteiras às do Povoado do Cruzeiro, a muitas *léguas* acima. A tropa, em sua marcha, buscava os terrenos mais secos nas elevadas paragens entre um e outro rios.

A chuva não voltou mais. O sol chegava sempre bem cedo, sorria o dia inteirinho sobre as cabeças suadas dos homens e animais e, ultimamente, dera para esperar que o céu lhe sorrisse um riscozinho de lua, antes de ir-se embora de noite. A tropa se arrastara por esse tempo todo sobre montes, valas e varjões. Atolara os pés em pântanos e charcos e tropeçara muito em pedregosos e ressequidos caminhos. Rasgara pedaços de matas virgens, espantara borboletas pelos campos e assustara tatus em meio a carrasquinhos enfezados. A caminhada era penosa e não se faziam mais que três *léguas* por dia. Em suas paradas, cozinhavam o feijão e o toucinho e, às vezes, alguma caça; matavam a fome das barrigas e preparavam *farinha de guerra* para comerem durante a jornada seguinte. Dormiam e acordavam com os passarinhos. Assim, já se haviam contados oito dias desde aquela manhã em que se deixara plantado às margens da bela lagoa o *malungo* Gumercendo, que Deus o tenha.

Francisco deixara crescer na cara uma barba negra e no peito, uma tristeza amarela. Durante a viagem pouco falava e à noite mantinha-se afastado dos outros, macambúzio a pensar. Ontem a lua se fizera cheia e risonha. Otoniel era um bom contador de causos engraçados e Isac não o deixava quieto. Houve muitas risadas em volta da fogueira. Sapeca levou a Francisco uma caneca de cachaça e voltou para o meio dos homens, deixando-o só. Isac contou um caso muito engraçado de um português apatetado que comera sabão pensando que fosse banana, induzido por um *pardo candongueiro*, e os homens beberam o fôlego de tanto rir. Francisco também achou graça e foi se juntar aos outros em roda da fogueira. Espaireceu a cara e até contou um caso meio sem graça. Teodoro pegou a

viola e fez a madeira chorar cantigas paulistas e mineiras, adormecendo a todos e encantando a lua que se esqueceu de ir embora.

-----

O céu ao poente era de um azul sem defeito como os olhos de Santa Luzia. Ao nascente, o sol cuspiam faíscas, incendiando os campos e cerrados, por entre carrasquinhos e capinzais se entremeando, e vazando clarão esfomeado que dói nos olhos.

A tropa se pôs em marcha sem pressa, buscando o sudeste, rumo às nascentes do rio Picão derivando ao Calhambal. Em pouco tempo embrenhou-se em mato virgem entre vales e lombas de morros.

- O mato está ficando muito fechado, Francisco... as mulas e cargas ficam a toda hora presas a cipós e emaranhados - observou Sapeca, quando viu que o rumo se perdia em brenhas deixando à margem os campos limpos.

- O incômodo vai ser pouco, amigo. Logo ali na frente, vamos interceptar e tomar um pedaço da antiga picada há muitos anos talhada, de nome *Pitangui*-Piraquara-Paracatu...

- Mas se existe então uma picada que de *Pitangui* vem dar a este lugar, por que não viemos por ela, ao invés de penar pelos matos como temos penado? - Indaga confuso Sapeca.

- Em seu trecho de *Pitangui* ao Lambari e do *dito* a esta paragem, a *dita* picada, por falta de uso, foi retomada pelo mato brabo e não há mais dela nem sinal... daqui para o São Francisco é que ainda se mantém aberta pelo ir e vir dos *negros calhambolas* que já povoaram estas terras e que hoje habitam o *Campo Grande*. - Explicou Francisco. E arrematou: além do mais, não interessa ao povo do Cruzeiro reabrir o *dito* caminho... pelo menos por enquanto, não.

Vencendo matos fechados e decepando cipós e paus, Francisco e Sapeca, de espada em punho, foram os primeiros a respirar livres do mato bruto, ganhando a picada aberta, sem obstáculos maiores que alguns tocos e renovos brotados. A tropa veio vazando logo atrás e a marcha prosseguiu mais serena. Por umas duas horas a fio a tropa seguiu pelo velho caminho. Depois, derivou à esquerda por uma outra natural e estreita trilha, abandonando a antiga. O mato foi raleando, raleando, até que o horizonte se abriu mostrando campos sem fim.

- Que coisa mais bela, Francisco! - Exclamou Sapeca, perdendo as vistas pela planície ondulada como um grande feltro verde estendido sobre o mundo até se perder e misturar com o céu no horizonte azul.

- Daqui para frente os campos são sempre largos e só nos vales mais fundos é que se encontram matos fechados - respondeu Francisco.

Os dois cavaleiros galoparam até a colina mais alta e de lá viram a tropa seguir vagarosa. Sapeca se deteve a olhar aquela terra de ondas verdes coberta, lembrando-se das histórias de seu pai. O Povoado do Cruzeiro por certo, nada ficaria a dever à *dita* terra prometida - pensou. O horizonte não tinha fim. Era um suceder infinito de pequenos outeiros interligados por contínuas e verdes relvas, salpicadas de vigorosos capões de mato incrustados nos vales mais fundos onde a vida palpitava no chão e nos ares. A tropa no horizonte bem longe ficara azul e pequena. As mulas tinham estaturas de formigas, mas se lhas não perdia de vista e não se viam montanhas.

- Acorda, companheiro! Vamos que a tropa já se vai bem longe! - Gritou Francisco a galopar colina abaixo.

Sapeca deu de calcanhares na montaria e disparou-se no mesmo rumo, seguindo no vento o companheiro até alcançá-lo. O sol já esticava as *sombras ao nascente* e os ventos cheiravam alecrim. Os cavalos galopavam como se brincassem de ser passarinhos, descendo e subindo por verdes ondulações, como se voassem aos corcoveios entre o céu e a relva, sem pisar o chão. Os carrasquinhos e arbustos viçosos sobre os montes verdejantes ficavam para trás dizendo adeus e acenando com esmeraldas ao ventar das montarias ligeiras. Às adjacências dos vales, balouçavam embaúbas, buritis e indaiás, circundando as matazinhas respingadas de vermelhos, lilases e amarelos de flores em profusão.

Ouviu-se um tiro de espingarda e a tropa surgiu-lhes parada num plano alto por sobre um vale coberto de densa mata. Francisco e Sapeca aproximaram-se diminuindo o galope dos cavalos.

- Estão chamando os *garimpeiros* - explicou Francisco - aqui fica o Calhambal, onde *garimpam* pedras alguns de nossos *malungos*!

Ouviu-se um tiro em resposta e uma gritaria na mata.

- “*Cavéia, malungo! Cavéia!*” - Responderam os tropeiros gritando em coro.

Com pouco, brotou do verde lá nas beiradas da mata uma algazarra de gente. Dois *mulatos*, um branco, dois *negros* e umas *pretas*, todos saracoteando e cantando.

Leandro deu um sinal e a tropa moveu-se devagar morro abaixo, indo de encontro aos festivos de casa. Francisco, Orozimbo e Sapeca ficaram olhando de cima a alegria e o folguedo entre irmãos, *malungos* de risos e de dor. Viram quando Leandro abaixou-se no cavalo e cochichou uma tristeza - falta de Gumercindo - ao ouvido do branco barbudo. Este gesticulou aos outros e a alegria acabou. A tropa sumiu silenciosa mata adentro.

Os cavaleiros desceram o morro e se embrenharam pela mesma trilha que era escura e coberta de mata. A picada descia para o fundo do vale e os homens se mantinham rentes aos arreios fugindo aos cipós e galhos baixos. Sob as folhas secas, aos pés dos cavalos, o chão se fez pedregoso, e o ar abafado cheirava a água corrente. Num de repente, a picada se abriu em luz e ruídos de água a correr e a cair gorgolejando entre pedras. Era o fundo do vale um lindo e resplandecente lugar descampado, onde o sol da tarde brincava ricocheteando seus raios naquele chão salpicado de pedras e cristais de mil cores, reluzindo todos os matizes do mundo nas folhas ralas das árvores, sob as quais *ditas* árvores um corregozinho cristalino corria entre pedras brumosas, rajado de verde e de luz.

- É uma visão dos céus! - Exclamou Sapeca maravilhado, descendo de seu cavalo.

Orozimbo e Francisco apearam também e foram saciar a sede entre as pedras da margem onde as águas batiam golfando cristais.

- É a água mais pura e mais fresca que minha boca já bebeu - disse Francisco, tirando o chapéu e refrescando também a cabeça e a barba.

- O córrego e todo o seu sítio devem ser muito ricos... as *formações* são evidentes... tem muito diamante e pedras outras - comenta boquiaberto Sapeca.

Francisco apenas sorri enxugando a barba.

Depois atravessam o córrego em fila, um atrás do outro, a pés secos sobre as pedras, deixando os cavalos que teimaram em ficar. Do outro lado do córrego, subiram por íngreme ladeira de pedra e cristais à flor da terra até ganharem o seu topo: uma elevação plana de grande extensão, de terra batida limpa e amarelada onde havia uma grande *cafua* feita de troncos e indaiá em cuja frente os tropeiros haviam amarrado as mulas e conversavam animadamente. Os três companheiros atravessaram a roçazinha de feijão, abóboras e mandiocas e foram ter ao terreiro do rancho.

Os homens cercaram a Francisco pedindo bênçãos, tocando admirados as suas roupas e pedindo presentes.

- Estes que trago comigo - apontando Orozimbo e Sapeca que haviam ficado meio de lado - são *malungos*. O branco é Antônio Pinto, professor que vai ensinar os meninos a fazer contas. O *negro* é Orozimbo, *crioulo* filho de Mguna-Madaga, raça de manjunga, povo guerreiro das ilhas e do mar.

Os *pretos* se encantaram com Orozimbo e o chamaram para dentro da *cafua*. O *negro* seguiu vaidoso, exibindo às mulheres que olhavam de longe a sua peitaria musculosa e os possantes braços entreabertos, cujos enormes bíceps impediam de se fecharem.

Francisco chamou Manoel Pitomba e o apresentou a Sapeca.

- Pitomba, que é natural destas Minas, é filho de gente lusa pobre e honrada. Foi criado pelo Dr. Fernandes desde quando teve a sua família trucidada e suas propriedades tomadas por ambiciosos portugueses de *Pitangui*. É membro ativo do *Conselho do povo*... e o melhor oficial sapateiro que temos...

- Tenho muito prazer em conhecer *vossa mercê*, senhor Manoel Pitomba... tenho certeza de que vamos ser bons amigos - disse mesurosamente Sapeca, fazendo-se ouvidos à resposta que por certo receberia à saudação.

Manoel Pitomba estendeu a mão e apertou a de Sapeca sem dizer uma palavra sequer. Depois, fez vênia em silêncio, pegou um *almocafre* e se retirou para trás do rancho.

- Os usurpadores de terra o deixaram vivo, mas cortaram-lhe a língua, amigo Sapeca - explicou Francisco.

Sapeca apertou os olhos e os punhos num misto de sentir pena e uma revolta no peito. Lembrou-se de seu filho.

- E Isac, Francisco? Ainda não o vi desde que chegamos!

- Acho melhor *vossa mercê* aprender a contar causos engraçados, sob pena de perder o filho para o Otoniel - respondeu gracejando o *negro*, apontando para dentro do rancho.

Sapeca e Francisco adentraram sorrateiramente a enorme *cafua* e a primeira coisa que ouviram foi a vozinha de Isac. Grandes caldeirões e panelas fumegavam em riba da fornalha de barro suspensa sobre estacas fincadas no chão. Era de trás da esteira de cascas de bambu, que separava a



cozinha, que vinha a voz do menino como se conversasse sozinho. Adentraram o amplo salão do rancho e descobriram o mistério: os *pretos*, em silêncio, estavam estirados ou sentados pelos jiraus de cama fincados em roda, rentes às paredes. Orozimbo, sentado no meio em um mirrado tamborete, onde mal lhe cabiam as bundas. O *moleque*, andando em volta do *negro*, contava de dedozinho a riste toda a epopéia da viagem da tropa.

- É como lhes disse: vejam as flechas de Orozimbo! Têm a grossura do cabo de um *almocafre* e o seu bodoque nenhum homem consegue vergar... ele atravessou dois *homens-do-mato* com uma só flecha... é...

Orozimbo, sorrindo, cutucou as costas do pequeno arauto e mostrou-lhe na entrada do salão o seu pai com os braços cruzados a tamborilar com o pé o chão de terra batida. O *moleque* não se impressionou.

- Agora, vou falar pra suncês sobre o meu pai e o Francisco que tem uma espada que tem três *braças* de tamanho e corta o aço...

Francisco chamou Leandro e saíram rindo para a cozinha.

- “Manda sirvi a bóia e vamo simhora, cumpade... hoje a noite tem lua cheia de novo e nós percisa acabá de chegá...”

- “Pois sim, cumpade. Vô chamá as *preta* e mandá sirvi... mais enquanto o *moleque* num cabá os causo, ninguém come hoje não... o *camuquenguezinho* é *candongueiro* e perigoso de língua, He! He! He!”

As *pretas* destamparam as panelas e o cheiro fez concorrência a Isac. Foram levando, uma a uma, as cuias de feijão com toucinho, quiabo, abóbora e cheirosas pimentas vermelhas e entregando aos mais próximos. Os do fundo se foram levantando e indo para a cozinha para cuidar do próprio bucho. Um *crioulo* magricela, bem na frente de Isac, enfiava gostosamente na boca, um após o outro, capitães de farinha e feijão. Isac olhava para a *cuia* do *negro* e este se fazendo de rogado, lambia os beiços e pedia que continuasse a contar o caso. Outros *pretos*, nem mais olhavam ou ouviam-lhe o caso. Otoniel, do fundo do rancho, mostrou a Isac a sua *cuia* vazia, virando-a de boca para baixo e o causo acabou.

- “Chega de *candonga*! Orozimbo, bamo pra cozinha cuidá de nossas tripa, se não esses guará deixa nós só com os caso na barriga!”

A pretaria *bebeu o fôlego* de tanto rir e o *moleque* saiu conduzindo pela mão o seu gigante de guerra. As mulheres deram a Isac uma farta *cuia* de tudo e para Orozimbo fizeram no caldeirão uma mistura do que restara, e lho entregaram de todo, aos risozinhos e cochichos. O *negro* sentou-se no rabo da fôrnalha e comeu de fazer dó, sob os olhares marotos das *pretas* que do mesmo passo o devoravam com os olhos.

-----

O sol se atolara no horizonte e sumira dardejando raios lá pelos fundos das beiradas do mundo. De um outro lado, uma lua cheia meio tonta e esbranquiçada cambaleava no céu. Às beiradas da mata, na descida do vale, os homens do Calhambal acenaram adeus. A tropa sumiu-se na lomba plantada entre céus afogueados de um lado e azuis leitosos, de outro.

O cerrado era um silêncio comprido. As planícies onduladas tingiam-se nas cores do ocaso; ao longe, fogo encarnado e mais por perto, sombrio amarelo ressequido. Depois que as seriemas assobiaram ao longe quebrando a tarde por três vezes, o sol já com o corpo enterrado chupou do

céu os últimos raios que havia esquecido no azul. A lua sorriu-lhe cheia um adeus e assenhorou-se do mundo que a seu ver era esfumado de leite e de prata. E o pintou como quis também com cores de *banzo* e mornas saudades de casa ou de alguém.

Otoniel e Teodoro seguiam na frente, agora montados nas duas mulas que se haviam descarregado no Calhambal. Ao lado dos dois tropeiros seguiam duas crioulas e uma *parda*, daquelas mulheres do Calhambal, que retornavam ao Cruzeiro. Orozimbo seguia em meio às mulas, montando em sua égua queimada, e as mulheres seguindo à frente, jogavam-lhe de vez em quando alguns terrões e pedrazinhas, fazendo o *negro* sorrir.

Sapeca com Isac na garupa seguia bem mais atrás conversando com Francisco.

- Que coisa mais escabrosa, Francisco: então, os pais de Manoel Pitomba e seus parentes possuíam as terras, havia mais de vinte anos, com instalações e apetrechos de criação de gado e até mesmo uma capelazinha tinham a lhes abençoar o povoado! E mesmo assim os tais reinóis facinorosos e ricos, sem nenhum temor a Deus os expulsaram, e não satisfeitos resolveram matar a todos?

- Isto mesmo, companheiro... E isto aconteceu faz pouco tempo... no ano de cinqüenta... na paragem *dita* as Cabeceiras do Rio de São João Acima, termo da *Vila de Pitangui*...

E como foi que Deus obrou para salvar o menino Manoel Pitomba de então do *dito* morticínio ?

- Chegando, o sargento-mor que era o chefe dos reinóis repreendeu seus parciais desaprovando a mortandade e salvando da degola o menino a quem, para desconto de seus pecados, prometeu a Deus acabar de criar. O menino Manoel Pitomba, com doze anos então, cuspiu-lhe na cara e o xingou. Irado, o português mandou que lhe cortassem a língua e o deixassem ir em paz. Por sorte, o Dr. Fernandes em retorno de viagem ao Itatiaiuçu, o achou perdido no mato já por morto e sem rumo. Levou-o para o Povoado, curou-o e passou a ensinar-lhes as primeiras letras. Hoje, espera uma melhor ocasião para conseguir mais provas representar ao *ouvidor* contra o tal sargento-mor Salatiel e sua gente assassina.

- Que caso mais medonho, amigo...

- Pois este crime hediondo jamais seria sabido se o Dr. Fernandes não tivesse ensinado ao menino as letras que de certa forma lhe devolveram a língua. Logo que aprendeu a escrever, pediu pena e papel escreveu todo o caso para o padrinho. Aconselho a *vossa mercê* a dar um certo desconto ao *dito*, pois, tem ojeriza de brancos, mormente se forem de reino, e só com os *pretos* se dá ...

- Não o recrimino... não o recrimino - respondeu Sapeca, ajeitando Isac que cochilava em sua garupa.

A lua se firmara altaneira no meio do céu. Francisco e Sapeca calaram-se de boca e só por dentro falavam a si mesmos. A noite era um dia e o cerrado um mar de esmeraldas sereno ao luar. Teodoro dedilhou a viola na frente e as mulheres e os homens cantaram ninando nas bocas a tristeza do peito:

- “*Jambá cacumbi queremá, turira auê;*

*Jambá cacumbi queremá; mapiá turi, turira auê,  
mapiá!*

*Turira auê, mapiá!*

*Turira auê, mapiá!*

*Turira auê, mangorombô!”*

O caminho de mato coberto acabou. Era agora de terra arenosa e azulada de lua onde mil vultos de árvore, cupinzeiros e macegas tinham sombras compridas e macias no chão. Avistou-se de longe um luzeiro e a viola calou.

Os tropeiros seguiram com a lua nos olhos e ciumentas estrelas os querendo beijar. O céu parecia um serviço de pedras em caverna, onde bastaria ao *garimpeiro* erguer a mão para catá-las. Colher quantas pedras quisesse até mesmo para enfeitar os cabelos de sua *nega* ou fazer para ela um céu na abóbada do indaiá e, com ela, deitar-se debaixo a sonhar.

As *cafua*s ao longe já mostravam seu jeito de ser e de estar sob trêmulas luzes de candeias, e de uma fogueira pequena ao meio iluminando um gigantesco cruzeiro fincado no chão. O caminho de terra começou a descer e sumiram-se as luzes e o cruzeiro do chão, restando tão-somente um Cruzeiro no sul, plantando no meio de um povoado de estrelas no céu.

Chegando ao fundo de alongada descida, a tropa atravessou o chamado ribeirão do Povoado do Cruzeiro e subiu vagarosa a trilha de terra batida que parecia, à luz da lua, as branquicentas nuvens do céu. A lombada no tope da trilha não era o céu, mas revelava sob a lua e as estrelas o Povoado do Cruzeiro, como estrelas plantadas no chão.

Sapeca, meio sem jeito, perguntou a Francisco:

- O Povoado parece grande... quantos *fogos* tem ?

- Acho que mais de vinte... nunca se sabe; está sempre a aumentar com mais gente boa que chega - respondeu-lhe sorrindo o *negro*, acariciando a cabeça do menino que dormia na garupa agarrado ao pai.

- “Cumpade Liando!” - Chamou Francisco.

- “*In-sim*, cumpade!” - Respondeu o tropeiro esperando na trilha.

- “Fala pros home que percisamo chegá de mansinho... a gente tem notícia ruim que eu num queria dá hoje... sunceis leva as carga lá pro celero que eu vô sigui direto pra casa dos home...”

- “*In-sim*, cumpade... tá cumprendido” - respondeu Leandro, alcançando Teodoro e Otoniel.

Orozimbo esperou na trilha até chegarem Sapeca e Francisco.

- “Orozimbo, *ovê* e o *malungo* Sapeca vem com *omindes*... bamo *nim* casa ia *copequera malungo* que num tem *andambi*” - disse-lhe Francisco, tomando à esquerda e seguindo rente às últimas *cafua*s do povoado.

Os três cavaleiros apearam na porta do rancho grande e comprido plantado na última linha de ranchos do povoado. Um *negro* velho levantou-se da rede à porta e sem nada dizer tomou conta dos cavalos. Um *pardo* gordo e careca lhes foi ao encontro esfregando as remelas dos olhos.

- “Bença padim Chico... bamo entrano... tem cama pronta... se quisé arranjo uma *jacuba*... ou água-que-passarinho-num-bebe...”

- “Bençoi, Justino” - respondeu Francisco - “põe o menino na cama e trais uns *marufo* pra nós, *preto bão*”.

Justino pegou o menino dos braços do pai e sumiu-se com ele para dentro do rancho. Voltou sorrindo e *de jeira*, trazendo três moringas de cachaça.

Francisco assentou-se à soleira do rancho, Orozimbo, num toco ao luar e Sapeca se manteve em pé. Viraram na goela as moringas e esperaram as estrelas baixarem.

*Com pouco*, Sapeca balangou as pernas e Justino o conduziu rancho adentro, ajeitando-o junto com Isac no mesmo estrado de pau recoberto de esteiras de palha.

Orozimbo dormiu sentado e Francisco recomendou a Justino que primeiro o chamasse pelo nome, antes de chegar perto.

- “Orozimbo... Orozimbo!” - Chamou Justino. - “Bamo entrá pra drumi que tem cama sobrano *malungo*...”

Francisco sumiu-se na névoa da madrugada e saiu a andar pelas ruas do seu Povoado do Cruzeiro que dentro em pouco se faria em rebuliço cheirando a *quebra-jejum* com biscoito, e o corre-corre das gentes.

## Capítulo VIII

**I**sto é o Cruzeiro visto em ligeiro vôo de passáro: ao centro do Povoado, fecha-se a praçazinha espaçosa e retangular, tendo ao norte a casa do Dr. Fernandes e ao sul uma capelazinha, ambas feitas de paus-a-pique rebocados, cobertas de indaiá e caiadas. Ao poente fica-lhe a casa grande destinada a moradia de mulheres sozinhas e crianças órfãs e ao nascente, a casa de escola, construção feita de troncos, retangular e comprida, com frente para a *dita* praça, também coberta de indaiá, sendo a maior do povoado. Ao lado direito do corpo da capela está o celeiro do povo com a frente voltada para a lateral do corpo da escola e fora da praça. O centro da *dita* praça tem um grande cruzeiro de aroeira com quase cinco *braças* de altura, com os *sagrados instrumentos da paixão* incrustados em seu corpo e braços e com sua base em sapata fincada no meio de um jardim de roseiras das brancas circundado por estacas de sucupira lavradas.

Francisco se recolhera já tarde da madrugada à casa dos homens, passara por uma madornazinha e se fizera de pé sem mais sono assim que o sol coou seus raios entre as gretas do pau-a-pique e do indaiá. Isac pulou da cama deixando seu pai a dormir, e saiu seguindo o *negro* pelas ruas do povoado. A maioria dos homens há muito já havia partido para o trabalho nas roças; outros e mulheres, sentados às portas das casas, fabricavam cestas, esteiras e balaios. Lavadeiras desciam para o ribeirão com trouxas de roupas na cabeça, crianças enganchadas nas cadeiras e outras chorando atrás. Todas as pessoas cumprimentavam Francisco, muitas lhe vinham pedir a bênção, principalmente *moleques* e *molecas*. Isac tentava, andando atrás de Francisco, passar-se por despercebido, mas assim que lhe viam a cor azul do olhos, ninguém o deixava de apontar e comentar, ou gracejar, perguntando se não era cego ou se enxergava melhor no escuro.



O *dito* celeiro do povo, além de ser construção reforçada, tinha o seu assoalho de pranchas suspenso sobre cepos de tronco a meia *braça* do chão. Francisco subiu a escada de tábuas e adentrou a porta grande, encontrando Dr. Fernandes e Leandro.

- Peço sua bênção, padrinho José Fernandes - disse Francisco ao *cabra* baixinho e cabeçudo que virando-se sorridente estendeu-lhe a mão para que beijasse.

Isac ficou olhando da porta, no tope da escada. O ar que vinha de dentro tinha cheiros de panos novos, couros, azeites, farinha e muitos outros. As tulhas ao fundo do celeiro, feitas de troncos bem retos, estavam entupidas, mostrando rentes ao teto montanhas de arroz, feijão e milho. Às laterais, desde a entrada, havia fardos de tudo, *surrões*, barris, caixotes e *canastras* fechadas, além de ferramentas novas e ferro pendurados pelas paredes, caibros e cumeeira afora.

Francisco, por sua vez, saudou o compadre Leandro e a conversa pediu seguimento.

- Então perdemos o Gumerindo, meu filho - comentou triste, o Dr. Fernandes.

- Sim, padrinho... encontramos os *homens-do-mato* da Bahia... sinto-me culpado de tudo... às vezes penso que a brutalidade é o meu elemento e que... não adianta querer fugir ou mudar...

- É natural o seu desabafo, filho... mas não há em suas palavras nexos ou razão que se fundem a não ser em sua tristeza e pesar pela perda do amigo... quer que eu dê a notícia à viúva?

- Não padrinho; isto eu faço... tenho a obrigação.

Isac foi ajudar a Leandro na separação dos *trens* a serem levados para a casa de escola. Quadrozinhos de lousa de pedra preta encastoados de madeira, caixas de giz de greda e uma *canastra* de livros em branco e blocos de papéis ingleses.

- "Isac, *suncê* leva as penas de escrevê e essas caixazinha; eu vô levá a *canastra* de quadrozinho de pedra" - disse Leandro, ajeitando nos braços do menino o fardo de pano branco.

Vendo passarem Leandro e o menino carregando os *trens*, Francisco e Dr. Fernandes vão até o canto perto das tulhas, apanham pelas alças de ferro a *canastra* de papéis e com ela saem do celeiro a passos curtos.

A casa da escola estava com todas as janelas abertas e já do tope da escada do celeiro Francisco viu Eva lá dentro. Seu coração deu pulos no peito e a mão quase larga a alça da *canastra*.

- *Vossa mercê* desce de costas; na frente, filho... mas, olhe para a escada e veja onde pisa... - adverte sorrindo, Dr. Fernandes por saber a razão do jeito *sem-pó* do afilhado.

Francisco, ao voltar da Bahia, unira-se de novo ao seu antigo grupo de *negros* temerários que tinha como ocupação o roubo a comboios de *pedestres* transportadores de diamante. Conheceu Fernandes Preto e com este conversou dois dias e duas noites lá na venda da *preta* Josefa. Ficou impressionado com as idéias do filósofo e resolveu segui-lo até o Cruzeiro, levando junto o velho padre excomungado com quem voltara da Bahia. Mais uns quinze dias ficou a escutar os projetos e pensamentos do Dr. Fernandes.

Convenceu-se do sonho e mandou avisar a Negato que estava deixando a vida de *calhambola* e que ele, seu braço direito, ficasse *capitão* e general do seu magote de *negros*, doravante e para sempre. Mas a causa de tudo isto, além do Dr. Fernandes e seu empreendimento sonhado, fora a de que Francisco, ao ver Eva, passara a dormir acordado, sonhando dentro do sonho: ele era Adão e ela era Eva e o paraíso, este deveria ser o Povoado do Cruzeiro.

O sol da manhã faiscava ouro sobre os tetos de indaiá. A casa de escola tinha de comprido umas vinte *braças* e de largo, outras cinco ou seis; na frente, uma grande porta de tábua sempre aberta e de cada um dos lados, cinco janelas e porta pequena fechada. Leandro veio de encontro aos que chegavam e tomou-lhes sozinho a *canastra*. Levou-a para o fundo do salão, sumindo-se porta adentro no compartimento fechado atrás da mesa de mestre, ao lado da grande lousa de pedra na parede de troncos fixada. Eva, num dos bancos da frente, conversava com Isac. Ao ver Francisco e o pai, foi-lhes ao encontro sorridente e faceira, arrastando pelo chão de lajes e seixos o seu vestido singelo de chita azul e branca.

- *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo*, senhor Francisco Adão - saudou sorrindo - espero que tenha tido uma boa viagem...

- Para sempre seja Louvado, senhorazinha Eva... sim... não; não tivemos uma boa viagem... perdemos o nosso *malungo* Gumercindo, infelizmente - responde Francisco, de cabeça baixa a alisar as abas de seu chapéu.

- É... o meninozinho estava a me contar... pobre Laís... que será dela agora... - comenta a mocinha com a voz embargada. Depois, pede escusas e se retira apressada.

- Bem, caro padrinho - sorri Francisco - tenho também boas notícias: encontrei um homem de boa educação e que muito sabe de Matemáticas e números... não tem nobreza de sangue e tampouco soberba ou ganância... é branco sem-nome, humilde, mas que enxerga as luzes e crê nos albores desta terra, apesar de na vida não ter tido muita sorte até hoje...

- Ora, ora - sorri Fernandes - e onde está o homem? Anseio por conhecê-lo o mais breve possível!

- Trouxe também um *moleção negro* chamado Orozimbo... é leal e valente; salvou-me a vida na luta contra os *homens-do-mato*. Estou a apadrinhá-lo neste povoado... é fugido e *garimpeiro*; traz nas costas recente marca de ferro...

- Este, é preciso assuntar bem, Francisco. É preciso mostrar-lhe o modo de vida de nosso povo, para que escolha... Bem... o dia está na marcha do tempo e, este, sempre anda. Espero-os todos, a *vossa mercê* e amigos, para almoçarmos em minha casa dentro de - examina o relógio e corrente de ouro - ... duas horas, está bem ?

- Está bem, padrinho... pode esperar! Ah! O meninozinho... é Isac, filho de nosso professor - informa Francisco, puxando o *moleque* pela mão.

- Muito prazer em conhecê-lo, senhor Isac - diz o Dr. Fernandes, ajeitando no nariz os pequenos óculos. - Como se chama o senhor seu pai ?

- Antônio Pinto Sapeca... *vossa mercê*... é o Dr. Fernandes, suponho...

- *Beza a Deus*, Francisco ! - Surpreende-se Fernandes. - Se for pelo filho o julgar, o pai deve ser um foco de luz, sem dúvida! Ah! Ah! Ah!

À porta da escola, padrinho e afilhado se despedem. Francisco e Isac caminham pela praça, indo pelo beco entre a capela e o celeiro na direitura da casa dos homens.

Depois que dobraram à esquerda, passaram pelos fundos do *dito* celeiro e subiram à direita tomando a rua dos Homens, Isac e Francisco começaram a notar que muitas gentes subiam apressadas e outras voltavam rindo, num estranho vai e vem. Apertaram o passo no chão e logo viram que o motivo podia estar na *dita* casa dos homens: havia na porta da casa alguma gente em movimento num entrar mansinho e num sair rindo.

O *dito* rancho dos homens tinha de comprido a mesma extensão do de escola e de largo, a metade em estreitura. As janelas estavam todas abertas e o sol já o lambia por dentro, banhando as paredes, o chão e algumas camas. As muitas redes penduradas estavam todas vazias e, igualmente, as três fileiras de jiraus de catres não tinham vivalma a dormir... a não ser...

- Rrruuuuunnnnng-flrrrruuuuuuug!

- Fffuiiiiiinnng-coch-loff-bó-bó-boc!

Francisco caminhou para o fundo do dormitório e viu Teodoro.

- “Sô Orozimbo! Sô Antonho! Acorda, gente!”

Sapeca e Orozimbo dormiam solto, vizinhos nas últimas camas. Respiravam chupando tudo, mesmo moscas a uma *braça*, e soltavam, um, um ronco medonho e outro, um assobio rachado.

- “Cumé que fais, sô Francisco? Chamano, ninguém iscuta! Tocá com a mão os dorminhoco é pô o pescoço e a cabeça no prejuízo!” - Argumentou Teodoro, coçando a barbicha.

Francisco sorriu e compreendeu o dilema. O montanha de *negro*, Orozimbo, roncava de punhos cerrados em posição de atacar, e Sapeca, de quando em vez, girava no ar a catana para espantar os mosquitos.

- Pode deixar, sô Francisco, que eu sei acordar o pai - disse o *moleque*, passando por Francisco e Teodoro e enfiando-se debaixo do jirau onde dormia Sapeca.

- Ssssssss-tss-tissss-tissss! - Fez o *moleque* com a linguazinha entre a falha de dentes.

Sapeca deu um pulo e saiu brandindo aos gritos a catana:

- *São Clemente! São Sebastião! É cascavel! É bicho-mau!*

Orozimbo parou de roncar, cruzou no peito as marretas, mas, continuou inerte na cama vizinha. Abriu apenas um olho e perguntou a Francisco:

- “O branco *catita* acordô?”

Sapeca deu por si parado com a catana na mão ali no meio do dormitório e perguntou:

- Por que ninguém me chamou? O sol já se vai às alturas, meu Deus!

- *Suncê é zanaga*, branco! - Rosnou Orozimbo, esbirrado na parede sobre o jirau de cama. - “Toda veis que Orozimbo sentô no jirau e chamô... *suncê* cutelô de catana, mandano *omindes* deitá! Orozimbo num podia nem

pará de roncá!” - Explicou o *calhambola* com a testa franzida e gesticulando degola com a mão.

Francisco tirou de Sapeca a catana e em meio aos risos escancarados que vinham do povo parado na porta, recomendou:

- Senhor Antônio Pinto, tenha a prudência... acorde! ... Orozimbo não é um sarraceno e nem *vossa mercê*, um cruzado... acorde Homem!

A risadaria na porta aumentou e Teodoro mandou que fossem todos cuidarem de suas vidas e que não amolassem mais. Orozimbo também encontrou graça e riu bastante, jogando no branco um travesseiro de *paina* e tudo acabou em galhofas.

Justino chegou com uma *gamela* d'água e navalha para que Francisco pudesse raspar a barba. Depois acompanhou Sapeca e Orozimbo que pediram-lhe o rumo do ribeirão para se assearem.

O *pardo* gordo para não atrair mais atenções e risadas evitou a rua dos Homens e levou o branco e o *negro* pela rua da Direita. Sapeca vestia ainda a camisa preta de babados e filós e os calções roxos encardidos, com pés descalços e sem chapéu. Orozimbo, de calções esfarrapados e da cor do chão, exibia ao sol a sua vigorosa compleição muscular e a sua tez jovem, *negra* e brilhante, além do grande “F” vermelho já cicatrizado em suas costas. Assim, não havia como não despertar as atenções: quando passaram entre as casas de Maria Conga e suas filhas de um lado, e de outro, a de Fortunata e Maria Africana, levantaram o mulhierio. Até mesmo Carmelita Branca, que tinha três *pretos* e Maria *Fula* Fulô, que tinha três brancos, ao verem os homens passarem, os foram seguindo de longe aos risozinhos e meneios de corpo.

Chegando no ribeirão, avistaram mais mulheres, *crias* e molecotes, que também se levantaram. Sapeca cochichou a Justino e foram os dois derivando mais à direita, caçando um lugar mais resguardado, onde o branco pudesse se banhar e assear as roupas sossegado. Orozimbo não mudou de rumo. Passou empinado entre as fêmeas e se jogou no ribeirão.

Uma *negra* atirou-lhe um sabão de pequi perfumado de assa-peixe e o *negro* o pegou no ar, fazendo medidas de guerreiro. Lavou primeiro a carapinha e a pouca barba, depois esfregou os peitos e os braços poderosos, mostrando os músculos retesados. As *pretas*, na beira do córrego, suspiravam e gemiam umas; outras, de vestidos amarrados, ameaçavam entrar na água. Houve um delírio geral, quando o *negro*, com um jeito lascivo, enfiou o sabão dentro dos calções sob a água e o fez espumar nas *encomendas*. Porém, duma hora para outra, os suspiros e risadas viraram apupos e gritos de xingo, num vitupério geral:

- “Fora, *sumbanga!*” - Gritavam umas.

- “*Cangúia! Otatariove! Candamburo roncoio!*” - Outras.

Orozimbo sentiu uma quentura na cara, achando que tinha perdido o encanto; agachou-se dentro d'água sem coragem de levantar a cabeça. Viu uns enormes cambitos pretos plantados na sua frente e subiu os olhos vendo toda a figura. Era um *negro* enorme e esquelético, com um pano vermelho entre as pernas. Tinha a cara lanhada e o peito e barriga com mais cortes e tatuagens.

- “*Ominde* é príncipe, *malungo*... parente de *Rei Daomé*, sinhô dos *mina*... nesses Brasi, sô *raçadô* afamado!” - Fala-lhe desdenhosamente o *negro*, olhando-o por cima.

Orozimbo teve vontade de quebrar ao meio aquele pau-de-fumo insolente. Mas, não: levantou-se bruscamente das águas fazendo o *dito negro* se assustar e cair de costas no ribeirão.

- “*Raçadô!* Quá! Isso é *candamburo roncoio!*” - Gritaram as *pretas* na beirada do córrego.

Orozimbo, vendo que não perdera o prestígio caminhou firme em direção às margens do ribeirão. Duas *pretas* vieram encontrá-lo oferecendo-lhe toalhas brancas de algodão.

Mais abaixo, onde o ribeirão do Cruzeiro fazia um remanso, Sapeca lavou-se e às roupas, mas sem tirá-las do corpo. Depois trepou no barranco gramado e foi procurar uma moita, do outro lado do corgo. Justino deitou-se na grama e ficou olhando para o céu. Quando viu, o branco já estava ao seu lado com a roupa torcida no corpo e enxugando com um graveto os cabelos.

- Que algazarra é esta que estamos a ouvir, caro Justino? - Pergunta ao *pardo* careca que espreguiçava ao sol.

- “É as muié mangano do *raçadô!*”

- “*Raçadô ?!*” O que vem a ser isto, amigo?

- “É um *negro mina* que o Dr. Fernandes comprô... diz qu’ê rei; mais ninguém aquerdita, não... é um *zanaga* bobo que acha que nasceu pra imbarrigá as muié... isto lá é ocupação de gente?”

Justino e Sapeca seguem ribeirão acima e com *pouco* avistam de longe as mulheres, agora comportadas, estando todas sentadas fazendo uma grande roda na grama. Ao meio, uma *preta* velha com pente de ferro e cordões penteava e trançava em silêncio os cabelos do *malungo* Orozimbo. Ao fundo, no raso ribeirão, um *negro* grandalhão vestindo uma tanga vermelha, andava aos pulos para cima e para baixo, como se estivesse a fazer manobras marciais. Mas nenhuma das *pretas* parecia vê-lo. Todas comiam com os olhos o atarracado *moleque* Orozimbo.

- Eia, *malungo*... já vou subindo que a hora tarda - gritou Sapeca ao amigo.

- “*In-sim catita*... *omindes* num vai... vai cumê quiabo na casa de Maria Conga... *suncê* conta a *gunga* Beirão, viu ?”

- Pode deixar, Orozimbo - sorriu malicioso, Sapeca - parece que *vassuncê* já achou bons cômodos! Direi a Francisco!

Francisco já se barbeara e olhando num caco de espelho arrumava o lenço amarelo ao pescoço.

- *Vossa mercê* viu Isac? - Perguntou Sapeca.

- Saiu com uns *moleques* e negrinhas... disse que estava indo para a casa de Maria Conga...

- Para comer quiabos?!

- ... E *quibebe*. Mas como sabe *vossa mercê* ? - Indaga Francisco Fechando um olho.

- Orozimbo recebeu também um convite... que diabos vem a ser isto? “Comer quiabos”?



- Fique tranqüilo, amigo. É casa de respeito a de Maria Conga... suas filhas são assanhadas, mas só no mato. Em casa, a velha as vigia. Estamos atrasados para o almoço... o Dr. Fernandes aprecia muito a pontualidade...

Sapeca apressou-se. Tirou a roupa enxombrada e deixou-a numa vara a secar. Vestiu correndo outras, novas também, e calçou os sapatos.

Francisco vestido de branco, calções de linho e camisa solta fora dos *ditos*. Botas pretas, lenço amarelo ao pescoço e fino chapéu de palhinha copado. Sapeca vestido de azul, calções de serafina e camisa por sob o colete de crepe. Sapatos marrons e meias brancas; ao pescoço um lenço vermelho da Índia e na cabeça, o chapéu de palhinha de abas largas em cairel debruadas.

- Ora, ora! Pois, então vou ter a honra de conhecer o distinto Dr. Fernandes! - Exclama Sapeca ao saírem à porta da casa dos homens.

- Vamos passar primeiro na casa da viúva de Gumercindo... preciso entregar-lhe isto - disse Francisco, mostrando a Sapeca o facão e os bentinhos do amigo falecido e um embrulho de panos e roupazinhas que o coitado vinha trazendo para a mulher.

Ao invés de descerem pela rua dos Homens até o fim, tomaram a do Zimbabo e seguiram saindo na do Fogo, e desceram. A casa da viúva era a penúltima da rua, atrás da *dita* das Mulheres Sozinhas e Crianças.

- Ô de casa! - Chamou Francisco à sombra do sabugueiro.

- “Pode entrá sô Francisco... a porta tá só escorada” - respondeu lá de dentro uma voz de mulher.

O ranchozinho era pequeno e bem feito. Rebocado e caiado por fora, boa porta de tábua maciça. Ficaram parados no cômodo de sala, onde coisas bem poucas havia: um pote sobre um cepo de tronco lá no canto da parede e perto do *dito*, uma imagem de *São Sebastião* bem pequena. Dois tamboretas e um banco e um couro de onça no chão. A mulher apareceu sem graça e de olhos inchados.

- *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo*, dona Laís! Nossa Senhora do Rosário é que há de dar conforto e amparo... para a senhora e quem mais chegar...

A mulher continuou parada, encostada na parede sem nada responder.

- “Amém, nós tudo” - respondeu uma outra voz de mulher lá de dentro do quarto, precedida da *dita* que também saiu.

- *Louvado seja*, dona Chica Juá! Pelo que vejo, a senhora está cuidando de ajudar dona Laís - observa Francisco.

- “*In-sim*, sô Francisco. Sazinha Eva pediu pra mim cuidá da Laís e num deixá ela sozinha” - respondeu a índia velha, amparando a grávida pálida.

- “Sunceis já pode ir embora... pode largá os *trem* do falecido aí no banco... dei uns cipó pra Laís pra ela ficá abobada... *mode* num sofrê... agora sunceis vai!” - Insistiu a velha *puri*, mostrando a porta aos visitantes.

Ainda não eram dez horas e o sol era morno e gostoso. O céu continuava azul como o manto de Nossa Senhora. O povoado inteiro cheirava a de comer, recendendo a peixe frito, torresmo e outros guisados temperados com alho, pimenta e cebola de folha.

Sapeca ficara impressionado com dona Laís. Por ser ela a viúva do *pardo* Gumerindo, houvera suposto que fosse *preta*. Mas não era. Era branca como o luar, tinha os cabelos avermelhados e os olhos verdes como esmeraldas. Mas, mesmo assim, a expressão triste daquela pobre viúva lembrou-lhe muito a de sua amada Berenice. Coitada - pensava - haveria de sofrer muito agora, sem marido e com um filho a parir e depois criar. Sapeca tinha parado de andar, perdido que estava nesses pensamentos ali na esquina da rua do Fogo com a das Mulheres quando o seu estômago roncou e, Francisco, pegando-o pelo braço, gracejou:

- Vamos embora amigo Antônio Pinto pois o seu bucho já rosna de fome!

O branco não respondeu. Apenas seguiu o amigo. Saíram na praça do Cruzeiro e desceram na direção da casa do Dr. Fernandes. O homenzinho, ansioso, os esperava na varanda com o relógio de corrente na mão.

- Pois muito bem, senhores! Pontualidade! - Sorriu-lhes o anfitrião, convidando: entremos! Entremos primeiro! Deixemos as apresentações para depois!

A sala da casa não era enorme, mas também não era pequena. Tinha ao centro uma mesa comprida rodeada de cadeiras de madeira entalhada com os assentos encobertos por capas brancas de pano de algodão. Encostados às paredes havia de um lado um banco comprido feito de tábua e, de outro, uma vigorosa estante abarrotada de livros.

- Pois bem, caro Francisco - disse risonho o Dr. Fernandes, fazendo estalar os saltos dos *borzequins* no assoalho de tábuas.

- Conforme lhe havia falado caro padrinho José Fernandes, apresento-lhe aquele que pode vir a ser o nosso professor de Matemáticas! - Enseja Francisco cavalheirescamente.

- Há muito tenho ansiado pelo momento de conhecê-lo, Sr. Dr. Fernandes - apresenta-se Sapeca, estendendo a mão.

- Sinto-me honrado de receber *vossa mercê* em minha humilde moradia, senhor...

- Antônio Pinto Sapeca, senhor, *seu criado* - responde Sapeca fazendo vênia.

- Pois muito bem senhores - diz o Dr. Fernandes pedindo licença - os senhores fiquem à vontade. Vou chamar ao recinto a minha mulher e um outro distinto amigo.

- É um perfeito gentil-homem - murmura Sapeca a Francisco, quando o baixote se retira sumindo-se atrás da cortina feita de contas de lágrima.

O homem tinha um porte respeitável apesar da estatura. Usava uma camisa de linho cinza abotoada rente ao pescoço e mangas afofadas abotoadas nos punhos. Calções simples de algodão grosseiro também de cor cinza, abotoados sobre as meias pretas e calçava velhos *borzequins* da mesma cor. O homenzinho era mais baixo que Sapeca pois este, olhando-o de frente, sempre conseguia enxergar-lhe o alto da cabeçorra onde a carapinha oleosa raleava mostrando uma coroa meio pelada. Sapeca bateu os saltos no chão, olhou para Francisco e se pôs a andar em círculos, com as mãos estiradas para trás.

A cortina de contas fez barulho e revelou o Dr. Fernandes escorando pelo braço um homem velho e padre. Francisco se adiantou:

- A bênção, padre Matuzalém! Como tem passado?

- Muito mal, meu filho... muito mal! - Respondeu o ancião, com uma voz assobiada, como cochicho de papudo.

Sapeca se adiantou e Fernandes Preto apresentou-lhe o *dito* padre.

- Este é o padre que temos, senhor Antônio Pinto! Muito justo e sábio é o nosso padre Matuzalém...

O velho, ao ver Sapeca, apertou os olhozinhos avermelhados e disse com muito custo.

- *Vossa mercê é semita!* Estão também à caça de vossa mercê, meu filho? É o ministro Carvalho e Melo... é o ministro. Sê bem-vindo... eu também sou excomungado, Eh! Eh! Eh!

Sapeca ficou sem jeito diante da indiscrição do padre e apenas beijou-lhe a mão idosa, esquecendo-se de pedir-lhe a bênção. O amigo Francisco pegou o velho pelo braço e o levou para assentar-se numa cadeira à mesa. A esse mesmo tempo, uma *negra* gorda e sorridente trazendo uma bandeja de copos e uma garrafa de vinho saiu pela cortina de contas de lágrima e foi até a mesa, onde depositou a *dita* bandeja e garrafa.

- Dona Luzia, minha mulher! - Chamou o Dr. Fernandes, pegando pelo braço a *negra* gorda. - Apresento à senhora o senhor Antônio Pinto Sapeca, amigo de nosso afilhado Francisco e, queira Deus, o que haverá de ser o nosso professor de Matemáticas!

- Temos muito gosto em recebê-lo, senhor Antônio Pinto! - Saúda a mulher, dobrando levemente os joelhos e segurando com uma das mãos a saia rodada de seu vestido amarelo.

- Encantado, senhora! Sua casa é muito agradável e de muito bom gosto! - Responde Sapeca, fazendo um cumprimento à francesa.

Os homens sentaram-se à mesa e o vinho foi servido. Depois, vieram pratos de fina louça do reino e talheres de prata e finalmente a comida, servida em travessas e *gamelas*. Eva a trazia num vai e vem gracioso e gentil. Vestia sobre o mesmo vestidinho azul e branco um aventalzinho esverdeado e tinha sob um filó as suas grossas tranças de negros cabelos.

Durante o almoço e à sobremesa o Dr. Fernandes e Sapeca falaram de assuntos variados e o velho padre sempre bem humorado também filosofou, ora sério, ora chistoso. A conversa navegara pelas *galés* do trabalho escravo, passara por tempestuosas águas dos dogmas da religião e finalmente aportara às *luzes do saber* e pensamentos que sacudiam o mundo de então. Dr. Fernandes e Sapeca reciprocamente se impressionavam pelas coincidências dos seus jeitos de pensar. Francisco Adão pouco falara e parecia voar.

- Ponha sentido na conversa, meu filho! Os passarinhos estão no chão, Eh! Eh! Eh! - Riu-se gostosamente o ancião, arrematando o chiste: eu sei... eu sei...

A última vez que Eva estivera na sala, trazendo um bule de *congonha*, o padre, por baixo da mesa, pisara o pé de Francisco para que visse o que ele vira: Eva trazia sobre a orelha, entre as tranças que fugiam ao filó, uma enorme flor amarela de dália. O *negro*, ante o pisar do padre, apenas

travou a boca mostrando não ter entendido o aviso dado. O padre tirou um lenço sujo do bolso e começou a se enforçar. Francisco passou a mão no pescoço e lembrou-se de que tinha nele um lenço amarelo; sorriu.

- Concordo plenamente com *vossa mercê* - diz Sapeca - as coisas têm cada qual o seu tempo e o seu compasso. Certas transformações não são vistas, mas ocorrem...

- Eu nunca vi um jardineiro morrer, diria a rosa, por ter um tempo de vida mais curto; mas, os jardineiros morrem... - arremata o Dr. Fernandes, concluindo suas impressões acerca da estática e da dinâmica do universo.

Eva surgiu outra vez na sala. Dirigiu-se ao pai e murmurou algumas palavras ao seu ouvido. Francisco conseguiu interceptar-lhe um olhar. Sorriu, olhando para a dália amarela que trazia na orelha e acariciando discretamente o lenço de mesma cor que tinha ao pescoço.

- Aquele *negro* caduco, ora esta! - Resmungou o Dr. Fernandes.

- Algum inesperado, padrinho José Fernandes? - Indagou Francisco, como se não soubesse do que se tratava.

- É o velho Vicente Soares... além de ter recusado meu convite para o almoço, quer agora roubar-me as visitas! Mandou aviso de que é para enviar até a sua *cafua* o senhor Antônio Pinto, seu filho e o tal quilombola... ora esta! - Responde contrariado o *cabrazinho* filósofo.

O velho padre que fingia cochilar, abriu os olhozinhos matreiros e gracejou:

- É bom ir logo... além disto talvez os convidados achem luzes maiores lá no Alto da Botica, Eh! Eh! Eh! Velho feiticeiro cheio de entojos, Eh! Eh! Eh! - Riu-se o velho, folgazão.

Sapeca vendo que dona Luzia chegara, aproveita para ficar de pé e fazer um agradecimento formal pela acolhida e pelo almoço. Agradece mais de uma vez a Fernandes Preto e promete voltar para continuarem a dissecação filosófica sobre a questão do conhecimento da ciência e dos dogmas.

Francisco pediu licença e se encaminhou para a porta, onde Eva o esperava discreta. O *negro* desfez o nó do lenço amarelo e a moça abriu-lhe sorrindo a porta. Os de dentro ainda conversavam e não viram. O rapaz deixou seu lenço preso à tramela e foi-se embora com uma dália no chapéu.

Orozimbo e Isac esperavam em frente ao cruzeiro.

- Isac, vou passar no celeiro e apanhar uns *trens* do vô Vicente - avisou Francisco, passando na frente da casa de escola. - Fique aí a esperar por seu pai que já deve estar vindo - recomendou.

- *In-sim* - respondeu o pardozinho dando de ombros.

Com *pouco*, Sapeca apareceu na porta do Dr. Fernandes despedindo-se e prometendo voltar ao entardecer. O anfitrião ficou em sua varanda e o branco cuidou de atravessar a praça, indo de encontro ao filho e ao amigo Orozimbo.

- O que fizeram no seu cabelo, *malungo*? - Perguntou, gracejando com Orozimbo.

O *negro* empinou o peito e nada respondeu ao branco ignorante sobre os costumes de seu povo que gostava de dividir o cabelo em várias trançazinhas amarradas e presas umas nas outras. Francisco já vinha de volta com um *surrão* e duas caixazinhas de madeira forradas de couro.

- Então vamos gente, que o homem nos espera - disse, caminhando em direção à rua das Mulheres, do outro lado da praça do Cruzeiro.

Sapeca toma de Francisco o *surrão* e vão seguindo juntos, passando pela casa do falecido Gumerindo e descendo no rumo do ribeirão do Cruzeiro.

- Quem é o tal Vicente Soares, amigo Francisco? Pareceu a mim que tanto o Dr. Fernandes quanto o padre Matuzalém têm por *dita* pessoa um certo apreço... e picuinhas também...

- Picuinhas são coisas de gente de idade, amigo Sapeca - respondeu Francisco, fazendo sinal para que Orozimbo e Isac se emparelhassem a eles. - Quanto ao apreço, eu também o tenho pelo *negro* velho...

- Pois bem - aparteia Sapeca, mostrando interesse.

- ... Contou-me o Dr. Fernandes que haverá uns seis anos vieram a ter aqui no Cruzeiro uns *calhambolas* do *quilombo do Zondum*. Traziam preso a ferros e encapuzado a um *negro* que diziam feiticeiro e matador de outros *negros*, a quem pretendiam matar enterrando vivo, após uma tunda de pau-de-fumo.

- “O pau-de-fumo quebra a muamba e *mandraca* do caqui” - explicou Orozimbo ao incrédulo Sapeca.

- Mas por que é que queriam matar o *dito negro*? - Indaga o branco. Orozimbo disse que não sabia e Francisco continuou.

- O Dr. Fernandes mandou que lhe tirassem o capuz pois, talvez, pudesse comprá-lo, mostrando-lhes uma *clavina* e uma catana. Os *negros* entreolharam-se e riram uns para os outros. Foram honestos e falaram que era um *negro* bem velho, mas que não podiam tirar o capuz porque o *dito* era de olho ruim. Disseram que o velho, desde que chegara ao *Zondum* fizera morrer a muitos *minas* de *doenças incuráveis* e cobras mandadas e por isto queriam livrar-se dele, matando-o depois de lhe quebrarem o encanto.

Francisco parou de falar e se encaminhou para o pau de capitão tombado que servia de pinguela sobre o ribeirão do Cruzeiro.

- E... esse velho é o *negro* Vicente? - Indagou Isac, agarrado aos calções do pai.

Assim que Orozimbo por último atravessou o corgo, Francisco continuou o caso, seguindo em direção ao Alto da Botica.

- Isto mesmo... o *dito negro* é o vô Vicente Soares. Ele é de nação *Moçambique* e seu nome na terra era Gorongoza. Viveu muitos anos na *Vila Rica* e chegou a ser *quartado*. Falecida sua senhora, os herdeiros não lhe reconheceram o estado e quiseram vendê-lo. O *negro* fugiu e foi para um quilombo chamado o *Zondum*. Era no ano de cinqüenta, segundo me contou o *dito* velho, e o *Zondum* foi atacado de surpresa, sofrendo alguma morte e prisões. A maioria dos *negros*, inclusive vô Vicente, conseguiu fugir. Depois voltaram e reconstruíram o quilombo. A razão daquele sofrimento, entendeu Vicente Soares tinha sido a traição de uns *negros* linguarudos, uns sovas e uns *minas* que haviam revelado aos brancos o local do quilombo e levado as tropas do mato e *pedestres* a atacar-lhes o quilombo em troca de oitavas de ouro, umas *pretas* e *alforria*.

- Em toda raça há os traidores... os malditos traidores - comenta Sapeca, lembrando-se do seu desafeto Henriques.



- Estes, para o vô Vicente, são os *minas* e os sovas de qualquer nação. Houve então no *Zondum* uma grande mortandade de *negros minas*; uns de doença desconhecida e outros mordidos de cobras. Os chefes do quilombo culpavam logo o *dito* velho, pois o sabiam feiticeiro e inimigo dos *minas*. Assim, comprado pelo Dr. Fernandes em troca de uma *clavina* e catana, é que o *dito* vô Vicente veio a ter no meio de nós no Cruzeiro.

O sol brilhava no meio do céu. Os *malungos* passaram por um descampado bonito onde havia um grande cercado de achas de aroeira com um pequeno cruzeiro plantado ao meio. Era o cemitério do povoado. Francisco e Sapeca descobriram as cabeças e se benzeram.

- Pobre Gumerindo... ficou tão longe de seu povo... podia estar aqui neste lugar tão bonito - comenta Sapeca.

- Gumerindo não será esquecido, não, amigo. Há um livro de crônicas onde se registra a História do Povoado do Cruzeiro. Quando houver a primeira reunião de nosso conselho, faremos registrar sua história, feitos e descendentes no *dito* livro - informou Francisco.

Os homens seguiram em caminho da roça, rumo ao sopé do morro. O mato ficou mais denso e os homens e o menino se embrenharam morro acima. *Com pouco*, vazaram em campos mais limpos já pelas metades da *dita* subida. O calor aumentava na medida em que subiam e o suor lhes banhava a testa e enxombrava as roupas. Passaram os quatro num descampado no cabeço do morro, rodeado de arvorezinhas enfezadas e muitas plantas rasteiras.

- Aqui em cima - explica Francisco - todas as plantas que estão a ver são *mezinhas*... de beber, banhar, emplastar... tem remédio para tudo e todo reunido neste cabeço de morro, como se alguém tivesse plantado. Por isto é que tem este morro o nome de Alto da Botica.

- Seria por isto que o velho veio a morar neste lugar? - Pergunta Sapeca.

- Vô Vicente tem a incumbência de vigiar as paragens daqui de cima e avisar o povoado da aproximação de gente estranha... o Alto da Botica é o nosso *morro de espia* e o trabalho do velho, além de curar as pessoas, é também o vigiar - responde Francisco mostrando a lonjura dos horizontes que se viam de cima do morro.

- O Dr. Fernandes é mesmo um homem sábio... encontrou serventia até mesmo em um feiticeiro enraivecido - comenta Sapeca a admirar as paragens que se viam a oeste, compostas de banhados e belíssimas lagoas que brilhavam ao sol.

- Hoje, o velho vô Vicente é um homem muito importante para toda a gente do Cruzeiro. É cristão devoto e sacristão preferido do padre Matuzalém em suas missas de domingo, curador respeitado e vereador.

- E estamos ainda muito longe da habitação do velho, amigo Francisco? - Pergunta Sapeca, já suando às bicas sob o sol escaldante do alto do morro.

- Chegamos - responde o *negro*, apontando para um capãozinho próximo onde bem dissimulado no mato se delineava um ranchozinho coberto de cascas de coqueiro como se fossem *telhas de coxa*.

Todos se calaram ao verem a cabana e o silêncio ficou riscado de branco, como o céu que envolvia o morro.

Entraram na *cafua* e a encontraram vazia. Havia uma fogueirazinha acesa no meio da casa e uns tocos de pau para se sentar encostados pelas paredes de paus-a-pique. Francisco tomou de Sapeca o *surrão* de couro e foi colocá-lo, juntamente com as caixazinhas que trazia, num canto perto da porta dos fundos. A *cafua* não tinha janela; só as duas portas de se fechar com paus. Francisco mandou que se assentassem nos tocos e assim fizeram. Onde estaria o velho?

Com *pouco*, veio entrando pela porta dos fundos uma figurazinha recurvada e de cabelos brancos como a *paina*. Andava sem apoio ou bengala e trazia numa das mãos uma panelazinha de ferro com água cristalina. Fez como quem não tivesse visto as visitas. Pegou num canto um tripé de ferro e o armou sobre o fogo, onde pendurou a panela d'água. Depois, ficou agachado de cócoras e cabeça baixa a riscar com um graveto o chão. Quando a água principiou a chiar na panela, levantou a cabeça e falou:

- “Que Deus abençoi a sunceis...”

Francisco sorriu e o *negro* velho continuou, agora olhando firme para Sapeca:

- “... Feiticero inraivido, eu não sô não, branco banguela. *Suncê*, sim, é que parece cachorro doido... quais matô o feitô, Oh! Oh! Oh! Achei foi bão... mais *suncê* num matô... gente trapaiô, né?” - Conclui o velho interrogativo, olhando para Francisco.

O *negro* velho tirou da algibeira um embrulhinho de pano e despejou dele muitas folhas secas na panela de água a ferver. Sapeca, boquiaberto, pensava: “Como é que o velho sabia, não só daquilo que havia *dito* antes de chegar, como também de *sucesso* ocorrido lá na *Vila de Pitangui*? ... O que dissera, o velho podia ter ouvido, pois já estavam em cima do morro; o acontecido em *Pitangui*, o certo é que alguém contara-lhe o caso... devia ser isto” - concluiu em pensamento.

- “Ninguém contô nada pro véio... o véio viu” - disse o *negro moçambique*, sem olhar para Sapeca e, virando-se para Orozimbo: “*Ovê* caiu *nim acrepu* de *oroganga soma zanaga*, *mode* rabo-de-saia... Deixa ia *candonga* cum tanto *andambi*... ói, escuta conseio... *suncê* inda vai perdê a zoreia...”

- “*In-sim*, *curiandamba*... *omindes* num vai mais sê *marimbô* de rabo-de-saia” - respondeu trêmulo o musculoso *calhambola*.

Francisco apanhou um saco que estava pendurado na parede e dele retirou *coités* e uma colher de pau. Entregou ao velho os *coités*, mexeu a panela com a *dita* colher e a entregou também ao velho. Vicente Soares com mão firme foi pondo um pouco daquela tisana em cada *coité* que Francisco foi repassando um a um às visitas.

- É chá de *congonha* com *mentastro*, gente! Pode beber sem cisma! - Recomendou Francisco, pegando seu próprio *coité*.

Aquele chá, além do sabor agradável e refrescante - apesar de quente - trouxe mais confiança às visitas e um apego com jeito de amizade antiga à figura avoenga de Vicente Soares.

Sapeca sentiu coragem e resolveu falar alguma coisa.

- Está muito gostoso este chá, senhor Vicente!

O velho sorriu e Sapeca sentiu-se gratificado.

- Francisco sempre falou do senhor e eu ansiava por conhecê-lo... estou satisfeito... - confessa o branco.

- “*Suncê* é home bão, branco... e o muleque Orozimbo, tamém... té qu'infim o meu Chico arranjou cumpania boa... tamém tô sastifeito” - respondeu o velho sorridente, mostrando os dentes pequenos e brancosinhos.

Depois, virando-se para Francisco, o velho vaticinou:

- “O Branco e o muleque tão cum passo amarrado no caminho de *suncê*, meu fio... o minino tamém... sunceis vai *cumê munto sal junto* vida afora... isso é bão” - complementa sorrindo.

Terminando o chá, Francisco se levanta.

- Vô Vicente, nós vai simhora... Sapeca percisa ajeitá as coisas cum Dr. Fernando... dispois nós volta cum mais tempo... Os *trem* que o sinhô pediu tão aí no canto... “

Vicente foi até o canto onde Francisco colocara os *trens* e examinou o conteúdo das caixazinhas e *surrão*. Depois, pegou o saco onde guardava *coités* e *trens* de cozinha e o escarafunchou até achar uma cousazinha que veio trazendo na mão.

- “Vem cá, *aqueijê*” - disse a Isac - “toma pra *suncê*... é um *vungo-vungo* pra *suncê* brincá de zuni...”

O brinquedo era um pedaço de *cuia* furada amarrado num barbante comprido.

Isac levantou-se do toco e, antes de pegar o brinquedo, abraçou instintivamente o velho *negro*.

- “Nosso Sinhô Jesus Cristo que te abençoa, *camuquengue*, Oh! Oh! Oh!” - Disse o velho não cabendo em si. - “Agora, sunceis pode ir simhora” - autorizou.

Orozimbo adiantou-se e pediu a bênção, beijando a mão de vô Vicente. Sapeca fez questão de apertar-lhe a mão calejada e limpa.

- Estou muito feliz por tê-lo conhecido, senhor Vicente!

- “Berenice tamém tá munto filiz, fio” - responde o velho, correspondendo o aperto de mão.

Sapeca engasga a garganta e os olhos e só consegue dizer:

- *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo*, senhor...

- “Para sempre, meu fio. Inté mais vê” - responde o velho.

Francisco, por último, pede a bênção e beija a mão do velho. Sai na frente dos outros puxando a fila das visitas.

Isac, no descampado da cabeça do morro, brincava de zunir o seu *vungo-vungo*, girando-o sob o céu azul turquesado pelo sol das três da tarde.

- Que homem mais impressionante, Francisco! - Comenta Sapeca quebrando o silêncio.

- Ele enxerga a gente por dentro, não é, amigo Sapeca? - Responde o *negro* sorrindo.

- Isto mesmo... ele lê a alma da gente... a gente sente perto dele uma tranqüilidade muito grande ... uma paz serena...

Orozimbo vem mais atrás brincando agora com o *vungo-vungo* de Isac.

Passado o anel de mato fechado que circunda o tope do morro, o horizonte se abre mostrando lá embaixo o Povoado do Cruzeiro.

- Que bela visão, Francisco! É grande o nosso povoado! - Exclama Sapeca, apertando os olhos pra firmar a distância.

A casa de escola era o prédio maior que se via em primeiro plano. Em seus fundos, a casa de Leandro tendo em anexo o comodozinho do padre Matuzalém. Depois, vindo com os olhos da esquerda para a direita, via-se o terreiro de recreio da escola, os fundos da casa do Dr. Fernandes, a casa das mulheres e crianças, esta, bem maior que a do *dito* Fernandes e do seu lado direito, a última casa: o ranchozinho de Tancredo Velho. O enorme cruzeiro plantado na praçazinha dava sobriedade ao local iluminado pela capelazinha branca e coberta de indaiá construída pelo povo após a chegada do padre Matuzalém. Viam-se morro acima, transversais à visão, as três ruas paralelas e internas: rua da Escola, que do outro lado da praça virava rua das Mulheres; rua De Trás do Celeiro e mais acima, a rua do Zimbabo, cujas casas tinham fundos para o cerrado. As ruas que seguiam na flecha da visão eram: rua da Direita que começava entre a casa de Leandro e quintal da escola, indo morrer fronteira à casa dos homens na rua do Zimbabo. A rua dos Homens começava na rua da Escola e subia até passar na frente da casa dos homens e sumir-se no cerrado. A rua do Beco entre a igreja e o celeiro também começava na rua da Escola e atravessando o Povoado sumia-se no cerrado. A rua das Mulheres Sozinhas começava na Praça, a partir da outra *dita* rua das Mulheres. Por fim, vinha a última rua que era a do Fogo, que começava entre a casa de Tancredo Velho e a casa das mulheres e, corria povoado acima, passando pela venda de Sebastião *Criolo*, indo sumir-se no cerrado, após as casas de Manoel Zimbabo e Jacob Quirumbo.

Somente o celeiro e a casa de escola eram feitos de troncos. As outras eram todas rebocadas e caiadas. Vistas de longe, com as suas coberturas de indaiá douradas pelo sol, as alvas casinhas pareciam feitas de nuvens sob o céu turquesado que no horizonte transmutava-se de azul para verde e se emendava ao cerrado.

Sapeca assentou-se debaixo da frondosa árvore de faveira e ficou a beber maravilhado a beleza do Povoado e os verdes confins além-cerrado.

- Conteí mais de vinte casas, amigo Francisco, afora a igreja, o celeiro, a casa de escola e as *ditas* dos homens e das mulheres... mas e o povo? Não vi muitos homens...

- Estão a trabalhar, amigo... Aqui não há escravidão... há o trabalho livre... e todos labutam pelo crescimento do Povoado. Uns, conforme o amigo já viu, estão lá no Calhambau, onde se dedicam à mineração; outros estão cuidando do gado, umas cinqüenta cabeças, lá pelos pastos das lagoas sem nome, a oeste daqui, e outros ainda estão a labutar nas roças, onde devem estar na lida da colheita do milho e começando a semeadura de feijão a esta época. Todos têm suas cabanas de mutirão perto de onde trabalham e por lá ficam a semana toda e só vêm ao Povoado às sextas-feiras, onde passam o sábado e o domingo com suas famílias e amigos.

- Muito bom... muito bom. Estou curioso para saber tudo sobre a vida do Povoado... - comenta Sapeca.

- Então vamos... *vossa mercê* precisa voltar a conversar sem pressa nem intromissões com o Dr. Fernandes... assim há de se inteirar de muita coisa - disse Francisco, levantando-se e reiniciando a caminhada em direção ao Povoado do Cruzeiro.



## Capítulo IX

**S**em escravidão, vive o Povoado do Cruzeiro; e vive muito bem. A terra ocupada pelas *fábricas* de roça, *lavra* e criações já abrange vasta extensão nos arredores do vilarejo e, por enquanto, ninguém diz que é minha ou sua, porque na verdade é de todos. As famílias trabalham para o bem comum e o próprio. Aguardam o dia em que o Dr. Fernandes haverá de erigir em Vila o Povoado e então pedir a El-Rei uma carta de *sesmaria* das três *léguas* de terra em quadra que se dividirão entre todos, segundo os benefícios e trabalhos de cada um.

Umas famílias plantam o arroz, o feijão e o milho na paragem chamada Vargem do Valo ao norte do Povoado. Outras, plantam a cana da terra e labutam num pequeno engenho onde fazem a rapadura e a aguardente, junto às beiradas de um corgozinho chamado o Doce, também no norte. Plantam ainda ali o fumo e a mandioca. Os homens sozinhos cuidam do gado vacum e cavalar às margens do rio São Francisco num sítio de muitas lagoas, a oeste do Povoado; são também os *ditos* homens os que arriscam a sorte nas lavras do Calhambal, onde têm achado algumas pedras e ouro. As gentes de mais idade cuidam de porcos e galinhas num grande cercado de achas de aroeira fincado próximo do Povoado. Também é ali que as mulheres sozinhas cuidam de uma horta, onde plantam melancias, abóboras, couves, quiabos, jilós e outras plantas de comer.

Também à *fábrica* de indústria se atêm igualmente as famílias. Cuidam as mulheres todas do fazer cestos, balaies, peneiras, samburás e redes de pesca. As mulheres sozinhas, além de fazerem o sabão de pequi e o fumo, tecem panos de algodão e costuram as roupas de todos. Ajudam ainda estas *ditas*, com serviço de mulher, a conservar a casa dos homens e dar-lhes comida feita, o que, estes, da mesma forma, retribuem com serviço de

homem, cuidando das capinas da horta, lenha e *carapinaria* para a casa das mulheres e crianças.

Entre os homens há aqueles que, escolhidos pelo *Conselho do povo*, cuidam dos *interesses* do Povoado, como o viajar com tropas ou carroções, o escriturar as contas e zelar do celeiro do povo. São também estes que, em nome do mesmo povo, fazem comércio com as vendas e com os *ditos calhambolas* do *Campo Grande* e Sapucaí. Há ainda, entre homens e mulheres, os que cuidam de manter limpas e desimpedidas as ruas e becos e assim também os prédios públicos. E, por fim, há os que administram as justiças e o ensino, que são o Dr. Fernandes e sua filha.

Poder-se-ia dizer que *tudo é de todos*. Mas, nas obrigações das roças e *fábricas*, nestas, há o meu e o seu, a sua e a minha. As sementeiras e colheitas se fazem com a ajuda de todos, o que chamam fazer mutirão, mas, os rendimentos das roças e *fábricas* somente aproveitam ou prejudicam ao dono que, nos serviços, teve os outros pelo mando. Cada um pode ter sua roça ou indústria onde tem o mando e a ajuda de outros. Todos devem, uns aos outros, a obrigação de ajudar em plantas e colheitas ou *fábricas* de gêneros e fazendas. Assim como é um por todos, tal-qualmente são todos por um, estatuiu o Dr. Fernandes.

As colheitas e fazendas todas se recolhem ao celeiro do povo, onde são guardadas e controladas, e os gados e criações, em seus pastos e viveiros, são apenas controlados no *dito* celeiro. *Dito* controle se faz não só pelas quantidades, mas por um cômputo de valor engenhando pelo *dito* Dr. Fernandes e que se chama Cruzeiro. Todos os gêneros, fazendas e criações têm seus preços em cruzeiros registrados numa lista, por decisão do Conselho. Assim, todos os bens, como se fossem uma só coisa, são lançados em um livro. *Dito* livro tem, para cada família ou pessoa sozinha, suas folhas separadas, onde se lançam a cada um as quantidades de gêneros, fazendas ou criações, recolhidas ao celeiro do povo, transmudadas em cruzeiros e, onde, da mesma forma, se abatem todos os bens, utilidades e gêneros que cada família ou pessoa retirou do celeiro para gasto de seu *fogo* e de seu povo. Quanto às lavras, mais ou menos da mesma forma se procede: as pedras de diamante por serem de comércio perigoso são logo trocadas por ouro com as vendas de estrada, ou outras fazendas e bens. Os achados têm também os seus preços na lista registrados, como se ouro fossem somente, já descontados os *quintos* de El-Rei que um dia se haverão de recolher, bem como, um outro *quinto* destinado ao Tesouro do Povoado que tem também seus registros de teres, haveres e despesas, separados.

Dos comércios e mercancias, decide os rumos o *Conselho do povo* sobre o que vender e o que comprar. O lucro de tudo que é vendido é dividido em duas partes iguais. Uma delas é lançada ao Tesouro do Povoado. A outra é rateada como crédito às contas do povo, na direta proporção do montante de cruzeiros que tem cada um, de forma a que, ganha mais quem tiver mais cruzeiros e, menos, que tiver menos. Do que se compra, converte-se em cruzeiro o montante de ouro gasto, sem lançamentos ou alterações outras nas contas do povo, eis que, não pode haver lucro nas compras e repasse ao povo e, tampouco, prejuízo.

O vilarejo é governado pelo *Conselho do povo* e *Senado do povoado*. *Dito* Conselho é composto pelos vinte e cinco principais do lugar, tidos como cabeças e donos de *fogo*, sendo nove mulheres e dezesseis homens os que decidem por mesa e mais votos quaisquer assuntos que quiserem, ou os delegam ao Senado. Este, de eleição trienal, é tirado do mesmo Conselho. Compõe-se o *dito* Senado de três vereadores, um juiz e um escrivão. Compete aos vereadores levar ao *Conselho do povo* as necessidades de todos e os reclamos das pessoas. Ao juiz, cabe receber as denúncias e reclamações, julgar os casos, segundo os naturais direitos e costumes do lugar e povo, apresentando, ao final, uma sentença, para que o *dito Conselho do povo* a aprove e a execute. Cabe também ao *dito* juiz o aconselhar e corrigir os truculentos, bêbados e preguiçosos e exigir-lhes o bom viver. Ao escrivão, cabe o seu mister no Conselho, Senado e Celeiro e a apresentação de seus escritos, livros e contas a qualquer pessoa do povo.

Entre as coisas e casos que o *dito Conselho do povo* delibera anualmente, as mais importantes são as obrigações de plantar e algumas das de indústria. Primeiro são revistas as listas de preços dos gêneros e fazendas do ano anterior. Depois decidem onde será plantada esta ou aquela roça de arroz, feijão, milho e outros gêneros, assim como a sua extensão mínima de plantio. Os nomes das paragens e gêneros de roça são escritos em papéis e colocados em uma urna de pau. Os nomes dos que querem fazer as plantações, segundo os gêneros de roça, são colocados em outras urnas, tantas quantas forem os *ditos* gêneros, tais como: arroz, feijão, milho e outros. Um inocente qualquer, na presença de todo o povo, tira da urna de paragens e gênero, um papel. Sendo este referente a roça de arroz em sítio determinado, tira-se, por outro inocente, no mesmo ato, da urna dos que querem plantar arroz, o nome do pretendente. Assim se delibera até o atingimento mínimo das necessidades de roças. Caso algum nome não seja tirado, como é a hipótese de haver mais pretendentes do que roças a plantar, este pode, sem nenhum prejuízo, alistar seu nome, informando que vai plantar esta ou aquela roça, perdendo, porém, o direito de receber ajuda de rateio de perda, em caso de danos do tempo ou castigos de Deus. Quanto às obrigações de indústria o modo por que se distribuem é mais ou menos o mesmo.

Para a escolha daqueles que vão cuidar dos serviços do Povoado, o *Conselho do povo* transcende aos cabeças de *fogo*, pois reúne o povo todo dando-lhe na decisão a voz e o voto para a escolha. O prazo do engajamento é de dois anos para todos os ofícios e serviços. Os pretendentes se alistam e, reunidos com o povo na casa de escola, falam-lhe de seus feitos e planos e dos cargos pretendidos. Assim, o próprio povo, atendendo seus interesses, escolhe por voto em viva voz, os nomes nos cargos que querem, reelegendo os anteriores, ou trocando-os por outros novos. O interesse maior repousa sobre a escolha de tropeiros, comerciantes, boiadeiros e zeladores, mas a que mais desperta discussões é a escolha do zelador do celeiro do povo, visto ser o encarregado da guarda dos bens e tesouros e de auxiliar o escrivão, sob sua fiscalização, na escrituração das riquezas do mesmo povo. Estes homens e mulheres escolhidos pelo povo, são remunerados pelo Tesouro do Povoado com um ganho fixo e, às vezes, pelo *Conselho do povo*, ante a serviços e benefícios que, por iniciativa própria, fazem em prol de todos.

Aos cinco dias do mês de março do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil, setecentos e cinqüenta e sete anos, por ser o primeiro sábado do *dito* mês, reuniu-se o *Conselho do povo* e Senado para deliberar sobre vários assuntos.

Primeiro, o povo aprovou a contratação do professor Antônio Pinto Sapeca, bem como as despesas efetuadas com a libertação de seu filho e outras a serem assumidas pelas contas do próprio povo. Em segundo, examinou as contas e a distribuição dos lucros referentes ao comércio feito com os quilombos do *Mamboim*, Grande e da Marcela; o zelador do celeiro, Leandro informou que as fazendas - sal, ferro, armas, pólvora e chumbo - já as havia mandado entregar aos generais dos *ditos* quilombos que se deram por satisfeitos; assim, o povo aprovou e deu por acabado *dito* comércio e escrita. Em terceiro, foram aprovadas as listas de pessoas inscritas para os dois mutirões que deverão participar dos trabalhos de colheita de feijão junto aos donos de roça Manoel Zimbabo e Jacob Quirumbo. Em quarto e último, o comerciadador Francisco Adão pediu a palavra e expôs assunto sobre o *malungo* Miguel Angola.

Disse Francisco que Miguel fora comprado havia mais de dois anos pelo *Conselho do povo*, juntamente com sua velha mãe. Trabalhara com afinco no mesmo Povoado durante quase um ano, em roças alheias sem nunca ter tido a sua. Depois, em face da necessidade de se ter uma espia na venda de Josefa, fora vendido à *preta* com a promessa de voltar um ano depois ao povoado, como homem livre e sem mais obrigações ou menos direitos do que qualquer outro vassalo. Já se passara mais de um ano e ainda se não havia deliberado sobre a sua substituição no posto e, tampouco, sobre quem o iria substituir.

A conselheira Divina Homem disse que *já não era sem tempo* a lembrança de Francisco Adão, pois não era justo que a mãe de Miguel já tão velha continuasse sozinha em seu *fogo*, vivendo de esmolas e da ajuda do povo, tendo um filho trabalhador e ferrageiro como o era o *dito* Miguel. Maria Conga aprovou a fala de Divina, no que foi seguida pelas demais mulheres e, depois, pelos homens. Manoel Zimbabo aproveitou para falar sobre José *Mina*, *dito* o *Raçador* que, comprado pelo mesmo Conselho, até então não justificara os gastos feitos com sua compra e se mostrava um inútil. Jacob Quirumbo lembrou que o *dito* *Raçador* nunca se inscrevera em nenhuma lista de mutirão de planta, indústria ou colheita e que vivia na casa dos homens na boa vida e sem nenhum trabalho a não ser o comer e o bater perna já havia mais de seis meses.

O Dr. Fernandes atalhou as conversas e pediu que fosse dada a palavra ao próprio José *Mina*, chamado e ali presente. O *Negro raçador*, um pouco sem jeito, respondeu ao Conselho:

- “Sunceis é tudo povo sem raça e num pode cumprendê que *omindes* num é escravo e que num deve de trabaiá. *Omindes* é um príncipe, parente do *Rei Daomé*, sinhô dos *mina* e que só por traição veio pará nesses Brasi...”

O povo não concordou. O Conselho votou a ida imediata - e não somente no mês de julho, como propusera Francisco - do *dito* *Raçador* para a substituição de Miguel Angola lá na venda de Josefa da Cruz. Deliberou o

Conselho que José *Mina* deveria ser trocado por Miguel e que, por ser ele um príncipe, a vendeira teria de voltar algum ouro, o qual *dito* ouro voltado, seria dado ao Miguel como recompensa por seus trabalhos e para que pudesse começar no Povoado uma vida de homem livre. Ficou determinado também que o zelador do celeiro Leandro é quem deveria levar o José *Mina*, fazer as negociações, *alforriar* e trazer de volta o Miguel *Angola*.

O *negro raçador*, apesar de tudo, gostou da idéia e falou:

- “Esse trabaio *omindes* pode fazê... se é só vigiá as coisa e servi de homem pra *preta* Jusefa, então é bão... e dispois, vô sê home livre! Ê bão... Hi! Hi! Hi!”

O velho Vicente Soares não concordou com o deliberado. Disse que *negro* imprestável, como era o José *Mina*, deveria ser expulso do Povoado, ou vendido a mercadores distantes, ou talvez, que se devesse matá-lo, por ter sangue de sova e traidor, como era o *dito Rei Daomé*.

Houve um tumulto muito grande entre os membros do Conselho e o Dr. Fernandes pediu ao vereador Vicente Soares que, *por caridade*, sendo seu voto vencido, não dissesse mais tais coisas. O velho se revoltou e só com muita fala de *pé-de-orelha* é que o vereador padre Matuzalém e o vereador Tancredo Velho o convenceram a aceitar as deliberações do soberano *Conselho do povo*.

Terminados os assuntos deste mundo, o Dr. Fernandes, solenemente, mandou que o Escrivão Otoniel pegasse o Livro de Crônicas e, na presença da viúva Laís, tomasse a termo o que segue.

- O Nome do vassalo era Gumercindo *Pardo*, filho de outro de igual nome, natural do Abaeté... - iniciou, Fernandes Preto.

Falou da coragem, desprendimento e honradez com que sempre a sua vida pautara o falecido homenageado. Falou de sua viúva e do filho para nascer e da morte prematura e violenta, quando estava servindo o povo e o Cruzeiro. Depois, passou ao Conselho a palavra, onde, cada membro ressaltou, em honra à viúva e ao nascituro, as qualidades do falecido, pedindo o registro de tudo no *dito* Livro de Crônicas. Ao final, o vereador Matuzalém dirigiu a todos umas palavras e, como padre, fez orações especiais encerrando a reunião.

Quando foi no domingo, logo depois da missa, Leandro partiu a cavalo, junto com José *Mina*, para a *Vila de Pitangui*. Francisco, conhecendo os gostos da vendeira, instruiu o *Negro raçador* sobre o como proceder para cair nas graças da *preta* Josefa e o vestiu com muito esmero, dando-lhe finíssimas roupas vermelhas, incluindo na indumentária, além de botas de canos altos, lenço de seda verde e vistoso chapéu copado.

Francisco, se de um lado se alegrava pela volta antecipada de Miguel, seu afilhado de fogueira, de outro, no fundo, no fundo, temia as profecias do velho Vicente Soares: “Sunceis tão é criano cobra; ela vai mordê *nim* sunceis memo... espera pra vê!” O velho poderia mesmo estar com a razão, pois o *dito Negro raçador* era um *negro* preguiçoso, presunçoso e mal-agrado. Era o mal das nobrezas, fossem de que raça fossem - concluiu pensativo, antes de pegar no sono, naquela noite.



Aos sete dias do mês de março, segunda-feira, começaram as aulas. As de Primeiras Letras tinham vinte e dois alunos, entre os quais, dez meninas. Francisco tinha até vontade de virar menino outra vez para que Eva lhe ensinasse suas letrazinhas redondazinhas, pegando em sua mão e falando-lhe aos ouvidos com sua vozinha de seda. Passava a manhã toda no celeiro do povo, com o pretexto de ajudar a Feliciano, filho de Leandro, no controle e escrituração de fazendas e contas. Toda vez que Eva chegava na janela da escola e lhe jogava um sorriso, seu coração ribombava em terremoto.

As aulas dos Adiantados começam ao meio dia. O Dr. Fernandes, duas vezes na semana, leciona as chamadas Filosofia e Teologia da Moral, em preparação para as Leis. Francisco, na quarta-feira, para ajudar o padrinho, ensina o Latim e, Sapeca, às quintas e sextas-feiras, empolga e faz discípulos com as suas Matemáticas. Vendo que os alunos sabiam a Elementar, iniciou-os de pronto à Matemática Aplicada, dando-lhes, ao mesmo tempo, noções da *dita* Pura. Os alunos são treze, contando com Izabel Criola, enteada de Carmelita Branca, a única moça da classe. Todos muito esforçados, além das aulas à tarde, têm na parte da manhã suas obrigações e ofícios, como Feliciano *Criolo*, filho de Leandro, de quinze anos apenas, que já substituiu o pai na Zeladoria do celeiro, ou Camilo *Criolo*, que já tem dezoito anos, filho de Otoniel, que é quem supre as poucas letras do pai nos encargos de Escrivão. Entre os mais inteligentes se podem contar Clemente Zimbabo, de dezessete anos, filho do *dito* Manoel Zimbabo, Bento Valério *Cariboca*, filho do *mameluco* Bento do Rego, sem se falar de José Basílio, *cabrazinho* sem família, recolhido à casa dos homens que, tendo somente quatorze anos, sendo o mais novo de todos, tem de todos a admiração por ser, em amizade, o principal. É desta plêiade de cabeças que tenciona o Dr. Fernandes, um dia, fazer luzes e governo no Povoado do Cruzeiro.

Dos treze *ditos* adiantados, cinco deles, incluindo José Basílio, moram na casa dos homens, entre os quais, um é de fora: Pedro *Angola*, filho de outro de igual nome que é o chefe de um quilombo chamando o *Nova Angola*, a quem o Dr. Fernandes prometeu educar *dito* filho. Três outros moços - estes não estudam - moram também na casa dos homens: Orozimbo, Romualdo *Cabra* e João Pinto *Puri*. Estes, juntamente com Justino Careca e Pedro Velho, ora labutam com o gado, ora arriscam a sorte no Calhambal. Aos sábados, vão todos, estudantes e não, para o Calhambal, onde *garimpam* e brincam o dia todo. Orozimbo, amigo de José Basílio e Manoel Pitomba, já tem firmado o conceito de *faiscador* e *garimpeiro*: onde houver pedras ou ouro, sua bateia mágica os encontra. O moleção de sorte mudou de nome e se orgulha: todos agora o chamam o Bateeiro.

A vida no Cruzeiro continua a ser um mar de rosas, das brancas, tais aquelas que florescem aos pés do grande cruzeiro fincado no centro da praça. Durante a semana toda o povoado se esvazia um pouco dos homens que saem para a labuta, mas quando chega sábado à tarde e domingo o dia todo, além das missas e festas na capela, há os batuques e as danças, durante o dia na praça e, quando mais para a noite, na venda de Sebastião *Criolo*.

O padre Matuzalém anda todo feliz com o *tabaque* que ganhou de Claudina Canguçu, velha *cariboca* que manda na casa das mulheres e crianças. Resolveu aprender a tocar *batuque*. Escolheu como mestre o amigo Vicente Soares. É chegar sexta-feira, lá se vai o padre, de tardezinha, para o Alto da Botica onde fica até tarde da noite. Dizem as más línguas que, na verdade, por serem muito amigos, o velho padre está aprendendo e se iniciando nas mandracas e feitiços em que é mestre Vicente Soares. O *negro* velho, bom cristão e sacristão, não só nega esta intriga, como xinga o linguarudo que tal coisa disser do velho padre, que tem por santo. Mas, o fato é que, às sextas-feiras, escutam-se dois *tabaques* a conversarem noite adentro lá no Alto da Botica.

- O que pensa o senhor da religião, caro Dr. Fernandes? - Perguntou, um dia, Sapeca, depois da aula da sexta-feira, ao ver o padre passar com o seu *tabaque*.

- Caro professor Antônio Pinto, permita-me, antes de responder a sua pergunta, preambular meu pensamento com algumas idéias. O hindu diz que o mundo repousa sobre um elefante e este sobre uma tartaruga, mas quem sustentará a *dita* tartaruga? Outros, dizem que à noite duvidam da existência de Deus e só o reconhecem de novo ao romper do dia. A religião nos poupa boa soma de extravios e de trabalhos, mormente se estes forem o de pensar. Digo sempre: “Meu Deus, se é que existes, salva a minha alma, se é que ela existe”. Buscando pelo contrário, o que não seria Deus, não tenho dúvidas: Ele não é arbitrário e tirânico, como o representam os padres e a Igreja. O pobre padre Matuzalém, depois de ter dedicado a sua vida à Igreja e a esta terra, foi, por razões políticas, convidado a deixar a terra que passara a amar e as suas ovelhas. Recusou-se a deixar o Brasil e um bispo, a mando do primeiro ministro Carvalho e Melo, simplesmente o excomungou! Ele continua firme em sua fé, pois acredita, como eu que Deus, se é que existe, não o excomungaria e nem o seu Papa, segundo crê ainda. Eu só conheço um meio de derrubar um culto: é o de tornar os seus ministros desprezíveis por seus vícios e indigência e, na Igreja, eles assim se fazem; mas, nem todos; como explicar a fé de nosso padre Matuzalém, homem também filósofo e cheio de luzes que, apesar de tudo, se mantém firme? Ele me disse: “A dúvida deixa um vazio de Deus e para preencher tal vazio é preciso ir de encontro ao povo; o povo não cria preconceitos; estes, não se sabe quando se estabelecem, ou quando deixam de existir”. Em síntese: que mal pode haver em que o padre toque *tabaques*; se Vicente Soares é cristão e crê no *dito* Deus e Senhor Jesus Cristo, então é confrade do padre que procura também o Deus de seu amigo. Ambos são úteis para o Povoado do Cruzeiro. Como filósofo, não gosto da fé, mas, não há povo que prospere sem ela.

- Maravilhoso, Dr. Fernandes... maravilhoso, o seu pensamento - exclamou Sapeca olhando as primeiras estrelas que nasciam cintilando sobre o Alto da Botica.

Ouviu-se um tropel ao longe e a praça foi-se enchendo de gente. Quando Leandro adentrou o Povoado juntamente com Miguel *Angola*, a fogueirazinha na porta da escola já estava acesa. A multidão cercou os cavaleiros e o gigante Miguel desceu do cavalo nos braços de amigos. Estes o

carregaram até a porta da capela em cuja porta estava a velhazinha Ana *Angola*, sua mãe.

- “A benção, *ovini* minha “ - disse o *negro* chorando.

- “*N’Zambi*-Deus seja louvado, meu *aquejê* voltou!” - Exclamou a velhazinha segurando nas pernas de seu menino grandalhão.

Os *tabaques* começaram a bater e o povo a dançar. Miguel foi-se embora para a casinha de sua mãe lá no fundo da rua dos Homens e os *tabaques* e o povo foram batendo e dançando pela rua das Mulheres, até saírem na do Fogo e subirem para a venda de Sebastião *Criolo*. Orozimbo, no meio da roda, saracoteava e ria dando umbigadas nas *pretas* que disputavam palmos de terreiro em sua volta. Francisco Adão, mais afastado, conversava com Zé Basílio e Pedro *Angola* combinando uma pescaria no rio de São Francisco. Eva passou e o chamou com meiguice. O *negro* foi-se embora em meio às estrelas da noite, levando pela rua da Mulheres a sua estrela do Cruzeiro. O povo continuou dançando.

Ao último sábado de abril, aos trinta do *dito* mês, o Cruzeiro é um burburinho só. A missa há muito terminou e o sol já se vai alto. O cheiro de torresmo e peixe frito recende por todas as ruas. Os quitutes de Clarinda *Parda*, mulher de Sebastião *Criolo*, e a caxaramba afamada do *dito* animam o *batuque* solto, fervilhando a rua do Fogo. Às portas das casas, amigos proseiam uns com os outros, mulheres fazem balaíos e outras já vêm de volta do ribeirão, onde deixaram a roupa corando ao sol.

Com *pouco*, num repentino, o povo sumiu de todo, deixando o sol e o céu azul sozinhos no meio das ruas. A hora era a do comer, cada um na sua casa, juntamente com as famílias. Orozimbo sorriu satisfeito quando viu chegarem na casa dos homens, trazendo *gamelas* nas cabeças e nos braços, as *pretas* que, da casa das mulheres, serviam o comer à *dita* dos homens.

- Sejam muito bem-vindas, senhoras! - Exclamou Sapeca com a boca cheia d’água e indo ajudá-las a descer sobre um jirau as *gamelas*.

Clara *Angola* e Andreza *Cabra* esperaram chegar Narcisa da Silva e Florinda *Criola* que vinham trazendo as cuias e demais *trens* e, assim que as *ditas* chegaram, mandaram os homens servirem-se a vontade. Ficaram olhando de banda, aos risozinhos e cochichos, para ver quem, dos doze famintos, iria se achar primeiro. Nenhum deles chegou!

- “Oi, pai, põe cumê pra mim!” - Entrou Isac gritando.

- “*Suncê* já num cumeu lá em nossa casa, mínimo?” - Repreendeu Florinda *Criola*.

- “Nhá-não! Eu tava de *moleque* de mando para a dona Francisca Juá, até agora... já nasceu... o menino da dona Laís já nasceu! Escutei ela gritá! A índia Juá riu muito e disse que é home!”

As *pretas* saíram correndo e deixaram os homens comerem em paz. Francisco ficou para se servir por derradeiro. Ficou pensando no amigo Gumercindo. Depois pegou uma *cuia* servida por Justino e foi comer seu angu com feijão e carne de porco lá nos fundos do dormitório, onde tinha sua *canastra*.

Os homens acabaram de comer e se estiraram pelas redes e catres de pau. Francisco, deitado num jirau de catre lá no fundo, levantou-se de sobressalto.

- O que é que foi, amigo!? - Inquiriu Sapeca, levantando-se do mesmo modo da cama ao lado.

- Veja, Sapeca... os reflexos que entrando pelas janelas abertas ferem de luz as paredes! É aço de espelho! Vô Vicente é quem os deve estar enviando lá de cima do Alto da Botica!

- E o que vem a ser isto? - Insiste Sapeca, procurando sua catana debaixo do colchão.

- Gente estranha... vindo na direção do Povoado. Pelos sinais combinados, devem estar vindo em magote e armados! - Respondeu Francisco, pegando na parede sua espada, armas de fogo e *polvarinhos*.

Os homens todos da casa se armaram; uns, de paus, outros, de foices e facões. Orozimbo pegou seu arco e flechas e saiu pelo lado oposto da trilha da chegada, seguido por José Basílio, Pedro *Angola* e demais moços, ganhando os matos do sul, conforme plano já previamente combinado em tais situações. Francisco Adão, Pedro Velho e Sapeca desceram pela rua dos Homens seguidos por Justino Careca que foi batendo o seu *gongo* de alerta, convocando a todos para acorrerem à praça.

Em pouco tempo a praça do Cruzeiro fervilhou gente. Dr. Fernandes foi chegando e encontrou Francisco falando a todos, encarecendo que se armassem e se escondessem. O *cabrazinho* franziu a testa e não escondeu a contrariedade. Ajeitou os oculozinhos no nariz, subiu num tamborete e falou a todos:

- Para que as armas, meu povo? Peço a todos que tornem a guardar essas foices, paus, facas e trabucos! O que temem? O Povoado do Cruzeiro não é um quilombo e tampouco somos nós uns *calhambolas*! Somos todos homens livres e fiéis vassalos de El-Rei! Guardem as armas e voltem às suas casas! Assim que chegarem nossos visitantes, dar-lhes-ei boas vindas e de novo os chamarei a esta praça!

Francisco, pela primeira vez, discordou de Fernandes Preto. Mas nada disse. O homenzinho, às vezes, era cabeçudo e não havia como fazê-lo mudar. Acreditava piamente na lei e na ordem e que todos os homens eram bons. Pobre filósofo - pensava Francisco - um homem que já sofreu tantas injustiças... e mesmo assim, não se emenda.

A praça se foi esvaziando de gente e um tropel de cavalos foi se escutando cada vez mais perto. Ficou deserta a praçazinha, onde só permaneceram Francisco Adão, padre Matuzalém e o Dr. Fernandes. Um ventozinho vindo da rua da Escola empoeirou as rosas brancas ao pé do cruzeiro da praça e soprou um silêncio de morte. Ouviu-se um tiro e muitos outros.

Atrás do vento, na rua da Escola, surgiu um magote de *pretos* galopando seus cavalos numa algazarra medonha, dando tiros e gritos infernais. O *negro* que vinha na frente, montado numa besta ruana, rodopiou nos cascos a *pichorra* e mandou que os outros parassem.

Francisco, na verdade, reconheceu o *pamba*, mas se manteve impassível para observar o padre Matuzalém e Fernandes Preto. Eram

homens de coragem, sem dúvida. O padre, trazendo nas mãos o seu livro e uma cruz de madeira, não demonstrava o menor temor. Fernandes Preto, altivo como sempre, adiantou-se até a boca da rua da Escola e, com naturalidade, saudou os invasores:

- Bem-vindo, amigo! Bem-vindos, todos, ao Povoado do Cruzeiro! - Insistiu sorrindo para o chefe do magote.

O enorme *negro*, montado em sua mula, não deu ao anfitrião nem resposta e nem respeito. Gritou e fez sinal para os outros *pretos*, que eram mais de vinte, para que adentrassem a praça. Ato contínuo, instigou a montaria em direção a Francisco. Fernandes Preto, agora assustado, encostou-se na parede da escola, na esquina da rua da *dita*, para não ser atropelado pelas patas em reboliço. Escutou ainda, um fim de galope, barulho de corpo caindo no chão e, depois, de aços a se embaterem.

A praça foi-se entupindo de cavalos e mulas, montado nos quais, o magote de *pretos*, fazendo-se em círculo, punha silencioso sentido ao embate de espadas que, ao centro, retiniam. Fernandes Preto abaixou-se e, por entre patas e poeira, viu seu afilhado Francisco Adão e o *negro*-chefe dos outros a se caçarem como feras, de espadas em punho ao redor do jardim, aos pés da grande cruz.

Ao ver Francisco agachado, arfando com a espada na mão, o *dito negro*, calado, tentou achar-lhe o corpo com a ponta do aço; em vão. Francisco, num meneio de corpo, rodou três vezes de banda e, ligeiro, se pôs de pé às costas do *negro* e cortou-lhe, na nuca, um cordão. O *negro*, que tinha os cabelos, em rabo, amarrados para trás, ficou duma hora pra outra, com os *ditos* soltos e alvoroçados, como um rancho esgarçado feito de *picumã*.

A pretalhada na praça, de tanto rir *bebeu o fôlego* e o *negro* se encapetou mais ainda. Francisco Adão, como sempre, sabia ferir sorrindo e a raiva perdeu o adversário: bate aço, bate espada e pés no chão. Suor descendo testa abaixo, cruces cruzadas no ar e dentes trincando ao sol. Foi só. Desfazendo o impasse peito a peito, as feras se jogam para trás e, Francisco, num volteio traiçoeiro, arrancou do *negro* a espada que voou brilhando ao sol e foi cair fincada ao pé do cruzeiro em meio às rosas. Quando o *negro* deu por si, tinha a ponta do aço a cutucar-lhe o pescoço e, Francisco, a lhe perguntar sorrindo:

- “Quem é seu *gunga*, *curiacuca*”?

- “Meu *gunga* é Beirão; Beirão é o *gunga*!” - Gritou para os outros todos.

- Não! Não! - Gritou Francisco se dirigindo ao magote: “Negato é o *gunga*! Mas, precisa lutar mió... tá parecendo *curiacuca*!” - Completou, abraçando o amigo que há muito tempo não via.

O sol das três horas da tarde, em meio à poeira e à catinga de bodum, alumiu a passagem que nunca se haverá de esquecer:

- “*Gunga* Beirão! Beirão é *pamba*!” - Gritava a pretalhada jogando para o alto os seus chapéus e dando tiros no mesmo rumo.

Depois, apearam, aos pulos, dos cavalos e foram abraçar os lutadores, os quais carregaram dando muitas voltas pela praça.

Padre Matuzalém foi-se esgueirando pela parede da escola até encontrar Fernandes Preto. O filósofo, suando às bicas, agora sorria contente:



- A luta não passava de brincadeira de velhos amigos, senhor padre - disse, enxugando a testa grande.

Francisco mandou que os visitantes guardassem seus cavalos no terreiro da escola, o que os *ditos* obedeceram organizados e silenciosos. Pegou pelo braço o amigo Negato e foi até onde estavam a prostrar padre Matuzalém e Fernandes Preto.

- “Pede benção pru *nganga*... é *tiapossoca*” - disse Francisco ao negro.

Negato beijou a mão do padre e perguntou quem era o *catita*.

- “Este é o Dr. Fernandes Preto, meu *gunga* e deste *combaro*... respeito, *nego*, o home é *pamba*” - respondeu Francisco, num tom seco de voz que, até então, nunca ouvira Fernandes Preto.

Negato ajoelhou-se e pediu-lhe o perdão e a bênção.

- Este é Negato... de quem já lhe falei - disse Francisco ao seu padrinho.

- Levante-se, senhor Negato - disse Fernandes Preto, se abaixando e tomando o gigante pelos braços - conforme havia-lhe saudado, sejam muito bem-vindos, tanto o senhor como os seus amigos.

O negro olhou o *cabra catita* e viu no fundo de seus olhos negros a autoridade e a mansidão.

- “*Inhô-dotô* há de perdoá nossa farta de inducação...”

- Sê bem-vindo, amigo Negato... sê bem-vindo - ratificou Fernandes Preto e, virando-se para Francisco, gritou: chame o povo, meu filho... tragam *tabaques* e violas... vamos fazer uma festa!

Isac Sapeca, Caetanazinha *Cariboca* e Euzébio *Criolo*, órfãos de mãe ou de tudo, filhos da casa das mulheres sozinhas, ouviam a conversa atrás da porta da escola. Saíram correndo como coriscozinhos, cada qual com uma intenção: o primeiro foi avisar na casa dos homens e chamar os escondidos; a segunda foi à casa das mulheres sozinhas e o terceiro foi à capela para bater o velho sinozinho de bronze.

Foi ecoar o sinozinho e aquele cheiro de morte e bodum foi virando num cheiro de flor e as seriemas responderam no cerrado, cantando um pouco mais cedo. Fernandes Preto convocou o *Senado do povoado* e as decisões foram tomadas: matar uma vaca e dois porcos e abrir duas barricas de aguardente do Doce, uma grande, outra pequena.

Francisco levou Negato e dois de seus cabos mais chegados, acompanhados de uma mula carregada, para conhecerem os mais *malungos* lá na casa dos homens e experimentarem uma boa cachaça. Os homens gostaram de Negato e a conversa se animou. Com pouco, chegaram uns dois pretozinhos trazendo as ordens do Conselho e Francisco mandou providenciar: Manoel Pitomba e Serafim *Criolo* saíram para campear a dita vaca pra matar; José Basílio e Pedro *Angola* foram procurar Tancredo Velho e ajudar a matar os porcos. Romualdo e Domingos *Cabra*, foram para a casa das mulheres para rasgarem uma vala grande e alimpar o terreiro em preparo para assar as carnes. A cachaça? Já estava correndo em cabaças e bilhas, de mão em mão e boca em boca pelas ruas todas e esquinas do Povoado.

Os batuques foram surgindo aqui e ali em muitos focos, pelas esquinas das ruas. Havia gongos e *tabaques*; *agogôs*, *canzás*, *afofiés* e muitos

outros instrumentos de bater, ralar e soprar. O sol, lá pelas bandas do rio de São Francisco, só se foi embora aos poucos e a contragosto, chorando fogaréu e com vontade de ficar. A primeira estrela brilhou lá no Alto da Botica e as violas apareceram, recém tiradas dos baús, ganhando as esquinas e colorindo em som de cordas os batuques e os repicados saltitantes de alegria.

Os homens foram saindo um por um e Francisco com Negato ficaram sozinhos na casa dos homens. Negato continuou o assunto:

- “*Capitão-do-mato* é canaia que só por ouro trabaia... e os home num tem mais ouro, *gunga mia!* Caiu tudo na nossa unha, Ah! Ah! Ah!” - Explicou Negato, rachando a goela de tanto rir.

- “Sunceis conseguio tomar os dois comboio? O do *Serro do Frio* e, dispois, tamém o do Sabará?” - Perguntou, incrédulo, Francisco.

- “Uai, pois, *nego!* Foi gente boa... gente grossa das duas Vila que dero a nutiça pra nós; da partida e direitura de um e outro comboio... tiveram lá sua paga. Ouro mardito... ia sê usado em paga de home-do-mato e paulista doido arregimentado; uns e outro, pra arrasá o *Campo Grande...*”

- “Eu tô munto sastifeito com *suncê* Negato véio! Sem o ouro, o povo do *Campo Grande* tá livre de sê atacado, por enquanto... *capitão-do-mato* e paulista num fais carnificina sem paga... quantas *oitava?*”

- “*Oitava?* Uai, *oitava, nego?* Tem pra mais de meia arroba de ouro, ou pouco mais! É ouro *nego!* Tá tudo ali na cacunda da mula... *Suncê* qué vê?” - Pergunta Negato, mostrando na porta da casa dos homens a sua mula carregada de *surrões*.

- “*Suncê* falô, tá falado. Eu quero é sabê de tudo. Cumé que a refrega se deu e tudo o mais...”

- “Pois, intão...”- Inicia Negato, começando tudo pelo princípio, desde os tempos em que Francisco deixou os *malungos* e deu a ele a sua *gunga*.

A festança viveu noite inteira. Carne assada, aguardente, batuques e muitas danças, e o povoado iluminado noite adentro por dezenas de fogueiras. Já era madrugada, quando Francisco e Negato resolveram dormir um pouco.

## Capítulo X

**T**em, a primeira manhã de maio, domingo muito cedo, um manso jeito de acordar. O dia ainda não sabe as suas cores. Sob a mira de uma rosa branca recém aberta aos seus pés, a enorme cruz de aroeira projeta sua imensidão quadrifronte e rachada, ferindo o céu com seu topo ou cabeça e dividindo o mundo em duas cores: sobre o seu oeste, se retorcendo e indo embora, lá se vai um cinza-azul, revoltoso e triste, para as bandas do São Francisco; mas, o seu braço leste já tem sobre si a branquidão, e chama mais, querendo as cores. Uns canarinhos alegres surgiram, vindos do azul-escuro em grandes bandos e voaram sobre a cruz em saracoteios e algazarra de pios, fazendo girar em rodadoiro suave um vento cheiroso que foi decompondo o mundo e revelando ao dia as suas cores.

Quando os passarinhos se foram embora e o ventozinho parou, por terminado o seu trabalho, o Povoado do Cruzeiro estava assim: o céu tinha um azul de lagoa mansa e era fundo. Enormes bexigas de algodão macio e felpudas madeixas brancas passeavam sobre os indaiás dourados pelo solzinho, de uma banda nascente. A praçazinha, sombreada e alva, tendo a cruz no coração de rosas, mostrava a cor vermelho-dourada de sua terra lisa e atirava ruas compridas, vermelho-douradas também, a se perderem entre esbranquiçados ranchozinhos em busca do cerrado e ribeirão.

Um barulho de pezinhos correndo no chão precedeu o negrinho Euzébio *Criolo*, com seus brancos molambozinhos voando ao vento, indo da rua das Mulheres para a capelazinha. A porta de prancha se abriu rangendo e bateu, fechando-se; o negrinho sumiu-se e, *com pouco*:

- Bem-belém! Bem-belém! Bem-belém! Bem! - O sinozinho de bronze avisou da missa às sete.

Os ranchozinhos já soltavam pelas cumeeiras fumaças esgarçadas nos indaiás, recendendo no Povoado um cheiro de *congonha* quente e de biscoitos de polvilho fritos na banha.

As nuvens brincaram no céu, tomando forma de ovelhazinhas, vacas e mais criações, todas brancas e de algodão. O sinozinho chamou outra vez e lá veio vindo pelas ruas o povozinho do Cruzeiro: Tancredo Velho, o *mazombo*, e sua neta Natividade; Laís Viúva, trazendo nos braços o seu *bebê* Francisco Gumercindo *Pardo*, embrulhadinho; Sebastião *Criolo* e sua gente, de manhã não abrem a venda - só depois da missa; Teodoro e Manoel Zimbabo vêm vindo juntos com seus povos misturados; o padre Matuzalém... vem vindo, distribuindo bênçãos; Leandro, Otoniel e famílias; mais atrás, Divina Homem, Fortunata de Papo e Maria Africana, além de Maria Conga e suas filhas barulhentas; Carmelita Branca e Maria *Fula* Fulô também estão vindo, mas, cada qual, dos três maridos que têm, só está trazendo um - os outros deixaram em casa. A índia Chica Juá, com seu xalezinho esverdeado; Bento do Rego e o seu povo; Rita Praxedes, sozinha, e o Jacob Quirumbo e família; Tibúrcio *Criolo* e sua gente, tal-qualmente, o índio José *Puri*; Eva *parda* vem conversando com a velhazinha Ana *Angola* e, mais atrás, vem o Miguel *Angola*, conversando com Efigênia, irmã de Eva e solteira. Já quando chegara José *Puri*, a capelazinha estava cheia. A velha Claudina Canguçu e mais suas quatro agregadas da casa das mulheres e onze crianças de toda idade, tiveram que dar a volta pelo beco do Celeiro e entrar pela porta da pequena sacristia; assim o fez também Dr. Fernandes, sua filha e a mulher. Chegando também pelo mesmo *dito* beco, arrastando o corpo apressado e com roupa de domingo, entrou também pela porta da sacristia o sacristão Vicente Soares.

O sinozinho repicou dobrando os beléns-beléns e a missa começou. O zunzunzum do povo rezando na missa se misturou com um outro *dito* que se ouvia zunzunando pela rua dos Homens abaixo. Eram Francisco e sua gente, Negato e seus parciais, vindos da casa dos homens. Um dos cavalos guardados lá no terreiro da escola, relinchou avisando os outros, quando seus donos e outros *pretos* adentraram pela praça. Uma vez parados, todos eles, lá na porta entupida da capela, alguém pediu - riu-riu! - para calarem suas bocas e um *malungo*, com um balaio na mão, foi passando e recolhendo de um por um, as armas de fogo e de corte, para que pudessem se benzer e rezar, tementes a Deus e sem pecados.

O padre fez um sermão que os de fora não ouviram e a missa deu seguimento, marcando de sino mais fino a consagração, a comunhão e o seu final. Os *ditos* homens de fora tiraram os joelhos do chão e se arredaram para um lado vendo o povo sair cantando:

- “Otê! *Pade Nosso cum Ave Maria*, seculo camera qui t'Angananzambê, aiô! Aiô, t'Angananzambê, aiô! *Calunga* qui tom'ossemá; é *calunga*, qui tom'Azambi, aiô!”

O mesmo *dito* balaieiro voltou distribuindo os trabucos, facas e espetos de ferro aos do magote de Negato. Depois, ficando o povo mais ralo, foram os *ditos*, um por um, seguindo para o terreiro da escola para pegarem as suas mulas e cavalos. Deram a volta por trás da escola e voltaram para a praça do Cruzeiro já montados, prontos para irem embora.

O padre foi saindo pela porta da capela e Negato, que conversava com Francisco, rodopiou a sua besta, puxando a *dita* de carga e arrancando-lhe da cacunda um pequeno *surrão* de couro fino. Aproximou sua mula do padre e lhe entregou o *surrão* pedindo a bênção:

- “É só ouro e uns xibiuzinho, meu *nganga*-padre! *Mode* sinhô mandá fabricá uma igreja mais maiô pra cabê o povo todo!”

O padre afrouxou o cordão da boca do farnelzinho e o sol faiscou o amarelo salpicado de pedrazinhas. O velho sorriu e fez no ar, em agradecimento, uma demorada cruz com a mão. Algumas gentes do povo e muitas *pretas*, que ainda se acercavam da praça, encostadas pelas paredes em volta, deram vivas aos *pretos* montados. As *pretas* colheram rosas brancas no cruzeiro e as deram, cada qual, a um daqueles que lhe fora de mais agrado no *batuque* de ontem à noite. Negato, vendo a sua canalha não se cabendo mais em si e cheirando flor, esconjurou e resolveu-se a ir embora.

- “*Gunga* Beçado” - insistiu, pela décima vez, com Francisco - “Vamo simbora, *pamba*! Vamo cum nós outra veis!”

- “Não, Negato... nunca mais volto a essa vida, *malungo* véio! Vão sunceis todo mundo cum Deus!”

- “Nunca mais é muntos anos, *mia gunga*! Inté um dia!” - Gritou o *negro*, sorrindo adeus com o chapéu na mão - “Vamo cambada! Simbora!”

O povo gritou mais vivas e a tropa se deixou beber pela estreita rua da Escola, na direitura das trilhas que se somem cerrado adentro.

-----  
A vida no Cruzeiro voltou ao normal. Roças, escola, criações e o Calhambal. As reuniões do *Conselho do povo* e as missas aos domingos ou pescaria na lagoa Grande e no rio de São Francisco.

Dia vinte e nove de maio, ao último domingo do mês, uma missa se rezou mais cedo para os que iam passear. Depois, enquanto cada qual foi quebrar o seu jejum e se aprontar, Leandro, no terreiro atrás da escola, prendia num carretão três mansas juntas de bois. Clara *Angola* e Andreza *Cabra* foram chegando, trazendo esteiras grandes, muitos panos e jacás cheios de flores. Leandro untou com banha os *cocões* e eixo do carro e firmou, um por um, os *fueiros* do *dito*.

- Tudo pronto - disse para as *pretas* - “sunceis pode cuidá, agora, dos seus ofício” - e foi-se embora sorrindo.

Andreza subiu no carro e Clara passou-lhe os panos vermelhos, com os quais forrou o assoalho de pranchas. Depois, estenderam em volta do carro esteiras de palha cozida, engastando-as nos *fueiros*, deixando aberta a parte traseira. Por fim, estenderam sobre o *dito*, em cobertura, uma esteira de bambu, recoberta de panos brancos sobre couros de sucuri, deixando pendente, à traseira, uma cortina encarnada de droguete aveludado. Depois, aí, vieram as flores - margaridas, rosas e dalias - que foram sendo, pelas *pretas*, alinhavadas e, nos cabozinhos, amarradas nas gretas das esteiras, em volta e por cima, transformando o velho carro num jardim encantador.

A esta altura, Francisco Adão, Sapeca e Miguel *Angola*, que haviam chegado de mansinho, andavam esfregando as mãos, para lá e para cá, no terreiro da escola. Todos os três vestiam o branco em singelas roupas de algodão compostas de largos calções e camisas de fraldas soltas. Todos os três



de pés no chão. Todos os três, chapéus às mãos. O negrinho Euzébio fez soar o primeiro aviso de sino chamando o povo para missa das sete. O Dr. Fernandes, até que enfim, veio chegando ao terreiro, elegante como sempre, de roupas escuras, incluindo casaca, colete e botas altas. Dona Luzia, com seu vestido de algodão amarronzado, perguntou aos cavalheiros:

- E as meninas, senhores, ainda estão a se aprontar ?

- Ora, cara mulher, estão é a se esmerar nas *matulas* - interferiu o marido lambendo os beijos em referência às guloseimas que as *ditas* se haviam comprometido em preparar.

Nem bem o homem acabara de falar cheirando o ar, e as quitandeiras deram o ar de suas graças, como se vindas da praça, descendo pelo beco entre as casas do *dito* Fernandes e de escola. Cada qual tinha nos lábios um sorriso discreto e, nas mãos, samburás quadradozinhos recobertos de belos panos bordados.

Os homens ficaram de olhos compridos. Fernandes Preto só pensava na gostosura dos quitutes e biscoitos que, por certo, abarrotavam os graciosos samburás. Mas, Andreza *Cabra*, a mando de dona Luzia, mais que depressa, os tomou das que chegavam e, subindo no carro enfeitado, os escondeu deste mundo e da gulodice. Clara *Angola*, por sua vez, entregou maliciosa a cada uma das *chegantes*, um pequeno jacazinho cheio de folhas verdes e de pétalas coloridas. Os homens livres, os convidados, cada qual, por sua vez, teve o seu abobamento, do jeitinho que dona Luzia pretendeu e preparara.

Miguel viu Efigênia, *parda* alta e espigada, trazendo uma rosa vermelha nos cabelos negros e ondulados, vestidinho de algodão amarelo acinturado que, ao subir no carro florido com a cortina levantada, deixou ver suas delicadas alpercatas feitas de palha, ao pisar no cepo de toco que servia de degrau. A *preta* deixou um sorriso mimoso no ar e o *negro angola* ficou *zanaga* com o coração aos pinotes.

Dona Laís, um pouco tímida, cumprimentou o senhor Sapeca e caminhou maneirosa para o *dito* carro, com seu vestido acinzentado e simplesinho, deixando à mostra os tamancos e os calcanhares branquinhos, quando, já com um pé no assoalho vermelho, tirava o outro do *dito* toco. Olhou, discreta, para trás e viu o senhor Sapeca deslumbrado apertando os pequeninos olhos azuis, como se a luz fosse ela, e não o sol da manhã que, avermelhando-lhe ainda mais as ruivas tranças, corava a rosa branca que, engastada numa delas, trazia singela sobre a orelha. Sapeca ficou sem jeito e dona Luzia sorriu satisfeita, piscando um olho para o marido e subindo também no carro, logo atrás de sua amiga.

Francisco, Eva e o céu. O azul lá em cima tinha fofuras de algodão esparsadas. Cá em baixo só havia Evazinha, com seu vestido de algodão branquíssimo, esfiapado nas costuras sobre os ombros e cadeiras até os pés, e um pouco justo, como se fosse, ela, uma alva e delicada *paina* aberta frente ao sol que, em tributo, raiava luzes esfogueadas e nascentes, lá das bandas da Chapada. Cabelos negros e volumosos, aprisionados por um lenço amarelo, sobre a testa em larga faixa e, mais estreita, até sumir entre as brilhantes madeixas aneladas sobre as delicadas orelhas e, numa delas, uma dália também amarela, aconchegada. O coração do *negro* virou *batuque*

quando a cabritazinha faceira moveu seus lábios de pitanga e lhe disse com doçura:

- O cavalheiro não vai ajudar-me a subir?

- Sim... sim senhorazinha! - Respondeu Francisco oferecendo o braço à linda dama.

- Os carreiros que se avenham - gritou sorrindo Dr. Fernandes - podemos começar a viagem!

Isac Sapeca e Daniel Puri, carreirozinhos de *meia-pataca*, levantaram a vara de ferrão batendo os guizos e os bois mansos começaram a se mover.

O carro de boi saiu vagaroso, deixando o povoado e ganhando campos floridos, acompanhando a direitura das águas do ribeirão do Cruzeiro. O Sol nascente vinha da Chapada acompridando as sombras dos homens que seguiam vagarosos atrás da carroça de flores. De vez em quando, uma mãozinha, por trás da cortina encarnada, deixava cair da carroça pétalas de rosas, dalias e margaridas que perfumavam o ar da manhã e salpicavam multicores a grama ainda orvalhada, aonde pisavam os homens livres.

Mais na frente, a matazinha já bem raleada pelo outono ouvia silente os passarinhos em cantos tristes, como a choramingar folhas caindo. Os bois seguiam absortos, mas, quando o eixo do carro passou calor aos *cocões*, veio destes um canto em soluço, ora rouco, ora estridente, como se uma dor no peito ou amargura doce em sorriso triste; e *ditos* bois se sentiram gente, alegres em sua canga.

Os passarinhos se calaram e só as folhas continuaram a cair. Lá se foi mata adentro o carro de flores, cantando macio sobre a trilha de folhas secas. Os bois de canga contentes pareciam flutuar nos ecos do canto em dueto dos *cocões* untados que varavam a mata toda. Quando a trilha se estreitava, em meio a matos mais verdes e cipós, galhos secos feriam as esteiras do carro, despetalando algumas flores e golfando aqui e ali pétalas sacrificadas para enfeitar mais o caminho, ou marcá-lo para a volta.

A matazinha ficou para trás e se abriram, amarelados, campos secos, alaranjados pelas flores de São João. Caminhando um pouco mais à frente, o carro de boi calou seu canto duma vez e esperou os homens, ali parado, numa ponta de cerrado em espigão.

- Aqui se encontram o ribeirão do Cruzeiro com o do Jacaré que, como um só, vão *se perder* no rio de São Francisco - explicou Dr. Fernandes ao amigo Sapeca.

A cortina encarnada se abriu e as senhoras foram descendo do carro, mostrando agora os pés descalços prontas para a caminhada. Os homens soltaram as juntas do cambão e ataram as peias nos bois deixando-os a pastar ali por perto. O Dr. Fernandes, ansioso, tirou um livro do bolso, pediu a mulher que lhe desse um bernal de quitutes e biscoitos e, mal recebeu a capanga, sumiu-se cerrado adentro, buscando uma sombra de árvore onde pudesse, sozinho e tranqüilo, misturar os seus prazeres, quais sejam quietude e filosofia com biscoitos de araruta.

A manhã era ainda uma menina quando as límpidas águas do ribeirão banharam os pés ligeiros dos passantes que se foram. A lagoa Grande, que também tem nome de Verde, não ficava muito longe, e as

palmeiras cada vez mais freqüentes nos caminhos diziam que já estava bem perto.

Com um pouco mais de cerrado, num alto da ondulada planície, as senhoras não contiveram seus gritozinhos de deslumbre ao verem o céu trasladado para o chão. Em volta de toda a lagoa, capões de embaúbas e de variadas arvorezinhas de troncos brancos e lisos e, de intermeio, palmeiras, buritis e tabocas, num belíssimo aqui e ali, obra de jardinagem, sem dúvida, das mãos de Deus. O chão, que já a meia lonjura das águas se fazia mais frio, arenoso e respingado de verdejantes gramíneas, era como uma graça alcançada a abençoar os pés de quem o pisasse.

Os homens, Sapeca, Francisco e Miguel, saíram correndo como se fossem meninos a buscar as águas frescas que beijavam as areias nas beiradas da lagoa. Os meninos, Isac Sapeca e Daniel *Puri*, servindo às senhoras, como o faz a gente grande, estenderam sobre a grama verdejante, debaixo de uma grande palmeira, a alva toalha bordada sobre a qual depositaram os samburás e as senhoras se assentaram. Dona Luzia tratou de despachar os, agora, pescadores, dando-lhes linhas, anzóis, alguns biscoitos e uma chuva de conselhos de mãe, para que não fossem muito longe e só pescassem no corgozinho que passava ali por perto e que não se aproximassem da lagoa.

Enquanto isto, ao longe, os homens com os pés mergulhados em águas frescas, ouviam o silêncio. As águas sem fim tinham no fundo um grande céu, fazendo com que os três amigos, em dúvida de quando em vez, olhassem também para cima, como se não soubessem mais onde ficavam, deveras, a lagoa e o céu. Assim como acima de suas cabeças havia azul e nuvens a deslizar, havia, também a seus pés, peixes nadando entre as nuvens num céu bem mais profundo, mundo abaixo.

- Francisco - chamou Sapeca - o que será aquele *trem* gigantesco, cortando as águas serenas lá no meio da lagoa?

- É uma sucuri, amigo Sapeca... mas deve estar de bucho cheio... mas, esse toco de pau... perto de *vossa mercê*, não é um toco, é um jacaré!!!

Antônio Pinto Sapeca não deu resposta; só um grito, que quase mata de susto o bicharoco. Saiu zunindo, com os pés em seco, à flor da água. Miguel *Angola* não se agüentou:

- Ah! Ah! Ah! Him! Him! Him! Him! “O branco *catita*, quando é *perciso*, sabe memo andá *de jeira*! Him! Him! Him!”

Francisco Adão pigarreou e o afilhado parou de rir.

- Antônio Pinto, espere por nós! - Gritou Francisco!

- “Pois é, *sô Antonho*... Him! Him! Espera *nóis*!” - Falou baixinho o *negro* Miguel, correndo atrás de seu padrinho.

O professor de Matemática refez seus cálculos e parou.

- Afinal, as senhoras não precisavam saber de nada - pensou - e dona Laís, como era bonita! Pena que seu luto ainda tinha tão pouco tempo.

- Senhores - disse Francisco aos dois amigos - as minhas vendas não se enganam... biscoitos de polvilho de araruta fritos na banha... broas de milho, brevidade, chouriço frio e... tem cachaça! Mas quem chegar por derradeiro será um *zanaga*! - Zombou o *negro*, apertando o passo na frente.

Dona Luzia serviu a cada homem um cálice de aguardente e os convidou a que se assentassem no chão, em roda da mesa posta. Os homens juntos se colocaram de um lado só e, de outro, os risozinhos e cochichos entre as senhoras, eram evidência de que talvez, elas também, nos mesmos cálices, tivessem molhando as bocas com um tiquinho de cachaça. Dona Luzia ficou de pé e, satisfeita, foi servindo a todo mundo as quitandas variadas que havia nos samburás. Depois, com a desculpa de ir procurar os meninos, deixou sozinhos os namorados.

Um vento cheiroso soprou suave as horas dez da manhã. Olhos brilhantes atraem-se mutuamente. Francisco Adão pediu licença e foi assentar-se perto de Eva e, Efigênia, não teve jeito: foi assentar-se no lugar vago, ao lado de seu Miguel. Antônio e Laís, de vez em quando, se perdiam; ele no verde, ela no azul de seus tímidos olhares. O vento brincou de novo e fez balançar, com tanta graça, as grandes folhas da palmeira que, um casal de sabiás que passeava por ali, buscou, no pouso balouçante, a companhia dos namorados e, em tributo, deu-lhes o cantar. Desses cantares doces que somente os passarinhos enamorados sabem emitir, bebendo os fôlegos para soltar, com seus gorjeios ao vento, os corações.

Os sabiás, o vento fresco e o verde todo, além do azul que nem se sabe se está no chão ou está no céu. Conversazinhas e risos; olhares lânguidos e corações batendo incertos. Miguel *Angola*, sorrindo à-toa, revelou a todos que ele e Efigênia pretendiam se casar. Quando Eva e Francisco em seus cochichos quase tocavam no mesmo assunto, um galope de cavalos e gritarias de boiadeiros quebraram-lhes o encanto. Eram Romualdo *Cabra*, João Pinto *Puri* e Pedro Velho.

- “Sunceis num viro uma nuvia branquicenta por essas banda?” - Perguntou o *moleque* Romualdo de olho comprido nas quitandas que ninguém queria mais.

- Deixem de tanta candongueira! - Gracejou dona Luzia que, juntamente com os meninos, voltava do corregozinho - Sunceis estão mesmo é a campear uns quitutezinhos! Pois, então, podem comer!

- “Nhá-não, sá Luzia... os boi do povo tão memo perto daqui, lá no chapadão... mais, se a inhá inسته... nós come, uai!”

Os namorados, meio *sem-pó*, se levantaram e ofereceram a mesa de chão aos incômodos visitantes. Os vaqueiros, galhofando, não se fizeram de rogados. Depois, satisfeitos em sua gula, montaram em seus cavalos e voltaram para os pastos.

A notícia dos namoros se espalhou no Povoado. Francisco, Sapeca e Miguel *Angola*, ao início do mês de junho, tiveram de agüentar brincadeiras ao tempo todo que durou a última colheita de feijão.

Junho adentro, chegou o frio e a ansiedade pelas festas dos três santos poderosos, o de casar, o de batizar e o de dar o céu.

Aos treze dias do *dito* mês, segunda-feira das mais bonitas e dia do querido Santo Antônio, o padre Matuzalém casou Miguel *Angola* e Efigênia sob o testemunho dos padrinhos Francisco Adão e Eva Fernandes. À noite, antes do *batuque*, a noiva jogou para cima o seu ramalhete de margaridas, sempre-vivas e açucenas e o *dito* partiu-se em dois, indo cair uma banda nas

mãos de dona Laís e, a outra, nas mãos de Eva Fernandes. O povo deu muitos vivas, esperando para breve mais casamentos. Depois, fogueirinhas iluminaram o Povoado e a noite inteira teve *batuque*, cachaça e muito comer, em preparo à festança dos outros santos.

A festa de São João tem que ser feita na véspera, para que o Santo não saiba de seu dia, antes que o *dito* passe. À meia-noite, se fazem os vaticínios e os batizados. Desde os tempos de *Assumar*, proibiu-se nesta Capitania que os *negros* tivessem por padrinhos outros *negros*; assim, aprenderam apelar a São João e batizam-se a si mesmos, dando voltas em roda da fogueira cujas brasas são sagradas. O padre Matuzalém, como era de se esperar, nunca obedeceu a esta tal ordem. Assim, quando foi na quarta-feira, vinte e três do *dito* mês, o Povoado foi-se enchendo de *malungos* vindos dos quilombos mais vizinhos, principalmente, do *Andaial*, *Marcela* e *Mamboim*.

O *Senado do povoado* providenciou e determinou para que os visitantes fossem muito bem tratados. Claudina Canguçu e Justino Careca receberam a incumbência de preparar as casas das mulheres e dos homens com mais jiraus e muitas redes, além de provisões avantajadas do que comer. Eva Fernandes, Francisco Adão e os alunos *ditos* mais adiantados, sob instruções do padre Matuzalém, prepararam lá na escola as gentes grandes que se queriam batizar, ensinando-lhes o Nome-do-Padre e as orações.

Era de tarde e o Povoado parecia um formigueiro, onde as formigas se encontravam, contavam casos e se abraçavam, só um pouquinho enxombradas de cachaça. Enquanto isto, homens suados, rachavam a lenha e armavam lá na praça a maior fogueira que já se vira, até então.

O sol já fraco-alaranjado foi aos poucos se enterrando lá para trás do São Francisco. Um ventozinho meio de banda que embocava pela rua da Escola foi esfriando toda praça já meio escura. Lá na capela nunca se ouvira tanto barulho. É que o padre Matuzalém resolvera que, em primeiro, batizaria os inocentes. Gente do próprio Povoado, havia também, mas, a maioria era de gente das vizinhanças com os seus pretozinhos de todo tamanho, de braço e andando, os que entravam na capela num berreirão e, depois, saíam calmos com as crianças, então anjozinhos, a dormir.

Quando Euzebiozinho *Criolo* repicou o sino de bronze, havia no céu muita estrela e, na praça apagada do Cruzeiro, gentes a não acabar mais, todos no escuro, ansiosos pelos batizados e fogaréu. O padre Matuzalém, todo de branco, com sua estola encarnada ao pescoço, saiu na frente da capela, em procissão iluminada de muitas luzes das candeias que cada padrinho das gentes grandes vinha trazendo, cantando todos a São João.

- “*São João foi no céu, foi passeá; foi visitá Nos'Sinhô! São João foi no céu, foi passeá; foi visitá Nos'Sinhô!*”

- *São João foi no céu!*” - Cantou com voz bem mais grossa, o sacristão Vicente Soares.

Começou o *batuque*:

- *São João foi no céu, é de vera!*

- *São João foi no céu, é mentira!*

- *Omenha, omenhá rossequê!*

- *Omenha, omenhá rossequê, coroa!*”



Marçal *Criolo* e Pedro Quirumbo saíram da casa de escola carregando uma grande *gamela* branca com água benta e cristalina, seguidos de Natividade *Mazomba* que levava nos braços muitas toalhas brancas e bordadas. O padre parou frente ao cruzeiro e os pagãos fizeram fila. Atrás do padre fez-se a fila de padrinhos trazendo, cada qual, a luz de candeia para iluminar o afilhado.

- Qual é o nome que há de receber o filho de Deus? - Perguntou o padre a Miguel *Angola* que apadrinhava um *calhambola*.

- “Pode sê Butunco? Num tem santo...” - Explicou sem graça o padrinho.

- O nome é dele. Quem sabe não será o primeiro santo com tal nome - vaticinou o padre - Eu te batizo José Butunco...

Os batizados continuaram noite adentro. Alguns padrinhos já não tinham mais candeias. Dr. Fernandes e dona Luzia foram padrinhos de dois casais e mais três *pretos*; Francisco e Eva, de oito *negros* e duas cabritas; Vicente Soares e a comadre Chica Juá perderam as contas das candeias que, por duas vezes, mandaram buscar no celeiro do povo. Os afilhados, no entanto, não os perdiam *nem ver*: os velhos, ambos solteiros, nunca haviam antes dado tantas bênçãos, conselhos e benzições.

As candeias foram apagadas e a escuridão silenciou a praça. A molecadazinha miúda, vendo algo a mover-se no céu a obstruir a luz de algumas estrelas, varou em chusma o meio do povo para ver o que se passava lá no beco pequeno, entre a casa do Dr. Fernandes e a das mulheres sozinhas. Ao mesmo e exato tempo, lá do terreiro da escola, subiu flamejante um palito-de-fogo, clareando todo o céu e a bandeira de São João que balançava ao vento da noite, cintilando os seus oiros e plumas na ponta de um mastro alto, bem mais que a altura do cruzeiro da praça e, talvez, que das estrelas.

O povo aprumou para cima os seus pescoços; mesmo os papudos ficaram com os papos para o ar. Tancredo Velho, justificando a sua fama de fogueteiro, fez da noite um dia, colorindo de luzes o céu e o chão, incendiando mais palitos, busca-pês e tiros-de-cores, quais arco íris, riscando brasas no céu e espipocando cores e gemas em fogaréu.

Quando no céu só ficaram as estrelas frias na lonjura, é que o povo olhou para o chão e deu por si, com os olhos chamuscados. A fogueira, como não se vira ainda igual, queimava subindo às alturas e espargindo fagulhas e brasas.

Um *gongo* sendeiro deu, atravessado, uma marcação. Um *tabaque* malcriado respondeu cortante e repicado, incendiando a batuqueira. *Afofiês*, *puítas* e *agogôs*, além de muitas violas, coloriram a batucada e o povo balançou saracoteios para lá e para cá. As *ditas* mulheres sozinhas e também as casadas, donas de *fogo*, todas elas, conforme pedira o Senado, num vai e vem sorridente no meio do povo, ofereciam de suas *gamelas*, cestas e jacás sortidos, a quem quisesse mastigar, batata-doce cozida e assada, milho verde também tal e qual, canjica com leite grosso, *jacuba* de farinha de milho e melado, além de pipoca e chouriço frito a quem quisesse uma cachaçazinha para provar, pois que a havia de todo jeito, para beber ou derramar na goela, contida em bilhas de barro, *coités* de coco e cabaças curtidas.

O povo se sucedia, uns indo dormir e outros voltando, mas a praça não ficava vazia e nem o *batuque* parava. O sinozinho repicou doze badaladas, marcando a entrada no dia de São João. Então, padrinhos e afilhados, uns e outros de mãos dadas em volta da fogueira de fogo mais brando, rodearam muitas vezes zunzунando orações, agradecendo ao santo Batista pelo batismo de verdade e com um padre, mas confirmando o sacramento de fogueira. Francisco Adão e sua Eva e também os demais que foram padrinhos de muita gente tiveram muito que rodar, andando de mão em mão, com seus alegres afilhados. Depois, o *batuque* se acabou.

O céu estava coalhado de estrelas e os homens que cuidavam da fogueira esparramaram os tições, da escola até o jardim do cruzeiro, fazendo um caminho de fogo, coalhado de brasas vivas e juntas, a fumegar. O povo calou as bocas ao ver entre a névoa e a fumaça, perto de uma vela fincada aos pés do mastro de São João, Vicente Soares, ajoelhado a rezar. Depois viram o velho levantar-se estranho e atravessar a praça rumo à porta da escola. Ali, tirou as alpercatas, ficando com os pés no chão. Depois, extasiado, pisou as brasas vivas como se fossem nada e seguiu calmamente andando rumo ao cruzeiro. Olhos ao alto, sempre fixados nos *sagrados instrumentos da paixão* incrustados na dita cruz, passou sobre a cercazinha de pau e, ajoelhando-se em meio ao roseiral, agarrou-se ao madeiro, fez caretas de dor e soluçou choramingando rouco. Prostrou-se. Subitamente, levantou-se ereto, olhou para o povo e falou:

- “Ah! Cruzero, *combaro-catita mia! É lamba, aiuca lamba!* Num vai podê vê outro São João... nunca mais! *Maçalase é undaro! Paió é undaro! Onjó é undaro, uoneme undaro! Anduro é congembo... alume e andambi; aquenjë, verome e curiandamba... tudo congembo! É lamba malungo!* Cruzero é só *ufeca... é só corongira!*”

Um por um, o povo, cabisbaixo e temeroso, foi saindo, deixando a praça aos poucos vazia. Francisco abraçou-se a Vicente Soares e o levou, estático e mudo, para a casa do Dr. Fernandes onde o fez deitar-se em uma cama de hóspede. Tanto o padre Matuzalém como Fernandes Preto acharam que aquilo não haveria de ser nada; o velho apenas houvera abusado um pouco de seu *marufo* com raízes. Só por isto houvera falado aquelas coisas desconexas e horríveis.

Francisco não concordou nem discordou da tese dos velhos amigos, mas sabia que Vicente Soares jamais bebia mais que um gole. Despediu-se de Eva e de dona Luzia e deixou a casa em meio a fumaceira que já envolvia todo o povoado, cismando pensamentos com o coração apertado. Depois, quando já estava chegando na casa dos homens, encontrou Sapeca na esquina da rua do Zimbabo, a esperá-lo.

- Nossa casa está cheia de gente - disse Sapeca em voz baixa - os catres e redes que se colocaram a mais estão ocupados... mas, ninguém dorme... todos devem estar de olhos abertos no escuro e o ar tem cheiro de medo. Por que? O que foi que o velho falou de tão terrível?

- ... Desgraça, muita desgraça, previu ele para o Cruzeiro - respondeu Francisco com a voz meio rouca.

- Mas, que desgraça poderia nos advir, amigo?

- Vô Vicente disse ter visto o povoado incendiado... a capela, o celeiro do povo, as casas, tudo em brasas... disse ter visto homens e mulheres; crianças, moços e velhos, todos mortos. Disse que a morte virá do fogo. Depois, só restará a morte... os urubus.

- Virgem Mãe de Deus! ... As visões do velho, em outras ocasiões, já se realizaram? - Indaga Sapeca, objetivamente.

- Não sei, amigo... ora, Antônio Pinto, pelas luzes que julgamos ter, somos cépticos a estas coisas... tanto *vossa mercê*, quanto eu... Mas, *vossa mercê* conhece o velho e, como eu, o sabe pessoa especial, a qual, nossas fracas luzes não definem. Durmamos. Amanhã é outro dia que, de Deus, nos será servido, como diz *vossa mercê*. Amanhã conversaremos com o velho que haverá de nos dar, do que disse, os fundamentos.

- Pois muito bem...

Madrugada adentro, as brasas lá na praça se apagaram e as estrelas do céu também. A fumaça e a névoa se dissiparam e o céu foi-se riscando de branquidão lá pelas bandas do nascente, na Chapada.

Em dia de São João, antes do sol nascer, quem olhar no espelho das águas e conseguir ver seu rosto, tem vida garantida até o outro São João. Aquele que não conseguir se enxergar, ai dele; haverá de se encontrar, face a face, com o Padre Eterno, antes de chegar a outra festa do *dito* santo.

Francisco Adão e Sapeca resolveram se levantar antes dos outros. Pegaram sabão e toalhas limpas e foram se assear no ribeirão. Procuraram um remanso do córrego onde, em meio a um mato ralo, descia-se por um areião. As águas corriam serenas e leitosas àquela manhã. Ouviram um gorgolar de passos n'água e correram olhos córrego abaixo. Viram Vicente Soares de pé dentro da água, bem próximo de uma ilhazinha de areia, debaixo de um arco florido formado pelos galhos das árvores fronteiras a uma e outra margem. Viram, além do homem, a sua imagem tremulante e nítida refletida sobre o espelho das águas. Vicente Soares, ao vê-los na margem do corgo, sorriu com seus dentes branquinhos e acenou-lhes insistentemente, mostrando-lhes com a ponta do dedo as suas imagens também, refletidas e tremulantes no espelho das mesmas águas; e o sol não tinha nascido. Francisco compreendeu a indicação e sorriu, gritando para o velho *moçambique*:

- Então teremos ainda mais um São João, não é vô Vicente?

O velho não respondeu. Apenas sorriu de novo e acabou de atravessar o córrego, indo-se embora para a sua cabana no Alto da Botica.

Francisco e Sapeca entraram n'água e se assearam em silêncio e sem mais se falarem a não ser em pensamentos.

Vieram o sábado e o domingo e o povo dos quilombos vizinhos foi indo embora do Cruzeiro deixando e levando saudade dos seus, agora, padrinhos, afilhados e compadres de batizado e fogueira. Os dias que se seguiram, antevéspera, véspera e dia de São Pedro se fizeram tempo quase sem festa, de oração e penitência. Padre Matuzalém, seguindo a devoção do costume, rezou o rosário junto com o povo, cada dia na casa de um Pedro. Dia vinte e sete, a reza se deu na casa de Manoel Zimbabo que tem um Pedro, seu filho mais velho. Vinte e oito foi o dia em que o povo encheu a casa de Jacob Quirumbo, cujo filho mais velho se chama Pedro também. E a vinte e nove,

dia do *dito* Santo, o rosário se rezou na casa dos homens, onde tem Pedro *Angola*, estudante agregado, filho do sova do *Nova Angola*. A esse último dia, a rapaziada da casa acendeu um fogozinho na porta e distribuiu para o povo boa cachaça e um comerzinho, não faltando um *batuque* animado noite adentro até madrugada.

O tempo entrou julho afora sem ninguém nem perceber. Deliberara o *Conselho do povo*, na reunião do último sábado, que o comerciadador Francisco Adão deveria empreender viagem ao *Campo Grande* para vender, em troca de ouro e pedras, o ferro, as armas, panos e sal que havia no celeiro do povo em quantidade excedente, bem como, levar notícias e presentes a alguns parentes de batismo do povozinho do Cruzeiro e moradores naqueles quilombos. Ficara também deliberado que acompanhariam o comerciadador, prestando-lhe ajuda e obediência, Luiz Hilário, *pardo* de trinta anos, filho de Silvando Hilário, um dos maridos velhos de Maria *Fula Fulô*; Marçal *Criolo*, de vinte e cinco anos, filho de Leandro *Criolo*; e Divina Homem, mulher branca de trinta e cinco anos, sozinha e boiadeira.

Dia onze de julho, segunda-feira fria e cheia de ventos, o Povoado ainda dormia, quando, lá no celeiro do povo, Leandro *Criolo* e seu rapaz Feliciano terminaram de carregar as três mulas de *trens* e fazendas e as levaram para a praça. Francisco Adão e os seus tropeiros, ao escutarem o tropel, foram saindo da casa das mulheres onde tinham quebrado o jejum e recebido das mãos da velha Claudina Canguçu as *matulas* necessárias.

- “Tudo pronto, cumpade Francisco” - disse Leandro - “Sunceis agora já pode sigui mundo afora”.

Os quatro vultos encarapuçados caminharam para a cerca onde estavam as montarias já arreadas e saltaram sobre as *ditas*, fazendo-as rodopiar nos cascos para sentirem a segurança dos arreios.

- “*Louvado seja Nosso Sinhô Jesus Cristo, cumpade!*” - Gritou o amigo Leandro.

- “In-sempre, cumpade véio!” - Respondeu Francisco, tomando a dianteira da tropa.

- “A benção, meu pai!” - Gritou Marçal *Criolo*, agarrando o sedenho da mula madrinha e seguindo os outros tropeiros.

- “Bençoi meu fio... ajuda bem o seu padim!” - Respondeu o *negro* Leandro com o coração apertado.

A tropa vazou-se pela escura rua da Escola, sumindo-se naquele breu, na direitura do cerradão de carrasquinhos enfezados conhecido por a Chapada. O céu ia se clareando pouco a pouco e a tropa foi deslizando em meio aos vultos de enfezadas arvorezinhas que, no escuro, pareciam gentes paradas. Atravessou o ribeirão do Cruzeiro e mais na frente um outro córrego. Depois, quando o sol fraco branqueou de todo o dia, a tropa, de cima de um elevado, viu pela frente a imensidão verde e ondulada cravejada de carrasquinhos, capões redondos e cupinzeiros. A tropa, num balançar cadenciado, desceu o morro e sumiu-se na plainura.

Chegando às nascentes do corgo do Doce, os tropeiros o foram margeando, seguindo a direitura de suas águas, rumo ao poente, até encontrarem o grande canavial que circunda a lagoazinha e as casas do engenhozinho do Cruzeiro. Acenaram para o povo de Tibúrcio que estava no

terreiro a consertar os carros-de-boi e seguiram viagem, rumando, agora, para o norte, rumo que, a partir dali, toma o corgo do Doce. À certa altura, nesse último rumo, onde o *dito* corgo faz um cotovelo e foge de novo para o poente, a tropa o atravessou e, ganhando campos mais planos, foi na direitura de um outro corgo chamado o da Caiçara. Atravessou mais este corgo e, mais na frente, um outro braço do *dito*, rumando para as nascentes do rio do Picão ou Fincão.

À esta altura, o sol, se bem que ainda fraco, ganhara já o seu pino no meio do céu, enfiando as *sombras debaixo das coisas* e dos animais. O mato foi ficando mais espesso, porém, foi por pouco tempo a dificuldade. Logo apareceu a picada chamada Pitanqui-Piraquara-Paracatu; aquela, abandonada há algum tempo, mas, não pelos *negros-do-mato*, e a tropa seguiu, rumando pela *dita*, ao poente.

Divina Homem seguia, agora, na frente; calada como uma *porteira de cemitério*. Calçava alpercatas de sola, sobre as quais brilhavam os encastões das chilenas de prata com suas enormes rosetas. Calções brancos de algodão sob a saia curta de droguete marrom amarrados por cordões vermelhos aos tornozelos. Gibão de couro com golas altas e um chapelão também de couro enterrado na cabeça escondendo-lhe os longos cabelos. Às costas, em tiracolo, levava a catana de aço e, na cintura, uma *reíuna* de cano largo e mais três facas-cipó.

Luiz Hilário e Marçal, passado o vento frio da manhã, haviam tirado os capotes, jogando-os para trás no lombo das montarias, e seguiam sem camisas, como era costume, levando somente catana e os punhais às costas, em tiracolo, e tinham sobre as cabeças chapéus copados de palhinha.

Francisco seguia mais atrás, guardando o coice da tropa. Vestia capote de droguete todo preto e um chapéu da mesma cor, feito de couro de lontra curtido e armado. Levava às costas a sua espingarda grande, a qual, tomara do *capitão-do-mato*, inimigo figadal que viera a matá-lo e, ao invés disto, morrera. A belíssima espada de aço que lhe dera a *preta* Josefa, esta seguia embainhada e presa na sela de seu cavalo. À cintura, sob o capote, levava as suas pistolas de prata que tinham os cabos em ouro.

- Divina Homem! - Gritou Francisco - Abrevia os passos de sua *pichorra* mulher! Precisamos *andar de jeira* para que cheguemos às beiradas do São Francisco ainda antes que o sol se esconda!


- *In-sim*, Francisco! - Respondeu a tropeira com voz feminina e forte - Eia, *de jeira*! - Gritou a boiadeira, cortando a sua égua nas esporas e puxando a mula-madrinha.

O passo ficou mais vigoroso e a tropa seguiu rangendo as *cangalhas*, ora em planos secos, ora em charcos entre lagoas, e por fim, em declive pedregoso na direção da grande baixada plana, onde se enxergavam as águas cristalinas da lagoa da Piraquara unida às barrancas do rio São Francisco.

A tropa derivou à esquerda assim que ganhou a plainura, buscando o rio mais acima e fugindo da *dita* lagoa, procurando uma certa *cafua* onde morava um barqueiro *malungo* e conhecido do Cruzeiro.



## Capítulo XI

 chão, às margens do rio, era um plano mais baixo de terra amarelo-dourada, seca e rachada em alguns descampados, e coberta de fino capim e capões bem espessos próximos às barrancas do rio.

O sol poente resvalava seus raios nas plácidas águas do rio e ofendia, ao longe, as vistas dos que ao nascente chegavam. Luiz Hilário gritou:

- “Vejam lá! A *cafua* do barqueiro não tem nenhuma fumaça... Ele deve de está de viagem pelas banda de lá!”

A *dita cafua*, vista ao longe, parecia brotada do chão. Toda coberta por fino capim; não se lhe viam as paredes laterais, onde as suas águas de muito capim quase encostavam na terra, mas, à cumeeira, formavam, bem altas, um ângulo acutíssimo protegido por varas externas costuradas de cipós sobre o mesmo capim. Via-se-lhe a porta aberta, rasgada na parede robusta de troncos a prumo intermeados de barro por rebocadura de *sopapo*.

A tropa andou mais depressa e, *com pouco*, já estava à porta e terreiro do rancho do ausente barqueiro. Luiz Hilário e Marçal, sem demora, descarregaram as mulas, as quais amarraram na cercazinha do terreiro, e foram guardar arreios e cargas lá dentro do rancho. Divina Homem deu milho às montarias e mulas e, passando pela horta do rancho, apanhou abóboras-menina.

- Muito bom, Divina - disse Francisco, assoprando o fogo na fornalhazinha de barro encostada à parede - *suncê* “aperpara” um rancho “bão”... que dê para hoje e para a viagem de amanhã...

- *In-sim* - Respondeu a moça, colocando as abóboras sobre o jirau do outro lado.

Depois, tirou seu gibão e chapéu. Encravou na parede uma de suas facas e lá pendurou a catana, *reiúna*, *polvarinhos*, roupa e *dito* chapéu.

Ajeitou os cordões que prendiam em volta da cabeça as suas tranças negras e grossas e foi pegar em meio às *cangalhas* e arreios um pouco de carne, toucinho, sal e um caldeirão. Pôs no fogo a vasilha e começou sua lida para lá e para cá, picando os *trens* de comer e sortindo a panela no fogo.

Marçal *Criolo* e Francisco foram estender os seus corpos sobre uns catres de pau no cômodo dos fundos do rancho.

Luiz Hilário ficou lá na frente, botando o sentido em Divina. Os pés, de alpercatas, arrastavam no chão as rosetas das esporas. Cordões vermelhos cingiam-lhe aos tornozelos as pernas dos calções afofadas e brancas. O grosso saiote marrom, curto, até os joelhos, com as ligas de couro entre as pernas - de amarrar quando monta - soltas e pendentes. A mulher agachou-se para limpar uma *cuia* e mostrou suas cadeiras redondas, com duas facas-cipó, entre a cinta de couro e a camisa de fino algodão, enterradas de banda aos quadris. O *pardo*, ao ver-lhe sob a camisa bordada, as costas macias sulcadas ao rego, a pele de cobre dos braços torneados, entretidos na lida, a se mexerem entre as linhas desfiadas das mangas curtas, não se agüentou. Sentiu calor no sangue e resolveu chegar mais perto para sentir o cheiro gostoso de Divina Homem.

- “*Suncê* some daqui desinfeliz” - rosnou baixinho e entre os dentes, a mulher - “... ou o seu fato vai rolar na poeira do chão... nunca mais chega perto de mim!” - completou virando-se com um dos espetos na mão.

- *In-sim, sá* Divina... *in-sim* - balbuciou o *pardo* assustado, sumindo-se de afastado para o cômodo nos fundos do rancho.

A noite caiu *de jeira* sobre as paragens, como se fosse uma rede de malhas escuras. A tropa comeu sua janta e, *com pouco*, já estavam todos roncando. Os homens dormiram nos catres do fundo e a mulher, enrolada num couro perto do fogo.

O canoeiro chegou quando o sol já empurrava a sombra das árvores para dentro do rio de São Francisco. *Dito* canoeiro era do tipo *cariboca*, bom e prestativo que nem ouro achado, mas, feio como um caboclo d’água. Cabelos pretos lisos, armados e duros como se fossem uma *cafua*. Olhos de índio e nariz bem esborrachado, mas de pele *negra* e brilhante. Pernas fortes, peito largo e cabeludo, com um grande papo azulado ao pescoço.

Francisco pelejou com Divina Homem para que seguisse, junto com o canoeiro e cargas, na canoa... mas, *foi baixo!* A boiadeira não aceitou *nem ver* e preferiu fazer a travessia do rio montada em sua égua preta, juntamente com os três companheiros, também montados em seus cavalos e conduzindo as mulas.

Ao fim da passagem, Francisco pagou ao barqueiro dando-lhe uma boa faca de corte e dois anzóis. Os tropeiros arrearam as mulas e a tropa seguiu.

A região à margem esquerda do rio de São Francisco mostra-se mais elevada e cheia de morros. A tropa atravessou um alto e depois uns charcos e, em meio a estes, o ribeirão dos Porcos. Seguiu contrária às águas desse ribeirão, passando pelas nascentes do *dito* dos Patos e ganhou as fraldas das serras chamadas Alegre e dos Quatis, as quais, na parte em que margeiam o lado direito do rio *Andaial*.

O sol já virara as *sombras ao nascente* e seu calor continuava muito pouco. As fraldas das serras foram aos poucos se elevando e expondo a tropa a um ventozinho cortante cada vez mais frio.

- “Cavééééiaaaaaa!” - Gritou um *preto* das alturas de uma grande pedra à direita, mostrando seu arco e muitas flechas.

- “Ê maluuuungooo! Do Cruzeeeeeerooooo!” - Respondeu Marçal *Criolo*, fazendo, com as mãos na boca, um *coité* furado.

- “Ê *malungo* do Cruzeiro! Ê tiaposssoooooocaaaa!” - Gritou o mesmo *preto*, agora de costas, sobre a *dita* pedra.

À medida em que a tropa ia avançando, a trilha sobre o terreno pedregoso se ia abrindo e ficando mais limpa de mato, mostrando um grande número de palmeiras de indaiá esparramadas por todos os lugares aonde a vista alcançasse. Negrinhos e negrinhas apareceram em meio a trilha e indaiás, vindo ao encontro da tropa. Mais atrás, viam-se algumas mulheres velhas e de repente, as próprias *cafua*s do *Quilombo do Andaial*.

- “A bença gente do Cruzeiro!” - Gritavam as crianças, seguindo de perto os *chegantes*.

Francisco sorria e saudava a todos, abanando o chapéu. O quilombo era grande e asseado e tinha *cafua*s bem feitas. Havia, delas, cerca de duzentas, todas pequenas, e uma grande. Resumia-se a construção das *ditas*, geralmente iguais, a uma trave forte pousada sobre as forquilhas de dois esteios grossos fincados no chão, sobre a qual, com varas finas, porém resistentes e retas, se construíam as armações das *águas*, até o chão. Sobre as armações é que se encastoavam as coberturas das *águas* feitas de folhas de indaiá trançadas com muita arte e até o chão. Das mesmas folhas de indaiá são fabricadas as paredes da frente e dos fundos, bem como, as separações internas e o forramento do chão, trançadas com um outro ponto e engenho, a que chamam de esteira, as quais, intermeadas de fitas vermelhas, amarelas e verdes, causam às vistas boa satisfação.

A tropa parou em frente à *cafua* maior, onde os tropeiros apearam e foram abraçados por todas as gentes, ao tempo em que punham a bênção nos mais moços e a recebiam dos mais velhos. À porta da grande *cafua*, um *negro* alto sorriu e gritou:

- “Ah! Não, gente! Ê *ovê* memo! *Ovê* veio *nim mia combarocatitazinha*! Entra, cumpade! *Mia onjó* é de *suncê*!”

Francisco abraçou o compadre com um embrulhozinho na mão, olhou para os lados e perguntou sorrindo:

- “Cadê a *ocaia* da casa! Cadê meu afiadozinho José Quelé?”

A *preta* meio grisalha apareceu sorrindo na porta com um negrinho nos braços. Francisco entregou-lhe o embrulhozinho e pegou o menino, levantando-o nos braços.

- “... Ê só uns panozinho, cumade, mais é de coração... Eia, *camuquenguezinho*! Eia! Já sabe matá capivara cum *quiapenga* de seu *otata*? Sabe? Ah! Ah! Ah!”

Francisco entrou para dentro da grande *cafua* onde mora o seu compadre Quelé, chefe e capitão do *quilombo do Andaial*. Marçal e Luiz Hilário, lá fora, sob as ordens de Divina Homem, entregavam presentes a alguns *pretos* e *pretas*. A outros, chamavam pelo nome e mandavam escutar

as notícias que compadres, afilhados e padrinhos do Cruzeiro haviam mandado em papéis escritos que Divina ia lendo e entregando a cada qual.

A tarde caiu de mansinho, indo o sol deitar-se atrás das serras, deixando um céu bonito e um vento frio. Quando a primeira estrela apareceu lá pelas bandas do rio de São Francisco, o povo acendeu uma fogueira, deu aos viajantes o de comer e o de beber e, depois, o de sonhar: *batuque* de gongos e *tabaques* sob um céu cravejado de estrelas, às quais chamam *mbungururu*.

Ao dia seguinte, Francisco Adão e o capitão Quelé saíram antes do sol para uma caçada no mato, juntamente com Marçal, Luiz Hilário e outros homens do *Andaial*. Voltaram à noitinha, cantando pela trilha e trazendo, amarradas pelos pés e penduradas em varas compridas, duas pacas, uma anta grande e muitos pássaros. A fogueira já estava acesa esperando os caçadores e a festa se fez com muita fartura de carne, alguma cachaça e muito *batuque*.

- “A espingarda é *aiuca tiapossoca* cumpade... *ovê* pode falá a Dr. Fernande *mode* arranjá mais... *omindes* paga cum *jambá* e *orongóia*” - comentou Quelé, alisando o cano da espingarda que Francisco lhe vendera.

- “Pois sim, cumpade... vô falá cum ele” - respondeu o comerciadador do Cruzeiro, pondo sentido nos olhos compridos de Luiz Hilário em cima de Divina que se divertia juntamente com *pretos* e *pretas* a dançar sob o repicar miúdo do *batuque*.

- “E... ferro... *alvião*, foice... *ovê* num vai percisá mais? O povinho do *Andaial* tá omentano!” - disse Francisco.

- “*In-sim*... *ovê* pode trazê o tanto ia dedo *nim acrepu*, de cada *trem*” - confirmou Quelé.

A noite foi-se adentrando e Francisco ficou conversando com seu compadre e outros *pretos* até quase de madrugada, ali, à beira da fogueira, na frente da *cafua* grande. Depois, foram todos dormir.

O dia foi chamado pelos galos do quilombo e a tropa bateu-se de pé ao primeiro có-có-ró. Uma névoa branca cobria toda a paragem, salpicada de palmeiras de indaiá e das coberturas pontiagudas das *cafuas*, em meio aos buracos nas fumaças de nuvem. Fazia um friozinho, mas dava para agüentar, pois o vento estava parado. A tropa partiu acenando adeus aos amigos do *Andaial*.

O caminho foi ficando mais penoso, mormente para as mulas que tropeçavam a toda hora, morro acima. Ganharam a direitura entre as serras Alegre e dos Quatis e, com *pouco*, o caminho começou a descer no rumo das águas do rio *Andaial*. Atravessaram o *dito* rio em águas rasas, acima de uma cachoeirazinha, e continuaram seguindo a noroeste, rumo às nascentes de um outro rio, o chamado dos Paulistas, cujas águas se perdiam no já *dito* do *Andaial*, perto da onde o haviam atravessado.

A marcha foi ficando a cada passo mais difícil, pois precisavam abrir picada com as catanas mato adentro, num terreno ora seco, ora charcoso tendo, do lado esquerdo, o rio dos Paulistas e, à direita, pequenos montes de pedras escarpadas e muito ásperas. Após quatro horas de mato fechado, o *dito* foi-se raleando e o terreno, ficando íngreme e pedregoso.

O sol já fazia menção de se atolar ao poente, quando a tropa ganhou o cabeça do morro de onde se avistam muitas serras, tendo, à primeira visão, a *dita* das Araras com suas reentrâncias escarpadas ao norte, onde ficam as nascentes do rio dos Borrachudos.

- Gente! - Gritou Francisco - Vamos fincar acampamento aqui neste alto... a noite não tarda cair!

Luiz Hilário e Marçal apearam de catanas à mão, cortaram uns paus e desbastaram o mato em volta, alimpando um pedaço bom, ali no plano em cima do morro. Francisco e Divina desarream os cavalos e os dois *pretos* descarregaram as mulas, as quais e os *ditos* cavalos, atrelaram e amarraram num pau. Depois cuidaram de acender um fogozinho.

A noite desceu fria e cheia de estrelas. Marçal, com o caldeirão no fogo, cozinhava um feijãozinho para a tropa comer. Ao longe, onde o cabeça plano de morro despencava numas pirambeiras, via-se, em meio ao clarão de um *pito*, o vulto enchapelado de Luiz Hilário, cabisbaixo, encostado num pau de sucupira. Divina, encostada numa cangalha perto de Francisco, *mascava um pedaço de fumo*.

- “*Suncê* está com alguma cisma nessa cabeça, Divina?” - Perguntou Francisco, com intimidade.

- Estou, não... Estou só a pensar nesta vida - respondeu a moça, cuspidando depois o fumo mascado.

Divina: Homem, não é alcunha; é mesmo seu nome de família. É moça do reino, sem dúvida, e isto se percebe no seu jeito *reinol* de falar as palavras que não consegue mudar de todo. Já vai pelos trinta e cinco anos, mas ainda é bonita de corpo e de cara. Sobrancelhas negras e arqueadas, nariz afilado e pequeno, faces redondas, boca breve e queixo quadrado. Dr. Fernandes disse que a conheceu ainda mocinha no *Ouro branco* onde, já órfã de mãe, perdeu o seu pai em um duelo tolo que o velho, em defesa de sua honra, foi obrigado a travar com um oficial do governador. Quando o Dr. Fernandes partiu em bandeira para o sertão, ela pediu para acompanhá-lo e muito contribuiu para construir e fundar o Povoado do Cruzeiro, onde tem o respeito dos homens e das mulheres. Gosta de morar sempre sozinha e lidar com gado, nunca falou em casamento, maneja bem a catana e a *reiúna* e não tem medo de homem e nem de bicho, conforme já comprovou muitas vezes. Respeita muito a Francisco e não lhe esconde o falar e o pensar.

- *Suncê* está é a pensar sobre o atrevimento dos olhos do *malungo* Luiz Hilário? - Perguntou Francisco, sem rodeios.

- Ainda sangro esse *preto* - respondeu Divina, cochichando entre os dentes.

- *Suncê* pode ficar sossegada... está junto comigo e não haverá perigo algum. Mas, *suncê*, sendo u'a moça do reino, que sabe ler e escrever, devia entender melhor essas coisas... Luiz Hilário não é má pessoa... é só um moço solteiro e... *suncê* é u'a moça solteira, também... entende? O senhor seu pai nunca lhe ensinou nada sobre essas coisas da vida?

- Senhor Francisco Adão, eu...

Marçal aproximou-se trazendo cuias de feijão com farinha e toucinho, quentezinhas a fumer, interrompendo a conversa. Francisco e Divina sorriram, pegaram as cuias e passaram a engolir o feijão e o silêncio,



sem mais falar. O fogueiro chiava labaredas ao vento, cintilando luzes amarelo-avermelhadas e balançando as sombras das pedras e matos em volta.

Luiz Hilário é um *pardo* claro e tem trinta anos. Seu pai, o *mazombo* Silvando Hilário, sexagenário doente, natural de *Vila Rica*, é o marido mais novo de Maria *Fula* Fulô. Esta, tem mais dois maridos doentes e de cama; um, é Januário Sucupira, de sessenta e cinco anos, com quem tem um filho troncho e abobado; outro, é Crescêncio Carapina, também doente e de cama, com setenta anos, com o qual tem uma filha, Angélica Carapina, de vinte e cinco anos. Luiz Hilário aprendeu com a moça o ofício que a *dita* aprendera do pai, e são os dois que sustentam a casa trabalhando de carapinas para todo o povoado.

Marçal levou comida ao amigo Luiz e o deixou sozinho lá debaixo do pau de sucupira. O *pardo* comeu devagar, sem pôr o sentido no que estava fazendo. Depois, permaneceu estático com a *cuia* vazia na mão. Francisco foi chegando que nem sombra.

- Eia, *malungo*... que tristeza é essa? - Cochichou às costas do amigo.

Este, virou-se triste, respirou fundo e murmurou compassado:

- “*Suncê* sabe, amigo Chico... *suncê* já sabe; num tem nada neste mundo que o amigo Chico num sabe...”

- “Ela é muito véia pra *suncê*, *malungo*... tem mais de trinta e cinco... além disto...”

- “Eu sei... o povo fala... ela é que nem *vaca manina*, que num aceita macho nenhum... o diabo, Chico, é que o meu coração não aceita isto; é só chegá perto dela, o bruto dispara que nem cavalo ferroadado de marimbondo...”

- “Deixa disto, homem... *manina*, ela não é não... parece que tem é um segredo... um encanto...”

- “Chico... também acho isso... mas...”

- “Luiz Hilário” - disse Francisco com voz firme - “*suncê* deve de ficar longe dela...”

- “Foi o que eu sempre fiz, amigo. Eu não queria vir nesta viagem... mas o Conseio do Povo mandou... e quando o Conseio manda... fica mandado, né...”

Francisco não disse nada. Deixou o *malungo* com sua tristeza e foi dar umas voltas pela redondeza.

Quando o sol acendeu os primeiros diamantes dentro das gotas de orvalho penduradas nas pontas das folhas, o comerciadador, montado em seu cavalo, viu a tropa seguir e ficou anotando suas contas na cadernetazinha, ao fim das quais escreveu que era dia quinze do mês de julho, do ano de cinqüenta e sete. Guardou no bolso do capote a caderneta e o carvãozinho de pau, seguindo o *coice* da tropa.

O rumo era ainda o noroeste, buscando as nascentes do rio dos Borrachudos, nas reentrâncias da serra das Araras. A tropa ganhou a serra e caminhou margeando as *ditas* nascentes em terreno liso e pedregoso tendo, à sua direita, as cristalinas nascentes do rio e, à esquerda, mato fechado. Depois, passadas as tais nascentes, o mato raleou à esquerda e a serra se

estreitou. *Dita* serra que, daí para frente, leva o nome de a do Abaeté tem, ao norte, as nascentes do rio que leva o seu nome e corre nesse rumo a perder-se no de São Francisco; ao sul, tem as nascentes do *dito* de São João, que correndo a sudoeste, joga suas águas no do Quebra-Anzol.

Os tropeiros abriram picada com as catanas e atravessaram, mais à frente, o mato virgem que guarda as nascentes de um braço do rio Abaeté. Quando o mato mais grosso ficou para trás e a tropa seguia sobre um plano alto intermeado de pedras e fina grama, de repente o chão sumiu-se lá na frente, revelando um buraco de céu, com montanhas do outro lado. As mulas refugaram e não queriam descer. Francisco aproveitou para pôr contra o sol o aço de seu espelho quebrado, disparando luzes cortantes sobre a mata lá embaixo.

Atrelaram em cordas espaçadas os cavalos e as mulas e seguiram, descendo a pé e ajudando os animais.

Quando chegaram no plano mais baixo da descida, de onde se viam os entremeios da mata, limpos e cheios de trilhos de terra batida, ouviram muitos latidos de cachorros e gritos ecoando ao longe. *Com pouco*, apareceram alguns *negros* e uma cachorrada numa algazarra medonha.

- Fiquem quietos - murmurou Francisco - não demonstrem medo e nem batam nos cachorros... o povo do *Quilombo Grande* gosta muito de seus bichos - concluiu, acenando para os *negros* com as mãos e com o chapéu.

Um *negro* pequeno e careca se destacou à frente dos outros e foi-se aproximando, trazendo preso numa corda um cachorro cabeçudo e muito grande. Chegando perto, apertou os olhos como se não enxergasse direito e gritou:

- “*Cavéia?!* ”

- “*É malungo do Cruzero... É Chico Beçado! Eia, quimbundo curiandamba... abre o zóio, alume... Ah! Ah! Ah!* ” - Riu-se Francisco, ecoando sua gargalhada na mata.

- “*Cumpade Chico? É memo cumpade Chico!* ” - Gritou o homenzinho, primeiro dançando o canjerê e, depois, virando-se para os seus e dando a boa-nova - “*Eia, cambada! É Chico Beçado, cambada!* ”

Francisco entregou as rédeas de seu cavalo às mãos de Divina e foi ao encontro do mirradozinho careca. Primeiro abaixou-se e alisou carinhosamente a cabeçorra do grande cachorro e, depois, levantando-se, abraçou o amigo.

- “*Louvado seja Angana-N’Zambi!* ” - Saudou, Francisco.

- “*In-sempre, amém!* ” - Respondeu o *negro*, soltando a corda de seu cachorro.

- “*Congembo num veio buscá suncê inda não, curiandamba Cobu, xará mia?* ” - Galhofou Francisco, dançando em volta do amigo.

- Him! Him! Him! - Retrucou o *negro* nanico, dançando também - “*N’Zambi num qué omindes lá no céu! Him! Him! Him!* ”

A pretalhada e seus cachorros foram-se achegando, caminhando devagar e sem barulho. Circundaram o sova velho e o visitante aclamado - já conhecido por alguns - a quem saudaram respeitosos e, ao mesmo tempo, examinando-lhe com olhos compridos as roupas e a enorme espingarda que levava à tiracolo. Muitos, ao passarem perto para cumprimentar o visitante,

ficavam nas pontas dos pés como a lhe medirem a estatura e, depois, olhavam uns para os outros torcendo os beijos, como a duvidarem de alguma coisa.

Os dois amigos e xarás Franciscos, um, o velho rei do *Quilombo Grande* e, o outro, o afamado Beicado, seguiram de braços dados mata adentro acompanhados, a distância, pelos outros. *Ditos pretos* - alguns *negros*, outros *pardos* e muitos *caribocas* - seguiram ladeando a tropa, sem se misturarem aos *chegantes* e aos animais. Uns sorriam e outros, não. Os cachorros, igualmente, nem todos abanavam os rabos.

Havia algo de estranho. A população do *Quilombo Grande* era, na verdade, uma monstruosidade em número de gentes e cachorros. A maioria, porém, ausentava-se a semana toda em busca dos *serviços* e *grupiarias* ao longo do rio Abaeté e somente nos sábados à tarde é que retornavam ao quilombo, onde passavam o domingo juntos com suas famílias. O dia de hoje, quinze de julho, era ainda uma sexta-feira e Francisco notou que, no entanto, havia poucos cachorros e muitos *caribocas* e *pardos* estranhos em meio aos velhos e uns poucos *malungos* conhecidos. Chico Cobu continuava sorrir, mas se mantinha calado.

A mata era densa e fechada, mas, só nas grimpas, onde se misturavam as copas das árvores, impedindo a entrada da luz e tornando escuros os caminhos. Quando os olhos dos visitantes já se iam acostumando à penumbra da mata fresca e cheirosa, abriu-se-lhes à frente uma profusão de claridades avermelhadas, furando as copas das árvores e projetando canudos de luz que cortavam as sombras e feriam o chão, revelando o fim da trilha e da mata, onde as folhas secas e gravetos brilhavam como ouro ao sol.

Saídos da mata, *calhambolas* e tropa seguiram pela plataforma plana de onde se vislumbrava raras e naturais belezas. À meia descida, viam-se, olhando à esquerda, os limites impostos à mata pela íngreme e escarpada parede, da qual, por vários buracos em meio ao negrume das pedras molhadas, jorravam grinaldas de água a se precipitarem espumantes lá embaixo, fazendo rebojos num grande poço de pedras, de onde escorriam ligeiras, formando as principais nascentes, já caudalosas, do rio chamado o Abaeté. Olhando-se para a frente, via-se um largo vale entrecortado pelo rio nascente, em cujas margens além abria-se uma verdejante e curta planície que se estendia por cerca de um quarto de *légua* até o sopé de uma grande montanha. Atrás da montanha, naquele exato momento, o sol se punha, deitando fogo no céu. Às margens de cá do mesmo rio, esparramadas por uma espremida nesga de terreno plano, se viam mais de trezentas *cafuas* feitas de pau e capim e, entre as *ditas*, alguns cachorros, crianças e gentes a andar. Olhando-se para a direita, via-se o rio Abaeté, já *forro* da garganta onde nasce, a perder-se numa *ermidão* plana e aberta, ora saracoteando em campos verdejantes, ora sumindo-se entre as matas.

A tropa adentrou o quilombo e foi logo cercada pelas gentes conhecidas e que não escondiam a satisfação. Francisco abraçou a muitos velhos e *pretas* e abençoou as crianças. Recomendou à Divina e aos homens da tropa que entregassem os presentes e que lessem para os interessados as notícias dos *malungos* do Cruzeiro. Depois seguiu o rei e alguns velhos, afastando-se das outras gentes.

A *cafua* de Chico Cobu era simples, porém, tinha mais cômodos e era maior do que as outras. Depois de abraçar a comadre Maria, mulher de Cobu, e de pôr a bênção no menino Filisbino, seu afilhado, Francisco assentou-se num tamborete entre os velhos e aceitou um *coité* de cachaça. Os velhos se olhavam entre si, sem coragem de provar do *marufo*. Chico Cobu levantou a cabeça e virou nos beiços o *coité*. Francisco assuntou com os olhos, nos olhos dos velhos, um por um, e murmurou compassado com a voz meio rouca:

- “Ê *calundu* ou é *lamba*, *curiandamba* cumpade?”

O velho Cobu empalideceu mas, buscando força nos olhos dos *negros* velhos de seu Conselho, reencontrou a voz e a fala.

- “Ê , cumpade... *ossenê* né *tiapossoca*, não. *Suncê* num chegô *nim* hora boa... *Suncê* viu? ... *Aiuca malungo* estranho morano agora no quilombozinho? ... É um magotezinho de *preto cariboca* e um *muxima*... um *negro mina*, chamado Ramiro *Dungo*... Tão quereno cavera *mia*; já assuntei... acho que dessa noite, num passa!”

- “Eia! Uai, cumpade... e os fio ? Amanhã vão tá tudo aí... o *dito* Ramiro num ia tê corage...”

- “Fio? Quã, fio... Tá tudo com *orongóia* no zóio... riqueza, cumpade... Ramiro *Dungo* é compradô de pedra; cuvitero de branco ... Ramiro *Dungo* tem *ocaiá*, *pango* e *marufo*... e *jambá*... fio qué sabê é disso... nem *meprá*, ninguém pranta mais. Agora, Ramiro qué *congemo* do *curiandamba* Cobu... *suncê* chegô... e o *cariá* tá solto!”

- “Uai, cumpade” - Disse Francisco com voz macia - “*Cariá* só caminha é de noite... *arapóssi*... nós espera... nós espera. Se num tem *alume* *nim* quilombo, tem *curiandamba*... tem *verome*... tem *andambi*, num tem?”

- “Tê, tem... mais a força é poca, cumpade” - argumenta o rei Cobu.

- “Né poca, não cumpade... né poca não. Os *curiandamba* pode ir simbora... vão pegá os *quiapenga*, *ussonho* e *azagaia*... avisá os *malungo* *curiandamba* e os *verome*... as *andambi*, arranja uns purrete e esconde nos vestido... mais é *perciso* cuidado pros *cariboca* num desconfiá... *sunceis*, agora pode ir”.

Os *negros* de cabelos de *paina* empinaram os corpos, até então alquebrados, e sentiram correr pelas veias o seu sangue de bravos guerreiros. Chico Cobu os acompanhou até a porta. Francisco assentou-se num jirau perto da parede e tirou as suas botas. Maria Cobu trouxe a *gamela* d’água e a depositou aos seus pés.

- “Foi *N’Zambi* que mandô *suncê*, cumpade Beißado” - disse a *negra* de meia idade, pegando no chão seu *bebê* peladozinho e escanchando-o nas cadeiras.

- “Arapossi, cumade... arapossi... *N’Zambi* é memo *otata* bão de nós tudo” - Respondeu Francisco, sorrindo coragem para a *negra*.

- “Amém, cumpade... Amém!”

O amém de Maria Cobu ficou cavalgando o silêncio pelos ares da casa. Francisco Adão resolveu encostar o corpo. Pôs o chapéu na cara e se deixou para trás sobre o jirau de varas. Chico Cobu ficou sentado num tamborete, a pensar, com a cara nas mãos. A mulher, em silêncio, foi cuidar

das painéis e terminar o comerezinho de última hora que preparava para os visitantes.

O crepúsculo da tarde foi entrando casa adentro e, *com pouco*, embocou também pela porta um ventozinho, daqueles que precedem a noite, ou a morte.

- “Padim Chico! Padim Chico!” - Entrou gritando o molequezinho Filisbino.

- “O que foi, fio? É *bicho-mau*?” - Brincou Francisco, levantando-se calmamente e pegando no chão as suas botas.

- “É João Cureque, padim... e mais os outro *cariboca*... tão quereno *achupá sanjuê* cum sô Luiz e sô Marçale... *mode* espingarda e *mode andambi branca*!”

- “Cureque é *onguro*, cumpade?” - Perguntou Francisco ao rei Cobu, enquanto calçava as botas.

- “*In-sim, nim omerá ia puri*. Hiiim! Cumpade! Esse é *túria*... É cuvitero ia *negro mina*... o tal Ramiro. Ele tá quereno *achupá sanjuê* é cum *suncê*... *andambi branca* é sô jeito *mode achupá*...”

- “Uai, sô; *tiapossoca*, uai! Pois bamo lá” - disse Francisco, ajeitando na cinta a espada e as pistolas - “Mais, *suncê*, não... *suncê* vai é reuni os *curiandamba*... os *verome* que tivê... depois, leva tudo pra trais das *cafua* perto do terrero... *suncê* lembra da surtida que nós feis lá no *Zondum*?”

- “*In-sim!*”

- “Pois, então... vai sê igual” - Disse Francisco sorrindo. O rei Cobu sorriu confiante e saiu de mansinho pela porta do fundo da *cafua*.

- “Cumade, *arapóssi*, nós vorta *mode* curiá *pipoque* que *suncê* tá cuzinhano” - disse Francisco, para acalmar Maria Cobu que, trêmula, se abraçara a seus negrinhos lá no canto do fogão.

Estrelas em profusão cintilavam regateiras ao longe, como se estivessem a falar mal da lua cheia e leitosa que beijando as matas pirambeiras acima prateava o rio buliçoso e os becos entre as *cafua*s, luzindo seixos no chão. As botas negras caminharam a passos firmes entre as *cafua*s iluminadas de candeias e fogos, fazendo a cachorrada calar a boca e enfiar o rabo entre as pernas. As mulheres, ao verem passar o vulto negro de Francisco Adão com seu capote aberto ao vento, pegaram seus porretes e os enfiaram dentro dos vestidos. Seguiram o vulto negro em direção à grande fogueira na ponta norte do quilombo.

Havia na praça, em volta do fogo aceso, alguns *pretos* e uns *caribocas*. Muitas mulheres vinham chegando. Francisco ganhou a praça e passou no meio dos *pretos* sem falar nada com ninguém. Encaminhou-se para uma *cafua*, do outro lado do terreiro de praça onde, dum lado, estavam amarrados os cavalos e mulas já sem arreios e cargas. Ali naquela *cafua* mora o velho Pedro Rebolo, padrinho de Luiz Hilário e ex-morador do Povoado do Cruzeiro.

Francisco chamou os de casa e adentrou pela porta cumprimentando com a cabeça e com sorrisos ao velho Pedro e sua gente. Depois perguntou a Divina Homem:

- O que que foi, *sá Divina*?



- É o *cariboca* com nariz de porco... primeiro queria comprar todas as espingardas; Marçal disse-lhe que não estavam a venda e... - calou-se Divina, pedindo a Luiz Hilário que continuasse o caso.

- "... E, então - continuou Luiz Hilário - o tal João Cureque, insistindo dum jeito entojado, disse que alguma coisa nós tinha que vendê pra ele... rodeou e disse que a coisa que queria comprá era uma muié... a *sá Divina*... e, que se nós num vendê, ele vai recorrê ao seu *muxima*, um tal Ramiro *Dungo*, e vai tomá ela de nós!"

Francisco sorriu e coçou a carapinha. Tirou o capote e o entregou à velha de Pedro Rebolo, pedindo-lhe que o guardasse.

- E esse Ramiro *Dungo*? - Perguntou ao *dito* Pedro.

- "É o tal que prometeu degolá o rei Cobu... diz que é *muxima* desde que nasceu e que vai sê aqui tamém" - respondeu o *negro* velho.

- E *suncê*, *sá Divina*... lembra ainda do *Zondum*? - Perguntou Francisco à mulher.

A *reinol* coçou a cabeça, levantou-se de cima do monte de arreios e chamou Francisco para um particular lá nos fundos do terreiro da *cafua*. Pedro Rebolo, seu povo e os tropeiros, uns sentados em tamboretas e, outros, sobre arreios e *cangalhas* espalhados lá dentro da *cafua*, ficaram suspensos no ar. O povo lá fora parecia cada vez mais numeroso, aumentando o zunzunzum e pondo mais lenha na fogueira cujo clarão e calor já se via e se sentia porta adentro.

- Cobu é velho! Cobu é mole! - Gritaram uns três *caribocas*.

- Ramiro *Dungo* é o rei! Ramiro *Dungo* é o rei! - Berraram uns outros poucos, dando início a um *batuque*.

Francisco e Divina foram voltando lá dos fundos do terreiro. O *negro*, com um risozinho nos beiços e a *reinol* ajeitando na cinta a catana e *reliúna*.

- "Bamo todo mundo lá pra fora... Marçal, *suncê* trais um tamborete" - disse Francisco e recomendou, encaminhando-se para a porta que dá para o terreiro de praça.

Ao meio da praça havia agora, sentado num trono de pau ao lado do grande fogo, um *negro* muito grande e bem vestido, com uma catana na mão. À sua frente, um grupo de *pretos* e *caribocas*, em número de uns dez ou onze, a tocar *tabaques* e dançar. Mais ao fundo da *dita* praça, viam-se muitas mulheres e, entre as quais, uns poucos homens, uns cinco ou seis, gente do povoado que não tinha ido *garimpar*. Não havia entre os *ditos* nenhum velho ou rapazinhos.

Os tais *caribocas* e *pretos* que dançavam, ao verem entre as labaredas do fogo, o vulto de Francisco que vinha com um tamborete na mão, pararam com a dança e os *tabaques*.

Francisco se aproximou do *negro* sentado e pousou o tamborete ao lado do pretenso sova. Chamou Divina para que viesse ali e se assentasse, o que a mulher atendeu. Depois pediu licença a Ramiro *Dungo* e em voz alta fez-lhe a proposta:

- "O *cariboca* João Cureque qué comprá *andambi* branca... pois sim! *Omindes* dá ela pr'ele e num percisa nem pagá!"

A mulherada vozeizou meio espantada e o *dito* Ramiro *Dungo* levantou a mão fazendo sinal para se calarem. João Cureque, que estava duma banda, veio se aproximando. Francisco retomou a fala e gritou:

- “Levanta muié!”

Divina se levantou e pôs-se a amarrar as ligas de couro do seu saiote, entre as pernas, como se fosse montar. Francisco continuou a sua fala:

- “*Andambi*, seja *preta*, seja branca, num vale nada memo! *Omindes* num vai *sanjuá* por causa duma! *Omindes* dá ela pro *cariboca*... o *cariboca* pode vim *cuatá*... mais... primeiro, tem que deitá em cima da *dita*, aqui! Na frente dos *malungo*... prá mostrá que num é xibungo! Ah! Ah! Ah!”

Divina entregou a Francisco suas facas, catana e *reiúna*, saltou duma banda balançando as rosetas das esporas e chamou o *cariboca* para mais perto da fogueira. A mulherada começou a gritar:

- “João Cureque, xibungo! Coitada! João Cureque *roncoio*!” - E o *batuque* começou.

O *dito* João Cureque era meio índio e meio *negro*; pernas finas, cabeça grande e angulosa, pele muito escura e cabelos duros. Tirou a camisa encardida e a jogou no chão; depois, foi avançando que nem um tamanduá, tentando achar a Divina.

Ao som do *batuque* endoidado, a mulher sapateava com o chapéu na mão e meneava o corpo como se cavalgasse os tantãs dos *tabaques* ligeiros. João Cureque só pegava era o vento. A mulher jogou fora o seu chapéu e o *cariboca* o acompanhou com os olhos. Ao voltar-se, topou com pernas dançando no ar e a roseta de uma das esporas a rasgar-lhe o peito e uma banda da cara queixo acima!

- “Vai muié! Vai muié!” Gritavam as *pretas* na praça.

Depois daquele salto enrolado, Divina cai com as costas no chão fazendo um baque; e, permaneceu imóvel, como se estivesse agora indefesa a mercê do *cariboca* enfezado.

O *preto*, cego de vergonha, de dor e de ódio, sacou da cintura uma faca-lambedeira e, como um porco selvagem, arremeteu o seu corpo cabeludo e sujo sobre o da mulher caída... mas, ela estava era muito viva! Saltou de banda, a *dita*, que nem uma onça, e o porco estatelou-se no chão, cravando nas pedras de seixo as unhas e a faca. A mulherada gritava:

- “Vai muié! Vai muié!” - Agora, já com os porretes na mão.

Divina arreganhou os dentes e, antes que o *cariboca* conseguisse se levantar, pulou montada em sua cacunda, mordendo-lhe as orelhas, cravando-lhe as unhas na cara e...

- Iiiiaaaaaaaaauuuuuuuu! - O *cariboca* soltou um grito dos diabos! Quando se virou para a mulherada e *pretos*, além da cara já toda escalavrada e uma orelha desbeichada e sangrando, tinha a onça-mulher a cavalgá-lo urrando, a cortar-lhe com as esporas o meio das pernas e as *encomendas*, de onde jorrava uma sangueira. Divina saltou de banda e o *preto* ficou de *afasto* para lá e para cá, que nem abelha tonta ou porco com sal na capadura. Os outros *caribocas* foram acudi-lo e a mulherada gritou brandindo os porretes:

- “Cambada de *capungo*! Bamo cabá co’eles!” - E foram andando na direção dos *caribocas*.

Os *caribocas* refugaram arrastando o tal João Cureque e foram se afastando até ficarem juntos do sova Ramiro *Dungo*. As mulheres, todas agora, foram avançando devagarzinho. Francisco, no meio dos *ditos pretos*, olhou para trás e enxergou, por trás das *cafua*s em volta, o exército arregimentado pelo rei Cobu - um bando de velhos e uns rapazinhos - armado de arcos e *azagaias*, tendo à frente Luiz Hilário e Marçal. Francisco, movendo-se como uma sombra, foi saindo para uma banda, deixando o bando de *caribocas* face a face com as *pretas* encanzinadas, tendo por trás a fogueira e, mais ao fundo, o rei Cobu e seus bravos velhos. O silêncio tinha um cheiro agourento de morte. Ouvia-se o rugir da fogueira, onde as labaredas danadas devoravam a madeira e estalavam gravetos. Ramiro *Dungo*, assustado, levantou-se de *afasto* derrubando o seu trono de pau. Os *pretos* tinham chuços, catanas e pistolas, mas não ousaram dar um tiro ou ameaçar. Divina Homem gritou:

- “Bamo pegá eles mulherada!”

As *pretas* desembestaram para cima dos *caribocas*, cantando os porretes nas cabeças dos *ditos* e estes, sem outra saída, refugaram correndo, uns passando de banda e outros dando de *topa* com a fogueira e, de uma forma ou de outra, indo de encontro ao exército de velhos e rapazinhos que foi avançando e desarmando os *ditos* e, no mesmo ato, os amarrando. As *pretas* gritavam brandindo os porretes:

- “Viva o rei Cobu! Viva os *curiandamba*!”

Francisco chamou dum lado os tropeiros e a *sá* Divina.

- Vamos embora, gente! Rei Cobu agora vai falar ao povo! E, nós... bem, nós vamos comer o feijãozinho que comadre Maria Cobu cozinhou pra nós! Ah! Ah! Ah!

A tropa toda dormiu na *cafua* do rei Cobu. Dormiu de barriga cheia a escutar os *tabaques* que cantaram a noite inteira.

Aos primeiros raios de sol do dia seguinte, dezesseis de julho, um sábado frio e de muito vento, a tropa atravessou o rio Abaeté e ganhou a curta planície. Antes de seguirem na direitura do pé de montanha, os tropeiros responderam aos acenos de adeus das *pretas* e velhos do *Quilombo Grande* que, da outra margem, em frente às suas *cafua*s, tocavam seus *tabaques* e gongos num ritmo compassado e grave, prometendo fazer justiça com os *caribocas* e dar um aperto em seus homens e filhos, os *garimpeiros*, assim que começassem a chegar neste sábado à tarde.

Ganhou, a tropa, a crista da montanha e marchou sobre o seu plano elevado cheio de pedras e carrasquinhos, buscando os rumos da chamada Serra do Urubu. *Dita* serra verte do seu norte muitas nascentes de corgos e rios, os quais, no *dito* rumo, buscam no rio de São Francisco a *perdição*; do lado sul, a serra verte as águas que dão nascente ao rio São João. Mas, as nascentes buscadas pelos tropeiros são as do rio *Pernaíba*, e o rumo das *ditas* é o oeste. Assim, continuou a marchar nesse rumo.

A chegada no *Quilombo da Pernaíba* não diferiu muito das outras chegadas no que conta à alegria dos *malungos*, ao dar presentes e ler notícias e ao vender fazendas e *trens*. Os *calhambolas*, aqui, vivem quase todos de roça e as têm muito grandes de arroz, de milho e feijão, e outros gêneros. Este

quilombo, se não tem *cafua*s vistosas e bonitas como as do *Andaial*, ou numerosas como as do *dito* Grande, as tem de todos os jeitos e formas, feitas de pedras, de pau, barro e de capim. Contam, os *malungos* daqui, com mais vantagens e recursos, tais como uma forja e dois ferreiros e um grande paiol onde todos guardam as suas colheitas. Devem obediência e tributo ao chamado *Quilombo do Ambrósio* e por isto não têm um rei.

Divina Homem, Luiz Hilário e Marçal ficaram com os animais e cargas num rancho aberto plantado bem no meio do quilombo. Francisco encontrou um tal Argemiro *Cabra*, um dos maiores do lugar, e saiu para visitar e levar presentes a algumas gentes e velhos, avisando a Marçal de que iria dormir na *cafua* do tal Argemiro.

Os tropeiros estavam cansados, pois além da viagem dura tiveram que entregar muitos presentes e ler notícias, bem como, atender a muitos *pretos* e *pretas* que vieram a comprar-lhes muitos *trens*. A carga, em verdade, já estava quase acabada e até mesmo duas das mulas, com suas *cangalhas* e ferragens, haviam sido vendidas por bom valor em ouro em pó.

Havia *tabaques* batucando. O tempo tinha esquentado e a lua era bem grande no céu. Marçal roncava numa rede pendurada nas beiradas do rancho aberto. Luiz Hilário, numa outra rede do outro lado, se estava dormindo não se sabia, pois o *pardo* nunca ronca. Divina, estirada nuns couros no chão perto de uns estrados de pau, pensava na vida e nos *sucessos* que haviam ocorrido no *Quilombo Grande*: o *pardo* Luiz Hilário estufara as veias do pescoço e arreganhara as ventas, querendo enfrentar uns dez *caribocas* e matá-los com a sua catana, quando o tal João Cureque tentou pôr as mãos sujas sobre ela. Marçal e Pedro Rebolo, padrinho do *dito*, tiveram que arrastá-lo para dentro da *cafua* para fazê-lo desistir do intento. É... esse *pardo* é valente... e cavalheiro! - Pensava ela. De repente, começou a sentir aquilo de novo: cócegas e comichões nas costas, nas ancas e coxas abaixo! O debochado estava acordado e aquilo eram os olhos do *dito* passeando no corpo dela que, mesmo coberto com a mantilha de algodão, não conseguia escapar. O pior era que aquilo disparava-lhe o coração.

Divina, no entanto, não conseguia sentir vontade de sangrar Luiz Hilário. Teve foi vontade de sentir mais os comichões. Rolou o corpo para o lado, fingindo dormir, deixando à mostra suas pernas, com os calções arregaçados até o joelho. Depois, soltando as tranças para um lado, virou-se de costa e sentiu o olhar do *pardo* a passear, primeiro nas penugens de suas pernas; depois, por suas *vergonhas* e barriga; suas mamilas ficaram rígidas e arrepiadas quando, mesmo de longe, ela ouviu! É; dava até para ouvir: o coração do *pardo* também batia forte como um *gongo* e a sua respiração arfava. Mas, ele continuou quieto em sua rede de onde, a noite inteira, dardejou-lhe os comichões e fez-lhe cócegas com os olhos escondidos na penumbra.

O galo cantou e Marçal bateu-se de pé. Começou a arrear os animais e gritou a Luiz Hilário:

- “Se avenha, *malungo*: tá na hora! Padrinho Chico num demora a chegar!”

Divina se pôs de pé, recompondo as suas roupas. Ainda bem que a lua já se tinha ido e estava um pouco escuro - pensava a *reinol* envergonhada

- pois folgara a roupa toda para que Luiz Hilário pudesse enxergar seu corpo no clarão da lua. O *pardo* continuava dormindo. Estava era fingindo, o pelintra - pensou Divina, aticando o fogo.

Luiz Hilário acordou sufocado em meio ao canudo de fumaça e pulou no chão, meio *sem-pó*. Pegou a cangalha e foi para fora a arrear a mula restante.

Em pouco tempo já havia o que comer e o que beber e Francisco chegou juntamente com o tal Argemiro *Cabra*. Um solzinho riscava o céu para cima, como se brotasse do chão.

Quando a tropa desceu a serra do Urubu e molhou os pés numa das nascentes do rio de São João, o sol já se fazia quase a pino. Divina tinha os olhos vermelhos que nem fogo e, para escondê-los, ia na frente da tropa, com o chapéu enterrado na cabeça. Francisco, no meio do córrego, esperou Luiz Hilário. O *pardo* passou calado, com duas batatas de olhos que pareciam duas brasas. Francisco viu Divina, lá na frente; olhou, maroto, para o *pardo* e, depois, com um risozinho a meio beijo, ficou a olhar a aba do próprio chapéu sobre a testa.

Atravessado o rio de São João, o caminho se fez com mato mais denso até sair no da Misericórdia. Este rio era mais fundo e os cavalos tiveram que nadar em alguns trechos. Depois de passado o *dito* rio, o terreno foi-se alevantando e mostrando ao longe muitos morros e um maior.

Francisco Adão pediu a Argemiro *Cabra* que tomasse a dianteira, pois dali para frente os matos eram cheios de *aratacas*, todas perigosas e mortíferas.

Em meio à mata, de repente, Argemiro recomendou que todos saíssem da trilha mais limpa, preferindo a outra em meio aos espinheiros. Depois, passando à margem de umas árvores grandes, o *cabra* mostrou estacas pontiagudas de aroeira, presas por cipós e a riste, as quais, se soltariam vindas do alto a trespassar a quem viesse pela trilha limpa e pisasse nos tocos que, no chão, prendiam as pontas dos cipós. Mais à frente, eram arvorezinhas envergadas sobre laços, as quais, quem viesse pela trilha limpa não veria a não ser depois de pisar nos tocos que soltariam os laços que serviam para içar um homem de cabeça para baixo ou para derrubá-lo do cavalo, caso viesse montado.

Saídos da matazinha, viram, na direção do morro grande, um campo coberto de grama e poucos arbustos. Argemiro recomendou irem devagar pois, logo à frente, encoberta de grama e mato, havia uma vala profunda, rasgada de fora a fora em volta do morro e, no fundo da *dita*, estacas pontiagudas de peroba e de aroeira esperavam para atravessar o corpo de quem caísse dentro dela.

Francisco assobiou e fez barulhos com a goela, imitando um “três-potes!” de saracura e, depois, um “há-há!” do jacu. Argemiro recomendou que apeassem dos cavalos e seguissem andando morro acima, mostrando onde ficava uma ponte segura sobre a vala. Quando a tropa ganhou o cume do morro, chamando Morro da Espia, os tropeiros viram pular do chão tufos de grama e moitas de mato, revelando muitos buracos de onde saíram *negros*



armados de *azagaias*, flechas e espingardas, os quais *ditos negros*, depois de saudarem os *chegantes*, voltaram a se esconder, sob os matos, nos buracos.

A tropa seguiu as águas do ribeirão do Quilombo que, nascendo no morro da Espia, correm lentas para o rio Quebra Anzol. Pela altura de seu primeiro afluente esquerdo, atravessaram-no e já vislumbraram as primeiras *cafuas* do *Quilombo do Ambrósio*.

-----  
O *Quilombo do Ambrósio* nem sempre foi um quilombo e nem sempre esteve situado nesta paragem.

Tudo começou em 1719, no governo do *Conde de Assumar*. Escravos do *ouvidor* Valério da Costa Gouveia e do capitão Ambrósio Caldeira Brant tentaram deflagrar uma grande sublevação nestas Minas. Presos esses chefes da pretendida revolta, os demais revoltosos fugiram para o sertão, fundando os povoados de *Susuhy*, *Peropeba*, Redondo e Quilombo nas nascentes dos rios Pará e Paraopeba.

Do mesmo passo, outros *pretos*, a maioria forros, seguindo paulistas facinorosos, conquistaram e povoaram vasta região na margem esquerda do rio Grande, desde as nascentes do Sapucaí, dando nascimento aos povoados do *Gondum*, *Calunga*, *Quebra-Pé*, *Boa Vista* e *Cascalho*.

Ambrósio, *preto forro* e fiel vassalo de El-Rei, plantou seu povoado na margem direita do rio Grande, entre os rios Lambari e Jacaré, afluentes do *dito* Grande. Vivia a pregar a união entre as povoações de *pretos* forros e escravos.

Com a criação do pernicioso imposto da *capitação* em 1735, o qual, *dito* imposto, recaía também sobre os *pretos* forros, a população desses povoados engrossou assustadoramente com levas e levas de forros que deixavam as vilas dos brancos fugindo do *dito* imposto.

O ano de 1736 foi marcado pela abertura de muitas picadas para os Goiasés. Os *homens bons* descobriram então essas povoações e, ao ver a felicidade e fartura com que viviam nelas os *pretos*, desbeicharam-se de tanta inveja e cobiça. Desse ano em diante passaram a atacar, sem nenhum temor a Deus, esses povoados de *pretos* para amarrá-los ou matá-los por tomadias e para roubarem seus mantimentos, ouro e diamantes que garimpavam.

O *preto* Ambrósio tentou de tudo para conseguir a paz. Sem outra saída e ante a tanta cobiça e falta de temor a Deus, pegou em armas e conclamou a todos que o fizessem. Impingiu centenas de derrotas aos *homens bons*, culminando com encarniçadas guerras nos anos de 1741 e 1743. A última grande guerra se deu em 1746, quando o próprio governador Gomes Freire ordenou a expedição de tropas. Ambrósio e seus *pretos* causaram grandes estragos nas tropas dos *homens bons*, porém, saíram também bastante destroçados. Mais de cento e vinte chefes do povo foram presos ou mortos, sendo o próprio Ambrósio ferido gravemente.

Aproveitando-se de que os *homens bons* o haviam dado por morto, o rei Ambrósio comandou seu povo numa grande retirada, deixando desertos os antigos povoados e vindo replantá-los nesta paragem cercada de serras nas vertentes esquerdas do rio de São Francisco.

Reencontrou nessa paragem os bons vizinhos padres jesuítas. Esses padres nunca foram aceitos nas Minas, de onde foram expulsos muitas vezes.

No entanto, contratados pelo capitão-general da nova Capitania dos Goíases, desde a morte do selvagem Pai-Pirá, passaram a governar de sua aldeia de Santana, bem a oeste, dezenove aldeias de índios paulistas e outras de botocutos, situadas entre os rios *Pernaíba*, Velhas e Grande. Mantêm bom comércio com os quilombos de que lhes prestam, também, trabalho de espia contra o despostimo do capitão-general das Minas que quer, a todo custo, destruir também a esses padres.

Por volta do ano de cinqüenta e três, já velho e decadente, Ambrósio nomeou rei o seu sobrinho Alexandre e sumiu. Uns dizem que voltou para as relíquias do antigo povoado e lá vive escondido; outros, que sumiu no ar.

O rei Alexandre, porém, não governa *absoluto* e sozinho, pois tem um conselho de velhos, os quais, se diz que são todos os tios e os avós de todos os *calhambolas*.

Adota um sistema de riqueza, onde *tudo é de todos* e não há nem o meu e nem o teu e, por isto, é o mais rico de todos os quilombos e o seu povo vive na abundância. Há, entre o *dito* povo, uns que são os campeiros ou criadores que cuidam de gado em vasta extensão de terras ao sul; outros são os agricultores que dirigem as roças e as plantações; há os que tratam dos engenhos, fabricam o açúcar e a aguardente, além do azeite, farinha e outras fazendas. Há também os magarefes e pescadores, que cuidam da caça e da pesca, mantendo a abundância da carne e do peixe. Possuem um imenso paiol ou celeiro, onde guardam todas as suas colheitas e bens, o qual, serve a todos, sem distinção, inclusive aos de outros quilombos.

O rei Alexandre tem um estado maior de guerreiros, constituído de inúmeros pelotões hierarquizados, onde há os postos desde soldado e cabo até capitão. Tiram-se desses pelotões, aqueles que feitoriam os escravos que o quilombo mantém em suas roças; tiram-se, também, em forma de esquadras, magotes de trinta ou mais homens, chamados excursionistas ou exploradores, os quais, cuidam de saírem a assaltar caravanas, viajantes ricos e fazendas de maus senhores. O Dr. Fernandes reprova a escravidão e a prática de crimes de roubo e assaltos, mas mantém amizade com o rei Alexandre, por achar que tem lá suas razões para assim proceder, porém, nunca deixou de incentivá-lo a abolir tais práticas.

O centro do quilombo fica sobre a lomba de um pequeno morro. É um grande cercado de troncos de aroeira, protegido por guaritas e seteiras, onde estão a casa do rei, a casa do conselho e o grande paiol, capela e outros edificios públicos. Toda a redondeza estava apinhada de gentes e cavalos num ir e vir de uns e outros, quando a tropa do Cruzeiro se encaminhou para o grande portão de pranchas. Em volta do cercado, numerosas *cafuas* de capim construídas sobre bases de pedra, esparramadas pelos vales e morros de um lado e de outro do ribeirão do Quilombo, soltavam fumaças com cheiros os mais gostosos pelas portas e janelas. A tropa adentrou o portão sob os olhos compridos das gentes paradas pelos becos, ruas e portas dos ranchos. Encaminhou-se para o *dito* centro da praça-forte de onde o sol, já se pondo às costas das casas tão altas, disparava suas últimas línguas de fogo, lambendo-as e dourando seus entremeios e beirais de indaiá.

Francisco apeia e tem uma surpresa. Vê Negato, saindo da casa real, juntamente com o rei Alexandre e alguns velhos de sua corte e conselho.

- “Eia, rei Alexandre! *Aiuca tiapossoca!*” - Grita Negato, apontando ao rei a tropa e o forasteiro vestido de negro.

- “*Auê*, uai! É Francisco Adão, *uoneme* Beçado!” - Gritou o rei Alexandre ao tempo em que desceu correndo pelos degraus de pedra a abraçar Francisco, juntamente com Negato.

- “*Iteque mia!* - Exclamou Francisco - *Tiapossoca é pupiá ondaca cum vossa mercê*, rei Alexandre!” - Beijando a mão do negro forte, de meia idade e cabelos grisalhos.

Negato abraça Francisco, e o rei os convida a subir para o palácio real, a que chamam *mussumba* do rei. Em ato contínuo, uns pretos tomam as rédeas dos cavalos e mula, avisando de que os irão guardar no paiol, e os tropeiros seguem Francisco, subindo a escada de pedras e entrando no palácio.

É mesmo grande a *mussumba* do rei, perdendo em tamanho apenas para o paiol que lhe é vizinho. Tem um arcabouço retangular formado por troncos a prumo, grossos e altíssimos, sobre os quais se encastoam quatro traves robustas. Sobre estas traves, na frente e nos fundos, erguem-se centrais esteios mais curtos, dando suporte à trave cumeeira, de onde se despejam, sobre varas lisas e descascadas, as duas *águas* cobertas de indaiá trançado. Os vãos, em lugar das paredes em volta, são fechados por esteiras trançadas com cascas cozidas de buriti e bambu e, por dentro, são estas esteiras recobertas por muitos couros de onça, jaguatiricas, guarás e de outros bichos. Internamente, encontra-se primeiro um grande salão com o chão também forrado de esteiras e couros e, ao fundo, parece haver outros quartos e cômodos, separados por esteiras mais baixas, de forma a que, de qualquer ponto pode-se ver o teto bem alto, onde balouça um abano de palha ao vento.

O rei assentou-se em seu trono de pau e as visitas, em cepos de troncos serrados, à frente do rei. A rainha, singelamente trajada de branco, adentrou o salão. Cumprimentou, um por um, os tropeiros e, depois, chamando Divina Homem, pediu licença e retirou-se para os fundos em companhia da dita. O rei Alexandre continuou falando a Francisco:

- “Pois é, Chico... os *trem* tá *tiapossoca*, fio! Os branco *reinol* tão *zanaga* de tudo! *Suncê* viu só? Negato feis eles de *marimbô*! Agora, tamo livre dos home-do-mato!”

- “*In-sim*... mais, *incolmença* é mió... vão arranjá mais *jambá*... *aiuca jambá* e, aí... aparece *aiuca camumbembe capungo* e, *nim oteque* desses, o *cariá* fica solto de novo... é *perciso* pensá”.

- “Quá!” - respondeu o rei - “ninguém pode cum *quimbundo*, não! Se os branco *reinol* arranjá mais *jambá*... Negato roba tr'aveis... Nós vai é ficá *aiuca muata*... Branco é *marimbô*! Ah! Ah! Ah!”

- “Sei não, rei Alexandre... sei não. Nós é *turo* nessa terra e o branco... é *corongira!*”

- “Escunjuro, só... larga disso, uai! Agora, bamo *covicandá* ia Dr. Fernande... ia *combaro* Cruzeiro... *trem tiapossoca*, né?”

Francisco fala ao rei Alexandre sobre a vida no Cruzeiro, sobre os sonhos do Dr. Fernandes e de outros assuntos, inclusive de comércio, aproveitando para fechar alguns compromissos e vender o restante de sua carga.

A noite chegou distraída e a conversa continuou sob as luzes das candeias. A rainha mandou servir uma jantazinha e todos comeram muito bem. Depois, vendo que o sono rondava o cansaço da tropa, arrumou as acomodações e foram todos dormir.

Quando foi no outro dia bem cedo, Luiz Hilário e Marçal acertaram as contas no paiol e carregaram a mula com dez *surrões* de azeite de mamona, encomendados pelo povo do Cruzeiro. A tropa despediu-se do rei e de alguns velhos e foi-se embora, voltando pelo mesmo caminho por onde chegara ao quilombo, até alcançar as águas do rio da Misericórdia. Seguiu contrária às águas do *dito*, tomando depois o rumo do seu braço direito cuja a direitura é a leste, onde tem suas nascentes vertidas pelas fraldas da serra chamada a Marcela.

Fincaram acampamento numa encosta da serra, pois o sol já dava sinal de se deitar ao poente.

Divina Homem, agora sem as esporas e sem os calções compridos amarrados aos tornozelos, ao invés de seu saiote grosso, usava um vestido fino de algodão, o qual ganhara de presente de sua amiga rainha, mulher do rei Alexandre. Caminhou maneirosa até o pau-pombo onde estava Luiz Hilário e entregou-lhe a *cuiá* de feijão.

- Muito agradecido, *sá* Divina - disse o *pardo* sorrindo.

- Tsi-Ah! - Respondeu a tropeira, retornando para a beira do fogo onde fumegava o caldeirão.

Francisco terminou de comer e se pôs a examinar as boas pedras e o ouro que a viagem tinha rendido.

- No *Quilombo da Marcela* - comentou o *negro* - vamos ser breves. Vamos vender os cavalos, dois deles... e, de lá, vamos embora para o *Mamboim*.

*Dito* isto, o *negro* guardou os canudos de bambu onde acoitava as pedras e o pó de ouro e estirou-se cansado em seu couro de boi. Em pouco tempo já estava a dormir. Marçal, este, ainda com a *cuiá* vazia na mão, havia muito, roncava. Divina, mais uma vez, fingindo-se distraída a dormir, atentou Luiz Hilário até o amanhecer do dia, descompondo o seu corpo e endoidando o desinfeliz deitado ao longe.

O sol já se ia alto quando os tropeiros acordaram. Arrumaram-se às pressas e seguiram serra acima mastigando *farinha de guerra*. Quando eram cerca de duas ou três horas da tarde, venceram um morro cheio de espinheiros de onde avistaram o *Quilombo da Marcela*.

Este quilombo tem pouco mais de trinta *cafua*s grandes, e as gentes dali são muito conhecidas pois vão constantemente ao Cruzeiro. A tropa dormiu na *cafua* de José Butunco, afilhado de Miguel Angola, que tinha encomendado os cavalos.

-----

Mal o dia amanheceu e lá se foi a tropa. Marçal, montado na garupa de seu padrinho Francisco, e Divina Homem, na garupa de Luiz Hilário.

Seguiram pela crista da serra e, depois, Marcela abaixo até chegarem às nascentes do rio chamado da *Perdição*. Acompanharam as águas desse rio até onde estas recebem as do chamado rio *Mamboim*. Aí, num espigão elevado às margens do rio, fincaram de novo acampamento, pois apesar do sol ainda alto, os cavalos estavam já bem cansados.

Fincado o acampamento, Hilário buscou lenha e gravetos e Divina se prontificou de novo em cozinhar para a tropa. Francisco ouviu um “há-há!” e pegou sua espingarda.

- É um jacu... vou caçar. Venha, Marçal - disse o *negro*, piscando um olho e puxando pelo braço o afilhado.

O rio *Mamboim* tinha as barrancas em meia altura e escorria cristalino e raso sobre pedras e pequenas cachoeiras. Luiz Hilário pegou calções limpos e se encaminhou para o rio.

Divina, de costas para a barranca do rio, picava os *trens* para cozinhar. Ficou ouvindo de orelha comprida o barulho das águas provocado pelo *pardo* a se lavar. Resistiu muito tempo, mas acabou capitulando: o *pardo* era forte e cheio de músculos nas pernas... e o pior! Estava nu, com as *encomendas* de fora! As *encomendas*... O coração da *reinol* disparou e os comichões repuxaram em suas *vergonhas*, como se tivesse fogo doce a queimar-lhe o meio das pernas. O calor foi descendo... descendo... quando Divina olhou para o chão, gritou assustada:

- Sangue!

Luiz Hilário vestiu seus calções limpos dentro d'água, disparou-se barranco acima e encontrou a mulher sentada a chorar.

- O que foi *sá* Divina? O que foi? - Perguntou.

- Nada não... é só desgraça de mulher... castigo de Eva e pecado... sai daqui *candongueiro*! Sai !

Luiz Hilário endoidou e saiu correndo pelo mato a procura de Francisco e Marçal.

Naquela noite, Francisco, depois que o fogo apagou, chamou Luiz Hilário e contou para ele umas coisas da vida, a respeito de homens e de mulheres. O *pardo* passou a noite em claro. Divina era mesmo uma mulher, como as outras... mas, era também diferente, ou será que não era?

Quando foi no outro dia, Divina seguiu montada na garupa de Francisco. Subiram um pouco em direção às nascentes do rio *Mamboim*, até encontrarem o quilombo que tem o mesmo nome.

O *Quilombo do Mamboim* é bem grande e tem mais de cento e cinquenta *cafuas*. O seu povo vive de roça, mas é tido como valente e guerreiro. Tem também o seu paiol e um conselho de velhos. Tem bons carapinas que fabricam móveis, carretões e canoas, além de um ferreiro. Mantém com o Povoado do Cruzeiro uma amizade muito maior do que com qualquer dos quilombos e, no último São João, viraram quase todos compadres, comadres, afilhados ou padrinhos das gentes e crianças do Cruzeiro.



Há, no centro das *cafua*s, uma cruz pequena e já velha, aonde os *pretos* fazem suas rezas e batuques. A esta tarde, por ser o dia vinte e dois de julho uma sexta-feira, ouvia-se de longe a voz de uma velha rezando ave-marias e o zunzunuz compassado do povo respondendo santa-marias. A tropa passou pelo povo a rezar e seguiu até a última cabana, onde mora Maria Africana, mãe de Romualdo *Cabra*, *malungo* que cuida de gado lá no Cruzeiro.

A velhazinha, que estava assentada à porta de sua *cafua*, levantou-se e, sem parar de bater os beijos, foi abraçando a cada um que desmontava e indicando a porta de sua *cafua* para que entrassem.

Terminado o rosário, começou o *batuque*. Francisco, Marçal e Luiz Hilário saíram andando pelas ruelas, cumprimentando e abraçando as gentes e crianças, como se estivessem no Cruzeiro. Entravam numa *cafua*zinha e bebiam um pouco de cachaça; saíam daquela e entravam numa outra e, *com pouco*, saíam, agora, comendo um *capitão* de feijão com farinha ou um torresmo.

Ficaram no *Mamboim* por três dias, até que passasse o incômodo de sangue de Divina.

Quando foi no quarto dia, este, muito bom para uma viagem por ser um dia de terça-feira, ainda era madrugada, quando a tropa seguiu a pé, juntamente com mais dez camaradas *malungos* do *Mamboim*, os quais *ditos malungos*, ajudavam a carregar as cargas e as duas canoas, estas, lhes tinha comprado Francisco, em troca de dois cavalos, além de vender-lhes a mula. As duas canoas eram grandes e estavam carregadas de azeite e arreios. A viagem foi das mais penosas, seguindo por terra às margens do *Mamboim* abaixo, visto não ser este navegável em grande trecho.

Passado aquele sítio onde Divina vira Luiz Hilário pelado, chegou-se em pouco tempo ao rio chamado *Perdição* do *Mamboim*, de águas mais caudalosas. Mais abaixo, onde também outros rios chamados do Jorge e das Antas vêm a *se perder* no mesmo curso, a tropa parou e fincou acampamento. Houve muita festa e *batuque* até o raiar do dia.

O sol jogou os primeiros fogos no céu e os homens jogaram as canoas nas águas do *Perdição*. Os *malungos* do *Mamboim* ficaram nas barrancas acenando adeus até verem as canoas sumirem na curva onde uma mata engole o rio.

Quando o *dito* da *Perdição* já estava bem próximo de *se perder* por sua vez nas águas do rio de São Francisco, Luiz Hilário deu um grito medonho e se jogou nas águas serenas, nadando apressado na direitura das margens pantanosas. Francisco e Marçal beberam o fôlego de tanto rir, vendo Divina Homem, sozinha na outra canoa a gritar:

- Esse *pardo* é *zanaga*! É louco! Ah! Ah! Ah!

Luiz Hilário voltou nadando e fazendo medidas dentro d'água, mordendo a haste de uma flor grande e delicada, da qual, se-lhes-viam de longe as cores lilases, azuis e vermelhas mais vivas ao sol. O *pardo* agarrou-se às bordas da canoa e pediu à mulher que se abaixasse. Divina abaixou-se com as faces vermelhas e o coração aos pinotes. O *pardo* fincou o cabo da flor em uma de suas tranças negras, agora soltas sobre os peitos.

Francisco e Marçal remaram mais forte e puseram distância entre eles e os novos namorados do Cruzeiro.

## Capítulo XII

**R**io São Francisco faz um remanso e vai deslizando entre as barrancas altíssimas. A noite vinha caindo aos poucos e as barrancas, diminuindo as alturas. Luiz Hilário reconheceu o contorno dos morros que foram surgindo na margem esquerda, ao longe. À margem direita, as águas do rio quase se nivelavam aos charcos planos e o *pardo* viu uma estrela dentro de uma lagoa.

Francisco e Marçal já tinham acendido um fogozinho na curva do rio, onde tem *perdição* o do Jacaré. Gritaram bastante, até que Divina Homem acordou e sentou-se na canoa. Luiz Hilário sorriu-lhe e mostrou o fogozinho e os *malungos* galhofando na beirada do rio.

A noite era de lua nova, mas em pouco tempo acenderam-se tantas estrelas no céu que Francisco resolveu seguir viagem. Luiz Hilário ficou para vigiar as canoas e carga.

-----  
O *pardo* sonhou com Divina a noite toda. Quando o sol apontou a manhã, Leandro *Criolo* e os *malungos* boiadeiros vinham chegando para ajudar a carregar os *trens*. As canoas, agora molhadas, pesavam até mais que uma saudade, mas, valia a pena - pensava Luiz Hilário - lembrando-se de sua Divina a dormir com uma flor nos cabelos.

O carretão com três juntas de bois estava esperando no espigão, onde o ribeirão de Cruzeiro se mistura ao *dito* do Jacaré. Ali terminou o sofrimento e a chegada ao Cruzeiro quase que foi só festa.

A casa de Divina Homem fica na rua da Direita, entre a casa de Otoniel e a de Fortunata de Papo. Hilário apanhou uma rosa no jardimzinho de sua amada, cheirou-a e gritou:

- Ó de casa!

Ninguém respondeu, mas havia barulho lá dentro.

- Ó de cas...

- Some daqui desinfeliz!” - Rosnou Divina, mostrando na greta da porta meio aberta o cano grosso de sua *reiúna*; e picou fogo!

- Sssscat-Buuuummmm!

O *pardo* desembestou morro acima em meio ao fumaceiro, pulando cercas e moitas, indo sair lá na casa dos homens, onde contou o caso ao *malungo* Francisco. O *negro*, com a cara meio de banda, como para esconder a tristeza, ou o riso, prometeu ao *malungo* Hilário que pediria a dona Luzia Fernandes que intercedesse por ele. Recomendou que, por enquanto, tomasse e bebesse umas duas cabaças de cachaça e dormisse.

---

Entrou agosto mês adentro e o frio foi-se acabando. O sol estalava as mamonas, fazendo um *batuque* nas carrapateiras em redor do mangueiro de porcos e horta do povoado. De vez em quando, um redemumho urrava em volta do cruzeiro e, varrendo becos, descia espargindo terras e gravetos, atravessando o ribeirão e sumindo-se a lamber capim Botica acima.

Os ventos foram diminuindo e o calor foi aumentando, estorricando os dias e cozinhando as noites. O corte e a moenda da cana já começara lá na paragem do Doce, entre o *dito* córrego e o da Forquilha.

Ao último domingo de agosto, o anjo chamado dona Luzia levou esperançosa os namorados a passear.

O céu, tanto lá nas alturas como no fundo da lagoa Grande, tinha um azul forte como tintura de anil. Nuvens esfiapadas e teimosamente brancas, como *painas* ou algodão, passeavam tão baixas no céu, que pareciam acariciar as folhas das palmeiras e coqueiros mais altos.

As águas da lagoa se haviam abaixado ao extremo, liberando o imenso areal gramado, ladeirazinha suave e salpicada de pequenas árvores, palmeiras e buritis até sumir lá em cima, onde começava o cerrado.

Lá embaixo, dentro da lagoa, Antônio Pinto e a viúva Laís, ambos vestidos de branco, deslizam entre dois céus, divididos pelas suaves ondas nascidas do remar compassado e do avançar da canoa por águas mansas.

Sob a grande árvore frondosa, onde se amarram as canoas em tempos de seca, rente à margem da lagoa, Francisco se entrega a um sonozinho e aos sonhos, com a cabeça deitada no colo macio de sua Eva, a qual, de olhos perdidos na imensidão, desfia-lhe a lã negra dos cabelos e dá-lhe distraída, de vez em quando, uma *bicota* doce e vermelha.

Lá no tope do areal gramado, sob uma arvorezinha enfezada, mas frondosa e esparramada, dona Luzia e Divina Homem conversam ao vento sobre coisas de mulher.

- Sei não, dona Luzia... essas coisas, as que sinto de vez em quando... deixam-me, ao depois, com um pouco de vergonha...

- Tudo neste mundo, Divina, foi Deus quem fez, minha filha! Luiz Hilário é mesmo um *pardo* bem-acabado e o que ele provoca em seu corpo é coisa que Deus manda e quer... mas, é preciso prudência, para evitar o pecado...

- Estou bastante confusa, dona Luzia... tenho medo de não agüentar e... depois, minha barriga crescer... Então, o tal Luiz há de se rir de mim e se achar meu dono e senhor... isto, sei que não quero... ora!

- Ah! Filha... him! him! him! As mulheres, Deus as fez de uma costela do homem e, como tal, elas pertencem a eles... mas, quando o homem é bom e sincero... acaba sendo o contrário... e, às vezes penso... o homem é que pertence à mulher! Veja, como é o caso de meu Fernandes...

- Acho que Luiz Hilário...

Divina não acabou de falar; espichou os olhos mostrando para dona Luzia que estava chegando gente.

Isac e Daniel *Puri*, trazendo muitas fieiras de peixe, vinham pulando e saltando tufos e poças pelo pântano e beiradas charcosas da lagoa. Mais atrás, distraídos a conversar, vinham o Dr. Fernandes e o *pardo* Luiz Hilário, este, trazendo às costas a tralha de redes e peneiras. O Dr. Fernandes, ao ver que sua mulher os estava olhando, sorriu e apontou o céu com o dedo.

- Virgem Santíssima! - Exclamou dona Luzia, olhando para cima e mostrando à Divina a esquisitice do céu.

De um lado era ainda azul e cheio de nuvens brancas e, de outro, invadido por enorme mancha *negra* em movimento a avançar e a engolir o azul e branco. Em pouco tempo o negrume tomou conta de tudo e um ventozinho, vindo das bandas do rio de São Francisco, começou a soprar; primeiro, suave, assobiando nos capins e, depois, urrando nas copas da árvores e coqueiros.

As mulheres se puseram na frente em caminho da roça e os homens e meninos as foram seguindo, carregando *trens* e samburás. De repente, o céu despejou-se, sem trovões, alagando campos e enchendo tudo, num abrir e fechar de olhos.

Do mesmo modo que veio, parou o aguaceiro repentino. O sol voltou a brilhar no céu que era, agora, só azul e nada mais. O ribeirão do Cruzeiro transbordou-se de águas limpas e mornas e os homens, cada qual, o atravessou carregando sua dama. Ou, quase todos: o *pardo* Luiz Hilário que, havia muito, não conseguia chegar perto de Divina a menos de meia *légua*, agora a tinha nos braços, quentezinha junto ao seu corpo, vendo-lhe os peitinhos redondos, os buçozinhos de sua cara e os beijos finos de cor rosa. Esbugalhou os olhos e ficou que nem caranguejo para diante e para trás. Isac e Daniel *Puri* foram ajudá-lo e o ribeirão levou todo mundo num bolo só. Francisco e Sapeca correram córrego abaixo e os foram pescando um por um, em meio à risadaria geral. Mesmo Divina, ao ver a cara assustada de seu *pardo*, deu uma cuspidinha de banda, e *bebeu o fôlego* de tanto rir, prometendo que, de outra vez, carregaria Luiz Hilário.

---

Sob uma arvorezinha de murici-veludo, lá no Alto da Botica, o velho Vicente Soares esparramou com a mão a fumaça do cachimbo e fechou os olhos contra o sol poente. Procurou nas planuras, lá embaixo na muita distância, onde é que estaria o carretão-de-bois, cujo cantar alegre ecoava mundo afora. Sorriu satisfeito imaginando a felicidade dos namorados; mas, depois, foi-se entristecendo e se deixando escurecer junto com a tarde.

Quando o carretão deu o seu último guincho e encostou vagaroso no terreiro da escola, a noite já havia tomado o Cruzeiro. As mulheres prometeram fritar os peixes e, os homens, menos Dr. Fernandes, sumiram-se praça adentro, rumo à rua das Mulheres e, depois, à do Fogo.

Uma viola lá na venda de Sebastião *Criolo* desafinava na boca da noite, não encontrando a sua voz. Teodoro tomara goles demais e, ao ver Francisco, deu graças a Deus e lhe entregou a viola. Francisco pegou a *dita* e nela dedilhou tanta saudade que a lua resolveu aparecer; pouca lua, rindo para baixo como se fosse uma boca feita de cutelo, com jeito de moça triste.

A viola, aos poucos, foi ficando viva nas mãos do *negro*. Era como se implorasse ao céu mais estrelas, cintilando sons festivos a cada uma que nascia, ou chorosos a cada uma que caía. Assim, o firmamento não deixou que mais nenhuma despencasse. Quando todas as estrelas já haviam nascido e sorriam luzes no céu, estrelas do Cruzeiro, Eva, Laís, Divina e muitas outras, com seus vestidos brancos e turbantes enfeitados, nasceram na rua do Fogo, trazendo seus tabuleiros cheirosos e alguns *pretos* com seus gongos e *tabaques*.

Francisco mandou que Sebastião *Criolo* servisse cachaça para todos e o *batuque* começou. As estrelas, depois de distribuírem quitutes e peixe frito aos *malungos*, cada qual foi procurar o seu lugar. Eva e Laís procuraram um céu assentando-se num jirau perto de Francisco e Sapeca e, Divina, com Luiz Hilário, foram para um céu, em meio às palmas numa roda de *pretos* e *pretas*, onde, feito estrelas brigando ou brincando de eclipse, saracoteavam no terreiro dando um no outro umbigadas, numa dança de canjira-canjerê.

O tempo passou depressa feito nuvem que o vento leva. A noite estava muito boa. O céu tinha tantas estrelas que parecia que estas, ao cintilar, esbarravam umas nas outras fazendo barulhozinhos de sinos feitos de vidro. Mas:

- “Hoje é domingo, pede cachimbo... e o povo, amanhã, tem que trabaiá!” - Sentenciou Sebastião *Criolo*, dando por encerrado o *batuque* e por apagadas as estrelas.

Francisco e Sapeca haviam, por *demais da conta*, comido peixe frito. Haviam, por *demais da conta*, contado estrelas nos olhos de suas amadas. Levaram-nas para suas casas e, quando voltavam, resolveram conversar um pouco e assentaram-se naquele tronco que serve de banco em frente à casa dos homens.

- Senhor Antônio Pinto - iniciou solene, Francisco: estou a precisar de uma demão por parte de *vossa mercê* ...

- Senhor Francisco Adão - respondeu Sapeca no mesmo tom: igualmente pensava eu, sem chiste, em dizer-lhe a mesma coisa!

- Pedir as senhoras em casamento!? - Disseram e perguntaram, ao mesmo tempo, os dois amigos - Ah! Ah! Ah! - E, também riram.

- Pois sim... falarei com o Dr. Fernandes em seu nome... mas e quanto a mim? Como proceder? Com quem falar? - Encafifou-se Sapeca comendo os beijos.

- Ora, ora, Sapeca! Deve-se falar com a própria dona Laís... Ela é maior de idade e dona de seu próprio *fogo*!

- Veja lá, em Francisco! Veja lá!



- A dúvida é quanto a quem deve falar... caso *vossa mercê* assim deseje... posso pedir a Isac! Ah! Ah! Ah!

- Ora, ora, senhor fujão! Vamos dormir enquanto há noite!

Aquela chuva do último domingo de agosto fora apenas uma água extemporânea e o sol continuou a castigar a entrada do mês de setembro. Quando as primeiras tanajuras alçaram vôos ainda prematuros, o *Conselho do povo* se reuniu e deliberou sobre as queimadas e a preparação da terra para receberem as águas e as plantas de milho, fumo, algodão e replanta da cana recentemente cortada. Apresentaram-se as listas de mutirão envolvendo todos os homens e mulheres disponíveis, divididos em três magotes: um, chefiado por Manoel Zimbabo, para alimpar e queimar na Vargem do Valo; outro, chefiado por Bento do Rego, para o cerradão do córrego do Doce, perto da lagoazinha; e um terceiro, Jacob Quirumbo e mais gente, para o sítio da Forquilha até o córrego do Espinho.

Terminada a reunião do Conselho, Sapeca e Francisco, vestidos à francesa com seus impecáveis casacos acinturados, amarelados e cheios de fitas e debruns, ficaram parados duma banda na porta da escola. O povo foi saindo calado e ninguém nem reparou na elegância dos dois cavalheiros. Nem mesmo Vicente Soares quis saber de prosa; foi-se embora manquitolando rumo ao ribeirão.

Dona Luzia não só estava sabendo de tudo, como fora ela a mentora de cada passo das etiquetas e cerimônias. Recomendara ao Dr. Fernandes para que fingisse surpresa quando da chegada dos cavalheiros, mas o *cabrazinho* exagerou um pouco.

- Boa noite, senhores! Isto são horas? Já estava a me preparar para dormir... mas, já que estão aqui... entrem - diz o patriarca, deixando os visitantes sem fumo e *sem-pó*.

- Desculpe-nos, padrinho... não queríamos incomodar - gagueja Francisco.

- Qual o que, meu filho! Vamos entrando! - Intervém sorridente, dona Luzia.

- Senhora minha madrinha, desejo saber se a senhora dona Laís se encontra presente em sua casa...

- Está sim... por coincidência, ela está. Vou chamá-la. - Informa dona Luzia, retirando-se da sala.

- Caro padrinho - diz Francisco em voz baixa - a razão de estarmos aqui é para que, em sua presença e de dona Luzia, eu possa, em nome do professor Antônio Pinto, pedir a mão da senhora Laís em casamento... o professor espera poder contar com sua bênção...

- *Já não era sem tempo*, pois sim! - Comenta com desdém o *cabrazinho*, segurando os oculosinhos enquanto enfia, com a outra mão, muitas pitadas de rapé em suas painéis de ventas.

O cortinado feito de contas de lágrima fez barulho denunciando que vinha alguém pelo corredor que dá acesso à sala. Sapeca aperta as gengivas para conter o coração descompassado.

- Isto são horas de se incomodar a um pobre velho! Ora esta! Ora... Ora, viva! Os senhores, por aqui? - Transmuda-se o padre Matuzalém, ao ver Francisco e Sapeca.

Sapeca não se atrapalha. Adianta-se, toma a bênção do ancião e o conduz à mesa onde o ajuda a assentar-se. Surgem dona Luzia e dona Laís atravessando entre as contas da cortina, e os cavalheiros as cumprimentam à francesa.

Laís, com vestido afogado de cor azul-clara. Um pouco trêmula e branca, com um sorriso simples; simples como seus cabelos soltos, cujo tom avermelhado contrasta com a sempre-viva branca, incrustada em uma de suas madeixas sobre a fronte.

- Pois, sim... senhor Francisco. O senhor mandou chamar-me?

- Sim, senhora. Eu tenho um amigo... desses, de se guardar debaixo de sete chaves... homem probo, laborioso e de luzes. Falo, naturalmente, da pessoa do professor Antônio Pinto Sapeca. Tenho a honra, senhora, de pedir a sua mão em casamento em nome desse meu amigo... Antônio Pinto, senhora, há muito tempo sonha com a honra de desposá-la..

- "*Solemnia verba*"! Him! Him! Him! - Graceja o padre. - Mas, e o pedido? Ratifique-o logo, senhor Antônio Pinto!

- A senhora aceita casar-se comigo, dona Laís? - Balbucia o apavorado Sapeca, tentando manter o controle sobre os beijos.

- Sim, senhor Antônio Pinto! Sim, aceito! - Responde Laís toda sorrisos e piscando um olho para dona Luzia.

- Viu? Não doeu nada Antônio Pinto! - Observou sorridente o padre bem humorado.

Sapeca dá o braço a Laís e, cerimonioso, a conduz para que se assente à mesa ao lado do padre Matuzalém. Dr. Fernandes põe-se a conversar com o *dito* padre, muito mais para disfarçar seu nervosismo e apreensão. Sapeca não se detém.

- Senhor Dr. Fernandes... eu tenho um amigo... desses...

- Ora, destranque logo as sete chaves, senhor Sapeca e faça o pedido, sem delongas! Ah! Ah! Him! Him! - Intervém o padre.

- É... sim... Dr. Fernandes, em nome do Comerciadador Francisco Adão, peço-lhe conceder a mão de sua filha, senhorazinha Eva, em casamento - disparou Sapeca.

O *cabrazinho* se põe de pé, cruzando os braços para trás. Anda para lá e para cá dentro da sala e, de vez em quando, pára na frente de Francisco e o mede de cima a baixo.

- Senhor Sapeca... asseguro-lhe que, não... não haveria, neste mundo, um pai que, conhecendo o seu representado como eu conheço, desse outra resposta a não ser a do consentimento, porém... deixemos que a minha filha...

Eva. Era ela. Flutuando entre contas de lágrima. Rostozinho de criança com as faces morenas avermelhadas por tintura de pitanga que Deus dá. Seios redondinhos e cor de jambo insinuando no decote do vestido de duquesa vermelha e cetim, cingido à cintura por verdes lenços da Índia, cujas pontas esvoaçam sobre as saias escarlates e rodadas. Francisco, como um menino, se solta com lentidão, como se caminhasse no fundo d'água de lagoa cristalina ao meio dia.

- Eva, *suncê* quer ser minha mulher?

- Sim, Francisco... Adão. Sim, é o que mais quero! - Responde baixinho, Eva, com uma vozinha feita de seda e algodão.

- Pois então, Fernandes! - Intervém o padre Matuzalém - Dê logo a sua bênção aos noivos... acorda, homem! Ah! Ah! Ah!

- Pois, muito bem! - Pigarreia o *cabrazinho* - Têm o meu consentimento e a minha bênção...

Dona Luzia serve a todos um delicioso vinho do Porto há muito guardado para esta ocasião. Dr. Fernandes prossegue em sua conversa, agora, com os dois noivos.

- Proponho, senhores, que os casamentos se celebrem com brevidade... proponho a data de sete de outubro, dia de Nossa Senhora do Rosário...

- Mas... preciso construir uma casa... - Interpôs Francisco.

- Ora, ora, claro que sim... e, o mais rápido possível! - Insistiu o Dr. Fernandes.

- Por mim, a data é das melhores... aceitemos Francisco! - Solicita Sapeca.

- Senhores! - Propõe dona Luzia toda sorridente - Um brinde aos noivos mais felizes do Cruzeiro! Que Deus os abençoe!

Após o brinde, o padre Matuzalém dá mais uma provadazinha no vinho. Depois, abençoou formalmente os noivos e foi-se embora, saindo pela porta dos fundos. Francisco fala de sua felicidade a dona Luzia e Sapeca conversa com o Dr. Fernandes algum tempo sobre o assunto de sempre, qual seja, o porquê das coisas, a filosofia.

As noivas, esquecidas num canto, piscam, uma para a outra, e Eva propõe que os noivos saiam um pouquinho, indo até o cruzeiro da praça para rezar a Nossa Senhora do Rosário e colher rosas brancas a serem depositadas aos pés da imagem da virgem que tem em seu oratório. Antes que Dr. Fernandes ou dona Luzia pudessem dizer qualquer coisa, os noivos já haviam aceitado a proposta e se despediram. O Dr. Fernandes queria dizer algo, mas resolveu não dizer.

Foi Sapeca abrir a porta e o clarão de uma grande fogueira acesa lá na praça invadiu silencioso casa adentro. A praça estava deserta. Um *gongo* tocou compassado e sozinho. Quando os noivos já estavam a meio caminho do cruzeiro, uns *tabaques* e *puítas* escondidos lá nos fundos do celeiro endoideceram a batucar e muitas gentes, vindas de todos os lados, foram-se despejando praça adentro.

- “Eia, Chico! Eia, Antonho! Vem pro meio de nós, *mode* bebê *marufo* e dançá chica! Apurveita *malungo*, enquanto a canga não vem!” - Gritavam em algazarra em meio ao *batuque*.

Eram os *malungos* da casa dos homens e todo o povo do Cruzeiro. Arrastaram Sapeca e Francisco, tomando-os de suas noivas, e os fizeram dançar com todas as velhas e moças, além de os obrigarem a provar de todas as bilhas e cabaças de *marufo* que traziam.

Francisco, enquanto dançava e bebia, lembrou-se do seu passado e sentiu pena de Negato, o *calhambola*, que nunca iria ter tantos amigos e família, ou um futuro tão seguro como ele. Sentiu vontade de ficar velho

depressa, com muitos filhos e netos, e de ter muitos compadres, comadres e afilhados.

Sapeca não se fez de rogado. Provou o *marufo* de tantas quantas cabaças ou bilhas que se lhe vieram dançando aos beijos. Deixou tontear gostosamente a cabeça e levar-se pelo ritmo e pelos braços de velhas, moças e pretos, gargalhando *a goela forra*, abraçando as gentes todas e sentindo-se muito feliz por saber, agora mais do que nunca e bem por dentro, que tinha mesmo muitos irmãos e irmãs, ou simplesmente *malungos*, como se diz no Cruzeiro.

O padre Matuzalém chamou Leandro *Criolo* a seu quartorzinho e o mandou esparramar a notícia de que a missa no domingo só seria celebrada à tarde. Depois, pacientemente, continuou a tocar o seu tabaquezinho, tentando achar o pé do ritmo dos *tabaques* e gongos que roncavam lá na praça.

A dança começa por dentro quando o coração sente alegria e batuca. Depois vai tomando conta do sangue e se esparrama pelo corpo todo, virando pernas a pular sozinhas e corpo querendo saracotear. Dá uma vontade de abraçar a todos e de ser *malungo* do mundo. Assim é no Cruzeiro, onde as gentes acham que o rir é pouco demais da conta para mostrar a alegria do peito. O povo amanheceu dançando.

O despertar do Povoado na segunda-feira, doze de setembro, foi um ranger de corpos duros e uma gemedeira de fazer inveja a qualquer carretão de bois. Era ainda muito escuro quando Manoel Zimbabo, Bento do Rego e Jacob Quirumbo partiram com suas gentes para dar início às queimadas. Poucas pessoas ficaram no Cruzeiro, pois a preparação da terra e queimadas são serviços importantes a serem acabados antes das *águas* começarem a cair.

Francisco acompanhou Bento do Rego e sua gente na direitura do cerradão do Doce. Sapeca foi com Manoel Zimbabo para a Vargem do Valo. Nem mesmo as mulheres escaparam. Laís deixou o seu pardozinho Gumerindo Adão com Claudina Canguçu na casa das mulheres e acompanhou as gentes de Jacob Quirumbo rumo à Forquilha e Eva seguiu para a Vargem do Valo.

Primeiro vem a preparação da terra com a abertura de trilhas largas e bem capinadas delimitando a terra a ser queimada, para que o fogo não passe a outras paragens, bem como, não ponha em perigo as construções e ranchos que existem em cada uma das paragens para abrigo dos *trens* e homens que durante a semana labutam nas *ditas* roças.

Quem casa quer casa, e os noivos estavam preocupados. Sapeca precisava apenas dar uma arrumadazinha na *cafua* de Laís, acrescendo-lhe um quarto e mais alguns serviçozinhos. Francisco Adão precisava era de construir a casa toda e, por não saber nem onde e nem como, sua ansiedade e preocupação aumentavam.

O serviço de preparação do cerradão do Doce, em cujo mutirão trabalhava Francisco, foi bem facilitado pelos muitos córregos e regos existentes naquele sítio, de forma que houve pouca necessidade do roçar e do capinar matos e capinzais.

Quando foi na quarta-feira ao entardecer, estando a terra já pronta para o fogo, os *malungos* do mutirão de Bento do Rego foram todos para o terreiro do engenho do Doce, situado entre a lagoazinha e uma baixada onde o córrego se precipita mais ligeiro e movimenta dois monjolos. A *fábrica* desse engenhozinho, tocada por Tibúrcio *Criolo* e sua gente, é bastante simples e rudimentar. Compõe-se de uma engenhoca de madeira movida por mula, de duas tachas grandes de cobre que servem para depurar o caldo da cana em fervuras sucessivas sobre duas fornalhas de pedra, de muitas formas de açúcar ou rapadura e de um pequeno alambique de cobre, este último, comprado há cerca de dois anos pelo povo do Cruzeiro.

A esta tarde e também à noite Francisco pensou em arregimentar um mutirão de *malungos* e já combinar a construção de sua casa para assim que voltassem. Tentou ficar sozinho com algum amigo para entabular a conversa mas, qual o que! Os *ditos* não pareciam interessados em nada a não ser em exercitar seus *tabaques* e gongos para a Festa do Rosário cujo dia se aproxima. Mesmo Tibúrcio *Criolo* e sua gente na lida com o engenho desconversavam sobre o assunto de construção de casa e só falavam de rapaduras, cachaça, melado e da boa produção que estavam tendo. Francisco ficou sem jeito e resolveu esperar uma melhor ocasião para tocar no mesmo assunto com alguém.

Ao dia seguinte, os *malungos* continuaram a tocar gongos e *tabaques* até a hora do almoço. Depois, chegaram emissários dos mutirões de Manoel Zimbabo e Jacob Quirumbo, avisando que a hora do fogo estava marcada para o pôr do sol. Bento do Rego chamou os *malungos* e entregou, a cada um, uma tocha apagada e recomendações sobre o incendiar o mato e o vigiar o fogo, a começar da lagoazinha rumo ao córrego da Forquilha, por ser esta a direção do vento. Quando o sol se enterrou lá para as bandas do rio de São Francisco, Bento do Rego deu a ordem e começou o fogaréu.

Manoel Zimbabo e Jacob Quirumbo à mesma hora incendiaram as paragens da Vargem do Vale e entre os córregos da Forquilha e do Espinho. Muitas *pretas* e meninos do Cruzeiro foram para o Alto da Botica para ver o fogaréu queimando tudo. O velho Vicente Soares, sempre arredio e calado desde a noite de São João, escondeu-se no mato para não ter que conversar com ninguém.

A sexta-feira amanheceu brumada e do Alto da Botica ainda se viam muitos canudos de fumaça indicando pequenos fogos a noroeste e a nordeste. No cerradão do Doce pouco ou nada havia então para se fazer. Os *malungos* exercitavam seus instrumentos para a Festa do Rosário.

- Senhor Bento do Rego... peço permissão para voltar ao Cruzeiro, onde tenho um afazer de muito interesse - disse Francisco ao *mameluco* de meia idade.

- O serviço de maior monta já foi feito... não há nenhum embargo. O senhor pode retornar - respondeu secamente o *dito* mestiço.

Francisco pegou seu cavalo e se pôs, meio contrariado, a caminho do Cruzeiro. Bento do Rego, pelo menos por educação, poderia ter-lhe perguntado acerca do *dito* "afazer de muito interesse" - pensava Francisco, atribuindo a distração às muitas ocupações do *mameluco* e, talvez, à proximidade do *Reinado*.



Quando alcançou o ribeirão do Cruzeiro na altura onde o córrego da Guariba tem no *dito perdição*, ouviu um tropel de cavalo vindo logo atrás em sua poeira. Era Sapeca.

- Eia, Antônio Pinto! Que pressa é esta? - Gracejou.

- Consegui que Manoel Zimbabo me desse permissão para voltar, pois preciso ajeitar a *cafua* de Laís antes do casamento! - Informou o amigo meio amargurado.

- ... E eu, amigo, que tenho que levantar minha casa! Não pude contar com nenhum amigo que pudesse me ajudar!

- Digo-lhe o mesmo... estou até meio decepcionado com os nossos *malungos*. Mas... afinal, eu já tenho uma casa para morar... *vossa mercê*, não. Deixo a casa de Laís para depois e vou ajudá-lo a levantar a sua!

Francisco não disse nada. Levantou os olhos tristonhos e disse com eles o que a boca não soube dizer. O branco entendeu e balançou a cabeça sorrindo.

Iriam direto para o celeiro do povo. Lá, pegariam uma planta do Povoado e escolheriam o melhor lugar. Depois, apanhariam as ferramentas, pediriam a Leandro para ceder-lhes o carretão-de-bois e iniciariam o corte da madeira necessária.

Nem bem haviam apeado dos cavalos na porta do Celeiro e Leandro lhes veio ao encontro.

- “Chegaro *nim* boa hora, gente!” - Disse o *negro* sorrindo dum jeito esquisito - “Num percisava nem tê desmontado!”

- “A mor de que, cumpade Leandro?” - Indagou desinsofrido, o *negro*.

- “Romualdo *Cabra* e João Pinto *Puri* tão trabaiano nos mutirão de fogo... Divina pegô febre braba e tá acamada... Pedro Véio num dá conta de nada.... sunceis percisa ir cuidá do gado do povo que tá sozinho e correno pirigo!”

- E o Dr. Fernandes? - Indaga Sapeca.

- “Foi ele memo que mandô dá essa orde pros primero *malungo* que chegasse das roça”. - Respondeu Leandro com algum desdém.

Sapeca quis contestar. Queria falar com o Dr. Fernandes, com o padre Matuzalém ou com Tancredo Velho, mas Francisco achou melhor seguirem sem reclamação para o pântano entre as lagoas.

- O bem público deve preceder em importância ao bem particular, amigo Sapeca! - Disse Francisco, montando de novo em seu cavalo.

Chegaram já de noitezinha na paragem de pastos entre as três lagoas sem nome abeirando o rio de São Francisco. Pedro Velho, como sempre, estava a dormir, montado em sua égua pelada, e nem os viu chegar. O gado mansinho veio-lhes ao encontro pensando em encontrar sal e ficou a pastar tranqüilo em volta da *cafua* de vaqueiros construída num alto perto da lagoa menor. Sapeca e Francisco passaram a noite toda a riscar no chão os planos da casa que pretendiam construir assim que voltassem ao Cruzeiro.

O sábado amanheceu com cara triste. Pedro Velho tirou um leitezinho e serviu com uns biscoitos duros para quebrarem o jejum de anteontem. Depois, foram laçar umas novilhas para tirar-lhes alguns bernes e curar-lhes as feridas. O dia se escorria e Francisco desanimava:

- Hoje já é dezoito de setembro... as *águas* já estão por aí; o tempo é muito pouco e, além disto, fazer *cafuas* não é nosso ofício, amigo... será que conseguiremos?

- Sem dúvida, Francisco! Algum *malungo* haverá de nos ajudar! *Vossa mercê* pode ficar descansado! - Garantiu Sapeca.

Quando foi de tardezinha vieram chegando os boiadeiros Romualdo e João Pinto.

- “Eia, boiadeiro! Agora sunceis já pode voltá! Ah! Ah! Ah!” - Gritaram, bebendo o fôlego de tanto rir sem razão nem porquê.

Sapeca queria tirar alguma satisfação, mas Francisco o convenceu em *pé-de-orelha* que o melhor era tomarem rumo sem mais demora. Pegaram um pouco de *farinha de guerra* e lá se foram calados a comer a *dita* de arremesso nos beijos secos.

O Povoado pairava tranqüilo entre a escuridão e o silêncio. Era já muito tarde da noite. Os dois amigos apenas soltaram os cavalos e foram se jogar em seus catres lá na casa dos homens onde todos os *malungos* já estavam a roncar. Já caíram a dormir pesado e sem sonhos. Quando o primeiro galo quis cantar:

- Vvvvvrrummmmmmmmm! Sssssbuuuuummm! Ssssschauuuu-bum!

- O que vem a ser isto, Francisco de Deus! - Exclamou Sapeca meio dormindo, apalpando no escuro em busca de sua catana.

- Sei não amigo! - Respondeu Francisco batendo de pé já com as pistolas escorvadas e engatilhadas.

Em meio à penumbra clareada aqui e ali pelo espipocar de muitos tiros, Sapeca e Francisco viram que os outros catres da casa dos homens já estavam desocupados, mas não deram pela coisa. O tiroteio continuava lá fora espipocando em todo povoado. Francisco pegou também seus *polvarinhos* e a espingarda, compôs a roupa no corpo e, descalço mesmo, saiu na frente porta afora.

- Ah! Ah! Ah! Sunceis vão caçá algum bicho! Ah! Ah! Ah - Galhofaram os *malungos* subindo a rua dos Homens.

Um vozerio, vindo lá debaixo, veio subindo pela rua dos Homens. À frente, Eva e Laís vinham trazidas pelas mãos de Divina e dona Luzia. As *ditas* pareciam muito assustadas. Ao verem Francisco e Sapeca armados de aço, pistolas e espingarda, desataram a chorar e vieram correndo ao encontro dos noivos.

Sapeca e Francisco continuavam sem entender as coisas. O sol já estava quase a nascer e nenhum *malungo*, pelo jeito, tinha saído para trabalhar. Até mesmo os *caras-grandes* do Romualdo e do João *Puri* estavam por ali a galhofar. Desconfiaram de alguma coisa, baixaram as armas e resolveram abraçar as suas noivas, as quais, pareciam como eles, abelhas tontas.

O povo ia passando a rir e a folgar sem, no entanto, dar-lhes maior atenção. Iam todos subindo e dobrando à direita no fim de linha de casas do Povoado. Os dois casais resolveram seguir a correição de gentes para ver o que havia.

Quando dobraram a esquina na altura da casa de Miguel *Angola*, avistaram muitas gentes e crianças todas assentadas em bancos novos

construídos em volta de muitas mesas de varas sobre estrados e, mais na frente, na linha das casas de Monoel Zimbabo e Jacob Quirumbo, havia duas casas novas: feitas de troncos lavrados e cheirosos e cobertas de indaiá bem aparado e ainda verdezinho. O *negro* perdeu a voz e Sapeca engoliu os beijos. Tancredo Velho, ao ver os noivos adentrarem a nova praça, fez espipocar nos céus da madrugada muitos palitos-de-fogo e bombas coloridas e um *batuque* botou fogo no chão.

- “Sunceis, parece que num gostaram das *cafua*s gente!” - Gritou Divina Homem - Vão pelo menos ver se ficaram do seu agrado!

Dr. Fernandes, padre Matuzalém, Tancredo Velho e Vicente Soares, juntos com todos os pais e mães de família do Cruzeiro, cercaram os noivos. Tancredo Velho falou:

- Espero que nos desculpem pela *traição*... mas, era preciso, a todo custo, afastá-los um pouco do Povoado. Todos os *malungos* trabalharam ontem e hoje o dia todo, para lhes dar de presente as melhores e mais bonitas casinhas do Povoado; mas, quem teve a idéia foram os *malungos* José Basílio e Bateeiro e, os que riscaram o projeto e chefiam a construção, foram Luiz Hilário e a sua irmã de criação, Angélica Carapina, ajudados por Divina Homem, Leandro *Criolo* e seu filho Marçal. O Povoado inteiro quer muito bem aos *malungos* professor Antônio Pinto e Francisco Adão! Que Deus os abençoe e a suas casas.

- “O bem público deve de prevelecê”... Ah! Ah! Ah! - Debochou Leandro *Criolo*, abraçando os noivos e lhes entregando duas boas cabaças da melhor cachaça de Tibúrcio *Criolo*.

Os abraçamentos tiveram seguimento, mas sem as noivas. Estas não conseguiam parar de chorar. Divina Homem levou-as pelo braço até a *cafua* de José *Puri*. Lá, enxombrou-as de muito *marufo* e as devolveu ao povo num riso só, convencendo-as a irem conhecer suas casas novas.

As casas eram iguaizinhas. Sala grande, dois quartos e cozinha, além de belas varandas cobertas, cercadas de varas finas e lavradas e jardins recém-plantados. Ficavam uma de frente para a outra e eram as últimas da rua do Fogo vizinhas das de Manoel Zimbabo e de Jacob Quirumbo.

Francisco e Sapeca não conseguiram dizer nada, isto, para manterem fechadas as porteiras dos olhos. É que lágrima é que nem boi: passando uma, as outras vêm logo atrás. Assim, apenas levantavam os olhos tristonhamente alegres e olhavam dentro dos olhos de cada *malungo* que os vinha abraçar, tentando dizer-lhes com o olhar o que suas bocas não podiam falar. Os *malungos*, olhando-os, igualmente, nos olhos, saíam balançando o corpo, dançando *batuque* e bebendo *marufo*.

A semana de trabalho no Povoado do Cruzeiro só foi começar na terça-feira, dia vinte de setembro do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil, setecentos e cinquenta e sete anos, quando as tanajuras ficaram noivas e forraram os céus com suas grinaldas e cortes, anunciando a chegada das *águas*.

## **Capítulo XIII**

**I**ntermitente durante dois dias, a chuva veio suave pela manhã e, à tarde, estiando, cedeu lugar a um mormaço úmido sob o sol esfumaçado. As tanajuras, seguidamente, ao verem o sol se abaixar, brotaram do chão deixando os seus buracos e querendo os céus.

A festa das tanajuras é uma festa de todos, mas principalmente dos meninos e meninas. Estes, saem pelos campos com suas peneiras e balaies e as apanham às milhares, em pleno vôo e no chão. Preparam-nas, arrancando-lhes a cabeça e o tórax que de nada servem, a não ser como isca de peixe. Os abdomens das fêmeas, grossos e cheios de ovos, torram-nos com gordura quente e os comem com as bocas mais boas do mundo, pois, deveras, tratam-se de delicioso petisco.

Quando foi na sexta-feira, acabaram-se o noivado das tanajuras e os casamentos de viúva: não houve sol; só houve chuva; fraca e compassada, mas o dia inteiro. Os *malungos* foram chegando à noitinha, molhados e encorrugados feito pintos de gogo. Foi entrarem em suas *cafuas* e a chuva, fina até então, despejou potes e cântaros.

Ao sábado, logo pela manhã, o *Conselho do povo* se reuniu na casa da escola. Deliberou-se pela manutenção da lista de preços em cruzeiros do ano anterior e passou-se ao sorteio das roças por gênero e paragens. Tibúrcio *Criolo* e sua gente continuaram com o plantio e manutenção do canavial, bem como, com a *fábrica* de engenho, por não haver pessoa com mais conhecimento neste tipo de roça e *fábrica*. Rita Praxedes, José Pinto *Puri* e suas gentes, conforme propuseram, foram incumbidos de plantar, pela primeira vez na paragem, o algodão; assim, o povo diminuiria sua dependência de *Pitangui* em panos e fios. A paragem sorteada para a planta foi aquela entre o córrego da Forquilha e o do Espinho. Maria *Fula Fulô* e

Maria Conga foram sorteadas para plantarem uma parte de milho na mesma *dita* paragem e de intermeio ao algodão. Jacob Quirumbo ganhou a incumbência da roça de todo o arroz necessário e, Bento do Rego, das de feijão e mais milho, tendo ambos, como paragem de plantio, a Vargem do Valo. Restaram a Manoel Zimbabo e a Teodoro, em sociedade, as roças de fumo, mandioca, amendoim e gergelim, na paragem entre o córrego do Doce e a Vargem do Valo. Assim se encerraria a reunião, se mais não houvesse a tratar.

Carmelita Branca pediu a palavra e recomendou que tanto o zelador do celeiro Leandro, como o escrivão Otoniel, pusessem mais o sentido na caderneta de Sebastião *Criolo*, pois havia reclamações de que o mesmo estava errando muito nas contas das quantias em cruzeiro gastas pelos *malungos* em sua venda, por conta de transferências a serem cobradas de suas contas no celeiro. Sebastião *Criolo* se defendeu, dizendo que a questão era a de que todos comem e bebem muito em sua venda, se emborracham e, depois, não se lembram de tudo quanto consumiram. Carmelita Branca se zangou e disse que os seus três agregados são pobres *pretos* já velhos e que, por serem doentes, nada bebem; além do mais, que Sebastião soubesse que ela, embora não soubesse ler, não era boba e que, sua enteada Isabel Criola era letrada e sabia fazer contas; que ele, Sebastião, tomasse tento com ela. O Dr. Fernandes, vendo os ânimos se exaltarem, atalhou a discussão e prometeu examinar o assunto com mais vagar e atenção, encerrando de vez a reunião do Conselho.

A chuva continuava lá fora a malhar pesada, mas sem trovões. A enxurrada descia torrencial pela praça afora e, das janelas da escola, via-se o ribeirão do Cruzeiro a transbordar e a lambar matos fora de seu leito. O povo foi saindo na chuva mesmo e se esparramando pelo Povoado, indo cada um para sua *cafua*.

Veio o domingo e entrou semana nova e a chuva continuou a malhar. O povo também, lá na casa de escola: cada dia era a vez de um dos ternos de *Reinado*, batendo suas caixas e *tabaques*, exercitar os seus cantos e danças. Francisco Adão e Sapeca, em suas casas novas, malhavam martelos, marrões, enxós, serras, plainas e formões, construindo os seus *trens*, bancos, mesas, camas e jiraus com a ajuda dos carapinas Luiz Hilário e sua irmã Angélica *dita*, bem como, do ferreiro Miguel *Angola* e dos *malungos* Orozimbo Bateeiro, José Basílio e Pedro *Angola*. Em casa do Dr. Fernandes, Eva e Laís, ajudadas por Divina Homem, Carmelita Branca e pelas *pretas* de Claudina Canguçu, completavam seus enxovais, bordando e cosendo panos e fazendo rendas e *abr'olhos* ou *broilhas*, em que são mestras todas elas. Assim passou a semana toda de preparação da festa e dos casamentos.

A primeiro de outubro, sábado, a chuva parou e o sol mostrou satisfeito e saudoso a sua cara. A primavera havia mesmo chegado a romper tudo. O Alto da Botica era de um verde vivo, cheio de nuances e de flores de todas as cores e formas. Até mesmo nas ruas do Povoado brotara capim e matos verdejantes. Tudo no cerrado, a esta época, ou tem flores e sementes a brotar, ou tem filhotes a gritar. A matazinha a oeste do Povoado amanheceu em matizada de filhotes de passarinhos com os bicos abertos pedindo, ou exigindo, o *quebra-jejum*, farto e logo. Os passarinhos pais dos filhotes, ante o



berreiro, saem em revoadas loucas e, até sob os céus do Cruzeiro, se debatem em busca de aleluias e outros insetos para matar a fome de seus ruidosos rebentos. O ar tem um cheiro de flores, de broto a romper o chão e de terra molhada cheia de vida. As gentes têm nos semblantes um ar de renovo, como a renascem dos tocos de si mesmas, com novas forças e exuberância. Estava chegando a semana do *Reinado*. Os *malungos calhambolas* começaram a chegar dos quilombos vizinhos, a cavalo ou a pé com suas famílias, balaies e samburás.

O culto do Rosário foi instituído por São Domingos, o qual *dito* santo, fundou a chamada Ordem dos Dominicanos em Tolosa pelo ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil, duzentos e dezesseis anos. A devoção aos santos *pretos*, tais como a Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia, São Benedito e também a chamada Nossa Senhora das Mercês, é muito difundida e celebrada nestas Minas Gerais. Mas, a festa de Nossa Senhora do Rosário, ou *Reinado*, segundo dizem, é a mais arraigada. Isto, por ter-se instaurado nas possessões de El-Rei em África, muito antes de se iniciar neste Estado do Brasil. Os *negros* que mais abundam nesta Capitania são os de nações que, pelo gênero, são chamadas de bantus, os quais *ditos negros*, diferentemente dos de outras nações, abraçaram deveras e sem simulações, os ensinamentos da Santa Madre Igreja, muito embora sem perderem as suas crendices e tradições, e atestam a sua fé à Virgem, dançando e cantando a seu jeito e modo as rezas e orações. Há nesta capitania, mais do que em qualquer outra, um número grande de *pardos* e os brancos são bem poucos. Assim, este fervor à Virgem e à festa, pode-se dizer que é geral e encanta a todos, sem exceção.

A *irmandade* existe no Cruzeiro desde a fundação do Povoado, quando se plantou no cerrado a cruz que lhe deu o nome. O Dr. Fernandes e dona Luzia, escolhidos que foram pelo povo, são os rei e rainha perpétuos, assim como o escrivão e o tesoureiro, quais sejam, Otoniel e Leandro *Criolo* que, apesar de *pretos*, sabem ler e escrever o suficiente. Estes reis e seus estados não se confundem com os da festa, eleitos anualmente por mesa e mais votos.

Tibúrcio *Criolo* e sua mulher Apolinária têm a coroa de Nossa Senhora do Rosário neste ano e contam com um estado composto pelo procurador Tancredo Velho, andador Justino Careca, Juízes Jacob Quirumbo e sua mulher Bernarda, além do príncipe Manoel Pitomba e da princesa Isabel Criola. O rei e o estado eleitos são os responsáveis pela organização da festa e pelo suprimento das fazendas e gêneros necessários às pompas da capela, comedorias e *bebedorias*. Mas, são os magotes de homens, chamados ternos ou *cortes*, os que se encarregam da animação e da alegria com sua música, danças e roupas vistosas. Há, no Cruzeiro, três ternos distintos, quais sejam o Catupé, o Congo Real e o *Moçambique*.

O do Catupé talvez seja assim chamado dado a que, além das costumeiras evoluções, dançam também da cócoras num esquisito e caprichoso malabarismo. Tem grandes falhas neste ano o *dito corte*, dado a que cinco de seus dançadores são os mesmos eleitos que fazem a mesa e o estado da festa. Inclusive o seu *capitão*, Tancredo Velho, entregou a sua

*gunga* a Filipe *Criolo* - por ser o dançador mais velho - para que este capitaneie nesta festa o *dito terno*.

O Congo Real é o *terno* que mais prende as atenções, pois além de ter também suas danças e evoluções, é o que simula lutas e grandes batalhas emocionando a todo mundo. Tem o seu próprio rei e estado, os quais, por sua vez, não se confundem com os *ditos* perpétuos e nem com os da festa. Francisco Adão é o *capitão* deste *terno* que tem como rei e rainha Chico Cobu e sua mulher Maria, que deveras são reis do *Quilombo Grande*, como embaixador tem José Quelé, rei do *Quilombo do Andaial* e, como secretário, Romualdo *Cabra*, *malungo* do Cruzeiro e filho da velha Maria Africana, rainha do *Quilombo do Mamboim*.

O *Moçambique* é o *corte* sagrado por ser o dono e o guardião da coroa. A coroa não pode sair à rua sem a presença deste *terno*. As suas danças são genuinamente africanas, só se utilizam de caixas e da *gunga* do *capitão* e os seus dançadores se vestem como guerreiros de África. Representa, o *dito Moçambique*, a mais pura tradição do povo *negro* bantu. Tem Vicente Soares por seu *capitão* e os seus mais novos dançadores são Antônio Pinto Sapeca e o filho de Teodoro *Criolo*, chamado Teodoro Adão, que tem só um ano de idade e já sabe dançar.

O Cruzeiro a este ano se houve com bastante prevenção nas medidas e preparos no que conta a receber os *malungos* dos quilombos vizinhos com mais conforto e alegria. Tem agora, ao ar livre, no extremo de seu sul, oito mesas feitas de varas sobre estrados resistentes, medindo dez *braças* de comprimento cada uma e havendo, em volta de cada *dita*, dois bancos feitos de prancha e bem fincados, somando ao todo dezesseis bancos, onde mais de duzentas pessoas e crianças podem, de uma só vez, receber o de comer e o de beber folgadoamente. Francisco cedeu a sua casa para conforto dos *malungos* de mais respeito, como são os reis e os velhos e, Sapeca, da mesma forma, cedeu a sua para as mulheres dos *ditos*. Dos restantes, a maioria se agregou às *cafua*s de seus compadres, padrinhos e afilhados e, os mais moços e homens solteiros, estes, preferiram como é natural, a alegria da casa dos homens. A casa das mulheres ganhou mais duas fornalhas em seu terreiro que foi coberto e se transformou numa grande cozinha e despensa geral dos festeiros.

A festa só vai começar a seis de outubro. Enquanto isto, os ternos todos se aproveitam para melhor exercitarem suas caixas, *tabaques* e violas. O Catupé sumiu-se lá para as bandas das Grotadas, a sudeste do Povoado; o *Moçambique* foi para o Alto da Botica e o Congo Real foi para a Chapada onde, além das músicas e danças, pode exercitar, também em segredo, as suas manobras de guerra a cavalo e a pé.

Durante os dias, o Cruzeiro fica vazio de homens e por conta das mulheres e de seus folguedos, danças e preparo de muita comida. Às noites, vem o *batuque* com *vissungos* e desafios, em que são mestres alguns *pretos*, como Pedro *Angola* e Luiz Hilário.

A chuva, depois de ter trazido o verde, o viço e a alegria, foi-se embora, atendendo as rezas e promessas que só a querem de volta, mansa e boa, após o término do *Reinado*. Assim, os dias se fazem quentes, porém agradáveis e com cheiro de mato novo, e as noites são banhadas de lua cheia,

com estrelas a cintilar como um braseiro pregado no céu e atizado pelas ventanias do infinito. Passaram-se deste jeito os três dias de preparo.

O dia seis de outubro se iniciou bem antes do sol. Todos os ternos saíram às ruas a malhar ao mesmo tempo suas caixas, gongos e *tabaques*, fazendo estremecerem os céus e o chão. É o Catupé, na rua do Fogo; é o Congo Real na da Direita; é o *Moçambique*, ao centro, a comandar o ritmo de todos, subindo e descendo pela rua das Mulheres Sozinhas. Os dançadores ainda não vestem sua fardas e sim suas roupas comuns. O *Moçambique*, a um sinal da *gunga* de Vicente Soares, muda a toada das caixas e os outros ternos emudecem as suas. Depois, também o *Moçambique* paralisa seu *batuque* e o silêncio continua, ritmado, a navegar os ares do Cruzeiro. As gentes se amontoam nas esquinas ainda escuras. O sinozinho da capela repica chamando o povo para a missa.

Filipe *Criolo* faz soar a *gunga* e o Catupé se põe em formação, descendo em silêncio pela rua do Fogo. À porta de Tancredo Velho, o *capitão* dá a marcação iniciando a música só com a *marimba* chorosa, depois, violas, flautas e *afofiés*; a seguir, um a um, vão entrando e dando ritmo os *agogôs*, os *canzás*, os *tabaques* e por fim, as caixas. A música é arrastada e chorosa, quaternária com forte acentuação de caixas em seu último compasso ou tempo. O procurador Tancredo Velho, vestindo casaca azul e chapéu de abas curtas e alta copa, sai de sua casa e toma lugar atrás da bandeira de Nossa Senhora do Rosário. O Terno, sem parar ou mudar a toada da música, sobe pela *dita* rua e vai parar na porta da casa dos Juízes. Jacob Quirumbo, vestido à francesa, com seu chapéu de três bicos sobre a peruca de algodão, sai com sua mulher Bernarda, vestida também à francesa e também de peruca, e se juntam ao Procurador atrás da bandeira. O Catupé continua subindo até o fim da rua do Fogo, vira nesse rumo e vai parar frente às mesas e bancos no sul do Povoado. Ali, paralisa sua música e evoluções e mantém, em silêncio, sua forma.

O Congo Real quebra, a seguir, o silêncio, iniciando sua música ritmada por caixas, *tabaques*, *canzás* e chocalhos, muitos *afofiés* e uma única viola, a do *capitão*. Seu ritmo é rápido e parece instigar os homens à batalha. Apanha a princesa Isabel Criola em casa de sua madrastra Carmelita Branca e sobe pela *dita* rua, indo apanhar na casa dos homens o Andador Justino Careca e o Príncipe Manoel Pitomba. Segue com este estado para o fim do Povoado, ao sul, onde pára, silencia e mantém sua forma ao lado do Catupé.

O *Moçambique*, formado na praça do Cruzeiro, dá início à sua música feita só com as caixas, *tabaques*, *canzás* e com os chocalhos presos às pernas dos dançadores. O Rei Fernandes e a Rainha Luzia, com seu estado, se postam à frente do *terno* levando sobre uma bandeja de prata a pequena coroa de Nossa Senhora do Rosário. O *terno* segue pela rua das Mulheres Sozinhas e vai ter à porta de Tibúrcio *Criolo*. Os dançadores fazem saudações aos *ditos* Rei e Rainha, ao que estes respondem de sua porta com medidas majestáticas de cumprimentos e bênçãos aos seus vassalos.

O *Moçambique* silenciou e o Catupé se fez ouvir, descendo pela mesma rua das Mulheres Sozinhas. Parou à porta dos Reis da festa, entregando a esses o Procurador e os Juízes. Silenciou-se também.

O Congo Real deu ao ar os seus sons e foi descendo pela mesma rua. À frente, vinham os Príncipes: Isabel Criola, com um diadema de prata aos cabelos, vestido de duquesa amarela, tendo aos ombros uma pequena capa de seda escarlate. Manoel Pitomba, agora bem barbeado e de cabelo engraxado e partido ao meio, vestia calções azuis de tafetá, com meias de seda amarelas da mesma cor dos sapatos de fivelas e meio-salto. Sobre a camisa de linho abotoada por muitas pedras de brilho, usava igualmente uma capa escarlate. O Andador Justino Careca, calçando alpercatas de couro, vestia calções afogados e riscados e, ao invés de camisa, tinha, cruzadas sobre o peito nu, as alças brancas de dois bornais que trazia à tiracolo; levava nas mãos uma vara comprida com uma badeirazinha vermelha na ponta e tinha na cabeça um gorro de lã verde, feito de crochê. Os Reis do Congo Real, Chico e Maria Cobu, entregaram aos Reis da festa estas últimas figuras de seu estado e o *terno* também procurou se acomodar na mesma rua, tendo, do outro lado o Catupé e, ao meio, o *Moçambique*. Assim, os três ternos com os Reis e seus estados, desceram na direção da praçazinha do Cruzeiro com seus instrumentos calados.

Os ternos tomaram posições na praça, tendo por trás a casa do Dr. Fernandes e, à frente, num primeiro plano, a cruz e, num segundo *dito*, a porta da capela onde já se armara um altar. Neste segundo plano, à frente do altar, quatro *malungos*, segurando as varas compridas que sustentavam um sobrecêu a que chamam pário, deram cobertura aos Reis e às Rainhas e os conduziram até os quatro tronos de pau plantados frente à capela. O padre Matuzalém, com os seus paramentos de festa, deu início à Santa Missa, acolitado por Euzébio *Criolo*, o negrinho sineiro e aprendiz de sacristão.

O Rei Perpétuo, com sua opa vermelha sobre as sóbrias roupas de cor cinza, manteve os olhos baixos, como a sentir o peso de sua coroa copada e encimada por uma cruz, toda feita de contas brancas de lágrima. Dona Luzia, com coroa e opa semelhantes, trazia ao pescoço, a combinar com as cores do vestido, grossos cordões de ouro e uma cruz. Tibúrcio *Criolo* não cabia dentro de si. Sua coroa de bronze, aberta em facas regulares e pontiagudas, luzia ao sol o seu banho de ouro e as pedras multicores que tinha em volta encastoadas. Calçava sapatos pretos de amarelo em laçadas e meias brancas a aparecerem sob as pernas das calças largas e encarnadas. Vestia um manto de duquesa vermelha enfeitado de apliques brancos e amarelos, cosidos e bordados com fios de ouro. A Rainha Apolinária Criola tinha coroa semelhante à de seu consorte, porém, de menor circunferência, e a usava no alto da cabeça sobre o turbante branco. Vestido azul-claro, com apliques de ouro e decote debruado de algodão e muitas pedras, trazia em muitas voltas à cintura, estreita faixa de seda verde a escorrer-lhe pelo colo até os pés. Ao pescoço, além da gargantilha, dois grossos rosários de contas de ouro com pingentes de pedras brilhantes e coloridas.

O padre Matuzalém, como sempre, celebrava a missa com muita parcimônia, cochichando devagar o latim. Quando ergueu a hóstia, o céu já era de um azul avermelhado e o sol varava raios sobre os indaiás da casa de escola.

- “Meu senhor e meu Deus!” - Zunzunou o povo todo, com os olhos fixos na alvíssima rodelazinha que, desde então, passava a ser Nosso Senhor

Jesus Cristo, Deus dos brancos e dos *pretos*, segundo dizem os primeiros e acreditam os segundos. A missa teve seguimento.

Meio cambaleante, o velho e dedicado padre tinha a testa suada sob o sol já quente quando deu a Santa Comunhão ao último dos *malungos*, Vicente Soares, agora, *capitão moçambique*.

Terminada a missa, Euzébio *Criolo* entregou ao padre o grande ostensório feito de ouro branco e raiado com o *dito* amarelo. O padre encaixou a Santa Hóstia em seu repositório de honra e o pequeno sacristão repicou sua sineta quando o sacerdote a exibiu demoradamente a leste, norte e oeste. Depois, uma candeia de vidro acesa fez companhia ao *dito* Senhor que, até o fim da festa, estaria exposto; na porta durante o dia e, à noite, dentro da capela. Sob o comando da *gunga* de Vicente Soares, os três ternos repicaram suas caixas e cantaram:

- “A *miséria* vai contando que *Angola* me fugiu para sempre! A *miséria* vai contando que *Angola* me fugiu para sempre! Chorei! Chorei! Ai, eu chorei, pelo balanço do mar!”

Pedro e Miguel *Angola* engasgam com os olhos rasos d’água. Batem firme em seus gongos e continuam junto com os outros *malungos*:

- “Deus te salve, Casa Santa, onde Deus fez a morada; onde está o “cálix” bento e a hóstia consagrada, ai, haaaa!”

Terminada a reza cantada, os três ternos saem em silêncio, acompanhados por algum povo, e sobem para o sul do Povoado para buscarem lugar junto aos bancos e mesas plantadas naquele lugar. As *pretas*, muitas delas, se vão para ajudar na cozinha da festa, no terreiro da casa das mulheres; outras, se vão para as suas casas juntamente com suas comadres *calhambolas*, mor de uma boa conversa de *pé-de-orelha*, há muito tempo guardada.

O céu é azul e sem nuvens e o chão de terra batida recém capinado e limpo é fresco e, mais do que nunca, tem uma cor vermelho-dourada. Um cheiro de tudo quanto há de delicioso para, neste mundo, se comer, recendeu no Povoado, inundando ruas e becos.

Era por volta de dez horas da manhã. Leandro *Criolo* vinha subindo para a rua das Mulheres Sozinhas com o carretão-de-bois carregado de caldeirões, panelões, caçarolas cobertas com panos brancos e, é claro, havia também, bem escondido, muito *marufo* em barril. Os meninos e meninas, feito um bando de passarinhos voando atrás de aleluias, surgiram de todas as ruas transversais e se adiantaram ao carretão, tomando a praça de mesas e os bancos achados vazios.

- “Primeiro vamo dá o comê às criança!” - Gritou Claudina, à frente de suas *pretas* e outras mulheres, vindas da casa nova de Sapeca e trazendo às costas muitos sacos cheios de cuias e *coités*.

As vasilhas grandes de comida se esparramaram rapidamente sobre as mesas e, num instante, a meninada já estava a comer em cuias cheias, esparramando feijão, farinha e angu com galinha para todas as bandas e lados. Aos homens, enquanto isto, Leandro, Teodoro e outros *malungos* foram entregando *coités* com cachaça que estes vão bebendo com moderação, mesmo porque um dançador de *Reinado* não deve e nem pode emborrachar-se. Com pouco, a meninada estufou as barrigazinhas e, um a um, foram



saindo, cedendo mais espaço e lugar aos mais velhos. Os dançadores do Congo Real, chamados a comer primeiro, retiram-se a repousar na *dita* casa dos homens. Marçal *Criolo*, filho de Leandro, vem chegando com mais um carretão-de-bois carregado, agora, com comidas de gente grande, bem mais apimentadas, tais como *quibebe* com pimentas vermelhas, muito chouriço, carne de porco e de boi cozida e frita, arroz e feijão preto com pés e miúdos de porco, muita couve e carirus, mandioca e inhame cozidos e bastantes balaiozinhos de farinhas de milho e de mandioca. Depois, veio chegando a sobremesa, com doces variados, duros, moles e caldosos, tais como rapadura, pé-de-moleque e *paçoca*, mingaus e canjicas com melado, doces de mamão do pau e da fruta, de batata e de pequi e muitos outros. As barrigas se foram abastando e o mundo perdeu a pressa.

As mulheres acompanharam o carretão-de-bois e foram para o ribeirão continuar a prosa e lavar os *trens*. Os *malungos* continuaram a conversar e a *beijar*, de quando em vez e com comedimento, um golezinho de *marufo*. O sol já dobrara as *sombras ao nascente*. O sinozinho da capela repicou festivo. Eram quase três horas da tarde, a hora esperada, quando se ia levantar a bandeira e, deveras, começar a festa. O povo se levantou das mesas e se foi despejando pelas cinco ruas Povoado abaixo, em direção à praça do Cruzeiro.

A praça, entre a casa do Dr. Fernandes e o jardimzinho onde se planta a cruz, está, então, dividida por uma corda esticada a partir de um mourão, da casa das mulheres, até o outro *dito* fincado na frente da escola. Ao lado da capela, deitado no chão perto do buraco já furado, está o grande mastro em cuja ponta se haverá de encastoar a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. O povo se vai achegando e se acomodando à porta da capela, silencioso e respeitoso dada a presença do Santíssimo Sacramento ali exposto.

O *terno* do Catupé se põe em formação na rua da Escola e o do Congo Real, na outra rua das Mulheres, ambos já na embocadura que dá para a Praça. O *Moçambique*, em formação no beco do Celeiro, arma os pálios para abrigar os Reis Perpétuos, os da festa e seus estados. O sinozinho da capela repica sete vezes. Vicente Soares sinaliza com a sua *gunga* o início dos tantãs e o *Moçambique* se encaminha para a Praça levando os Reis. Dr. Fernandes e dona Luzia levam o quadro de madeira onde está afixada a bandeira de seda com a estampa de Nossa Senhora; Tibúrcio *Criolo* e dona Apolinária levam a bandeja com a corozinha. À entrada da praça, Vicente Soares puxa com a sua voz grossa o seu primeiro canto:

- “*Eu sô moçambiquero*  
de Nossa Senhora;  
Eu carrego a Bandeira  
do reino da glória!”

- Olê-lê, lê-lê, lê, lê-rê-lê! - Respondem os dançadores.

Adentrando a praça, os moçambiqueiros se descobrem à frente do Santíssimo, fazem silêncio e se ajoelham. Dona Luzia entrega a bandeira para Tibúrcio e, dona Apolinária, a coroa para o Dr. Fernandes. Tibúrcio, com a bandeira nas mãos e seguido pelos estados, aproxima-se do mastro. Alguns *malungos* ajeitam o pé do mastro no buraco, levantando-o a meia altura e o

Rei encaixa o quadro de madeira na ponta do mastro. Os *malungos* vão erguendo a grande vara até que o seu pé, num baque, encontra repouso no fundo do buraco fazendo com que a bandeira de Nossa Senhora se eleve às grimpas.

- Viva Cristo Rei! - Gritou Filipe *Criolo*, *capitão* do Catupé.
- Viva! Viva! - Respondeu o povo.
- Viva São Pedro! - Gritou o Dr. Fernandes.
- Viva! Viva! - Respondeu o povo!
- Viva Nossa Senhora do Rosário! - Gritou Tibúrcio.
- Viva! Viva! Viva! - Gritou o povo, respondendo.
- “Viva nós tudo e Deus no céu!” - Gritou Francisco Adão.
- Viva! Viva! Viva! - Respondeu, mais uma vez, o povo todo.

Vicente Soares fez marcação com sua *gunga* e os três *ternos* começaram a tocar seus instrumentos sob um mesmo ritmo e música. Vicente Soares deu sequência com a voz grossa e tristonha:

- “Óí, a *gunga* n’*é* muda;  
minha *gunga* chora,  
e pede a coroa  
de Nossa Senhora!

- Olê-lê, lê-lê, lê, lê-rê-lê! Olê-lê(...)lê - responderam os dançadores dos três *ternos*.

O velho Vicente sinalizou a mudança do ritmo e o *Moçambique* se foi juntar ao Catupé na rua da Escola. Dali, subiram juntos os dois *ternos* pelo beco do Celeiro, rumo ao terreiro de bancos e mesas, no sul. O Congo Real adentrou a praça, passando sob a corda esticada, rumo ao terreiro da escola.

O sino repicou sete vezes. Os *malungos* que estavam na praça ajoelharam-se e o padre Matuzalém, após exibir demoradamente o Santíssimo, abençoou o povo mais uma vez e levou o ostensório para dentro da capela.

Algumas *pretas* adentraram a praça com muitos cordões coloridos com argolazinhas nas pontas e os foram amarrando na corda que dividia a praça. Depois uns *malungos* encarapitaram-se sobre a casa de escola e a *dita* das mulheres e ergueram a corda até a altura de *braça* e meia, deixando as argolazinhas penduradas a balançar ao vento, enfeitadas com capuchos de algodão de muitas cores. O sinozinho repicou de novo e o povo todo acorreu à praça, aglomerando-se nas embocaduras das ruas e beco e na frente da capela, deixando livre a parte que medeia entre a cruz e a casa do Dr. Fernandes.

O Procurador Tancredo Velho, agora fogueteiro, lá do terreiro de bancos e mesas, fez espipocar nos ares muitos palitos-de-fogo e o povo deu vivas. Ouviu-se um patalear de cavalos; primeiro, a saírem trotando do terreiro da escola, rumo leste; depois, rumo sul, em desabalado galope e gritarias de guerra e, fechando o perímetro do Povoado, viraram rumo norte. Com *pouco*, adentraram a praça os cavaleiros do Congo Real com seus cavalos enfeitados de cores e arreios de prata, tendo à frente o *capitão* Francisco Adão, todo vestido de negro montado em seu fogoso baio, ladeado por Orozimbo, o Bateiro, trajado como o povo de seu pai, ou seja, com os cabelos trançados e amarrados de muitos cordões com pedrazinhas, argolas de ferro

nos braços e uma tangazinha de couro sobreposta aos calções. A Praça se encheu de cavalos e cavaleiros valentes, entre os quais, sobressaíam: José Butunco, do *Quilombo da Marcela*; Argemiro *Cabra*, *preto pamba* da *Pernaíba*; Negato, o demônio das estradas e *malungo* de Francisco Adão; Rei Quelé, do *Andaial*; Pedro *Angola*, filho do rei do *Quilombo Nova Angola*; Romualdo *Cabra*, futuro rei do *Mamboim*; sem se falar do Serafim *Criolo* e de José Basílio, além de... Isac Sapeca! E, montado em um cabrito!

O povo muito riu e gritou vivas. Os cavaleiros fizeram vênias agradecendo a ovação e se foram retirando da praça, ordeiros e um por um, na direita do terreiro da escola. Depois, deram a volta por trás da casa de Fernandes e foram se pôr em forma atrás da casa das mulheres.

Um *gongo* se fez ouvir marcial e um galope estrondou vindo do beco entre a casa de Fernandes e a das mulheres. O rei Quelé, trajando uma tanga como o povo de sua terra, adentrou a praça voando sobre a besta, com sua *azagaia* a riste na direita do povo. Antes da corda, porém deu um meneio de corpo, virou a *pichorra* nos cascos e caçou com a lança a argola enfeitada de algodão vermelho.

O povo deu muitos vivas e bateu palmas. O guerreiro aproximou seu cavalo do povo e ofereceu a ponta da *azagaia* para que a sua Maria Quelé pegasse a argolazinha em mimo. O povo deu mais vivas e o guerreiro retirou-se orgulhoso para o terreiro da escola.

O *gongo* tocou de novo. O estrondo então foi maior. Dois cavaleiros vinham em galope. Francisco Adão de um lado e o Bateiro, do outro, saindo de trás do terreiro da escola, como se fossem um ao outro atacar. O povo deu um suspiro. A menos de um triz, os dois cavaleiros, em meneios contrários de corpo, evitaram que seus cavalos topassem e, no mesmo ato e sem erro, ergueram as *azagaias* e apresaram no ar a mais de uma argolazinhas. O povo gritou e deu vivas estrondosos. Francisco ofereceu os seus mimos a Eva e, Orozimbo, para atalhar briga entre as filhas de Maria Conga, deu todas a argolazinhas à velha. Depois, sob muitas ovações, retiraram-se os dois campeões, até então.

O jogo prosseguiu. José Butunco e Argemiro *Cabra* tentaram repetir a façanha de dupla, mas só o segundo arrancou uma argolazinha. Negato, Romualdo *Cabra* e Serafim *Criolo* pegaram cada qual o seu mimo e ofereceram às damas de seus corações. José Basílio, por último, adentrou a praça a galope, porém, de pé sobre os arreios de prata, e apresou duma vez as últimas três argolazinhas. O povo jogou para cima os chapéus e gritou! E pulou!

José Basílio, *cabrazinho* de somente quinze anos de idade, é o aluno preferido do Dr. Fernandes. Assim, ofereceu a seu mestre e a dona Luzia todos os mimos que bravamente conseguira apresar.

Quando o povo pensava que o jogo tinha acabado, o *gongo* se fez ouvir outra vez; desta feita, de um jeito esquisito.

O animal adentrou a praça, aos pulos e bufando. O *moleque* em seu dorso, parecia um *redoleiro* agarrado em seus pêlos e a bater o chapéu em sua cara e traseiro. De repente, o bode estacou. Isac não parou; passou voando entre os chifres e foi bater de costas em meio ao jardim de rosas no pé do

cruzeiro. O bode o olhou com insolência, deu mais espirro e um peido, virou-se e foi-se embora sem nem abanar o tocozinho de rabo.

O povo *bebeu o fôlego* de tanto rir. Algumas *pretas* se escancararam tanto que até mijaram nas roupas. O pardozinho não se fez de rogado. Levantou-se elegantemente e tirou alguns espinhos da bunda. Limpou com as costas da mão o chapéu de palhinha e depois se abaixou, procurando alguma coisa; talvez, daquelas que se não podem perder jamais. Achou. Um botão de rosa; o mais belo e alvo de todos. Colheu-o e saiu-se a sorrir, andando na direitura do povo. Encontrou seu pai e Laís a quem, fazendo vênia, ofereceu o mimo da flor. A dita Laís abaixou-se, abraçou o futuro irmão de seus filhos e apenas chorou. O povo não mais ria com as bocas. Ria por dentro, guardando no peito aquela imagem e lembrança que havia de servir para amainar dias ruins que, às vezes, reserva-nos a vida.

O Catupé e o *Moçambique* repicavam suas caixas lá no sul do Povoado. O sol já se deitava, fritando com seus raios as águas do rio São Francisco, e um cheiro de janta gostosa recendia pelos ares festivos.

A noite chegou fresca e agradável. O povo não precisou de acender as candeias, pois a lua cheia acendeu no céu todas as estrelas do mundo. Quando foi lá pelas nove ou dez horas da noite, como é a lei, as atividades do *Reinado* cessaram e foram todos dormir sonhando com o amanhã.

O dia sete de outubro é o dia de Nossa Senhora do Rosário e, portanto, o dia maior de sua festa.

Luiz Hilário amanheceu tristonho em seu portão. Maria *Fula* Fulô só cosera a roupa do filho Agostinho *Fulo* e se esquecera dele, o enteado. A irmã Angélica Carapina, ocupada o tempo todo com o seu ofício, não o pudera ajudar. Eram quase seis horas da manhã e o Catupé não ia mais poder contar com a sua *marimba* pois, no dia da festa, há que se vestir a farda própria. Estava a meditar encostado num mourão da cerca enquanto via o sol nascer grande e vermelho.

- Luiz Hiláriooooo! - Alguém chamou com uma voz doce achegando-se ao portão de varas.

- Sá Divina! *Suncê...* entre - disse o *pardo* olhando curioso para os panos que a moça trazia nas mãos.

- Così uma roupa pra *suncê...* vá vesti-la, para vermos se ficou boa!  
- Disse a *reinol*, entregando-lhe os panos coloridos e um chapéu cheio de espelhos.

- *In-sim...* - Respondeu o *pardo* incrédulo, pegando os panos.

Pediu à moça que esperasse e foi-se para dentro da casa de sua madrasta. Com *pouco*, a porta se abriu de novo e veio saindo o dançador de Catupé: sapatos vermelhos, meias compridas até os joelhos, sobre os quais abotoam-se as pernas dos calções brancos encobertos pelo saiotezinho também branco. Camisa azul, com peito cor de rosa, tendo as costas enfeitadas por bicos de *abr'olhos* e rendas portuguesas, além de inúmeros cacoziños de espelho. Hilário amarrou melhor o rabo dos cabelos, ajeitou o capacete de bico e perguntou sorridente:

- Como estou?

- *Suncê* tá bem-apanhado... e eu? - Perguntou também a *reinol*, girando o corpo e mostrando o seu vestido rodado, vermelho e de cintura finazinha acochada.

- *Suncê* tá bonita demais da conta, sá cachopa! Him! Him! - Gracejou o *pardo* arregalando os olhos.

- Então vamo-nos embora! - Disse a *reinol* animada, arrastando Hilário pelo braço, ao ver que Maria *Fula* os espiava pela greta da porta.

Muitas gentes, ao verem os namorados subirem de mãos dadas pela rua da Direita, não acreditavam no que viam. Carmelita Branca, Maria Conga e Fortunata de Papo taparam as bocas com a mão e arregalaram os olhos.

- “Mais, né possíve sá!” - Exclamou uma por uma, ao verem os dois pombozinhos irem se juntar ao Catupé na esquina da rua do Zimbabo.

Bateu o sino seis horas e os *ternos* agora todos fardados retumbaram na manhã, num ir e vir pelas ruas e becos.

O *capitão* dos Catupés, Filipe *Criolo*, usava saíote azul e a sua camisa verde tinha o peito também azul; não usava capacete e sim um boné enfeitado de espelhos e muitas flores. Os restantes dos dançadores trajavam-se iguais a Luiz Hilário, não tendo, porém, rendas e *broilhas* às costas. O que Divina fizera tem significado certo. U'a moça que costura a farda e faz rendas às costas da camisa do dançante solteiro, segundo o costume, está assumindo publicamente com o *dito* um compromisso de noivado e futuro casamento. O Luiz Hilário não cabia em si de alegria; via Divina a acompanhá-lo e ao *terno*, andando pelas beiradas das ruas, e batia na *marimba* com tanta doçura que tirava das chapazinhas de metal uns sons que nunca soubera serem possíveis.

O *Moçambique* descia e subia pela rua das Mulheres Sozinhas. Ao invés de fardas comuns, trajavam esses dançantes as indumentárias que, em África, usavam em suas festas. Em pano, só tinham a tanga branca e curta enleada entre as pernas, sobre a qual, usavam saíote de capim, trançado à cintura com muitas fitas coloridas. Traziam os cabelos bem trançados e amarrados de cordões com pedrazinhas penduradas, trabalho de Maria Conga e suas filhas que haviam penteado a todos inclusive a Antônio Pinto Sapeca, o mais novo dos moçambiqueiros adultos. Muitas pulseiras e chocalhos adornavam-lhes as canelas e os punhos, completando a vestimenta. O *capitão* Vicente Soares, apesar do semblante triste impunha com sua *gunga* a ordem, o ritmo e o respeito.

À rua do Fogo evoluía o Congo Real com suas espadas e lanças. Usam, estes, da cintura para cima, uma farda semelhante à dos Catupés. Mas não usam saíote e nem meias e sim calças bem largas, tingidas com todas as cores e muita arte à custa de raízes, folhas e flores como a quaresminha branca que faz o amarelo, ruivinha que faz o vermelho; pessegueiro bravo e muitas outras, numa belíssima profusão de cores.

Quando foi lá pelas nove e meia horas, os *ternos* se foram a passar pelas casas dos estados e levá-los sob os pálios, para a missa das dez e casamentos.

O altar na porta da capela estava paramentado e pronto para a missa e os reis foram se acomodando aos tronos, um pouco mais para trás,



tendo por perto os seus estados. Os ternos se formaram na praça tendo, ao centro, o do *Moçambique*.

Vicente Soares marcou com sua *gunga* e, o *Moçambique*, acompanhado pelo Catupé e Congo Real, iniciou um *batuque* de guerra, conduzindo para frente o dançante Sapeca. Teodoro *Criolo* vestiu o *dito* com uma opa branca que o cobria até os pés e o *capitão* Vicente Soares entoou o seu cantar:

- “Oi, *marcha bamboê*;  
Oi, *marcha bamboê*!  
Ora, *marcha soldado*,  
vai cuidar da obrigação!”

Assim deixaram Sapeca aos pés do cruzeiro e se foram afastando até ficarem emparelhados de novo aos outros dois ternos no fundo da praça. Em seguida, Vicente cantou:

- “Ôi! *D’adond’é qu’è essa gunga?*  
Adondé qu’ela é?  
S’ela é de *Angola*,  
Ou se é de *Guiné*!”
- “Oi, *marcha bamboê*;  
Oi, *marcha bamboê*!  
Ora, *marcha soldado*,  
vai cuidar da obrigação !” - Responderam os do Congo Real.

Francisco Adão sorri; entrega sua viola e chapéu de *capitão* ao Embaixador José Quelé e então é conduzido pelo Rei Cobu até o jardimzinho nos pés do cruzeiro, onde se coloca ao lado de Sapeca.

De repente, o *Moçambique* se abre em duas alas, deixando livre o caminho desde a porta do Dr. Fernandes. Lá vêm as noivas; somente um retinir dos pandeiros e chocalhos acompanha-lhes os passos e um casal de sabiás vem pousar sobre a cruzinha na cumeeira da capela. O Dr. Fernandes vem trazendo a filha pelo braço e o compadre José *Puri*, irmão de Chica Juá, vem trazendo Laís. A primeira noiva, vestida de branco traz nas mãos um ramallete de rosas também brancas. Laís, vestindo as cores verde-oliva e azul, traz na mãos muitas sempre-vivas. Ambas têm nos lábios sorrisos breves e serenos.

Dona Luzia se adianta e instiga Francisco a ir de encontro à noiva e dona Francisca Juá faz o mesmo com Sapeca. Os noivos recebem as noivas aos pés do cruzeiro; contornam, já casais, o jardim e se aproximam do altar, passando pelos Reis e estados, indo se postar em frente aos genuflexórios próximos do altar, ladeados dos *ditos* pais e padrinhos. O padre sai paramentado e a missa se inicia. Eram exatamente dez horas da manhã e os sabiás cantaram chorosos. Vicente Soares abaixou a cabeça e limpou dos olhos duas lágrimas atrevidas.

A cerimônia dos casamentos foi uma das mais bonitas que se tinham visto até então, desde a chegada do padre Matusalém ao Cruzeiro. Após a *dita*, os ternos malharam suas caixas e houve muita dança; simultaneamente, serviu-se com fartura o almoço lá no sul do Povoado.

Quando eram pelas três ou quatro horas da tarde, os noivos já montados em seus cavalos no terreiro atrás da escola ainda puderam ouvir o início da batalha do Congo Real.

- “*Quem são essas gente?*” - Cantou Argemiro *Cabra* com a sua voz estridente.

- “Somo mais brabo que marimbondo-carijó! E temo mais veneno que a cobra-cipó!” - Respondeu contando José Quelé, repicando na viola que recebera de Francisco.

- “*Óia lá, mia gente;*  
*Óia lá, cumé que vai;*  
*Se suncê num defendê,*  
*seu pescoço vai pagá!*

- Ssscat-buummmmm! Ssscat-buummm! - Ecoaram as reiúnas e pistolas com pólvora seca e a batalha começou.

A esta altura, os casados de novo atravessavam o ribeirão do Cruzeiro, no rumo da Chapada e do Calhambal, onde pretendiam passar uns tempos na paz da matazinha que esconde a grande *cafua* e o cristalino corregozinho que empresta seu nome àquele sítio de serviço e *garimpo*.

O *Reinado* prosseguiu animado no Cruzeiro. No dia oito houve missa de novo, com os Reis e estados oferecendo almoços, jantas e merendas a todo povo e aos ternos. Houve a eleição dos Reis e estado para o ano vindouro, sendo eleitos o Rei Miguel *Angola* e sua Rainha Ifigênia *Parda*. Cumpriram-se muitas promessas e Manoel Pitomba pediu a Filipe *Criolo* a mão de sua filha Isabel em casamento, acenando e por escrito, por não ter língua e não falar.

Quando chegou o domingo, dia nove, a alegria continuou, é certo; mas, houve também muitas lágrimas e despedidas, com cerimônias entre os Reis e estados deste ano e do ano vindouro. Quando foi na segunda-feira, os *malungos* do Cruzeiro saíram cedozinho, acompanhando os compadres, afilhados e padrinhos dos quilombos vizinhos que regressavam aos seus *mocambos*. Caminharam juntos um bom pedaço. Quando os caminhos se separaram, ficaram uns e outros dizendo adeus com lenços brancos até que a imensidão de vales e montes cresceu entre os *ditos* e os fez perderem-se de vista. Dali, os *malungos* do Povoado já se foram para as roças.

Quando foi em fins de outubro, a vida já era normal no Cruzeiro. Havia sim, muito serviço de planta de roças e corte de cana. Primeiramente, um grande mutirão ajudou a Tibúrcio *Criolo* no corte do resto da cana, alimpadura de socas e planta de muitos olhos. Então, a chuva foi chegando mais freqüentemente. Os mutirões se multiplicaram pelos campos e vales, antecipando-se às chuvas ou aproveitando-lhes os intervalos, de modo que quando chegou o fim de novembro já se tinham plantadas as roças de algodão, milho, fumo e mandioca, além de outras menores e temporonas, como a de amendoim e o gergelim.

Em inícios de dezembro a chuva malhou a semana inteira, fina e sem parar. Quando chegou o dia treze, dia de Santa Luzia, o céu se fez limpo e azul como o são os olhos da Santa. Foi a vez do mutirão ajudar a Jacob Quirumbo na planta de arroz na Vargem do Valo. O dia dezesseis, sexta-feira,

foi de muita festa no Povoado, pois as aulas do ano se encerraram e todos os alunos foram aprovados a passar de ano. Os adiantados fizeram um grande *batuque* na venda de Sebastião *Criolo* onde combinaram todos de formar um mutirão de estudantes e de irem também, na segunda-feira, ajudar a abreviar a planta de arroz.

Assim, ao raiar do dia dezenove, Jacob Quirumbo tinha a seu serviço o maior mutirão de que já se tivera notícia no Cruzeiro. Luiz Hilário, vendo tanta gente a capinar e a plantar, pediu a Jacob que lhe concedesse dispensa, pois tinha umas obrigações a cumprir, com o que o velho plantador aquiesceu.

O *pardo* pegou sua égua, mas, ao invés do rumo leste, tomou foi a direitura do rio de São Francisco. Seu pensamento era Divina. Estava a *dita* sozinha a cuidar do gado lá pela banda das três lagoas sem nome. Havia um solzinho fraco e nuvens negras pesavam às beiradas do céu. A égua vencia distâncias e o coração do *pardo* não vencia o bater, cada vez mais apressado. Quando avistou de longe a *cafua* lá embaixo, acima da lagoa menor, a soltar fumaças entre o indaiá, a respiração lhe faltou e o *dito* coração lhe vinha e voltava à boca.

Divina escutou o tropel e veio saindo na porta do rancho com uma *colher-de-ferro* na mão. Tranças amarradas sobre a cabeça e chapéu de couro jogado para as costas. Fina camisa de cambraia e o curto saiote de droguete marrom, com as tiras de amarrar ao meio das pernas, soltas ao vento, a balouçar sobre os calções amarrados aos tornozelos. O *pardo* viu suas esporas de prata e sentiu um certo engasgo; mas foi em frente.

- Eia, *malungo*! Eia, que bom que *suncê* veio! - Gritou a *reinol* a sorrir, mostrando seus dentezinhos miúdos sob os lábios finos e cor-de-rosa.

- “Eia, *sá* Divina! Vim vê se *suncê* num tá percisano dum *adjutoro*... Tem gente *demais da conta* lá na roça do *sô* Jacó!”

- Eia, bem que *perciso*... têm umas vacas para alimpar os bernes. Mas *suncê* chegou mesmo em boa hora! Apeia logo, homem! Vamos entrando que há o que comer e está quente! - Convidou sorridente a *reinol*.

Hilário pulou no chão e desarreou a montaria. Jogou os arreios nas costas, espantou a égua e seguiu Divina para dentro da *cafua*. Lá dentro, jogou num canto os arreios, sentou num estrado de cama e ficou a observar a boiadeira. A *dita* atiçou o fogo e remexeu com a *colher-de-ferro* a panela fumegante. Depositou na palma da mão uma migalha de tutu e tomou prova.

- É só um tutuzinho com caruru... tem também um peixezinho salgado e bem torrado na panelazinha de pedra - disse a moça distraída, enquanto enchia uma *cuia* com a comida e a mistura.

Virou-se e corou. Surpreendera Hilário de olhos parados a observá-la como um jacaré a seus ovos. Sorriu e entregou calada a *dita* *cuia*.

Hilário pegou a vasilha e se pôs a comer esganadamente grandes *capitães* de tutu com peixe salgado.

- Para quê tanta esganação, *malungo*? Há muito mais nas panelas! Him! Him! Him! - Gracejou Divina, saindo para o terreiro a comer em sua *cuia* também cheia.

O *pardo* comeu até estufar o bucho. Depois, cruzou os braços e ficou a meditar. Quando já quase cochilava, entrou Divina apressada, catou

as cuias, *gamelas* e vasilhas sujas e, do mesmo passo, saiu sem dizer nada. Hilário levantou-se e foi até a porta. O sol estava bem quente fazendo mormaço e o céu tinha um azul temperado de chumbo com grandes nuvens pesadas. Divina, graciosa como uma suçuarana, já descia o morro em meio ao gadozinho manso, indo na direitura da lagoa. O *pardo* saiu sorridente e foi assentar-se sob a faveira frondosa na descaída do morro. Ficou a observar a mulher já na lida lá na beirada da lagoa.

Agachada sobre uma grande pedra na beirada da água, Divina lavou rapidamente as cuias, *gamelas* e colheres de ferro e de pau. Pôs de lado as vasilhas limpas e ficou a observar-se a si mesma no espelho das águas. Levou as mãos à cabeça, soltou as longas tranças e as foi desfazendo devagar. De repente, pressentiu que o *pardo* a estava olhando e seu coração disparou. Sacudiu ao vento a cabeleira *negra*, agora lisa e livre e no mesmo ato viu de rabo de olho que o *pardo* a comia mesmo com os olhos lá do cabeço de morro. Sentiu comichões em todo o corpo e ficou a desembaraçar, como se distraída, os cabelos. De repente, um corisco sibilou e um trovão estrondou. O céu, mostrava o espelho das águas, estava em reboição e se fechava todo de negro. Divina catou rapidamente os *trens* e saiu a correr morro acima.

Hilário, no que Divina fizera menção de levantar-se, voltara correndo para dentro da *cafua*. Foi assentar-se no rabo da fornalha de barro e lá se pôs a fingir-se absorto. Foi Divina acabar de entrar na *cafua*, a chubarada despejou-se ribombando trovões e escurecendo o mundo de repente.

- Cr'em Deus Pai, *sá* Divina! - Exclamou Hilário.

- É só chuva, Luiz - respondeu Divina aticando o fogo e acendendo uma palha, quase a roçar com o corpo as costas de Hilário.

Depois, acendeu a candeia que deixou sobre a tampa do caldeirão na fornalha e foi fechar a porta, encaixando-lhe, um a um, os paus a pique. Feito isto, passou devagar por Hilário e foi se aninhar sobre um pelego no estrado de cama.

- “*Suncê* deita de espora?” - Perguntou o *pardo* meio cismado lá do rabo da fornalha.

- Hum-hum! - pigarreou Divina, virando-se para o canto e revelando as cadeiras redondas nos contornos do saíte apertado.

A chuva continuou a malhar no macio indaiá e a despejar-se em cachoeiras pelas *águas* do *dito*. A candeia tremulava a sombra de Hilário na parede barreada e fazia luzirem as chilenas de Divina, virada para o canto com as pernas dobradas.

O tempo se foi passando. O *pardo* deitou nos braços a cabeça e passou por uma madornazinha. Acordou com um barulho de ferros retinindo e viu no chão, perto do estrado onde dormia Divina, não só as suas esporas e alpercatas, como também o seu chapéu de couro. A noite se fizera em pleno dia e o interior da *cafua* era uma penumbra rosada e balouçante. O coração do *pardo* bateu *gongo* fora de compasso quando a *reinol* virou-se de costas ressonando, a dormir com os cabelos negros desgrenhados a rabiscar-lhe o rosto suado e esfogueado pela trêmula luz da candeia. Hilário achou o fôlego de novo e deitou outra vez a cabeça sobre os braços; ficou a ouvir o seu próprio coração. A chuva continuou a malhar.

Divina abriu os olhos e, vendo Hilário a cochilar lá no rabo da fôrnalha, aproveitou-se para tirar fora os seus calções compridos e ficar só com o saio curto. Levantou-se pé ante pé, passou por Hilário e acendeu mais uma candeia que havia pendente sobre a fôrnalha. Voltou para o estrado de cama e deitou-se com vagar, tendo o coração em *batuque*. Abriu também a cambraia, deixando nuas as raízes e rego dos peitos. Luiz Hilário se mexeu e a *reinol* ressonou, como se dormisse.

Aquilo era demais - pensou Hilário. As pernas alvas, grossas e torneadas de fina e castanha penugem, a sumirem-se sob o grosso saio onde, sem dúvida, deviam ser mais mimosas e macias ainda. Os seios redondos que, certa vez, os vira de todo e molhados.

Em meio a penumbra, agora mais avermelhada, o corpo de Divina parecia feito de luz, ou de um fogo ardente e macio. O *pardo* ficou de pé e Divina parou o fôlego.

- Sá Divina! - Chamou sôfrego.

- Ham? - Respondeu a mulher, como se acordasse. Assustou-se.

Hilário tinha na mão uma comprida *faca-cipó*. Segurou-a pela lâmina e ofereceu o cabo dourado à *dita* mulher.

- "Toma a faca... *suncê* pode me sangrâ dispois... mais, primero, deixa eu tocá *suncê* com minha mão... só uma veis só - implorou.

Divina pegou a faca. Olhou para a lâmina brilhante e a jogou fora, no chão. Depois, levantou seus olhos negros e os cravou fundo dentro dos olhos do *pardo*; sorriu adocicada:

- Não seja bobo... deita - balbuciou com língua de seda, afastando o corpo e dando a Luiz Hilário um pedaço a seu lado no pelego sobre o jirau de cama.

A chuva lá fora continuava a malhar grossa e constante. Os bois mansos pareciam fantasmas parados na chuva em volta da *cafua*, a lamber, de quando em vez, os paus e barro de suas paredes. De repente, ouviram um urro de suçuarana no cio e um rosnado faminto de lobo-guará. Um corisco passeou no céu e um trovão estrondou o mundo. A *dita* suçuarana urrou como se estivesse sendo acuada pelo demônio e o *dito* guará rosnou e uivou como se fosse o próprio demônio. O gado estourou-se no mundo, desabalando-se espavorido pelos campos e charcos, na direitura das beiradas do rio de São Francisco. Mas os rosnados, urros e uivos, num crescendo tão medonho que ao barulho dos próprios raios e trovões abafavam, tomaram conta de tudo e ecoaram ribombando pelos campos, cerrados, montes, lagoas e vales até que a chuva parou e amanheceu um novo dia. Um dia todo azul-claro, feito de ventos suaves e nuvens de algodão.

Nuvens passando; gentes no mato, deitadas ao chão, pro céu olhando, como novatas, na imensidão. Nuvens passando, vão se tornando e ganham formatos; Ah! Que ilusão.



## Capítulo XIV

**A**s nuvens passando são como o dia-a-dia que se nos foge inexorável no vão dos dedos. Aquelas, às vezes chovem e molham o chão avivando o mundo. Aquele, às vezes é doce e marca lembranças que não se vão.

Eva e Laís, vizinhas fronteiras e os seus jardins. Antes que o sol nascesse, se fora a chuva deixando as flores cheias de vida e de muitas cores. Lá vem Vicente Soares com sua bengala a manquitolar, subindo pela rua do Fogo.

- Eia, Laís! - Chamou Eva de seu jardim - Venha também e tomemos chá com vô Vicente!

- Vou chamar Isac - respondeu a vizinha, segurando o seu *bebê* taludozinho de oito meses.

- “Bença, vô” - Pediu Eva.

- “Bençoi, fia... será que chove?”

- Vamos entrar, vô... fiz biscoito de araruta - diz Eva, indo ao encontro do velho e dando-lhe o braço.

Francisco, Sapeca e os moços da escola haviam saído cedo. Foram para o Calhambal tentar a sorte num novo poço descoberto por Orozimbo Bateeiro.

Vicente Soares continua triste e calado. Desce diariamente a Botica e vem quebrar o jejum, ora na casa de Eva, ora na casa de Laís. Traz as suas folhas de chá que sempre pede para esquentar, come um biscoitozinho e depois vai assentar-se na varanda de uma ou outra casa. Ali, conversa um pouco com as *ditas* mulheres, com Isac, ou com os maridos, quando estes estão presentes. Assim que sente cheiro de almoço, levanta-se e vai saindo e não adianta chamá-lo. Só almoça na casa de sua comadre Chica Juá, onde

também receita algumas mesinhas para curar os incômodos de doentes que procuram a *dita* mulher, já que ele mesmo não atende a mais ninguém lá na Botica ou no Povoado.

- “Tô gostano do seu zóio, Evazinha... é macho, o que *suncê* tem na *timba*” - diz o velho atrás da fumaceira do coitezinho de chá.

- É pra julho, não é Evazinha ? - Perguntou Laís, amamentando o *bebê* do outro lado da mesa.

- Se Deus quiser, Laís - responde Eva, notando alguma contrariedade em vô Vicente.

- “Bamo simbora, *camuquengue*” - disse o velho, chamando Isac - “Bamo na casa daquela índia feiticera!” - E levantou-se.

- “Uai, vô... é cedo - atalhou Laís.

O velhinho nada respondeu. Entregou a Isac a sua bengala, pôs na cabeça de *paina* o chapéu de palha e saiu manquitolando com a mão no ombro do pardozinho.

Eva ficou preocupada. Pensou em perguntar ao velho se o seu *bebê* ia ter a boa sorte, mas achou melhor não perguntar. Seguiu o velho até a porta e voltou acariciando a barriga que não tinha ainda muito sinal de prenhez.

Francisco e Sapeca voltaram de tardezinha, pegaram roupas e toalhas e foram se assear no ribeirão. Jantaram na casa de Sapeca e depois, quando o sol já se escondia, resolveram irem todos fazer uma visita a Miguel e Ifigênia.

O gigante *negro*, ao vê-los chegar por entre os bancos e mesas do Povoado, parou no ar o martelo com que trabalhava o ferro em sua bigorna. Devolveu a *peça* à forja, tirou o avental de couro e foi receber os amigos.

- “Padim Chico! sô Antonho! Bamo entrano, gente... Bamo entrano... Figena!” - Gritou o *negro*, chamando sua mulher.

Ifigênia foi saindo na porta ao lado do rancho aberto de ferreiro, mostrando primeiro a sua enorme barriga ressaltada pelo cordão de miçangas que lhe pendia da cintura sobre os rins.

- Nossa Senhora do Bom Parto, *sá* Ifigênia... *suncê* engoliu uma moranga gigante, *sá*? - Gracejou Laís.

- “*Suncê* ainda vai vê é a da Evazinha... Him! Him! Deixa está e chegá a hora!” - Respondeu a *preta* abraçando as amigas.

As mulheres entraram para dentro da *cafua* e os homens ficaram a conversar perto da bigorna. Miguel serviu *coités* de cachaça aos visitantes e Sapeca tirou do bolso um papel. Despejou na goela o *coité* e estendeu o papel sobre o cepo de pau.

- Veja, Miguel... estas partes são de madeira... madeira boa e de lei... aqui, nesse bico e nas juntas é que se precisam de chapas de ferro...

- Hum... - grunhiu Miguel a examinar o desenho - “... É fâci sô Antonho... dô conta de fazê. Se a Angerca Carapina e o *pardo* Hilario fizé a parte deles... nós bamo tê os arado! Se Deus quisé!” - Concluiu alegre.

- E, digo mais - inteirou Sapeca - Divina me disse que já está adestrando alguns bois, fazendo-os arrastar tocos e forquilhas... Amigo Francisco: não faremos mais queimadas que danam as terras; a partir do ano que vem, vamos usar arados em nossas roças! - Vaticinou Sapeca.

- Fico satisfeito, Sapeca... e acho que, sem dúvida, tudo isto se dá graças a mim! ... Afinal, não fui eu quem inventou de dar de presente, ao Cruzeiro, um baixinho chamado Sapeca? - Gracejou o *negro*, derramando nos beijos o *marufo*.

Dona Ana, mãe de Miguel, acendeu o fornozinho feito de cupinzeiro lá na porta da cozinha e não demorou muito apareceram broas de milho assadas e um grande bule de *congonha*. A conversa se animou e caminhou noite adentro, com muitos causos de assombração entremeados de galhofas e muitos risos.

-----  
Manoel Pitomba, o sapateiro, terminara o ano de escola entre os primeiros alunos em boa nota. Isabel Criola, sua noiva, é a melhor aluna das matemáticas e, mesmo após o término deste ano de aulas, continua com suas lições e estudos recomendados pelo professor Antônio Pinto, com o fim de mais se adiantar nas matérias e poder auxiliá-lo nas aulas do ano vindouro.

Pitomba, apesar de mudo, aprende com facilidade a tudo que pode ouvir, já que sua mudez é dada à falta de língua. Isabel muito o ajuda pois, além de entender-lhe os gestos todos, convencionou com o *dito* muitos outros, ampliando-lhe o falar com as mãos.

O ofício de sapateiro, Manoel o aprendera pelo ouvir falar a Januário Sucupira, velho entrevado e um dos maridos de Maria *Fula*. Agora, em gratidão e paga, está ensinando o ofício ao filho do mesmo velho, de nome Agostinho *Fulo*, o qual, por ter sido sempre troncho e aleijado, todos julgavam também abobado. Mas, sabe-se agora, não o é. O Agostinho, não só tem aprendido a contento os misteres do ofício de seu pai, como também já fala tudo com as mãos e se entende bem com seus protetores, Manoel Pitomba e Isabel. É como se se tivesse tornado, aos vinte e oito anos de idade, o filho pequeno dos *ditos* que, na verdade, são bem mais novos de idade e ainda nem se casaram. Estão todos eles por esta semana entretidos com a reforma e acrescentamento de mais um cômodo na casa velha de Laís, onde se pretendem instalar com oficina de sapateiro e selaria e, após o casamento, morar. O *Conselho do povo* e Eva Fernandes em muito os têm incentivado, inclusive mandando vir de *Pitangui* e para breve os ferros e apetrechamentos necessários à prática total do *dito* ofício.

Orozimbo Bateiro tem conseguido com muito trabalho e com bastante sorte encontrar boas pedras no Calhambal. Consoante prometera a Vicente Soares, deixara a vida de *candongueiro* e lascivo. Dedicou-se já há algum tempo, com total exclusividade, a namorar apenasmente as quatro filhas de Maria Conga; uma de cada vez, como recomenda a prudência e a compostura. Talvez, pela pouca experiência de seus agora vinte anos, ainda não pôde se decidir. Primeiramente, namorou Cipriana, a mais nova e de trinta e um anos de idade; depois, foi Teresa, de trinta e três; passou por Joana, de trinta e quatro e, ultimamente, está na dúvida com Rosa, a mais velha, que tem trinta e cinco anos. Muito tem sofrido o Bateiro. Aconselha-se com Francisco e, muito mais, com José Basílio, porém, seu coração ainda não conseguiu decidir-se. Maria Conga lhe deu prazo até janeiro e já, segundo disse, lhe tem preparada uma *mandraca*.

Chica Juá muito teve que pôr emplastos, bálsamo e arnica nas carnes-quebradas, feridas e lanhos que uma certa suçuarana rasgara no corpo do *pardo* Luiz Hilário. A índia ficou encafifada e pensativa acerca de como poderia ser que um *pardo*, sendo atacado pelo bicho, falasse do *dito* bicho com um certo afetamento, como se sentisse saudade ou até vontade de ser de novo atacado. Ou o *pardo* ficara com os miolos moles em razão do aperto por que passara, ou poderia ser aquilo um feitiço ou, então, poderia ser - o que era mais provável - mal-de-amor, concluiu a índia sabida, dispondo-se a visitar Divina Homem. Pegou seu samburá e saiu.

A porta de Divina estava só encostada. Francisca Juá bateu e chamou:

- Sá Divina! Ó de casa!

- Pode vir entrando, dona Chica... a porta está aberta - respondeu a de casa com uma vozinha sumida.

A *cafua* de Divina, limpazinha e muito bem cuidada, tinha somente quarto e cozinha. Da porta, já se lhe via na cozinha a fornalha, sobre a qual se viam pendurados os seus *trens* e panelas muito claros e areados. As paredes da sala eram cheias de arreios, selas e laços pendurados, além de muitas armas de fogo e de aço. Havia uma pequena mesa forrada de renda, rodeada de tamboretas também forradas. Atrás da mesa estava o catre feito de tábuas serradas, sobre o qual se deitava Divina coberta por fina colcha também rendada. A índia se ajoelhou junto à cama para melhor examinar a moça.

- “Uai, sá... *suncê* tá decadente demais!” - Exclamou a velha colocando a mão na testa de Divina. - “Hum... febre, *suncê* num tem ...Hum... que zóio mais roxo, minha fia!” - Disse maliciosa.

- Sá Chica... velha feiticeira... deixe de *candonga* que *suncê* não é boba... e fale logo o que veio falar - atalhou a paciente, afastando bruscamente a mão da curandeira.

- “O *pardo* atacô *suncê*... deitô em cima de *suncê*? Eu vô dá parte pro Fernande... é *perciso*” - disse a velha fechando a cara.

- Deitou sim, velha... mas... fui eu quem o chamou... fui eu quem deixou. Não há nada que dar parte - informou Divina bastante encabulada e corando-se.

- “*Suncê* chamô? *Suncê* deixô! A *mode* que, então, o *pardo* tá todo estropiado e escalavrado?” - Indagou maliciosa a velha.

Divina ficou mais encabulada e corada. Arranjou jeito e conseguiu perguntar sobre o que a estava agonizando:

- E agora... o que vai suceder velha?

- “O *pardo* vai escapá... já curei os machucado” - disse a velha em tom zombeteiro. Arrependeu-se ao ver o semblante da menina assustada e falou maternal: “*Suncê* espera o sangue deste meis, fia!”

- O sangue? Mas, já devia ter vindo! E se não vier?

- “*Suncê* espera mais... agora, se entrá o ano e num vim... aí então, fia... é a *mode* que *suncê* ficô memo com a *timba cheia*” - respondeu a velha indo-se para a cozinha.

Chica acendeu o fogo e pôs água a ferver. Tirou de seu samburá umas folhas e raízes e escaldou uma tisana cheirosa. Encheu um *coité* e levou à paciente.

Ajudou Divina a assentar-se na cama e deu-lhe nas mãos o *coité* a soltar fumaças.

- “Isso é bão... bebe tudo, fia”.

A índia viu que também a moça estava cheia de carnes-quebradas e muitas manchas roxas no pescoço e colo dos peitos. Sorriu, voltou para cozinha, pegou seu samburá e foi saindo. Chegando perto da porta, voltou-se e falou:

- “*Suncê* mum deve mais de muntá em cavalo... Quando convalescê, levanta e vai lá na *cafua* da véia... *perciso* oiá *suncê* mió” - e retirou-se a resmungar.

Descendo pela rua da Direita, a velha passou pela casa de Maria *Fula* e mandou chamar Hilário no portão. O *pardo* levantou-se da cama e saiu capengando. A velha, aos cochichos cuspidos, passou-lhe uma descompostura de *pé-de-orelha* e mandou que fosse ver a Divina e que não se descuidasse da *dita* hora nenhuma.

O tempo foi passando depressa demais e o Natal já se avizinhava. O *Conselho do povo* deliberara dar melhorias à capela, refazendo-lhe a cobertura de indaiá e dando-lhe uma boa caiação.

- “*Suncê* tem de dá um jeito, Hilário... sá Divina não deve de ficá sozinha naquela *cafua*... tem de passá uns tempo com Claudina, lá na casa das mulheres... só até se sentir melhor” - disse Francisco agachado sobre os caibros da capela enquanto tecia e amarrava o indaiá.

- “Chico... cumé que fais? Ela num qué nem me vê... me deu foi outro tiro de *reiúna*... disse que num percisa de home nenhum” - respondeu Hilário, trepado na escada dentro da capela e ajudando a Francisco na reforma do indaiá.

- “O jeito é falá com dona Luzia... *suncê* fala. Vou ajeitar as coisa e... *suncê* fala” - propôs Francisco.

A capelazinha tem o mesmo tamanho do celeiro, porém, tem suas *águas* em ângulo mais pontiagudo e bem aparadas. As paredes de pau-a-pique trançado muito bem barreadas já receberam por fora a nova caiação deixando-as tão brancas que a sua visão em lonjura chega a doer nos olhos. Os alunos adiantados, agora, a estão caiando por dentro e Angélica Carapina lhe está a limpar e alimpar os santos e oratórios.

Anexo à sua nave, tem a *dita* capela um apêndice mais baixo e nos fundos, onde lhe fica a sacristia e a parede aonde se ergue o altar. *Dito* altar tem, sob pálios enfeitados em seu tope, as imagens de São Pedro e São João, os dois oragos do Cruzeiro. Incrustados às paredes laterais, entre os dois óculos de ventilação e luz, tem a *dita* capela, de um lado, o oratório de Nossa Senhora do Rosário, e de outro, o de *São Sebastião*. *Ditas* imagens foram todas elas esculpidas por Crescêncio Carapina o qual, apesar de entrevado, é grande santeiro e imaginário. Os bancos da capela são todos de tábuas bem



lixadas e envernizadas, de forma que a capela, em decência e cômodos para os fiéis, em nada fica a dever a nenhuma outra, mesmo mais rica ou maior.

Vicente Soares, apesar de ter andado, desde a última festa de São João, um pouco macambúzio e afastado, continua em seu perfeito juízo e com saúde, mesmo já tendo completado os seus cem anos de idade. O padre Matuzalém, segundo o próprio Vicente, tem pelo menos os dedos das mãos a mais que ele em anos de idade e, ultimamente, a sua saúde de corpo e juízo tem-se agravado em decrepitude. O *negro*, preocupado com seu amigo, pediu a Isac e a José Basílio que tomem conta da espia no Alto da Botica e desceu de vez para o Cruzeiro, onde tem passado, também a noite, em companhia do velho padre. Este, segundo dizem, tem tido muitas e freqüentes ausências de juízo e, às vezes, não consegue reconhecer nem mesmo as pessoas de seu convívio mais constante, como Leandro *Criolo* e sua mulher Bebiana, a qual, sempre cuidou da cafuazinha do padre, além de dar-lhe o comer e o vestir limpo e passado. Vê Vicente tem lhe dado alguns remédios e *mezinhas* fortes e o povo tem rezado muito, pedindo a Deus a rápida convalescência e boa saúde para o seu velho padre tão querido.

O dia vinte e quatro de dezembro amanheceu chuvoso. Uma chuva finazinha, destas que se não chove duma vez, também não tem jeito de quem vai tão cedo parar. A maioria dos *malungos* preferiu ficar em casa e deixar o dia passar. As *cafuas* fumegaram o dia inteiro pelas gretas dos indaiás esparramando fumaças e cheiros de guloseimas com rapadura, amendoim e gergelim bem torrados, além de broas e biscoitos feitos de mandioca, milho e araruta. Quando foi de tardezinha, as *pretas* de Claudina Canguçu enfeitaram a casa de escola com bandeirazinhas de papel e tufos coloridos de algodão. Natividade *Mazomba* e Rita Praxedes cuidaram de enfeitar a capela com toalhas bordadas e muitas flores, além dos paramentos novos que coseram e bordaram a ouro para alegrar o altar e ao velho padre que, segundo Vicente Soares, já estava quase bom e reconhecendo bem as pessoas.

A noite foi caindo rapidamente e o povo rechaçou a escuridão pendurando candeias com muito azeite nos portais de suas *cafuas*. As crianças adormeceram e o silêncio só era quebrado de quando em vez pelo resmungar frio e fino de uma viola, choroso como a chuvazinha que, lá fora, não parava. Pouco antes da meia noite o sinozinho repicou chamando todos para a missa do galo. O povo foi saindo pelas ruas como formigas em correição, encarapuçadas em panos, couros e carapuças de lã, na direitura da capelazinha.

À entrada da capela, atrás da porta, ardia a candeia de azeite iluminando o presepiozinho construído por Crescêncio Carapina e armado por Natividade e Rita Praxedes. O padre Matuzalém, mesmo de paramentos novos e vistosos, parecia triste e cansado e, de costas, celebrava a sua missa recitando baixinho as orações a que o povo só respondia por ouvir o sacristão Vicente Soares a fazê-lo. Chegou a hora do sermão. O velho padre virou-se de frente para o povo e sorriu como que iluminado. Mandou que o sacristão se assentasse junto a Leandro *Criolo* no primeiro banco e iniciou a pregação:

- “Meus irmãozinhos; *malungos* do meu coração - disse o velho padre com uma voz cristalina e forte, como nunca falara.

“Quis Deus que em meus últimos dias eu fosse acolhido pela gente mais boa que pude conhecer em toda a minha vida; em nome deste mesmo Deus, tive a honra de ter celebrado os casamentos de muitos *malungos*; tive o privilégio de tornar filhos de Deus, batizando e crismando não só aos seus filhos como também aos filhos de seus amigos e vizinhos a quem os poderosos do reino, para justificar os seus crimes, insistem em chamar pelo nome de *calhambolas*;

“Meus queridos *malungos*, este velho padre que os casou, batizou, crismou, confessou-os e deu-lhes a Santa Comunhão pensava, até hoje, que era em padre excomungado! Estejam tranquilos, hoje tenho a certeza de que não o sou! Os maus não têm poder contra a verdade, assim como não o têm contra Deus!

“Disseram-me eles, certo dia: não profetizeis e nem profirais palavras de opróbrio contra a Igreja e contra o Reino de Portugal e El-Rei. Amo a verdade e não os pude obedecer! Amaldiçoaram-me, excomungando-me como padre! Mas, estarei mesmo amaldiçoado? Ou, o estarão sim, a *dita* Igreja e o *dito* Reino? O Senhor, que profere tantas palavras cheias de bondade para com os simples e pobres - a quem sempre defendi - amaldiçoaria a mim? E, aos poderosos - que os espoliam, roubam e matam - não? A estes, abençoaria? Dar-lhes-ia, ao invés disto, o poder para amaldiçoar injustamente?

“A maldição maior é a maldade e ambição desmedidas que têm tomado o coração dos poderosos. Tenho um mau pressentimento: por razão de tanta maldade e ambição, mais um crime se praticará nesta terra; a gente mais boa e justa que conheci, que poderia ser a semente mais vigorosa do bem e da justiça nesta terra, será arrebatada pela violência que lhe roubará a terra e escravizará de novo os seus filhos!

“Ó meu Deus, ai de mim! Porque não poderei roubar aos corvos o resto da colheita iníqua! Não poderei, mais uma vez, evitar o mal, porquanto... a mi...nha... hora...

O padre cambaleia. Vicente Soares e Leandro acorrem a ampará-lo. Assentam-no em sua cadeira de cerimônia, ao lado do altar. O povo está mudo e incrédulo do que vê. O velho Vicente e Leandro ajeitam o padre em sua cadeira, apoiando-o e mantendo-o com o corpo ereto e com as mãos estendidas sobre o colo, com a cabeça baixa, como se orasse ou descansasse num intervalo de missa, do jeito que fazia sempre. De repente, um ventozinho frio invadiu a capela - que tinha a porta fechada - fustigando as chamas das candeias e velas. Vicente Soares sente um arrepio a percorrer-lhe o corpo, ao ver Leandro *Criolo* abandonar o padre em suas mãos e aprumar-se com estranho brilho nos olhos.

O *negro* se posta no mesmo lugar onde estava o padre a pregar e dá seguimento ao sermão, como se fosse ele o próprio padre e tivesse a sua voz e palavras:

“Por amor a Deus e a justiça não me calarei! Por amor a esta Terra do Cruzeiro não descansarei até que a justiça brilhe como uma aurora em seus horizontes!

O padre, em sua cadeira, continuava a descansar apoiado por Vicente Soares. O povo estava boquiaberto. Leandro continuou a pregação:

“Ouvi isto, Príncipes da Igreja e *ditos* da Monarquia Portuguesa, vós, que aborreceis a justiça e que torceis tudo o que é reto! Que alimentais Roma com o sangue e que reedificais Lisboa com o esbulho e com o crime! Os seus chefes dão sentença por presente e os roubam todos os dias; os seus sacerdotes só ensinam mediante altos salários e os seus bispos vaticinam por dinheiro! Depois, assim como vós, justificam-se dizendo: não está o Senhor no meio de nós? Ah! Então, a desgraça não nos atingirá nunca!

“Ai dos que têm nas mãos o poder terreno, dos ricos maus e mesmo dos pobres que, à custa da vergonha, se tornaram ricos e que, agora, deitados em seus leitos, plantam a iniquidade e maquinam o mal dos pobres, cobiçando suas terras e casas, sonhando com o humilhá-los ainda mais e com o roubar-lhes os filhos e as mulheres para estuprá-las e fazê-los escravos outra vez! Ai dos que traem a sua própria raça! Ouvi-me ó falsos sovas que, por terem vendido em África os seus próprios irmãos, acabaram por se tornar também escravos! Ouvi-me também ó malditos, vós, que por dinheiro vos alugais como *capitães-do-mato* para fazer caça aos vossos próprios irmãos!

“Acaso iria Deus sustentar a casa dos ladrões e assassinos, conservando-lhes os tesouros roubados e sujos de sangue?

“Portugal, Reino Maldito! Já que oprimistes os pobres, exigindo injuriosos tributos que lhes arrancais das próprias carnes e entranhas, não haveis de ficar com um só vintém desse tesouro cruento! Antes, este ouro e pedras servirão à vossa própria ruína, eis que fortalecerá aquele reino corrupto que da mesma forma vos haverá de sugar até o último *grão* e última gota de sangue! Depois, o que sobrar a Lisboa, se haverá de entregar à espada e ao saque! As vossas mulheres e filhas serão desonradas e os vossos filhos mais valentes serão passados a fio de espada! Vossos covardes! Estes, continuarão a viver e haverão de vir procurar refúgio nestas Terras do Cruzeiro! Encontrá-lo-ão, e aqui haverão de ficar por algum tempo! Mas haverão, um dia, de voltar para a vossa terra arruinada! Ah! Portugal! Só haveis de conseguir a paz no dia em que vos livrardes de vossa perniciosa Casa Real! Mas, antes disso, a Terra do Cruzeiro haverá de estar livre de vós!

Francisco, sentindo que algo de estranho está a acontecer, levanta-se, seguido pelo Dr. Fernandes, e se encaminha pelo corredor entre os bancos, na direita do altar. Ao vê-lo, o *negro* Leandro, transtornado, aponta-lhe o dedo e vitupera:

“Quem sois vós, que vindes dos infernos e caminhais entre os mortos? Quem sois vós, que tendes as vestes tingidas de vermelho? Sois o que lutará pela justiça! Sereis o vingador dos pobres! Mas, advirto-vos; não desanimeis se tiverdes de pisar sozinho o lagar! Haveis de vos espantar por não haver ninguém que vos queira auxiliar em vossa vingança! Mas, nossas sombras vivas e mortas voltarão e vos darão apoio! Então, o vosso braço vingar-nos-á! O nosso furor será a vossa força e o vosso apoio! Esmagareis os traidores com a vossa ira e com o nosso furor e fareis correr sangue nesta terra!”

- “Cumpade Liando!” - Grita Francisco, atracando-se com o *dito*.

Leandro desfalece nos braços do amigo. Francisco e o Dr. Fernandes o levam a assentar-se no primeiro banco. O *negro* amolece ainda mais o seu corpo. Francisco pede a alguns *malungos* que desocupem o lugar e deita no banco o seu amigo e compadre.

Fernandes deixa Leandro e vai até o padre que, escorado por Vicente Soares, permanece ainda sentado e impassível com as mãos estendidas no colo. Põe a mão sobre a testa do sacerdote e o sente já um pouco frio. Olha para Vicente Soares e este, chorando em silêncio, sacode afirmativamente a cabeça. Devia ser, a esta altura, um pouco mais de uma hora da madrugada. Um galo cantou dum jeito esquisito.

- Meus queridos *malungos*; o nosso padre se foi! - Avisou o Dr. Fernandes, em voz alta e com os olhos rasos d'água. - Podem vir para tomar-lhe a bênção e dizer adeus!

O galo cantou outra vez. Vicente Soares, vendo o povozinho tristonho e desnorteado, cantou:

- “*Purro! acoetá! cavéia!*”

E, o povozinho respondeu...

- “Galo cantou, olê-rê; Cristo nasceu;

Dia amanheceu, galo já cantou!

Cacariacô, Cristo nasceu! Toma galo!

Dia amanheceu, toma galo!

Cristo levantou, toma galo!

Galo já cantou; toma galo!

Cristo no céu; toma galo!”

... e se foi aproximando ordeiro e em fila para beijar as mãos do padre e pedir-lhe a última bênção.

O galo não mais cantou. O dia amanheceu cinzento e frio. O *malungo* Leandro recobrou os sentidos e fora levado para casa pelos filhos Marçal e Feliciano. Chica Juá, a mando de Vicente Soares, fora junto e aplicara a Leandro e a sua mulher Bebiana uma tisana escaldada fazendo-os se acalmar e dormir.

Fernandes mandou buscar a mesa de sua casa e a instalou na capela, em frente ao altar. Sobre a *dita* depositou o corpo do velho amigo e sacerdote. Enquanto isto, na casa de escola, Luiz Hilário e sua irmã Angélica serraram, aplainaram as tábuas fabricando com muita tristeza um caixão decente para o velho padre.

*Dito* padre, certa feita, bem humorado como sempre, pedira ao Dr. Fernandes que, quando morresse, não queria ser enterrado, como é o costume, dentro da capela, pois sentia muito frio. Queria sim, ser o primeiro *malungo* a morar no Campo Santo do Cruzeiro. Pelo menos - galhofava o velho - vou ser o primeiro em alguma coisa e não dependerei mais da Santa Madre Igreja. Assim se fez. Os *malungos* atravessaram o ribeirão carregando-o em seu caixão feito de madeiras cheirosas e, antes que o sol se deitasse naquela tarde, depositaram-no naquele campo, plantando-o na primeira cova que ali se abriu, em frente à pequena cruz onde plantaram muitas rosas.

Fora o Natal mais triste por que o Cruzeiro já passara. O *malungo* Leandro ficou acamado por uns três dias. Quando acordou, disse que de nada se lembrava e sua cabeça era um vazio. Se alguém insistia em que houvera

terminado o sermão pelo padre e que ofendera com palavras a seu compadre Francisco, o *negro* dizia que estavam mangando dele e ficava enraivecido. Francisco e o Dr. Fernandes pediram junto ao *Conselho do povo* que tais fatos fossem esquecidos e que se não tocasse mais no assunto.

Uma alegria que poderia ter sido tão grande, como é uma festa de Natal, acabou virando tristeza sem fundo. E tudo aconteceu tão repentino que pareceria ter sido um sonho, se não estivesse, hoje, a cafuazinha do padre vazia e não se visse do outro lado do ribeirão a sua catacumba coberta de flores.

Quando foi no dia de *ano-bom*, de tardezinha, chegou ao Povoado Argemiro *Cabra*, *malungo* do *Quilombo da Pernaíba*. Estava vindo de *Pitangui*, onde estivera inclusive na venda de Josefa da Cruz. Passara pelo Cruzeiro para entregar as ferramentas e apetrechamentos de sapateiro encomendados pelo *Conselho do povo* para o *malungo* Manoel Pitomba. O *preto*, seu cavalo e suas mulas estavam que era barro puro, pois os caminhos a esta época são cheios de atoleiros e rios cheios. Após ter-se aseado no ribeirão, Argemiro foi com Francisco à casa de Dr. Fernandes para falarem sobre Josefa.

- Ela, agora, está a residir em casas de uma *mulata* que tem moças de tolerância dentro de *Pitangui*; não mora mais na venda - informou Argemiro *Cabra*.

- Não mora mais na venda? Mas... então quem está a tocar a *dita* venda? - Preocupa-se Fernandes Preto.

Argemiro olha para Francisco. O *negro* tira uma carta do bolso e a entrega já aberta ao *dito* Fernandes. Fernandes pega o papel e o lê desinsofrido:

“*Pitangui*, a 6 de dezembro de 1757.

Caríssimos amigos Francisco Adão ou Fernandes Preto, *louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!*

Prostrada aos pés de vossas senhorias, com a mais profunda humilhação e com as faces no chão, lanço-me a implorar-lhes a ajuda e a caridade. Eis a minha desdita:

Após ter-lhes comprado o *negro* por nome José, de nação *mina* ou daomé, segui o meu desventurado coração e resolvi *alforriar* o *dito* José com o fim de tomar com ele o estado de matrimônio.

Ó infelicidade, a minha! Desde o casamento que o tornou meeiro em meus bens, o *dito* José se inclinou para uma escrava - que já é bem conhecida de vossas senhorias - de nome Maria Branquela, a qual, por vias além, comprou à sua senhora e a levou para dentro de minha casa. A partir de então, o *dito* José, sem nenhuma gratidão a mim ou temor a Deus, não só se amancebou com a *dita* Maria Branquela, como passou a tratar-me com contínuas sevícias e a induzir a sua amásia a ameaçar-me de morte, caso não me retirasse de minha casa e venda.

Receosa e como mulher frágil, retirei-me para casa honrada de uma senhora da amizade de meu falecido marido. Pedi ao advogado, Dr. Manoel Ferreira da Silva que por mim intercedesse pedindo a prisão do *dito* José *Mina* junto ao juiz e ao sargento-mor. *Ditas* autoridades, no entanto, por ser José *Mina*, agora, muito favorecido do sargento-mor, indeferiram o meu pedido,



alegando que a mulher deve ao marido obediência e ainda ameaçaram-me com a prisão.

Ó Deus, sou uma viúva *preta* e pobre. A ninguém mais posso recorrer e apelar a não ser aos meus amigos que, a esta altura, são os únicos que - queira Deus - ainda me restam. Deus guarde vossas mercês. Espero-os rezando.

As.: Josefa da Cruz.”

- Parece que vô Vicente não estava de todo sem razão sobre o José *Mina* - comenta Francisco.

Fernandes engole em seco e indaga desinsofrido:

- O que faremos, meu filho? Temos muito ouro e pedras nas mãos de Josefa...

- Vou partir o mais rápido possível, padrinho. É só o tempo de me informar com Argemiro sobre os caminhos... de arranjar um companheiro que possa me acompanhar. Será uma viagem de muito perigo - comenta Francisco.

Veio a noite e o pânico tomou conta do povoado. A morte do padre Matuzalém e as estranhas palavras de Leandro haviam afligido a todos com maus presságios e pressentimentos. Orozimbo e José Basílio se ofereceram para a viagem, mas Francisco os dispensou; ao primeiro, por ser demais conhecido e procurado no *Pitangui* e, ao segundo, por ser ainda muito moço, apesar de letrado e valente.

Luiz Hilário, desgostoso com as repulsas de Divina que nem o quer mais ver, exigiu que Francisco o aceitasse na viagem de onde, se pudesse, não queria mais voltar.

-----  
As segundas-feiras não são de todo boas e indicadas para se iniciar uma viagem ou negócio, mas a urgência obrigou a partida. O caminho apontado pelo *malungo* Argemiro, indicava a travessia do rio do Lambari na altura da *perdição* do *dito* do Diamante e o rumo leste, até encontrar terras mais altas e descampadas entre o mesmo Lambari e do Pará. Dificuldades, só as haveria quando fossem atravessar os charcos da Boa Vista e *Conceição* e depois o rio Pará, já próximos de *Pitangui*.

Francisco e Hilário não levaram mais cargas que os arreios, armas e dois farnéis de *farinha de guerra*. A chuva caiu sem parar e os caminhos, às vezes, viravam atoleiros sem fim. O sofrimento foi grande, mas a viagem durou pouco menos de dez dias, pois o caminho foi bem mais curto que qualquer outro.

-----  
Em onze de janeiro, quarta-feira, por volta das onze horas da manhã, dois cavaleiros subiram pela rua de Baixo e foram apear de seus cavalos em frente às três casinhas emparelhadas num beco da *dita* rua. Foi chamarem pelos de casa e apareceu-lhes a *preta* Josefa que veio-lhes ao encontro chorando alto. Francisco abraçou a amiga.

- Calma, *nega*... sossega - disse o *negro*, cumprimentado com a cabeça a dona da casa que apareceu na porta.

- Vamos entrando, gente - convidou a hospedeira de Josefa.

Uma vez dentro de casa, a mulher de nome Eusérnia mandou que um *moleque* fosse desarrear e guardar os cavalos. Mandou vir *gamelas* d'água para que os *chegantes* se asseassem. Depois, uma escrava da *dita* serviu-lhes um almoçozinho requentado. Josefa se mantinha calada em seu *banzo*, como lhe é comum quando se contraria e sente pena, mesmo que seja de si mesma. Eusérnia, ex-senhora de Josefa e amiga da época em que era *preta de ganho*, cuidou de relatar a Francisco o estado das coisas e procedimentos de José *Mina*.

- Josefa deu-lhe *alforria* e boa-vida... Em paga, o *negro* lhe deu a ingratidão, pancadas... Agora, ameaça matá-la - disse a *mulata* trincando os dentes.

- E as moças de Josefa? Luzia *Parda* e Esperança Criola, suas escravas... Rita Africana e Marta *Benguela*, as pretras *de ganho* que cuidam das *cafua*s de pernoite...

- Coitadas! - Exclamou Eusérnia. - Luzia já foi para o *tronco* umas três vezes. As outras obedecem a tudo o que lhes manda o novo senhor. José *Mina* comprou um *negro* sem língua, a que chamam Antonio Carijó... *negro* mau! Da última vez, foi o *dito* quem deu em Josefa umas lambadas de *bacalhau*...

- Deixa estar - disse Francisco. Hoje mesmo José *Mina* haverá de acertar as contas comigo - não disse, pensou.

Francisco sabia que a questão era delicada. Sob a luz do direito, o advogado não podia mesmo fazer nada pois o "*Jus corrigendi*" do marido sobre a mulher é um estatuto quase que ilimitado. Além disto, as autoridades de *Pitangui* só se interessavam pelo que lhes trouxesse vantagem e José *Mina* era esperto neste sentido.

A chuva lá fora foi rareando e parou. Nuvens baixas lambiam as lombas dos morros em volta de *Pitangui*. Francisco expôs o plano do que pretendia fazer. Eusérnia achou que daria certo, apesar de arriscado, e animou Josefa a aprumar o corpo.

-----

O rancho em frente à venda, então, abrigava uma tropa de oito ou nove *pretos*, *surrões*, *canastras*, cabaças, couros e panos. Um *pardo* tocava viola em volta de um fogozinho e os outros *pretos* conversavam. Quando o lusco-fusco da tarde mostrava que a noite já vinha, foram chegando dois *pretos* a pé. Um, *pardo* e bem vestido, trazendo um rolo de panos debaixo do braço, parecia ser o senhor do outro. Este, um *negro* de boa estatura, vestindo uns trapos encardidos e carregando na mão um caldeirão de tripé e, na cabeça, uma tigela de pau. Pediram licença aos outros e se instalaram numa banda do rancho, justamente por onde se entra no *dito*, num vão livre e sem travessões. Cataram uns gravetos e cisco e acenderam um fogozinho debaixo do caldeirão, onde puseram feijão a cozinhar. A venda estava com sua porta e janela abertas e esfogueadas pelas candeias já acesas. Um *negro* grande e grosso de corpo saiu da venda com um *bacalhau* na mão e adentrou a *cafua* de ferreiro. Ouviu-se um tropel e o *negro* saiu da *cafua* e se plantou na frente da venda.

Josefa e Eusérnia pararam os cavalos e o *negro* forte as ajudou a desmontar. Entraram para dentro da venda e o *dito negro* ficou plantado na porta.

- *Negro* estúpido! - Gritou o *pardo* bem vestido. - “*Suncê* derramô o feijão todo! Eu vô esfolá *suncê* coisa ruim!”

O *negro* esfarrapado saiu correndo na direção da venda e o *pardo* catou um bom porrete e saiu no seu encalço. Embocaram porta adentro e o *negro* grosso de corpo os seguiu dando risada.

Foi o *negro*, o tal Antonho Carijó, entrar pela porta e levar uma porretada na moleira. Amontoou no chão. O *pardo* bem vestido, que era Luiz Hilário, sorriu e puxou o *negro* mais para dentro, fechando a porta. José *Mina* estava sentado à mesa juntamente com Josefa e Eusérnia. Ao reconhecer Francisco Adão, seu semblante de arrogância transmutou-se para olhos arregalados e muito medo. Hilário adentrou a cozinha e saiu arrastando Maria Branquela, seguido por Luzia *Parda*.

Francisco tirou o trapo de camisa e caminhou na direitura de José *Mina*. O *negro* tremeu-se todo. Francisco ajuntou-o pela gola da casaca e espipocou-lhe uma tapa na tábua da cara. O *negro* de sangue real caiu de joelhos a implorar:

- “*Baba mia!* Tem misericórdia de *omindes!* Num mata esse pobre *negro!*”

- Vamos para o porão... *suncê* faz barulho demais, *negro* - disse Francisco friamente.

Josefa catou Maria Branquela pelos cabelos e tomou a frente, rumo ao seu quarto por onde se desce ao porão. Hilário amarrou o *negro* amontoado e o arrastou no mesmo rumo.

José *Mina*, no porão, foi amarrado a um esteio. Urrou e mijou nos calções, implorando piedade à *preta* Josefa.

- “*Jusefa!* Por Nossa Senhora do Rusaro e *São Sebastião*, os santo de devoção de *suncê!* *Omindes* gosta munto de *suncê*, pretazinha! A *cariboca* me tentô! Num dixa *omindes* morrê!”

- Coisa ruim! Agora, *suncê* gosta de mim! - Respondeu Josefa, gratificada e vingada, mas com olhos de perdão.

- Cala a boca, *negro*, ou corto-lhe a língua! Vou *dumbu suncê!* - Gritou Francisco. - Josefa, *suncê* agora precisa contar o ouro e pedras... vamos ver em quanto este *sumbanga* desfalcou-lhe o patrimônio...

- “Só dei um ourozinho pro juiz e pro sargento, *baba mia* “ - explicou José *Mina*.

- Ah! *Negro!* Se não restar pelo menos o que pertence ao povo do Cruzeiro... vou picá-lo em muitos pedaços - ameaçou Francisco, espipocando mais uma tapa na cara de José *Mina*.

Ficaram os três comparsas bem amarrados no porão. Luzia *Parda* não cabia em si de tanta alegria. Muito abraçou a Francisco e chorou copiosamente nos ombros de Josefa. Foram para o salão da venda.

Josefa abriu suas *canastras* e passou a conferir o ouro e as pedras. Ao final, fez uma cara muito triste e mandou que Luzia servisse a janta.

- E então, *nega?* O desfalque é grande? - Indagou Francisco.

- Sim... muito grande. Entre ouro e pedras, só há novecentas e quarenta e cinco oitavas e uns poucos grãos. Havia mais de mil e quinhentas e, destas, segundo o livro, oitocentas e noventa pertencem ao Cruzeiro... estou quebrada!

Francisco levantou-se irritado.

- Vou sangrar o *negro*.

- Não! Pelo amor de Deus, não! Eu tenho ainda muito estoque de bens e fazendas! Vou me recuperar! - Atalhou Josefa desesperada a segurar Francisco pelo braço.

- O que? *Suncê* não se emendou? *Suncê* não tem vergonha Josefa? - Redargüiu Francisco boquiaberto.

- José *Mina* não é mau... Maria Branquela é que é... *suncê* não me deixou castigá-la da outra vez, lembra-se? - Insistiu Josefa com a cara cheia de lágrimas.

- Mas né possível, Josefa! - Exclamou Eusérnia, também irritada. - Depois de tudo que o *negro* lhe fez!

- Francisco - clamou Josefa - eu preciso do José *Mina*; não posso mais viver sem esse *negro*! Confia em mim... eu sei o que estou a fazer!

Hilário sentiu pena de Josefa, talvez por se lembrar de Divina, e a ajudou:

- “Esse *negro* é memo um *sumbanga*, Francisco... além disto, eu vou ficar por aqui... posso controlá ele. *Suncê* devia de pensá mió”.

Francisco voltou a se assentar. Pensou, pensou e pensou.

Quem está na venda de Josefa sempre vê as coisas de um jeito diferente. A chuva, lá fora, voltara a cair. Josefa recolheu-se ao seu quarto juntamente com Luzia *Parda* e a amiga Eusérnia. Francisco e Luiz Hilário estiraram-se sobre umas *canastras* forradas de couro e dormiram por ali mesmo.

Quando o dia amanheceu, Eusérnia veio toda sorridente a trazer-lhes um *quebra-jejum*. As chuvas se tinham ido embora.

- Sô Francisco, não há de ver que Josefa deu trabalho a noite inteira! Queria, porque queria, ir desamarrar o José *Mina*... levar-lhe um cobertor e *jacuba*... Já viu, só! Luzia e eu tivemos que segurá-la! Ah! Ah! Ah!

Francisco espreguiçou o corpo e disse a Hilário:

- Busca o *negro* José *Mina*.

- Melhor levar-lhe uns calções, pois está todo cagado - debochou a *mulata* Eusérnia.

Josefa se apressou em pegar umas roupas para o *dito* e desceu ao porão junto com Hilário. Daí, *com pouco*, subiram com o José *Mina*. Foi ver Francisco e se pôs a tremer.

- *Negro* - disse Francisco a fuzilá-lo com os olhos - “*suncê* vai escapá com vida, praga ruim...”

O *negro* nada disse. Jogou-se ao chão e se pôs a beijar os pés de Francisco com os olhos cheios de lágrimas. Francisco o empurrou para uma banda e mostrou-lhe um papel em branco. Luzia *Parda* chegou, a trazer-lhe a pena e o tinteiro que havia pedido. Francisco pôs-se a escrever rapidamente. Ao final, soprou a tinta e olhou para José *Mina*.

- Isto é uma carta, *negro*... É para o alferes Antônio Pedro, o do Tamanduá... lembra-se dele?

- “Pelo amor do Divino Isprito Santo, *baba mia!* Num dá nutiça de *omindes* pro home, não! Ele vai vim me matá!” - Implorou.

- É, José *Mina*... a mulher dele... a que teve o filho *preto*, ele já matou. Se o Dr. Fernandes não tivesse tido pena de *suncê*... e comprado *suncê, negro*, antes que a mulher parisse... *suncê*, hoje, não tinha mais os bagos! Mas, não sabe ter gratidão a ninguém...

- Esta carta - advertiu Francisco a dobrar o papel - vai ficar com uma pessoa de *Pitangui*... se *suncê* voltar a relar a mão em Josefa, esta *dita* pessoa haverá de fazer chegar esta carta às mãos do Alferes Antônio Pedro...

José *Mina*, fingindo-se de menino assustado, limitou-se a sacudir muito sim com a cabeça. Francisco encarou-o no fundo dos olhos, dobrou a carta e guardou no próprio bolso.

Pegou, então, um outro papel em branco e passou a redigir um outro documento. Terminada a escrita, leu-a para si e ordenou a José *Mina*:

- Ponha aqui o seu “x”, *negro sumbanga!*

- *In-sim* - atendeu o *negro*, obediente.

Francisco colheu também a assinatura de Josefa. Depois, por testemunha, pediu também a de Luiz Hilário. Sorriu; chamou Eusérnia. Dobrou o papel, colocou-o na palma da mão da mulher e fez com que fechasse de novo a *dita* mão.

- Sá Eusérnia; procure o escrivão Manoel Pereira e faça registro deste documento... *suncê* acaba de ganhar uma escrava... A *cariboca* Maria... ela, agora, é sua propriedade; pode levá-la!

- Mas, n'ê possível! Mas, isto é um *trem* bom demais da conta, uai! A *cariboca* vai pagar todos os pecados em minhas mãos! Ah! Ah! Ah! - Festejou a *mulata*.

Francisco e Hilário pegaram toalhas e desceram para se assearem no ribeirão da Venda. O *negro* aproveitou para dar a Hilário todas as instruções sobre as coisas a serem observadas na venda e entregou-lhe a carta a ser endereçada ao ex-senhor de José *Mina*, a qual, deveria ficar sob a guarda de Eusérnia.

O tempo se tinha firmado e o sol nasceu vigoroso. Quando as *sombras* eram ainda bem compridas *ao poente*, Francisco ganhou a estrada, na direitura do rio Pará. Foi pensando nas coisas. Talvez devesse ter sangrado o *negro mina*. O Dr. Fernandes, naturalmente, seria contra; mas, o vô Vicente, por certo, iria ficar satisfeito.



## Capítulo XV

**D**ias de chuva se fizeram estes últimos dez, alternando-se em dia-sim e dia-não. O dia vinte e três de janeiro foi uma segunda-feira dia-não. Francisco atravessou o rio do Lambari junto com os primeiros raios de sol. Foi marchando lentamente, muito cansado e com fome, mas não quis fazer mais parada. Quando ganhou a paragem da Chapada, o sol deitou-se atrás de nuvens sombrias ao poente, deixando o mundo esfumaçado e triste. O verde se foi escurecendo e a noite caiu à traição. Ao longe, sobre um suceder de muitos cabeços de morros, acendeu-se uma luzinha muita fraca. O cavalo continuou rédeas soltas, lentamente e no mesmo rumo.

A noite era um grande breu esfumaçado; sem nenhuma estrela e sem lua. A luz sobre os cabeços dos morros, a cada passo se fazia mais perto, como se ela também andasse na direção do cavaleiro.

Um ventozinho fino e rasteiro começou a soprar fazendo chiar as pontas do capim e das folhas de mato. A luz parecia cada vez maior e mais perto. Seria uma fogueira - pensou Francisco. Mas, não. O fogo tinha muito pouca vida e movimento. E o cavalo, lentamente, lá vai, lá vai, morro abaixo, morro acima até que, pelo menos quanto a seu local, a luz deu melhor definição. Estava sobre o morro mais alto de todos, chamado o Morro da Chapada. De quando em vez, dava a impressão de haver na frente ou no meio da luz o vulto de uma pessoa... talvez, de uma mulher.

Francisco pensou em usar a espingarda; mas, não. Estava muito curioso e queria ver de perto a dita luz. Seria uma alma penada? Só se fosse deste mundo - respondeu-se a si mesmo. À subida do dito morro, sumiram-se as fracas chamadas da luz, ficando-lhe só o clarão a reluzir morro acima. Francisco desceu do cavalo e bateu-lhe levemente com a espada na traseira para que, no mesmo passo lento, fosse seguindo em frente. Saiu correndo

para fora do caminho, tomando a banda do morro, onde a passagem era livre de outros matos, a não ser gramas e uns poucos carrasquinhos.

Em meio à escuridão se foi Francisco pelas beiradas do morro, guiando-se pelo clarão que subia ao céu do tope encoberto do morro. Ganhou rastejando o tope do morro, esperando surpreender a retaguarda da luz, ou seja lá que diabo fosse. Arrepiou-se todo. O seu cavalo estava parado perto de uma roda de fogo brotada do chão limpo e capinado naquele cabeço de morro. O *negro* aprumou o corpo, sacou a espada e caminhou na direitura do fogo. Quanto mais perto chegava, mais tinha a impressão de que havia alguém sentado no meio do círculo de fogo. Tinha as costas estreitas e brancas... e nuas! Cabelos negros compridos... esvoaçantes ao vento!

- Sá Divina! O que vem a ser isto! - Gritou Francisco com a voz meio embargada.

- Francisco! Francisco! - Gritou a moça, levantando-se toda nua em meio ao círculo de candeias esparramadas pelo chão.

Francisco sentiu em Divina muita estranheza. Além de completamente pelada, falava com uma vozinha fina e infantil. Tirou o *negro* a casaca e correu-lhe ao encontro. Pisou sobre algumas candeias, cobriu-lhe o corpo com a casaca e a abraçou.

- O que foi, filha? O que *suncê* está a fazer aqui?

- Hilário... o meu Hilário; espero-o voltar! Ele gosta de ver o meu corpo... despi-me para que ele me possa ver! Onde está o meu Hilário? - Gritou a moça a chorar.

Divina enfraqueceu a cabeça - pensou Francisco. O *negro* sentiu um peso no peito e um estrebuchar no gogó. Queria muito bem àquela *reinol*, com a qual fizera tantas viagens, em que tantas contendas e perigos venceram juntos. Divina era diferente de outras mulheres: letrada, valente como uma onça e hábil como poucos homens no manejo das armas de aço e de fogo. Agora estava ali, nua daquele jeito e a dizer coisas sem cabimento. Não devia ter aceitado a companhia de Hilário e tão-pouco tê-lo deixado longe, no *Pitangui* - pensou o *negro*. A lágrima pingou e Francisco pôde falar:

- Hilário não veio, filha... Ele ficou em *Pitangui*. Mas, mandou dizer... que, *suncê* é o seu único pensar e bem-querer! Ele haverá de voltar em breve, viu filha! Pode ficar sossegada... ele haverá de voltar para *suncê*...

O baio relinchou dentro da noite e a égua de Divina que pastava ali por perto respondeu no morro abaixo e veio trotando morro acima. As roupas da moça estavam presas aos arreios. Francisco lhas entregou e apagou todas as candeias. Divina se vestiu calada. Montou em sua égua e seguiu na frente, rumo ao Cruzeiro. O mundo era um oco, sem nenhum barulho ou luz.

A brevidade do homem, diria o Dr. Fernandes, é bem relativa ao infinito do tempo, ou a Deus. Talvez, uma flor ou uma mosca não se apercebam do crescimento dos homens exatamente por terem uma vidazinha infinitamente mais curta. Ao primeiro sábado de fevereiro, a reunião do *Conselho do povo* se iniciou por volta das três horas da tarde. O vereador Antônio Pinto Sapeca, eleito em lugar do falecido padre, que Deus o tenha, disse que tinha muitas propostas e idéias, pediu a palavra e falou:

- Senhores, tenho a lhes apresentar umas idéias, as quais se podem chamar de Providências Gerais de Melhoria, as quais idéias, a bem da verdade não são minhas, mas, fruto de estudos conjuntos feitos pelos nossos melhores alunos adiantados, quais sejam: Clemente Zimbabo, Joaquim Quirumbo, Alexandre *Criolo*, Isabel Criola, Pedro *Angola*, Manoel Pitomba e Domingos *Cabra*. O senhor Tancredo Velho e Miguel *Angola*, assim como eu, ajudaram um pouco com conhecimentos mais práticos de vida.

“Primeiramente, para tudo que se pensar, há que se ter em conta a importância do ferro. Temos no Povoado um bom artífice e oficial ferrageiro, o nosso Miguel *Angola*. Porém, para que se possa acudir a contento as novas necessidades que haverão de surgir, precisaríamos de uma forja com mais recursos e potência, bigornas maiores, martelos, verrumas e outros apetrechos do ofício. Tudo isto pode-se comprar na *Vila Rica* ou na *Vila Real do Sabará*, ou até mesmo na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

“Temos muitas e boas madeiras a pouca distância e praticamente nas mãos. Angélica Carapina tem feito tudo o que pode com sua serra pequena e de mau ferro e com umas poucas ferramentas, tais como uma enxó já quebrada, plaina, alguns formões e martelos. Não! Isto é muito pouco! Luiz Hilário, voltando de *Pitangui*, poderá sair a viajar com sua irmã pelas *ditas* vilas ou cidade a comprar o que de melhor encontrarem pois, muitas tábuas, vigas, caibros e mesmo ferramentas de pau, precisamos fabricar!.

“Cumpridos os dois primeiros pressupostos, fabricaremos os apetrechos e ferramentas necessários e levantaremos uma olaria! Sim, uma olaria, senhores! Experimentamos nas terras que margeiam o ribeirão do Cruzeiro e descobrimos que não podem haver melhores para se fabricar o bom tijolo, telhas e mesmo vasos, bilhas e potes. Tancredo Velho tem boa experiência neste ofício herdado de seus pais e avós.

“Cumprido mais este pressuposto, senhores, passaremos a renovar a própria face do Cruzeiro! Como? Ora, reconstruindo todas as nossas *cafua*s... fazendo casas com bom tijolo, madeira bem serrada e telha! Começaremos pela capela e escola; depois, faremos as casas, uma por uma, até substituir a última *cafua*!

“Aí, então, contrataremos um capelão... um bom padre que esteja sem emprego ou ocupação, que os há muitos por aí...”

Leandro *Criolo* se levantou do banco pigarreando e retirou-se em grande barulho. Marçal e Feliciano o seguiram preocupados. Sapeca deu seguimento ao que dizia.

“Tudo isto, segundo as contas que fizemos, poderemos, sem prejuízo de nossas roças, conseguir fazer dentro de um ano. Em um ano, senhores! Então, o Dr. Fernandes e o *dito* capelão que contratarmos poderão sair a providenciar o nosso sonho maior! O nosso sonho de erigir em vila o nosso Povoado do Cruzeiro. Vila, senhores! Nada de curato ou freguesia! Haverá o Cruzeiro de ser a vila mais faceira e abastada de todas as que há nestas Minas e no Brasil!

Houve um zunzunzum geral entre os *malungos*. O Dr. Fernandes pediu silêncio e Sapeca continuou sua fala.

“Agora vem a parte ruim. Como é sabido por todos, no dia em que nosso Cruzeiro for erigido em vila, teremos de recolher aos cofres de El-Rei

todos os tributos e *quintos* que lhe são devidos e eleger um Conselho de *Homens bons*, chamado câmara ou senado, na conformidade das leis do Reino e para isto, temos preparado os nossos moços! O celeiro do povo, como tem sido até hoje, deixará de existir e todos os seus bens, fazendas e ouro reverter-se-ão e cada *malungo* segundo os registros de saldo em cruzeiros existentes no livro próprio. Porém, senhores, com o parco cabedal de que hoje dispomos, caso levemos avante toda esta *empreitada*, pouco ou nada sobraria para repartir a cada um! Teríamos que recomeçar, outra vez, a construir nossos cabedais!

- Uai! - Gritou Sebastião *Criolo*. - “Vai tê ferragero; vai tê serreria! Vai tê tijolo e vamo tê casa nova! Mais... vamo ficá sem nem um *grão* de ouro ou cruzeiro? Será que convém gente?” - Perguntou a todos os *malungos*.

O povo não respondeu. Os *malungos* ficaram todos a pensar. Sapeca retomou a fala.

“Sebastião *Criolo* tem razão! Talvez não convenha ficarmos sem nem um *grão* em bolsa. Mas... não tenho dúvida de que nos convém ter mais recursos de *fábrica* e casas novas! Pois, as nossas, apesar de limpas e bem cuidadas, não diferem muito de *mocambos* e o Cruzeiro assim, não é diferente de um quilombo! Mas, animem-se! Pois encontramos um jeito de levar a *dita empreitada*! Sem gastar sequer um *grão* de nossos cabedais!

“Conforme sabem os *malungos*, já estive, há algum tempo atrás, a *garimpar* no *Tijuco*. Tive muita sorte em alguns *serviços* e consegui ajuntar boa quantidade de pedras. Um dia, desditosamente, acabei preso à cadeia e ao *tronco*, onde passei muitos anos. Depois, de certa forma, fui despejado daquela *Demarcação*. Mas, antes de ter sido preso, havia eu escondido minha pequena fortuna em pedras num lugar bem escolhido e muito seguro, onde não pude voltar. Hoje, o contratador do *Tijuco* é uma outra pessoa e o seu intendente, que devia ser de El-Rei, é um tal Francisco José Pinto de Mendonça; este, é conhecido por Mucó, pois vive esquentando-se ao sol, a dormir. Assim, vejo que não será difícil irmos ao *Tijuco* e recuperarmos as *ditas* pedras, as quais, doarei parte ao Cruzeiro, ficarei com uma terça e darei a outra aos companheiros que comigo quiserem se aventurar! Renovaremos a face do Cruzeiro e muito cabedal ainda nos sobrá!

“Haveria algum *malungo* disposto a partir comigo para esta aventura no *Tijuco*?

A pergunta de Sapeca ficou a princípio dançando nos ares silenciosos e, depois, cheios de rebuliço e zunzunzuns. Fernandes pediu silêncio e propôs votação em mesa. Milho daria aprovação ao plano e a aventura; feijão os indeferiria. Os *malungos* fizeram fila a depositarem na urna de pau os seus pensares. Aberta a urna, estava a *dita* abarrotada de milho. Estavam assim plantadas as idéias de melhoria geral do Cruzeiro.

-----

“Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil, setecentos e cinqüenta e oito anos, aos quatro dias do mês de março do *dito* ano, nesta Vila de Nossa Senhora da Piedade de *Pitangui* e casa de Câmara dela, estando presentes em ato de vereação o juiz-presidente Antônio de Abreu Guimarães e os vereadores *Antônio Jácome Bezerra*, Antônio Alvares da Silva e Francisco José Correia de Melo, na presença do sargento-mor João

Cordeiro e de mim escrivão do cargo do *dito* juiz-presidente, *Manoel Pereira Porto*, acordaram, *dito* juiz e vereadores, saírem em correição geral por esta Vila, a correger lojas, vendas e estalagens e tudo mais que pertencer inclusive com inquirimento sem termo ao forasteiro tido pelo nome de Usurpiano Luso da Rocha, o qual *dito* forasteiro, chegou a esta Vila há quatro ou cinco dias e ainda não manifestou a esta Câmara sua procedência, intenção de permanência, estado, ofício e fazendas”.

O escrivão terminou os seus registros e os secou com areia. O sargento-mor pigarreou de propósito e o velho juiz-presidente acordou assustado de sua madornazinha. Pegou a vara vermelha, símbolo de sua autoridade:

- Cavalheiros... vamos à correição! - E levantou-se.

Os *ditos* oficiais foram descendo pela escada externa da Câmara. O sargento-mor chamou dois de seus *pedestres* e lá se foi a vereança escoltada em correição.

Adentraram o beco chamado da Casa da Câmara e Cadeia e ganharam a rua de Baixo. Antes de alcançarem a um beco que leva à Fonte do Baiacu, fizeram-se anunciar pelos *pedestres* à porta de uma casa grande e assobradada, *dita* a Casa de Estalagem, onde se hospedara o forasteiro Usurpiano. Ambrósio Brigues Beltrão, o estalajadeiro, acorreu à porta a saudá-los.

- Senhores! Excelências! Sinto-me honrado... vamos entrando! Espero que não ponhais maiores reparos à modéstia de minha casa!

- Deixa-te de falsas lisonjas, ó gajo. - Rosnou o velho Abreu Guimarães. - Vimos a conhecer o teu hóspede... o tal Usurpiano. Ele é presente em tua casa?

- Sim, excelência. É um homem de nobreza e... hum! Também de altíssimos cabedais! Está a conversar com alguns patrícios nossos. Vinde... Estão em meu salão de jogos e estar - disse o estalajadeiro, fazendo vênia e indicando a porta escancarada.

A vereança adentrou a casa, deixando de fora o sargento-mor e seus *pedestres*. Ao final do longo corredor de paredes adornadas por candelabros dourados e teto de madeira com dois lustres de cristais pingentes, abriu-se o grande salão.

As armas e escudo de Portugal, pendurados na parede dos fundos, dominavam todo o ambiente mobiliado ricamente com arcas, compridos bancos e cristaleiras de ébano. Sentados em volta da mesa negra lustrosa e comprida, havia cinco cavalheiros. Quatro deles, gente bem conhecida de *Pitangui* e uma quinta pessoa, desconhecida, que deveria ser o tal Usurpiano. Levantaram-se todos e saudaram mesureiramente aos *chegantes*.

- Sede bem-vindos, excelências! - Exclamou o sargento-mor Salatiel da Silva Pereira. - Estamos em reunião de patrícios... a relembrar, com saudade, coisas de nossa querida terrinha! Este senhor, excelências, é Usurpiano Luso da Rocha, patrício nobre de nosso Bispado de Braga. Procedente do *Tijuco*, tem planos de empreender negócios em nossa Vila. Negócios de muito proveito... para todos nós!



- Senhor Usurpiano - atalhou Francisco Pereira Pontes - apresento-vos os oficiais de nossa vila: primeiramente, o nosso vereador mais velho, senhor Antônio de Abreu Guimarães...

- Muito me honra conhecer-vos, excelência! Dai-nos o privilégio... tomai assento entre nós - atalhou Rocha, indo ao encontro de Abreu Guimarães.

Pontes deu seguimento às apresentações, cuidando ele mesmo de oferecer assento aos apresentados:

- Antônio Jácome, Antônio Alvares e Correia de Melo, juiz ordinário e vereadores!

- Excelências... assentai-vos e ficai à vontade - interveio Rocha.

- ... E o Escrivão Manoel Pereira - concluiu, voltando a se assentar até antes que o apresentado.

Aqueles outros desconhecidos que também conversavam com Usurpiano Rocha, são Licórnio Teixeira e Sinfrônio Dias Nogueira, também portugueses e *homens bons* de Pitanqui.

- Ora, pois pois, Usurpiano Luso da Rocha - falou Abreu Guimarães - o que te traz a esta Vila, o teu ofício e ocupação?

- Senhor Abreu Guimarães... tenho algum cabedal e boa *fábrica* de escravos sem ter em que dar-lhe utilidade, visto que os jornais pagos pelo Contrato no *Tijuco* já não são compensadores. Venho a esta tão bem-afamada Vila a buscar ajuda e apoio... tenciono conseguir nestas paragens boas terras para a lavoura de roça e criação de gado vacuum e cavalar...

- Falávamos ao patrício, excelência - interferiu Salatiel - da abundância de boas terras ao oeste do termo desta Vila e, não obstante, do óbice que há ao acesso às *ditas* terras, que são os perniciosos *calhambolas* que infestam aquela paragem...

- Hum... pois bem... e o que mais? - Ronronou o velho Abreu Guimarães, já sonolento e entediado.

A conversa prosseguiu com muito pouco proveito. Salatiel já prevenira a Rocha de que as coisas se poderiam ajeitar na Câmara, mas era de bom alvitre evitar a exposição de todo o plano ao velho Guimarães, cheio de princípios e mil carolices. Os outros vereadores e o sargento João Cordeiro eram bem mais acessíveis e abertos aos negócios.

-----  
O carretão-de-bois seguiu mata adentro com os seus *cocões* untados a chorar carga pesada: duas canoas grandes e muitas tábuas de tamboril, vinhático e cedro. Seguiam, logo atrás, uns quinze homens e cinco mulas carregadas de outros *trens*. Alcançaram o espigão de morro, onde o ribeirão do Cruzeiro tem seu perdimento no do Jacaré e fizeram parada. Descarregaram ali todos os *trens* do carretão e das mulas.

Sapeca tirou do bolso o papel com os *riscos* de Angélica Carapina e transmitiu a todos os companheiros as instruções para a fabricação de um ajouço com as canoas. Com as tábuas de tamboril, por serem fortes e muito leves, montar-se-ia o estrado jungindo as tábuas com travessões cunhados por pinos de peroba-rosa. Com as outras tábuas, far-se-iam as pequenas amuradas, abrigo coberto e o leme. As canoas, sobre as quais sobrepor-se-ia o estrado de balsa, seriam interligadas em parelha por ligas de couro bem

fortes, de forma a que tivessem folga e movimentos bitolados para uma e outra bandas.

As listas de voluntários para a viagem que se haviam apresentado ao *Conselho do povo* incluíam, de início, quase todos os *malungos* do Cruzeiro. Fernandes Preto e Tancredo Velho muito tiveram que explicar que tanta gente levaria transtorno à viagem e que deixaria na falta as roças recém-plantadas. Escolheram-se então dois magotes de gentes. Um para ir com Sapeca ao *Tijuco* e um outro, com rumo até *Pitangui*, onde se levariam fazendas a vender e comprar-se-iam umas outras tantas. Assim, a expedição de Antônio Pinto se compôs de *malungos* mais escolhidos, por serem de alguma luz e conhecerem o manejo das armas de fogo e de aço, quais sejam Francisco Adão, Orozimbo Bateiro, Manoel Pitomba, Pedro *Angola* e José Basílio. O índio José *Puri*, escolhido por *capitão*, levaria a *Pitangui* os *malungos* Pedro Zimbabo, Bento do Rego, Cristovo *Angola*, Martinho *Criolo* e Otoniel; este, deverá substituir na venda de Josefa o *pardo* Luiz Hilário.

Os martelos, à tarde inteira, trovejaram nas tábuas e pinos de madeira espantando a passarada a revoar. Quando sol já dizia adeus, chorando fogo do outro lado do rio de São Francisco, o ajoujo estava pronto e bem acabado. Muitas chuvas deviam estar a cair pelas bandas das nascentes do Diamante e ribeirão do Cruzeiro pois o do Jacaré principiava uma cheia.

- Cuidado Gente! - Gritou Sapeca. - Manoel Zimbabo! Jacob! Segurem firme as amarras!

A Balsa pousou sobre as águas cheias e agitadas do Jacaré.

- “Agora bamo pô os *trem* em riba que vem chuva!” - Gritou Jacob Quirumbo.

A *dita* carga era volumosa, mas o seu peso era bem pouco: oito centos de peneiras, cinco *ditos* de balaies, cento e cinqüenta redes de dormir e doze oratórios de madeira, dos pequenos.

A noite já se anunciava e a chuva não tardaria a chegar. Mas, era preciso partir. Aproveitar a cheia do Jacaré, sem a qual, o ajoujo teria de ser carregado nas mãos até as margens do rio de São Francisco.

A balsa para os doze homens e cargas até que não era grande. Tinha de comprido duas *braças* e meia ou um pouco mais e, de largo, uma e meia tão-somente. Nove homens se assentariam no meio do estrado, com o peso bem repartido. As cargas foram guardadas sob o abrigo mais atrás, onde José *Puri* manejaria o leme e um varejão. Às laterais, manejando remos ou varejões, iriam Manoel Pitomba e Pedro *Angola*.

O mundo se fez em sombras e a chuva foi chegando finazinha. Dr. Fernandes sentiu um aperto no coração. A balsa soltou-se ribeirão abaixo e se foi deslizando à flor das águas rente aos matos e capins das beiradas, até sumir-se numa curva do Jacaré. O *cabrazinho* abraçou-se ao *malungo* Pedro Velho e se foram embora, seguindo o carretão-de-bois guiado por Manoel Zimbabo e Jacob Quirumbo, agora, em silêncio molhado e doído a capengar pela noite escura rumo à matazinha do Cruzeiro.

-----  
A noite escura é tenebrosa e causa medo; não por ser noite e não pelo escuro em si. Mas, pelo se não ver. O que haveria a nos esperar logo à frente? Atrás de um morro, num fim de rua ou num beco escuro?

Os vultos encapuzados saíram do beco que vem da Fonte do Baiacu e foram bater na porta da primeira casa; o sobrado e casa de estalagem na rua de Baixo.

- Entremos João Cordeiro... Ah! O *negro* veio! - Disse Ambrósio Brigues abrindo a porta.

- O sargento Salatiel e os outros... já estão presentes? - Perguntou o sargento-mor João Cordeiro.

- Sim! Estão todos ansiosos a esperar-te! Vamo-nos.

O *negro* tirou também o seu capote e seguiu os reinóis pelo grande corredor.

- Senhor Usurpiano... Senhores... *Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo!* - Cumprimentou a todos João Cordeiro.

- *Louvado seja*, senhor sargento-mor! Ora viva! Este é o *negro*? - Perguntou Rocha.

- Sim. É José *Mina*, *negro forro* e bom vassalo de El-Rei. Tome assento José. - Mandou João Cordeiro com fineza.

José *Mina* assentou-se meio desconfiado, com medo de pôr suas mãos sujas sobre a mesa negra e reluzente.

- Pois bem... pois, muito bem - disse Salatiel. E, virando-se para José *Mina*: tu podes abrir o bico, ó *negro*... conta-nos tudo, tintim por tintim!

- Deixa por minha conta, ó Salatiel... o *negro* tem a língua um tanto enrolada - atalhou João Cordeiro. E prosseguiu: Este *negro*, senhores, conhece os caminhos para se chegar ao mais rico de todos os quilombos do *Campo Grande*! Rico! Quando digo rico, é rico mesmo! Os *negros* de tal quilombo têm verdadeira fortuna em ouro e diamantes que guardam num paiol, imaginai, senhores! Ah! Ah! Ah!

- Muito interessante, senhor sargento-mor - observou Rocha.

- Além disto... há no *dito* quilombo boas *peças*... *negros* e bons *moleques*, muitas *pretas* e cabritas. A maioria dos *ditos*, segundo José *Mina*, é *preto* nascido em quilombo... não há como saber-lhes o dono e, isto, senhores é muito bom... ao invés de mirrada *tomadia*, fica-se na propriedade da *peça*...

- João Cordeiro - atalhou Rocha, com um tom de voz atrevido - para ser-te franco... não gosto das fuças do teu *negro*... Vejas tu mesmo, a cara de biltre que tem!

- Ora, senhor Rocha - irritou-se João Cordeiro - pois se não gostas, desgostas! Peço-te mais respeito, pois não sou como estes serviçais que te cercam!

- Ora, ora, senhor sargento-mor... queira perdoar-me; não to sabia tão melindrável... escusa-me! Apenas fiquei eu cá a desconfiar... sabes bem: a esmola é por demais grande para um só santo. Pergunto-te, pois: este biltre de *negro* dar-nos-ia azo a tão afortunada sorte... em troca de nada para si?

- Ó senhor Rocha... tu chegas agora a esta Vila e já te julgas o sabichão. Evidentemente o *negro* tem o seu preço! Já sopesei o que pede e acho que é razoável...

- Ora, ora! E qual é o preço do *negro*? - Insistiu Rocha.

- José *Mina* tem diferenças a ajustar com alguns dos *pretos* do *dito* quilombo... Assim, deseja ele para si uma patente de *capitão-do-mato*! Ora, como se sabe, José Rodrigues Betim, nosso último *capitão-do-mato* foi-nos

uma decepção... negligente, ocioso... uma lástima! Então, por que não poderia sê-lo, o *negro José Mina*? Vejo que o nomear a um novo homem-do-mato é-nos uma premência; e, trará utilidade e proveito, não só a teus projetos ó Rocha, mas a esta Vila e a El-Rei.

- Eu não to disse, ó Rocha... o sargento-mor é homem de muita e clara visão - atalhou o bajulador Salatiel.

A conversa dos reinóis continuou noite adentro, amiudando e detalhando as coisas.

-----  
Francisca Juá e Vicente Soares sempre conseguiram convalescer a todos os doentes do Cruzeiro chegando em alguns casos a roubá-los, com suas *mezinhas* e raízes, aos braços da própria morte. Tinham agora, no entanto, dois casos em que se reconheciam impotentes e sem recursos para curar.

O pobre Leandro *Criolo*, desde que o padre morrera, passava por uns dois ou três dias bom e trabalhando. Mas, de vez em quando, voltava a ter recaídas mais fortes: vestia uma velha batina do padre Matuzalém, pegava uma cruz de pau e saía a pregar sermões para os bichos e passarinhos pelos matos e cerradões.

- “Chega de *mezinhas*, Chica véia... é o distino dele... o mal que ele tem... num é deste mundo, não” - concluiu desanimado Vicente Soares.

- “Tamém tô achano, cumpade véio... mais nós sempre pode curá ô meno os pé machucado nos toco... dá um jeito de abobá ele de veis em quando, que nem nós feis” - respondeu a velha conformada.

- “Divina... tamém tá drumino?” - Perguntou Vicente.

- “*In-sim*, cumpade... tô cum tanta dó dessa moça” - lamentou a velha com a cara triste.

- “É o distino, cumade... é o distino” - atalhou o velhinho, com os olhos pregados no chão.

## Capítulo XVI

**E**a viagem pelo rio de São Francisco se fez mesmo segura e muito depressa, durando somente quatro dias.

A dezoito de março, um sábado ensolarado, o ajoujo foi atracado junto à barra do rio Pará, um lugarejo à margem esquerda do de São Francisco. Há nesta paragem uma capelazinha da serventia de um povoado vizinho, um comerciozinho e algumas casas de *caribocas* e *mamelucos*. À margem direita, onde o *dito* do Pará tem *perdição*, está a grande *Sesmaria* do Pompéu, com os seus inúmeros sítios e retiros, entre os quais o Santa Rosa e o Mato Grosso.

O sol ainda era alto e os *malungos* fincaram um acampamentozinho num lugar mais alevantado próximo às beiradas do rio. José Basílio e Teodoro foram até a capela e comércio da Barra, a mor de ver se ajeitavam umas mulas para comprar e procurar um *malungo* conhecido do Cruzeiro.

A tropa, conforme era plano, se haveria de repartir em dois magotes e, assim, também as fazendas, pois Francisco e Sapeca precisavam levar uma parte delas, eis que pretendiam, para conseguir entrar nas terras da *Demarcação*, se fazerem passar por comerciantes de redes, peneiras e balaies.

Foi-se a tarde; veio a noite e Teodoro e José Basílio ainda não tinham voltado. A chuva resolvera-se por uma trégua e a noite se fez de lua cheia e muitas estrelas no céu. O rio de São Francisco continuou agitado e a balsa carregada teve de ser muito bem amarrada e vigiada.

Quando raiou o novo dia, depois do *quebra-jejum*, Otoniel e José Basílio vieram chegando, trazendo três boas mulas e um *cariboca* velho, juntamente com seu filho. Os *malungos* lhes deram vivas.



Levantaram acampamento e prepararam a balsa para a travessia. As mulas foram amarradas ao abrigo de madeira do ajoujo para seguirem a nadar atrás do mesmo. Assim se fez a travessia.

-----

À margem direita do rio de São Francisco descarregaram a *dita* balsa e carregaram as três mulas com a carga de fazendas e *trens*. Os *malungos* se abraçaram demoradamente, mirando-se de perto uns aos outros, e cada magote já definido procurou sua direitura. José *Puri* e Otoniel seguiram com duas mulas e seu magote no rumo de Pitanguí. O *cariboca* velho e seu filho entraram na *dita* balsa vazia e voltaram para a margem esquerda, onde aguardariam o retorno dos que iam a *Pitanguí*, pois, pela primeira vez, tencionavam voltar ao Cruzeiro contra as correntes das águas. Francisco Adão, Sapeca e os outros *malungos*, se foram a levar nas costas muitos *trens* e uma mula carregada de balaies, peneiras e redes. Buscaram a direitura do Pompêu, fazenda de muito gado vacuum e cavalos, onde tencionavam comprar cavalos e éguas.

Francisco Adão, dada a pouca idade dos *malungos*, explicou-lhes várias vezes que, na presença de gente estranha, todos deveriam se comportar de acordo com seu estado, ou seja Sapeca e Manoel Pitomba se passariam por pai e filho, senhores e donos de todos eles que, então, seriam seus escravos, sendo ele, Francisco, um pajem, José Basílio, um *cabrazinho ladino*, e Bateeiro e Pedro *Angola*, boçais.

-----

*Pitanguí* era um reboleiro de gentes depois da missa do domingo. O adro da Matriz Nova, rústico e cheio de mato, era uma boca de formigueiro a despejar correição pelas ruas, ladeiras e becos. Havia ali, gentes de muitas bandas em visita e negócios. Gentes da *Onça*, do *Santo Antônio de São João Acima* e do São Gonçalo do Pará, a caminhar alegres e misturadas, sem nenhuma pressa, a conversar. Uns certos reinóis da *Itapecerica do Espírito Santo* e uns outros de *Santana do São João Acima*, estes, se mantinham separados e, sorrateiros, já se iam pelo beco do Maciel, rumo à praça da Cadeia. Ganham a praça, deram a volta pelos fundos da cadeia e embocaram escada acima rumo ao paço do Senado da Câmara.

- Queira entrar, senhor Usurpiano - disse o sargento-mor João Cordeiro, empurrando a grande porta no tope da escada.

- Ora, pois, obrigado! - Agradeceu o *reinol*. Porém, antes de subir, virou-se para os outros cavalheiros que se enfileiravam escada abaixo e recomendou: entremos já, senhores; sem cerimônia e *de jeira*.

Os cavalheiros embocaram atrás e foram entrando, tomando assentos nos bancos de encosto e nos tamboretos estofados de lã colorida, em volta da grande mesa de madeira negra, atrás da qual se impunha, magnífico, o estandarte de damasco branco, com franja de ouro e as armas reais.

- Pois então, sargento-mor João Cordeiro... o que já nos podes dizer? - Perguntou Usurpiano Luso da Rocha.

- Estão as coisas nos conformes... Apresento aos senhores o *padre João Correia de Melo*, de *Vila Rica*... parente de um de nossos vereadores. Ele nos conseguirá das mãos do capitão *Bartolomeu Bueno do Prado* a cartapatente de José *Mina*... Claro, pelos poucos requisitos que ocorrem no *dito negro*, a patente será a de cabo-do-mato... e não a de *capitão*, como havia pleiteado...

- Excelente, meu caro sargento-mor... para um biltre como aquele... o posto está otimamente bom; ou ele aceita, ou vai para o *tronco*, não é mesmo? Ah! Ah! Ah! - Galhofou Usurpiano.

- Ah! Senhor Usurpiano... o nosso padre. Ele se oferece à expedição, como capelão experiente e de boa utilidade - acrescentou o sargento-mor.

- Ora, ora... Um padre! Pois bem... senhor padre Melo... o que esperas de tal missão? - Inquiriu Usurpiano, sem rodeios.

- Salvar almas, senhor! Este é o meu ofício. Ouvi dizer a muita gente que há nesses quilombos muitos pagãos... crianças... e até adultos a precisar dos sacramentos...

- Desculpa-me, ó padre... mas esses *negros* precisam é de algum chumbo e não de rezas! - Interferiu Sinfrônio Rios.

- Calma aí, ó Sinfrônio - atalhou o velho Licórnio - tu estás a meter os pés pelas mãos! O nosso padre João Correia de Mello é capelão já escolhido pelo próprio capitão *Bartolomeu Bueno do Prado* para sua *empreita* ao *Campo Grande*... É homem que já viu sangue e que o tem nas veias... Veio ele a estar conosco enquanto o *dito* capitão Bartolomeu não solta suas tropas que ainda está a preparar. Padre Melo, na verdade, odeia os *negros calhambolas* e quer, ou salvar-lhes as almas malditas - se é que têm - ou mandá-los a todos para os abismos do inferno!

O padrezinho meio calvo não disse sim e nem não. Manteve-se impassível, apertando os beíço-zinhos vermelhos e ressaltando as bochechazinhas esfogueadas. Usurpiano Luso da Rocha apertou os olhos miúdos e pensou com seu botões: "Tu gostas mesmo é do ouro, ó miserável urubu do papo branco". Subitamente a porta se abriu. Um *pedestre* adentrou o salão e foi cochichar no ouvido do outro sargento-mor, o *dito* Salatiel da Silva Pereira.

- Alguma novidade, ó Salatiel? - Indagou Usurpiano.

- Não... nenhuma. Mas, tu podes, se quiseses, dar encerramento a esta sessão - acrescentou.

Os reinóis presentes - uns dez - entreolharam-se com olhos gananciosos, desconfiando de que o *pedestre*, talvez, tivesse trazido informações proveitosas, e mantiveram-se sentados.

- Bem, senhores... nada mais a dizer. Porém, não se esqueçam de que, a vinte e seis deste, domingo que vem, voltaremos a nos falar e... se alguém tiver interesse por boas terras e em... ouro... será bem-vindo com suas armas e escravos! Mas... por ora, é recomendável que se faça segredo... deixando fora disto os *mazombos* - recomendou Usurpiano.

Os portugueses foram saindo meio desconfiados. Desceram a escada da Câmara e vazaram para a rua de Cima que, agora, por volta de onze horas da manhã, já está completamente vazia. Há no ar, a recender por todas as bandas, somente os cheiros de comida, vinho e ganância desenfreada.

Salatiel, vendo sumir-se o último dos reinóis, tornou a fechar com cuidado a porta no alto da escada.

- Pois bem, senhores... o *pedestre* informou-me de que acabara de receber um próprio de José *Mina*... o *negro* nos mandou dizer que uma tropa de seis *pretos calhambolas* do *dito* quilombo arranchou-se há poucas horas lá na venda de Josefa...

- Ora, pois vamos já a amarrá-los! - Exclamou excitado o padre Melo, levantando-se do banco.

- Não... não... padre. Precisamos, antes, contar-te algumas cousinhas, pois, já se vê que és mesmo um dos nossos - atalhou Usurpiano, com o braço e a mão marota a alisar as costas do *dito*.

Os reinóis ainda presentes - Usurpiano, padre Melo, sargento-mor Salatiel, Pereira Pontes, Sinfrônio e Licórnio Teixeira - ajuntaram-se mais em volta da grande mesa e se puseram a confabular com mais miudeza e pormenores.

-----  
A natureza era um tumulto, ou silencioso zunzunzum. Serras onduladas e carecas; paragem espinhenta e eriçada de picos; profundas gargantas e valos. O sol estava em brasa e o calor, insuportável. O horizonte era todo linhas quebradas em nuances de azul-claro para azul mais escuro, contrastando com areais, coqueiros e arvorezinhas enfezadas aqui e ali encravadas entre pedras escarpadas.

Sapeca e Manoel Pitomba seguiam à frente. Cavalos finamente arreados, com engastes de prata e damasco vermelho nos debruns das selas, barrigueiras, sedenhos e peitoris de couro. Sapeca, em seu vigoroso cavalo branco, chapelão de copa baixa à cabeça, casaca e calções amarelos, divididos à cintura por faixa azul-clara onde lhe pendia a catana; camisa verde e gravata-laçada vermelha. Levava a tiracolo a espingarda de Francisco e calçava botas vermelhas de canos altos, com esporas de tripé pontiagudo. Manoel Pitomba, o seu “filho”, usava um chapéu de lontra e barba crescida; cobria-se com um poncho azul-marinho, usava botas altas e negras, e montava uma besta ruana de peito branco. Sob o poncho, levava embainhada a espada de Francisco Adão.

Uma tesoura e uma andorinha, no alto do céu, enfrentavam juntas a um caracará, gorjeando sem parar e a voarem como raios em volta do gavião, desferindo-lhe valentemente um grande número de bicadas. Subitamente, um outro gavião surgiu nos céus a esgoelar o seu medonho grito de guerra. O “pajem” Francisco, montado em sua égua magra e velha, adiantou-se até Sapeca e pegou-lhe do ombro a espingarda. Escorvou-a e acompanhou no horizonte o bolo de passarinhos a fugir dos gaviões. Disparou um tiro que o eco multiplicou por centenas de “shitap-shibuns” pela *ermidão* e gargantas. Um dos gaviões despencou céu abaixo como um machado sem cabo e, o outro, sentindo novamente a valentia da tesoura e da andorinha, fugiu espavorido, sumindo-se entre as escarpas no horizonte azul.

- Mesmo os pequenos, com um pouco de ajuda podem às vezes vencer - gracejou o “pajem”, devolvendo a espingarda a seu “senhor”.

Estava a tropa já quase a chegar ao Povoado de *Santo Antônio do Gouveia*, dentro da *Demarcação* Diamantina. Mais de vinte dias se haviam

passado, desde que tinham partido da Fazenda Mato Grosso do Pompéu, onde Sapeca comprara a um capataz de Manoel Gomes da Cruz, senhor daquelas terras, seis montarias, bons arreios e munição de boca. A viagem fora dura, subiram a serra do Barreiro, atravessaram o rio Paraopeba com muita dificuldade, pois as chuvas os surpreendera na travessia. Passaram por mais duas fazendas naqueles sertões, chamadas o Braga e a Pindaíba, e atravessaram mais uma serra, chamada a do Boiadeiro. Marcaram o rumo leste; saíram fora da estrada boa e se foram por estreitas trilhas até chegarem à chamada Freguesia de *Santo Antônio do Curvelo* onde, recentemente um *padre tinha sido preso*, o qual, segundo disseram alguns *pretos*, além de ser excomungado, como o fora o padre Matuzalém, fora também processado e expulso por ordem do ministro de El-Rei.

A tropa não fez parada no Curvelo. Sapeca ansiava por chegar ao Povoado do *Papagaio*. Queria rever aqueles *malungos* que, certa feita, o haviam salvo da morte e, em especial, o velho *negro mandinga* que o curara. Queria abraçar o velho e presenteá-lo com uma faca de cabo de osso, uma boceta de prata e meia vara de bom fumo... mas, não foi possível. O povoado fora completamente arrasado por reinóis que ali chegaram e lhes cobiçaram as terras. Mataram a muitos, amarraram a outros e só alguns conseguiram fugir. Sapeca ficou amuado por uns três dias. Toda vez que se olhava para a sua cara sebenta, estava desolado com a cabeça a tremer e com os olhozinhos azuis-avermelhados a gotejar. Francisco, José Basílio, Pedro *Angola* foram proseando, proseando, contando casos, até que o *dito* se reanimou um pouco. Mas, de vez em quando, ainda tem suspirado fundo.

Saindo do *Papagaio*, atravessaram o chamado rio das Velhas, num lugar raso e cheio de pedras, entre as barras de dois rios; um, do lado esquerdo, chamado também de Picão; outro, do lado direito e mais acima, cujo nome não se sabe. Esses rios, por serem de águas ligeiras e cheios de cachoeiras, invadem o das Velhas enchendo-o de terras, areias e pedras, tornando-o bem raso, havendo lugares em que suas águas mal encobrem as canelas dos cavalos. Dali, saíram na paragem chamada a Duas Barras, onde há uma pequena capela e umas poucas *cafuas*. Seguiram por boa estrada até um outro povoado, onde há também uma capela, de nome São José do Galheiro.

Agora, lá se ia a tropa rumando para o Povoado de *Santo Antônio do Gouveia*, onde José Basílio esperava encontrar uma tia, viúva de um irmão de sua falecida mãe.

Alcançaram um alto onde sobre um montão de pedras havia uma cruz velha de madeira. Desceram o morro e adentraram o Povoado por uma rua de muitas *cafuas* e ranchos abertos que terminava numa praça onde se viam os fundos de uma igrejazinha, como se esta estivesse de costas para o *Povoado do Gouveia*. *Dita* Igrejazinha tem quatro janelas e duas torres com cata-vento. Apesar de caiada e com toda a sua parte de madeira bem pintada com a cor azul-clara, a *dita* é torta para uma banda, causando insegurança em quem a olha.

Manoel Pitomba, Pedro *Angola* e Bateiro ficaram num dos ranchos abertos, enquanto José Basílio juntamente com Francisco e com Sapeca foi procurar a sua tia. E acharam.

Dona Cututa, o nome da *dita*. A velha demonstrou grande contentamento com a chegada do sobrinho, de quem não poderia mais lembrar as feições, pois só o vira ainda *bebê* em *Santa Luzia do Sabará*. Mas, ao ver José Basílio, reconheceu-o de pronto como gente da família, visto que, segundo disse, o *cabrazinho* era mesmo sem tirar e nem pôr a cara do próprio tio, o seu finado marido. Acolheu a todos com uma bondade sem igual, não deixando sem o que comer nem mesmo os “escravos” que estavam no rancho aberto juntamente com o filho do “professor Pierri de la Found” - novo nome de Sapeca - a quem mandou chamar para sua casa também.

José Basílio ficou conhecendo suas três primas e o único primo, de nome Pedro Grenha, dois anos mais velho que ele, e já *garimpeiro* no *Tijuco*, cheio de causos e aventuras vividas na luta contra os guardas e tropas da Intendência. A tropa permaneceu por uns três dias em *Gouveia*, a se preparar para a entrada no *Tijuco*.

O plano era o seguinte: Sapeca, para ter alcance aos diamantes que havia enterrado num determinado lugar, se passaria por um viajante francês, homem de ciência e desenhista, acompanhado de um pajem, Francisco Adão. Manoel Pitomba seria um comerciadador mudo, com o seu *ladino* José Basílio e os boçais Pedro *Angola* e Bateeiro.

Era quarta-feira, doze de abril; a tropa seguiu viagem junto com o nascer do sol. A estrada estava muito movimentada por outras tropas e comitivas enormes que também se dirigiam ao *Tijuco*. Passaram sem fazer paradas pela Bandeirinha e pela Guinda e, ainda com o sol a pouco mais do meio do céu, alcançaram um alto entre cabeços de morros, de onde já se avistava o *Tijuco*. Pedro Grenha despediu-se do primo e demais tropeiros, eis que, não podia arriscar-se a entrar durante o dia no *Tijuco*, onde se oferecia até um prêmio a quem o amarrasse e entregasse ao intendente; além do mais, tinha de seguir para o Mendanha onde tinha em serviçozinho clandestino. Assim, seguiu viagem noutro rumo.

À frente da tropa, lá estava o legendário *Tijuco* com as suas casinhas todas alvas, branquíssimas, parecendo cordeirinhos a pastar por entre os montes. No entanto, muitos urubus voavam pelo céu como a alertar o viajor sobre a falsidade daquela alvura e mansidão. Os caminhos a partir de *Gouveia* também tinham muitos avisos semelhantes e correlatos: caveiras e esqueletos humanos, muitos já branqueados pelo sol e outros, amarronzados, a exalar um grande fedor, esparramados pelas areias, grotas e pedreiras, às margens dos caminhos.

Depois de descer pela encosta do primeiro morro e de atravessar alguns regos de água cristalina, lá se foi o professor Pierri e seu pajem, misturados com uma grande tropa que seguia no mesmo rumo. Manoel Pitomba, o comerciadador, foi seguindo mais atrás com os seus escravos e mulas, também misturados a outras tropas numa grande correição de gentes e alimárias morro abaixo.

A tropa, em meio à qual seguia o *dito* francês, sequer fez menção de parar na barreira junto à guarda; seu chefe apenas acenou para o alferes e foi seguindo em frente. Francisco e Sapeca acharam melhor dar uma parada na casa do intendente e apresentar a carta em que, uma certa e honesta viúva da Real Cidade de Mariana - por sinal muito amiga e velha conhecida do *dito*



pajem - pedia ao intendente, em especial deferimento, que permitisse a entrada do sábio francês no *Tijuco*, em que pesem os muitos favores que as “meninas de sua casa” outrora prestaram ao *dito* intendente, e ainda prestam, quando este visita a Real Cidade.

- Hum... uma carta para o intendente! Fiquem a esperar que vou chamá-lo - disse o *pedestre* à entrada do casarão.

O sábio francês e seu pajem apearam sobre a calçada alta e ficaram a andar para lá e para cá. Depois de algum tempo, lá vem o *pedestre* a sorrir.

- O intendente recebeu tua carta... não está vossa excelência lá de muitos bons humores. Manda que tu faças teus desenhos e sumas do *Tijuco* em três dias... podes ficar hospedado na estalagem da rua do Bonfim... mas, que as despesas corram por tua conta, ó inglês! Ah! Ah! Ah!

- “Oh! mon Dieu! Ou est lá rue de Bonfim?” - Indagou o francês.

- Eu não entendo a tua língua inglês... se quiseses, trates de compreender a minha, pois dentro de três dias vou colocar-te para fora desta *Demarcação*! Ah! Ah! Ah! - Galhofou o *pedestre* com jeito de *reinol* sabido e importante.

- “Oh! monsieur, je le tiens de mon ami” - atalhou o pajem afeminado, oferecendo o braço para que seu *amo* descesse o degrau da calçada.

- “Merci, monsieur!” - Agradeceu o francês, antes de montar em seu cavalo.

O *pedestre*, com um certo ar de importância, ficou a olhar o estrangeiro que descia morro abaixo seguido de seu pajem que, em vão, tentava cobri-lo com o guarda-sol.

Mais atrás, perto da barreira e guarita da guarda, iniciou-se um pequeno tumulto. Os tropeiros enfileirados morro acima vociferavam a reclamar da demora. O alferes revirou mais uma vez as redes, recontou as peneiras e vistoriou de novo os arreios dos cavalos; depois, voltou a conferir a lista de mercadorias que o tropeiro mudo lhe entregara declarando suas fazendas. José Basílio pigarreou e piscou um olho para o alferes. Pegou duas bonitas redes de algodão colorido e saiu a caminhar para a guarita da guarda. Voltou de lá a sorrir com as mãos abanando.

- És muito sabido, ó gajozinho... podes passar com tua tralha e teu *patrão* obturado - autorizou mesureiramente o *dito* alferes, acenando para o seu *pedestre* ainda parado lá na porta do intendente que o suborno seria rachado entre os dois.

Os tropeiros desceram apressadamente pela rua da Intendência e alcançaram o francês já na subida do Macau para a rua Direita. Seguiram juntos, mas sem se conversarem ou se olharem. No largo da Intendência dobraram à esquerda, passaram pela rua da Quitanda e chegaram até a *dita* do Bonfim. Ali, o francês e seu pajem apearam na porta da estalagem - um bonito sobrado com balcão de treliças - e a tropa seguiu em frente, pois buscava o Largo do Rosário, onde havia um *malungo* recomendado por Pedro Grenha que haveria de ajudá-los na venda de suas fazendas.

Enquanto isto, em *Pitangui*, os reinóis mais ligados aos planos de Usurpiano, juntamente com o *dito* e o padre Melo, estavam reunidos na

estalagem de Ambrósio Brigues. Presente, era também o José *Mina* e com notícias novas sobre a tropa arranchada lá na venda da *preta* Josefa, sua mulher.

- Ora, senhores - concluiu Usurpiano - esta situação exige que tomemos alguma resolução!

- Mas... e se os *ditos pretos* não forem *calhambolas* cousíssima nenhuma? Este *negro* pode estar a mentir! - Questionou Salatiel.

- Tu és mesmo um *bago-mole*, ó Salatiel! Já não te disse que garanto-te o nome no próximo pelouro? Tu serás juiz nesta porcaria de vila, homem! Então, estás com medo do quê? Além do mais, não temos nós o padre Melo a nos dar todo apoio e cobertura? Ou, não temos, ó padre Melo? - Insinuou Usurpiano.

- Digo apenas que faças logo o que tens a fazer - escamoteou o padrezinho - mas, não me envolvas... É que, não me envolvendo, terei eu - do lado de fora - melhores cômodos para desvencilhar algum empecilho, caso surja... compreendes-me? - Argumentou.

- Se a tropa, como disse José *Mina*, vai partir ao dia quinze, não se pode correr riscos... temos de obstá-los. - E, virando-se para José *Mina*: fala, ó *negro*... conta-nos de novo sobre o que se pode além de tudo lucrar!

- “*Omindes* já falô... Jusefa tem um porão! Tá cheio de *trem* e inté ferro e munta arma de fogo e de aço... a *preta* tem pra mais de cinco boceta de ouro... mais, os *preto* vai levá imhora quais tudo” - lembrou o *negro* aos reinóis.

- E então, ó patrícios? - Indagou Usurpiano confiante de que aticara a ganância *reinol*.

Os olhos do velho Licórnio quase saltaram para fora, porém, antes que abrisse a boca, Francisco Pereira Pontes decretou.

- Vamo-nos a arrebentar a venda... e os *pretos* se for necessário... mas, este ouro não pode sair!

- Tu és sempre um calhorda, ó Pereira Pontes... mas, desta vez, tens a razão - concordou Sinfrônio Rios com a boca banguela e a babar.

O padre, fingindo nada ter ouvido, levantou-se de mansinho, pegou seu chapéu de coco e foi saindo a passos macios, sumindo-se na penumbra do grande corredor. Ambrósio Brigues chegou com mais garrafas de bom vinho do Porto e a conversa se seguiu muito alegre entre os reinóis.

-----  
As manhãs de abril no *Tijuco* são silenciosas e cheiram a flores. À porta da estalagem, o pajem ajeitou na sela do cavalo as caixas de tintas e penas, o cavalete de madeira e, por último, os rolos de telas brancas. Depois o *negro* bem trejeitoso abriu o guarda-sol azulado e foi apanhar o seu *amo*. Este, vestindo um avental de seda verde e com uma boinazinha de banda na cabeça, espreguiçava-se à soleira da porta. Foram-se de braços dados pela rua do Bonfim, protegidos pelo mesmo guarda-sol e a puxar pelas rédeas o cavalo. Ao final da rua, viraram à direita tomando uma subida mais íngreme, a da rua do Contrato.

- Esta é a rua, Francisco. Veja a casa, lá no fim da rua; ali é também o fim da rua Direita - explicou Sapeca, mantendo sua boca murcha a sorrir; e, complementando: o que procuramos, fica-lhe à lateral esquerda.

- Como assim, Sapeca? Só vejo perambeiras e mais nada! - Questionou o falso pajem.

- Não... é que se lha não vê daqui onde estamos. Mas, há uma ruazinha, ainda encoberta, cujo nome é Atrás do Contrato...

- Pior lugar, *vossa mercê* não poderia ter escolhido, amigo! Justamente a casa do contratador! - Gracejou Francisco.

- À época em que aqui estive, o contratador era Felisberto e este vinha bem pouco a casa. Dizem que também o atual, desembargador João Fernandes, não é de vir muito a esta casa... prefere a sua chácara. Mas dizem que a sua *parda* é que gosta de aqui estar... e, esta, é perigosa - comentou Sapeca.

- A chamada Chica da Silva - completou Francisco. - ... Mas, segundo ouvi dos escravos da estalagem, ela gosta muito de estrangeiros... seu ódio é todo para os *negros e pardos*...

- Vamo-nos então... Seja lá o que Deus quiser! - Murmurou Sapeca a encenar seu papel, como se estivesse deslumbrado com a visão arquitetônica da casa do desembargador.

Entraram pela ruazinha e subiram com dificuldade a ladeira calçada de seixos miúdos e lajes. Sapeca abriu um sorriso tão grande que deixou à mostra não só as gengivas, como o próprio badalo de sua campanha.

- Veja, Francisco! Ainda está lá! Veja, na esquina do muro!

Era um poste de madeira escura, com uma cara e meio corpo de gente esculpido na parte da frente. O muro de pedras, bem alto, protegido por *telhas de coxa* em seu cimo, tinha um portão rasgado feito de tábuas robustas. Infelizmente, poderia a qualquer hora se abrir, pois era por onde passavam os cavalos e as liteiras das visitas e mesmo as da casa. Isto agravava o risco de se ser apanhado na execução daquilo que pretendiam Sapeca e Francisco Adão.

O falso francês enquadrando o cenário, unindo os polegares com os indicadores levantados e, assim, com as mãos na frente da cara, foi se distanciando a *andar de afasto* morro acima. O pajem amarrou o cavalo no *dito* poste e descarregou os apetrechamentos, os quais, levou para o meio da ladeira, frente ao portão. Ali armou o cavalete firmando-lhe os pés pontudos entre as gretas dos seixos. Abriu uma caixazinha em bandeja e ficou a segurá-la, mantendo à disposição do artista o vidro de tinta aberto e muitos bicos de pena.

- *Vossa mercê* sabe mesmo desenhar alguma coisa? - Gracejou.

- Pode ser... pode ser - respondeu o francês ensaiando os primeiros *riscos*. Tomou de Francisco a bandeja e balbuciou: a laje grande, entre o muro e o poste... retire-a e cave fundo!.

- Lá vou eu - disse Francisco; e completou: caso venha alguém a nos surpreender... estou a retirar uma pedra do casco do cavalo.

A casa era mesmo vistosa. A luz do sol escaldante refletia a beleza de suas formas, janelas e pontas de caibros de cores azuis e marrom-avermelhadas, ressaltando as delicadas treliças de cor amarela, fechando de fora a fora a varanda, exceto onde havia uma janela em sanfona e também de treliça, toda aberta e por onde se via o interior avermelhado. Francisco tocou com a faca em alguma coisa mais dura; sentiu o ranger do aço em folhas-de-

flandres! Virou-se para o amigo Sapeca, escancarou a boca e sorriu em silêncio, jogando para cima e brandindo o punho cerrado. Sapeca entendeu o gesto e sorriu por si próprio, enquadrando aquela bela visão em sua tela entre os dedos. Um grito estridente se fez ouvir:

- Cabeça! Cabeça! Vá ver quem é aquele infeliz a corar ao sol no meio da rua! Traga-o aqui! E, já!

Sapeca viu o espectro de mulher na janela das treliças e se desesperou em seu papel:

- “Neg-ron! P-retro ansolant! Parre! Parre, já! Ó mon Dieu, regarder, mon Dieu!”

Francisco apressou-se em fechar o buraco e recobri-lo com a mesma pedra de laje. Saiu correndo e foi-se ajoelhar aos pés de seu “*amo*”, pedindo-lhe que, pelo amor de Deus, o esbofeteasse; mas, que recuperasse a sua calma. Sapeca o pegou pelas bochechas e continuou em seu papel:

- “Regarder vous, neg-ron! C'est elle... Ho! mon Dieu, elevé vous, neg-ron! Regarder, vous!”

- Deve ser a tal da Chica da Silva... a que manda - comentou o pajem entre os dentes.

O portão se abriu num rangido espichado. Um *negro* enorme, vestindo uma tanga e um turbante amarelos de lá saiu e veio caminhando dum jeito maneiroso. Parou; olhou para o francês de um jeito comprido. Virou a cara meio de banda e falou com uma voz de sovaco:

- Inhá-nhá solicita a vossa presença... e, quando Inhá-nhá solicita... é pra já! - Berrou o *negro* virando as costas.

Francisco, imitando-lhe os trejeitos, deu o braço a seu “*amo*”. Saíram andando aos pulozinhos e embocaram portão adentro seguindo o *negro* esquisito.

Após darem a volta em torno de um belíssimo jardim, adentraram a um alpendre bonito, onde o *negro* mandou-os esperar e sumiu-se fechando a porta da casa. *Dito* alpendre, pode-se dizer, era como um “hall” fechado por belas esteiras de palha cozida; cheio de vasos de flores suspensos e no chão, entre as muitas cadeiras e mesas de vime esbranquiçado. Francisco e Sapeca entreolhavam-se calados, esperando o convite para entrar.

- Podem adentrar! - Gritou a voz estridente.

O *dito* escravo Cabeça escancarou-lhes a imensa porta entalhada com anjos e flores. Os *chegantes* fizeram vênia à francesa e o estrangeiro saudou:

- “Je suis très enchanté, madame!”

- Tu te pareces um inglês... branco desse jeito, com esses olhos cozidos... mas, tens cabelos de milho - comentou a *parda*, sem nada responder à saudação.

- Perdão, senhora... - interferiu o pajem.

- Podes falar, *negro* - autorizou a dama.

- Meu *amo*, senhora, não é um inglês... é um francês... é um sábio e estudioso... gosta de desenhar flores, plantas e obras de arte em geral! - Concluiu o *negro* afeminado.

- Francês... Hum, deixe ver... - ficou a *dita* a pensar com um dedo na boca.

A tal Chica da Silva é alta e corpulenta; feições grosseiras ressaltadas ainda mais pela ridícula peruca loira meio torta à cabeça e pelo excesso de pó-de-arroz a lhe disfarçar o tom escuro da pele mais para *cabra* que para *mulata*. Pescoço pesado com tantas jóias e pedrarias pendentes em grossas correntes de ouro. Vestidos encarnados e de muitas saias a disfarçar-lhe a desconformidade do corpo e, talvez, as pernas finas, afora os seios grandes e estufados como se estivesse *grávida ou amamentando*.

Chica rodeou o francês algum tempo. Depois pediu-lhe com gestos grosseiros que levantasse a manga da túnica e mostrasse a ela o seu braço. Assim, ao ver-lhe o braço, emparelhou-o ao seu, encostando pele à pele, e perguntou ao seu escravo:

- Quem tem a pele mais branca, Cabeça? Eu, ou esse francês espiga de milho?

Francisco, vendo o braço da *preta* meio cinzento de pó-de-arroz e temeroso da resposta do Cabeça, antecipou-se maneiroso:

- Irra! Nem se compara, senhora! O francês é todo enrugado e tem uma pele escura... um vermelho meio marrom! A senhora! Ah! Não! A pele de vosso braço é como a nata do mais puro leite tirado pela manhã! Ai! Senhora! Há muito não via pele tão delicada, bela e tão alva, como a da senhora!

- Ouviu isto, Cabeça! Ouviu isto! Sou mais branca até mesmo do que um francês! Eu não te disse, *negro* roncolho! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

A *preta* saiu-se a rir escancarada, rodando pelos vários e luxuosos ambientes separados por canapés e bancos estofados na enorme sala do contratador. Depois, exaurida, assentou-se desgovernada num canapé vermelho e mandou que o seu *negro* fosse preparar algum agrado para o francês. Francisco seguiu o *negro* pelos corredores da casa, enquanto a conversa - ou monólogo de Chica - continuou no grande salão.

-----  
A quatorze de abril, sexta-feira ao cair da noite, José *Puri* vistoriou mais uma vez o andar das mulas que trouxera e mais as que Josefa lhe estava emprestando para a viagem.

- “Parece que vão güentá bem... dispois, o Tunié trais tudo de volta, sá Josefa... as canoa tá esperano nós lá na barra do Pará” - comentou José *Puri*.

- Sunceis bem que podiam esperar um pouco mais... as mercadorias faltantes não vão demorar a chegar... é só esperar mais um pouco - insistiu Josefa mais uma vez.

- “Nóis num pode mais, sá Jusefa... Já esperemo munto. Se num tem os *trem* tudo que nós percisa, nós leva o ouro e compra o que fartô noutra parage... é orde do Dr. Fernande” - explicou o índio José *Puri*.

- Mas, assim... eu vou ficar quase à falência... precisava ficar mais uns tempos com o ouro... diga isto ao Dr. Fernandes!

- “Eu vô dizê... pode ficá assossegada! Mais... por agora, nós vai levá o ouro... o povozinho qué vê o jeito dele... dispois, esse memo ouro há de voltá... *suncê* pode esperá” - explicou o índio pela última vez, deixando Josefa parada na porta da venda e seguindo para o rancho aberto da tropa.

Aquela noite só conseguiu uma nesgazinha de lua, mas as estrelas no céu eram muitas. O rancho com as cargas, arreios e *cangalhas*



amontoadas duma banda faiscava tremulantes as pontas esgarçadas do indaiá à luz de um fogozinho agitado pelo vento. Luiz Hilário, muito alegre, era todo candonguice; sonhava acordado com a sua Divina, depois das notícias que cada *malungo* lhe dera acerca do caimento e paixão da *dita* por causa de sua partida. A conversa se ia animada noite adentro e José *Puri* mandou que calassem o falatório e fossem dormir, pois a viagem muito cedo se iniciaria e ia ser muito penosa. Os *malungos* foram se ajeitando sobre couros ou se estirando nas redes penduradas nos esteios em volta do rancho. O fogozinho ainda queimou e estalou gravetos por algum tempo. Quando a última chamazinha se apagou sobre o tição cheio de cinzas, ouviram-se muitos gritos e alguns tiros. Os *malungos* assustados bateram-se todos de pé meio escabreados no escuro e alguém gritou:

- É *capitão-do-mato* e *Pedestres* da *Ordenança*!

- Não toquem nas armas ou, vão todos para os infernos! - Vociferou um *reinol* com o seu maldito e inconfundível jeito de falar.

Luiz Hilário quis se adiantar com a catana e a pistola em punho. Otoniel o deteve e recomendou que depusesse suas armas, pois - conforme diz Dr. Fernandes - ninguém ali era *calhambola* ou facinoroso, por isto, nada havia a temer. Os *pretos* do Cruzeiro se amontoaram no canto das cargas e aguardaram a sua sorte.

Muitas tochas se foram acendendo pela estrada e em roda do rancho e o inimigo revelou as caras do seu contingente.

- José *Mina*, *negro sumbanga*! - Gritou Luiz Hilário com a sua catana a riste, correndo no rumo do *negro*.

Espipocaram quatro secos tiros de escopetas e o *pardo* caiu fulminado, todo varado de chumbo e a estrebuchar.

José *Mina*, também armado, sorriu vingado à frente de seus *homens-do-mato*. Usurpiano, à frente dos *reinóis* e alguns *pedestres* vociferou escarnecendo:

- Negralhada dos diabos! Alguém mais quer visitar os infernos! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Josefa da Cruz saiu a gritar na porta da venda, mas logo foi silenciada a socos por Sinfrônio Rios e dois *pedestres*. Os *homens-do-mato* invadiram o rancho e foram amarrando os tropeiros um por um. Bento do Rego gritou e esperneou:

- “Eu sou um vassalo de El-Rei! Não tenho sangue de *negro*! O meu sangue é só de índio e de branco! Sunceis num pode me amarrá corja de *preto* e *cariboca*!”

Mas, a este, o próprio José *Mina* fez calar, dando-lhe violenta pancada na boca com o cabo da escopeta. A alcatêia, ou vara, de *reinóis* e *pretos-do-mato*, depois de amarrar a todos os *malungos* - que a seu ver, de um jeito ou de outro, eram *pretos* - os arrastou pra dentro da venda.

- Levem todos para o porão! - Ordenou Usurpiano. - Vamos ver se essa corja sabe urrar! Ah! Ah! Ah!

Os *ditos pretos* se mantiveram altivos e, ante a cabelos e unhas arrancados... dedos esmagados; não soltaram nem um gemido. O escárnio do *reinol* foi-se transmutando em vitupérios e irritação.

- Desgraçados! Ficam com essas caras de Madalenas! Não riem! Não choram! Peguem a *preta*! Ela não está sem sentidos cousíssima nenhuma! Está é a fingir! Façam-na urrar! - Ordenou Usurpiano.

José *Mina* catou a *preta* no chão; aquela mesma que, por amor, lhe houvera dado *alforria* e que até a si própria se-lhe dera. A boca do alçapão incandescente bafejava vapores de bodum e de outras misérias humanas, num mormaço balouçante tal o meneio do fogarêu das candeias e o bater dos corações apavorados.

- Aaaaaahhhhh! Ai! Ai! Ai!! - Berrou Josefa.

Antonio Carijó continuou a sujigar a *preta*, agora tapando-lhe com a mão suja a boca ensangüentada. José *Mina*, com os lanhos da cara *negra* ressaltados pelo esfogear das candeias, riu-se satisfeito a olhar os dois dentes cheios de sangue entre os ganchos da tenaz com que os arrancara da pobre Josefa.

- Onde é que tu acoutastes o ouro, ó *preta*? - Insistiu Salatiel Pereira da Silva. - Ou esse ouro aparece, ou tu vais ficar muito banguela! Ah! Ah! Ah! Arranca mais dois, ó José *Mina*!

Lá fora, na escuridão da estrada, Luiz Hilário estrebuchava caído sobre uma poça de seu próprio sangue. De repente, clareou-se-lhe a visão: viu Divina entre luzes, num alto de morro! Ela estava toda nua; deitada de costas no chão contraía doidamente suas formosas cadeiras, deixando ver as *vergonhas* de belos pêlos esfogeados e chamava pelo seu nome!

E, deveras mesmo, Divina, lá no morro da Chapada, sentiu comichões em todo corpo e teve certeza de que seu *pardo* a olhava. Depois, veio-lhe uma sensação de peso sobre o corpo e alguma coisa como se fossem as *encomendas* de Hilário a invadir quentes e rígidas as suas *vergonhas* já bem suadas. Escutou um uivo de guará e urrou que nem suçuarana no cio, vendo o mundo fugir de seu corpo que parecia navegar entre luzes coloridas!.

Luiz Hilário sentiu um baque no peito e as luzes se apagaram de uma vez. Depois, sentiu-se a mover para cima. Viu primeiro uma nuca... depois, umas costas ensangüentadas e, por fim, viu todo o corpo de um homem morto, estendido sobre uma grande poça de sangue. O vento, no entanto, era forte e sua alma, sem controle e sem leme, foi-se afastando, como um barco à deriva, mercê de correntes sem rumo certo.

-----  
O domingo no *Tijuco* é bastante movimentado de gentes. O Pierri de La Found acordou bem tarde. Seu próprio pajem servia-lhe o *quebra-jejum* no salão da estalagem do Bonfim.

- Francisco, estamos enrascados! A *preta* não me deixa e nem dorme! Arre! Que festança mais depravada! Quanto luxo! Quanto vinho do Porto e bajuladores! - Comentou Sapeca.

- Pelo menos estamos agora garantidos para uma estada maior do que nos prescrevera o intendente Mendonça - murmurou o pajem.

- Homem asqueroso! Ainda bem que *vossa mercê*, antes de qualquer coisa, falou-lhe do ódio que tem o nosso Pierri a Duclerc, Duguay-Trouin e outros invasores franceses que se arremeteram, noutros tempos, contra o litoral do Brasil!

- E com o contratador João Fernandes... como tem sido a conversa?

- O idiota só pensa em diamantes e... parece morrer de medo da Chica, sua mulher. E... por falar nela, como tem se comportado o seu criado?

- Continua desconfiado... pôs uma *preta* a me vigiar os passos...

- Isto vai dificultar as coisas, Francisco. Precisamos pegar logo esses diamantes... Mas, apressemo-nos, amigo. Chica hoje quer um retrato que tenha como cenário o gabinete de seu marido.

- *Vossa mercê* é mesmo surpreendente, meu amigo! Quem o diria também um mestre do bico-de-pena? - Gracejou o pajem retirando a mesa.

-----

O *malungo* indicado por Pedro Grenha, de nome Izidro de Souza, era mesmo um *crioulo* de bom préstimo. Alfaiate renomado e influente irmão na Confraria do Rosário. O domingo era um bom dia para se venderem o resto das peneiras e redes. Assim, acompanhou os *malungos* do Cruzeiro numa jornada pelas ruas do *Tijuco* a oferecer nas casas a mercadoria. Ao fim da rua do Rosário, saíram num largozinho de terra batida, onde muitos tropeiros e mercadores apregoavam as sua fazendas e havia muitas gentes a fazer compras. Os *malungos* escolheram um canto onde não havia mercadores e ali estenderam as redes e expuseram as peneiras. Pedro *Angola* e José Basílio se puseram também a gritar e a fazer pregão dos *trens*. O *malungo* Izidro Alfaiate pediu escusas e saiu a conversar com um ou outro *malungo*, sumindo-se no meio do povo.

Os preços do Cruzeiro eram mesmo muito bons e em pouquíssimo tempo a mercadoria foi toda vendida. Manoel Pitomba deu uma última aferição no ouro e numas poucas pedras que lhes renderam as vendas, enquanto esperavam o *malungo* Izidro. Quando o *dito* veio chegando, notaram-lhe uma certa tristeza e um jeito desanimado.

- Que mal o está a afligir, *malungo*? - Indagou Pedro *Angola* a gracejar.

- Coisa ruim, *malungo* - respondeu o *crioulo* a olhar desconfiado para uma e outras bandas. Depois, explicou cochichando: um *malungo garimpeiro* me disse que a esta madrugada a Guarda da *Demarcação* prendeu e amarrou a cinco *garimpeiros* no Mendanha...

- Mendanha? Mas não é nessa paragem que o meu primo Pedro tem o seu serviçozinho? - Indagou José Basílio, aflito.

- Pois então, *malungo*... e, o *dito* está entre os presos amarrados... mas não se fala mais nisto - murmurou Izidro a meio beijo, ao ver um *pedestre* a se aproximar - ...Vamos... temos que dar a notícia para alguns Irmãos do Rosário.

Dali, os *malungos* subiram para o Largo da Intendência, onde havia algumas gentes a passar desconfiadas e uma multidão de *pedestres* postada de armas em punho na frente do sobrado da Intendência indicando que os prisioneiros talvez estivessem sendo, naquele momento, interrogados pelo intendente Mendonça.

Izidro, a cada *preto* velho que encontrava, deixava em *pé-de-orelha* o chamamento para uma reunião, à noite, na Igreja do Rosário.

*Dito malungo* tinha sua alfaiataria nas proximidades do Rosário, mas já era hora do almoço. Assim, chamou os *malungos* e os levou para a sua tapera encravada numas perambeiras do Burgalhau, onde a sua velha já os esperava com uma couvezinha e gostoso feijão com toucinho. Os *malungos* pegaram os pratinhos de estanho e foram comer sentados em tocos no terreiro a apreciar a beleza das cores e matizes das montanhas em volta do *Tijuco*, avivadas ainda mais pelos dourados raios do sol.

## **Capítulo XVII**

**M**alungos do Rosário tornaram a se reunir em mesa, na calada da noite do dia dezoito de abril, uma terça-feira. A igrejazinha, na verdade uma minúscula capela, já estava quase cheia. Por fim, chegou encapuzado o *malungo* a quem todos esperavam: um velho *pardo* baixo de corpo, de nome José Mendonça, mestre de ler, escrever e contar e ex-tutor dos *filhos bastardos* que Chica da Silva tivera antes de se ter amasiado com o atual contratador, João Fernandes. Rezadas as orações do costume, a sessão teve começo na fala do irmão Izidro:

- E, então, professor Mendonça... temos alguma notícia boa?

- Infelizmente, nada consegui - respondeu o homenzinho a tirar o grosso capote. E prosseguiu: Chica não quer ajudar. Há entre os prisioneiros, um que é *pardo* e outro, *negro*. Como se sabe, Chica, a cada dia vem aumentando ainda mais o seu ódio aos *pretos*... quer é vê-los todos no *pelourinho*! ... Foi o que me respondeu.

- “Mais, nós precisa de fazê alguma coisa” - contestou o velhinho que se assentava no último banco.

- É; não podemos deixar que o intendente continue a supliciar os prisioneiros - concordou o professor coçando a rala barbazinha. - Mas Chica não vai ajudar. Depois que ela mandou seus bastardos a estudar na Europa, não tem querido mais nem conversa comigo... afinal... não precisa mais de mim! O que posso fazer?

- A *malunga* Benedita está aqui com umas idéias! - Gritou do outro lado, um *pardo* com voz de taquara rachada.

- Pois, então, que nos fale a todos, ora! - Apoiou Izidro.

A *dita negra* retirou da cara o véu preto, ficou de pé e falou:



- A dona Chica gosta muito de sabucar estrangeiros e costuma pouco ou nada lhes negar. Tem agora no *Tijuco*, um galego ... não sai lá da casa. Vive a desenhar a cara de dona Chica. Se a gente pudesse ganhar a confiança do *dito*! Não sei... esse galego tem um escravo *crioulo*... tenho andado a espiá-lo a mando de Cabeça...

José Basílio cochichou no ouvido de Izidro:

- Essa *negra* é uma das *ladinas* de Chica da Silva?

- É sim... mas pode ficar sossegado... é da nossa confiança.

- Senhores - falou José Basílio, levantando-se - vão me desculpando o enxerimento, pois eu nem sou daqui. Mas... eu conheço o *negro* que foi referido. Benedita pode falar com ele sem nenhum susto. Só recomendo que tenha cuidado com Cabeça, o *negro* alcoviteiro de Chica da Silva.

- José Basílio é *malungo* de confiança - avalizou o irmão Izidro. - É, ele, primo-primeiro de Pedro Grenha e não nos iria atraíçar.

- Chica gosta mesmo de estrangeiros - ratificou o professor. - E se o *negro* é de confiança, então, Benedita, o quanto antes, deve falar com o *dito*... assuntar com ele se o seu senhor - *dito* galego - se disporia à missão de pedir a Chica da Silva que mude a sorte dos presos, tirando-os das unhas do intendente.

E assim ficou combinado. A *ladina* Benedita, quando visse a ocasião, pediria ao *negro* um particular de *pé-de-orelha*. A reunião teve prosseguimento, passando a outros assuntos do interesse da *Irmandade*. Os *malungos* do Cruzeiro e o Izidro deixaram a capela juntamente com a *ladina* a quem deram companhia até perto da casa do contrato.

-----  
O mundo moeu quase três dias sem nada de novo suceder. O contratador João Fernandes, como sempre às sextas-feiras, chegou da casa do contrato bastante mal-humorado. Chica viu-se obrigada a se desfazer em candonguices com o marido e deu assim uma folgazinha para o francês, dispensando-o de lhe fazer mais retratos naquela noite, dizendo que o chamaria assim que estivesse mais disposta.

O francês e o seu pajem deram graças a Deus e foram saindo de mansinho pelo jardim. O portão estava somente encostado. Abriram-no e foram saindo a pés miúdos.

- Francisco - cochichou Sapeca - é agora ou nunca!

- Não... não, Sapeca... a *negra* está a nos olhar atrás da treliça lá de cima da varanda - atalhou Francisco.

Sapeca desconversou e voltou a dar o braço a seu pajem. Foram-se noite adentro a caminhar bem devagar pela rua do Contrato. Eram quase nove horas da noite; as ruas estavam desertas e silenciosas. Mais na frente, os dois vultos encobertos pelas brumas enfiaram-se num beco escuro. Os passos macios dos pés descalços sobre os seixos se traíram pelo ruflar das saias. Braços poderosos saídos do escuro sujigaram a *negra*, tapando-lhe a boca e arrastando-a para o *dito* beco.

- A mor de que, Benedita, *suncê* tem me seguido dia e noite? - Murmurou o pajem entre os dentes.

A *negra* refugou e suou frio. Francisco destapou-lhe a boca e a mandou falar.

- Um *cabrazinho*, chamado José Basílio - balbuciou a *negra*. - Ele disse que *suncê é malungo* bom...

- O que aconteceu com o *cabrazinho*, *negra*? - Perguntou Francisco de um jeito meio rosnado.

- Nada, não... ele está bem... está com o Izidro. Eu sou irmã do Rosário... estive com eles em mesa. O primo dele é quem foi preso junto com uns outros *garimpeiros*.

Sapeca continuou à distância escondido pelas brumas e pela noite. Depois de assuntar bem o teor das conversas, sentiu-se seguro e se foi aproximando. Benedita, ao vê-lo, entrou em pânico:

- Senhor... por misericórdia... não diga nada a dona Chica... *por caridade*, senhor, eu não teria perdão!

- Sossega... fala baixo Benedita - acudiu Francisco.

Sapeca, sem revelar a identidade, procurou também acalmar a *negra* com o seu francês falsificado.

- "Neg-ra... *suncê* ficá-r sossegad... nom fazê-r mal... *Suncê* falá-r e eu ecoute... Oui? D'accord?"

A *negra* se foi acalmando. Assentaram-se todos os três num murozinho de arrimo rente a um outro dos fundos de uma casa e a *negra*, aos cochichos, foi-lhes inteirando de tudo, tintim por tintim. Ao final, já na hora em que se iam embora, Francisco segurou com jeito o braço da *malunga* e perguntou-lhe:

- Por que o Cabeça tem tanta ojeriza da minha pessoa?

- Inveja. Dona Chica não se cansa de gabar a fineza dos modos com que *vassuncê* se comporta como pajem... e o *negro* fica que fica trincando de ciúmes. Ele tem medo que *suncê* roube na casa o lugar dele...

- Meus Deus... e *suncê*, o que pensa Benedita?

- Não penso nada. Só não sei o que é pior: se é o Cabeça lhe ter ojeriza, ou se é dona Chica gostar de *suncê*. Há pouco tempo eu tive um homem meu... um *moleque* forte e muito bonito. Dona Chica o viu e gostou muito. Mandou castrar o meu *preto* e o pôs dentro de casa como criado. Com o Cabeça, a mesma coisa sucedeu! Viu-o na casa do intendente e o mandou comprar. Mandou castrá-lo e... hoje, ele ocupa o lugar que era do meu *preto*... coitado - que Deus o tenha - foi mandado a trabalhar num serviço debaixo do chão... morreu em menos de um ano! - Terminou Benedita a chorar.

- Agora, Benedita - atalhou Francisco, afagando o rosto da *negra* - vai para casa... já é hora. Pode ficar sossegada, o meu *amo* vai fazer alguma coisa em benefício dos *malungos*.

-----  
Naquela noite, Sapeca e Francisco ficaram a conversar até alta madrugada, arquitetando planos que lhes pudessem dar uma saída, sem pôr em risco a missão pela qual tinham ido ao *Tijuco*. Uma coisa era certa: agora, mais do que nunca, estava bem fácil pegarem os diamantes pois a espiã que Cabeça lhes pusera no rastro era então uma aliada.

Mal amanheceu aquele sábado e lá se foram o professor Pierri e o seu pajem, rumo às perambeiras do Burgalhau, onde o francês tencionava eternizar com seus rabiscos as belas paisagens que se viam do terreiro de uma certa tapera. Ali, na verdade, inteiraram de tudo a Izidro e aos *malungos*

do Cruzeiro acerca do plano que tinham arquitetado visando a libertação dos *malungos garimpeiros*.

Estabelecido o plano, o que o francês precisava então era voltar ao convívio de Chica da Silva e aguardar o melhor azo para pedir-lhe um certo favor, enquanto desenhava sua cara feia. Mas, o tempo foi moendo as horas, um dia, dois dias, e a *preta* não o mandava mais chamar. Benedita mandou recado dizendo que Chica, agora, estava com mania de capela... passava o tempo todo lá na casa do contrato infernizando a vida de João Fernandes para que este lhe mandasse construir uma capela... quer, por que quer, uma capela só para ela.

Ante a notícia, Francisco teve uma idéia. Sapeca meteu mãos à obra e passou a noite em claro a rabiscar muitos papéis em seus aposentos na estalagem da rua do Bonfim.

A vinte e oito de abril, conforme notícia que já há algum tempo se espalhara pela Capitania, o coronel *José Antônio Freire de Andrade*, que governava interinamente as Minas Gerais, foi mesmo empossado como governador de fato e de direito, dado ao impedimento do seu irmão Gomes Freire. Para o contratador João Fernandes, isto era muito bom, pois tinha com o *dito* coronel muitos interesses comuns.

-----  
Em *Pitangui*, Usurpiano Luso da Rocha amanheceu naquele sábado muito mais confiante e atrevido. Com a posse, agora também de direito, do governador, ele, Usurpiano, mais do que nunca, tinha mesmo proteção bem garantida. À mesa do *quebra-jejum*, recebeu com muito desdém a visita do sargento-mor João Cordeiro. O militar, apesar de *reinol*, era cabeça de ferro e cumpridor da lei; e não escondeu a cara feia e nem fez rodeios:

- Lançastes mãos dos meus *pedestres*, sem minha presença e sem minha ordem. Arregimentastes e apenastes homens criando uma esquadrade-mato, sem minha ordem ou aprovação do Senado da Vila...

- Ora, sargento-mor... formalidades! Além do mais, tínhamos um caso de urgência e o senhor não estava na Vila. E... digo-te até mais; em tua ausência, contamos com o comando do sargento-mor Salatiel - justificou Usurpiano, com cara-lambida.

O sargento-mor João Cordeiro ficou vermelho e soltou os cachorros:

- Salatiel não tem comando nesta Vila... eu o tenho!

- Mas... onde estavas naquele dia?

- Naquela noite, queres dizer! Amarrastes muitos *pretos* lá na venda de Josefa e até hoje não *mos* apresentastes, como manda a lei e tampouco destes notícia ao juiz Abreu Guimarães! E digo-te mais, ó Usurpiano: metestes mesmo os pés pelas mãos, pois além de ter sido morta a *preta* Josefa - que eu estou a saber por outras vias - sei que um índio e um *mameluco* foram mortos e, estes, pelo que se saiba, não são *pretos calhambolas*, pois têm todos os direitos de vassalos, e tampouco tem-se notícia de que fossem facinorosos! Como haverás de explicar tais infrações, senhor Usurpiano!

- Caro sargento-mor - disse Usurpiano com olhos de lagartixa - eu quero que vás amolar ao bode... E, se insistires em importunar-me, vou a queixar-me junto ao Dr. *ouvidor*, meu amigo Antônio Manoel Pavao da *Vila Real do Sabará*... Hei de dizer à sua excelência que o sargento-mor João

Cordeiro, além de não cumprir seu dever ausentando-se à noite desta Vila, além de não se haver com zelo na busca aos sonegadores de El-Rei... não passa de um odioso protetor de *pretos* e *calhambolas*! Ah! Se vou!

- Acalma, ó Usurpiano! Também, as coisas não são tanto assim. Informo-te que vou ter com o meu capitão-mor Manoel Jorge Azere e com o juiz Abreu Guimarães; apenas isto. Assim, pelo menos tiro de minhas costas este peso - explicou-se João Cordeiro, levantando-se bruscamente da mesa e se retirando sem mais palavras.

Sinfrônio Rios Nogueira quase deu uma topada com João Cordeiro no corredor da estalagem. O *dito* passou por ele pisando duro e não lhe fez a menor saudação. O *reinol* não se abalou. Foi-se achegando de mansinho e assentou-se à mesa com Usurpiano. Este, mordendo uma talhada de melancia, perguntou com a boca cheia a cuspir sementes:

- Aquele biltre do José *Mina* precisava ter arrancado o fato da *preta* e destripá-la daquele jeito?

- Ora, Usurpiano... mesmo assim, a infeliz não nos quis dizer onde escondera o maldito ouro! - Atalhou Sinfrônio Rios.

- E o que existe por aí de falatório de gentes?

- O que o povo está a dizer é o que queremos que diga: que a *preta* era mesmo uma extraviadora; que negociava e vendia armas a *calhambolas*; uma usurária desalmada que tirava o couro do povo e, além de tudo, sonegadora dos tributos de El-Rei! Acalma-te homem... o povo, como sempre, está do nosso lado!

- Ainda bem, pois agora há pouco mandei a João Cordeiro que fosse amolar o bode! Ameaçou-me o cretino de denunciar-me ao seu capitão-mor e ao juiz Abreu Guimarães...

- Esse sargento é uma alimária! Quanto a Abreu Guimarães, não te preocupes. O juiz *Antônio Jácome Bezerra* tem por mim uma grande consideração e me é crédulo em tudo que lho disser... e, o Abreu, por sua vez, só enxerga pelos olhos do Bezerra. Quanto a Manoel Jorge, está a caducar faz muito tempo. Tenho um bom nome a indicar para o lugar de capitão-mor...

- Depois falamos sobre tal. Agora, chega de lengalenga, ó Sinfrônio - arrematou Usurpiano, levantando-se da mesa. - Vamos pôr um termo ao que se começou na venda da *preta*. Os outros estão a nos esperar conforme o combinado?

- Sim... estão todos reunidos na boca da estrada que se segue depois da ponte da Paciência.

- Muito bem. É, pois, preciso que todos se comprometam com os *sucessos*. Afinal, não querem eles as terras e o ouro? - Gracejou Usurpiano, ajeitando na cinta a espada e as pistolas.

Os reinóis interessados na conquista das terras aos *calhambolas* são quase todos parentes e conterrâneos entre si. Além dos cinco principais, há Simpício Rios dos Santos, tio de Sinfrônio Rios; Sarmento Alves e Roriz da Silva, sócios do *dito* e Isaías Henriques, seu genro. Os outros são Domingos Algarves Sinhana, tido por homem íntegro e temente a Deus; Atanásio Ribeiro da Silva, genro de Licórnio Teixeira; Julião Gonçalves Paredes, *comerciante do estanco em Pitanguí*; e um *reinol* de Tamanduá, capitão Aprígio de Araújo e Sá, pessoa muito odiada até entre os reinóis por ter sido durante doze anos o

intendente de Cobrança das Capitações do Itatiaçu. O padre Melo preferiu não se fazer presente. Prometeu orações pelo bom *sucesso* daquela justa missão.

Os reinóis adentraram o rancho de tropa na porta da venda, onde apearam e deixaram amarrados os seus cavalos. A venda se encheu de gentes e José *Mina* se desdobrou em gentilezas, mandando que Esperança Criola, Rita Africana e Marta *Benguela* servissem a todos uma boa cachaça e uns pedaços de carne cozida. Usurpiano sentou-se num jirau de mesa e ordenou a José *Mina*:

- Vamos alimpar aquele porão! Mande trazer para cima os prisioneiros e, depois, todas as fazendas e *trens* que lá houver!

José *Mina*, quanto à última ordem, ficou visivelmente contrariado, mas não contestou. Chamou dois dos seus *homens-do-mato* e se foi rumo ao porão, adentrando aos aposentos da falecida Josefa e sumindo-se alçapão abaixo.

As candeias, agora sempre acesas, dão ao ambiente um aspecto tenebroso. As *canastras*, *surrões* e outros *trens* estão todos amontoados num canto só, atrás da escada. À direita de quem desce, junto à parede entre os esteios, a terra fofa denuncia a vala funda, onde os corpos de Josefa da Cruz, José *Puri*, Bento do Rego e Luiz Hilário foram enterrados. Os prisioneiros, com as mãos estendidas, quase suspensos do chão, estão pendurados por cordas enleadas nos caibros que sustentam o assoalho, e amarrados pelo tórax por outras cordas que os jungem aos esteios principais encostados nas quatro quinas das paredes. Todos eles - Pedro Zimbabo, Cristovo *Angola*, Martinho e Otoniel - já estão sem unhas, sem nenhum dente na boca, ensangüentados de sangue já preto e pisado, com pouca vida e alquebrados. Pedro Zimbabo, por ser um moço de vinte anos, ainda consegue respirar com mais vigor.

Os *homens-do-mato* os foram desamarrando e levando carregados para cima, ao salão da venda. Cada *preto* que subia dava azo e fomentava o escárnio dos reinóis. Usurpiano mandou que fossem sendo levados para fora e amarrados nos esteios do rancho aberto, do outro lado da estrada. O céu foi ficando com um azul entristecido e com uns riscos roxos, talvez de vergonha. O vento que vinha vindo, voltou para trás deixando um vácuo naquela estrada. Os reinóis já bem alegres e encharcados de cachaça saíram todos pela porta da *dita* venda para assistirem ao grande inquirimento dos presos facinorosos.

Usurpiano insistia em que os *pretos* confessassem onde estava o ouro denunciado por José *Mina*. Assim, chamou Salatiel, Sinfrônio Rios e Pereira Pontes. Cada qual, seguido de mais dois ou três outros reinóis, pegou a um dos *negros* para fazer inquirimento.

Usurpiano não perdeu tempo. Mandou que José *Mina* encaixasse os polegares de Otoniel nas argolas dos *anjinhos* e ele mesmo atarraxou com violência o parafuso do instrumento de suplício, moendo os dedos já sem unhas e macerados do pobre *negro*. Ao ver o sangue novo e vermelho minar de intermeio ao sangue velho, já preto, seco e pisado, os olhos do *reinol* brilharam loucos e sua boca explodiu em vitupérios cheios de orgasmo:

- Fala *negro*! Tens de abrir o bico, *negro* desgraçado!



O infeliz Otoniel só conseguiu levantar a cabeça já com os olhos bem vidrados. Respirou fundo, movendo a boca a golfar sangue entre os lábios ressequidos. Reuniu as suas últimas forças, apertou a boca seca e lançou uma cusparada de sangue pisado e catarro bem no meio da cara do Usurpiano Luso da Rocha.

- Maldito *negro* dos diabos! - Berrou o *reinol*, cravando-lhe no corpo por várias vezes a comprida *faca-cipó*.

O *reinol*, no entanto, ficou frustrado e enlouquecido. O maldito *negro*, antes da primeira cravada, morrera que nem passarinho, por isto, não gemera e nem sentira a nenhuma das facadas e nem ao ódio com que foram dadas.

Salatiel, num esteio do outro lado, acabara de castrar Cristovo *Angola* e exibia os seus bagos ensangüentados aos reinóis Josué e Julião. O pobre *negro*, com os calções de todo vermelhos e uma poça de sangue nos pés, da mesma forma, não gritava e nem se mexia. Deu um último suspiro e arriou-se sobre as cordas que o prendiam no esteio.

- Raios de *negros* moles, ó Usurpiano! Morrem à-toa! - Gracejou meio frustrado o *dito* Salatiel.

Martinho *Criolo*, já com os peitos e as *encomendas* esfoladas e lanhadas por navalha, recobrou os sentidos. Fez-se altivo e encarou seu carrasco, olhando-o dentro dos olhos. Sinfrônio não teve dúvida e correu-lhe nos olhos o fio da navalha. Os olhos do *negro* primeiro se bipartiram como toucinho, assim como a reentrância entre a testa e o nariz; depois, os olhos rachados desbeaçaram-se em meleca esbranquiçada e rajada de vermelho. O *negro* não disse um ai. O *reinol*, ante o silêncio do *dito*, explodiu-se todo em ódio, no que foi acompanhado por Sarmento e Simplicio Rios: moeram o corpo do *negro* com pancadas de coronha de espingarda e estocadas de cano.

Domingos Algarves Sinhana que assistia a Pereira Pontes no suplício de Pedro Zimbabo, contestou vociferando:

- Assim não, Pereira Pontes! Há que se ter misericórdia até mesmo com os cachorros! - E empurrou para uma banda tanto ao velho Licórnio Teixeira, como ao próprio Pereira Pontes. E completou de catana em punho: este *negro* ainda está em bom estado: matá-lo é dar prejuízo ao dono que deve ter, ou a El-Rei. Devemos entregá-lo às justiças de *Pitanguí*!

Usurpiano vendo que o patrício falava sério, não ousou contrariá-lo:

- Domingos Algarves está com a razão! Vamos levar este último *calhambola* e entregá-lo a João Cordeiro... afinal, somos vassalos fiéis e cumpridores das ordens de El-Rei! Vamo-nos, amigo Domingos, tomemos uma boa cachaça!

Os lusitanos espipocaram muitos tiros para cima e acorreram à cachaceira lá na venda.

Usurpiano mandou que todas as *canastras* e fazendas fossem levadas e abrigadas debaixo do rancho de tropas. Depois, mandou derramar cachaça em toda a venda e deitar-lhe fogo por dentro e por fora.

José *Mina* e uns cinco ou seis dos seus *homens-do-mato* ficaram no rancho de tropa, por conta de enterrar os cadáveres e vigiar as fazendas e *trens* a serem repartidos entre os reinóis. Quando o fogaréu já lambia todas as

paredes e telhado da venda, os reinóis se sumiram estrada afora conduzindo o pobre Pedro Zimbabo a tropeçar pelo caminho e preso à ponta de uma corda.

-----

As gentes de *Pitangui*, tendo ouvido o espipocar dos muitos tiros e, logo depois, tendo visto a fumaceira nos céus lá para as bandas da venda da extraviadora e usurária Josefa da Cruz, saíram às ruas e ficaram a esperar pelas notícias.

Quando os heróis lusitanos adentraram a Vila arrastando na ponta de uma corda o terrível *calhambola* o povo todo gritou vivas a El-Rei e a Portugal.

Entrando na rua de Cima a comitiva de heróis, o prisioneiro enxergou de permeio à sangueira de seus olhos empapuçados a um grupo de *pardos* e *negros*. Salatiel afrouxou a corda e o *dito* se foi a cambalear no rumo dos supostos *malungos*; implorou:

- Gente, me ajuda! Eu não sou nenhum *calhambola*! Sou um *malungo* do Cruzeiro! Manoel Zimbabo é meu pai e minha mãe é Maria! Sou plantador de roças! Eu...

- Fora *sumbanga*! - Gritaram umas *pretas* a requebrar.

Um *pardo* mais *candongueiro*, para mostrar que tinha coragem enfiou o pé na bunda do *calhambola*, fazendo-o catar cavacos e cair. Uns pretozinhos, vendo as galhofas da gente grande, jogaram no *dito negro* uma chuva de pedras, abrindo-lhe outras brechas na cabeça ensangüentada. Um *pedestre* veio pelo meio do povo a estalar o seu chicote, abrindo caminho. Desceu do cavalo e ajudou o *negro* a se levantar. Adentrou a praça a escorá-lo e se sumiu com o *dito* cadeia adentro.

O povo foi-se aglomerando até encher a praça. Ouviram-se os gritos desesperados do maldito *calhambola* e recendeu no ar um cheiro de carne queimada; eram as justiças se fazendo valer, aplicando ao facinoroso a marca “F” com ferro em brasa, como mandam as leis do reino.

-----

Mal o dia clareou, o estalajadeiro da rua do Bonfim mandou um serviçal avisar ao hóspede francês que Dona Chica da Silva mandara chamá-lo urgentemente. Francisco e Sapeca pularam das camas e se esmeraram na arrumação das caras, cabelos e alinhio das roupas. Quebraram mal-e-mal o jejum e lá se foram com seus rolos de papel rumo à casa de Chica da Silva.

Cabeça os esperava no portão. Sapeca foi entrando com os papéis e Francisco resolveu fazer uma paradazinha.

- Cabeça, *suncê* sabe o que é um *malungo*? - Perguntou a queima roupa e, agora, sem os trejeitos que tinha o pajem.

- Isto é conversa de *preto* e não de um doméstico ou de um pajem - respondeu nervosamente o *dito* Cabeça.

Francisco segurou-o pelo braço.

- Não, Cabeça... *malungo* quer dizer irmão de cor ou de sofrimento - e, imitando o gesto que fizera Chica da Silva ao comparar à de Sapeca a sua cor, concluiu: Vê... parece que pelo menos por fora poderíamos ser irmãos... E por dentro, o *malungo* não tem sofrimentos, nem por si e nem pelos outros?

Cabeça ficou mais sério. Deixou de lado os seus trejeitos de escravo doméstico e falou com jeito de um irmão:

- *Suncê* viu os esqueletos espalhados sobre a terra nos arredores do *Tijuco*? *Suncê* precisava então era ver a enormidade do número de *malungos* que Chica da Silva já matou... não posso me comprometer com amizades... *manjangue mia*... a *preta* é o demônio! - Concluiu o pobre *negro* com a cara triste.

Francisco apertou-lhe a mão e falou bem mansamente:

- É só ter cuidado. *Suncê*, na função em que está, pode aliviar o sofrimento de muita gente... ou aumentar! Sempre há um jeito. *Angana-N'Zambi* não há de deixar de ver - e foi-se embora, adentrando o portão, deixando o Cabeça a pensar.

Francisco parou sob o alpendre e ficou a escutar as conversas que se desenvolviam atrás da porta fechada. Sapeca conversa com o contratador João Fernandes.

- Veja lá, senhor Pierri... num domingo bonito como este e a Chica não quer acompanhar-me à missa na Igreja do Carmo! Eu não sei mais o que foço para agradar a essa mulher!

- “Monsieur Juan Fernandê... serrá que isto que tr-rago comigo, non poderia ajudá-r?”

- O que é isto? Hum... Um desenho... uma planta... Hum... é o risco de uma capela! Hum! Muito engenhoso, Sr. Pierri! Muito bonito! E me veio mesmo a calhar! - Exclamou o contratador. Depois, gritou sorridente: Chica! Vem ver o que mandei fazer para *suncê*, meu docinho!

Cabeça, passando pelo alpendre chamou Francisco cutucando-lhe o braço. Deram a volta pelos fundos da casa e adentraram a cozinha. Cabeça mandou preparar um chá para servir ao contratador e à visita.

Pronto o chá, os dois serviçais prepararam as bandejas e adentraram a grande sala se fazendo anunciar pelos sinozinhos das cortinas. João Fernandes e os seus *três pardozinhos* estavam ajoelhados sobre o tapete a estudar o projeto de Sapeca. Chica da Silva, com uma pardazinha ainda *bebê* pendurada na sua imensa maminha, observava o marido só com o rabo do olho, a dissimular seu interesse pelo projeto da capela. Ao ver os serviçais, como sempre foi grosseira:

- Vamos... já que estão aí, entrem e sirvam o chá: caras de pau-de-fumo!

Francisco depositou a bandeja de finas xícaras de porcelana sobre a mesazinha de vime e Cabeça as foi servindo com o bulezinho esmaltado. Servidas as xícaras, afastaram-se e ficaram rentes à parede perto da porta.

Francisca da Silva não se agüentou e acabou por entregar sua pretazinha a Cabeça. Apesar de entender pouca coisa de quase nada, Chica se sentiu prestigiada e não escondeu mais o seu deslumbre ante as exposições de João Fernandes sobre as partes da capelazinha e seus altares. Sapeca aproveitou o ensejo:

- “Monsieur Juan Fer-rnandê... madame Françoise... quero me despedi-r... vou-me emborra, ainda hoje” - balbuciou com um sotaque bem simplório, com medo de Chica não o entender. Mas, a *preta* entendeu:

- Ah! Não, senhor Pierri... e quem vai construir a minha capela, ora esta?

- *Levou os alhos!* - Pensou Francisco. Mas Sapeca não se apertou.

- “Non, madame... o desenhisti só faz le risque! Monsieur Juan Fernandê mandarrá vir de Itáli um ar-rtisti de maió-r experriance!”

E João Fernandes gostou da idéia:

- Isto mesmo, Chica! Vou mandar buscar um italiano construtor de igrejas. Para suncezinha tem de ser tudo do bom e do melhor! - E, depois, virando-se para Sapeca, disse: Gostaria que houvesse alguma coisa em que pudesse servi-lo, senhor Pierri... Mas, sei que os sábios são excêntricos e que apreciam coisas inusitadas ao invés do ouro ou riqueza como a gente comum... Gostaria que expressasse algum desejo... em que eu pudesse servi-lo!

- “Oh! Monsieur! Como naturaliste, já tive beacoup de choses neste Br-rasil merveilleux. Ando agorra interessade em anatomie de cr-riminoses. Monsieur intendant, estou a sabe-r, pr-rendeu alguns. Dizem se-r garrimpeiros! Gostaria de estudier o cabeça de algum deles, hã!”

- Ah! Joãozinho! Mande cortar a cabeça de um dos *pretos* e dê de presente para o homem! - Interveio Chica.

- O que vem a ser isto, Chica? *Suncê* quer que os franceses fiquem a pensar que nós, aqui no Brasil, somos todos uns selvagens? É brincadeira de Chica, Sr. Pierri! Eh! Eh! Eh! - Atalhou o contratador.

- “Clarro... claro! Querro seulement faze-r umas desenhos do cr-rânio dos cr-riminoses garrimpeiros... C'est possible, monsieur?”

- Perfeitamente, Sr. Pierri. Vou falar ainda hoje com o intendente Mendonça - aquiesceu João Fernandes.

Assim, naquele domingo, ficou tudo combinado, faltando apenas o francês avisar qual seria o cenário escolhido para os seus desenhos. A conversa seguiu animada. Veio o almoço e a *hora do quilo*, quando o contratador gosta de uma madornazinha.

O francês se justificou com Chica da Silva e saiu com o seu pajem a passear pelas ruas do *Tijuco*. O cenário ideal seria mesmo o Largo da Intendência, pois, seria aquele o último lugar onde o Mucó e suas milícias esperariam uma surpresa daquelas - acordaram Sapeca e Francisco.

À segunda-feira, logo pela manhã, o francês mandou que seu pajem fosse avisar a Chica da Silva sobre o local escolhido para cenário de seus desenhos. Francisco aproveitou-se para conversar um pouco mais com o Cabeça e conquistar, de uma vez por todas, sua confiança e amizade. O *negro* era mesmo um coitado. Outrora, fora valente e rebelde, mas a perversidade diabólica de Chica o havia sujigado com sucessivos castigos no *pelourinho* culminados com a capadura.

Por volta das dez horas da noite, a Confraria do Rosário reuniu uns poucos *malungos* em mesa, na sua capelazinha. José Basílio apresentou o *negro* encapuzado e este lhes expôs um plano. José Basílio tomou a palavra com o seu jeitozinho cativante e acabou por convencer Benedita e Izidro de que tudo daria certo. Izidro ficou de dar as providências combinadas e reunir alguns *malungos garimpeiros* ainda naquela madrugada.

Dali, Francisco e Benedita rumaram para a casa de Chica da Silva. Cabeça, como uma sombra, os esperava no portão. Francisco meteu mãos à obra e começou a cavar aos pés da carranca de pau. Cabeça o assistia de perto e Benedita se postou de guarda na boca da rua do Contrato.

- Cabeça - disse Francisco - Dona Chica usa uma peruca loura o que é comum à gente rica. Mas, disse-me Benedita que ela tem a *cabeça raspada* a navalha! Por que esse costume?

- Aquilo é soberba pura! - Cochichou Cabeça. - A pele, ela disfarça com pó-de-arroz, se bem que não é muito preta. Mas, a carapinha, que é bem enrolada, só tem um jeito: raspar. Todos os dias, pela manhã, ela mesma passa a navalha pelo coco não permitindo que a carapinha apareça...

A caixa de folha-de-flandres era grande e pesada. Devia conter uma fortuna. Francisco tornou a fechar o buraco e recolocar a laje. Escondeu a caixa sob o capote e se despediu de Cabeça.

- *Malungo...* então, até amanhã. E, não se esqueça, vou precisar muito de sua ajuda! - E sumiu-se na escuridão.

Cabeça, apesar de temeroso, sorriu satisfeito pois pela primeira vez nos últimos anos voltava a se sentir gente. Aquele *negro* era mesmo um *malungo* - concluiu a fechar o portão.

-----  
O dia de terça-feira é um santo dia para se iniciar uma viagem ou negócios. Assim, a este dois de maio, em *Pitangui*, houve ainda bem cedo uma bonita missa campal. Padre Melo deu uma bênção especial aos heróis, já confessados, rezados e comungados, que se haviam oferecido bravamente para dar combate aos *calhambolas*.

Mais tarde, o pelotão de reinóis, com seus fogosos cavalos e bonitas fardas de campanha se formou na frente do *Pelourinho* sob os olhares da multidão de gentes a bater palmas e a gritar-lhes muitos vivas.

Mais atrás, num canto da praça, estava José *Mina* com a sua esfarrapada esquadra-do-mato. Só o *dito* cabo-do-mato e mais dois *pardos* é que estavam montados e tinham armas de fogo; os restantes, todos *pretos*, além de estarem a pé só tinham facões compridos e alguns bastões ferrados.

O sargento-mor João Cordeiro fez a entrega do prisioneiro *calhambola* que lhes deveria ensinar o caminho para o tal quilombo e a tropa toda ganhou movimento pelas ruas de *Pitangui*. Por último de todo o mundo, seguia o *calhambola*, todo amarrado de cordas e arrastado por alguns *pretos* da esquadra de José *Mina*. O povo muito se divertiu, dando-lhe pés-na-bunda e muitas cusparadas e escarros.

A tropa atravessou o rio Pará e Usurpiano chamou Salatiel.

- Acaba logo com esse *negro*! Trouxemo-lo, muito mais para que o João Cordeiro não lance mão do *dito* para intrigar Abreu Guimarães.

Salatiel mandou que José *Mina* soltasse Pedro Zimbabo. O pobre *negro* todo arrebetado, uma vez solto, ficou a andar em círculo pois já nem mesmo enxergava. Salatiel, a queima-roupa, deu-lhe um tiro de escopeta. Os demais reinóis, para experimentarem suas armas, fizeram espipocar um tiroteio tão medonho que Pedro Zimbabo foi mantido de pé, por algum tempo, para lá e para cá, a custa do fogo cerrado. Depois, caiu completamente acabado e morto, sem nem estrebuchar.

Os reinóis recarregaram as armas em meio a fumaceira e seguiram em algazarra na direitura da Capela da *Conceição*. O padre Melo, a bem da verdade, foi bastante caridoso: aprumou o corpo nos arreios do cavalo e deu,



dali mesmo àquele mísero cadáver, a sua Santa Extrema-Unção. Assim, os urubus comeriam uma carniça abençoada pela Santa Madre Igreja.

-----  
- O raio do francês - ruminou o intendente Mucó ao lado de dona Hortênsia, sua mulher - ... é mesmo cheio de manias!

- Não se tratam de manias, ó Pinto Mendonça! É que esses sábios franceses são mesmo muito excêntricos - corrigiu João Fernandes sentado ao lado de Chica e a alisar-lhe a peruca.

O francês pedira que todos os acessos à praça, exceto aquele entre a casa de sacada de ferro e a Intendência, fossem inteiramente fechados por cordas duplas e bem esticadas.

João Fernandes mandara armar um tablado frente à Intendência para que, dali, as autoridades do *Tijuco* pudessem apreciar o trabalho do grande artista.

Este, no meio da praça, com sua túnica verde e boinazinha encarnada, esperava frente à tela esticada no cavalete que os *pedestres* chegassem com os prisioneiros.

Cabeça, sempre com sua tanga e turbante amarelos, cochichou aos ouvidos de Chica. Depois, juntamente com o pajem de roupas verde-abacate e chapéu copado, desceu do tablado. Foram-se os dois bem trejeiteiros pela praça adentro, rumo à igreja. Passaram por Sapeca, ganharam a escadaria e sumiram-se para dentro da igreja.

Um trotar de cavalos e retinir de correntes denunciaram que os *pedestres* estavam chegando. Lá na barreira de cordas que isolava o largo do Macau e São Francisco, apearam. Dois deles levantaram as cordas, dando travessia aos cavalos e outros três seguiram pela praça a conduzir os prisioneiros.

Sapeca insistiu que soltassem as correntes e vira-mundos deixando livres os seus tipos criminológicos, para melhor desenhá-los. Os *pedestres* soltaram os presos e foram se juntar aos outros que se haviam postado com os cavalos na banda leste da praça.

O artista foi pegando os presos de um a um e encaminhando pessoalmente às escadarias, onde lhes dava a postura desejada, ajeitando-lhes os braços, corpo e cabeças, ocasião em que, aos cochichos, os inteirava do plano de fuga. Pedro Grenha foi o último a se postar, ficando no primeiro degrau com a bunda para cima, como se fosse virar uma cambota. Como se não bastassem tais cenas, o pajem saiu de dentro da igreja e plantou-se também no sopé da escada, de onde passou a fazer umas medidas debochadas às costas dos prisioneiros. O povo, ao longe, espremido rente às cordas que cercavam a praça, *bebeu o fôlego* de tanto rir.

Aquilo, para Chica da Silva, não tinha coisa melhor; se bem que preferia ter dado ao francês umas cabeças, pelo menos as dos dois *pretos*, sim. O francês abriu a sua caixa de penas e começou a esboçar os primeiros *riscos*.

O pajem, lá do tope da escada, continuou com as suas macaquices, a roubar todas as atenções e a matar o povo de rir.

João Fernandes e Chica da Silva, não se faziam de rogados e também bebiam o fôlego de rir. Mas, o intendente Mucó, o sargento-mor José

da Silva Oliveira e o *reinol* bigodudo, pai de Chica da Silva, de nome *Antônio Caetano de Sá*, estes não. Estes, como lusos inteligentes que eram, mantinham-se sérios e compenetrados a observar o trabalho do artista francês.

De uma forma ou de outra, ninguém deu contas do padre embuçado que com a cabeça baixa saiu por uma das portas laterais da igreja e se foi sereno a caminhar na direitura do tablado onde se assentavam as autoridades.

O pajem, agora com o chapéu enterrado na cabeça, andando com os braços acomodados e agachado daquele jeito, visto de longe, era mesmo um macaco sem tirar e nem pôr.

De repente, uns cinco ou seis cavaleiros mascarados, saídos do meio do povo que se aglomerava no beco ao lado da casa de sacadas de ferro, estrondaram galope Largo adentro e se atracaram com os *pedestres* a esgrimir. O povo gritou muitos vivas, ante a luta encarniçada.

Ao mesmo e exato momento, o padre embuçado, já na frente do tablado, sacou duas enormes pistolas e gritou para que ninguém se mexesse. Estava também mascarado.

A luta, na outra banda do Largo, acabou-se em poucos segundos. O pajem bufão, ao ver que os mascarados haviam dominado os *pedestres* e que os presos já se começavam a aprumar, tratou de sumir-se igreja adentro. Os prisioneiros, ao descerem as escadas, arrebetaram com o cavalete e telas do francês e deram com ele no chão. Depois, juntamente com os mascarados, prenderam a todos os *pedestres* com sua próprias corrente e vira-mundos, e se apropriaram de seus cavalos.

Neste ínterim, o sargento-mor sacou a sua pistola, mas não conseguiu escorvâ-la. O padre mascarado, mesmo meio de banda, fez-lhe fogo certo e varou-lhe a mão, fazendo voar a pistola. O *reinol* bigodudo, pai de Chica da Silva, viu no momento azo e pulou sobre o padre com sua catana na mão; não era azo, era asno. Já caiu sobre o punho de aço do padre a explodir-lhe nos queixos redondos e viu muitas estrelas e o mundo rodar. O intendente aprumou-se elegante, saltou com sua espadazinha na mão e gritou:

- Em guarda!

O padre levantou a batina, puxou meia *braça* de aço maciço e aparou a cutucada brincando, fazendo o intendente tremer. Mas, o *dito* escutou umas risadas e ferveu-lhe o brio *reinol*. Investiu sobre o padre, disposto a furar ou morrer, mas... nem uma coisa e nem outra: perdeu o seu floretezinho que caiu amassado no chão, e tendo a cinta cortada, ficou com os calções soltos na mão.

Depois, o padre empurrou o intendente para uma banda e encarou Chica da Silva. A *preta* aprontou um berreiro danado, quando o padre tomou-lhe com a ponta do aço a peruca sebenta e, a zombar do coco pelado de Chica, jogou a sua cabeleira bem no colo de dona Hortênsia, mulher de Mucó e sua inimiga figadal.

- Ai a tens, dona Hortênsia! Do jeitinho que me mandaste fazer e nem precisas pagar! Ah! Ah! Ah! - Gargalhou, montando o cavalo trazido por um dos *malungos* mascarados.

Os cavaleiros mascarados e fugitivos se puseram a galopar para todos os lados e o povo foi vazando pelos entremeios das cordas, fazendo uma algazarra medonha.

Cabeça catou no chão o francês desmaiado e o levou até sua dona, mas encontrou-a possessa a brigar com dona Hortênsia.

- Teu marido é mesmo um mucó dorminhoco! E *vossa mercê* é uma falsa que ainda haverá de me pagar!

- Calma Chica! O falso padre só queria era intrigar! Não seas tolinha. Além do mais, o intendente fez tudo o que pôde, coitado! - Atalhou João Fernandes ajudando a mulher a pôr a peruca.

- Ora, o Mucó é um pamonha e perdeu até as calças! E, ainda para um padre *preto*... eu lhe vi as mãos e os olhos. Era mesmo um padre *preto*! Ah! Ah! Ah! - Debochou Chica da Silva.

João Fernandes ao ver Cabeça se aproximando com o francês inerte em suas costas, preocupou-se:

- Está morto?

- Nhor-não... foi só uma pancada - informou o criado.

- Ainda bem! Só nos faltava arranjar um protesto formal ou até uma guerra com a França... E o pajem dele? - Indagou.


- Aquilo não vale o que come - disse Cabeça com desdém. - Está lá dentro da igreja... desmaiou, o covarde, quando viu os bandidos mascarados libertando os *garimpeiros* de quem estava a galhofar. Bem feito para ele!

Cabeça deixou o sábio francês sob os auspícios dos saís de dona Hortênsia e foi buscar o *dito* pajem medroso.

O sino da Intendência tocou forte. As tropas de *pedestres* aquartelados, *com pouco*, estrondaram todo o chão a galopar pela rua da Intendência. Ao descerem pelo Largo do Macau, se esqueceram das cordas esticadas: foi só relincho de cavalo refugando e *pedestres* a se esparramar feito abóboras pelo chão.

O francês, em meio àquela confusão, já acordou praguejando e querendo ir-se embora imediatamente. João Fernandes e o intendente, com muito custo, conseguiram que o sábio ficasse no *Tijuco*, pelo menos até o dia seguinte.

## Capítulo XVIII

 pobre professor Pierri ficara mesmo num estado muito lastimoso. Seu pajem comprara ontem na botica frente à estalagem muitas *mezinhas*, banhos e quase todo o estoque de bandagem e emplastros. Mas, ao que parece, o francês amanheceu bem melhor; não mudou, porém, a sua vontade de sumir-se do *Tijuco* o mais depressa possível.

Ainda nem bem raiara o dia, saiu o *dito* carregado pelo pajem que também, com muito custo, o ajudou a montar. Estava todo embandado e de corpo duro. As ataduras da perna direita, cheias de talas e caroços de emplastros não lhe permitiam quase nenhum movimento. Vestia somente uma das mangas da casaca aberta, mostrando o peito cheio de ataduras e um braço na tipóia. Assim, quando foram passando pela barreira de *pedestres*, estes não ousaram pará-los. Além do mais, o intendente não via a hora de se ver livre de quem, talvez, lhe conhecesse alguns podres.

- Caro professor Pierri de La Found, *vossa mercê* está bem semelhante a um defunto dos tempos antigos! - Gracejou o pajem quando ganharam a subida do morro, deixando para trás o *Tijuco*.

- Porém, meu caro, sou o defunto mais rico que *vossa mercê*, até hoje, já teve a graça de ver e que não há de enterrar! Ah! Ah! Ah! - Gargalhou Antônio Pinto Sapeca, tirando o braço da tipóia e apontando os inúmeros caroços sob as bandagens onde levava o tesouro em diamantes.

Instigaram as montarias perambeiras abaixo e sumiram-se entre as *ditas*, deixando para trás aqueles céus da cor de chumbo onde navegam os urubus do *Tijuco*.

Já era de tardezinha quando avistaram a cruz de pau sobre o morro que fica atrás do Povoado de *Santo Antônio do Gouveia*. Com um pouco mais

de galope, avistaram, mais perto e mais abaixo, o cata-vento e as torres tortas do já *dito* Povoado do *Gouveia*.

Os *malungos* do Cruzeiro, juntamente com Izidro e Pedro Grenha estavam todos a esperar, como ficara combinado, na casa de dona Cututa, mãe do *dito* Grenha. Foi uma alegria muito grande, quando o francês decadente e o seu pajem medroso apearam na porta da casa.

Dona Cututa fez questão de preparar um comerzinho especial para aqueles *malungos* que lhe resgataram o filho e outros companheiros das unhas do intendente Mucó. A noite se fez clara e os *malungos*, após a janta, foram-se assentar em tocos e bancos no terreiro dos fundos da *dita* casa de dona Cututa.

- “Uai, Chico - questionou o Bateeiro. - *Omindes* viu *ovê* na porta da igreja... mais, *omindes* viu *ovê* tamém com a roupa de padre lá na outra banda... cumê que *ovê* feis a *nguenda*?”

- O que *suncê* pensava ser o nosso Chico, Bateeiro - explicou mais uma vez o *malungo* Pedro *Angola* - era, na verdade, o Cabeça, o *negro* da Chica da Silva que, por sua vez, estava vestindo as roupas do nosso Chico...

- “Chico? Chica? Cabeça? *Omindes* num entendeu nadinha” - embaralhou-se o Bateeiro.

- “*Omindes* vai contá, Orozimbo” - interveio Francisco Adão. - “Cabeça, no começo era memo um *capungo*. Num *oteque*, *omindes* pupiô *ondaca* mais ele... aí, ele ficô *malungo* e *cambarianguê*...”

- “Cabeça... *malungo* e *cambarianguê*?”

- “*In-sim*... ficô. Ele é *preto* que nem nós. Uai... - Prosseguiu, Francisco, em meio ambundo, explicando todo o caso para o amigo.

Enquanto explicava o caso a Bateeiro, Francisco notou que a prima do meio de José Basílio já viera cinco vezes ao terreiro a pretexto de servir chá de *congonha* aos *malungos*. Porém, a cada *malungo* servido, derramava o chá no chão e no colo dos *ditos*, ao invés de servir as canecas. Não despregava os olhozinhos de amendoins de cima do *cabrazinho* José Basílio. Este, então, parecia completamente *zanaga*.

- Será que vamos perder o *malungo*? - Murmurou Francisco a Sapeca que estava sentado num toco ali perto.

- Está com jeito, Francisco... O *dito* está com os olhozinhos mais brilhantes do que a estrela da madrugada - respondeu cochichando o *dito* Sapeca.

Os *malungos* dormiram todos dentro da casa de dona Cututa, esparramados pelas redes penduradas e couros no chão. Quando o primeiro galo bateu *tabaque* com as asas e cantou, o *quebra-jejum* já estava pronto e a *matula* de *farinha de guerra* já bem guardada nos farnéis de viagem. José Basílio amanheceu vagaroso e, ao invés de comer o *quebra-jejum*, ficou a rodear de olho comprido a um e outro *malungo* do Cruzeiro. Francisco levantou-se da mesa e o chamou para o terreiro. O céu não estava escuro por causa da estrela da manhã que parecia uma candeia grande pendurada numa parede do *dito* céu. O *negro* pegou a mão direita de José Basílio, abriu-a e depositou-lhe na palma uma sacolazinha de pano com algumas pedras. Fechou-lhe a mão e falou:



- Escutamos o barulho do seu coração, *malungo*... *suncê* pode ficar, mor de escarafunchar o seu destino... e, se der tudo certo e *suncê* quiser... leve, depois, a família para o Cruzeiro... sempre se pode *fabricar* mais uma cafuazinha...

José Basílio não teve boca para nada, mas seus olhos miúdos num de repente se encheram d'água. Para esconder a fraqueza, abraçou o amigo e o apertou peito a peito. Ao virar-se de banda, viu todos os outros *malungos* do Cruzeiro com os beijos grandes e os olhos fincados no chão. Criou coragem e estreitou a um por um num abraço comprido, deixando no peito da camisa de cada qual um enxombramento de pressentida e prematura saudade.

Despediram-se os *malungos* também de Izidro, de Pedro Grenha, de suas irmãs e de dona Cututa. Lá se foi a tropa mundo afora, caminhando de banda e meio esquisita, igual a uma capivara a quem falte uma perna arrancada recentemente. José Basílio e Pedro Grenha os ficaram a espiar até ver seus vultos sumirem na crista do morro no rumo da cruz. A primazinha do meio ficou da janela a chorar de alegria por causa de seu moço que ficara. Mas, logo, logo, haveria de chorar de tristeza, pois o seu moço também partiria em outros rumos na companhia de seu irmão Pedro Grenha que, por ser procurado pelas justiças do *Tijuco*, não podia ter paradas.

-----

Em *Pitangui*, Eusérnia, revoltada com os *sucessos* horripilantes, mandou chamar o advogado Manoel Ferreira da Silva e com ele conversava.

- Tenho receio de ficar com todo esse ouro, Dr. Manoel... além disto, tenho acoitada em minhas casas a escrava, agora fugida, Luzia *Parda*... o que devo eu fazer?

O advogado terminou de ler a carta endereçada ao alferes do Tamanduá, ex-senhor de José *Mina*, dobrou de novo o papel e ficou a meditar. Depois, respondeu:

- As implicações são muitas, minha cara Eusérnia... bem maiores do que podes imaginar. O José *Mina* tem a proteção do sargento-mor Salatiel e sua corja de assassinos e... estes, nem se fale! O tal Usurpiano Luso da Rocha é gente ligada ao poderosíssimo contratador João Fernandes do *Tijuco* e, vale dizer, é como se tivesse a proteção do próprio governador José Antônio Freire de Andrade. Esses reinóis estão tomando conta de tudo mesmo nestas Minas ... o momento é de se ficar quieto... de se esperar...

- Mas... não é possível, Dr. Manoel! Esses porcos mataram a dois vassalos de El-Rei, tais eram os *mamelucos* livres... mataram a pobre Josefa na maior judiação e suplicio... roubaram-lhe todos os gêneros e fazendas e incendiaram a sua venda... E, *vossa mercê* me diz que não pode fazer nada?

- Eusérnia - atalhou o causídico - há momentos de agir...há momentos de esperar. Esses reinóis estão mesmo com a faca e o queijo nas mãos, pois têm a seu lado o próprio governador. Tenho muitos amigos na *Vila Real*, na *Vila Rica* e na Real Cidade de Mariana, mas, todos, sem exceção, estão a este tempo numa situação de embaraços e dificuldades... isto, também em razão desta descarada preferência e proteção que têm alcançado os reinóis, hoje, mais do que nunca.

- E... o que faço com este ouro e com a escrava?

- Falarei a João Cordeiro... pedir-lhe-ei que conceda-te, em razão do amadrinhamento que tens dado à escrava, a guarda provisória de Luzia *Parda*. Quanto ao ouro, guarde-o bem... pois, caso José *Mina* não se interesse por trocar a sua amásia *cariboca* pela Luzia *Parda*, poderás comprá-la e ainda te sobrarão muitas oitavas que, a meu ver, devem ser tuas por direito.

O Dr. Manoel pegou o seu chapéu e foi saindo devagar. Ao abrir a porta, voltou a recomendar:

- Guarda segredo de tudo, Eusérnia. As duas escravas referidas e esta carta que guardo agora comigo haverão de nos ser ainda de muita utilidade e proveito... mas, no tempo certo. Vamos esperar o resultado da *empreita* que os levou ao *Campo Grande*... ou, ao Povoado do Cruzeiro, como dizes. Haverão também aí, de uma forma ou de outra, de cometer muitos deslizes e... crimes. Vamos esperar. Até mais ver, minha bela flor! - Despediu-se o advogado.

Usurpiano e suas esquadras atravessaram o Lambari por volta das onze horas da manhã do dia cinco de maio. Quando o sol já se punha, ganharam um lugar alto de onde verte um ribeirão chamado o Capivari, o qual, segundo se sabe, tem *perdição* no *dito* do Picão. Estavam em terras devolutas e de ninguém. Usurpiano mandou fincar um acampamento que, segundo disse, seria o último antes de se confrontarem e dar fogo aos *negros-do-mato*.

José *Mina*, a mando de Usurpiano, saiu com alguns reinóis para bater os matos em redor e desvendar aquela paragem enquanto ainda havia luz. Os reinóis principais e uns *negros* de confiança foram os únicos que ficaram em roda do fogozinho já aceso no acampamento.

- E esta agora? - Ruminou Sinfrônio Dias.

- Ora, ora, Usurpiano... se o *negro* José *Mina* deu-te tais notícias... deverias no-las ter repassado! Assim, não teríamos envolvido nesta *empreita* o patrício Domingos Algarves! - Reclamou Pereira Pontes.

- Pois estou a te dizer, homem! Só depois que atravessamos o Pará foi que o biltre veio a me dizer que há no quilombo alguns *pretos* livres, afora uns seis ou sete brancos, entre homens e mulheres! Não tive eu culpa alguma! - Justificou-se Usurpiano.

- Isto vai nos trazer complicações... o Domingos não haverá de aceitar a mortandade de brancos, tenho certeza, pois conheço bem o carola... e para acabar de nos inteirar ainda temos este tal padre Melo! - Argumentou Licórnio Teixeira.

- Quanto ao padre Melo, deixem-no estar... ele gosta muito de ouro e não gosta nada de *pretos*... é dos nossos! Além do mais, temos do nosso lado as leis e bandos de El-Rei e do governador... a ordem geral é: acabem com todos os quilombos e *calhambolas*, sejam brancos ou sejam *pretos*! - Explicou Usurpiano com entusiasmo.

- Pensando bem - raciocinou Sinfrônio Dias - se o que pretende o patrício Domingos é o conseguir terras para as suas lavouras de roça... se estas terras que já estamos a pisar além de boas são devolutas...

- Tu és mesmo um sabichão, ó Sinfrônio... basta que se dê algum tempo à tua cachola e tu chegas na idéia. É este mesmo o meu pensar! Por

isto mandei que o *negro* José *Mina* levasse o patrício Domingos com os outros; assim, terá vista d'olhos a estas terras... haverá de gostar delas! Assim, solicitaremos que tome logo posse das *ditas* e que, em paga, fique por aqui com alguma gente para nos apoiar e dar fogo aos *negros* que se nos escapando da refrega venham a fugir por este rumo! - Explicou Usurpiano.

Salatiel insistiu que seria um desperdício dar terras tão boas a um tolo como o Algarves Sinhana. Usurpiano contra-argumentou que a *empreita*, por se revestir de algum risco, deveria se cercar e ter o apoio de gentes da qualidade do Domingos, o qual poderia lhes ser muito útil no caso de algum inimigo vir a intrigar contra eles. Assim, naquela mesma noite, Domingos Algarves aceitou a proposta de tomar a posse das terras.

Neste passo, o dia seguinte, sábado e seis de maio, serviu para que todos os da expedição ajudassem ao novo sesmeiro a alevantar uma boa *cafua* junto às nascentes do ribeirão do Capivari, marcando a posse daquelas terras que se constituiriam na *Sesmaria* de três *léguas* de terra que, daí há muitos anos, seria requerida pelo *dito* Domingos Algarves Sinhana.

-----  
Pedro Velho tinha razão. Aquele domingo no Calhambal estava mesmo de muita sorte. Justino Careca havia achado uma bela pedra logo cedo. Domingos *Cabra* esbarrara numa outra num poçozinho logo abaixo. De repente, ouviu-se um gritozinho de criança. Os *malungos* se despejaram pelo corgozinho do Calhambal abaixo.

- Achei! Achei! - Gritava a malungazinha Alexandrina, indiazinha criada na casa das mulheres por Andreza *Cabra*.

Serafim *Criolo* pegou a grande pedra e a olhou contra o sol. Fez um beijo de cutelo e sacudiu um não com a cabeça para lá e para cá.

- “Diabo, purizinha! *Suncê* fais um alvoroço medonho só pra *mode* um pedaço de cristal à-toa!”

Alexandrina ficou tristezinha. Andreza a ajudou subir pelas barrancas de pedras e insistiu com todos os *malungos* que já estava na hora de irem comer. Justino Careca resolveu batear um pouco naquele poço e pediu que esperassem. Mas, qual. Justino que comesse as pedras de cristal que encontrasse; estavam todos varados de fome e não quiseram esperá-lo; *nem ver*.

Quando subiram a ladeirazinha enfeitada de cristais de muitas cores, já sentiram o cheiro gostoso do comerezinho feito pela *malunga* branca Narcisa da Silva.

- Eia, gente! - Gritou a *dita* lá da porta da grande *cafua*. - “Hoje tem muito *trem* bão! Tutuzinho com pimenta; couve rasgada e verdezinha; arroz com bastante rapa e... uns pedaçosinhos da lingüiça feita pela cumade Claudina Canguçu...”

Ante a última citação, Eusébio *Criolo* passou feito um corisco riscando vento nos vestidos de Narcisa. João Pinto o seguiu no mesmo rumo e mesma pressa e embocaram rancho adentro. Deram de *topa* com a *cuia* que o *malungo* Pedro Velho tinha nas mãos; este, só não lhes passou uma descompostura porque a *cuia* não caiu e a sua boca estava impedida por um graúdo *capitão* de tutu com pimenta. Mas, tomaram tento ante os olhos

arregalados do velho e resolveram sossegar e esperar pelas mulheres que surtem as cuias dos *malungos* para que não falte o comer a ninguém.

Andreza e Alexandrina fizeram por encher as cuias e acudirem primeiro aos esganados. Narcisa era mesmo uma cozinheira de mancheias. Em pouco tempo, as panelas ficaram limpas e se Pedro Velho não tivesse escondido uma *cuia* bem sortida para o *malungo* Justino, o *dito*, por certo, teria mesmo que comer os cristais que ficara a batear lá no poço onde Alexandrina havia dado o alarme falso.

Os *malungos*, depois de estufarem os buchos, foram se esparramar sobre os estrados e bancos de pau a mor de madornar um tiquinho. As *malungas* resolveram que já era hora de irem ao córrego para lavar os *trens*. Ajuntaram as cuias sujas num balaio e pegaram as panelas e caldeirão. Foi Andreza chegar na porta, ficou branca que nem algodão e exclamou agoniada:

- Cr'em Deus Pai! Não!

José *Mina*, com os olhos esbugalhados e uma cara boa, varou-lhe o bucho com a ponta do pau ferrado. A *preta* deixou cair o balaio de cuias no chão e dobrou-se sobre os joelhos a segurar o cabo da *azagaia* atolada em sua barriga. Narcisa e Alexandrina, vendo aquilo, não conseguiram nem gritar. A negralhada de José *Mina* invadiu como uma chusma rancho adentro e pegaram os *malungos* a dormir. Sem encontrar nenhuma reação, amarraram a todos eles, peando-os de pés e mãos, inclusive Pedro Velho e ao menino Eusébio *Criolo*.

- “*Omindes* voltô, cambada de *sumbanga*! Sunceis agora vão vê cumé que dança o canjerê! Him! Him! Him!” - Debochou o cabo-do-mato José *Mina*, como se fosse ele o dono do mundo.

Ouviu-se lá fora um vozerio de gente *reinol*. O *dito* cabo mandou que os seus soldados levassem para fora os *calhambolas* e as mulheres amarradas.

Serafim *Criolo* deu por si, peado que nem um porco e com a cara no chão. Viu, duma banda, a *malunga* Andreza a estrebuchar-se toda ensangüentada no chão, tentando arrancar a *azagaia* da barriga. Ao seu lado, Justino Careca estava ajoelhado em cima de uma poça de sangue e segurando suas tripas com as mãos. Vendo aquele bando de gentes brancas e um padre, o *negro* se pôs a gritar:

- Alto lá, senhores! Pelo amor de Deus! Aqui, de El-Rei! Somos todos fiéis vassalos de Sua Majestade e a bons vassalos não se pode amarrar e nem matar desse jeito!

- Senhor padre! - Gritou Domingos *Cabra* no mesmo tom. - As leis do reino e da Santa Madre Igreja protegem também aos vassalos deste Estado do Brasil!

O padre, vendo o falar perfeito daqueles *pretos*, limitou-se a sorrir dum jeito sem graça. O *cabra* continuou.

- Como podes! Sendo o senhor um ministro de Deus, ficar aí a sorrir... mexa-te! Há um cristão e uma cristã a morrer! Somos cristãos e estamos aqui no chão amarrados como porcos! Advirto-vos a todos: “*Jus volentes ducit et nolentes trahit!*”

- Cala a boca *malungo*! Num adianta, cala a boc... - Tentou avisar alguma coisa o pobre Justino, antes de tombar e rolar no chão, sobre o seu próprio sangue e tripas vazadas pelo grande rasgo na barriga.

- Esses dois *pretos* são perigosíssimos! - Exclamou o padre Melo, antes de cochichar algo ao ouvido de Usurpiano e descer morro abaixo.

Usurpiano chamou o cabo José *Mina* e, primeiro, passou-lhe um grande sabão:

- Escuta, ó biltre! Desta caçada, pouco ou nada nos vai sobrar, pois teremos de matar os letrados, os índios e a branca. Tu, no entanto, nos fizeste o favor de matar duas *peças* sem defeito e de bom valor. Não mates mais nenhum *preto* ou *preta* sem minha ordem, ó imbecil, ou arranco-te os bagos, além de abater o prejuízo às tuas contas! Entendeste, *negro*?

- “*Inhô*-sim... só vô matá cum ordes do sinhô” - respondeu subserviente o cabo-do-mato.

- Agora, manda separar os dois *negros* linguarudos, levando-os para dentro da *cafua*; desamarra a mulher e pede a Salatiel que a leve até o padre Melo.

- *Inhô*-sim - obedeceu o *negro*.

Salatiel desamarrou Narcisa da Silva e a conduziu morro abaixo. O padre, à beira do corgozinho, assentara-se numa laje esbranquiçada, tirara os *borzeguins* e estava a banhar os pés. Salatiel ficou ao longe e Narcisa foi-se achegando ressabiada às costas do padre. Pediu-lhe a bênção, ao que o *dito* padre não negou:

- Deus que a abençoe, minha filha - enquanto enxugava os pés pequenos na barra da própria batina.

Calçou calmamente os *borzeguins*, ficou de pé, andou para lá e para cá sobre as pedras lisas que, como mesa de quina, bifurcavam as águas do corgozinho, e perguntou com sua voz de santidade:

- Há quanto tempo, ó filha, estás cativa desses *negros gentios* e *calhambolas*?

- “Cativa! Não senhor! Nem eu tô cativa e nem esses *pretos* são *gentios* ou *calhambola*. É tudo gente batizada e crismada, sô padre. Alguns deles conhece mais as letra do que munto branco. Esta gente é memo cristã e vassala de El-Rei, sô padre!”

- Então, minha filha, conte-me tudo sobre essa gente tão boa e cristã... conte-me tudo, minha filha - pediu o padrezinho com a mesma vozinha macia.

- “Pois, sim, sô padre” - iniciava Narcisa, sendo interrompida pelos gritos do *malungo* Serafim.

- Narcisa, não diga nada ao padre! Eles são todos assassinos e só querem é nos perder e matar! Narcisa, não...

- Sccat-Buuuummmm! - Estrondou uma *reiúna*, fazendo o *negro* se calar.

A mulher saiu correndo desesperada pelo corgozinho abaixo. O padre, friamente, ordenou a Salatiel:

- Faze o que deve ser feito - e se foi embora morro acima, para não se comprometer nos efeitos da ordem.



Salatiel tirou o chapéu, as botas, calções ... ficou só com a ceroula e cingiu à cintura a correia para sustentar as suas facas cipó e lambedeira. Foi-se corgo abaixo no encalço da mulher.

Narcisa se escondera esbirrada na barranca de pedras, atrás de um pé de veludo. Coitada; ao ver o *reinol* com o riso macabro na boca banguela de dois dentes, a pobre mulher se apavorou e despencou-se de costas dentro do poço raso.

A Narcisa, apesar de ter quarenta e cinco anos de idade, era como se fosse uma monja, pois dedicara a Nossa Senhora a sua vida e castidade e assim vivia na casa das mulheres a trabalhar para toda a gente, principalmente em prol dos meninos e meninas.

Salatiel vendo-a cair, veio rindo-se às escâncaras. Pulou no raso poçozinho já a dar pancadas com a mão fechada na cara, boca e nariz da pobre mulher. Quando a *dita* se desfaleceu ante a tanta bordoadas, arrastou-a para o barrancozinho de pedras da outra margem e tirou-lhe todas as roupas, rasgando-lhe os panos com a faca lambedeira. Depois, vendo-a nua e ainda desfalecida, enfiou as mãos na braguilha da ceroula, tirou para fora as suas *encomendas*, atafulhou-se no meio das pernas da mulher e ficou a roncar como um porco sacudindo as cadeiras.

Quando o *reinol* apressou seus movimentos e começou a urrar, a mulher, recobrando os sentidos, se pôs a gritar, espernear e fincou-lhe as unhas na cara. Salatiel, com uma mão tapou-lhe a boca, e com a outra, sacou a *faca-cipó* cravando-a por três vezes no sovaco da pobre mulher. Ainda com a *dita* a estrebuchar deu seguimento ao seu ato imundo até amolecer-se sobre o cadáver ensangüentado. Depois, levantou-se recompondo e foi-se embora como se nada tivesse feito.

Usurpiano achara a *cuia* sortida que fora deixada para matar a fome do *malungo* Justino e a comia esganado à porta da *cafua*. O padre mandou que José *Mina* revistasse as algibeiras dos *pretos* e o *dito* achou os xibiuzinhos que haviam bateado, que estavam com Pedro Velho. Foi ter o padre, acompanhado de Pereira Pontes e Salatiel, com o chefe Usurpiano.

- O *preto* velho deve ser poupado, pois pode nos dizer coisas acerca de mais diamantes - recomendou o padre ao *reinol*.

- Pois sim, padre Melo, vamos deixá-lo vivo. Pereira Pontes - ordenou Usurpiano - manda os dois *moleques* furarem uma boa vala - virando-se para Salatiel: cometestes um pecado mortal mui barulhento, ó gajo... terás de ser ouvido em confissão por padre Melo... Ah! Ah! Ah! - Debochou Usurpiano.

- Ora, ora! Vai amolar ao bode, Usurpiano! Ah! Ah! - Gracejou Salatiel, mandando que José *Mina* fosse buscar o cadáver.

Em meio à roçazinha de feijão, abóboras e mandiocas em frente à *cafua*, os *malungos* Romualdo e Domingos *Cabra* pegaram os *almocafres* e pás e começaram a cavar a terra fofa e amarelada. Romualdo lembrou-se de sua mãe já tão velha a governar o *Mamboim* a custa de suas rezas e sentiu coragem. Domingos *Cabra*, apesar de aluno dos adiantados e bem letrado, era somente um menino de dezesseis anos e, como tal, tremia de medo. Tanto um como o outro *malungo* sabiam que os *reinóis* não os deixariam viver para

contar o caso; mesmo assim, continuaram a cavar, na esperança de que a catacumba fosse somente para os que já estavam mortos.

Terminada a vala, com meia *braça* de largo e uma e meia de comprido, João Pinto *Puri* foi arrastando os *malungos* mortos e jogando-os no buraco; a última foi a *malunga* Narcisa, seminua e toda roxa e ensangüentada. O índio preocupou-se com a irmazinha Alexandrina de doze anos de idade e se abraçou com a *dita*. Os *pretos* de José *Mina* os arrastaram, amarraram um no outro e os deixaram de pé na frente do buraco, entre os *malungos* Romualdo e Domingos *Cabra*. Num último momento, o velho Licórnio puxou o padre para uma banda e questionou:

- O *cabra* mais atarracado... forte e vigoroso... é uma *peça* de grande valor e pelo jeito nem *ladino* é... então, para que matá-lo?

Usurpiano, duma banda, coçou a barba e concordou. José *Mina* arrastou o *cabra*, trancou-lhe um vira-mundo nas mãos e o levou para dentro da *cafua* onde já estavam a ferros Eusebiozinho e Pedro Velho.

Os reinóis escorvaram suas armas - reiúnas, escopetas, lazarinas e espingardas - e se fizeram em prontidão. A menina Alexandrina não fazia idéia do perigo, só achava esquisito estar amarrada às pernas de seu irmão. Inocentemente cravou os seus olhos negros e grandes bem nos olhos do capitão Aprígio de Araújo e Sá. O velho ficou confuso e baixou a escopeta. Os outros, não. Espipocaram o tiroteio cerrado, arrebetando os corpos de Domingos *Cabra*, do índio rapazinho e da sua irmã Alexandrina, derrubando-os a estrebuchar na vala funda. Nem tinham ainda morrido e já os *pretos* de José *Mina* se puseram a jogar terra e pedras a entupir o buraco.

-----  
Aquele domingo de maio, logo pela manhã lá no Cruzeiro, uma passarada medonha se pusera a sobrevoar silenciosa o Povoado. Após o almoço, se dividiram em dois bandos e foram pousar silenciosos, um sobre a casa dos homens e outro, sobre a casa das mulheres. Era uma monstruosidade de número de passarinhos, de todas as cores e tamanhos. Bem-te-vis e siriris, tizius e anuns do branco e do preto; periquitos e maritacas, arapongas e cardeais e muitos outros; mas, o que causava estranheza e espanto, era ver caracarás e outros gaviões e corujas pousados ao lado de inhambus, trocais, rolinhas e juritis, além de se verem também inertes, beija-flores, andorinhas e tesourinhas.

A noite caiu dum jeito esquisito e depressa e os passarinhos nem se mexeram; continuaram calados e inertes a abarrotar os indaiás das duas casas.

Vicente Soares passara o dia inteirinho na capela a rezar; já era boca da madrugada, quando a porta da capela rangeu. O velho saiu-se de lá com a cabeça baixa e foi parar frente ao grande cruzeiro, onde fez uma breve parada e o Nome-do-Padre. Depois foi-se embora, sumindo-se na penumbra, na direitura do Alto da Botica.

A madrugada tomou corpo e um galo cantou a segunda-feira. Com passarinhos ou sem os *ditos*, a vida continuava e as roças careciam de cuidados e capinas. Assim, antes do sol nascer, lá se foram muitos *malungos* na direitura da Forquilha, do Doce e da Vargem do Valo. O dia já branqueava lá para as bandas da Chapada, mas os passarinhos não se mexiam; era como

se fossem tocos fofos amontoados sobre a casa dos homens e na das mulheres. De repente, como se soubessem onde deviam ir, os passarinhos se alevantaram a revoar. O bando que estivera sobre a casa das mulheres, subiu alto nos céus e, depois, como rego d'água morro abaixo, dividiu-se em duas alas a derramar-se, uma, sobre a casa de Rita Praxedes e, outra, sobre a de José *Puri*. O outro bando que antes se amontoara sobre a casa dos homens, da mesma forma, se alevantou céus acima e foi pousar, uma parte, sobre a *cafua* de Maria Conga e a outra parte, sobre a da Maria *Fula* Fulô.

-----  
Rita Praxedes e Rufina *Cariboca*, mulher de José *Puri*, precisavam alimpar o algodão já grande; também era tempo de se plantar sementes do *dito* no terreirozinho esterçado e coberto de varas, com vistas a aumentar com novas mudas a roçazinha que estava dando tão certo. Assim, haviam pedido a ajuda de Maria Conga e de Maria *Fula*, somando gentes num total de quinze pessoas, sendo cinco crianças e dez adultos e, de homem, estava o Agostinho *Fulo*, filho de Maria *Fula*, meio troncho, mudo e aleijado.

Atravessaram o ribeirão da Forquilha, ganharam um morro lançante e com o sol nos olhos avistaram a grande *cafua* onde faziam o comer, dormiam e guardavam os *trens* durante a semana de trabalho. Fizeram caminho da roça, abeiraram umas perambeiras de terra carcomida pelas águas e enxergaram o terreiro de terra vermelha da *cafua*.

- “Uai, cumade Rufina; *suncê* pode acendê o fogozinho... Nóis só vai aperpará as ferramenta e bamo já tudo pra lida” - recomendou Rita Praxedes.

Mal a *cariboca* Rufina adentrou a *cafua*, do mesmo passo saiu a gritar com as unhas na cabeça e, num estrondo, a portazinha pequetita cuspiu no vento da *dita* três *negros* montados e encurvados sobre cavalos. Ouviu-se um pisotear de cavalos vindo de trás do rancho e uma voz de *reinol* a gritar:

- Não matem nenhuma *peça*! não me causem danos e nem machuquem a nenhuma das *peças*!.

E uma multidão de cavalos e cavaleiros, além de um magote de *pretos* a pé, fecharam o círculo em torno das *malungas* do Cruzeiro. Maria *Fula*, com a enxada numa mão e o facão na outra, gritou:

- Que diabo vem a ser isto? - E trovejou o olho da enxada na cacunda de um *negro* que tentou botar ferros nas canelas de sua filha Angélica Carapina.

Agostinho *Fulo* rodou a foice no ar e ameaçou o pescoço do *reinol* Roriz da Silva. Este, emparelhado a Sarmento Alves, apontou-lhe a lazarina e o mandou ficar quieto. Assim, não teve outro expediente e mesmo Maria *Fula* depôs a enxada e o facão.

José *Mina* pegou os meninos Paulo e Raimundo *Puri* pelos cangotes e pediu a Usurpiano que desse ordem para matá-los:

- “Esses dois *caribocazinho* pequeno sabe lê e rabiscá letra” - alegou.

- Ora, ora, *negro*! Estás com medo de dois pirralhos que não têm ainda dez anos! Ah! Ah! Ah! - Galhofou Sinfrônio Rios.

- Depois se for o caso cortamo-lhes as línguas... mas, por enquanto, nada de mortes... um *moleque* destes vale no mínimo umas duzentas oitavas; ouvistes, *negro*?

- *Inhô*-sim - respondeu José *Mina* jogando no chão os dois *caribocazinhos*.

Usurpiano não cabia em si de tanta satisfação. Sem dar um tiro, capturara quinze *peças* da melhor qualidade. Até mesmo a velha conga, que já devia ter mais de sessenta anos, era forte e vigorosa devendo valer um bom preço e o *preto* aleijado parecia ser valente.

- Hoje, senhores, ganhamos o dia! Ganhamos o dia e muito mais pois, pelos meus cálculos, nossas despesas já se pagam! Ah! Ah! Ah! - Riu satisfeito.

Os soldados de José *Mina* abriram uma *canastra* e de lá retiraram dezenas de vira-mundos e *pêgas* interligadas por correntes. Jungiram todas as *pretas*, o *preto* e as crianças, deixando livre só a velha Maria Conga a quem mandaram cozinhar o almoço sob a vigilância de um dos soldados-do-mato.

Padre Melo ficou a tarde inteira a conversar com uma e outra *preta*, buscando a confirmar a existência de uma capela e ouro no Quilombo do Cruzeiro, pretextando o oferecer-lhes a confissão. Nenhuma delas quis confessar-se e Sipriana, filha mais moça de Maria Conga, garantiu-lhe que não eram *calhambolas* e que o Cruzeiro era um povoado e não um quilombo; implorou para que as soltasse. O padre fingiu, dissimulou, olhou muito para Rufina *Cariboca* que não lhe quis dar nenhuma prosa e ao final, se não soltou nenhuma delas, também não obteve nenhuma informação ou notícia. Foi falar com Usurpiano:

- Sem um pouco de castigo, essas *pretas* e o *preto* não vão adiantar-nos nenhum informe ou notícia - argumentou dum jeito tenso.

- Que informe ou notícia queres mais, ó padre? - Questionou Usurpiano. - Já te disse e repito: José *Mina* morou muito tempo no *dito* quilombo e tudo que sabe nos tem *dito*...

- É... mas o *negro* não tinha ciência deste coito... nós o achamos por obra do acaso - contra-argumentou o padrezinho.

- Ora, ora... é porque este coito é novo. Os *negros* o fizeram recentemente... não vês o indaiá ainda esverdeado e os paus cortados de novo? Fica sossegado, padre Melo... garanto-te, os nossos lucros não serão um fiasco!

O padre saiu a andar pelo terreiro e ficou para lá e para cá com as mãos estiradas para trás. Quando o sol deitou-se ao poente, foi saindo que nem peido escapulido, desceu o lançante gramado e embrenhou-se num capão de mato encravado numa grota cercada de carrasquinhos.

A noite foi descendo. Armindo da Mata e Simplício Rios dos Santos arranjaram dois *tabaques* e mandaram que dois *pretos* de José *Mina* os tocassem. Soltaram as filhas de Maria Conga, rasgaram-lhes os vestidos, pondo-lhes os peitos para fora e as mandaram dançar, no que foram obedecidos.

Salatiel, por sua vez, iniciado o *batuque*, pegou pelo braço a *cariboca* Rufina, soltou-lhe as *pêgas*, e saiu a arrastá-la pelo lançante gramado, na direitura do escuro capão de mato, deixando a chorar desesperados os cinco

filhos pequenos da *dita*. A coitada, uma mulher franzina de vinte e seis anos de idade, era viúva e nem sabia, pois não tinha ciência do que sucedera ao seu marido José *Puri* lá na venda de *Pitangui*, e, tampouco atinava sobre as intenções daquele *reinol* banguela e de *cara-lambida*.

O *batuque* prosseguiu e as filhas de Maria Conga, sacudindo as ancas e os peitos nus, arrancavam muitas palmas dos *reinóis* e *pretos* já excitados. De repente, ouviu-se um guincho e uma gritaria medonha, provavelmente vindos da boca de Rufina *Cariboca*. Os *tabaques* receberam pancadas mais vigorosas, abafando o barulho com a força dos seus tantãs.

Quando a lua surgiu no céu, Usurpiano, já na porta da *cafua*, recomendou aos patrícios que poderiam, se quisessem, usufruir de todas as *pretas*, mas, que ninguém lhes causasse machucaduras para não desvalorizar as *peças*. Depois, sorriu maroto, sumiu-se porta adentro e foi dormir.

-----  
A nove de maio, terça-feira, o dia amanheceu esquisito. O estranho passaredo que invadira o Cruzeiro houvera durante a noite se transferido para outras *cafua*s. Estavam agora sobre as casas de Tibúrcio, de Manoel Zimbabo, Bento do Rego e de Jacob Quirumbo. Dr. Fernandes, conversando com Vicente Soares, procurava explicação:

- “Fernande... isso é aviso. A nossa desgraça vem aí” - explicou Vicente Soares a chorar.

- Deixa disto Vicente! O Leandro dizer tolices, ainda vá lá, pois está ruim da cabeça... Mas, *suncê*? Um homem já vivido!

- “Fernande, *suncê* é cabeça-de-pau! Escuta *omindes*! Bamo falá com o povinho... bamo sumi tudo daqui!” - insistiu o velho, com os olhos inchados e vermelhos.

- Ora, Vicente! *Suncê* pensa que é um privilegiado de Deus... Por que lhe daria Deus o poder de profetizar e não o daria a outras pessoas? Deixe disto, homem! Deve haver alguma substância ou matéria nos indaiás que cobrem as casas que estão a atrair os passarinhos... e não se fala mais nisto!

O velho abaixou a cabeça e saiu a manquitolar. O *moleque* Isac o esperava lá perto do ribeirão. Foram-se os dois para o Alto da Botica.

-----  
Usurpiano deixara as *peças* bem amarradas e vigiadas por três *pretos* lá na própria *cafua* onde as pegara. Seguido de suas gentes e *pretos*, atravessou o corgo da Forquilha e ganhou a direitura do *dito* do Doce. O sol já se ia alto.

- Salatiel, doravante estás proibido de ficar a sós com qualquer de nossas *peças*... e não quero saber de justificativas! - Sentenciou Usurpiano com cara de poucos amigos.

- Já to disse, ó Usurpiano... não fui eu quem matou a *cariboca*, homem... não fui eu! - Choramingou Salatiel.

- Ora, ora! Se não fostes tu, quem foi então?

- Isto não te posso dizer... mas, dou-te boas informações: o ouro, guardam-no os *pretos* em seu paiol; a capela possui dois cálices e um grande ostensório de ouro, além de um farnel cheio do *dito* em pó. Havia um padre no quilombo, sabias? Mas faleceu há algum tempo. Os *negros* mais destemerosos



estão fora a viajar e nos será muito fácil tomar de assalto as *cafua*s... Isto vale ou não a perda de uma *peça* ordinária?

- Está bem Salatiel... por esta vez se vai passando. Esqueça-te do que te disse. Vamos primeiro às *peças* que estão fora a trabalhar em sua roças - encerrou a conversa Usurpiano, instigando o seu cavalo e deixando para trás o cínico Salatiel.

O padre Melo, que seguia ao lado de Salatiel, ouviu toda a conversa e se manteve impassível, como se estivesse a rezar.

-----  
Tibúrcio *Criolo* e sua mulher Apolinária estavam a depurar no fogo a última tacha de melado. Haviam ficado sozinhos no Doce, juntamente com suas três crianças pequenas. Os outros *malungos* estavam todos na Vargem do Valo a ajudar Valéria *Cabra*, mulher de Bento do Rego, na colheita do feijão.

O céu tinha um azul esbranquiçado. A caçulazinha Justa viu da porta da casa da fornalha uma nuvem de cavaleiros ao longe e se foi a chamar o pai.

Os caçadores de *peças*, ao longe, avistaram as casas do engenhozinho. Uma casa grande com duas pequenas de cada lado, todas com arcabouços vigorosos feitos de paus serrados, construídos sobre um porão cercado de achas de aroeira, cobertas de indaiá bem aparado e tendo boas janelas e portas de tábua. O magote se foi achegando. Tibúrcio e a mulher saíram para o terreiro e ficaram a esperar os *chegantes*. Assim que chegaram, Tibúrcio os saudou:

- "*Louvado seja Nosso Sinhô Jesus Cristo!* Sunceis tão percurando algum caminho?"

A resposta não saiu da boca de ninguém. Os cavalos se espaçaram, repartindo os reinóis em dois magotes e, a esquadra-do-mato, tendo na frente o José *Mina*, se lançou pelo centro sobre a família e amarrou rapidamente o pai, a mãe e os filhinhos.

Usurpiano desta feita vigiou para que nenhuma *peça* fosse danificada. Inquiriu pessoalmente o *negro* Tibúrcio:

- Então estas terras pertencem ao tal Dr. Fernandes?

- "Não sinhô... Dr. Fernandes é o nosso juiz e chefe... as terra é dos *malungos*, mais num tem ainda repartição" - respondeu simploriamente o *negro* amarrado.

- E onde estão esses *malungos*? Só eles poderão me dar prova de que tu dizes a verdade e de que não és *negro* fugido - argumentou Usurpiano, fingindo-se razoável.

Tibúrcio, desesperado, vendo sua mulher a ferros e suas crianças amarradas, contou que havia muitos *malungos* ali por perto a colher feijão na Vargem do Valo e que, à noite, por terem terminado a colheita, viriam festejar no engenhozinho onde fariam um *batuque*, antes de voltarem para suas casas, no Cruzeiro.

Usurpiano se deu muito por satisfeito e mandou desamarrar Tibúrcio, mantendo presa, no entanto, a sua família. Quando foi chegando a tardezinha, o chefe *reinol* mandou que a esquadra-do-mato levasse as alimárias e se escondessem no canavial próximo ao terreiro do casario. Aos

reinóis, mandou que se fossem esconder com seus cavalos atrás das casinhas da engenhoca. Tibúrcio foi mantido à porta com a ordem de saudar normalmente os *malungos* quando fossem chegando. O sol se foi deitando para as bandas do rio de São Francisco e, na medida em que seus últimos raios foram sendo chupados chão adentro, o vento começou a trazer um zunzunzum de *pretos* a cantar ao longe e, depois, cada vez mais perto:

- “Oenda auê, a, a! *Ucumbi* oenda, auê, a, a!  
Oenda auê, a, a! *Ucumbi* oenda auê, no calungá!  
*Ucumbi* oenda ondoró onjó! *Ucumbi* oenda ondoró onjó!  
Iô vô oenda, pru *curimauê*! Iô vô oenda pru *curimauê*!”

À frente, vinham Teodoro *Criolo*, Manoel Zimbabo e seus filhos José, Clemente e Cristiano; Bento Valério, filho do Bento do Rego, Jacob Quirumbo e seus filhos Pedro, Inácio e Joaquim; e também Alexandre e João *Criolo*, filhos do Tibúrcio. Mais atrás vinham as mulheres e crianças, perfazendo, ao todo, vinte e oito gentes. As mulheres tiraram os panos da cabeça e se foram assentar rente à cerca de achas, sobre a qual se planta a casa maior. Os homens gracejaram com Tibúrcio que se mantinha inerte à porta, e iniciaram o *batuque* no meio da meninada a saracotear.

Jacob Quirumbo, não vendo a mulher e meninos de Tibúrcio, cismou que havia alguma dúvida no jeito do *malungo* e resolveu entrar para conversar. Subiu a escadazinha de prancha e sentiu no ar um cheiro de medo. Tibúrcio continuou parado na penumbra da soleira da porta. Jacob viu movimento dentro da casa e gritou:

- “Gente! Tem alguma *duda*! Óia que tem *duda*!”

Ouviu-se um tiro de pistola e o entardecer virou um Deus-nos-acuda de gritaria e correria para todas as bandas. A esquadra de José *Mina* saiu a correr do canavial e caiu sobre os *malungos* a dar-lhes bordoadas e a berrar. Alguém deitou fogo nos indaiás da casa da fornalha e o fogaréu iluminou todo o terreiro. Os *malungos* foram sendo amarrados e jungidos com *pêgas* e vira-mundos, sem que pudessem reagir ou entender o que estava a acontecer. Ouvia-se a voz de Usurpiano a comandar:

- Nada de mortes! Nada de perdas! Simplício, Julião! Peguem os negrinhos e negrinhas que fugiram para o canavial! Josué, Roriz, Atanásio! Há duas pretas escondidas debaixo do porão! Nada de mortes! Nada de perdas!

O padre Melo se manteve o tempo todo dentro da casa maior, a conversar com a *negra* Apolinária e crianças, prometendo soltar a todos em troca de mais informes acerca do *dito* Quilombo do Cruzeiro e outros mais, bem como, acerca da morte do padre Matuzalém.

Amarrados todos os *pretos*, *pretas* e crianças, os reinóis principais se reuniram com José *Mina*. Houve muita discussão. Salatiel estufara as veias do pescoço e gritara muito. Usurpiano, porém, passou a dar mais ouvidos ao padre Melo e ao capitão Aprígio de Araújo e Sá. Ao final, tudo terminou em risos e começaram a beber cachaça.

José *Mina* saiu com dois de seus homens para o terreiro já escuro e passou a alumiar com candeias as caras de todos os *pretos* e *pretas* e, a alguns, foi separando e jungindo em outra corrente. Os *pretos* separados foram Alexandre e João *Criolo*, Clemente Zimbabo, Bento Valério e Joaquim

Quirumbo, todos alunos letrados e adiantados da Escola do Cruzeiro; por fim, o José *Mina* separou também a Teodoro e Jacob Quirumbo. As crianças, com fome e assustadas, já nem choravam mais e tinham tanto medo que apenas mijavam e obravam nas roupas e panozinhos. As mulheres choravam e gritavam sem parar e também xingavam muito a José *Mina*. Assim que os dois soldados-do-mato levaram as *peças* separadas, José *Mina* deu muitas lambadas de *bacalhau* em várias *pretas* e mandou que se calassem se não quisessem morrer. As coitadas das *pretas* ficaram a engolir os soluços e a balançar as correntes e ferros.

Aquela noite foi aos poucos se transformando num inferno e os capetas tomaram conta dos reinóis e *homens-do-mato*. As mulheres mais novas, mocinhas e até crianças urraram até de madrugada, debaixo do porão, pelos matos e pelos canaviais em roda das casas. Os reinóis e os *pretos* de José *Mina* se divertiram a valer.

A uma certa altura da madrugada, Salatiel e Armindo da Mata, já bem encharcados de cachaça, arrastaram para um dos quartos da casa maior as meninas Luzia, filha de Manoel Zimbabo, e Escolástica, filha de Teodoro *Criolo*, meninas de doze e onze anos, com o fito de satisfazerem com elas os seus desejos bestiais. O capitão Aprígio e Usurpiano intervieram sob a alegação de que aqueles cabaços valiam muito ouro. Tomaram as negrinhas das unhas dos *ditos* e lhes entregaram a *preta* Bernarda, mulher de Jacob Quirumbo, e a *cabra* Emerenciana, mulher de Teodoro. Os dois reinóis, completamente emborrachados, até que concordaram em evitar o prejuízo, mas exigiram que os dois *negros* maridos fossem trazidos para verem como é que se fazia uma xumbregação bem feita com uma *negra* sem-vergonha. Os dois *negros*-maridos bem que tentaram furar os próprios olhos e explodir os ouvidos para nada verem ou ouvirem mas nem isto puderam fazer, pois foram arrastados para o quarto e ali jogados a ferros e peados de mãos e pés.

Quando os reinóis e os *pretos* tiveram satisfeitos todos os seus instintos bestiais, a cachaça cuidou de arriá-los e fazê-los dormir como porcos saciados. A maioria dos *pretos* e, mesmo as *pretas* depois de usadas, permaneceram ao relento no terreiro, jungidos aos ferros presos por correntes às achas do *dito* porão. O sol raiou e os reinóis dormiram até bem tarde.

Capitão Aprígio e Usurpiano, dos *negros* separados, escolheram os três mais fortes e os levaram para o fundo do terreiro, atrás da casa maior. Lá, mandaram que furassem uma grande vala. Depois, na medida em que se levantavam os outros reinóis, foram sendo chamados ao local com suas armas. Assim como procederam no Calhambal, fizeram no Doce os reinóis: Alexandre e João *Criolo*, Clemente Zimbabo, Bento Valério e Joaquim Quirumbo, por serem letrados, e os mais velhos, Teodoro e Jacob Quirumbo por serem considerados contaminados e perigosos, esses *pretos* todos foram abatidos a tiros e jogados do mesmo passo numa vala só.

O tiroteio ficou ecoando muito tempo no ar. O vento parou e até as moscas emudeceram as suas asas. Só se ouviam o barulho das pás pegando terra e o baque surdo da *dita* a cobrir os corpos dos *malungos* mortos.

## Capítulo XIX

**E** Usurpiano passou o resto do dia a fazer alegres contas. A *empreita* agora começara a render lucros. Capturara vivas e de uma só vez, vinte e seis *peças*, incluindo duas pequenas de três e um ano de idade. Quando levantou a cabeça, viu José *Mina* parado ao sopé da escada a aguardar sua licença:

- Pois sim, ó *negro*. O que queres?
- “*Ominde* qué pedi um *adjutoro inhô* Rocha...”
- Pois, fala!
- “Hoje nós interrô pra mais do que os dedo duma mão *nim* tanto de *preto* morto. Os home tão choramingano a perda... é prejuízo, *inhô-nhô*! Cada cabeça de *preto* morto vale seis *oitava* de ouro; nós perdeu...”

- Muito bem José *Mina*! Estás aprendendo a pensar em lucro! É isto mesmo! Estou de acordo. Podes dizer a teus *pretos* que doravante passaremos a ajuntar as *peças* contaminadas, deixando para matá-las somente no dia em que nos formos embora... desta forma, sem que se gaste muito sal, poderemos aproveitar-lhes as cabeças para recebermos das câmaras as seis oitavas que vale cada uma!

- *Inhô-sim*! - Entusiasmou-se José *Mina*.
- Diga também aos teus *pretos* que, referentes aos *negros* que já amarramos vivos, já têm ganhas quatrocentas e trinta oitavas a repartir entre todos! - Noticiou Rocha.

José *Mina*, indiferente, pediu licença e se retirou. Era sobre esta última questão que, na verdade, queria saber. Ficou meio decepcionado pois, sendo cada *tomadia* de vinte oitavas e havendo, no total, quarenta e três *peças* amarradas, o prêmio seria, segundo as contas de um dos seus *pretos*, de oitocentos e sessenta oitavas, o dobro do que dissera Rocha. Mas, a bem

da verdade, não esperava nem isto. Fingiu-se satisfeito e foi festejar a notícia com os seus soldados-do-mato.

Os outros reinóis haviam passado o resto do dia e a noite a jogar com dados e a beber cachaça e o padre Melo, a rezar. Os *pretos* da esquadra de José *Mina* ganharam algum fumo e cachaça e passaram o tempo todo a cantar. José *Mina* passara o dia todo andando para lá e para cá na frente dos *ex-malungos* acorrentados a cagar-lhes desaforos e a zombar das pobres *pretas*.

Amanheceu a quinta-feira e Usurpiano chamou os reinóis para falar sobre o seguimento da *empreita*. O *reinol* era mesmo experimentado no trato com *peças* revoltadas. Deixara-as sem comer e sem beber durante o dia e a noite toda para diminuir-lhes a força e quebrar-lhes a vontade. Então, começou a exposição de seu pensar:

- As *peças* já estão bastante decadentes. Poderemos, agora, com menos custo, conduzi-las para a *cafua* onde já temos as outras na paragem além do *dito* córrego da Forquilha.

- E... a quem mandarás que as leve? - Indagou Salatiel, excitado com a idéia.

- Naturalmente não me arriscaria a confiar-te tal missão... Ainda mais que pretendo tirar as roupas às *peças* e mandá-las todas completamente nuas! Tu és um devasso, ó Salatiel! Ah! Ah! Ah!

Os reinóis racharam as goelas de tanto rir e Salatiel se defendeu indignado:

- Já te disse, Usurpiano! Não matei o raio da *cariboca*!

- E a bruaca branca do Calhambal? Morreu a *dita* por obra do Divino Espírito Santo? Ah! Ah! Ah! - Redargüiu Usurpiano olhando de um jeito maroto para a cara do padre Melo.

- Ora, ora! Tive de me defender, homem! Vejam o rasgo que a ordinária fez-me na cara! Acho melhor que não me digas mais tais coisas... ou vou me ofender... Ouvistes, Usurpiano?

- Ora, patrício... deixa-te de tanto melindre! Aquela mulher era lasciva e indecente, pois se dava a *pretos*. Estou somente a fazer um pouco de chiste; afinal... somos, ou não, amigos? - Atalhou o chefe *reinol*, indo até a rede onde Salatiel se recostava a dar-lhe tapazinhas no braço.

O tempo foi-se escoando. O sol já se ia alto e um cheiro de almoço farto e rico recendia nos ares; eram as panelas dos *pretos* cozinheiros da esquadra de José *Mina*. Lá fora, os *malungos* e *malungas* de todas as idades tinham seus estômagos a roncar e as bocas de anteontem. Se não tinham nada por dentro a não ser a fome, também por fora se-lhes tiraram: estavam todos pelados, inclusive crianças e *pretas* velhas.

De repente chegaram os reinóis Antanásio Ribeiro, Sarmento Alves e Isaías Henriques e soltaram das achas de aroeira as suas correntes. Estalaram chicotes e os fizeram levantar. Manoel Zimbabo e Tibúrcio *Criolo* gritaram com os *malungos* mais moços para que não tentassem reagir, pois só fariam machucar os pulsos e canelas, além de dar mais sofrimento às mulheres e crianças. Os reinóis se despediram de seus asseclas e a jornada teve início. Os condutores, de cima de seus cavalos, de quando em vez, vendo um *preto* de cara feia, ou com algum ódio nos olhos, cuidavam de



desmoralizá-lo a custa de muitas lambadas de *bacalhau* e *pirai*. As mulheres sofriam em dobro pois além de terem que carregar suas *crias* pequenas, tinham de proteger com as próprias costas os maiorzinhos das lambadas e chicotadas.

Foi-se embora o cortejo macabro a retinir barulho de correntes ao ritmo dos *ditos* bacalhaus e pirais. Por onde passavam, iam deixando o capim macerado pelos ferros e correntes e muito sangue a manchar o verde da grama e as folhas dos carrasquinhos.

Usurpiano adentrou a casa maior e convocou novamente os reinóis para prosseguirem no urdimento da *empreita* do dia seguinte. Os reinóis se assentaram pelos bancos em roda da sala e o chefe Usurpiano ficou para lá e para cá.

- Bem... José *Mina* e Julião foram atrás dos bois de carro e só a noite deverão voltar - comentou o *dito* a bater na perna a sua pequena *taca* de sola.

- Podes, agora, nos dizer por que queres levar os carros-de-boi? - Indagou Sinfrônio Dias.

- Ora, Sinfrônio... não sabemos o que nos espera e, se os *calhambolas* estão a esperar esta carga de rapaduras... então, nada poderá ser mais natural - respondeu o chefe *reinol*.

Um dos *pretos* de José *Mina* adentrou a sala e avisou que o almoço já estava pronto. Assim, não teve seguimento a conversação.

Os reinóis almoçaram à tripa forra o comer que não deram àqueles a quem, pelo suor, pertencia. Beberam bastante cachaça e só lamentaram que os *ditos pretos* não tivessem o costume de fazer um vinhozinho, o que melhor lhes aproveitaria. Depois, ficaram a lançar seus dados e a jogar a tarde inteira.

A penumbra entrou portas adentro e Licórnio acendeu umas candeias. Daí a pouco, ouviu-se um galopar desenfreado de cavaleiros a virem na direita do engenho. Não demorou e o patear de dois cavalos espipocou no terreiro de chão batido à porta da casa. Eram os *ditos* Julião e José *Mina* que chegavam da viagem para a qual haviam partido pela manhã daquele dia. Nem bem os *chegantes* adentraram à sala, o chefe *reinol* os inquiriu:

- E os tais bois? Foram encontrados?

- Sim. Conseguimos cinco juntas. Os homens de José *Mina* os vêm conduzindo pelo caminho... não tardarão a chegar - respondeu o Julião Gonçalves Paredes; depois, fascinado noticiou: Senhores, estou estupefacto com o que vi!

- O que viste, homem? Achastes uma *lavra* de ouro, ou os *ditos* bois são quem o cagam? Ah! Ah! Ah! - Galhofou Licórnio.

- Ora, velho! São coisas a que, por certo, já há muito não cuidas ou dás importância: U'a mulher branca!

- Ora, Julião! Estamos a falar com seriedade e vens tu com falas sobre mulher! - Contestou Usurpiano e, sem perder o pé, aproveitou: estás te parecendo com alguém que conhecemos e que não pensa noutras coisas! Ah! Ah! Ah! - Olhou para Salatiel.

- Esta que vi, senhores, não é uma mulher comum: é branca como a neve! Tem longos e negros cabelos... mas se bem que me pareceu prenha com

sua linda barrigazinha! Eu a vi só de longe. Montava a cavalo, mas quando nos viu, sumiu-se a galopar mato adentro e... estava completamente nua! Nua e montada a cavalo! José *Mina* me disse que se trata de uma portuguesa de nome Divina Homem e que também reside no tal Quilombo do Cruzeiro!

- “Parece que era ela... mais, *omindes* num sabe se é... pois nunca viu ela pelada! ... A *dita* é braba que nem onça... já capô a muntos home” - inteirou José *Mina*.

- Sugiro que deixemos de bobagem e passemos ao que nos interessa - atalhou Salatiel, como se não se interessasse pelo assunto.

Usurpiano pediu que arrastassem os bancos e ficassem todos mais reunidos para poderem melhor confabular. Pôs sobre a mesa um couro com os *riscos* dos caminhos já seguidos e a seguir, e passou a expor o que deveriam fazer para tomar o Quilombo do Cruzeiro a pouco custo e bom proveito.

-----  
A doze de maio, sexta-feira, a madrugada se fez tumultuosa e assustou a todos os *malungos* do Cruzeiro. Antes que os galos cantassem, ouviu-se um barulho estranho como se fosse o repicar de milhares de matracas e, depois, um ruflar mal-agourento como se fossem um milhão de *vungo-vungos* a zurrar ao mesmo tempo. Os *malungos* saíram para fora das *cafuas*, mas nada viram. O céu era só um grande breu a se mover. Parecia que todas as nuvens escuras do mundo se haviam pairado sobre o Povoado e, como se fossem vivas, estavam a zurrar o barulho e a chover pingos grossos e malcheirosos.

A madrugada começou a branquear e o Dr. Fernandes foi o primeiro a notar que não havia mais pássaros pousados sobre as *cafuas*. Os *ditos* agora estavam todos a voar em círculos como uma grande e negra coberta de nuvens a escurecer o Povoado. O sol dardejou os primeiros raios. Os passarinhos, de uma hora para outra, abriram seus bicos em gritos estridentes, começando uma algazarra ensurdecadora e prolongada. Quando o dia se fez de todo claro e iluminado, a passarada fechou os bicos e foi-se retirando em silêncio. As ruas, becos e indaiás das *cafuas* ficaram de todo esbranquiçados e coalhados de bostas que haviam cagado os *ditos* passarinhos durante o revoar mal-agourento, e assim também os chapéus, roupas e caras de todos as gentes que haviam saído às ruas.

O Dr. Fernandes então começou a se lembrar das palavras de Vicente Soares; pela vez primeira foi supersticioso e sentiu medo do que pudesse vir a acontecer.

Os *malungos* se foram todos a se assear no ribeirão para se livrarem das bostas dos passarinhos e do mau cheiro. Depois, ali mesmo tiraram as roupas sujas e vestiram outras limpas. Assustaram-se: Os peixezinhos do ribeirão começaram a boiar mortos, pelo comer ou pelo contato com aquelas titicas brancas. Foram-se embora assustados deixando o ribeirão coalhado de peixes mortos.

Uma vez no Povoado, pegaram vassouras, enxadas e pás e fizeram nas ruas uma boa limpeza. Antes das nove horas da manhã deram a Deus muitas graças, pois as ruas já estavam todas limpas e o estrume depositado

no terreiro da escola para ser levado em carretão e jogado fora bem longe do Cruzeiro.

Passados estes fatos estranhos, o Dr. Fernandes foi até a casa de sua filha Eva e lá ficou na varandazinha a conversar com a *dita* e com sua vizinha Laís. De repente, notou um relampejar balouçante que desde a rua das Mulheres subia e descia oscilante a ferir as testadas das casas em toda rua do Fogo. Era, sem dúvida, o velho Vicente Soares, lá de cima da Botica, avisando com o seu caco de espelho que estava chegando gente estranha. Fernandes pediu a Laís que tomasse conta de sua filha e saiu apressado a convocar um conselho ou comissão para receber os visitantes, fossem quem fossem.

O *cabrazinho* sentiu medo de novo. Lembrou-se, agora, das últimas palavras do padre Matuzalém e das loucuras proferidas pelo *malungo* Leandro, hoje completamente maluco e que vive vestido com as batinas velhas do *dito* padre.

Era preciso que houvesse gente branca para receber os *chegantes*, além dos letrados, dos quais só estavam no Povoado Isabel, Feliciano e Camilo. Assim, mandou chamar Tancredo Velho e sua filha, Carmelita e também os três maridos brancos de Maria *Fula*, Crescêncio Carapina, Januário Sucupira e Silvando Hilário, sendo os dois primeiros entrevados; estes, mesmo assim, foram levados em padiolas para a praça do Cruzeiro.

Quando se ouviu o tropel ao longe, todos os *malungos* do Cruzeiro, consoante ordens do Dr. Fernandes, foram para as suas casas e lá ficaram. A comissão de recepção permaneceu na Praça. O vento parado, o sol escaldante da manhã e o fedor do estrume dos passarinhos grudado nos indaiás das *cafuas* e amontoado no terreiro da escola davam à praçazinha um estranho clima e um cheiro de defunto que passara da hora de ser enterrado. Isabel Criola escorava o entrevado Crescêncio, mantendo-o meio de pé com a padiola esburrada em suas costas; da mesma forma, Feliciano escorava o Januário, o outro entrevado, fazendo tristes e bizarras figuras. Tancredo Velho achava aquilo uma cena constrangedora, mas o Dr. Fernandes insistira em que todos os brancos se deviam fazer presentes à recepção dos forasteiros. O tropel se foi avizinando mais e mais e daí a pouco os estranhos embocaram pela rua da Escola. O primeiro a ser visto...

- Um padre! Graças a Deus, um padre! – Exclamou aliviado o Dr. Fernandes limpando da testa o suor.

Atrás do padrezinho loiro, meio careca e com o chapeuzinho à mão, vinham outros cavaleiros; cinco ao todo; todos bem vestidos, portando poucas armas e bem montados. O Dr. Fernandes se adiantou a sorrir:

- *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo*, Senhores! A vossa bênção, senhor padre! Bem-vindos todos! Bem-vindos ao Povoado do Cruzeiro! - Saudou.

O padrezinho, no entanto, não deu nenhuma trela ao Dr. Fernandes. Tornou a pôr na cabeça o seu chapeuzinho, fez um beizozinho e passou direto, indo no rumo de Tancredo Velho e de Silvando Hilário. Camilo *Criolo* se adiantou e segurou os freios do cavalo. O padre desmontou a bater o pó da batina e franziu o nariz a denunciar o mau cheiro. Os dois brancos,

humildemente, bateram-se de joelhos no chão e pediram a bênção do sacerdote.

O padre, sem tocá-los com a mão, fez com a *dita* estendida duas cruzes no ar como se os abençoasse. Depois, dirigiu-se também aos aleijados e repetiu o mesmo gesto de bênção. O Dr. Fernandes, com toda a humildade, ajudou Salatiel a desmontar e, depois, Usurpiano. Pereira Pontes, Sinfrônio e Licórnio apearam sozinhos e amarraram seus cavalos no madeiro da cruz, deixando-os a pastar e a pisotear o jardim de rosas brancas. O Salatiel apressou-se e foi se juntar ao padre Melo. Apesar de saber, por informação de José *Mina*, que o Dr. Fernandes seria um *cabra* baixinho e de óculos, dirigiu-se propositadamente a Tancredo Velho:

- Senhor Dr. Fernandes, temos ouvido falar do senhor. Apresento-lhe o padre Dr. João Correia de Melo, *Visitador eclesiástico* em missão por estas paragens!

O padre aceitou o chiste e se adiantou para cumprimentar o alegado Dr. Fernandes. Tancredo Velho negou-lhe a mão e justificou:

- Eminência... o meu nome é Tancredo, alcunhado o *Mazombo*... Aquele ali... é que é o nosso Dr. Fernandes - concluiu, indicando o *cabrazinho* que vinha a conversar com Usurpiano.

O padre e o *reinol* se entreolharam e quase riram. Usurpiano se adiantou com a cara feia e atalhou a galhofa, chamando o Dr. Fernandes pelo nome e cumprimentando-o mais uma vez:

- Senhor Dr. Fernandes, como lhe disse, sinto-me honrado em conhecer vossa excelência - e apertou-lhe a mão: meu nome é José Macário...

- Senhor Macário, honrado sinto-me eu em conhecer vossa excelência... mas, quanto a mim, por favor... não me trate com tanta distinção, pois sou o último e o mais humilde dos vassalos de Sua Majestade... trate-me apenas por Fernandes...

Padre Melo, apercebendo-se de que a galhofa de Salatiel desagradara a Usurpiano, abriu os braços a sorrir:

- Ah! Meu filho! Que distração a minha! Venha! Quero dar-lhe o meu abraço paternal! - E abraçou longamente o *cabrazinho*, como se abraçasse a um irmão ou parente que há muito tempo não via.

Fernandes sentiu-se muito honrado e convidou a todos para se dirigirem à sua casa, pois já era quase hora de almoço. O padre, humildemente, resistiu. Preferia ficar na casa da escola, pois, tencionava, o mais breve possível, ter contato com todo o povo e, à tarde, celebrar uma Santa Missa na capela.

Fernandes não opôs embargos. Apenas pediu licença para mandar limpar e cobrir com toalhas brancas a mesa e bancos da escola, no que recebeu consentimento. Carmelita Branca e Natividade *Mazomba* até então permaneciam afastadas sem que ninguém lhes desse trela. Dr. Fernandes chamou-as e lhes deu o *dito* encargo. Saíram e foram à casa das mulheres pedir ajuda a Claudina Canguçu. Tancredo Velho e Silvando Hilário pediram licença e se foram juntamente com Feliciano e Isabel Criola carregando os aleijados de volta para a casa de Maria *Fula*. Camilo recebeu a incumbência de sair pelas ruas a avisar a toda gente que já podiam sair de suas casas, pois as visitas eram gentes pacíficas e importantes. O Dr. Fernandes ficou sozinho

a conversar com os *chegantes*. Contou-lhes inicialmente o caso dos passarinhos, da barulhada e da sujeira que haviam feito, justificando assim o mau cheiro reinante no Povoado.

Muitos *malungos* foram acorrendo à praçazinha e ficaram pelas embocaduras das ruas a olhar curiosos as visitas distintas. Claudina chegou com Clara *Angola* e as *malungas* brancas e se puseram a assear a escola. Em pouco tempo fizeram o serviço, deixando a mesa e os bancos forrados por toalhas bordadas e muitas flores pelas paredes e janelas. Avisaram de que o almoço já estava quase pronto e que assim que recebessem a ordem viriam servi-lo na própria casa da escola.

O padre Visitador agradeceu muito e adentrou a escola juntamente com seu secretariado e Dr. Fernandes. Tomaram assentos e o padre Melo declarou abertos os trabalhos da *Mesa de visitação*. O Dr. Fernandes notou que a Mesa não possuía livros. Pediu licença para se retirar, prometendo ir ao celeiro do povo e apanhar um livro em branco, tinta e penas para o assentamento dos registros da Visita, ao que muito agradeceram os visitantes. Assim que virou as costas, os reinóis começaram a cochichar. Usurpiano estava encanizado.

- Estão a ver? O *preto* baixinho não é nenhum idiota! E não me venham mais com pilhéria sobre o *dito*! Por culpa dos senhores já perdemos o ouro de Josefa! É preciso ter muito tato... estes *pretos*, como já viram, não são de abrir o bico! Morrem e nada falam...

- Tens razão, Usurpiano... tens razão. Vamos simular todo o respeito e ganhar-lhes a confiança - concordou Licórnio Teixeira.

- E... como se farão as tais inquirições, padre Melo? - Questionou Usurpiano. - O tal Fernandes, pelo jeito, conhece bem o processo...

- Fica tranqüilo, Usurpiano... conheço o meu ofício. Chamaremos todos os *pretos* a esta casa. Farei um sermão sobre a Santa Moral e os Bons Costumes. Serei breve e os dispensarei logo, avisando de que após o almoço estarei à disposição para confissões ou denúncias de maus viveres - explicou o padrezinho.

- Muito bem! Muito bem! Haveremos de saber-lhes os podres, bem como, quanto têm em ouro ou outros bens e onde os guar... - Interrompeu Usurpiano a conversa, ao ver que o Dr. Fernandes estava adentrando a escola juntamente com Feliciano a trazer o livro.

- Com licença, senhores - solicitou o Fernandes a se aproximar. - Eminência, aqui tendes um livro novo e em branco... o tinteiro e frasco de areia e... algumas penas. Em que mais posso servir-vos?

- A Santa Madre Igreja muito agradece, meu filho. Podes, agora, mandar entrar as gentes todas - ordenou o padrezinho, já em pé na frente da mesa.

Feliciano saiu pela praça a gritar avisando aos *malungos* de que o padre os esperava. Os *ditos* foram entrando de mansinho e a casa de escola só não ficou mais cheia dada a falta dos *malungos* que se pensava estarem nas roças a trabalhar. Eva e Laís foram das últimas a chegar. Vicente Soares manteve-se em pé perto da porta. O padre saudou a todos e começou a pregação.



- Meus caríssimos irmãos - disse a fazer seu costumeiro beijozinho de peixe à tona d'água. - Estamos, hoje, neste qui... povoado... de gentes cristãs, em nome de Deus e de nosso Santo Bispo Dom Frei Manoel da Cruz...

“Esta *Visita eclesiástica* que ora se inicia tem o fim de santificar as almas deste rebanho e prepará-las, quem sabe, para receber em sua capela, em muito breve, a instituição de um curato...”

O padre falou, falou e falou. Ameaçou com a excomunhão e com o fogo do inferno aos pecadores que se não arrependessem de seus pecados, bem como, conclamou a que denunciassem à Mesa as eventuais e conhecidas *desonestações, tratos ilícitos e barreguices* em geral. Ao final, deu a todos um simulacro de bênção e dispensou os fiéis, avisando-os de que após o almoço os estaria esperando para a Santa Confissão e depoimentos que quisessem fazer em Mesa.

As gentes se esparramaram pela praça e ruazinhas a procurar as suas casas para almoçarem. Sebastião *Criolo* caminhava pensativo rumo à rua das Mulheres. A situação estava muito difícil, pensava ele. Depois da acusação que lhe fizera Carmelita Branca, os filhos de Leandro e Otoniel, juntamente com a Isabel Criola, escarafuncharam os seus livros de contas e comprovaram os seus roubos. O Dr. Fernandes, com aquele jeitozinho de pai-de-todos era um falso: o estava obrigando a devolver, pouco a pouco, as quantias que houvera cobrado a mais de alguns *malungos* bêbados e entojados. A Carmelita agora, toda vez que o via ou à sua mulher, empinava o nariz e passava a debochar. Ora, sendo ele um comerciante tão honesto não era justo que passasse tanta vexação. Enfim, resolveu esquecer aquilo. Apressou o passo e foi-se embora esperançoso: quem sabe se aqueles brancos não se resolveriam a gastar um pouco de ouro em sua venda?

O padre Visitador e o seu secretariado almoçaram como reis e desta feita, até um bom vinhozinho do Porto os *pretos* tiveram para lhes oferecer. *Fizeram o quilo* e voltaram ao trabalho.

Um confessionário fora improvisado com toalhas penduradas em um canto do salão; a Mesa seria secretariada pelos irmãos Sinfrônio Rios, Pereira Pontes e Licórnio; como porteiros funcionariam os irmãos Usurpiano e Salatiel.

Os *malungos* fizeram fila na porta da escola. A primeira penitente a ter entrada foi a *malunga* Bebiana *Parda*, mulher de Leandro.

A este tempo, após o almoço, havia na casa do Dr. Fernandes uma discussão aos cochichos cuspidos e porfiados. Fernandes, com os cotovelos apoiados sobre a mesa e a cara entre as mãos, finalmente, parecia admitir:

- É mesmo, Vicente... como é que os *ditos* teriam ficado sabendo do meu nome e da existência do Povoado? É... mas, sou um homem muito conhecido... pode ter sido Josefa...

- “Fernande... *suncê* num é só cabeça-de-pau... é também vaidoso e *zanaga*” - protestou Vicente Soares - “Jusefa tá morta; os *malungo* do *Pitangui*, também... Já num falei pra *suncê*?”

- Ora Vicente... sem profecias... sem profecias !

- “*Suncê* num tem jeito não, Fernande!” - Levantou-se o velho, bastante irritado, e foi saindo.

Dr. Fernandes e Tancredo Velho ficaram a pensar. A pensar.

Sebastião *Criolo*, depois de ter almoçado vingança e bebido a intriga, veio adentrando a praça meio ressabiado. Pensou em entrar na fila, mas achou que tinha gente demais em sua frente. Usurpiano, àquele momento, havia deixado a porta por conta de Salatiel e se encaminhava para a esquina da rua da Escola para fumar sossegado o cachimbo. O *dito* Sebastião negaceou, negaceou e foi-se achegando até perto do *dito reinol*.

- “*Inhô! Suncê me dá uma licençazinha?*”

- Pois, pois! Dize lá, *negro...* o que queres?

- “Eu num tô quereno cunfessá não... mais, tenho uns *trem* pra denunciá” - segredou Sebastião a meio beijo.

Usurpiano achou aquilo bom *demais da conta* e sorriu para o *preto*, como que a incentivá-lo a ir adiante. O *dito* hesitou.

- “Tem uma porta nos fundo da escola” - insinuou Sebastião.

- Muito bem... muito bem... Entro pela frente, vou aos fundos e abro para ti a *dita* porta... assim, não te expões, não é? - Disse o *reinol* com um jeito compreensivo e já a caminhar no rumo da porta onde se postava Salatiel.

Usurpiano entrou ligeiro escola adentro e fez um sinal para que a Mesa dispensasse a *preta* com a qual conversavam os “irmãos”. Assim que a *dita* se foi e a porta se fechou, o padre mostrou a sua irritação:

- Nada! Nada! Já falamos com cinco *pretas*! As capivaras só querem confessar trivialidades... mas não revelam nada de precioso e de proveito! Não intrigam e muito menos dizem o que sabem acerca do maldito celeiro...

- Acalma-te, padre Melo - pediu Usurpiano a sorrir - vou trazer-te boas novas - disse, encaminhando-se para o cômodo aos fundos da sala de escola.

Em poucos instantes, voltou e veio trazendo o Sebastião *Criolo*. Impostou a voz e falou com um jeito de seriedade:

- Este homem tem graves denúncias a fazer, senhor padre...

Os secretários mandaram que o denunciante tomasse assento e o padre se pôs a caminhar em roda da mesa. Pereira Pontes escreveu no livro o nome do inquirido e avisou o padre de que podia começar. O padre Melo com a voz mansa perguntou-lhe docemente:

- Qual o mal que te aflige o coração? Fala meu filho!

O traidor se remexeu no tamborete como se estivesse assentado sobre felpas de bambu e abriu a boca maldizente:

- “Eu sô home cristão e temente a Deus...”

- Pois sim - incentivou o padre.

- “Tem uma branca no Povoado, de nome Carmelita; vévi em pecado mortal cum treis home duma veis... e o pió, é que todos os *dito* a quem chama de marido... é tudo *preto crioulo*... e ela num tem um pinga de vergonha!”

Sebastião faz uma pausa para sentir as reações. Vendo que o padre e a Mesa haviam gostado da denúncia, continuou:

- “Tem tamém a Maria *Fula*... esta num tá aqui; deve chegá hoje de noite das roça... tamém tem treis marido... e os dela é tudo branco, seno dois aleijado e um *perrengue*. As fia de Maria Conga é tudo indecente... elas vai pro mato cum todo mundo. O Dr. Fernande além de ateu é herege e tem na casa

dele munto livro do capeta; gosta munto dos caiambola do *Campo Grande* e manda vendê e comprá *trem* dos *dito preto!*”

- *Campo Grande!* - Exclamou o padre Melo.

- “*Inhô-sim... os preto num sai daqui... vem tudo pras festa de São João... do Rusaro.. É tudo cumpade e afiado da pretaiada do Cruzeiro! Tem caiambola que até mora aqui e uns tem marca de ferro nas costa... tem um tal Orozimbo Batiero, que fugiu do Pitanguí... tem um que chama Francisco Adão; é mentira: o nome dele é Chico Beirão, cumpanheiro dum tal Negato, tudo facinoroso... O tal Chico é genro do Fernando! Já viu só que *trem?*”*

Os reinóis estão cada vez mais satisfeitos. Mas se mantêm calados a escutar com as caras boas para incentivar o delator.

- “Agora, um *trem* que tá me deixano doente!” - Exclamou Sebastião, com cara de santo-sem-benzer - “é a morte do padre Matuzalém... pra mim, num foi morte-morrída! Pra mim, mataro o padre. Ele era véio e vez em quando tava *perrengue*; mais sempre convalescia. Da derradera veis, não; o feiticero do Vicente Suares encheu ele de tanto chá, feitiço e *uanga*, que o véio acabô morreno... morreu celebrano a missa. Agora, o ouro do padre... o ouro...”

- E então, meu filho... o ouro? - Insistiu padre Melo.

- “O padre morava num cômodo do *nego* Leando... pra mim, esse e a muié dele ajudaro a matá o véio... Esse *negro* senhorô das batina do padre morto e agora vévi dizem que ele virô padre tamém e que a capela é dele... Uai, isso é um sacrilejo munto grande!”

- E o ouro? - Gritou o padre Melo.

- “O ouro da capela tá guardado dento da Nossa Senhora do Rusaro... os apetrechamento da missa tamém é tudo de ouro... fica tudo em riba da mesa do altá.. é isso. Mais, o *negro* Leando num deixa ninguém entrá lá fora das hora de reza...”

- Muito bem, meu filho... ajoelha-te - mandou o padre.

O *negro* ajoelhou-se e recebeu daquele santo padre uma bênção especial e o perdão de seus pecados. Usurpiano o encaminhou para os fundos da escola e o mandou sair.

- Sugiro que paremos com esta tola encenação - disse Sinfrônio Rios, quebrando o silêncio.

- Não! - Gritou Usurpiano lá do fundo; e, voltando, ratificou e justificou o seu pensar: ainda não! Sabemos sobre o ouro da capela. Mas, e o ouro do celeiro? Querem que o fiquemos a caçar como a uma agulha num palheiro e não o achemos, como foi o caso na venda da *preta* Josefa?

- Usurpiano tem razão - concordou o padrezinho. - Continuemos com a inquirição. Diga a Salatiel que mande entrar a próxima *preta* - solicitou ao mesmo chefe *reinol*, enquanto ajeitava a estola roxa no pescoçozinho fino.

A farsa da Visitação prosseguiu até a tarde, mas infrutífera, pois nada mais trouxe além do que já sabiam. O celeiro do povo era muito grande e além disto o ouro poderia nem estar escondido ali. O padre resolveu que já era hora de visitarem a capela, mandou suspender a audiência e que chamassem o Dr. Fernandes.

O *cabrazinho* veio correndo e se desfez em gentilezas.

- Pois sim, eminência... nossa capela é modesta, mas tem toda decência e cômodo... o senhor haverá de gostar!

O padre nada respondeu. Fez o seu costumeiro bicozinho, levantou-se do tamborete e, com a mão desdenhosa e tremulante, fez sinal para que Fernandes se fosse saindo na frente. Os reinóis os seguiram pela praça.

Ao passarem pelo cruzeiro, o padre, vendo os cavalos amarrados ao madeiro, mostrou-se contrariado e ordenou:

- Senhor Usurpiano... manda tirar daí esses cavalos... Isto é um desrespeito à cruz e à Santa Madre Igreja!

- Sim senhor! - Respondeu o antes apregoadado José Macário, a empurrar Salatiel.

O Dr. Fernandes ficou satisfeito com a decisão do padre. Teve dúvida quanto ao nome do *dito* Usurpiano, mas logo assentou o seu pensar: o nome do homem poderia ser José Macário Usurpiano.

Fernandes empurrou a grande porta e mandou que entrassem os visitantes. O padre Melo ficou impressionado com a decência e limpeza da capela. Saiu a pisar macio pelo chão de lajes entre os bancos bem feitos e envernizados. Aproximou-se do altar e viu sobre o *dito* somente uma candeia apagada, demonstrando a inexistência da Hóstia Sagrada ou Corpo de Deus. Voltou-se bruscamente, atravessou entre os bancos à direita e foi até o oratório de Nossa Senhora do Rosário. Quando levou as mãos sobre a imagenzinha, uma voz encolerizada, vinda de trás do altar-mor, vituperou:

- Ladrões! Vieram à casa de Deus para roubar os seus tesouros! Ladrões! Ladrões!

Apareceu o “padre” Leandro vestindo uma batina velha e trazendo às costas um saco encardido. Caminhou pelo corredor na direita da porta de saída, fazendo retinir metais ao ritmo de seus passos, denunciando que levava no *dito* saco os cálices, galhetas e ostensório da capela. Fernandes pediu-lhe calma. Aproximou-se e o abraçou. O *negro* se pôs a chorar e entregou-lhe o *dito* saco. Depois, lançou um olhar rancoroso sobre os reinóis e foi-se embora, abrindo a porta lentamente e sumindo-se em meio à luz avermelhada da tarde.

Fernandes levou o saco e o entregou ao padre Melo. Este, sentindo o peso e ouvindo o barulho dos metais, irradiou cobiça dos olhos. Foi tirando um a um os sacros utensílios e depositando-os sobre as pontas dos bancos para melhor admirá-los. Olhou para Usurpiano e sorriu a babar ante o brilho do ouro e das pedras que traziam incrustadas, mormente o *dito* ostensório de ouro branco e amarelo. Enfim, cansou-se, guardou tudo no saco e o entregou ao chefe *reinol*. Chamou Sinfrônio Rios e mandou que suspendesse a imagem de Nossa Senhora do Rosário.

Quando o *reinol* sacudiu a santazinha, um objeto caiu do buraco de sua base, fazendo um barulho fofo sobre a mesa do oratório. Era um *surrão* de couro fino e amarronzado. O padre o pegou e correu a buscar o canudo de luz projetado pelo óculo da parede mais à frente. Afrouxou com as mãos trêmulas os cordões do *dito* *surrão*, derramou o seu conteúdo na palma da mão e gritou maravilhado:

- Senhor Usurpiano Luso da Rocha! Veja que maravilha!

Usurpiano se aproximou e viu nas mãos do padre o pó amarelo de muitos quilates, salpicado de pequenos diamantes. Pegou o *dito surrão* de couro com o resto do pó e passou a examiná-lo à luz do óculo. Identificou alguma coisa marcada a ferro no couro e mostrou ao padre:

- Vê! “Câmara de Sabará”... As armas reais... não há dúvida, meu caro padre Melo - e se puseram a cochichar.

Fernandes Preto concluiu duas coisas ao mesmo tempo: aquele homem que se dissera chamar José Macário, lhe houvera mentido; aquele ouro que Negato dera ao padre Matuzalém era mesmo extremamente comprometedor - lembrou-se de que o *surrão* trazia a marca da intendência ou senado da *Vila Real do Sabará*. Pensou, pensou e procurou manter a calma:

- Espero que os senhores estejam satisfeitos! - E informou: este ouro e os sagrados utensílios eram propriedades particulares do padre falecido. A capela, no entanto, tem um bom patrimônio representado pelo saldo em cruzeiros depositado junto ao celeiro do povo. Temos tudo bem registrado.

- Excelente, senhor Dr. Fernandes! Excelente! - Exclamou Usurpiano. E explicou: havendo tanto recurso, em muito breve haveremos de ter mesmo um curato no Povoado do Cruzeiro.

- Seria possível que nos exibisses os tais registros ainda hoje, meu filho? - Perguntou o padrezinho, apesar de não saber o que vinham a ser esses cruzeiros...

- Ora, ora eminência, vamos já! - Aquiesceu o *cabrazinho*.

Foi-se o cortejo pela rua da Escola, dobrando à direita na rua dos Homens. Usurpiano não escondeu sua admiração ante o vigor e a altura das paredes do *dito* celeiro, feitas de troncos tão altos e muito grossos. Subiram a escada de pranchas e adentraram o grande salão. Fernandes apresentou-lhes Feliciano, zelador do Celeiro e mandou que o *dito* fosse chamar também o escrivão Camilo *Criolo*.

- Esta é a nossa maior riqueza, senhores: as tulhas cheias de gêneros para que o povo não passe fome. Aqui, todos trabalham e os bens se distribuem com justiça...

Fernandes relatou aos reinóis o funcionamento das finanças e da economia do Povoado, bem como acerca da escrituração transformada em cruzeiros, onde todos tinham as suas contas, inclusive El-Rei e a Igreja; esta, através do livro que registrava as doações e esmolas à capela, já que o padre Matuzalém não cobrava desobrigas ou quaisquer outros serviços sagrados. Neste meio tempo, vieram chegando os dois moços oficiais do serviço.

- Camilo - disse Fernandes - apanhe a caixa de livros e contas... ponha sobre a mesa. Separe, primeiramente, o Ter e Haver da capela. - E explicou aos reinóis: esses moços têm ainda pouca idade, mas são dos melhores alunos de nossas aulas adiantadas! Os senhores ainda haverão de conhecê-los a todos... Esta semana estamos sem aulas dadas as carências de trato às roças...

- Aqui está o livro pedido, Dr. Fernandes - disse Camilo.

- Salatiel - sugeriu Pereira Pontes - tu, que já fostes escrivão público... seria melhor que fizesses o tal exame...



O *dito reinol* rodeou a grande mesa, assentou-se num tamborete mais alto e se pôs a examinar as contas, lançamentos e tabelas de preços e câmbio. Ao final, folheou, folheou, coçou a cabeça e concluiu:

- É... é um belo engenho de contas. A capela tem um saldo em cruzeiros que significa duzentas e cinqüenta oitavas de ouro... Estão certíssimas as contas.

Fernandes aproveitou o ensejo, pois queria manter os visitantes suspeitos bem ocupados:

- Coloco a vossa disposição também os livros de El-Rei, onde se registram os *quintos* a recolher já que o nosso lastro tem como base o ouro em pó...

Usurpiano gostou da idéia e pessoalmente se pôs a examinar a escrituração dos lançamentos, enquanto Salatiel os compilava com o livro geral do razão. A noite foi caindo e Fernandes Preto perdendo as esperanças de que os *malungos* chegassem. Procurou manter os reinóis entretidos.

Os reinóis, dentro do celeiro, não se apartavam de suas catanas, pistolas e *polvarinhos*, agora, mantidos sobre a mesa. Lá fora, Sinfrônio, Pereira Pontes e Licórnio se haviam sentado nos degraus da escada, mantendo às mãos as espingardas e escopeta, pelo jeito, já escorvadas. Fernandes sentiu medo, por si e pelos moços *malungos* que auxiliavam os reinóis sem *reinar* nenhum *mal* ou suspeitar.

De repente, Claudina acendeu as candeias da escola e o cheiro de janta atiçou o padre e os reinóis.

- Senhores, a janta está pronta! - Reforçou Dr. Fernandes.

Os reinóis não esperaram um segundo chamamento. Largaram tudo e se foram escada abaixo a empurrar os seus asseclas. Fernandes mandou que os *malungos* fechassem tudo e que fossem para suas casas. O padre Melo esperava na porta da escola.

- Deus te pague, meu filho! Deus te pague pela boa janta! - E pediu mais: manda que nos tragam algumas redes, pois trabalharemos noite adentro... o tempo é curto e o serviço de Deus não pode esperar!

- Estai tranqüilo, eminência! Mandarei providenciar!

- Ah! - Chamou de novo o padre. - Amanhã recomeçaremos bem cedo... por volta das seis horas - recomendou, antes de adentrar a escola, onde as suculentas *gamelas* de Claudina Canguçu fumegavam sobre a mesa e bancos.

Fernandes atravessou a praça, tomou a rua das Mulheres e sumiu-se pela *dita* do Fogo. Foi ver sua filha, com a esperança de achar Vicente Soares, e achou.

- Velho, *vassuncê* me perdoa... acho que *vassuncê* tinha razão - admitiu o *cabrazinho* tristonho ao adentrar a varanda, onde o *dito* conversava com Laís e com sua filha Eva.

- “As água chega no mar, Fernande... um dia chega” - respondeu o velho, sentado num bancozinho na penumbra do canto da varanda. Depois, levantou-se, chegou perto do *cabrazinho* e falou: “*Suncê* tamém há de perduá o véio... o véio tamém foi vaidoso... tem uns *trem* qu’ê *calunga*... coisa da vontade de N’Zambi... e o véio queria mudá...”

O velho voltou a falar em tom de profecia, mas desta vez Fernandes não se irritou, apenas não entendeu como sempre.

Não sei o que fazer - balbuciou desinsofrido.

“Fais nada, não... vai pra casa. Evazinha há de tê um bão distino, *suncê* pode ficá sussegado” - recomendou o velhinho a olhar detidamente no semblante de Fernandes.

O Dr. Fernandes nem se assentou. Despediu-se de todos, pôs a bênção em sua filha e foi-se embora com a desculpa de que precisava ainda falar com Claudina e com Tancredo Velho. Na verdade, seu coração parecia bater contra espinhos todas as vezes que se lembrava de que os *malungos* não tinham chegado das roças, como sempre às sextas-feiras.

Vicente Soares ficou olhando seu amigo sumir-se na escuridão da rua do Fogo. Depois, aproximou-se de Laís que bordava um pano perto da candeia pendurada num caibro e falou:

- “Escuita a boca do véio... num percisa assustá... é gente de *suncê*” - e tremeu todo o corpo velho dum jeito esquisito, mudou a voz e falou: “*Mensa é bato de tunsã... é bato a kichorrar! Tunsã deve de dinhar acardo e gajin busnin, cambelin e seu chavon! Vai querdar brichindon... calin e busnin percisa de sê cambulon para arruvinhar e pra assanar!*”

Dito isto, o *negro* voltou a tremer e paralisou-se. Depois aprumou o corpo, ajeitou o chapéu na cabeça e foi-se embora calado, deixando as duas amigas boquiabertas.

- *Suncê* entendeu alguma coisa, Laís?

- Sim... Eva. - Respondeu Laís a chorar.

- O que foi, amiga! Conte-me!

- Eu sou uma cigana, Eva. Pensei que ninguém soubesse ou suspeitasse... Vô Vicente falou em língua de cigano, como se fosse o meu falecido pai...

- Ah! Laís, isto não muda nada! Para mim, *suncê* será sempre a minha melhor amiga... Laís... minha amiga, e só - disse Eva que, levantando-se de seu banco, foi alisar os cabelos vermelhos da amiga.

- Foi isto mesmo que o velho disse... que nós somos e seremos sempre... muito amigas... foi isto - balbuciou a *dita* cigana a alisar a barriga já grande de Eva, em paga ao afago recebido.

A noite se fez quente e a lua era minguante, quase nova. Aquele cheiro mofado de defunto já passado impregnava o mundo todo. Eva foi para casa de Laís. Rezaram bastante para a *Senhora do Amparo* e São Francisco. Depois, o sono as tomou suavemente como uma morte.

## Capítulo XX

**M**uitas candeias na casa de escola amanheceram acesas. Claudina e suas *malungas* se desdobraram para servir o *quebra-jejum* em tempo e hora. Os reinóis se fartaram de biscoitos de araruta, broas, lingüiças, angu e chá de *congonha*. O Dr. Fernandes chegou na hora aprazada e o padre ordenou-lhe que chamasse o povo para o encerramento da Visitação.

Fernandes houvera tido sonhos horríveis e várias vezes acordara sobressaltado naquela noite. Procurou externar a calma para não assustar dona Luzia e os *malungos* do Cruzeiro, mas por dentro estava muito temeroso e era uma agonia só. Foi à casa das mulheres e pediu à Claudina que juntamente com Natividade fosse preparar a capela, altar e paramentos, pois, certamente, após a Visitação haveria uma Santa Missa. Mandou que o *moleque* Isac fosse tocar o sinozinho e voltou para a casa de escola.

O povozinho, meio desconfiado, foi-se achegando devagar. À mesa, assentavam-se todos os reinóis, a título de testemunhas e secretário; este, agora, era Salatiel que já tinha na mão a pena e, à sua frente, o livro aberto. O padrezinho, de costas para os *ditos*, andava para lá e para cá, como se estivesse meio ressabiado.

Fernandes, Tancredo Velho, Vicente Soares, Camilo e Feliciano assentaram-se todos no banco da frente, à direita. À esquerda estavam Sebastião *Criolo* e seu povo, todos de cabeças baixas como se estivessem a rezar.

Fernandes ficou de pé, olhou para trás repassando as caras de todos os presentes. Depois, voltando-se para o padre Melo, avisou:

- Eminência, à exceção dos senhores Januário e Crescêncio, que são entrevados, e das irmãs Claudina, Francisca e Natividade que ficaram a cuidar da capela e das crianças de colo, estão presentes todos os vassalos e

cristãos deste povoado... afora, é claro, os que estão a labutar em nossas roças...

O padrezinho juntou as palmas das mãos; pensou, pensou; cheirou as ditas mãos e deu início à sessão:

- Caríssimos... esta Visitação ouviu a vários cristãos tementes a Deus em confissão e em Mesa. Estamos estarecidos com as denúncias levantadas. O pecado e a depravação dominam este infecto povoado e o demônio parece ter aqui o seu reinado! *Tratos ilícitos! Desonestações! Bigamias escandalosas e lascívia indecente! Acoitamento a facinorosos e tráfico escandaloso com calhambolas;* e até mesmo convívio com os *ditos*, dando azo a se poder afirmar que este aglomerado de gente é, na verdade, um pernicioso quilombo!

- Protesto, eminência! - Aparteou o Dr. Fernandes com a voz um pouco trêmula. - A menos que nos apresenteis provas, não é lícito acusar preambularmente! Vossa eminência não deve exceder a alçada da Visitação, eis que esta não alcança o cível e o crime!

- Protesto aceito - aquiesceu o padrezinho. Mas, não recuou, como a princípio fizera imaginar. Após a pequena pausa, virou-se para Salatiel e ordenou: Vamos, pois, às provas!

- Caso primeiro... - Iniciou o *dito* Secretário, a ler no Livro de Visitação o registro das denúncias - ... A poligamia em que vive a mulher branca de nome Carmelita é uma indecência pública e notória. Como agravante de tal procedimento pecaminoso, tem-se também como notório o fato de seus amancebados serem *negros* vadios e sem nenhuma ocupação a não ser o comer e o dormir!

“Caso segundo! (...) - Prosseguiu Salatiel na leitura dos registros das denúncias feitas por Sebastião *Criolo*.

-----  
Lá no Engenho do Doce, logo pela manhãzinha, os soldados-domato sob o comando do *reino*l Aprígio de Araújo haviam terminado de carregar dois carros-de-bois com rapaduras, fazendo, no entanto, as cargas ocas, de modo a servir o vão entre as rapaduras para esconder as armas e munições que levariam para atacar o Cruzeiro.

De repente, ecoou um galopar pelo chão seco e o canavial cuspiu um estranho cavaleiro a gritar e a rodar no ar um grande laço.

Os *reinóis* e os *pretos*, mesmo de armas na mão, ficaram como que pasmados e nada souberam fazer a não ser abrir as bocas de espanto: uma amazona pelada, de longos e negros cabelos revoltos ao vento levando a tiracolo entre os peitos redondos as alças dos *polvarinhos*, da catana e da *reiúna*, chegara como um raio a gritar com os bois. Laçara o boi da guia do carro da frente e continuou o galope, agora forçado, a arrastar as juntas de bois e o carro. Os outros bois seguiram os companheiros arrastando também a galope o segundo carro na direitura do corgo do Doce. Os *reinóis* continuaram parados, vendo sumir no cerrado e morro abaixo ambos os carros e a mulher toda pelada e de barriga preta.

Aprígio deu por si, escorvou a lazarina e fez fogo: mas já era tarde, pois a mulher nua e os carros já se haviam sumido depois da lomba lançante do morro.

- *Negros pamonhas!* - Gritou o *reinol* - Roriz! Josué! Paredes! Vamos atrás dessa diaba!

Domingos da Mata buscou os cavalos que estavam amarrados atrás do rancho de moenda e os reinóis, montados em pelo, se encapetaram cerrado abaixo.

Aprígio praguejou aos diabos quando enxergou, lá embaixo, dentro do corgozinho, os dois carros virados de rodas para cima e os bois a beber água e a lamber as rapaduras. O corgo estava todo entupido com as rapaduras entremeadas de armas, tais como espingardas e escopetas, e barris de chumbo e de pólvora.

- Diabos! Agora vamos nos atrasar para dar apoio a Usurpiano! Tudo por causa dessa diaba de mulher doida!

- Não adianta ficares de maus bofes, capitão Aprígio! - Atalhou Roriz da Silva. - O que devemos fazer é salvar as armas e a pólvora!

- Tens razão! Tens razão! Vamos esperar que cheguem os nossos *pretos*... José *Mina*! Anda logo imprestável! - Começou o *reinol* a gritar com os sodados-do-mato que a pé desciam vagarosamente o morro.

- Acho melhor que nós mesmos façamos isto... e já! Esses *pretos* são boçais e preguiçosos... Até que cheguem aqui já tudo se perdeu! - Gritou Armindo da Mata já entrando nas águas do corgozinho.

-----

O Dr. Fernandes e Tancredo Velho estavam desesperados ante a tantas acusações.

Quem teria sido o traidor que delatara aos visitantes todas as misérias humanas que havia no Cruzeiro? Esta pergunta matinha nas cabeças de todos os *malungos* e *malungas* presentes num entrecruzar desconfiado de olhares suspeitosos e cheios de medo. Sebastião *Criolo* estava sereno e de quando em vez até sorria a meio beijo, mormente quando via o desespero do Dr. Fernandes a fazer anotações e mais anotações para, quando fosse o momento, iniciar a defesa do Povoado e de si mesmo.

Salatiel continuou com as acusações mas, esta agora, na verdade era fruto da malícia dos reinóis. O próprio Sebastião *Criolo* ficou a procurar entre os olhos desconfiados dos *malungos* quem teria sido o traidor que fizera tal denúncia:

- Assim - concluiu Salatiel - consta que o *dito* Fernandes Preto e seus parciais enganam este povo com escritos e livros, pois, na verdade, nenhum ouro existe a respaldar os saldos em cruzeiros que alegam ter cada um dos vassalos deste lugar!

Padre Melo pediu a Salatiel que, a esta altura, interrompesse a leitura. Os reinóis e os sodados-do-mato que os ajudariam a sujigar os *pretos*, em caso de se revoltarem, estavam muito atrasados e, portanto, não era hora de se chegar às acusações mais pesadas como as de tráfico e comércio com os *calhambolas*, tampouco sobre os livros proibidos ou sobre a morte do padre Matuzalém. Assim, o padrezinho pigarreou, fez o seu beizozinho afetado e falou ao Dr. Fernandes Preto:

- Pois bem, senhor Preto... tens a palavra para formulares a defesa... se puderes e tiveres como...



- Sim, eminência - respondeu Fernandes fingindo calma. - Se me permite, começaremos pela última e infundada acusação. Pedirei aos oficiais Feliciano e Camilo que apanhem no celeiro do povo e nos tragam até esta audiência o ouro que compõe o fundo alegado como inexistente!

- Pois, pois! - Respondeu o padrezinho a sorrir.

Camilo e Feliciano levantaram-se e foram saindo. Tancredo Velho cochichou com Fernandes, discordando da decisão:

- Fernandes... assim, *vossa mercê* vai é atçar, ainda mais, a cobiça desses urubus!

- Isto mesmo, Tancredo... precisamos ganhar tempo... tempo para que os nossos *malungos* cheguem das roças e aumentem a nossa força...

Vicente Soares se mantinha impassível. Viu pela janela quando Feliciano e Camilo subiram pela escada que conduz ao celeiro do povo e sentiu um aperto no peito. O povo zunzunou temeroso e os reinóis ficaram a cochichar entre si. Passaram-se uns minutos compridos como se fossem anos.

Até que, enfim, adentrou Feliciano seguido de Camilo, trazendo nos braços um balaio pequeno. O Dr. Fernandes foi-lhes ao encontro, tomou o balaio e dirigiu-se ao padre:

- Aqui tens o nosso ouro, eminência... os farnéis contêm inscrições do peso e valor... se quiseres, podes aferir...

O padre pegou o balaiozinho com mãos trêmulas e gulosas, virou-se para a mesa e, entregando-o a Usurpiano, dirigiu-se ao secretário:

- Sargento-mor Salatiel da Silva Pereira... peço que vás anotando as quantidades e valores registrados em cada saquitel...

Os reinóis arregalaram os olhos quando Usurpiano leu no primeiro sacozinho a inscrição “duzentas e vinte oitavas” e, afrouxando os cadarços do *dito*, exibiu-lhes o pó amarelado.

O Dr. Fernandes, meio sem jeito, voltou a seu lugar, tomando assento entre Tancredo Velho e Vicente Soares. Um corisco cruzou-lhe o cérebro e seu coração se pôs em *batuque* arritmico, quando concluiu:

- “Sargento-mor Salatiel da Silva Pereira!” Meu Deus! Este é o nome do assassino da família de Manoel Pitomba!

Virou-se para o lado e topou os olhos vermelhos de Vicente Soares e este a lhe sacudir afirmativamente a cabeça. Olhou no fundo dos olhos do velho e admitiu a cochichar:

- É... meu velho... a verdade às vezes não é visível para os tolos... *vossa mercê* esteve certo o tempo todo... perdoe-me!

- “Corage Fernande... a vida é curta; mais um home num é flor e nem pé-de-cove... um home aquerdita *nim* Deus”. - Cochichou em resposta o velho a apertar a mão de Fernandes.

Os reinóis continuavam a cochichar e a registrar no livro o ouro apresentado. O padre, debruçado à mesa, estava de costas para o povo. Fernandes criou coragem, ficou de pé e o chamou.

- Eminência, “data venia”!

- Pois sim... - respondeu o padre, virando somente a cabeça.

- A hora já se faz adiantada... passa das onze horas e as mulheres precisam voltar aos seus afazeres de cozinha. Sugiro que suspendamos esta sessão e que a continuemos após o almoço!

- Não! Solicito que aguardem! Precisamos conferir bem este ouro... que poderia ser falso...

Fernandes se irrita:

- Ora, eminência! Solicito que pares com tantas acusações infundadas! Ademais, não vejo razão para que as mulheres e as crianças continuem presas neste local!

- Eu vejo! - Gritou Salatiel, levantando-se de sobressalto da mesa e a exhibir o par de pistolas que trazia à cinta.

Neste mesmo e exato tempo, ouviu-se já por perto o cantar dos *cocões* de um carro-de-bois. Fernandes criou coragem e sorriu. Ficou de pé, deu as costas aos reinóis e ordenou com autoridade:

- Filipe! Chame Marçal e Miguel *Angola* e vá lá fora receber os nossos *malungos*! Diga-lhes para adentrarem também a esta sessão!

Os dois últimos *malungos* citados se levantaram no meio do povo. O velho Filipe, um do maridos de Carmelita, a eles se juntou e saíram confiantes pela porta, na direitura da praça.

O carretão com três juntas de bois adentrou a rua da Escola a cantar dum jeito esquisito. Os *malungos* e *malungas* passaram calados, rentes ao celeiro do povo e mantendo distância das janelas da casa de escola, como se não quisessem nenhuma prosa. Todos traziam as cabeças cobertas de panos, inclusive os homens, sob os chapéus. O carro e os *ditos* rumaram fronteiriços à porta da capela, deram a volta por trás da cruz e só foram parar na esquina da rua das Mulheres, frente à cafuazinha de Chica Juá.

Filipe, juntamente com Marçal e Miguel *Angola* se foram aproximando a sorrir, tentando reconhecer algum dos *malungos* para saudá-lo e chamar a todos para dentro da escola. Os *ditos*, no entanto, se mantinham de cabeças baixas. Com um sol tão quente e não tiravam os panos e nem os chapéus. Miguel se adiantou, estranhando ao ver que muitas das mulheres era brancas e altas. Neste momento, Chica Juá, com seu xalezinho verde à cabeça, saiu pelo seu portãozinho de vara, passou devagar entre os estranhos *malungos* e, ao ultrapassar o carro-de-bois, se pôs a gritar:

- “Tem *duda*! Tem *duda*, gente! Esse povo num é os *malungo*! As muié é tudo home! Tem *dud*...”

- Scat-bum! - Estrondou uma *reiúna*.

A velha rolou varada de chumbo. Miguel e Marçal correram para acudi-la e Filipe fez menção de voltar para trás. Os falsos *malungos* arrancaram os couros que cobriam o carro-de-bois revelando uma imensidão de armamentos e lançaram mãos das *ditas* armas:

- Scat-bum! Scat-bum! Scat-bum! Scat-bum! Bum! Bum! Bum!

A praçazinha virou um inferno de tiros e fumaceira.

Lá dentro da escola, o padre saiu para uma banda. Os reinóis se entrincheiraram atrás da mesa, sacaram as pistolas e passaram a ameaçar os que se assentavam logo à frente:

- Fiquem quietos, pretalhada! - Gritou Usurpiano. - Fiquem sentados se não quiserem morrer!

Lá na praça, os reinóis e *pretos*, vestidos com as roupas tiradas dos *malungos* apresados no Doce, pegaram mais armas e munições no carro-de-bois e se arremeteram contra a porta da escola, passando sobre os cadáveres de Chica Juá, de Miguel *Angola*, de Marçal e de Filipe Velho, varados de chumbo no tiroteio inicial. Alguns *malungos* que tentaram sair da escola deram de *topa* com os *ditos* assassinos e voltaram correndo para dentro, fazendo lá dentro da escola um grande tumulto e muita gritaria.

Aprígio de Araújo mandou que José *Mina* e seus *pretos* se esparramassem e cercassem as janelas e portas laterais da casa de escola. Manteve-se à frente de Roriz, Josué, Simplicio Rios e Armindo da Mata com as armas apontadas para a porta da frente da escola, a única aberta.

Usurpiano, lá dentro da escola, ao ver as janelas tomadas, deixou Licórnio, Pereira Pontes e Sinfrônio entrincheirados atrás da mesa, levantou-se e saiu a caminhar entre os bancos, acompanhado de Salatiel e do padre Melo. Saindo porta afora, viu seus parciais e gritou:

- Capitão Aprígio! Tu és muito bem-vindo, homem! Mas, demorastes um pouco? O que houve?

- Problemas com a tal mulher pelada! A maldita nos roubou os carros já carregados e os entornou dentro do corgo! Custou-nos muito tempo e trabalho recuperar as armas e um dos carros! - Respondeu Aprígio, fazendo sinal para que Armindo da Mata avançasse, dando cobertura ao padre Melo que se dirigia para a capela.

- Depois tu me contas o caso! - Atalhou Usurpiano. - Salatiel, pega alguns dos *pretos* de José *Mina* e faze uma boa revista às *cafuas*. Se encontrares algum *preto* ou branco, mesmo que seja velho ou criança, metas os a ferros e traga-os para o terreiro desta praça!

- Já estou a seguir Usurpiano! José *Mina*, *negro* imprestável! Pega uns cinco *pretos* e vai pela rua atrás do paiol! Vamos alimpar esses *mocambos*!

Os soldados-do-mato se esparramaram pelo Povoado do Cruzeiro derrubando cercas, portas e janelas das *cafuas*, numa gritaria dos infernos e a espipocar de quando em vez tiros. Salatiel subiu pela rua do Fogo juntamente com Antonho Carijó, o *negro* mudo de José *Mina*. Ouviu um tropel de cavalo vindo da praça de mesas e bancos no sul do Povoado e apertou o passo nessa direitura. Espipocaram muitos tiros:

- Scat-bum! Scat-bum! Bum! Bum! Bum!

Deu de *topa* com José *Mina* e seus soldados-do-mato em meio à fumaceira dos tiros.

- O que foi, *negro*? Quem era?

- “Era o Liando! É *negro* sabido, sargento! Fugiu vistido de padre... carregano um livro grande dibaixo do braço! *Ominde* viu ele!”

- O *preto* não vale nada vivo! Está louco! Depois tu o pegas! Vasculhem as *cafuas* novas! Vasculhem também esta maior! Mexa-te José *Mina*!

Enquanto isto, lá dentro da escola, Fernandes, a cada tiro e gritos que se ouviam, pressentia as coisas ruins e o destino cruel que se estavam desenhando para o Cruzeiro e seu povo. Os *sucessos* passados, presentes e futuros passaram diante de seus olhos num triscar de tempo e o *cabra* se

descobriu vidente ou profeta. Olhou tristonho para Vicente Soares como a admitir que às vezes um homem pode ter visões das coisas vindouras. Levantou-se com o intuito de procurar Luzia, a sua esposa. Vicente Soares, em meio ao tumulto achou-lhe os olhos e gritou recomendando:

- “Se *suncê* qué salvá sua fia, fais como quem num cunhece ela! Fica longe dela!”

Fernandes sacudiu a cabeça aquiescendo ao conselho e saiu ao lado de Tancredo a caminhar no meio dos *malungos* e a pedir calma, o que fazia sem proveito, pois, em cada janela da escola e na porta da frente, havia um *reinol* ou um *preto-soldado* a apontar as armas e a amedrontar o povo. Mesmo dentro da escola, os reinóis atrás da *dita* mesa de professor apontavam suas pistolas engatilhadas para as mulheres e crianças.

Ao chegar na porta e tentar a saída, Fernandes recebeu uma estocada de cano de espingarda na boca do estômago. Contorceu-se todo de dor e só não caiu porque Tancredo Velho o aparou. Lá fora os soldados-domato voltavam arrastando os maridos entrevados de Maria *Fula* e a velhazinha Ana *Angola*, mãe de Miguel. *Dita* velha, ao ver o corpo do filho todo ensangüentado, estendido sobre o corpo de Chica Juá, guinchou desesperada; desvencilhou-se do *preto* que a segurava e correu para o meio da praça. O *preto* barbudo correu-lhe atrás e cravou-lhe nas costas o seu pau-ferrado. A velhazinha esparramou-se no chão e ainda se arrastou por algum tempo. Depois, ficou inerte a golfar sangue pela boca, com o grande pau-ferrado enterrado às costas.

Um berreiro de crianças somou-se ao grande alarido que já se ouvia na casa de escola. Era Claudina Canguçu sendo arrastada juntamente com suas crianças órfãs para o centro da praça.

Tancredo Velho, vendo que Fernandes amolecera o corpo, pediu a ajuda de Feliciano e o arrastou até o banco onde em prantos estava dona Luzia. Mais à frente, Laís, com seu *bebé* nos braços, ficou de pé e abraçou Eva, tentando tampar-lhe a cabeça e os ouvidos, para que não visse ou ouvisse aquele desespero medonho que tomava conta de todos.

- Laís! O meu pai! Onde está o meu pai? - Gritava Eva.

- Eva... vô Vicente recomendou! *Suncê* deve ficar quieta! Se ficarmos juntas, nada de ruim vai acontecer a *suncê* e nem ao seu *bebé*... o seu *bebé*, Eva! - Gritou Laís, apertando a cabeça da amiga e abafando-lhe o choro. Depois, virou-se para Isac: meu filho, toma o seu irmão! Salve ele! Diga a seu pai que nunca vou esquecê-lo!

Isac, com os olhos cheios de lágrimas, pegou o *bebé* Francisco Gumercindo e o abraçou forte. Ao virar-se, viu Vicente Soares a sorrir-lhe. Levantou-se e foi ficar perto do velho.

Nesse instante, o sargento-mor Salatiel entrou pela porta a berrar com sua pistola engatilhada e catana a riste:

- Sebastião! Sebastião *Criolo*! Venha! Traga os teus! Venha para fora, *negro*! Se quiseses te salvar!

O Sebastião levantou-se na frente. Pegou pelo braço a mulher Clarinda *Parda*, chamou seus filhos Benício e João *Cabra* e saiu a caminhar no meio do povo. Viu Carmelita Branca a chorar desesperada nos braços da enteada Isabel Criola e teria sentido um prazer muito grande, se o olhar

fuzilante da *dita* Isabel não lhe tivesse feito morrer o riso de meio beijo por lembrar-lhe não só a pecha de ladrão, mas, também de traidor de seu próprio povo.

O povo todo zunzunou praguejando aos demônios ante a evidência de que o delator maldito era mesmo o Sebastião. Este, dando de ombros, se foi porta afora com seu povo.

Os reinóis, após a saída dos *ditos*, mandaram os soldados-do-mato obstruírem de novo a porta com as pontas de seus paus-ferrados.

Tancredo deixara Fernandes deitado no banco com a cabeça no colo de dona Luzia e caminhava para lá e para cá, perto da porta. Foi o primeiro:

- “Pode pegá o branco véio! O nome dele é Tranquedo... tem u'a morte nas costa! É criminoso! Matô um soldado-dragão lá nas *Lavras do Funi!*” - denunciou em voz gritada o Sebastião *Criolo*.

Três *pretos* adentraram a escola e sujigaram o velho, pondo-o a ferros e o arrastando para fora. Natividade, sua neta de dezessete anos, enfiou as unhas na cabeça e começou a gritar como doida.

- A brancazinha é neta do véio! Pega ela tamém! - Gritou José *Mina*, como se sentisse um grande prazer.

Assim, da mesma forma, a menina foi sujigada, posta a ferros e arrastada para fora.

Do mesmo passo, os *pretos* sob o comando de José *Mina* e de Sebastião *Criolo* foram pegando um a um os *malungos* e *malungas* dentro da escola e os arrastando para fora. Usurpiano e Salatiel, norteados nas informações dos delatores, foram ordenando os prisioneiros em dois lotes: um, de *peças* tidas como sem defeitos e aproveitáveis; outro, de *peças ditas* contaminadas e brancos criminosos.

As *peças* sem defeitos e aproveitáveis foram sendo peadas com *pêgas* de ferro e jungidas com correntes aos esteios da varanda da casa do Dr. Fernandes. As *peças* contaminadas e brancos criminosos foram sendo jungidas a uma corrente enleada no corpo da cruz em meio ao roseiral.

Entre os contaminados e brancos se contaram Tancredo Velho, Natividade, sua neta, Laís, mulher de Antonio Pinto Sapeca, Eva, mulher de Francisco Adão, os aleijados brancos Crescêncio Carapina e Januário Sucupira, Silvando Hilário, o terceiro dos maridos de Maria *Fula*, Carmelita Branca e Isabel *Criola*, sua enteada, Feliciano e Camilo, estudantes adiantados e oficiais do *Conselho do povo*, o Dr. Fernandes e sua mulher Luzia, o indiozinho órfão de sete anos, chamado Daniel *Puri*, Vicente Soares, Isac Sapeca e o filhozinho *bebê* de sua madrastra, além de Claudina Canguçu, num total de dezoito gentes, ou *pretos*.

- Péssima colheita de *peças*! - Lastimou Usurpiano - vinte e quatro boas, somente! E mesmo assim, a maioria de velhos e *crias*!

- Mas, em ouro... a colheita não podia ser melhor! - Atalhou Salatiel.

- Vamos ter lucros! Vais ter tua parte... Mas que berreiro danado fazem essas *crias*! - Reclamou Usurpiano, dirigindo-se a José *Mina*: Abrevia-te, *negro*! É preciso que dê um jeito nesse berreiro!

- “*Inhô*-sim! Vô soltá a véia *cariboca*... é tudo dela essas *cria*...”

- Pois, faça logo o que dizes, ó *negro*! - Berrou Salatiel.



Claudina, vendo-se solta, quis tirar de Isac o pequeno Francisco Gumerindo. O *moleque* atarracou-se com o *bebé* e implorou:

- Deixa comigo o meu irmãozinho, *sá* Claudina! Deixa ele!

A velha *cariboca* sentiu os olhos se encherem d'água, levantou a sorrir e foi procurar os seus órfãos e outras crianças que estavam a chorar na varanda do Dr. Fernandes.

Usurpiano e seus reinóis, após terem muito andado em roda da praça a observar as *peças* amarradas, resolveram visitar o celeiro do povo. Em caminho, o Usurpiano mandou que José *Mina* soltasse da cruz as correntes e conduzisse os contaminados para dentro da casa de escola. Que soltasse, depois, umas três *pretas* e as obrigasse a preparar muita e farta comida, pois a hora do almoço se havia passado e estavam todos com muita fome.

Tancredo Velho puxou a fila dos desgraçados de volta para a casa de escola. Feliciano, Camilo e Isabel Criola, além de terem de arcar com o peso de suas *pêgas* e correntes, foram obrigadas a carregar os entrevados, jungidos às mesmas correntes. Laís continuou junto com Eva, a abraçá-la e a lembrá-la das recomendações de Vicente Soares. Fernandes, muito abatido, seguiu também acorrentado, ajudado por dona Luzia. A *negra* corpulenta, superara a crise e o choro e agora, rezava sem parar com seu rosário de contas de lágrimas e ajeitava vez ou outra os cabelos e a roupa do marido. Os últimos da fila a adentrar a escola foram Vicente Soares e Isac Sapeca a carregar nos braços o *bebé* Francisco Gumerindo.

Os minutos pareciam anos e cada hora, sessenta *ditos* bem longos. O sol já vencera o seu pino e principiava as *sombras ao nascente*. Recendeu pelo povoado um cheiro gostoso do que comer, mas só os usurpadores é que sentiram-lhe o sabor, banqueteadando-se na casa das mulheres. Fernandes perdera a voz e tinha os olhos ao vago. Tancredo Velho tentava animar os *malungos* pedindo calma e coragem, mas ele mesmo, coitado, se tornara trêmulo e perdera as cores da cara para o açafrão. Vicente Soares, que até então nada dissera, levantou-se e falou em voz murmurada:

- “*N’Zambi* sabe o que fais... O véio vai tê que largá sunceis, pois tem ainda o que fazê nesse mundo...”

Carmelita se desesperou:

- “Fica quieto, vô Vicente... os carrasco tão chegado!” - Avisou.

Usurpiano e Salatiel adentraram a escola juntamente com Isaías Henriques, o qual, acabara de chegar do Espinho.

- Esta é a escória contaminada! - Disse Usurpiano, mostrando os *malungos* acorrentados aos bancos, onde se sentavam amontoados no meio do salão.

Henriques se deteve a olhar nas caras de cada um dos prisioneiros. O coraçãozinho de Isac batucou descompassado quando reconheceu o seu ex-algoz e feitor. Laís empinou o queixo e olhou sem compostura para o *dito reinol*. Usurpiano o puxou pelo braço, chamando-o para irem se assentar sobre a escrivaninha de professor, usada havia pouco, como mesa para Visitação. Usurpiano iniciou a conversa:

- Precisamos recuperar o outro carro-de-bois... o paiol dos *pretos* tem muita fazenda e gêneros que hão de nos render largos proveitos...

- Podes então, se quiseses, mandar um *preto* buscar as *peças* que estão sobre a guarda de Sarmento e Atanásio... Assim, poderei ir à tal paragem do Doce e dar reparos ao carretão de que falas.

- Pois, muito bem (...) - retomou Usurpiano dando seguimento à conversa.

Vicente Soares, sentado num canto ao lado de Isac, abaixou-se, pegou os pezinhos do menino e abriu-lhes as *pêgas* com as mãos, sem a menor dificuldade, como se não estivessem trancadas. Do mesmo passo, abriu também as suas. Laís apercebeu-se e sorriu; Carmelita Branca ficou com muito medo e fechou os olhos. O velho ficou de pé, ajudou o menino a se levantar com o *bebé* nos braços e repassou as caras de cada *malungo* e *malunga*, olhando-os dentro dos olhos como a se despedir para sempre.

Salatiel se apercebeu do movimento e gritou:

- O velho está solto! O *moleque* também!

- “*In-sim*, branco excomungado! Sunceis num vai morrê sem pagá o que deve, não! O *cariá* ainda há de cumê a carne de sunceis!”

Dizendo isto, o velho pôs a mão no ombro de Isac em cujos braços dormia o bebezinho e o conduziu entre os bancos, ganhando o corredor central.

Os reinóis sacaram as pistolas, escorvaram-nas rapidamente e gritaram:

- Pára, velho! Pára, ou morrem *suncê* e o *moleque*!

O velho não lhes deu ouvidos. Seguiu com o menino no rumo da porta aberta a caminhar em passos lentos e compassados.

- Rich-Trec! Rich-Trec! Rich-Trec! - Negaram fogo as pistolas.

Os dois *negros* que estavam de guarda na porta, arregalaram os olhos e se mantiveram inertes e com as bocas escancaradas, enquanto o velho e o menino passaram por eles sem alterar os passos.

Os reinóis, passado o abobamento, assim que viram o velho se sumir na porta à luz do dia, tornaram a fazer fogo:

- Scat-bum! Scat-bum! Bum! - Quase feriram os dois *negros* que faziam guarda, ainda meio abobados, na porta.

Usurpiano se pôs a gritar e correu porta afora seguido de Salatiel e de Henriques.

- Peguem os cavalos! O *negro* velho fugiu! Peguem os cavalos! A praça virou um pandemônio com os soldados-do-mato e os reinóis a correr feito abelhas tontas a procurar o que nem sabiam o quê pelas embocaduras das ruas e becos. Antonio Carijó e José *Mina* chegaram com os cavalos e num instante estava formado o magote sem rumo. Usurpiano gritava como louco:

- Por onde se enfiou o *negro* velho? Ninguém viu? Pamonhas!

- “Desceu no beco atraís da casa do Fernande!” - Delatou Sebastião *Criolo*, a correr no rumo delatado.

- Salatiel! Aprígio! Simplicio! Peguem uns cinco *pretos* e cacem o *negro*! José *Mina*! Henriques! Peguem outros cinco *pretos* e sigam na direitura da rua da casa grande, onde está o carro-de-boi!

Os cavalos refugavam e pateavam para lá e para cá num reboleiro poeirento debaixo do sol quente das três horas da tarde.

De repente, um tropel desembestado espipocou o chão seco da rua da Escola, cuspindo, em meio a uma nuvem de poeira, um cavaleiro de exótica figura e rara beleza: era Divina! Nua e preta, com os cabelos negros a revoar! Catana numa mão e *reivuna* na outra! Embocou no meio dos reinóis, rodopiou sua *pichorra* na frente do cruzeiro, espipocou a *reivuna* derrubando um soldado-do-mato, deu um guincho estridente e saiu de novo em galope, dando a volta na praça e embocando de novo pela mesma rua da Escola, de onde se sumiu em meio a uma nuvem de poeira vermelha.

- Eu quero essa mulher! Ah! Ah! Ah! Eu quero essa barriguda! Ah! Ah! Ah! - Berrou Salatiel picando seu cavalo nas esporas e se sumindo no mesmo rumo, acompanhado de Aprígio, Simpício e do *negro* Antonio Carijó.

Usurpiano praguejou e xingou:

- Diaba amaldiçoada! Tomara que Salatiel te pegue! Henriques! José *Mina*, *negro* imprestável! Peguem uns dez *pretos*! Mexam-se e vão caçar o *negro* desgraçado! Ele não deve escapar! Peguem-no, vivo ou morto!

José *Mina* desembestou a montaria no rumo do ribeirão do Cruzeiro, seguido por Henriques! Os soldados-do-mato, a pé, seguiram-nos a correr no mesmo rumo. Toparam com Sebastião *Criolo* que voltava do *dito* ribeirão a gritar:

- “As água tão limpa! Ninguém travessô pra Butica! Sunceis pode sigui no rumo das água! É pra lá que o véio foi!”

Henriques e José *Mina* dispararam os cavalos no *dito* rumo, deixando para trás os soldados-do-mato e Sebastião. Ganharam uma barriga no plano, de onde ao longe avistaram o *dito* velho junto com o *moleque* já quase a entrarem na matazinha. Henriques, definitivamente, reconheceu Isac:

- O *moleque*! O *moleque* é meu... eu o havia perdido! Ele haverá de voltar a ser meu! Ah! Ah! Ah! - E disparou-se como flecha no rumo da mata.

Vicente e Isac nem pararam e nem andaram mais *de jeira*. Seguiram no mesmo passo até se sumirem na matazinha desfolhada e triste. Henriques vinha como um corisco em seus calcanhares; deteve-se por um instante à boca da mata, por ouvir que José *Mina* o chamava:

- “... É bão tê cuidado! O *negro* é feiticeiro, *inhô* Isaíá!”

- Feiticeiro, qual nada! Venha, *negro*! Venha! Venha! Vamos pegá-los! Gritou o *reinol* a se sumir galopando mata adentro.

José *Mina* chegou cauteloso e foi entrando devagar na matazinha. Com pouco, lá vinha de volta o *dito* Henriques.

- Para frente, não seguiram! Devem estar escondidos é por aqui mesmo! - Gritou Henriques, desmontando rapidamente de seu cavalo e saindo a bater moitas com uma vara.

- “Aqui, adonde, *inhô* Isaíá? Nesse mato ralo dá pra vê tudo com o zóio! Só tem memo é graveto e os dois cupim na bera do caminho... mais nada!” - Respondeu o *negro* a inspecionar com os olhos a redondeza ressequida.

O *reinol* desistiu da procura. Sentou-se num toco e resolveu esperar que chegassem os soldados-do-mato. José *Mina* também desmontou e continuou a revistar as cercanias entre os gravetos. Não demorou muito, os

*ditos pretos*-soldados apareceram ali na boca da matazinha. De repente, começaram a apontar os dedos e se dispararam a correr no rumo de Henriques e de José *Mina*; gritavam:

- “Óia lá o véio e o muleque, sô cabo! Óia, lá, gente! Pega!”

Quando os *pretos* passaram a correr é que Henriques e José *Mina* se lembraram de olhar no rumo do caminho que se sumia mata adentro: em lugar dos dois cupinzeiros se viam agora o velho e o *moleque*. Os *ditos* não se importavam com a correria dos soldados-do-mato; começaram a se mover e seguiram a passos lentos pelo caminho.

Os soldados-do-mato com seus paus-ferrados e cordas a gritar de alegria trovejaram a correr mais ainda no rumo das *peças* já a mercê de suas unhas. De repente, pararam como se tivessem esbarrado numa rede invisível e começaram a esbofetear as próprias caras e orelhas, revirando-se em tresloucada carreira para trás:

- “Ê marimbondo! Munto marimbondo! Ê marimbondo!” - Gritavam.

Henriques e José *Mina*, além da correria e berreiro dos *pretos*, começaram a ouvir um forte zumbido mata adentro, como se todos os marimbondos do mundo se estivessem a revoar revoltosos no rumo de suas cabeças. Montaram *de jeira* em seus cavalos e, bem antes que os *pretos*-soldados chegassem aonde estavam, já se haviam cuspidos para fora da matazinha e galopavam buscando as águas do ribeirão do Cruzeiro.

- “*Omindes* avisô, *inhô* Isaia... o véio é feiticero!”

- Ora, *negro*! Deixa-te de ignorância! Os teus *pretos* boçais é que devem ter provocado os bichos, pisando-lhes as casas no chão, ou cutucando-as nas árvores com as pontas dos paus-ferrados - explicou Henriques, a pôr uma pelota de barro na testa, onde levara uma ferroadada de um dos marimbondos mais ligeiros.

Os soldados-do-mato chegaram e se atafalharam dentro do ribeirão, onde rebocaram de todo as caras empoladas de tanta ferroadada de marimbondos.

Enquanto isto, do outro lado da matazinha:

- “Uai, vô Vicente! O Henriques ficou cego? Passou duas vezes para cá e para lá e num viu nós! E os *preto*! Viram nós... mas, os marimbondos viram eles também! Him! Him! Him!” - Galhofou Isac.

- “Esses bobo vai pegá nós, mais é onte, né fio? Teve bão! Teve bão!” - Resmungou Vicente Soares, agora a carregar o bebezinho e a sair na frente para fora da matazinha, na direitura do morro que desce para a *perdição* do ribeirão do Cruzeiro no *dito* do Jacaré.

- “Deixa eu pegar o Chiquinho de novo, vô... o senhor tá cansado!”

- “Não, fio... bamo acabá de descê o morro. Lá embaixo, debaixo da arve barriguda nós pára e discansa um pouco!” - Estabeleceu o velhinho já arfando a respiração.

O meninozinho continuava a dormir. Isac o deitou na relva e ficou a observá-lo. Vicente Soares encostou a cabeça no tronco da velha paineira e passou por uma madornazinha. O *bebê* acordou a sorrir e Isac ficou a entretê-lo com uma flor vermelha de paineira. O tempo se foi escorrendo devagarzinho que nem o ribeirão.

De repente, o vento trouxe vozes de gente e patear de cavalos lá do alto, talvez, da boca da mata. O velho abriu os olhos e sorriu:

- “*Suncê* fica quetinho, fio! Quetinho, que nem nós feis lá no caminho da mata. Pega o minino e senta aqui pertinho... sigura a mão do véio e sussega...”

Com *pouco*, os reinóis apontaram no topo do morro. José *Mina* advertia a seus soldados e recomendava ao branco Henriques:

- “Se vê cumpim, atira nele! Infia o pau-ferrado! Se saí sangue é *mode* que é o véio! Suncéis vai vê!”

O *reinol* e o cabo-do-mato desceram o morro vagorosamente, seguidos pela esquadra-do-mato; olhavam para todas as bandas e auscultavam todos os barulhos. Passaram diretos, rumo ao buraco onde se encontram os ribeirões sem atinar para os dois pés de assa-peixe viçosos e balouçantes, não obstante se situarem aos pés da velha árvore de paineira num chão bruto de terra batida.

- “Marcilino!” - Ordenou José *Mina*. - “Trevesse o ribeirão e vai assuntá se tem rastro dos *preto* na outa banda do corgo!”

O *negro* Marcelino desceu a barranca vermelha sob as vistas de seus parciais, do cabo e do *reinol*. Assim que molhou nas águas as canelas, as *ditas* águas se fizeram em rebojos e o *negro*, atônito e boquiaberto, se foi sumindo, arrastado para o meio do corgo.

- “Ai! *Mia* São Quelemente!” - Gritou desesperado, antes de imergir.

- “Ê sicuri!” - Gritou um dos seus parciais.

O rebojo enorme se foi rolando ribeirão abaixo, rebolindo os contornos da contenda submersa. O *negro*, mais à frente, onde o ribeirão se esconde sob o mato ralo e árvores vergadas, veio à tona pela última vez a gritar em silêncio com gestos desesperados: a enorme cobra o enrolara todo e, esticando-se, triturou-lhe todos os ossos do corpo. A cabeça da *dita*, à flor da água, tinha o tamanho de uma de boi. Começou a chupar o *negro* pela cara.

- “Bamo, gente! Bamo salvá o Marcilino! As arma, sinhô cabo! As arma de fogo, gente!” - Gritaram os soldados-do-mato vendo a cobra a submergir-se fazendo rebojo corgo abaixo.

O *dito* escorvou a escopeta e o *reinol* a lazarina. Examinaram o mato que margeia o ribeirão, procurando um lugar para atravessá-lo e se dispararem no encalço da cobra gigante.

- Ssssssss-tss-tss-tss-tss-tsssssss!

- “Ê cascavel! Ê *bicho-mau*!” - Gritou um *preto* pulando para trás que nem cabrito.

- Scat-bum! - Disparou José *Mina* arrebetando a *dita* cobra que subia pela barranca do ribeirão.

- Tem mais uma aqui! - Gritou um outro soldado.

- “Óia outa! Ê jararaca!”

- “São Quelemente! Dois jaracuçu!”

- “Credimcruis! Uma corale e uma papo-amarelo!”

O cavalo de Henriques empinou a relinchar, revelando um bolo de urutus a se remexer no capim.

- “Ê *cobra-mandada*! Ê o véio feiticero! Ê *cobra-mandada*; bamo simbora, gente!” - Berrou José *Mina* a galopar morro acima.



Henriques espipocou um tiro no rumo do bolo de cobras e seu cavalo pinoteou e o derrubou de costas no chão. *Dito* cavalo sumiu-se no mundo e o *reino*l, apavorado, disparou-se a correr atrás dos *pretos*-soldados, morro acima, aos pinotes e corcoveios e sem mais olhar para trás.

- Him! Him! Him!

- Hem! Hem! Hem!

As duas moitas de assa-peixe debaixo da paineira balançaram as folhas e beberam o fôlego de tanto rir.

- “Bamo simbora, fio! Eles num volta mais, não! Teve bão! Teve bão!” - Disse o *negro* velho a espreguiçar o corpo e a estalar os ossos sob a *dita* paineira.

Isac encavalou o irmãozinho ao pescoço e seguiu o velho a caminhar no meio das cobras de todo tamanho e qualidade esparramadas pelo caminho e à beira do ribeirão. As *ditas* se iam saindo mansamente e abrindo caminho ante a aproximação do velho feiticeiro.

- O sucuri matou o *preto*, vô?

- “Se num matô, comeu ele vivo, né fio? Tadinho do bicho... tava cum fome, né!” - Respondeu enigmático o velhozinho a descer o barranco para a travessia do ribeirão.

O velho atravessou o Jacaré carregando o bebezinho na cabeça e o *moleque* o fez a nadar em cinco estirões.

Seguiram margeando o agora ribeirão do Jacaré, buscando a sua *perdição* no rio de São Francisco. A tarde caía mansa. O velho resolveu dar uma parada.

- “Tão siguino nós... mais é *tiapossoca*. Bamo isperá”. - E assentou-se debaixo do ingazeiro.

Francisco Gumercindo, o bebezinho, se mantinha alegrezinho e não chorava hora nenhuma. Bateu um fedor de carniça e o molequezinho refugou as ventazinhas do nariz. O velho se levantou a sorrir e caminhou para as bandas de umas macegas na baixada. Isac pegou o neném e foi *negacear* o velho que se havia agachado atrás de um pau: viu um enorme lobo-guará, magricela e de olhos grandes, a se esfregar no vô Vicente e a ganir baixinho. O velho o viu e gritou:

- “O bicho veio trazê um recado! Tem gente esperano nós lá na bera do Véio Chico”.

Assim, lá se foram o *preto* velho e o *moleque* com o bebezinho na cacunda a pular gravetos e tocos pelos campos ressequidos e amarelados de outono e pôr-de-sol. O engaçô de lobo magro os foi seguindo de longe, por trás das macegas e capões.

A noite já caía quando o velho e o *moleque* alcançaram o rio de São Francisco, onde o *dito* faz um cotovelo e recebe o ribeirão do Jacaré. Vô Vicente acenou com a mão se despedindo do guará e caminhou no rumo do fogozinho que tremulava perto da barranca do rio.

- “Ê de pais!” - Gritou ao se aproximar.

O *cariboca* velho mandou que o rapazinho baixasse a *azagaia*. O neném choramingou e o *cariboca* mais atarracado pediu a Isac que o deixasse pegá-lo.

- “Nóis é os que sunceis veio buscá” - falou Vicente Soares.

- “Mais... dona Osérnia falô que tinha munta gente! Sunceis tá sabeno do sucedido no *Pitanguí*? Os *malungo* num voltaro *mode* pegá a balsa...”

- “*In-sim*... home... tão morto. Onde nós vem, deixamo a morte por lá. É bão nós entrá na balsa e cumpanhá as estrela...”- Respondeu Vicente Soares a olhar o céu.

-----  
As primeiras estrelas já brilhavam desbotadas sobre o morro da Chapada. Os três reinóis e o *negro* mudo seguiam com os cavalos a passos lentos. Havia perseguido a mulher nua à tarde toda. Divina os atraía para um varjão cheio de perambeiras escondidas entre capões de mato. Fizera-os cair numa armadilha de cordas esticadas, derrubando-os dos cavalos. Custaram a recuperar os cavalos fugidos. Agora, apesar da noite, Antonio Carijó tinha achado de novo o rastro da *dita*.

Salatiel só pensava em poder sujigar aquela mulher; morder aqueles peitos redondos com sua boca banguela; deitar em cima dela e se atafulhar dentro da *dita* até fazê-la parir antes da hora. Atravessaram o corgo da Chapada e continuaram a caminhar em retorno sem rumo até que as estrelas lhes pudessem dar um melhor norteamento.

- Vê, Salatiel! Um fogo sobre o morro! - Acusou Aprígio.

- Não me parece fogueira... o fogo tem muito pouca fumaça e movimento - observou Salatiel.

- Ó *negro*, por que refugas? - Perguntou Simplicio a Antonio Carijó.  
- Estás com medo! Ora, passes na frente, ó moleirão... Adianta-te e vá ver o que é! Ah! Ah! Ah!

O *negro* se adiantou vagaroso a subir o morro. Os reinóis o foram acompanhando a alguma distância.

O cabeço de morro resplandecia luzes espargindo-as para todas as bandas. O corpo *negro* de Antonio Carijó montado em sua mula preta brilhou retinto quando ganhou a barriga do morro. A mula refugou e o *negro* resolveu esperar os brancos.

O coração de Salatiel na verdade ribombava de medo; mas ele se fez de valente e tocou o cavalo morro acima com a catana na mão e a escopeta escorvada. Quando emparelhou-se ao *negro* no alto do morro, se pôs a gritar:

- Aprígio! Simplicio! Venham *de jeira*!

O alto do morro da Chapada tinha uma coroa de terra amarelodourada de luz. Havia, a alumiar a coroa, mais de cinquenta candeias esparramadas em círculo. À volta do círculo o vento sibilava suave pelas folhas dos carrasquinhos a tremular um verde-esmeralda nos limites do cabeço de morro roçado e capinado. O sibilar do vento cedeu lugar a um retinir de metais. Salatiel berrou:

- É a diaba da potra branca! Está prenha mesmo! vejam os seus peitos! As coxas! Os pêlos das *vergonhas*! Ah! Ah! Ah! Ah!

Divina, saída da escuridão, adentrou macia a roda de candeias. Trazia apenas uma cinta de miçangas a lhe adornar a barriga de cinco meses. Na mão direita, a comprida *faca-cipó* e na esquerda, a catana de aço. Salatiel endoidou-se em desejo pecaminoso; mas teve medo.

- Vai, *negro*! Pega a mulher! Anda logo moleirão!

Antonio desceu da mula, empunhou a catana e o pau-ferrado e caminhou no rumo daquela visão de mulher esfogueada. Divina se pôs a andar para lá e para cá, como se dançasse *batuque* ao ritmo das rosetas de suas chilenas.

- Ataca logo *negro*! Estás com medo de uma mulher? - Berrou Salatiel, arfando de medo e excitação.

O *negro* meneou o corpo e as armas e atracou-se com a mulher a rodopiar e a esgrimir com a catana e pau-ferrado. A mulher contra-atacou e o Antonio perdeu o dedo e o pau-ferrado ao aparar o golpe da catana. O *dito* se viu perdido e pensou em correr, mas teve que se agüentar. A mulher pelada era como uma ventania à sua volta, e certamente o espetaria se tentasse correr.

Os reinóis se mantiveram à distância, fora do círculo de candeias. Até mesmo Aprígio e Simpício sentiam grande excitação, contemplando o corpo daquela criatura que era um misto de fera e de mulher: aquela pele mimosa... aqueles compridos cabelos negros a revoar... as costas nuas... aquelas bundas mimosas! Aquelas *vergonhas* tão bem feitas, cobertas de pêlos castanhos!

Mas, pelo jeito como esgrimia, aquilo não era nem bicho e nem mulher. Aquilo era o capeta. Era mesmo o *cariá*! - Apavorou-se o *dito* Antonio Carijó. Jogou para cima a catana e tentou correr.

- Arrrgh! Agrunffffghhh! - Roncou o *negro* mudo, com a mulher já encarapitada em suas costas.

Divina se enganchou nas suas cadeiras e achou-lhe com as rosetas as *encomendas*. Cortou fundo com as esporas e do mesmo passo cravou-lhe a *faca-cipó* no sovaco direito. O *negro* ficou a rodopiar para lá e para cá, a esguichar sangue por baixo e por cima, com a mulher pelada a cavalgá-lo. Divina largou o cabo da *faca-cipó* e catou os cabelos do *negro*. Afrouxou-lhe o pescoço para degolá-lo com a catana.

Simpício e Aprígio dispararam simultaneamente as pistolas, acertando um tiro nos peitos do *negro* e outro na perna da mulher. A *dita* salta para uma banda com a coxa direita a minar sangue, rabiando o corpo e urrando como uma fera do mato.

Os reinóis, vendo-a a caminhar em seus rumos, escorvaram as armas de grosso calibre e fizeram fogo pesado e sem dó:

- Scat-Buum! Scat-Bum! Scat-BUUMMM!

O tiro de espingarda varou em três lugares o seio direito da fera. A lazarina de Aprígio endereçou a bala à cabeça da pobre *reinol* de Luiz Hilário. Quando Divina, já de joelhos, teve a testa varada pela bala, recebeu toda a carga da escopeta de Salatiel bem no meio da barriga preta e rolou estrebuchando e esguichando sangue para todas as bandas, como se fosse um *surrão* de vinho cheio de buracos a vazar.

Aprígio e Salatiel saíram a dar coices nas candeias e as apagaram todas, tentando desesperados fazer com que as sombras da noite lhes ocultassem o crime hediondo. Salatiel insistiu com seus parciais para se sumirem daquele morro maldito o mais depressa possível. Aprígio, a olhar para o céu, pediu que esperasse um pouco, pois precisavam achar os rumos nas estrelas. De repente viu o céu transmutar-se num tumulto: umas

estrelas caíam, deixando um rastro de fogo; outras, trocavam de lugar a espargir fagulhas. Acharam melhor atender a insistência de Salatiel e caçar jeito de sumir daquele morro.

- *São Sebastião!* - Gritou Simplício Rios.

O corpo de Divina, no chão, estava envolto numa luz azul ou roxeada. Depois o *dito* clarão se foi esfogueando. A mulher rolou o corpo, ficando de costas e reta; depois, assentou-se cheia de luz. Luzes em sua volta se tornaram de novo azuis. A *dita*, a sorrir, atafulhou as duas mãos em sua própria barriga, através dos lombos feitos pela escopeta de Salatiel e, de lá, começou a arrancar suas próprias entranhas ensangüentadas e, com estas, arrancou por fim o seu *bebê*: exibiu-o aos reinóis e chorou! O *bebê* estava todo cheio de buraco de chumbo e balas. Estava morto e sorria!

A mãe o estreitou entre os peitos ensangüentados e deu um gemido tão triste e choroso, que o próprio vento da noite o respondeu chorando a urrar e a arrancar as folhas dos carrasquinhos em volta do morro da Chapada, criando um redemunho de folhas e de luzes de tudo quanto é cor a se espargirem aos quatro ventos e lados.

Divina, no meio do redemunho de luzes e de esmeraldas, manteve-se impassível com o *bebê* morto nos braços. Depois, chorou com a vozinha fina, como o faz qualquer menina cuja boneca se quebra ou se perde. Calou-se. Seus olhos se encheram com um fogo vermelho, num chiar e num espargir tão grandes que acabou por tomar-lhe o corpo todo, transformando-a numa grande bola de fogo a girar faiscante e a pingar gotas inflamadas no chão, como se fossem estanho derretido. Os cavalos empinaram a relinchar e se desembestaram morro a baixo. Os reinóis se dispararam espavoridos no mesmo rumo, a varar moitas de espinheiros e a quebrar no peito os arbustos e carrasquinhos e se sumiram noite adentro, ora caindo, ora rolando, ora gritando; mas, correndo sempre...

A bola de fogo ficou a girar a noite inteira sobre o morro da Chapada. Quando o sol pintou a manhã com seus primeiros raios, o fogo se foi abaixando até se sumir chão adentro sobre o cabeça do morro da Chapada.

## Capítulo XXI

**A**o domingo, quatorze de maio, o sinozinho da capela do Cruzeiro não repicou; não chamou o povo para a reza das sete. As *cafuas* dormiram vazias e os *malungos* a ferros gemeram a noite toda; uns, dentro da casa de escola; outros, jungidos aos esteios da varanda da casa que fora de Fernandes Preto.

Os soldados-do-mato ficaram a rondar o povoado deserto e a vigiar as *peças*. Os reinóis haviam esticado muitas redes dentro da capela e por lá dormiram sossegados. Usurpiano levantou cedo e fez muitas contas. Depois, saindo a espreguiçar pela porta da capela, chamou o cabo José *Mina*.

- Tu precisas mandar enterrar esses cadáveres, *negro*! Os urubus, não demora, começarão a rondar os céus...

- “Uai, *inhô-nhô*... e as cabeça? Nóis vai perdê traveis?”

- Ora, *negro*! Iria eu fazer o trabalho por ti? Corte-as tu, e guarde-as numa barrica de salmoura! Mas não me gastes muito sal e não vás incluir a cabeça da índia, ó imbecil! Ah! Ah! Ah!

- “*Inhô-sim! Inhô-sim! Hem! Hem! Hem!*” - Riu-se o *negro* já a sair com a catana na mão.

Usurpiano voltou para dentro da capela. Quando abriu a porta para entrar, Salatiel voltou a berrar:

- Ai, meus olhos! Fecha este raio de porta, ó Usurpiano!

- Então, queres dizer que a mulher virou fogo! Ah! Ah! Ah!

- Não galhofes com tais coisas, Usurpiano. Simplicio e eu a tudo presenciamos! Tudo o que lhe disse Salatiel é a mais pura verdade - asseverou sério e com os olhos cobertos o capitão Aprígio.

- Ora, o que sei é que perdemos três de nossos *pretos*! Um, a mulher doida encheu de chumbo debaixo de nossas barbas! Outro, vem



Henriques a me dizer que uma cobra engoliu! Perdemos também o Antonho Carijó, o qual a mulher teria matado debaixo das barbas de *vossa mercê*! Ora, Aprígio... Estou mesmo bem arranjado! Ora, aos diabos!

- Acalma-te, meu filho! Vitupérios não conduzem a boas obras - atalhou o padre Melo.

- Ora, padre... *vossa mercê* também... - Usurpiano resolveu mudar o tom e bajular - ... *Vossa mercê* é a única voz prudente a me ajudar nesta batalha!

O padrezinho sentiu gostosas cócegas na barriga de sua vaidade e fez bicozinho de contentamento. Ia retribuir a bajulação, mas foi interrompido: José *Mina* adentrou a capela, escancarando a grande porta:

- “As *peça*, gente! *Inhô* Atanaso e o *inhô* Sarmento tá chegado com as *dita*! Escuita o baruido dos ferro! Ó! Ó!”

- Fecha esta porta, *negro* desgraçado! - Berrou Salatiel a tapar os olhos vermelhos como sangue.

José *Mina* saiu correndo, mas a porta ainda por algum tempo não se fechou. Os reinóis o seguiram no mesmo passo na direitura da praça. Salatiel, Aprígio e Simplício, cujos olhos tinham sido chamuscados pela Luz da Mulher da Chapada, preferiram continuar abrigados na penumbra da capela.

Os *pretos-soldados* estalaram seus chicotes e fizeram com que as *peças chegantes* se movimentassem feito bois pela praça do Cruzeiro. As crianças gritavam desesperadas e as pobres mães e mulheres as sufocavam apertando-as aos peitos e corpos, como se quisessem devolvê-las às suas entranhas ou pari-las inversamente e para dentro.

Lá atrás da casa de escola, o velho José Ribeiro, marido terceiro de Rita Praxedes, abraçou e sujigou o *moleque* Feliciano, impedindo-o de atacar o sodado-do-mato que os vigiava. Havia acabado de enterrar numa grande cova os corpos dos *malungos* mortos e o *moleque* se descontrolara:

- “Sussega, fio... num foi só o seu *manjange* Marçale que foi interrado sem cabeça... Chica Juá foi interrada cum tudo, *mode* que cabeça de índio num rende *tomadia nim* ouro...”

O *negro* José Ribeiro, no vigor de seus cinqüenta anos, bem que pensou em ajudar o *moleque* e aos outros e cair sobre os *pretos-soldados*. Mas, quando ouviu o barulho de correntes e a gritaria, perdeu a vontade e a coragem: viu, do fundo do terreiro de escola, a sua Rita Praxedes e muitos outros *malungos* que estavam chegando à praça... todos a ferros e decadentes de caras e corpos.

- “Sussega, fio! *Angana-N’Zambi* num pode tê largado nós desse jeito! Ele há de favorecê a nossa fuga e vingança! Agora num é hora... sussega!” - Murmurou mais uma vez o Ribeiro, com os olhos rasos d’água e a acariciar a cabeça do *moleque* filho do seu amigo Leandro, agora louco, mas graças a Deus fugido.

Usurpiano, aconselhado por Sebastião *Criolo*, mandou que fossem separadas as *peças* Manoel Zimbabo e Tibúrcio *Criolo*, bem como Rita Praxedes e Angélica Carapina. Esta última *dita*, ao ser arrastada por José *Mina*, ainda gritou para consolar o pobre Agostinho *Fulo*:

- “Tá bão, Gustim! Se eu vê o Mané ou a Isabé, falo pr'eles... falo que *suncê* tá bão... corage fio! *Suncê* já é um home, viu!”

O pobre mudo manquitó, já todo cheio de machucaduras nos cambitos finos e aleijados, sorriu com doçura apertando os olhozinhos cheios de remelas e esperança.

-----

Àquele domingo nenhum passarinho voou sobre o Cruzeiro. Até os gaviões cortavam voltas no céu, preferindo outras bandas e caminhos no ar. A tarde caiu tristonha e cinza. Uma penumbra fedorenta e sufocante foi tomando conta de tudo e, *com pouco*, a noite despencou duma vez, como o desabar de um serviço inútil e sem ganho.

Isabel Criola recebeu o recado de Angélica e ficou doida.

- Ele é aleijado e vale muito pouco, *sá* Angélica... os brancos vão matar o pobrezinho! *Suncê* tem que me ajudar!

Angélica enfiou a mão nos seios e tirou uma verrumazinha de ferro. A *dita* Isabel mais que depressa pegou o ferrozinho e começou a cutucar a fechadura da *pêga* que a prendia.

- Não Isabel! O *negro* José Ribeiro pediu para esperar a hora certa! Ainda não é hora! - Apelou o *moleque* Feliciano.

A crioula fez como quem nada tivesse ouvido. Em pouco tempo conseguiu destravar a pega. Entregou a verruma a Feliciano e saiu a se arrastar no escuro chão de seixos dentro da escola.

Lá na capela, os reinóis discutiam em altos brados acerca da repartição do ouro e das *peças*. Salatiel não se conformava com a parte mais avantajada que devia tocar ao padre Melo. O velho capitão Aprígio de Araújo se mantinha num canto bastante sisudo e macambúzio. A imagem da mulher a arrancar com as mãos o filho de dentro de sua barriga e aquele inferno de luzes e a ventania de fogo não lhe saíam da cabeça. Resolveu sair e dar uma volta pela praça escura.

A portazinha lateral da casa de escola que dá saída para o terreiro da *dita* havia muito não era aberta. Feliciano e Camilo resolveram ajudar a *malunga*. Soltaram-se de suas *pêgas* com a verruma e se arrastaram para abrir a porta.

- Lembre-se, Isabel, não podemos pôr a perder os planos do *malungo* José Ribeiro - repetiu Feliciano a destravar a porta.

- Talvez eles consigam, *malungo*... Mas, nós... não sei; acho que os reinóis não vão nos deixar vivos. Dos alunos adiantados, só restamos nós! Fiquem sossegados... solto o Agostinho e volto... deixem a porta encostada!

- Vai com Deus Isabel! - Cochichou Camilo, devolvendo-lhe a verruma.

A crioula varou para o terreiro escuro a rastejar entre o murundu de bostas de passarinhos e a parede da escola, rumando para a varanda da casa do Dr. Fernandes.

Agostinho era o último da corrente no esteio da esquina e dormia com a cara encostada no gradil de treliças. Isabel sungou o corpo devagar, tapou-lhe a boca com uma mão e, com a outra, meneou os dedos bem perto da cara do *dito* mudo e aleijado, dizendo-lhe na língua das mãos de Manoel Pitomba:

- É a Bé, filho! *Suncê* está bem?

O Agostinho mexeu as mãozinhas tortas dentro do vira-mundo e sorriu com os dedos:

- Ah! Bé, é *Suncê*? Que bão! E o sô Mané? Cadê ele?

- O sô Mané, graças a Deus ainda não chegou filho! Vou soltar *suncê*... *Suncê* foge para a Botica, viu!

Agostinho resmungou com os dedos, mas Isabel ralhcou com movimentos rápidos de dedos e mãos, mandando que não teimasse com ela e a obedecesse. Soltara-lhe já o vira-mundo e, quando estava quase a destravar as *pêgas*, foi surpreendida por um clarão de baforada de cachimbo:

- O que é isto, *negra*? - Perguntou cachimbando o capitão Aprígio a lhe segurar os pulsos, tomando-lhe a verruma.

Agostinho fingiu dormir, mas não adiantou. Aprígio clareou a varanda com outra baforada de cachimbo e viu que o aleijado estava com as mãos livres:

- Hum! Hum! Estás a soltar o aleijado, hem? - Galhofou o velho a sujigar a *negra* e a apertar-lhe os peitos duros e redondos.

O *reinol* sentiu um *trem* que havia muito não sentia: vontade de xumbregar aquela *preta*. Os *pretos* de José *Mina* cochilavam perto da cruz, onde a fogueirazinha já se ia apagando de todo. Aprígio resolveu arrastar a *negra* para o beco ao lado da casa de Fernandes. A *negra* pensou em gritar. De repente o *reinol* a largou e estatelou os olhos no escuro e ficou a olhar as macegas atrás da casa: as macegas, para ele, se inflamaram com um fogo cor-de-rosa e se foram abrindo como uma flor, de onde se levantou uma meninazinha de cabelos escorridos e azulados. Era a indiazinha que fora morta lá no Calhambal - reconheceu-a o *reinol* a lembrar de seus olhozinhos a encará-lo, antes de receber os tiros. Ela lhe falou:

- “Ah! Não, *inhô* Aprígio... num fais male pra Isabela, não! Ajuda ela a soltá o Gustim dela, ajuda, *inhô* Aprígio!”

Isabel não entendia o que se passava e nem via nada. O *reinol* estacara o passo e a largara arfando o fôlego; agora ficava a dizer “sim” e “sim”, como se conversasse com alguém.

Aprígio caminhou até Agostinho. Abaixou-se e, com a verruma, abriu-lhe as *pêgas*. Depois, agachou-se junto à parede e cedeu o corpo desfalecido e a roncar.

- Fuja, Agostinho, fuja! - Gesticulou a crioula a esfregar os dedos e mãos no peito e cara do seu protegido.

O troncho pediu bênção, beijou-lhe a mão e sumiu-se beco afora, na direita do ribeirão e do Alto da Botica. Isabel tirou a verruma das mãos do velho *reinol* e se jogou no chão a rastejar de volta para a porta lateral da casa de escola. O *malungo* José Ribeiro sorriu sacudindo as lágrimas dos olhos cansados.

Os *reinóis*, lá na capela, continuaram a bater boca e a discutir até altas horas. Depois, parece que conseguiram compor os interesses de cada um e chegaram a um consenso. Foram todos dormir.

-----  
“*Campo Grande*, quinze dias do mês de março do ano de 1757.

Prezadíssimo senhor sargento-mor João Rodrigues da Silva:

Envio-lhe, pelas mãos do excelentíssimo senhor padre Dr. João Correia de Melo os *negros* que conseguimos amarrar num quilombo sito nas beiradas do *dito Campo Grande*, em número de quinze ao todo, conforme a relação que segue ao fim desta. Cumpre lembrá-lo de que se tratam de *negros* os mais *absolutos* e facinorosos, os quais *ditos negros*, só puderam ser amarrados depois de muito fogo de mosquete e granadas, numa refrega corpo a corpo, onde matamos a muitos deles, fugindo-nos alguns. Conforme avençado, peço-lhe que proceda às culpas dos *ditos negros* e, ao depois, faça deles o que aprouver à Câmara dessa Vila, pois, como são *negros* mui perigosos, o certo seria mandá-los *galés* ao Rio de Janeiro. Para a formação das culpas, envio-lhe como testemunhas Atanásio Ribeiro da Silva e Julião Gonçalves Paredes, homens brancos e fiéis vassalos, gente mui valorosa que mostrou bravura e valentia na refrega contra os *ditos negros*. Envio-lhe também um pobre *preto* de nome Sebastião Crioulo, juntamente à sua mulher e filhos, os quais, *dito preto* e sua família, apesar de livres e vassalos de El-Rei, encotramo-los cativos dos *ditos calhambolas*, como se escravos fossem; deste passo, o *dito preto* também será de muita utilidade na formação das culpas dos insolentes *calhambolas*.

Envio-lhe muito saudar. Que Deus guarde *vossa mercê*, sargento-mor João Rodrigues da Silva e a todos os leais vassalos oficiais dessa nobre câmara e senado da *Vila de São José*.

As.: Usurpiano L. da Rocha.

Lista dos *pretos calhambolas* que seguem amarrados a essa Vila: Romualdo *cabra*, vinte anos; Euzébio *crioulo*, onze anos; Pedro *crioulo* velho, setenta e cinco anos; Casimiro *crioulo*, onze anos; Matias *crioulo*, dez anos; José zimbábue, vinte e oito anos; Cristiano zimbábue, quinze anos; Jonas *cabra*, onze anos; Pedro quirumbo, vinte anos; Ignácio quirumbo, dezoito anos; Marcelino *dito*, doze anos; Jose Ribeiro *crioulo*, cinqüenta anos, pouco mais ou menos; Ângelo *moçambique*, sessenta anos ou pouco menos; Jerônimo *angola*, sessenta anos ou pouco mais; Valentim *crioulo*, quinze anos”.

Quando o sol já deitava as *sombras ao nascente*, o padre Melo e sua tropa haviam deixado para trás o rio do Lambari e tomado o rumo sul, na direitura da *Vila de São José*. *Dito* padre acabou de reler a carta pela décima vez e guardou-a novamente no alforje de seu cavalo. Atanásio e Julião, um pouco à frente, já haviam achado um bom lugar para fincar acampamento e fugir do pernicioso sol da tarde daquela segunda-feira abafada.

Sebastião *Criolo* e sua família seguiam bem mais atrás. O *dito* já começara a receber o pagamento de sua traição: o filho João *Cabra*, de treze anos de idade, teve de ser amarrado, pois recusava-se a seguir o pai, alegando que não mais o tinha e que se envergonhava até perante as pedras por ser seu filho.

Padre Melo, antes de se aproximar ao acampamento, se emparelhou à mula e pegou de novo o ostensório de ouro. Abriu-lhe o receptáculo sagrado e entrou em grande êxtase a contemplar o brilho do ouro em pó salpicado de pequeninos diamantes.

A segunda-feira no Cruzeiro continuava por demais cruel e medonha para ser um simples pesadelo ou sonho mau. À hora do almoço, os

reinóis se fartaram de tudo o que é bom, gostoso e de cheiro apetitoso. Aos *malungos* amarrados só uma água de fubá foi dada e, mesmo assim, suja e pouca. Muitos *malungos* nem a beberam, deixando-a para as crianças que a morrer de fome choravam e obravam sem parar. Claudina Canguçu era um anjo bom e os *pretos* de José *Mina* a deixavam ficar para lá e para cá a zelar das crianças e bebês, mantendo-as vivas a custa de rezas e *benzeduras* para curar desanda e fome.

Enfim, a tarde chegou com um pouco de vento, fazendo escoar o fedor de bostas de passarinho e bodum dos *malungos* suados e ensangüentados.

Lá dentro da escola, o sofrimento maior era dos aleijados que, mesmo entrevados, continuavam a ferros. A porta se abriu e Usurpiano adentrou a conversar com Isaías Henriques.

- Pois, é isto... o aleijado nos fugiu. O capitão Aprígio está com a cabeça fraca... diz tê-lo soltado a pedido da indiazinha! É preciso que partas logo com as *peças* e o leves para *Pitangui* - recomendou Usurpiano.

- É... deve ter tomado muito sol na cabeça... já tem alguma idade... estes sertões são doentios... este fedor - justificou o *dito* Henriques a observar a mulher ruiva.

Laís, ao ver que o *reinol* a olhava, ao invés de baixar os olhos, encarou sorridente o *dito reinol*. Henriques caminhou entre os bancos, abaixou-se a seus pés com a grande chave na mão e soltou-lhe as *pêgas*. Laís abriu mais ainda o sorriso. O *reinol* empurrou Eva Fernandes para um banda, estendeu a mão para a ruiva e murmurou:

- Vem ... preciso falar-te a sós.

Os *malungos* viram a mulher de Antônio Pinto Sapeca se levantar e sair, levada pela mão de Henriques. Usurpiano os seguiu e, passando pela porta de pranchas, fechou-a batendo a tranca exterior e devolvendo ao interior da escola a penumbra e o abafamento. Os *malungos* sentiram pena de Laís e rezaram por sua alma e corpo.

A praça do Cruzeiro era na tarde avermelhada uma tristeza só. Os soldados de José *Mina* ajeitavam a lenha para acender uma fogueira perto da cruz. Os *malungos* já muito decadentes, presos de pés e mãos na varanda da casa que fora do Dr. Fernandes, batiam as correntes num ritmo suave e lento, compassando lamúrias murmuradas ao vento. Usurpiano seguiu para a capela e Henriques, arrastando a mulher pelo braço, se foi pelo beco entre o celeiro e a capela, na direitura dos bancos e mesas plantados no sul do Cruzeiro.

Uma vez no local, Laís assentou-se na ponta do banco da primeira mesa, dando às costas para a casa dos homens e para o povoado. Henriques assentou-se à sua frente e ficou calado a olhá-la de um jeito descarado.

- *Vossa mercê* é mulher de Antônio Pinto? - Perguntou.

Laís agitou os cabelos fazendo-os ainda mais desgrehados a custa das unhas e se pôs a falar que nem bruxa ou cigana:

- Antônio Pinto Sapeca, *por detrás te vejo em cruz!* E, por mim, Antônio Pinto, o sol e a luz! Antônio Pinto Sapeca, tu irás e acharás! Ora, se acharás! Depois, em busca de mim, Antônio Pinto, tu tornarás! Ora, se



tornarás! Antônio Pinto Sapeca, Deus é! Deus quer! Deus pode tudo quanto quer! Assim, Antônio Pinto Sapeca, tu acabarás em bem! Amém!

- Então... queres dizer que, finalmente, Antônio Pinto resolveu ir buscar os diamantes no *Tijuco*? - Interpretou o cristão-novo a sorrir.

Laís nada respondeu. Estendeu as mãos sobre as varas da mesa e pediu a Henriques que lhe desse a sua mão direita. O *reinol* obedeceu. A cigana se pôs de pé e debruçou-se sobre a mesa para melhor enxergar-lhe as linhas das mãos. Correu-lhe as unhas sobre as *ditas* linhas, a princípio, sôfrega e arfante; depois, suspirou aliviada e voltou a se assentar.

- E então, mulher... o que vistes?

- Tuas linhas de vida embaraçam-se às de Antônio Pinto... Ao último encontro, a morte os rondou... Ao próximo encontro, só a fortuna se fará presente e os abraçará a ambos. Antônio Pinto haverá de recompensar-te... para sempre. Vejo centenas de pedras... todas grandes; de boas *águas*. Mas... para que Antônio Pinto te veja com bons olhos, é preciso... é premente...

- O quê, cigana? O que será preciso para que Antônio Pinto finalmente reconheça os préstimos que lhe tenho feito?

- Que tu me salves e que me mantenhas sob tua guarda... mas, é preciso, também, que preserves a vida de minha escrava Eva. Esta, é-me como um amuleto de sorte e haverá de nos atrair Antônio Pinto e os diamantes... os diamantes! Antônio Pinto haverá de levá-los até nós... lá em *Pitanguí*! Mais não te posso dizer! Mais, não te posso dar... pelo menos, por enquanto, não!

Quando Laís terminou sua encenação, Henriques derramava ambição e cobiça não só pelos olhozinhos apertados no escuro, como por todos os buracos e poros do corpo. Atarracou-se ao pulso da mulher e a conduziu de volta pelo beco escuro até sair-se à praça esfogueada pela fogueira que os *pretos* de José *Mina* acabavam de acender

Henriques mandou que os *pretos* de José *Mina* reconduzissem a mulher para dentro da casa de escola e adentrou a capela onde, à luz das candeias penduradas pelas paredes, os *reinóis* ainda conversavam sobre a repartição do ouro e terras conquistadas.

- Pois, então, senhores - concluía Usurpiano - ficaremos assim: Sarmento Alves, Roriz da Silva, Armindo da Mata e Simplicio Rios, que não se interessam por terras, receberão suas partes em ouro e terão suas *peças*, as quais arrematarão pelos preços das tomadias em *Pitanguí*. O sargento-mor Salatiel da Silva Pereira, Licórnio Teixeira, Francisco Pereira Pontes, Sinfrônio Rios Nogueira e o capitão Aprígio, cuidarão por suas contas de se apossar das terras excedentes nos limites da minha *sesmaria* de três *léguas*. E... *vossa mercê*, Henriques? Vais querer mesmo somente o ouro e a mulher branca? Olha que o risco é grande... o risco é de todos nós! - Advertiu o chefe *reinol*.

- Não há perigo, Usurpiano... a branca estava aqui contra a sua vontade... apenas não quer depor contra os *pretos*... tratarei de convencê-la. Mas, para tal, preciso que me dê também uma *cabra* preta, por nome Eva, pois é escrava da *dita* Laís...

- “*Inhô-nhô... posso falá um trem?*” - Interveio José *Mina*.

- Pois, fala, *negro* - autorizou Usurpiano.

- “A *preta* de nome Eva é das mais contaminada... além de sê fia do *preto* Fernandê, sabe lê e escrevê e é professora” - denunciou o cabo-do-mato.

- Ora, *negro* imbecil - atalhou irritadiço Isaías Henriques - a professora é a *dita* Isabel Criola... a *cabrazinha* apenas tomava conta das *crias* pequenas... isto me foi garantido pelo *negro* Sebastião!

- Pois, muito bem... se alguém é contra a que Henriques só fique com a branca e a *cabrazinha*... que levante a mão! - Indagou Usurpiano, deixando a decisão a seus comparsas.

Sinfrônio Rios, sogro do Henriques, tencionava levantar a mão; mas resolveu esperar que primeiro alguém o fizesse. Aprígio tinha como certa a versão de José *Mina* e como falsa a do *dito* Sebastião *Criolo*. Já se dispunha a levantar a mão, quando viu clarear em meio à penumbra num canto perto da porta da capela uma luzinha cor-de-rosa. Era de novo a *dita* indiazinha. A menina morta, de cabelos escorridos e azulados estava encostada na escadazinha do sino. Olhava-o com doçura e sorria. O *reinol* se desesperou ao ver que só ele é quem enxergava a assombração. Seu coração estrondou no peito e ele, desesperado, tratou de enterrar na cabeça o chapelão, suando às bicas. Os *reinóis*, com a cobiça nos olhos - pois o negócio lhes era proveitoso - nem deram pelo medo e terror do Aprígio. Usurpiano, ante o silêncio, arrematou:

- Pois que seja como propões, caro Henriques... mas, a responsabilidade será tua... a branca terá que depor junto à Câmara para a boa formação das culpas dos *pretos*...

Henriques sorriu satisfeito, imaginando-se já com as mãos sobre os diamantes de Antônio Pinto Sapeca.

José *Mina* se remoía por dentro. As tomadias das *peças* conduzidas a São José seriam repartidas entre os *reinóis* Atanásio, Julião e o padre Melo. Usurpiano não lhe dera nenhum *grão* em ouro ou em *peças* e nem tocara no assunto. Tencionava pedir para si a *dita* Eva, a quem queria matar para se vingar de Francisco Adão e, agora, nem isto.

- “*Inhô-nhô* Usurpiano... *omindes* e os *preto*... num bamo ganhá nada?” - Indagou com a testa franzida.

- “Ora, *negro*! Mas, que insolência! Já não tens algumas cabeças? Já não te prometi muitas outras?”

- “*Inhô* sim... mais...”

- Além disto, encaminhei pelo padre Melo o teu pedido de patente de *capitão-do-mato* diretamente ao capitão Bartolomeu... não era o que mais querias?

José *Mina* sorriu e engoliu seco. Fizera mesmo um péssimo negócio. Como marido de Josefa, era dono de todos os seus bens e, no entanto, queimada a venda, os *reinóis* repartiram entre si todas as fazendas encontradas, nada sobrando para ele. As míseras tomadias pelas cabeças cortadas, mesmo contando com as dos *pretos* contaminados, divididas entre ele e seus soldados, render-lhe-iam tão pouco que nem a perda de seu escravo Antonho Carijó daria para cobrir; e o pior: acabaria engajado nas esquadras do sanguinário Bartolomeu onde teria que enfrentar os *calhambolas* de verdade. O *dito negro* suou frio e, levantando-se com um riso amarelo, sumiu-se pela greta esfogueada da porta entreaberta da capela.

O dia dezesseis de maio, terça-feira, deveria ter sido o da retirada dos conquistadores reinóis. Mas, ao invés disto, Usurpiano resolveu mandar dar uma batida pelos arredores para ver se conseguia amarrar as *peças* extraviadas, quais sejam o *negro* doido e vestido de padre, o aleijado por nome Agostinho, bem como o *negro* velho e o pardozinho que haviam fugido com uma *cria*. Os reinóis vasculharam todo o Alto da Botica e seus arredores, mas nada encontraram. José *Mina* e seus soldados campearam o dia todo pelas bandas do corgo do Doce e também nenhum rastro novo descobriram.

A dezesete de maio, quarta-feira, ainda de madrugada, Usurpiano já tinha bem acorrentadas e preparadas as *peças* fêmeas e crianças que pretendia remeter a *Pitangui*. Saqueara as *cafua*s e celeiro do povo arrecadando proveitosa e rica carga de bens e *fazendas secas e molhadas*. O carretão com três juntas de bois fora carregado com ferro, bronze, cobre, ferramentas e outros gêneros, como muitos *surrões* de azeite e caixotes de açúcar e rapadura. Em mulas, além das que trouxera, conseguira apresar mais cinco ou seis que tinham pertencido aos *pretos* do Cruzeiro, perfazendo vinte alimárias, carregadas de muitas varas de panos, redes muito bem tecidas, além de gêneros tais como o milho, o arroz, feijão, fumo, linhas e algodão.

Quando o sol revelou ao mundo as suas cores ensangüentadas lá se ia a tropa na direitura do rio do Lambari, *perdição* do *dito* do Diamante, com destino a *Pitangui*.

Isaias Henriques recebera o comando daquele comboio que seguia na frente levando as *peças*. Seguiam juntos os reinóis Simplício Rios, Josué Dias Leal, Armindo da Mata, Roriz da Silva, Sarmento Alves, Licórnio Teixeira e o capitão Aprígio de Araújo e Sá, este último, bastante decadente e meio doido. Dez *pretos*-soldados da esquadra de José *Mina* cuidavam de vigiar e conduzir as *peças* amarradas em caminho da roça.

Tal-qualmente havia procedido para o envio das *peças* através do padre Melo a *São José D'El-Rei*, Usurpiano entregara a Henriques uma carta dirigida ao sargento-mor João Cordeiro de *Pitangui*, onde pedia a formação de culpas das *peças* e as relacionava ao final da carta, excluindo qualquer menção à mulher branca e à sua escrava Eva *Cabra*. As *peças* relacionadas somaram quarenta e duas, sendo vinte e oito *pretas* e quatorze *crias* com idade abaixo de dez anos.

Usurpiano resolvera-se por ficar mais uns dias na paragem e dar algumas buscas, mor de achar os rastros dos *pretos* fugidos e registrar em seus mapas os nomes que resolvera dar aos corgos e ribeirões, mudando-lhes os nomes, a exemplo de ribeirão de Santo Antônio àquele *dito* que, antes, se chamara o ribeirão do Cruzeiro, ou ribeirão de São Domingos àquele *dito* que, antes, se chamara o dos Machados e, assim, também a muitos outros.

Salatiel que, até ontem, estava muito decadente, pedira a Usurpiano para seguir logo para *Pitangui* juntamente com a tropa, mas, quando o chefe *reinol* prometeu-lhe uma boa xumbregância com as *pretas* contaminadas, o português degenerado esqueceu-se completamente das luzes e assombrações que o vinham amedrontando.

Sinfrônio e Pereira Pontes também gostaram da idéia, pois, afinal, bem que mereciam aquela festança divertida. José *Mina*, agora comandando uma minúscula tropa de sete *pretos* tão-somente, não se descuidava hora nenhuma da guarda das *peças*, em cujas cabeças tinha interesse direto e as não podia perder.

Quando foi de tardezinha os soldados-*pretos* conduziram para fora da escola as *peças* contaminadas e os brancos facinorosos que somavam, ao todo, vinte e um presos. Fernandes Preto, desde que vira sua filha partir juntamente com Laís, entrara num *banzo* profundo e, se não sentia medo, parecia também não sentir mais vontade de viver ou de reagir à adversidade.

- Dr. Fernandes... não podemos esperar mais... temos que tentar a fuga... e vamos tentar, Camilo e eu - decretou o *moleque* Feliciano a murmurar entre os dentes.

- “Vamo andando, cambada! Sunceis pára de batê beijo cachorrada!” - Berrou o soldado-do-mato estalando o *pirai* no lombo do *moleque* Feliciano e a empurrar Tancredo Velho com o cabo do chicote.

Os prisioneiros foram arrastados e amarrados na varanda, onde antes estiveram as mulheres e crianças. Os *pretos*-soldados examinaram-lhes mais uma vez os ferros e correntes. Depois, deixando-os bem presos, foram cuidar de acender o fogozinho em frente à cruz.

Isabel Criola, com a boca, tirou dos seios a verrumazinha de ferro e deixou-a escorrer pela barriga até o chão. Depois, virou-se de banda e a empurrou para perto da mão de Feliciano.

Lá na frente da cruz, os *pretos* faziam grande algazarra rasgando e queimando todos os livros que haviam encontrado no celeiro, na escola e na casa do Dr. Fernandes. O *dito cabra* olhava com os olhos cheios de lágrima as chamas esfomeadas a devorarem as folhas dos seus livros de filosofia, teologia e leis.

O sol se enfiou chão adentro lá pelas bandas do rio de São Francisco e as estrelas demoravam para nascer. Os *malungos*, antes considerados as luzes do alvissareiro Povoado do Cruzeiro, eram, agora, humilhação pura, peados de pés e mãos feito porcos na varanda escura da casa, cujo próprio dono não era mais nem um arremedo do homem de mando e de justiça que sempre fora. Três dos *pretos* de José *Mina* adentraram a casa de escola e escancararam-lhe as janelas e portas. Depois, foram acendendo lá dentro muitas candeias. A luz da fogueira dos *pretos* esticava as sombras dum jeito balouçante e comprido a partir do meio da praça. Lá na escola esfogueada, a luz era macilenta e preguiçosa e não projetava sombras por ser mais fraca; somente fugia pelas janelas um cheiro mal-agourento em meio ao do azeite de mamona queimado, prenunciando desgraças maiores que a morte.

Os reinóis, vindos da capela, se foram aproximando e se puseram a rodear de *caras-lambidas* os *malungos* e *malungas* amarrados. Usurpiano virou no queixo a bilha de cachaça, limpou os beijos com as costas da mão e apontou o dedo para Isabel Criola. José *Mina*, aos coices e arrancos, afastou os outros presos e soltou a Isabel, mantendo-a com as mãos ainda presas pela chapa do vira-mundo. Tal-qualmente, foram soltas Angélica Carapina e Natividade, moçazinha magricela de dezessete anos, neta de Tancredo Velho. Carmelita Branca suspirou aliviada quando o chefe *reinol* mandou que a

deixassem e que, em seu lugar, levassem a *caribocazinha* Umbelina que, apesar do corpo de moçazinha, tem somente dez anos de idade. Depois, Carmelita sentiu vergonha de si mesma e de seu medo e rezou pedindo a Deus que protegesse a menina.

Os *pretos*-sodados arrastaram as pobres moças para dentro da escola. Lá, soltaram-lhes também os vira-mundos e as amarraram deitadas de costas, com as pernas escanchadas nos bancos compridos. Depois, sob a promessa de que teriam também a sua vez, retornaram para a fogueira, deixando os reinóis e o cabo José *Mina* a beber cachaça e a zombar das mulheres amarradas e seminuas.

Quando se ouviu o primeiro grito desesperado que parecia ser o de Natividade, Camilo e Feliciano já se haviam libertado das *pêgas* e lutavam para destravar os vira-mundos. Tancredo Velho, agora, os incentivava. Dr. Fernandes se calara de vez e só choramingava em silêncio a tremular a cabeça.

- *Negro sumbanga! Suncê* nunca me vai ter! - Gritou Isabel a correr pela porta da escola com as chapas das *pêgas* soltas na mão.

- “Him! Him! Him! *Suncê... cabaço, negra?* Num pode sê, Him! Him! Mais, se fô, *omindes* vai furá, Him! Him! Him!” - Galhofou o *dito negro* a segurar a corda que prendia pela cintura a pobre *preta*.

Os *pretos* de José *Mina* se levantaram sorrateiros da beira do fogo e foram rodeando a mulher com a intenção de tomar-lhe os ferros que brandia no ar enquanto tentava se livrar da corda que a prendia.

De repente, estrondou na praça o galope de um cavalo vindo do beco entre o celeiro e a capela. O estranho cavaleiro veio a rédeas soltas cavalgando meio de banda com uma *azagaia* a riste e pegou pelas costas um dos *pretos* de José *Mina* fazendo-o dar em ganido surdo...

- Aignigun! Ai!

... jogando-o de bruços varado pela *azagaia* em cujo cabo se projetou agarrado um engajo de *preto* magro e torto que girou no ar e se foi bater de costas no chão.

Agostinho *Fulo* se levantou manco, mas ligeiro feito um capeta torto a brandir o porrete que não deixara cair da outra mão. Isabel Criola, vendo que José *Mina* boquiaberto soltara a corda que a prendia, cercou o cavalo que ainda refugava e sapateava no meio da roda de *pretos*, pulou no lombo do *dito* e sumiu-se a galopar pelo beco escuro na direita do ribeirão e Alto da Botica.

O aleijado, brandindo o cacete se lançou contra José *Mina*, fazendo-o correr assustado para dentro da escola a gritar:

- “Fais fogo nele! Atira Zifirino! Atira praga ruim!”

Feliciano tinha os dentes a sangrar e não conseguia destravar o vira-mundo. O soldado Zeferino disparou a queima roupa a escopeta nas costas do pobre aleijado, arremessando-o varado de chumbo a estatelar-se na soleira da porta da casa de escola.

Os reinóis, lá dentro da escola, ocupados em xumbregar as pobres moças, não deram nenhuma atenção ao tiro ou aos gritos de José *Mina*. Usurpiano concluiu sua xumbregância amaldiçoada sobre a menina de dez anos, deixando-a desacordada no chão, assentou-se num banco e passou a



encordoar a braguilha e a camisa. Salatiel, lá na frente, espancava o rosto de Natividade e, pelado em cima da *dita*, sacudia as bundas peludas feito um doido, até que deu um berro medonho e parou-se todo. Ao se levantar, derrubou a pobre mulher do banco dando-lhe muitos coices nas pernas e bundas. A *dita* custou a se livrar do resto das cordas e, se levantando, catou seus trapos no chão e se foi encolher trêmula e a chorar baixinho num canto perto da janela.

Sinfrônio, deitado atrás da mesa de mestre da escola, apenas bolinava Angélica Carapina, prometendo-lhe a salvação do corpo, caso lhe fizesse as degeneradas vontades.

Pereira Pontes, desolado, assentava-se na ponta do último banco do lado esquerdo. Usurpiano e Salatiel, vendo-lhe o jeito contrariado se puseram a cutucá-lo:

- Então, o patricio não teve virilidade para arrebentar o *cabaço* da *negra*? Ah! Ah! Ah! - Galhofou Usurpiano a gabar-se com gestos obscenos e a mostrar a meninazinha que estuprara toda ensangüentada no chão.

- É... nem José *Mina* que se diz *negro raçador* pôde com a *dita*! Ah! Ah! Ah! - Acrescentou Salatiel, saindo já vestido para o terreiro da praça e a empurrar José *Mina*.

O riso de Salatiel morreu-lhe nos beijos quando viu que alguns dos presos, agora livres, marchavam no seu rumo empunhando as chapas de ferro que antes os prendiam. O *reinol* se encheu de medo e gritou:

- As *peças*! As *peças* estão soltas! Peguem as armas!

Eram sete os homens soltos. À frente, vinha Fernandes Preto, ladeado por Feliciano e Camilo. Tibúrcio *Criolo* e Manoel Zimbabo tinham os olhos rajados de ódio e Tancredo Velho vinha por último, escorado em Silvando Hilário, mas pronto para matar ou morrer com honra.

Usurpiano, Sinfrônio e Pereira Pontes se entrincheiraram nos batentes da porta com suas armas já escorvadas. José *Mina* pediu ao seu soldado *polvarinheiro* que desse espingardas carregadas a dois de seus soldados e escorvou a sua própria escopeta. Ordenou que outros três *pretos*, armados de correntes e paus-ferrados, se adiantassem e dessem combate aos revoltosos.

Fernandes Preto e os dois *moleques* se atracaram com os *pretos* a esgrimir com as chapas de vira-mundo e a rebater-lhes os golpes de paus-ferrados.

- Feliciano! Camilo! - Gritou o *cabrazinho*! - Adiantem-se! Peguem pelo menos um *reinol*! Pela nossa honra, peguem um deles!

- Scat-bum! Scat-bum! Scat-bum! Bum! Bum!

Fizeram fogo os *reinóis* e depois os *pretos*-soldados, varando de chumbo os *moleques* e o *cabrazinho*, além de ferir um dos seus próprios parciais. Vendo as *peças* a estrebuchar no chão, os *pretos* soldados as estraçalharam com seus paus-ferrados.

Os outros revoltosos recuaram um pouco a escorar Tibúrcio que fora varado por uma bala de pistola. Depois resolveram avançar de novo. Enquanto Tancredo, Silvando e Manoel Zimbabo se atracaram a esgrimir com os *pretos* cujas armas se haviam descarregado, Tibúrcio, com uma das mãos

sobre o peito ensangüentado, se lançou sobre Salatiel e cravou-lhe a verrumazinha de ferro no peito.

- Socorro! Socorro! - Berrou o covarde, ferido apenas de leve pelo ferrozinho rombudo.

José *Mina* correu ao chamado e, mesmo estando Tibúrcio já encurvado e a cair, enterrou-lhe a catana entre as costelas e o empurrou com o pé.

Enquanto isto, os *pretos*-soldados dominaram os velhos Manoel Zimbabo, Tancredo e Silvando derrubando-os no chão e, no mesmo ato, caíram sobre eles com estocadas e espetadas de paus-ferrados e facões, fazendo-lhes grandes estragos nos corpos.

Fernandes Preto, esparramado com a cara na poeira do chão, sorriu ao ver a valentia dos *malungos* do Cruzeiro que morriam lutando. Depois olhou pela última vez as estrelas a cintilarem sobre o Alto da Botica, estrebuchou e morreu.

Sinfrônio voltou para dentro da escola para pegar outra escopeta carregada: de repente se pôs a gritar:

- Salatiel! A tua mulher branca fugiu! A desgraçada pulou a janela!

- Matem a todos! Matem a todos! Matem a todos! - Ordenou Usurpiano dum jeito esgoelado, como se estivesse possuído por belzebu e outros capetas.

O soldado *polvarinheiro* com uma braçada de espingardas carregadas e escorvadas as foi distribuindo aos outros *pretos*-soldados e estes, sem nenhum temor a Deus, as apontaram para as mulheres, aleijados e crianças e fizeram um fogo medonho. Depois, em meio ao fumaceiro avançaram sobre os *ditos* e os estraçalharam com os paus-ferrados e catanas até terem certeza de que nenhuma das *peças* e facinorosos brancos estivessem se mexendo ou respirando. Quando Usurpiano já voltava a respirar sossegado, ouvi-se um novo tiro de escopeta e a gritaria de Sinfrônio:

- Matei! Matei! A branca fujona estava escondida debaixo da escada do paiol! Ah! Ah! Ah! Enchi a desgraçada de chumbo! Ah! Ah!

- Arrastem os corpos! Amontoem todos perto da fogueira! Vamos contá-los para ver se matamos todos! - Ordenou Usurpiano a *escorvar* a pistola.

Sinfrônio, vindo da rua da Escola a arrastar pelos cabelos o corpo ensangüentado de Natividade, galhofou:

- E quanto às nossas noivas, ó Usurpiano! Vamos deixar os *negros* xumbregá-las vivas? Ah! Ah! Ah!

- Não! Chega de galhofas, patrício. José *Mina*! Manda matar as duas depravadas! Se teus *pretos* apetercerem, podem xumbregar com os corpos das *ditas*! Ainda estarão quentes!

Dois *pretos*-soldados, a mando do cabo, adentraram a casa de escola e de lá saíram a arrastar Angélica Carapina e a *caribocazinha* Umbelina.

Salatiel, a quem Tibúrcio *Criolo* ferira apenas de leve, cuidou pessoalmente e com muito gozo de sangrar as duas desgraçadas, cravando no sovaco de uma, e depois de outra, a sua comprida *faca-cipó* cuja lâmina lambeu após cada sangramento.

Os *pretos* abriram mais bilhas de cachaça e distribuíram fartamente aos reinóis e entre si. Os portugueses, sentados à soleira da porta da capela, mandaram que os soldados-*pretos* pusessem mais lenha no fogo e, a beber cachaça, os autorizaram a violar os cadáveres das mulheres e até das crianças se assim quisessem.

Muitas nuvens, porém, nesse momento extremo de baixa humana, obstaram às estrelas, embaciando a terra para que não vissem tanta ruindade, pecado e vergonha.

-----  
A dezenove de maio, uma nesga de lua, longe do Cruzeiro, alumiou a noite de sexta-feira esverdeando a paragem e as águas do rio de São Francisco. À margem direita do rio, no vértice da forquilha desenhada pela *perdição* do rio Pará no de São Francisco, o velho Vicente Soares ajeitou a camazinha de folhas no chão e nela depositou o *bebé* Francisco Gumercindo a ressonar. O *moleque* Isac havia muito já dormia a sono solto. O velho bateu os tições do fogozinho e olhou para o céu a pensar nas ruindades deste mundo e nos caminhos do outro *dito*, onde uns encontram a paz e outros vagueiam caçando rumo.

Os barqueiros *caribocas* mandados por Eusérnia, primeiro os haviam conduzido até o povoado da Barra do Marmelada. Ali, deram-lhes o que comer para o bucho e para *matula*, além de uma *cabaça* de leite de cabrita para amamentar o *bebé*. Depois, a pedido do *negro* velho, levaram-nos à outra margem, onde acenderam o fogozinho e os deixaram acomodados.

Quando a noite se foi aproximando da hora dos mortos, os guarás pararam de uivar e as onças abafaram seus rugidos. Uns *caboclos-d'água* ainda grunhiram por algum tempo rio acima, mas, *com pouco* se calaram também e um silêncio morteiro tomou conta de tudo.

De repente, um matraquear de asas em meio à noite escura se foi aproximando da fogueirazinha. Vicente Soares, como se já esperasse a visita, ficou de pé e viu: uma coruja a voar *de afasto* e bem baixo, por cima de sua cabeça, a circular. Tinha a *dita* uns olhos de fogo, como se fossem duas brasas pregadas nos buracos dos *ditos*. O velho sorriu e proseou:

- “*Omindes* tá cunheceno *suncê*! É... tá cunheceno! Desce pro chão e me conta o caso, fia!”

A *dita* coruja pousou de costas para o velho, perto de onde o menino Isac dormia a sono comprido. O velho, apercebendo-lhe a intenção, ralhou com a *dita*:

- “Óia! No minino, não! *Suncê* tá perdido, o véio ajuda! Vira o zóio pra cá e óia na cara do véio!”

A coruja rodopiou nas macegas de capim e, com muito custo, alçou um voozinho indo pousar aos pés de Vicente Soares.

“É *suncê*, né Hilário? Tá perdido no mundo, né fio! O véio vai sê o seu cavalo... vem... vem, o véio vai encaminhá *suncê* no rumo da sua Divina! Da sua Divina, fio!”

A coruja rodopiou de novo a pular e a estrebuchar no chão até ficar como que prostrada. Depois, foi se virando aos poucos e, de seus olhos, uma comprida nesga ou tira de luz-esverdeada se foi esticando a subir.

Vicente Soares tirou o chapéu e se ajoelhou. A *dita* nesga ou tira de luz se foi enrodilhando sobre a sua cabeça, como uma coroa de fogo, até sumir-se em meio à carapinha que, de branca, se foi transmudando em esfogueado azul-turquesado a fagulhar.

O velho se ergueu com dificuldade e saiu andando a cambalear como se estivesse sem rumo. Depois, se aprumou na direita da barranca do rio de São Francisco e desceu a *dita* por uma encosta de terra firme a conversar dum jeito esquisito e sozinho:

- “*Omenhá é calunga, fio! Suncê* deve de corrê rio acima! Vai bem de jera, *suncê* é raio! Vai! Vai, que *suncê* haverá de achá a sua Divina... pois ela também virô fogo e tá te esperano! Vai!”

Em ato contínuo ao último grito, Vicente Soares agachou-se à beira do rio e mergulhou nas águas a própria cabeça. *Ditas* águas se revoltaram e borbulharam fagulhas de muitas cores num crescendo de fogo e barulho, até que um estalo medonho jogou de costas o velho a umas duas *braças* de lonjura das águas.

O rio de São Francisco se tingiu de um azul esfogueado e furta cor, como o aço contra o sol, acordando os passarinhos e espantando as feras e bichos que dormiam em cima e embaixo das árvores às suas margens. Depois, aquele fogaréu tomou todo o rio, assobiou como um corisco e se desembestou que nem uma corda de luz à flor das águas e a fritá-las rio acima, sumindo-se a incendiar as árvores na curva do rio.

Muito longe dali e rio acima, um guará acabara de engolir o último pedaço de um quati. Resolveu descer pela barranca do rio, próximo da paragem onde tem *perdição* o ribeirão do Jacaré, para matar também a sua sede suja de sangue.

Quando o guará bocou a água, o rio de São Francisco se incendiou de fogo azul. O lobo, sem perceber, sorveu para dentro de si junto com os goles d’água, todo o fogo que se afunilou pela sua boca, apagando as águas do rio.

- Auuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu! - Uivou o lobo a corcovear o corpo e a soltar pelos olhos muitas faíscas e brasas.

Depois, completamente endoidado, se disparou barranca acima, ganhou o plano e varou os charcos a saltar moitas e pântanos. Atravessou uma lagoa a correr na flor da água e se disparou na direita do ribeirão do Cruzeiro; atravessou o ribeirão por umas duas ou três vezes em ziguezague e só foi se deter já nos limites do cerradão chamado a Chapada.

Com *pouco*, uma grande luz surgiu no cabeça do morro da Chapada. O guará uivou como se estivesse com a pata espinhada e os seus olhos se incendiaram como se fossem duas bocas de forja escandescentes. Disparou-se de novo e com tanta pressa que, antes do piscar dos olhos de um curiango, já se havia sumido no topo do morro iluminado. Uma explosão clareou o mundo lá no cume do morro da Chapada, fazendo um inferno de faíscas em ventanias, em meio a rugidos roucos de suçuarana e a rosnados ganidos de um guará que viu a *cria* recém-nascida e a sua loba-parida.

Rio abaixo, lá na *perdição* do rio Pará, quando Vicente Soares recobrou os sentidos, uma brisa suave passeava sobre as tranqüilas águas do rio de São Francisco e o sol já lambia com os seus primeiros raios o plácido

desembocar do Pará. O velho subiu a barranca meio capenga e voltou para o acampamentozinho, onde encontrou as crianças ainda a dormir.

Assim, de estirão em estirão diário e só até o pino do sol, o velho foi bater, dois dias depois, na *Vila de Pitangui*. Não teve dificuldade para encontrar a casa da *mulata* Eusérnia no becozinho discreto da rua de Baixo, por ser a *mulata* muito conhecida e malfalada em *Pitangui*.

A *mulata* era no entanto boa como ouro achado e os recebeu com alegria. Mandou que o velho se escondesse em seu porão até que o Dr. Manoel Ferreira da Silva retornasse da viagem que fizera a *Vila Rica*. E o tempo foi passando.

A vinte e sete de maio, Isac foi até a casa do vigário levar-lhe uns chouriços a mando de Eusérnia. Quando voltava, topou com uma multidão de gentes a gritar e a xingar um bando de calhanbolas presos que vinham sendo arrastados pelos *capitães-do-mato* na direita da rua de Cima para a da Cadeia.

O *moleque* se enfiou no meio do povo e, por entre as pernas de um *negro faiscador*, viu que se aproximavam muitas mulheres e crianças a ferros. Sentiu um baque no peito, ao reconhecer as *malungas* Maria Conga, Luzia Romana e as crianças da casa das mulheres. O *negro faiscador* o empurrou com a perna e Isac se foi de *topa* com a última das mulheres: Claudina Canguçu toda escalavrada de chicote e com a nenenzinha Engrácia nos braços desviou os olhos e fingiu não o ver ou conhecer.

O *moleque* foi tomado por um grande desespero, enfiou-se a correr, varando pelo meio do povo, e só foi parar quando chegou na sala de Eusérnia que o acolheu nos braços e o mandou chorar um pouco, antes de lhe contar o que vira.

O sargento-mor João Cordeiro, como de costume, ficou em dúvida, e foi procurar os oficiais da Câmara:

- Senhor juiz Abreu Guimarães - arrazoou - não me parece que essas pobres *pretas* e crianças sejam os terríveis *calhambolas* de que nos dão notícias o Henriques e os outros sanguessugas do reino...

O velho juiz franziu a testa e baixou os olhos. Depois, pegando uma carta aberta sobre a mesa, falou compassado:

- Os *pretos* mais facinorosos foram enviados à cadeia de *São José*... só as *pretas* e *crias* é que vieram para a nossa Vila... além do mais, não temos escolha. Deves proceder consoante mandam as reais ordens e bandos - concluiu, entregando ao sargento-mor a carta com selo e lacre da Ouvidoria Geral da Comarca do Rio das Velhas.

- Desgraçados! Estão mesmo tomando conta de tudo neste Estado do Brasil! - Murmurou o sargento-mor a morder os beiços, enquanto corria os olhos na dita carta assinada pelo *ouvidor* geral.

Aquela madrugada, Eusérnia, em sua saleta, aferia e pesava o ouro que suas protegidas haviam ganhado no dia. O silêncio era quebrado, vez ou outra, por risozinhos surdos vindos dos quartos, onde suas moças se ocupavam de fazer com que os homens bêbedos dormissem, depois de uma noite de muita lascívia, jogo e pecados.



De repente, alguém bateu forte na porta. A *mulata* derramou às pressas todo o ouro numa caixa de rapé e escondeu-a dentro dos seios. Recompôs suas roupas e foi atender o provável bêbedo desconsolado que viera amolar àquela hora. Surpreendeu-se:

- *Vossa mercê?* A esta hora?

- Ó sim, minha flor! E... preciso de teus préstimos! Posso entrar?

- Pois sim... pois sim. Mas... parece que já tens boas companhias...

Henriques puxou pelos braços as duas mulheres que o acompanhavam e as empurrou porta adentro. Entrou logo atrás a pisar macio e a tirar o chapéu e o capote.

- São protegidas minhas... a branca é cigana e sabe ver presságios nos sonhos, além de ler o destino nas linhas da mão. Preciso que as guarde por uns tempos... Poderão ser de muita utilidade em tuas casas...

- Nem tanto... a *preta* está prenha - observou a dona da casa - e dar-me-á, isto sim, é muito trabalho... e para breve...

- Ora, Eusérnia, dar-te-ei boa paga, além de arcar com as despesas. E... por falar em despesas, vou, em breve, livrar-te de uma: O *moleque* de Antônio Pinto... sei que o estás acoitando...

- E o que tens a ver com isto?

- Tenho direito a ele... vou requerer sua guarda junto ao juízo de órfãos... amanhã virei buscá-lo.

Eusérnia desconversou e procurou agradar o *reinol*:

- Não queres beber um bom vinho?

- Sim... sim, é bom.

A anfitriã entregou uma garrafa e a caneca ao freguês e, mostrando às mulheres encapuzadas o corredorzinho dos fundos, convidou-as:

- Vamos, minhas filhas... vou lhes dar boas camas para dormirem e descansarem... amanhã conversaremos.

Laís abraçou-se a Eva e, juntas, seguiram lentamente a dona da casa. Assim que saíram das vistas de Henriques, Eusérnia mudou o seu jeito e falou murmurado:

- Sunceis são do Povoado do Cruzeiro?

- Sim... mas, como sabe? - Perguntou Laís, desconfiada.

- Sossegue, minha amiga... conheço bem Antônio Pinto e tenho grande apreço por um *negro* chamado Francisco Adão... Eles também foram conduzidos a São José?

- Não. Graças a Deus estavam fora... em viagem...

Eusérnia abriu a porta e mandou que adentrassem o quartozinho suavemente iluminado por duas candeias penduradas numa e noutra parede ao fundo. Laís entrou meio cismada. Ouviu-se um gemidinho de criança e a cigana caiu de joelhos:

- Meu Deus, os meus filhos! Meus filhos!

Eva que até então se mantinha estática, teve, enfim alguma reação que foi somente o chorar baixinho e o derramar muitas lágrimas ao ver as crianças. O bebezinho Gumercindo e Isac dormiam num colchãozinho jogado no chão. O *bebê* tinha um risozinho nos beiços e o *moleque* rressonava parecendo sonhar.

- Melhor não acordá-los, senhoras... não acham? Devo voltar à sala para despachar o Henriques... amanhã conversaremos. Durmam com Deus e Nossa Senhora - Despediu-se Eusérnia a fechar a porta pelo lado de fora.

Àquela hora da madrugada, Claudina Canguçu e uma renque de *crias* miúdas caminharam pela penumbra da praça, conduzidas por um soldado para os fundos do terreiro da casa do vigário, atrás dos altos muros de pedra.

Um grito desesperado de mulher cortou o mundo ainda escuro, vindo lá da casa da cadeia. A seguir, outros gritos se ouviram como se muitas mulheres estivessem sendo atacadas por marimbondos sem ter para onde correr. As treliças das casas em volta da praçazinha se foram amarelando de um esfogueado balouçante e um cheiro de carne queimada recendeu pelos becos e ruas estreitas de *Pitangui*. As *pretas calhambolas* foram assim marcadas com ferro em brasa, iniciando o processo de formação de culpas, em auxílio ao *dito* principal que corria na *Vila de São José*. Somente a velha Maria Conga escapou do *dito* ferro, pois, tendo a marca “F” numa espádua, como já tinha, manda a lei que se-lhe corte, então, uma orelha.

Às cinco horas da manhã, os galos não tinham ainda cantado, como resolveram não cantar também no resto do dia. Mas, àquela hora, os sinos da matriz nova retumbaram festivos, anunciando que haveria missa cantada pela manhã e, à tarde, Te Deum Laudamos, com toda a pompa e decência que se pudessem praticar, em ação de graças pelo bom *sucesso* que obtivera a expedição de Usurpiano Luso da Rocha no combate aos perniciosos *calhambolas* que infestavam a paragem entre o rio São Francisco e o do Lambari.

Francisco Adão e seus *malungos*, desde que deixaram o *Gouveia*, para evitar encontros indesejáveis, viajaram o tempo todo a fugir das trilhas mais freqüentadas, caminhos e postos onde pudesse haver guardas de ouro e diamantes. Seguiram a direitura do caminho do Sabará, tangenciando em meia altura rumo oeste, buscando o Paraopeba.

Anoitecia, quando os *ditos malungos* atravessaram o rio Pará, numa paragem descampada próxima de uma fazenda chamada o *Cercado*. Ali, fincaram acampamento e se deixaram perder em pensamentos e devaneios, ansiosos que estavam e saudosos de casa.

Antônio Pinto Sapeca, como de costume durante toda a viagem, tirou do alforje a papelada e se pôs a examinar os *riscos* e projetos de casas, igreja, celeiro e casa da câmara.

Francisco Adão, com suas longas barbas negras, deitou-se de costas sobre a relva macia e, rindo-se a meio beijo, se pôs a imaginar o semblantezinho do filho que sua Eva, dentro em pouco, lhe haveria de dar.

- Uai, *malungo* - propôs Orozimbo - “*omindes* fica com a mais véia e *suncê* casa com a mais nova!”

- Não... não, Bateeiro; não posso. Pelo menos, por enquanto, não. Mesmo que fosse com a Natividade. Devo voltar para o meu quilombozinho... meu pai está muito velho e eu devo ajudá-lo a carregar a *gunga*... é hora - explicou pela décima vez, Pedro *Angola*.

Manoel Pitomba, recostado no tronco grosso da faveira, repassava aquilo que já tinha em bom cálculo: primeiro, se casaria com Isabel. Depois, juntamente com o *malungo* Agostinho *Fulo*, abririam as oficinas de selaria e sapataria. Via todos os cavaleiros do mundo a cavalgar sobre selas que tinham a sua marca, sem se falar nas botas e finos sapatos de mulher...

A lua cheia, vista assim da paragem dos sonhos, é uma coisa bonita *demais da conta*. Deus, se é que existe, não devia usar de expediente tão cruel para iludir os homens que sonham. Pois, o desengano faz avantajar a intensidade do sofrimento decorrente da ruindade ou do mau destino.

“... Diz, Usurpiano Luso da Rocha que, em dois de maio do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1758, com o sargento-mor Salatiel da Silva Pereira, Sinfrônio Rios Nogueira, Domingos Algarves Sinhana e outros demais vassalos de Sua Majestade que, ao final, assinam esta petição, perfilaram quatorze armas de fogo e cavalos de carga para comer e cortaram o rio do Lambari até o rio de São Francisco, a desflorar terras e campos para criar gado vacum e cavalgar, estando esse pedaço de chão, até ali, povoado de feras e *negros-do-mato*, aos quais *ditos negros*, deram combate com fogo de armas e granadas, amarrando a alguns, matando outros e fugindo uns poucos; que, com efeito, ali se situaram. Assim, o *dito* sesmeiro lançou posses e é possuidor de três *léguas* de terras na *dita* paragem, onde já cria gado vacum e já plantou lavoura de roças, fabricou casas de vivenda, senzalas e monjolos, assentando tudo nas beiradas do rio de São Francisco, termo da *Vila de Pitangui*, onde o suplicante tinha *fábrica* bastante sem ter em que a ocupar. Assim, requer que lhe conceda na *dita* paragem três *léguas* de terras em quadra, fazendo pião onde mais conveniente lhe for, tudo na forma das reais ordens, por ser primeiro povoador e descobridor daqueles sertões, que conquistou pela força de seu braço e a custa de sua fazenda...”

- Está a petição como o são, deveras, os fatos, Dr. Cláudio. *Vossa mercê* é mesmo o homem mais cheio de luzes destas Minas! - Observou, bajulador, Usurpiano.

O *dito* advogado Cláudio Manoel da Costa, protegido de Gomes Freire e do governador Freire de Andrade, aceitou o elogio com afetada naturalidade. Trejeitou o pescoço fino entre as rendas, ajeitou os ombros das véstias de cetim cor-de-rosa com derramos de ouro e mandou que o velhinho corcunda lavrasse com boa letra a petição rascunhada da *dita* Carta de *Sesmaria*.

- É verdade que *vossa mercê* já está indicado para a secretaria do Governo destas Minas? - Indagou especulativo o Rocha, aquilo que, na verdade, já sabia.

- Pelo que sei, sua excelência quer enriquecer o seu governo com as melhores luzes... que, aliás, são bem raras nesta terra! De minha parte, o que posso fazer? Estou pronto ao sacrifício. Bem... senhor Usurpiano, passar bem! Recomendações ao senhor contratador *João Fernandes de Oliveira*!

- Passar bem, Dr. Cláudio... Passar bem - despediu-se satisfeito o *reinol*, agora, sesmeiro e respeitável homem de negócios de *Vila Rica*.

A três de junho, sábado e noite alta, Francisco e os *malungos* ainda

marchavam. Resolveram não mais fazer paradas e estirar duma vez até o Cruzeiro.

A lua era ainda enganosa e cheia. A planície ondulada no rumo da Chapada parecia montões de esmeraldas a refletir o brilho das estrelas do céu nas folhas verdes e balouçantes das árvores e carrasquinhos.

Francisco, seguindo no *coice* da tropa, de repente estacou no freio o seu cavalo e se pôs a escutar. Algum *trem* se remexia nos capins duma macega próxima e o *negro* sacou a pistola. Sapeca gritou desesperado:

- Não, *malungo*! Não faça isto!

Um guará velho ganiu e se escafedeu assustado mato adentro. O *negro* desatou a rir.

- Quase dei um tiro no fedorento! Ah! Ah! Ah!

- Pois, sim! Seria o tiro mais rico que *vossa mercê* teria disparado até hoje... tome esta *reiúna* e me dê as pistolas, *por caridade*!

- Ah! Ah! Ah! Não é que me havia esquecido de que as pistolas têm cargas de diamante, ao invés de chumbo! Ah! Ah! Ah!

- Ainda bem que *vossa mercê* não usou a espingarda! - Galhofou o *malungo* Pedro *Angola*.

- Nem pense nisto, *malungo*... nem pense... o cano da *dita* está com uma carga de mais de meia *braça* de diamantes! Espera... Francisco - apontou Sapeca - veja... uma luz grande lá no alto do morro da Chapada!

- Não tenha cisma - explicou Francisco Adão - deve ser Divina, coitada... Mas, será que Luiz Hilário ainda não voltou?

Francisco se pôe novamente em marcha e relembra com tristeza o sucedido com a pobre moça que enfraquecera os miolos. A tropa continuou vagarosa na direitura do morro, sem que ninguém se desse por conta de que o guará os seguia, agora, com os olhos feitos de brasas e fogo.

Quando chegavam já quase no tope do morro, o guará fez com que os cavalos se assustassem e corcoveassem a relinchar ao vê-lo passar como um relâmpago amarelo de entremeio às pernas de uma das mulas a sumir-se morro acima.

Os *malungos*, já quase certos de que a luz seria mesmo a pobre Divina, não se precataram e nada temeram. Ao enxergarem a roda de fogo brotada do chão no cabeço do morro, desmontaram e seguiram atrás de Francisco a puxar pelos freios as alimárias.

- É Divina mesmo, Francisco! Que estranho... vestida com véstias tão brancas! - Gaguejou Sapeca.

- É... Tem nos braços um *bebé*! - Balbuciou Pedro *Angola*.

Francisco sentiu um arrepio a lhe correr pela suã; seus cabelos se eriçaram cheios de eletricidade e seus olhos lacrimejaram em bicas. Divina, mostrando o *bebé*, chamou com uma vozinha infantil:

- Luiz Hilário! Luiz Hilário!

O lobo, com os olhos em brasa, surgiu a ganir, saído de umas macegas próximas e se foi aninhar aos pés da *dita*.

- O que vem a ser isto, *sá* Divina? - Gritou o *negro*.

- É dor, Francisco Adão! Muita dor! Veja o meu *bebé*! Ele morreu antes de nascer! É muita dor, meu amigo!

O guará seco e muito grande ergueu-se com os dentes arreganhados a rosar e a soltar fogo pela boca, ventas e olhos.

- Não, Hilário! Não! Francisco, agora, é seu dono! - Ralhou a *dita* Divina com voz de meninazinha.

O guará seco sacudiu o engão de corpo e sumiu-se no mundo escuro a rosar e a espargir muitas fagulhas.

Divina-mãe estreitou nos braços o seu bebezinho, agora, todo ensangüentado, e soltou um gemido choroso e cheio de dor, despertando no mundo muitos urros de bichos e até das pedras e do vento. Um redemunho de ciscos e poeira, com cheiro de lírios e açucenas, espargiu fogos multicores a arrancar mato e carrasquinhos secos em roda do morro e foi num crescendo medonho de choros e gemidos até que o mundo explodiu, com se um raio houvesse enterrado chão adentro o morro da Chapada. Francisco ainda ouviu os choros e gemidos a sumirem-se céus acima; e foi só. Tudo se apagou; até a lua cheia e as estrelas do céu.

Quando o dia se foi clareando, a terra naquele cabeça de morro estava toda nua e amarelo-dourada e o morro da Chapada parecia um *coité* jogado de boca para baixo entre a imensidão de morros e planícies esverdeadas como se cobertas de esmeraldas. A lua se fora e não voltara, mas a grande estrela da manhã ainda brilhava no céu azul, como se quisesse ficar. Uma nuvem branquíssima e felpuda sobre o morro foi tomando a forma de um grande paturi de asas abertas ao vento e se foi afastando como a navegar no rumo dos alvissareiros caminhos que levam ao Povoado do Cruzeiro.

Francisco Adão abriu os olhos e sentiu o sol a queimar-lhe as retinas. Levantou-se meio tonto, com as roupas e cabelos avermelhados de terra e poeira fina:

- Sapeca! Bateiro! Pedro! Acorda, gente! Acorda!

- Ai, meus olhos! - Gritou Sapeca a cobrir a cara.

Bateiro e Pedro *Angola*, também cobertos de poeira vermelha e assustados, acordaram a esfregar os olhos. Sacudiram Manoel Pitomba e o ajudaram a se levantar.

- Antônio Pinto, *malungo* de Deus! Veja, meu amigo! Veja! - Gritou Francisco Adão com a voz cheia de embargo e a soluçar.

Ao centro do cabeça de morro, estava um corpo de mulher nua e já em estado de putrefação. Milhares de moscas varejeiras voavam e se aninhavam em seus grandes cabelos. Era mesmo Divina Homem, apesar da cara já bem estragada. Um bebezinho recém-nascido, também já muito carcomido, repousava de bruços sobre os seus restos de seios. O ventozinho parou, as moscas zumbiram e um grande fedor putrefez o mundo, fazendo com que os *malungos* recobrassem de todo os sentidos e se dessem conta da vida e da morte. Duma banda, jaziam os restos do corpo de um *negro* já muito mutilado e descarnado, talvez, pela sanha dos urubus.

Francisco, Sapeca e Manoel Pitomba, com espada e catanas, começaram a cavar o chão duro. Bateiro e Pedro *Angola* desceram o morro a campear os animais que se haviam fugido ontem, quando do inferno de luzes e explosão.

Quando o sol chegou ao seu pino, os *malungos* todos descobriram suas cabeças e rezaram pela alma de Divina Homem e pediram a bênção ao



seu anjozinho que não pudera pisar com os pés o chão deste mundo ruim. Beijaram a cruz grande e a pequetita fincadas juntazinhas sobre a catacumba e ganharam, morro abaixo, as planícies onduladas a galopar na direita da incerteza, levando nas mãos os corações apertados.

O céu, antes quase todo de um azul lavado, se foi riscando de nuvens acompridadas e felpudas. A vegetação era seca e desfolhada e, a poeira fina de terra avermelhada, ao trovejar dos cascos dos cavalos, ia ficando para trás aos canudos aqui e ali a se desfazerem no vento, como se o pó não voltasse ao chão.

Os *malungos* enxergaram, ao longe, o primeiro urubu. Depois outro; e mais outro; e mais outro e um bando deles a pretejar os céus. Voavam os *ditos* a circular sobre canudos de fumaça que pareciam anunciar aos céus alguma desgraça na terra.

Sapeca, em silêncio, meteu nas virilhas de seu animal os ganchos de suas esporas e o fez disparar-se morro acima com se quisesse arrebentar-lhe os bofes de tanta carreira. Francisco e os *malungos* também espancaram suas montarias com as mãos e chapéus e o seguiram no mesmo rumo e desespero.

A paragem era fumaceira pura. Ao invés de *cafua*s, capela ou o celeiro, viam-se nos desvãos das fumaças tão-somente monturos de carvão a fumar em volta da cruz toda chamuscada e também a fumaçar pelos tocos que lhe restaram dos *sagrados instrumentos* que, antes, tivera incrustados em seu corpo e braços.

A rua da Escola não mais existia. Tudo era um inferno de carvão e cinzas a fumar; mesmo os grossos esteios do celeiro se tinham transformado em pequenos tocos carbonizados a soltar fumaça.

Havia no ar um fedor horrível de carne queimada e carniça e, além do sibilar de um vento morno, só se ouviam grasnados de urubus a brigar uns com os outros e a arrastar pedaços de carniças em meio às cinzas e carvões.

O coração de Francisco batucou num ritmo que havia muito se dispusera a esquecer: o do ódio e da vingança. O *negro* trincou os dentes, rajou os olhos e escorvou a enorme espingarda. Deitou-se no chão daquilo que fora a rua da Escola e fez fogo rente ao *dito* chão e no rumo do terreiro carbonizado do que fora a praça, despejando diamantes inflamados, varando de uma só vez dezenas de urubus carnicieiros.

Orozimbo e Pedro *Angola* avançaram a correr e a gritar como loucos entre os escombros, a estraçalhar os famintos e agressivos urubus ainda vivos, dando-lhes cutiladas, estocadas e pedradas, fazendo com que largassem os pedaços de carniça e revoassem espavoridos agitando as cinzas e a fumaceira. Só assim pararam de gritar pois os urubus subiram muito alto no céu e, seus gritos, ante o silêncio medonho, se fizeram mesmo sem efeito a se perderem sem barulho e sem resposta no oco surdo do mundo. Caminharam silenciosos entre os escombros buscando o rumo sul. Manoel Pitomba tinha os olhos muito vermelhos, mas não chorava e nem podia gritar. Solto os freios de seu cavalo e subiu a pisotear os carvões no rumo daquilo que fora a rua dos Homens.

Antônio Pinto Sapeca e Francisco Adão também se moveram silenciosos na direita do corredor enegrecido que parecia ter sido, algum dia, a chamada rua do Fogo, em cujo sul tinham suas casas e famílias.

Lembranças boas. Ainda bem que estas, nos tempos bons, se depositam no peito e na alma, guardando instantes de amor, fraternidade e alegria; assim, em tempos maus, servem de aparato contra a loucura.

Os *malungos* todos se fizeram vagarosos a remexer em silêncio os escombros, perdidos aqui e ali em meio aos tições e às boas lembranças que dão força para viver. Quem viveu no Povoado do Cruzeiro e conheceu-lhe a abundância, a alegria e a amizade de *malungo*, pode muito bem imaginar as tristezas e os pensamentos dos *malungos* e ajudá-los a procurar nos escombros o que restou do *dito* sonho.

Redemunhos o dia todo ciscaram os becos e ruas, esbranquiçando o mundo e chupando canudos de cinza e fumaça céus acima. Os *malungos* foram catando, aqui e ali, com muito respeito e tristeza, os pedaços putrefatos dos cadáveres e os foram amontoando aos pés da cruz. Corpos de criança, acharam cinco e de adultos, dez e muitos pedaços. Só os cadáveres dos brancos e dos indiozinhos é que tinham suas cabeças. Talvez o cadáver do *cabra* pequeno fosse o do Dr. Fernandes, mas também não tinha a cabeça.

- Malditos! A cabeça de um homem como Fernandes Preto, por causa de seis oitavas! Malditos!

Sapeca endoidou. Correu na direita dos escombros ainda erguidos da capela e encarapitou-se esteios acima até atingir-lhe a cumeeira desmoronada. Golpeou com sua catana o resto carbonizado de sua pequena cruz e gritou como se tivesse o demônio no sangue:

- YHWH! Deus de Israel! JAVÊ! Deus dos Cristãos! AZAMBI! Deus dos *pretos*! Deus, seja lá quem seja! Deus covarde! Deus Maldito! Vista um corpo e desça ao mundo e vem lutar! Mas, desça aqui nesta terra maldita, covarde!

O sol já se sumia pelas bandas do rio de São Francisco. Manoel Pitomba galgou com cuidado os esteios carbonizados, abraçou o confrade de dor e o ajudou a descer ao chão.

Antes que a noite se abatesse à traição sobre a desgraça, uma voz saída da penumbra clamou chorosa, mas dum jeito alegre:

- Quem sois vós, que vindes dos infernos e caminhais entre os mortos? Sois os que lutarão pela justiça! Sereis os vingadores do povo!

- “Cumpade Liando! *Suncê* tá vivo! Bendito seja *Angana-N’Zambi*!” - Gritou com voz ressequida o *negro* Francisco Adão.

O Leandro, magro e vestido com uns farrapos de batina, correu a chorar na direita dos *malungos*. Os *ditos* lhe foram ao encontro e, ajoelhados, todos o abraçaram duma vez. A noite caía e, quando a noite cai, os homens se unem e viram luzes.

Um velho *almocafre*, uma pá e uma cavadeira enferrujada. A Terra sentiu o seu peito a se rasgar, mas não se revoltou. Ao contrário, exalou o seu cheiro de terra fresca como lhe é o natural, sem preferências ou distinções.

Quando o dia amanheceu, ficou mesmo confirmado que o Povoado do Cruzeiro era agora só cinzas e escombros. Mas, a cruz de aroeira que houvera emprestado seu nome ao sonho, tinha de novo a seus pés o jardim de

rosas brancas, replantado que fora para não mais morrer. É que os corpos dos *malungos* sonhadores, depositados bem fundo naquela terra sob o *dito* jardim, dariam àquelas flores a chamada seiva da vida eterna, pois, quem sonha nunca morre, apenas se devolve ou se replanta na terra de onde, um dia, haverá de brotar mais forte e mais belo.

O ribeirão do Cruzeiro corria suave com suas águas cristalinas a borbulhar rebojos e a balançar capins e tufo esverdeados. Os *malungos* se despiram de suas roupas e sonhos e se deixaram lavar de corpos e de almas. Rasgaram suas roupas de baixo e delas fizeram tangas singelas com que cingiram as *vergonhas* do corpo. Depois, seguiram o padre esfarrapado na direitura da Botica.

O sol despejava lânguidos raios lá das bandas da Chapada, esticando as sombras dos arbustos e das achas de aroeira que cercavam o grande descampado, ou cemitério do Cruzeiro. A tumba do padre Matuzalém era então uma moita alta e larga de viçosas rosas vermelhas e brancas.

“Vô Vicente tem a incumbência de vigiar as paragens daqui de cima...”- Lembrou-se, Sapeca, desta frase e da primeira vez que subira para o Alto da Botica.

Ao invés de tomar a direitura da *cafua* coberta de cascas de coco, que ainda estava lá e intacta, Leandro continuou a andar, agora no rumo oeste, até chegar num mato mais denso e em terreno lançante. De repente, uma fenda se abriu entre samambaias e quebra-pedras. A jornada se fez, então, por algum tempo, pelos escaninhos da fenda. Esbarraram os sonolentos *malungos* numa enorme e petrificada raiz do que, algum dia, teria sido uma gigantesca árvore tombada. Leandro sumiu-se por baixo de uma nervura da raiz e os *malungos* lhe foram no rastro, adentrando a uma caverna muito escura, estreita e cheia de barulhentos e minúsculos morcegos.

O buraco se foi estreitando até ficar a conta de um homem comum; de repente, abriu-se de vez, revelando um imensurável salão de grandes alturas e de larguras e fundos só conhecidos até onde alcançavam as luzes das candeias a cintilar sob uma multidão de estalactites pendurados no teto, cujas sombras pareciam *azagaias* a dançar.

Uma figura de mulher se foi aos poucos definindo e surgindo atrás de um grosso estalagmite brotado do chão. A princípio caminhou lentamente; depois, se fez a correr e a gritar:

- Sô Mané! O meu sô Mané! Ó Deus de minh'alma!

Manoel Pitomba jogou no chão os arreios e cargas e se precipitou no rumo de sua Isabel Criola a gritar e a rir com suas mãos e dedos a dançar.

- “Pois é, cumpade Chico: munta coisa ruim aconteceu. Mais as coisa boa ainda tem lugá! Vicente Soares fugiu levando o *moleque* Isac e o *bebê* de Láis; Ela memo, a Láis... nem foi amarrada. Um dos branco *reinol*... parece que cunheceu ela. A *dita* pediu proteção pra sua Eva... também num amarraram a sua Eva. Seguiram desamarrada...”- comentou Leandro a sorrir, dum jeito natural e sem a doença de profeta ou de padre.

Isabel Criola abraçou a todos os *malungos* e a alegria até fez menção de ainda estar viva nos beiços secos e bocas amargas.

Leandro sentou-se ao lado dos *malungos* e lhes contou sem muito amiudamento a ação dos reinóis facinorosos e seus *capitães-do-mato*, bem

como, o provável destino dos *malungos* e *malungas*. Francisco não disse uma palavra; Sapeca só tremulava a cabeça. Bateeiro, enquanto ouvia, esmigalhava pedras na palma da mão e, Pedro *Angola*, com o semblante abatido, apenas mirava o dançar da chama da candeia maior.

Isabel Criola pôs mais água no feijãozinho e engrossou-lhe o caldo com bastante farinha e fubá. Os *malungos* todos só provaram do feijão; Sapeca e Francisco, nem isto. Depois, dormiram todos, encostados uns nos outros, menos Manoel Pitomba.

A Isabel pegou uma das candeias e caminhou num certo rumo empurrando a escuridão com a luz. Pousou a candeia sobre um tamborete empoeirado e assentou-se na pedra lisa, onde, em meio a panelas e farnéis, pegou um grande livro de capa dura, chamado o Livro de Crônicas do Povoado do Cruzeiro. Manoel Pitomba assentou-se a seu lado e ela lhe entregou a pena de aço. O mudo de boca molhou o aço na tinta vermelha e iniciou no livro a lavratura do *“registro do dia seis de junho do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil, setecentos e cinquenta e oito anos, quando chegaram de viagem os malungos Francisco Adão, Antônio Pinto Sapeca, Orozimbo Bateeiro, Pedro Angola e o signatário Manoel Pitomba, cuja providência primeira foi a de enterrar os malungos mortos, cujos corpos tiveram que roubar à sanha dos urubus. (...) (...) (...)”*

## FIM ?

*Esta é uma das histórias que as penas e a tinta azuis jamais contaram ou, antes, procuraram sempre esconder. Muitos povoados de gente pobre - talvez não tão cheios de luzes como o Cruzeiro - foram barbaramente destruídos sob a alegação de que eram perniciosos quilombos.*

*A luz de minha candeia já se está enfraquecendo e minha mão já se ressentir do esforço e do reumatismo. Amanhã, se Deus quiser - e Deus haverá de querer - voltarei a escrever. Minha pena não pode parar; é preciso continuar contar a História do povo sem-nome e sem voz, também chamado de as GENTALHAS E PRETOS DAS MINAS GERAIS.*

As.: O Escriba Maldito.

## **NOTAS SOBRE O PEQUENO GLOSSÁRIO**

DE PALAVRAS E EXPRESSÕES ANTIGAS, REGIONAIS DE MINAS GERAIS,  
TERMOS EM AMBUNDO E OUTROS DIALETOS, BEM COMO, FATOS E  
ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS E REFERÊNCIAS HISTÓRICO-GEOGRÁFICAS.

=====

==

Além dos vocábulos extraídos diretamente do linguajar da gente simples do Centro-oeste mineiro e de textos antigos, utilizei-me das seguintes fontes bibliográficas especializadas para compor o vocabulário utilizado neste livro:

### Código (1)

Termos extraídos do Vocabulário do dialeto *crioulo* sanjoanense contido no livro “O Negro e o Garimpo em Minas Gerais” de Aires da Mata Machado Filho.

### Código (2)

Termos extraídos do vocabulário de origem africana, contido no livro “O Quilombo dos Palmares” de Jayme de Altavilla.

### Código (3)

Termos extraídos do glossário contido em cadernos de Arquivo-1 Escravidão em Minas Gerais - APM/MG” de Alda Palhares Campolina, Cláudia Alves de Melo e Mariza Guerra de Andrade.

### Código (4)

Termos extraídos do elucidário constante do livro: “Sinhá Braba - Dona Joaquina do Pompêu” e “Chico Rei”, de Agripa de Vasconcelos.

### Código (\*)

Os termos marcados com o asterisco indicam a existência de homônimos, com sentido semelhante ou diferente, no Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.



## GLOSSÁRIO

**ABR'OLHOS** OU **BROLHA** - Em Minas Gerais se diz "*Bróia*" - Espécie de renda tecida somente com as mãos através de nós e laçadas, interligando os cordéis amarrados emparelhados num suporte, também, de cordão.

**ABSOLUTO** - Sem lei; dono de sua própria vontade; régulo.

**ACARDO** - **ACARDAR** - Palavra cigana que significa guardar, esconder, tomar, aceitar (Mello Moraes Filho)

**ACHUPÁ** (1) - Fazer, confeccionar, provocar.

**ACREPU** - (1) - mão.

**ADJUTORO** - Forma incorreta de adjutório, ajuda, colaboração. o mutirão, em Minas Gerais, é chamado também de adjutório.

**AFOFIÉ** (2) - Flauta de taquara.

**A GOELA FORRA** - A goela livre, à vontade; sem embargo ou ônus.

**AGOGÔ** (2) - Instrumento de percussão, feito de metal conjugado com baqueta.

**ÁGUAS** - Estação das chuvas; caimento dos "telha-dos" de indaiá, no caso; a cobertura de indaiá sobre a *cafua*.

**AIUCA** - (1) - Muito, muita; superlativo; muitíssimo - *aiuca-aiuca*. (\*) Consta dos dicionários Aiucá: fundo do mar.

**ALEVANTADOS** - Revoltados; prontos para a rebelião. (\*) = Idem.

**ALFORRIA** - Libertação do escravo ou manumissão (através da compra da carta ou manumissão gratuita).

**ALMOCAFRE** - Pequena enxada, dotada de "cabe-ça" ou "olho" pontiagudo, utilizada nos trabalhos de mineração.

**ALMOTACEL** ou **ALMOTACÉ** - Cargo de nomeação pelo Senado da Vila, com a função de fiscalizar pesos e medidas, taxas e impostos na competência do termo da Vila.

**ALUME** - (1) - Homem; radical para colocar as palavras no masculino. Em abundância: Lume.

**ALVIÃO**: Enxada.

**AMENUC** - Palavra que, no vocabulário botocudo, significa.: Não

**A MISÉRIA VAI CONTANDO** (...) Música e letra registradas em Cadernos de Arquivo-1/Escravidão/ M. Gerais-APM-1988.

**AMO/PATRÃO** - Indica o relacionamento com o homem livre ou servo-serviçal. O escravo não tem *amo/patrão*, e sim senhor, que é seu dono/proprietário.

**ANDAIAL** (Rio) - Rio Indaiá.

**ANDAMBI** (1) - O mesmo que *Mdambi*, mulher, fêmea.

**ANDAR DE AFASTO** - Movimentar-se dando passos para trás ou de costas.

**ANDAR DE JEIRA** - Expressão muito comum no interior de MG; não se trata do "andar ligeiro" deturpado; - jeira é medida agrária que vale de 19 a 36 hectares, conforme o país. Portanto, a expressão regional faz todo o sentido de "andar depressa, a passos largos" etc.

**ANDURO** - (1) - Fogo; o mesmo que *ondara* e *undaro*.

**ANGANA** - (1) - Senhor/Senhora.

**ANGANA-ANGUE** - *Patrão*, dono do serviço. (1)

**ANGANA-N'ZAMBI** (1) - Deus; *Zambi-Apungo*; *Azambi*.

**ANJINHOS** - Instrumento de tortura, composto de anéis de ferro com aberturas reguláveis por um parafuso, com o qual se prendiam e apertavam os dedos - geralmente os polegares - da vítima, escravos fugidos e *pretos* livres.

**ANGOLA** - Nação de onde proveio o *negro*. Na mais das vezes, apenas o nome do porto ou possessão portuguesa em África. A nação atribuída ao *negro* se, escravo, qualificava a mercadoria, se livre, virava nome de família, ou sobrenome do *negro* e da mesma forma, utilizava-se a sua nuança de "*preto*": *Criolo* (sic), *fulo*, *cabra*, *cariboca*, *mulato* etc.

**ANGUÊ** (1) - Onça; felino.

**ANO-BOM** - 01/01; primeiro dia do ano novo.

**ANTI-I** - Vocabulário botocudo : fugir.

**ANTÔNIO CAETANO DE SÁ** - Pai de Chica (Xica) da Silva. Em homenagem ao pai, Chica deu ao segundo filho que teve com contratador João Fernandes, o nome de Antônio Caetano Fernandes de Oliveira.

**ANTÔNIO JÁCOME BEZERRA** - Nome verdadeiro de um dos juizes ordinários de *Pitangui* à época dos fatos.

**APENASSE** - **APENAR** - Recrutamento obrigatório às gentilhas e *pretos*; também conhecido como "voluntariado de pau-e-corda"

**AQUENJÊ** (1) - Menino.

## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

*AQUENJÊ-VEROME* (1) - Rapazinho; homem que já se vê.

*AQUI D'EL-REI* - Protesto de cidadania ou vassalagem; pedido de socorro em nome do rei.

*ARAPOSSE-ARAPÓSSI* (1) - Descanso, repouso; idem a pôssi.

*ARATACA* - (4) Armadilha para apanhar animais silvestres; cilada.

*ARENGÁ* (1) - Tarefa; homônimo que consta dos dicionários: discurso enfadonho; intriga, mexerico, enredo.

*ARRAIAL NOVO DA ONÇA* - Hoje, município de Onça de *Pitangui*, Alto São Francisco.

*ARRASTAR MALA* (4) - Fanfarrice; jactar-se; mostrar-se grande; contar papo.

*ARRUVINHAR* - Chorar (vocábulo cigano - Mello Moraes Filho).

*ASSANAR* - Rir (vocabulário. cigano Mello Moraes Filho).

*ATANHARA* (1) - Alto; altura.

*ATUNDÁ* (1) - O mesmo que *atanhara*; alto; altura.

*AUÊ/AUÁ* (1) - Cantar; falar.

*AZAGAIA* - Lança de madeira resistente (1).

*BABA* - (Yorubá) - Pai, mestre.

*BABARÉ* (2) - Barulho; desordem, o mesmo que ababarê.

*BACALHAU* - Chicote de couro cru com que se cas-tigavam, em especial, os escravos.

*BADAMECOS* (4) - João-ninguém; gente ociosa e desocupada.

*BAGO-MOLE* - Bola-murcha; pouco viril; medroso.

*BAJERÊ* - Escória, cisco, lixo; gente imprestável, falsa; formação que denuncia a existência de diamantes (4).

*BAMBUZAÔ* (1) - Insulto; provocação p/briga; (\*) *BAMBÁ* = desordem; bambaquerê = Dança que termina em desordem.

*BAMBOIM* (Rio) - Rio Bambuí; região e vila de Bambuí, hoje, cidade de Bambuí-MG.

*BANZO* (2) - Doença da tristeza melancólica; nostalgia; doença que atacava principalmente aos *negros* e seus descendentes.

*BARCELAR* - José Pinto de Morais *Barcelar* - *Reinol* enviado por Pombal, como *Ouvidor* da Comarca do Serro Frio, com a missão de desencadear perseguição ao contratador *Felisberto Caldeira Brant*.

*BARREGUICES* - Mancebia; concubinato; vida de casado, sem casamento da Igreja.

*BARTHOLOMEU BUENO DO PRADO* - Filho de Domingos Rodrigues do Prado, o paulista revoltoso de *Pitangui*. Diogo era seu cunhado.

*BARUNDO* (1) - Senhor; *patrão*.

*BATO* - Pai(vocabulário cigano Mello Moraes Filho).

*BATUQUE* - Danças ao som de instrumentos de percussão; divertimento maior de todos os *pretos* e *gentilhas* de séc. XVIII.

*BAZÉ* (4) - Fumo; fumo ordinário

*BEBÊ* - Neném; criancinha recém-nascida. Segundo me lembro, este vocábulo se transformou em “bebê” somente no decorrer da década de sessenta, talvez, em razão dos “baby’s” estrangeiros que nos chegaram a vender chupetas, leite em pó, mamadeiras e, hoje, até fraudas descartáveis. Da mesma forma, o vocábulo “nenê”, hodiernamente, se impôs mais que neném e nené, portugueses e mais antigos.

*BEBEDORIAS* - Provisão de bebidas, inclusive alcoólicas, para uma festa ou para um período.

*BEBER O FÔLEGO DE TANTO RIR* - expressão muito usada no interior de MG; pode-se *beber o fôlego*, também, de tanto chorar.

*BEIÇAR* - O mesmo que bebericar; beber.

*BENGUELA* - Bengala; *negros* de nação angolense, vindos das Costas de Angola para o Brasil.

*BEZA A DEUS* - Expressão comum no interior de MG; louvado seja Deus ou, agradeça a Deus, persignando-se.

*BENZIÇÃO* - O mesmo que *benzedura*.

*BICHO-MAU* (4) - Cobra venenosa.

*BICOTA* - Beijo com estalo.

*BINGA* - Isqueiro tosco, feito com casca de “fruta” chamada de “*binga-de-macaco*”. Esta fruta cortada em sua junção e limpa do miolo, se transforma num cilindro oco dotado de tampa com encaixe perfeito e seguro. Coloca-se algodão sapecado dentro e com um pedaço de aço se tira a fagulha na pederneira, ou pedra-de-fogo, incendiando o algodão. Fechada a *binga*, o algodão se apaga. Não sei se as *bingas* de metal deram o nome à “fruta”, ou se o uso desta como tal é que deu aos isqueiros, em geral, o nome de *binga* em

## SESMARIA

### Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

MG. Tem evidente conotação com *obingá* (chifre). Os portugueses chamavam a *binga* de “artifício”.

**BIRBANTE** (4) - Patife; tratante; bigorriha.

**BOÇAL** - **BOÇAIS** - *Negro(s)* estrangeiro(s) que ainda não se aculturou/aram e não sabem falar a língua do branco ou não tem qualquer ofício. Antônimos de *negro(s)* *ladino(s)*.

**BORZEGUIM** - **BORZEGUINS** - Botina(s) de couro com amarrilho por cadaço.

**BRAÇA** - Medida equivalente a 2m e 20cm.

**BRICHINDON** - Tempo mau (vocabulário cigano - Mello Moraes Filho).

**BURRA** - Cofre; arca; *canastra*.

**BUSNIN** - *Preta, negra*, escura, mulher africana (vocabulário cigano - Mello Moraes Filho).

**CABAÇA** - Fruto da cabaceira transformado em vaso após o despojamento de seu miolo através do orifício que tem à junção de sua haste. Serrada ao meio, vira *cuia*.

**CABAÇO** (S) - Virgindade (s) da mulher.

**CABEÇA RASPADA A NAVALHA** - Usar perucas era comum no séc. XVIII; mas, raspar a cabeça a navalha, não. Ao que consta, não se conhece nenhuma outra mulher branca ou *preta* que -afora casos de doença ou queda - tenha feito tal coisa, nesse século e no Brasil.

**CAMBELIN** - Gravidez; mulher grávida. (Vocabulário cigano Mello Moraes).

**CABOCLO-DÁGUA** - Homens cabeludos aquáticos e de hábitos noturnos que habitam as águas mais misteriosas e fundas do rio São Francisco, em MG.

**CABRA / CABRITA** - Filho(a) de *pardo(a)* com *negro(a)*; *Cabrta*; *preta* de cor *cabra*, ainda *moleca* (mocinha).

**CACHAÇO** - Reprodutor suíno(porco).

**CACHAÇO CEVADO** - Porco gordo. A expressão é contraditória, pois o reprodutor, geralmente, é magro. Para engordar, o porco precisa ser castrado, e, então, não seria mais um *cachaço*; mas, a expressão é corrente em MG.

**CAFUA** - Casa humilde, no sentido geral; desde um rancho de varas até o de pau-a-pique rebocado, coberto de capim ou indaiá.

**CALHAMBOLA** - O mesmo que quilombola (*negro* fugido) - Vide definição na pág. 06.

**CALIN** - Cigana (vocabulário cigano - Mello Moraes Filho).

**CALUNDU**(1) - Aborrecimento, melancolia, cabeça inchada. (\*)= Kilundu é um ente sobrenatural que entra no corpo de uma pessoa e a torna triste, nostálgica e mal-humorada.

**CALUNGA**(1) - O mar; grandeza; infinito; o incomensurável. (\*)Homônimo: Divindade secundária do culto bantu; coisa de tamanho reduzido.

**CÂMARA DA VILA** - Junta governativa (vide Pelouro), também chamada Senado da Vila, composta de Juizes, vereadores, procurador e escrivão.

**CAMBAMBE**(1) - Veado; cabrito, gazelinha, *cabra* etc.

**CAMBARIANGUE** (2) - Amigo.

**CAMBROCOTÓ** (1) - Ofensa; termo injurioso.

**CAMBULON** - Amigo (vocabulário cigano - Mello Moraes Filho).

**CAMBUNGO** (1) - carbúnculo/doença.

**CAMPO GRANDE** - A maior federação de quilombos que já houve em MG, conhecida e temida desde 1711, apesar de ter sido destruída várias vezes. “A longa História dos quilombos de Minas, TALVEZ A MAIOR E MAIS BELA EPOPÉIA DOS SERTÕES BRASILEIROS, não raro apresentando certos aspectos que revelam o barbarismo dos brancos e o primitivismo dos *negros*, espera o seu grande historiador”; Fritz Teixeira de Salles em *Vila Rica* do Pilar. O primeiro *Campo Grande*, tinha a sua capital, chamada Povoação do Ambrósio, no território da, hoje, cidade de Cristais-MG. Seus núcleos incluíam *Susuhy e peropeba*, Peropeba, Gondum, *Calunga*, Trombuca, Boa Vista, Quebra-Pé e Cascalho-I. O segundo *Campo Grande*, surgido depois de 1746, tinha como capital o *Quilombo do Ambrósio*, agora, já situado no território de Ibiá-MG. Seus núcleos, entre outros, incluíam Cascalho-II, O Fala, Pedras, Goiabeiras, Oopeo, Boa Vista-II, *Nova Angola*, Pinhão, Caetê, *Zondum*, Cala Boca, Do Careca, São Gonçalo, Mammoí, Ajudá, Indaiá, *Pernaíba* e Marcela.

**CAMUMBEMBE** (1) - Vadio; homem de baixa condição.(\*)vagabundo, mendigo; indivíduo pobre; morador de engenho.

**CAMUNDÁ** (1) - Morro, monte.

**CAMUNHENGUE** (1) - Morfético; leproso; lazarento; (\*)idem.

**CAMUQUENGUE** (1) - *Moleque*.

**CANALHADA** (3) - Quilombola; escravo fugido que vive em quilombo.

## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

**CANASTRA** - Caixa de madeira, reforçada geralmente por cintas de ferro ou couro e arrebitos; geralmente forrada de couro e dotada de tampa com dobradiças de ferro e fechos, trancas e fechaduras.

**CANANENECÔ** (1) - insulto; termo injurioso.

**CANDAMBURO** (1) - Galo.

**CANDIMBA** (1) - Coelho. (\*) = do *quimbundo* Kandemba, dificuldades, apertos, apuros.

**CANDONGA** (1) - Lisonja; fingimento; afago; mimo; natural de *Angola*, onde os negrinhos são lisonjeiros; arenga; intriga; pode significar, também, zombaria. (\*)fingimento; etc.

**CANDONGUEIRO** - Metido a engraçadinho; cheio de manhas(1).(\*)

**CANGALHAS** - No plural: Armação de pau ou ferro dos arreios próprios para encaixe das cargas sobre as alimárias (mulas, burros etc.).

**CANGÚIA** (1) - Insulto; termo injurioso ou cabalístico.

**CANGULO** ou **CANGURO** (1) - Porco.

**CANJIRA-CANJERÊ** (1) - Dança; idem canjerê. (\*)= idem.

**CANJONJO** (1) - Beija-flor.

**CANTAR O PORRETE** - Deitar o porrete; dar porretada - a expressão é muito usada no interior de MG.

**CANZÁ** (3) - instrumento de percussão que produz um ruído rascante e intermitente; o mesmo que ganzá ou reco-reco. (\*)= idem.

**CAPAÇÃO E TUNDA** - Esta sentença era realmente utilizada e prolatada pela Justiça do Séc. XVIII - Capação a macete.

**CAPANGUEIROS QUE LHES FAZEM O SACO** - Comerciantes que lhes vendem fiado os suprimen-tos de que precisam e que lhes comprem os diamantes e ouro obtidos na mineração clandestina.

**CAPITÃO/CAPITÃES**: de farinha com feijão: Porção ou bocado de comida formatada na ponta dos dedos; bocado que se leva à boca, quando se come com as mãos. Chefia: de um grupo de *pretos garimpeiros*, salteadores ou cantadores, atribuída com o título de *capitão*. (Chefe de terno ou corte do congado; etc.)

**CAPITÃES-DO-MATO** -Agiam sozinhos ou em esquadra, ou em conjunto com as milícias e *ordenanças*, na perseguição ao escravos fugidos. Foi uma das

instituições mais odiadas da época; não obstante, era cargo almejado por muitos *negros* e *pardos*, livres e escravos, eis que, lhes conferia um suposto grande poder, permitindo-lhes prender e amarrar até os brancos criminosos, mormente se envolvidos com *calhambolas*. Seu ordenado era a *tomadia*, paga pelo dono do escravo fugido, ou pelo Senado da Vila, em caso de matarem os fugidos e apresentarem as suas cabeças. A maioria dos *capitães* e soldados-do-mato compunha-se de *negros*, *pardos*, *cabras*, *caribocas*. As Polícias Militares de hoje, às vezes, em muito se assemelham aos *capitães-do-mato*, eis que, seu contingente, principalmente a soldadesca, é oriunda do próprio povo a quem persegue e mata.

**CAPUNGO**, *túria* - ( 1) gente ruim.

**CARAS-GRANDES** - Cara-grande; cara-de-pau; caradura, cínico.

**CARA-LAMBIDA** - **CARAS LAMBIDAS** - O mesmo que cara-grande; sem-vergonha, cínico.

**CARAPINARIA** - Serviços de carapina e carpinteiro.

**CARIÁ** - O capeta; o demônio.

**CARIBOCAS** - Cafuso, miscigenado de índio(a) e negro(a). Aurélio está equivocado.

**CATIÇA** - (1) - Ajudar; ajuda.

**CATITA** - (1) - Pequeno; pequetito.

**CAVÉIA** - (1) O que, ou, quem vem lá? ou "vem cá!"

**CAXICOVERA** - (4) Achaque; doença.

**CERCADO** - Hoje, cidade de Nova Serrana.

**CHAVON** - Filho (Mello Moraes Filho - Os Ciganos no Brasil...).

**CHEGANTES** - Que estão chegando; recém chegados.

**CLAVINA** - Clavinote; o mesmo que carabina. As armas do séc. XVIII eram todas com ignição a sílex ou pederneira, uma vez que a percussão só foi inventada no século XIX. Os escritores e cineastas do Brasil, no entanto, continuam a colocar garruchas e espingardas de percussão nas mãos de personagens no século XVIII. (!!).

**COBRA-MANDADA** - Os feiticeiros tinham o poder sobre as cobras; às vezes, mandavam-nas morder os inimigos e adversários.

## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

*COCÕES - COCÃO* - Espécie de mancal rústico, sobre o qual gira o eixo do carro-de-bois.

*COICE (DA TROPA)* - Retaguarda; atrás da tropa.

*COITÉ (S)* -Coco serrado ao meio cada uma das “cuias” do coco.

*COLHER-DE-FERRO* -Colher grande, utilizada para mexer nas panelas, pôr a comida nos pratos; e não para se comer com ela. (\*) = nada registram.

*COMBARO (1)* - Lugar habitado.

*COMBARO-CATITA (1)* - Arraialzinho; lugar pequeno; comércio.

*COMBARO UONEME* - Cidade ou vila grande e desenvolvida.(1)

*COMERCIANTE DO ESTANCO* - Comissário ou agenciador, na Vila, dos produtos em estanco, ou seja, em monopólio exclusivo de alguns grupos, geralmente, compostos por judeus de Amsterdã ou de Londres, a exemplo do sal azeite, vinho e até mesmo a cachaça, em certas épocas; etc.

*COM POUCO* - Expressão muito usada no interior de MG: “de repente”, “dentro em pouco tempo”; “é capaz de ser”; é provável que; “vai ver que é” etc...

*CONCEIÇÃO* -Hoje, cidade de Conceição do Pará - MG.

*CONCESSA VENIA* - Latim: Com a devida permissão.

*CONDE DE ASSUMAR* - D. Pedro de Almeida e Portugal, segundo governador da Capitania de S. Paulo e M. Gerais (04/09/1717 a 17/08/1721). Foi um governo despótico e violento, mas preparou as Minas para a futura autonomia (18/08/1721).

*CONFUNDEM A LIBERDADE COM A LIBERTINAGEM* - Esta frase não foi inventada pelo Governo Militar de 1964/89; não. Já era utilizada pelas elites do século XVIII para criticar as pretensões de igualdade e liberdade dos *pretos* livres;

*CONGEMBO (1)* - Morrer; morte.

*CONGONHA* - Bebida escaldada com as folhas desta planta, servida quente ou fria, como a erva-mate muito consumida nas MG dos séculos XVIII a XIX.

*CONSELHO DO POVO* - Órgão representativo, imaginado pelo autor, com inspiração nos Conselhos de velhos geralmente referidos nos documentos acerca dos quilombos de MG.

*“CONSUETUDO SPECIES LEGIS EST”* - Latim: O costume é uma espécie de lei.

*CONTRABANDISTAS E EXTRAVIADORES* - Geralmente de diamantes e de ouro em pó; os *pretos*, contribuíam, através das vendas e dos *capangueiros*, com este comércio ilegal. Mas, os verdadeiros contrabandistas e extraviadores eram, via de regra os altos funcionários reinóis e seus familiares, a trair a sua própria pátria e ao rei. O “*patrão*” de todos, e quem mais lucrava, era geralmente o inglês e o judeu que tudo comandavam, do Rio de Janeiro ou da Europa .O crime incidia em lesa-majestade e implicava em degredo e até na condenação à morte.

*COPEQUERA (1)* - Dormir.

*CORONGIRA (1)* - Urubu.

*CORTE (ô)* - Substantivo Masculino - Grupo ou pelotão de uma agremiação específica, organizada e independente de dançadores de reinado (Festa de Nossa Senhora do Rosário); o mesmo que terno. *COVICANDÁ - COVICANDA - (1)* Conversar; escrever.

*CRAVINA* - Ver : *Clavina*.

*CREN-TONE* - Chefe. Vocábulo indígena-botocudo.

*CRIAS (4)* - Bebês escravos.

*CRIOLO* - *crioulo*; no caso, é nome próprio, ou “sobrenome” de família.

*CRIOULO* - Negro puro, sem misturas, nascido no Brasil.

*CUATÁ (1)* - Pegar. “*Orossimba ô cuatá ô mpuco* = o gato pega o rato” (\*)= *Cuatá*, macaco-aranha, que tem a cauda preênsil (pega as coisas com a cauda).

*CUCA (1)* - Mulher velha, feia. (\*) = Mestre-*cuca*, cozinheiro; papão; etc.

*CUENDÊ (1)* -Entrar.

*CUIA* - *Cabaça* serrada ao meio; cada uma das bandas serradas.

*“CUMÊ MUNTO SAL JUNTO”* - “Comer muito sal juntos”, significa viver juntos por muito tempo. Expressão muito usada no interior de MG.

*CURIACUCA (1)* - Cozinheiro; mulher velha.

*CURIANDAMBA (1)* - Velho; idoso.(pessoa).

*CURIMA (1)* - Serviço, faisqueira.

*CURIAR (1)* - Comer.

*CURRAL D’EL-REI* - Hoje, Belo Horizonte-MG.

*DE JEIRA* - Rapidamente (ver *andar de jeira*).

*DEMAIS DA CONTA* - Muitíssimo. Expressão muito usada nas MG.



## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

**DEMARCAÇÃO** - Região demarcada, onde eram proibidas outras atividades minerais, pois, se destinava à mineração do diamante pelos Contratadores e, a partir de 1772, por El-Rei. A legislação era especial e diferenciada dentro deste território que abrangeu até outras comarcas, inclusive na Capitania de Goiás, e que tinha sede no *Tijuco*, hoje, cidade de Diamantina-MG.

**DESONESTAÇÕES** - Impudícia falta de castidade; incontinência.

**DESTRAMELA** - Destaramelha; tirar a tramela.

**DEVASSA** - Misto de Inquérito Policial e processo criminal.

**DINHAR** - Dar (vocábulo cigano - Mello de Moraes Filho).

**DITO/DITA** - Referido(a); mencionado(a); aquele(a), este(a); etc... Palavra muitíssimo utilizada como toque de elegância na redação corrente no Século XVIII.

**DOENÇAS INCURÁVEIS** - Mal advindo de feitiço que levava o paciente à morte. Há até "Tratados de Medicina" sobre o assunto, atribuindo as tais doenças ao uso do pó-de-diamante pelos *negros* feiticeiros.

**DUDA** - Vem de dúvida, mas significa cisma, suspeita, inquietação.

**DUMBU** (Yorubá) - decaipitar.

**DUNGA TARA SINHERÊ** (4) - "Sinhá ou sinhô, que Deus lhe acrescente o que tem". (\*) = Senhor, chefe, homem importante, valentão.

**DUNGO** (4) - Valentão.

**ELIMINAÇÕES E EXPULSÕES** - Medidas punitivas, entre outras, da alçada e arbitrio do intendente da *Demarcação* Diamantina, consistentes em expulsão do território, das Minas, ou do Brasil.

**EMPREITA - EMPREITADA** - No sentido de empreendimento; empresa em movimento e não de um mero contrato.

**ENCOMENDAS** - Órgãos genitais masculinos; podem se referir, também, aos femininos.

**ERÁRIO RÉGIO** - Órgão central da fazenda na metrópole.

**ERMIDÃO** - Lugar deserto; grande ermo.

**ESCORVAR** - Municar de pólvora a *escorva* da arma do tipo sílex ou pederneiras. (as armas de percussão, com espoleta, só foram desenvolvidas no séc. XIX).

**ESTALOU CAFUNÉ** - Fez cafuné, estalando as unhas como a matar piolhos inexistentes.

**"EU SOU MOÇAMBIQUEIRO(...)"** - Música e letra colhidas pelo autor em Moema-MG.

**FABRICAR** - Esse verbo era muito utilizado no século XVIII e com sentidos que hoje, pouco se usam: Fazer; empreender; plantar; construir patrimônio; construir uma igreja, uma casa;

**FACA-CIPÓ** - Faca de lâmina comprida e estreita; punhal.

**FAISCADORES** - Mineradores de ouro, que trabalhavam por si; mineiros pobres.

**FALSEADOR** - Falsário.

**FARINHA DE GUERRA** - *Paçoca* torrada e socada no pilão, composta de farinha de mandioca ou de milho, torresmo e amendoim ou gergelim.

**FAZENDAS SECAS E MOLHADAS** - Gêneros e bens. Secas: Que não se come e nem se bebe e que serve para vestir. Molhadas: Os comestíveis, ferro, aço, pólvora e tudo o mais que não se veste.

**FELISBERTO CALDEIRA BRANT** - Terceiro contratador dos diamantes (período: 748/751), perseguido e preso por ordem do Marquês de Pombal, provavelmente em conluio com João Fernandes de Oliveira (Titular dos 1º, 2º, 4º, e outros Contratos) e com o governador José Antônio Freire de Andrade. João Fernandes de Oliveira Filho foi o amante de Chica, ou Xica, da Silva.

**FERRADO NO SONO** - Dormindo em sono profundo; pode ser também "Aferrado no sono".

**FIÉIS DE DEUS** - Falsa *irmandade*, através da qual os judeus, enganando o Bispo, tentaram ressuscitar a Sociedade dos Seguidores de Elias que, em meio à idolatria de Israel, proclamara a sua fidelidade a Iaveh. O Bispo descobriu o disfarce e extingui a tal *irmandade*.

**FILHOS BASTARDOS DE CHICA DA SILVA** - 1- Simão Pires Sardinha: Filho de Manoel Pires Sardinha. João Fernandes (Fº) patrocinou-lhe estudos e muitas viagens pela Europa. Ocupou vários cargos na corte. Seria ele o sargento-mor a quem, em abril de 1789, Tiradentes, no Rio de Janeiro, pediu que traduzisse do francês uns trechos da Constituição Americana? Simão estudara em Paris. (Tiradentes foi delatado). 2- Plácido Pires

## SESMARIA

### Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

**Pardinho:** Filho do Dr. Rafael Pires Pardinho. Este Dr. Rafael seria o primeiro Intendente do *Tijuco*, cuja gestão compreendeu o ao de 1734 a 42 (velho de mais de 70 anos) ou um filho deste e de mesmo nome. É de se interpretar que o pai do padre Rolim, dono de Chica, talvez a usasse, desde cedo, para aliciar os reinóis, pois, ambos os pais de seus bastardos era gente poderosa no *Tijuco* e nas Minas Gerais.

**FILIPES** - Gêmeos.

**FINTA** - Contribuição extraordinária. O governador não permitia que as câmaras cobrassem *fintas* dos vassalos; mas, no caso do *Campo Grande*, este “imposto” foi cobrado de várias vilas nos anos de 1756 a 1759.

**FIZERAM O QUILO** - Fizeram a sesta; descansar após o almoço. A palavra quilo (do grego “chylós-suco”) é s.m. que designa líquido esbranquiçado a que ficam reduzidos os alimentos na última fase da digestão nos intestinos. Por isto, o uso da expressão é corretíssimo.

**FOGO** - No sentido de habitação ou reunião de gentes num mesmo abrigo ou lugar de dormir. Nas Minas do século XVIII, não é possível falar-se em família, residência ou casa, pois a maioria não as tinham.

**FOI BAIXO!** - Foi inútil; houve discordância peremptória; a proposta foi rechaçada; recusada.

**FORMAÇÕES** - Existência de outros minerais, pedras etc. que, pela tipicidade, indicam a presença, ou não, do ouro e/ou do diamante num determinado terreno.

**FORRA** - Liberta; que recebeu a *alforria*; ex-escrava.

**FORRAR** - *Alforriar*; libertar; conceder ou vender a *alforria*.

**FRACA PESSOA** - Humilde pessoa; insignificante pessoa. Expressão muito usada, em relação a si próprio, no interior de MG.

**FUEIRO(S)** - Estaca destinada a amparar a carga do carro-de-bois.

**FULO/A** - Mestiço(a) de *negro(a)* e *mulato(a)*; *cabra*; *preto* de nuança étnica indefinida.

**FUTRIQUEIRA** - O mesmo que fuxiqueira.

**GAJIN** - Brasileira; senhora.(vocábulo ciano - Melo de Moraes Filho.)

**GALES** - Sob trabalhos forçados. Não significa, necessariamente, ser

condenado a remar navios e barcos no mar ou nos rios.

**GAMELAS** -Pratos, travessas e bacias (bateias), feitas de madeira entalhada, geralmente dotadas de orelhas para melhor manuseio e transporte.

**GARIMPAM-GARIMPAR** - A palavra vem de “grimpa”; alturas, alto das serras, onde trabalhavam e se escondiam os *garimpeiros*. *Garimpar*, significa a procura furtiva do diamante, pois só El-Rei e os Contratadores podiam fazê-lo. Era considerado crime hediondo, pois, lesa-majestade, e punido com *galés*, degredo e até com a morte. O pequeno mineiro que procurava ouro era chamado de *faiscador*.

**GARIMPEIROS** - Criminosos que cometiam o crime de *garimpar*(procurar diamantes).

**GENTIO DA TERRA** - Os índios.

**GONGO** - Tambor africano. (\*) = Idem.

**GRÃO** - No sentido de “tostão” de hoje. O *grão* de ouro valia 50 miligrama de ouro (0,05 do grama).

**GRÁVIDA OU AMAMENTANDO:** Chica, ou Xica da Silva, teve 15 filhos. Os dois primeiros, filhos de pais também poderosos, chamaram-se Simão e Plácido. Os outros 13, que teve com o Contratador João Fernandes (o filho), foram: João, José, Joaquim, Antônio, Francisca, Rita, Ana, Helena, Luíza, Maria, Quitéria, Mariana e Antonia. João Felício dos Santos, autor do romance Xica da Silva, ignorou completamente a enorme família de Xica e, mesmo a data da chegada do jovem Contratador João Fernandes ao *Tijuco*, que a localiza em 1758 está equivocada, pois, há sobejas provas de que o amante de Xica chegou o *Tijuco* em 1754. O primeiro filho de Xica, *João Fernandes de Oliveira* - nome igual ao do pai - foi o herdeiro do Morgado do Grijó, instituição que arrolou todos os bens do Contratador no Brasil e em Portugal, a maior fortuna do reino, à época. Xica, ou Chica, não ficou na miséria” com a partida de João Fernandes, como quis dar a entender o citado romancista sobrinho-neto de Joaquim Felício dos Santos. Apenas perdeu o poder despótico de vida e de morte que sempre usou, sem piedade, para oprimir os de sua própria raça. Assim é natural que tenha amargado o desprezo de sua gente após a partida de seu amante poderoso: cerca de 70% da

## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

população do *Tijuco* se compunha de *pretos* livres. O Movimento *Negro* e os artistas a ela ligados, cometem um grande equívoco ao assumir a tal Xica como símbolo dos *negros*; aliás, o equívoco chega a ser ridículo, pois Xica encarnou o despotismo e a falta de solidariedade para com os *negros* e *pretos* em geral.

**GRUPIARA** - O mesmo que gupiara: Depósito sedimentoso diamantífero nas cristas dos morros.

**GUNGA** - Mandachuva; chefe, cabeça, líder; o posto de. Espécie de *gongo* ou tambor usado pelo *capitão* dos ternos ou cortes na Festa de Nossa Senhora do Rosário (MG).

**GUNGUNAR** (1) - Resmungar. (\*) = Espécie de zangão.

**HAC** - Dar anúncio; fazer saber. (vocábulo botocudo).

**HELIL** - Personagem citado em “Brasil, Coração do Mundo - Pátria do Evangelho (Espírito de Humberto de Campos), psicografado por Francisco Cândido Xavier, num claro protesto do autor, o Escriba Maldito, pelo fato de, no Brasil, até os espíritos corroborarem a falsa história, citando os feitos dos poderosos, sem se deterem em nenhuma obra acerca da História dos Miseráveis e Humildes, citando-os somente por atacado, numa clara contradição à sua própria doutrina e princípios escritos.

**HEREGE-QUE-VIROU-CRISTÃO:**

Geralmente cristão - novo, judeu convertido ao catolicismo.

**HOMENS BONS** - Brancos fidalgos e/ou ricos; apaniguados de El-Rei ou de seus altos funcionários. Únicos eleitores e elegíveis para as câmaras das vilas; únicos que podiam alcançar *sesmarias* e datas minerais diretamente. (Isto, naturalmente, não está contido nos discursos demagógicos de políticos que são contrários a uma reforma agrária).

**HOMENS-DO-MATO** - Soldados-do-mato, engajados numa esquadra-do-mato. Os *calhambolas*, que contestavam a escravidão e lutavam pela liberdade, eram chamados de **NEGROS-DO-MATO**, mesmo que fossem *pardos*. Os *negros* e *pretos* que se vendiam aos poderosos eram chamados de “*Homens-do-mato*”.

**HORA DO QUILO** - Hora do descanso para fazer a digestão; sesta; ver **QUILO** (\*).

**IA** (1) - prep. “de”. *Ochito ia onguero* (carne de porco).

**IMBANDA** (1) - Feitor (ver *otatariangue: patrão*).

**IMPORTANTE CAPÍTULO DA GLORIOSA HISTÓRIA DESTAS MINAS** - Referência à Inconfidência Mineira; a Revolução que não houve; ou o Espernear dos Poderosos que Perdiam as Tetas.

**IMPUREZA DE SANGUE** - Augusto de Lima Jr. - A Capitania das Minas Gerais, pág. 77: “Portanto, pede o Conselho que V. M. se sirva mandar passar ordem ao governador das Minas Gerais pela qual se declare que não possa daqui em diante ser eleito vereador ou juiz ordinário, nem andar na governança das vilas daquela capitania, homem algum que seja *mulato* dentro nos quatro graus em que o mulatismo é impedimento e que, da mesma sorte não possa ser eleito, e que mande esta ordem aos ouvidores para que a façam registrar nos livros das comarcas e nos das suas ouvidorias, recomendando-lhes que ponham muito especial cuidado na sua observância”. 25.05.1725. Esta ordem entrou em vigor, sim. Eu encontrei documentos e evidências sobejas disto. No entanto, a maioria dos historiadores escamoteiam esta verdade, lançando névoas e confundindo o povo onde há certezas e provas cristalinas. É provável que tal ordem e política tenha atravessado todo o século XIX e só revogada de vez, após a Proclamação da República, se é que ainda não “vigora” nos meandros da riqueza e do poder político.

**INHÔ** - Senhor.

**INJARA** (1) - Fome.

**IN-SIM** (4) - Senhor/a, sim.

**INSTRUMENTOS DA PAIXÃO** - Os cruzeiros, no século XVIII, traziam fixados em seu corpo e braços, os pregos, a lança, martelo, escada entre outros instrumentos utilizados no suplício de Jesus Cristo; na época eram chamados de martírios.

**INCOLMENÇA** (4) - Dúvida; incerteza.

**IÔ** (1)-Eu, *omindes*. Pode significar também “lhe” ou “a você”.

**IRMANDADE DOS PRETOS E PARDOS** - Confraria de Nossa Senhora do Rosário; São Benedito; Nossa Senhora das Mercês; etc. Estes cultos, já adaptados para os *negros* - elemento e instrumento da política escravocrata - vieram prontos da África Portuguesa; no entanto, alguns

## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

historiadores Mineiros chegam ao cúmulo de associá-los aos índios (a dança) e pensam que surgiram em Minas Gerais (Lenda de Chico-Rei) (!).

ITACO (1) - Ânus.

ITAPECERICA DO ESPÍRITO SANTO - Hoje cidade de Divinópolis-MG fundação e povoação: 1767).

ITEQUE (2) - Ídolo; estatueta.

JAC-JEMENU - Estamos em paz; pode chegar; sê bem-vindo. (vocábulo botocudo).

JACUBA - Leite e farinha de milho, adocicados com rapadura ou socada no pilão(MG). No nordeste, tem outra composição.

JAMBÁ (1) -Ouro. (tenho dúvida: talvez signifique diamante e não ouro = *Jambá*: Cada uma das partes iguais numa porta ou janela, quando em coluna.

JAMBÁ CACUMBI QUEREMÁ (...) - Música e letra colhidas por Aires da Mata Machado Filho em S. João da Chapada - MG.

JAMBI (1) - Capim.

JÁ NÃO ERA SEM TEMPO - Até que, enfim (...). Expressão comum no interior de MG.

JOÃO FERNANDES DE OLIVEIRA -Titular dos 1º e 2º Contratos de Diamantes. O 3º, perdeu-o para *Felisberto Caldeira Brant*. Protegido de D. José I e de Pombal, conseguiu derrubar Caldeira Brant (e mandá-lo para prisão), ficando com o 4º, 5º e 6º Contratos; estes, já em conjunto com seu filho desembargador, também de nome João Fernandes de Oliveira, “marido” de Chica ou Xica da Silva.

JOMBÔ (1) - Lama preta.

JORNAL - Paga pelo aluguel de um escravo, feita naturalmente, ao seu dono.

JOSÉ ANTÔNIO FREIRE DE ANDRADE - Quinto governador da Capitania autônoma de Minas Gerais (17.02 de 1752 a 31.12.1762), irmão caçula de Gomes Freire de Andrada e pai do futuro inconfidente bastardo, Tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, cunhado do Dr. Álvares Maciel e protetor de Tiradentes.

JUIZ DE VINTENA - Nomeado anualmente para cada aldeia ou arraial de vinte fogos (ou mais). Competia-lhe julgar questões de até 300 réis, prender os criminosos e julgar infrações às posturas municipais (“Constituição” ou “Lei orgânica” do município/vila) feita pela câmara ou senado.

“JUS CORRIGENDI” -Latim: direito de corrigir ou correger.

“JUS VOLENTES DUCIT ET NOLENTES TRAHIT” - Latim: o direito conduz os que querem e arrasta os que não querem.

KICHORRAR - Sofrer. (vocábulo cigano - Mello Moraes Filho).

KIXIMA (1) - Cacimba (Cova que recolhe água nos terrenos pantanosos; poço cavado até o lençol d’água; cisterna escavada em baixadas úmidas).

LADINO LADINA (ESCRAVO/A) (3) - Escravo que já conhecia os costumes e a língua e sabia exercer determinado ofício. Antônimo: Escravo-boçal.

LAMBA (1) - Desgraça; trabalho pesado. (\*) = passar *lamba* = passar mal; levar vida de cachorro. Daí, vem a palavra lambada, que significa golpe com chicote. Na dança lambada, cada dançante procura aderir-se ao corpo do outro em colisões ritmadas, tal como o golpe do látigo ou chicote.

LAVRA - Serviço de mineração, no caso, de ouro.

LAVRAS DO FUNIL - Hoje, cidade de Lavras-MG.

LÊGUA - Três mil *braças*, ou seis mil e seiscentos metros. Hoje, somente seis mil metros.

LEPRA HEBRAICA - Termo preconceituoso, tal como comunista, fascista etc. que o poder constituído e a Igreja, encantoados pelo Iluminismo (Enciclopedismo etc) passou a utilizar para rotular a tudo o que lhes parecesse contrário ao seu poder e dogmas divinos e intocáveis.

LEVOU OS ALHOS - ZAIÓ - Expressão comuníssima no interior de MG, significando que a situação se complicou, danou-se em lugar de, talvez, “estamos fritos”. A carne, a ave, a caça, leva os alhos antes de ser frita. Assim, levar os alhos ocorre como indicativo de que se vai fritar, ou, de que a coisa está para feder.

LÍNGUA - Intérprete; que fala a *língua* dos africanos ou o *quimbundo* / *ambundo*.

LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR JESUS CRISTO - Expressão de maior uso, como saudação, nas MG do século XVIII e mesmo no XIX e início do séc. XX.

LUZES DO SABER - Cultura; alfabetização. A palavra luz estava em moda no Século XVIII, chamado o século das luzes.

## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

MAÇALASE (2) - Capela; oratório.

MACAMAU - O mesmo que mocamau, escravo fugido e morador do quilombo.

MACAQUINHO DE TUDO - Enamorado; cheio de mesuras e *candongas*.

MACUCO (1) - Mulher velha e feia; (\*) = certa ave.

MÃE-DO-OURO - Ente fantástico que, segundo a tradição popular, guarda as minas de ouro. Tem a forma de uma bola de fogo e se movimenta sempre à noite, sobre os montes. Não se confunde com as luzes do Outro Mundo, bolas de fogo com cara de mulheres geralmente que desencaminharam a algum padre, ou com cara de bode ou do próprio *cariá*.

MALUNGO/A (2) (1) - Companheiro/a; confrade; cidadã/o do quilombo. (\*) = Companheiro/a de mesma idade; irmã/o colaça/o ou de criação.

MAMBOIM (Rio) - Rio Bambuí; região e vila de Bambuí, hoje, cidade de Bambuí-MG.

MAMELUCOS - Mistura de índio(a) com o branco; caboclo. Os paulistas eram, quase todos, *mamelucos*.

MANDINGA (NEGRO) - Provinham da Costa da Guiné. Esses *negros* maometanos eram grandes feiticeiros. Os poucos que foram para MG deram origem ao termo *mandinga*, como sinônimo de feitiço.

MANDRACA (4) - Feitiço; manduraca (\*) = idem.

MANDRAQUEIRO (4) - Feiticeiro.

MANGANGUERA (1) - Sem gordura. *Pipoquê manganguera* = Feijão sem gordura.

MANJANGA (OU MANJONGUES) - *Negros* musculosos e de alta estatura, parentes dos manjungas da Ilha de Madagascar, onde eram comprados pelos traficantes portugueses da Costa Oriental Africana.

MANJANGUE (1) - Irmão de sangue.

MANJUNGUE - Nação africana à qual pertencem, também, os manjangas.

MANOEL, JOSEPH & JOÃO - Os maiores armeiros de Portugal, no início do século XVIII, os quais fabricaram a Espingarda Perfeita

MANOEL PEREIRA PORTO - Nome verdadeiro do Escrivão de *Pitanguí*, à época dos fatos.

MARIMBA - "Instrumento musical, composto de lâminas de vidro ou metal, graduadas em escala e que percutem com

baquetas" - Cadernos de Arquivo nº 01/APM-1988.

MARIMBÔ (1) - Otário. Espécie de jogo de cartas; quem perde é chamado de "pai-marimbo", que significa na expressão corrente pagar por todos; arcar com as despesas. (\*) = Marimbo: idem.

MARUFO (4) - Cachaça. (\*) = língua bunda (*quimbundo*); vem de maluvo, bebida fermentada africana.

MASCAVA UM PEDAÇO DE FUMO - Mascar fumo nas Minas Gerais do século XVIII era mais comum do que pitar (fumar no cachimbo) ou cheirar o pó do fumo.

MATACO (1) - Nádegas; bunda. (\*) = idem; e, tatu-bola.

MATOMBÔ (1) - Mandioca.

MATULA - Ração para viagem; o farnel que a contém; munição de boca, geralmente chamada farinha guerra.

MAZOMBO (4) - Brasileiro, filho de estrangeiro, sem misturas de índio ou *negro* (é o "crioulo" branco). (\*) = Idem; significa também sorumbático, macambúzio e mal-humorado.

MBAMBE (1) - Frio.

MBANGA (1) - Pênis; membro viril.

MBEMBO (1) - Feitor, moço branco.

MBUNGURURU (1) - Estrela.

MDAMBI (1) - Mulher; fêmea; o mesmo que *andambi*.

MEIA-PATACA (DE) - O mesmo que de meia-tigela; aprendiz inexperiente; de pouca valia; etc..

MENDÊ (1) - Comércio; venda.

MENSA - Eu. (vocábulo cigano - Mello Moraes Filho).

MENTASTRO - Pequena erva da família das labiadas; folhas aromáticas, muito utilizada em várias aplicações nas MG.

MEPRÁ (1) - Roça.

MESA DE VISITAÇÃO - Os padres visitantes eram uma espécie de fiscais da fé e dos bons costumes e exerciam grande despotismo sobre os povos das Minas, incentivando a delação e a traição. Aplicavam penas que iam desde a multa pecuniária até a prisão e o degredo. Era a polícia da Igreja, também, a oprimir o povo e a vexá-lo.

MEZINHAS - Remédios.

MIA (1) - Meu/minha.

MINAS (NEGROS) - Eram na verdade *negros* sudaneses de várias nações que, trazidos para o Brasil, eram assim rotulados para que pudessem alcançar



## SESMARIA

### Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

melhores preços no mercado das Minas Gerais. Esses *negros*, comprados em Gana, eram, geralmente, de Gana, Costa do Marfim, Mali, Togo, Nigéria e, no século XIX, de Daomé, hoje, Benim. Portanto, não existiam *negros* de nação ou raça *mina*; minas eram *negros* assim rotulados (com experiência em mineração) para que pudessem alcançar melhores preços no mercado mineiro.

**MINEIRA** (4) - Cantiga triste; toada sertaneja.

**MOÇAMBIQUE** - Cintas de vidro (1); enfeites moçambicanos, hoje, os bailados.

**NEGROS**: Vindos da Costa Oriental, de belo tipo retinto, gostavam de danças, música e enfeites ou jóias, usando grandes argolões, miçangas e cordões de ouro. Vieram em grande número para as MG no século XVIII.

**MOCAMBOS** (3) - Casas; esconderijo, as casas do quilombo; coto de escravos: (\*) = idem.

**MODE** - Mor de que; Por mor de que, ou seja, por causa de. Daí advém o “*mode*” do mineiro e de outros brasileiros sertanejos e caipiras. “*Mode* isto; *mode* aquilo; pra *mode* isto; pra *mode* aquilo. Mor: Maior; maiormente; causa mor ou maior; etc.

**MOLEIROU** - **MOLEIRAR** - Molengou; molengar.

**MOLEQUE/MOLECA** - Rapazinho/mocinha *pretos* (*negro*, *cabra*, *pardo* ou *cariboca*).

**MORRO DE ESPIA** - Local onde se punham os vigias para evitar ataques de surpresa ao quilombo.

**MORUMBO** (1) - Bolsa escrotal; montículo; testículos do homem; murundu.

**MOS** - Português arcaico; contração do pronome “*me*”, com o artigo “*o*” no plural.

**MOSSOROCA** (1) - Chuva grossa.

**MUAFA** (1) - Tapa; safanão.

**MUATA** (2) - Sujeito rico; potentado.

**MULATO** - Mistura de *negro(a)* e branco(a), compreendendo o *pardo* e/ou *cabra*.

**MUSSUMBA** (2) - Palácio do rei.

**MUXIMA** (2) - Chefe; sova; soba ou sobra = régulo ou chefe de tribo africana.

**NDIMBA** (1) - Cantador.

**NEGACIÁ** - **NEGACEAR** - Espreitar sorrateira-mente; (\*) = Atrair por meio de negaça; enganar; iludir.

**NEGO(A)** - Tratamento carinhoso ou íntimo entre as pessoas conhecidas, independentemente do sexo ou da cor.

**NEGRA DE VENTRE LIVRE** - Expressão utilizada para significar que o vassalo, apesar de *preto*, já nasceu livre, pois já o era a sua mãe; diferenciando-o do *preto* liberto ou alforriado.

**NEGRO** - Tratamento dispensado primordialmente ao *negro* africano. Quando se trata de *calhambolas*, aí não; aí todos os *pretos*, (mesmo os *pardos* e *caribocas*) são chamados de *negros* do mato ou *negros* facinorosos.

**NEGRO BOÇAL** - *Negro* estrangeiro que ainda não se aculturou e não sabe falar a língua do branco ou não tem qualquer ofício. Antônimo de *negro ladino*.

**NEGRO DE NAÇÃO** - *Negro* estrangeiro; nascido na África. (e não os *negros* escravos pertencentes aos órgãos do governo, como já registraram alguns autores).

**NEGROS-DO-MATO** - *Calhambolas*; *negros* fugidos; *canalhada*; *macamaus*.

**NEGRO NEGRO RAÇADOR** - Espécie de boa saúde, compleição física e inteligência, escolhido entre os machos de um senhor, para engravidar as escravas, com o fito de “melhorar a raça do rebanho” de escravos. Se bem que, nas MG - é o que se constata - o *negro raçador*-mor era sempre o próprio senhor dos escravos.

**NEM VER!** - Expressão muitíssimo utilizada: a peremptoriedade de uma negativa.

**NGANGA/UGANGA** (1) - Padre; em África, era o feiticeiro ou sacerdote.

**NGOMBE** (1) - Boi; o mesmo que *Ongombe* e *Orogombe*.

**NGUENDA** (1) - Pressa; pequena fuga.

**NHORRÁ** (1) - Cobra.

**NIM** -no(a)(s); Num(a)(s); e; em.

**NJEQUÊ** (1) - Capanga; sacola.

**NPUCO** (1) - Rato.

**N'ZAMBI** (1) - Deus; Azambi.

“Ó! D'ADOND'É QU'É ESSA GUNGA (...)” - Música e letra colhida pelo autor em Moema-MG.

**OBINGÁ** (1) -Chifre. (ver *Binga*).

**OCAIA** (2) -Companheira; esposa.

**OCAIÁ** (1) - Fumo.

**OCARÁ** (1) - Café.

**OCHITO** (1) - Carne. (*Ochito* ia *ngombe* = carne de boi).

**OENDÁ** (1) - Entrar; idem oenda.

## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

“OENDA AUÊ, A, A (...)” - Música e letra colhidas por Aires da Mata Machado Filho em São João da Chapada-MG.

“ÓI, A GUNGA N'É MUDA (...)” - Música e letra colhidas pelo autor em Moema-MG.

“ÓIA LA MIA GENTE (...)” - Música e letra colhidas pelo Prof. Waldemar de Almeida Barbosa na região de Bambuí-MG. Obs.: O autor alterou as palavras, tirando-lhes a correção do português.

“OI, MARCHA BAMBOÊ (...)” - Música e letra colhidas pelo Prof. Waldemar de Almeida Barbosa na região de Bambuí-MG.

OIQUE (1) - Rapadura.

OITAVA - Medida de peso do ouro que valia 3 gramas e 58 centigramas, ou seja 3,586 gramas.

OMUNGÁ (1) - Sal, idem a mungua.

ONJEQUÊ (1) - Milho.

ONJUNDO (1) - Marrão; martelo; boi bravo; rego ou valeta ou lado do caminho.

OMBERA (1) - Chuva.

OMBIÁ (1) - Cigarro.

OMBINGÁ (1) - Magro.

OMBOÁ (1) - Cachorro.

OMENHÁ - água; o mesmo que menhá e aua (1).

OMERÁ (1) - Língua.

OMINDES (1) - Eu (pronome) Mim.

ONDARA (1) - Fogo; o mesmo que anduro e undaro.

ONGIRA (1) - Estrada; caminho.

ONGOMBE (1) - Boi; o mesmo que Ngombe e Orogombe.

ONGORÓ (1) - Cavalos; égua.

ONGURO (1) - Porco; o mesmo que onguo.

ONINGA (1) - Fedor; mau-cheiro.

ONJERÊ (1) - Cabelo.

ONJÓ (1) - Casa, rancho, *cafua*.

ONUMUQUACHO (1) - Colega; parceiro, companheiro de serviço.

OPUTÁ (1) - Angu.

OQUEPÁ (1) - Osso.

ORDENANÇAS - Tropas pagas de policiamento e repressão, aquarteladas ou acampadas nas vilas.

ORERÁ (1) - Toucinho.

ORINGÁ (1) - Poeira.

ORONAGA (1) - Roupas.

OROGANGA (1) - Soldado.

ORONGANJE (1) - Cachaça. (\*) = Orontanje = cachaça.

ORONGÓIA (1) - Diamante; (tenho dúvida; talvez signifique ouro e não diamante que, então, seria *jambá*).

ORONGOMBE (1) - Boi; o mesmo que Ngombe e Ongombe.

ORONI (1) - Lenha.

OROPUNGO (1) - Bateia.

OROSSANJE (1) - Galinha.

OROSSIMBA (1) - Gato.

OROVANGA (1) - Baeta; idem a orovungo.

ORUMBÁ (1) - Carumbé; lavador de cascalhos.

OSSEMÁ (1) - Fubá.

OSSENHÊ (1) - Lua; idem a senhê.

OTATA (1) - Pai.

OTATARIANGUE (1) - Feitor; *patrão* de serviço; chefe (ver *Imbanda*).

OTATARIOVE (Ô) (1) - Insulto máximo dirigido ao pai do insultado.

“OTÊ! PADE NOSSO CUM AVE MARIA (...)” - Música e letra colhidas por Aires da Mata Machado Filho em São João da Chapada - MG.

OTEQUE (1) - Dia.

OTIÇA (1) - Cativoiro.

OTOMBO (1) - Farinha de mandioca. (*Matombô* = mandioca).

OURO BRANCO - Uma das mais antigas freguesias de MG. Fica na Zona Metalúrgica; só em 1953 se constituiu em município, desmembrando-se de Ouro Preto. Prof. Waldemar de A. Barbosa.

OUIDOR - Cargo máximo da Justiça na Comarca. No caso da Capitania, o *Ouidor* geral é o mais elevado.

OVÊ (1) - Você; senhor.

OVIANGO (1) - Foice (*alvião*?)

OVICAIÁ (1) - Piçarra.

OVINI (1) - Mãe.

PAÇOCA - Amendoim com gergelim e rapadura, socados no pilão.

PADRE JOÃO CORREIA DE MELO - Nome verdadeiro do capelão que acompanhou Bartolomeu Bueno no massacre do *Campo Grande* (1758/1759).

“PADRE QUE HAVIA PACIFICADO AQUELA FREGUESIA” - Padre Antônio de Ávila Curvelo, natural do Rio Real - BA. (Curvelo = cidade de Curvelo-MG).

PADRE QUE TINHA SIDO PRESO(...) - Referência ao padre D. Carlos José de Lima, processado e remetido para Lisboa, por ter blasfemado contra o rei e seu ministro Marquês de Pombal.

PAINA - Conjunto de fibras sedosas que envolvem as sementes da paineira, grande árvore peculiar às matas e cheias de acúleos (espinhos) no tronco grosso; também conhecida como barriguda. Tem flores grandes e róseas; a

## SESMARIA

### Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

*paina* surge de seu fruto seco. Tais fibras foram, e ainda o são, muito usadas para o enchimento de travesseiros, almofadados, arreios etc...

*PAÍS* - Significando paragem; região; localidade.

*PAMBA*(1)- Valentão poderoso; principal em alguma coisa. (\*)Bamba é idem.

*PANGO* (4) - Maconha.

*PAPAGAIO* - Hoje, município de Tomás Gonzaga-MG.

*PARDO* - Filho de branco(a) com negro(a); *mulato*.

*PARONGO* (1) - Carneiro.

*PATUÁ* (4) - Bentinhos; breve de pano em que se costuram orações e relíquias. (\*) = idem.

*PÊ-DE-ORELHA* - Ao ouvido; conversa reservada; íntima; particular; ou: conversa de mineiro. É incrível que esta expressão não conste do Aurélio.

*PEÇA*(S) - Termo técnico do “economês” da época para se referir ao escravo, sendo 1 *negro*, sexo masculino, com idade de 15 a 25 anos, ou 2 *negros* de 35 a 40 anos; etc.; na verdade, acabou como sinônimo de escravo: “Uma *fábrica* de escravos ou de *peças* de trabalho”.

*PEDESTRE* - Soldado de tropa de *ordenanças* das Vilas, no período colonial. (\*)

*PÊGAS* (Ê) - Gancho de ferro com que se prendiam os escravos fugidos. Apetrechamento indispensável a um homem-do-mato. (\*) – sem acento.

*PELOURINHO* - Coluna de pedra picota fincada na praça central das vilas; símbolo do poder de El-Rei; lugar onde se amarravam os presos e escravos para açoites e suplícios; local onde se fixavam as mensagens e proclamas do poder, leis, bandos, regulamentos; etc... Com a abolição, os pelourinhos foram arrancados de quase todas as praças, restando hoje pouquíssimas cidades que o tenham. Talvez por isto, os *pretos* brasileiros tenham se esquecido de que já foram escravos nesta terra e (...).

*PELOUROS* - Teoricamente, segundo o que há escrito nas leis, às oitavas do natal, reuniam-se os homens bons, na presença do juiz mais velho ou do corregedor da Comarca, e escolhiam os eleitores. Estes, em listas triplíces (*pelouros*) escreviam os nomes de seu agrado para os cargos a serem supridos nos três anos seguintes. Um pelouro, o do ano, já era aberto, dando-se posse aos

eleitos. Os outros *pelouros* eram guardados no cofre do Conselho ou Senado e iam sendo abertos anualmente, até encerrar o triênio, quando, então, se faziam novas eleições. Evidente que o governador, através dos corregedores e ouvidores das comarcas, manipulavam as listas, colocando nelas os nomes que quisessem, dando-se preferência aos reinóis que, na maioria das vezes, nem moravam naquele termo. Assim, constata-se juizes e vereadores (mormente os de *Pitanguí*) que antes e depois dos mandatos naquela Vila, serviam também em outras, apesar de terem residências e negócios em Sabará, S. José, *Vila Rica* etc.

*PERCISO* - Percisar; forma arcaica do verbo precisar. A língua portuguesa mudou a posição dos “r” em muitas palavras; perferir/preferir e muitas outras. Disto, se deduz que os caipiras ou matutos não têm um falar de todo errado e sim antigo, eis que só recebem a língua através da oralidade (analfabetos de geração). Talvez o modo como “Tonico e Tinoco” e outros “caipiras” cantem, não seja “falta de cultura” e sim, a tradição da língua ainda agonizante, porém, viva, ante a ignorância nacional e a pretenciosa “sabedoria” de nossos “gramatigueiros”. *PERDIÇÃO* - Desembocadura; lugar onde um rio ou corgo deságua.

*PERNAÍBA* (RIO) - Rio Paranaíba.

*PERRENGUE* - No interior de MG, significa anêmico, doente, desmaiado, desanimado, sem forças.

*PICHORRA* (4) - Égua. (\*)= idem.

*PIPOQUÊ* (1) - Feijão.

*PICUMÃ* - Teias de aranha enegrecidas e engrossadas pela fuligem do fogo de lenha dentro de casa.

*PIRAÍ* - Chicote; relho.

*PITO* - Cachimbo.

*POLVARINHEIRO* - Soldado encarregado de transportar a pólvora e de, no momento da batalhas, recarregar as armas.

*POLVARINHO* - Recipiente de chifre e com tampas metálicas para transportar/guardar a pólvora e o chumbo. (\*) = Polvorinho.

*PONTE ALTA* - Fazenda que existia em 1746, ao sul do atual município de Formiga, mas ou menos na altura do atual povoado de Pontevila.

## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

*POR CARIDADE* - Expressão utilizada por todos, em lugar do nosso “por favor” de hoje. Significava boa educação e não submissão.

*POR DETRÁS TE VEJO EM CRUZ (...)* - Fórmula cigana recolhida por Mello Moraes Filho (Os Ciganos no Brasil).

*POR SEREM DE EL-REI (DIAMANTES)* - Descobertos desde os primórdios das Minas, os diamantes eram usados como tentos para marcar jogos. Os governadores descobriram o seu valor e passaram a enviá-lo em contrabando à Europa. Só em 1730 é que o Rei ficou sabendo da existência desta riqueza. Assim, no *Tijuco*, impediram-se as lavras de ouro e se estabeleceram os Contratos com particulares e, a partir de 1772, a Intendência Diamantina (uma “estatal”), através da qual El-Rei passou a explorar por conta própria. O contrabando aumentou e a corrupção idem. Assim, só os Contratadores, no início, e depois, nem eles, é quem podia lavrar e comerciar com diamantes, estabelecendo-se penas severas para os *garimpeiros*.

*PORTEIRA (OU PORTÃO) DE CEMITÉRIO*: Expressão muito usada no interior de MG para designar pessoas fechadas, insensíveis ou mal-educadas.

*PRAÇA* - Por conta própria.

*PRETA - PRETO* - Sempre utilizado como gênero, compreendendo as espécies de *preto: negra, crioula, parda, cabra; cariboca ou cafusa; fula*, quando indefinida.

*PUÍTA* - Cuíca.

*PUPIÁ ONDACA (1)* - Língua; temperar a língua; conversar na língua dos *pretos*. A política escravocrata orientava a que não se deixasse juntar mais que dois ou três *negros* que falassem a mesma língua; os documentos mostram que, realmente, a maioria dos senhores procuravam diversificar as nações de seus *negros*. Assim, pelo menos quanto a Minas Gerais, é de se pôr em dúvida a atual “onda do negrismo baianista”, onde todos os *negros* numa senzala ou num local falam de forma puríssima a língua “*naô*” ou “*iorubá*”. Numa senzala de nações diversas, o *negro* que falasse somente a sua própria língua, ficaria sozinho, pois, os *negros*, mesmo em África, não falavam uma única língua. Aires da Mata Machado, acredita, e dá provas, na existência de um dialeto

desenvolvido em São João da Chapada-MG, agregando palavras de várias línguas africanas e, também, do Português. Esta língua, referida por muitos documentos e autores, é a língua *bunda, quimbunda*, ou o *kimbundo*, ou seja, um dialeto africano-brasileiro, pois, os *negros*, mesmo não se entendendo entre si, precisavam falar uma língua que os senhores não entendessem.

*PURI (4)* - índio. (\*)Coroados.

*“PURRO! ACOETÁ! CAVÉIA” (...)* - Música e letra colhidas por Aires da Mata Machado Fº em São João da Chapada-MG.

*QUARTAÇÃO - QUARTAR* - Ajuste entre o escravo e o senhor, para a compra da *Alforria* pelo próprio escravo, avençada em quatro pagamentos e onde o escravo, pagando a primeira parcela, já adquiria o direito de não ser vendido a outro senhor. Era muito utilizada nas Minas; os escravos, muitas vezes, eram lesados e recorriam às justiças através das confrarias ou, revoltados, fugiam para os quilombos.

*QUARTADO* - Sêmi-alforriado; o mesmo que coartado.

*QUEBRA-JEJUM* - Primeira refeição do dia, hoje, o “café da manhã”; desjejum.

*“QUEM SÃO ESSAS GENTES (...)”* - Música e letra colhidas pelo Prof. Waldemar de Almeida Barbosa na região de Bambuí-MG.

*QUENDÊ* - Entrar; o mesmo que *cuendê*.

*QUERDAR* - Fazer. (vocábulo cigano - Mello Moraes Filho).

*QUIAPENGA (2)* - Arco de lançar flechas.

*QUIBA (1)* - Trouxa de roupas ou de objetos; animais fortes e corpulentos. (\*)= animais robustos; feito de pele; de couro.

*QUIBEBE* - Prato preparado com papa de abóbora; prato preparado com o grelo de abóbora (cambuquira).

*QUILOMBO DA BOA-VISTA I* - Provavelmente localizado no atual município Três Pontas, próximo de onde se localizara o primeiro Cascalho, destruído em 1743.

*QUILOMBO DA MARCELA* - Provavelmente localizado entre os municípios de Córrego Danta e Luz, ou, entre os municípios de Campos Altos e Santa Rosa da Serra.

*QUILOMBO DA PERNAÍBA* - Um dos quilombos do *Campo Grande*. Localizado

## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

onde, hoje, se situa o território do município de Rio Paraíba/MG.

*QUILOMBO DO AMBRÓSIO* - Quilombo principal ou a “capital” do *Campo Grande*. O primeiro, chamava-se Povoação do Ambrósio e se localizava no território do atual município de Cristais-MG. O segundo, mais conhecido, surgido a partir de 1746, localizava em território do atual município de Ibiá-MG.

*QUILOMBO DO ANDAIAL* - Um dos quilombos do *Campo Grande*. O autor depois de ter visto os mapas específicos, pela análise lógica dos documentos (roteiros da expedição de Bartolomeu do Prado), o localiza na região entre Estrela do Indaiá e Cachoeirinha, no município de Córrego Danta e não em Araxá, como registram vários autores.

*QUILOMBO DO CALUNGA* - Localizava-se em território do atual município de Nepomuceno-MG. É provável que seja o núcleo que deu origem ao remanescente *Quilombo do Calunga*, hoje, localizado a cerca de 350 km a nordeste de Brasília-DF.

*QUILOMBO DO CASCALHO* - Situou-se em três lugares sucessivos, em territórios atuais dos municípios de: Três Pontas, destruído em 1743; Carmo do Rio Claro, até 1746; Alfenas, destruído pelo capitão antonio Francisco França em 1760.

*QUILOMBO DO GONDUM* - Quilombo localizado no sudoeste do atual território municipal de Carmo da Cachoeira.

*QUILOMBO DO MAMBOIM OU MAMMOÍ* - Um dos quilombos do *Campo Grande*, localizado às margens do rio Bambuí, entre os municípios de Medeiros/MG e Bambuí/MG.

*QUILOMBO DO QUEBRA-PÊ* - Localizava-se provavelmente (hipótese), em território do atual município de Santana da Vargem.

*QUILOMBO DO ZONDUM* - Localizava-se em território da, hoje, cidade de Jacuí-MG.

*QUILOMBO GRANDE* - Um dos quilombos do *Campo Grande*; se bem que o do Ambrósio e o próprio *Campo Grande* como um todo, às vezes, são chamados pelo mesmo nome.

*QUILOMBO NOVA ANGOLA* - Localizava-se, provavelmente, em território entre os atuais municípios de São Sebastião do Paraíso-MG e São Tomás de Aquino-MG

*QUIMBOTO* (1) - Sapo.

*QUIMBUNDO* (1) - *Negro*; coisa de *negro*; dialeto geral dos *negros* no Brasil. (\*)= idem; indivíduo dos *quimbundos*; indígenas bantos de *Angola*.

*QUINDAMBARA* (1) - Jaleco.

*QUINTA-FEIRA DAS ENDOENÇAS* - Quinta-feira Santa, antes da paixão.

*QUINTO POR CAPITAÇÃO OU CENSO-POR-CABEÇA* - O mais injusto de todos, pois, se os senhores o pagavam pelos escravos, os *pardos* e *negros* livres e *pretos* em geral, o tinham que pagar por si; as *pretas* livres recorriam à prostituição para poderem pagar este tributo a El-Rei (1735 a 1749).

*QUINTO POR DERRAMA* - Rateio entre os vassalos, a ser pago quando não se atingia a quota estabelecida. Seria utilizado como excitador/fermento entre os povos das Minas pelos líderes da Conspiração das Oligarquias, chamada a Inconfidência Mineira. (Vide Kenneth R. Maxwell em *A Devassa da Devassa*).

*QUINTO POR FUNDIÇÃO* - As pessoas eram obrigadas a levar o ouro que possuíam, sob penas severas, às casas de fundição, onde sofriam um desconto de 20% (houve variações), referentes aos *quintos* e recebiam a barra quintada com um certificado em papel. Caso o total dos *quintos* da Capitania não atingisse a cota (100 arrobas, por fim), aplicar-se-ia a *derrama*. (1750 a 1799).

*QUINTO POR PRODUÇÃO* - Até 1713, 20% do ouro extraído. Cota fixa de 30 arrobas a partir de 1714; 25 arrobas em 1718; 52 arrobas em 1722/1724.

*QUIPUNGO* (1) - Chapéu.

*QUISSAMA* (1) -Trouxa; vide *Quiba*.

*QUISSAMBA* (1) - Sacola.

*QUISSONDE* (1)-Formiga vermelha.

*RÁBULA MORDAZ E FINÓRIO* - Advogado sem diploma; pessoa dotada de muita prática e esperteza forense.

*RAÇADÔ* - Vide *Negro raçador*.

*RASTANO MALA* -Ver *Arrastar mala*.

*REDOLEIRO* - Carrapato.

*REI DAOMÉ* - Régulo africano que firmou protocolo e contrato com o reino de Portugal para a venda de *negros* entregues no Brasil, ou nos portos de África. Mandou os seus embaixadores à Bahia, onde foram recebidos com todas as honras do cargo. Sinônimo de *negro* traidor; judas; vendilhão de seus próprios irmãos.

*REINADO* - Festa de Nossa Senhora do Rosário. Por se incluir no conjunto da



## SESMARIA

### Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

política escravocrata, este culto e festa se propagou por todo o Brasil. Após o 13 de maio de 1888, a igreja e o Estado, ante o poderio adquirido pelas confrarias de *negros e pardos*, cuidaram de extingui-los, mudando os oragos de suas igrejas e arremetendo o ímpeto da devoção e da dança para outras festas e datas, a exemplo da Festa do Divino, Santos Reis, 13 de Maio e para o ENTRUDO (carnaval) que é uma festa européia (DIONÍSIO, BACO E REI MOMO) Não se sabe a razão (ou se sabe?), porém, no Centro-oeste Mineiro, o *Reinado* continua sendo a maior festa popular, não obstante as investidas que, ainda hoje, o poder constituído, por ignorância ou má-fé, ainda faz com o fito de extingui-la ou desvirtuá-la. O Prof. Waldemar de Almeida Barbosa testemunha que os próprios brancos são grandes devotos e têm se rebelado todas as vezes que alguém ameaça a acabar com a festa. Digo eu que esses “brancos”, em sua maioria, têm sangue *negro* a correr nas veias, mesmo os de olhos azuis ou verdes e, é por isto, talvez que a devoção seja tão arraigada. Minas Gerais, a meu ver, tem o povo mais miscigenado do Brasil; sofreu um “branqueamento” natural e já antigo, e não recebeu volumes de novos imigrantes tão consideráveis como os estados do sul e os litorâneos a partir dos movimentos migratórios do século XIX.

*REINAR MAL* - Desconfiar; suspeitar.

*REINOL* - Português do reino, ou de qualquer possessão, quando branco, e não nascido no Brasil.

*REIÚNA* - Espingarda curta, de cano largo e com sistema de pederneira.

*REQUERIMENTO À CÂMARA DE VILA RICA*; “Responda o Procurador atual deste Senado. Vila Rica, em Câmara de 19 de junho de 1748; Senhores do Senado; Diz José Fernandes Preto que ele está exercendo a ocupação de *juiz de vintena* da Freguesia de Santo Antônio do Ouro branco atualmente, com todo o bom procedimento de que a dita ocupação se faz credor; e porque se acha findando a Provisão porque exerce a dita ocupação, e para continuar nela carece de nova provisão para esse efeito, pede a V. Mercês lhe façam mercê de conceder-lhe nova Provisão do dito ofício, na forma do Estilo, por tempo de um ano. E

roga mercê”. (Cadernos de Arquivo-1/APM - 1988).

*RESPOSTA INJURIOSA*: Parecer do procurador do Senado sobre a petição acima; Senhores do Senado; A qualidade do sangue do suplicante, segundo ao que parece, quase condiz com o nome, porque se não é *preto*, é *pardo*, e como tal não deve ser provido no requerimento, porque devem ser homens brancos capazes, que tenham respeito para bem cumprirem as obrigações dos seus ofícios, POR QUE DIZ A ORDENAÇÃO que a mais votos se façam para este ofício OS HOMENS BONS, E NÃO DA QUALIDADE DO SUPPLICANTE, pois não é justo que os homens brancos sejam presos por *mulatos*, SÓ SIM SENDO *CAPITÃES-DO-MATO*; estes os motivos por onde de nenhum modo convenho neste requerimento, e do contrário protesto não prejudicar os bens do Conselho e menos ao bem público, e de haver todo o prejuízo que causar por quem de direito for: *Vila Rica*, 19 de junho de 1748. O procurador do Senado: Manoel de Abreu Guimarães”. Cadernos de Arquivo-1/APM - 1988.

*RIBEIRINHO* - *Negro* fugido que não ia para o mato longínquo e sim ficava nas proximidades das casas, *cafua*s ou senzalas, onde, geralmente à noite, recebia comida e ajuda dos cativos ali recolhidos.

*RIO-RIO* (1) - Psiu; silêncio!

*RIRÁ* (1) - Terra; cascalho.

*RISCAR UNS CAMINHOS* - Fazer mapa.

*RISCO* (S) - Mapa, planta, projeto.

*RONCOIO* - Roncolho; castrado.

*ROSSEQUÊ* (1) - Secar.

*RUBUDO* (1) - Moinho.

*SÁ* - Senhora. Em Minas Gerais, os homens recebem o tratamento de “*sô*” e as mulheres, de “*sá*”.

*SAGRADOS INSTRUMENTOS DA PAIXÃO* - Os cruzeiros, no século XVIII, traziam fixados em seu corpo e braços, os pregos, a lança, martelo, escada entre outros instrumentos utilizados no suplício de Jesus Cristo; na época eram chamados de martírios.

*SAMBA* (1) - Focinheira de bezerro; Saquitel de pano ou cestilho de taquara que se coloca à boca do bezerro ou cabrito, para desmamá-los.

*SANJUÊ* (1) - Briga; barulho.

## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

*SANTA LUZIA DO SABARÁ* - Também chamada Santa Luzia do Rio das Velhas, hoje, cidade de Santa Luzia-MG.

*SANTANA DO SÃO JOÃO ACIMA* - Hoje, cidade de Itaúna-MG.

*SANTO ANTÔNIO DO CURVELO* - Hoje, cidade de Curvelo-MG.

*SANTO ANTÔNIO DE SÃO JOÃO ACIMA* - Hoje, cidade de Igaratinga.

*SANTO ANTÔNIO DO GOUVEIA* - Hoje, cidade de Gouveia-MG.

*SANTO OFÍCIO* - ou, Santa Inquisição. Tribunal de exceção criado pela Igreja Católica Apostólica Romana para perseguir, torturar e matar os seus opositores, com ou sem conluio dos reis e estados. Os mais perseguidos eram os “hereges”, rótulo que, na verdade, servia para desencadear a perseguição a qualquer um.

*SÃO CLEMENTE* - Também chamado de São Quelemente; havia a oração de Frei Clemente, contra a mordida de cobras.

*“SÃO JOÃO FOI NO CÉU (...)”* - Música e letra colhidas por Aires da Mata Machado Fº em São João da Chapada-MG.

*SÃO SEBASTIÃO* - Santo protetor contra a guerra e contra a lepra e a peste. A “mídia” do culto a este santo “envolia” também a figura do falecido Dom Sebastião, jovem rei de Portugal, morto na Batalha de Alcácer-Quibir (mouras) no ano de 1578, motivando o domínio de Espanha a partir de 1580.

*SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO* - Posteriormente, Marquês de Pombal.

*“SE HAVIAM ESGOELADOS”* - Estavam esgoelados.

*SEMBA* (1) - Dança dos *negros*. (\*) = idem; origem da palavra *samba* e da música *samba*. Mulher pertencente à hierarquia sacerdotal na macumba.

*SEMITA* - No caso, judeu.

*SEMÍTICO* - Sumítico,; *semita*.

*SEM-PÓ* - Sem graça; ressabiado; sem jeito; inseguro; etc. O tabagista viciado em cheirar pó, talvez, assim se sinta e se comporte à falta do rapé ou carapiá; termo muito usado no interior de MG.

*SEM TER COM O QUÊ FIZESSE O SACO:* Sem recursos ou financiamento para comprar os bens e rações para o trabalho e subsistência.

*SENADO DO POVOADO* - Instituição político-administrativa do Povoado do Cruzeiro, da imaginação do autor. Os senados ou câmaras das vilas mineiras

do Século XVIII eram diferentes e tinham legislação específica. O Povoado do Cruzeiro e suas instituições estão à margem do poder constituído, sem no entanto, negá-lo de todo.

*SENGUÊ* (1) - Mato.

*SENHORA DO AMPARO* - Protetora das parturientes

*SE PERDER* - Desembocar.

*SERRO DO FRIO* - Sede da Comarca do Serro Frio; chamou-se, à época dos fatos, Vila do Príncipe, mas falava-se também em Serro, simplesmente.

*SERVIA DE GANHÔ* - Prestava serviços à comunidade; fazia biscates; em troca de paga, naturalmente, à sua dona e senhora. *Negro* de ganho; *negra* de ganho, compreendendo-se aí, também, a prostituição.

*SERVIÇOS* - Lavras; local onde se está minerando.

*SESMARIA* - Em MG, as concessões se iniciaram com três *léguas* em quadra reduzindo-se, ao final, para meia *légua* quadrada. Não incidiam sobre terras minerais pois, nestas, vigorava o sistema de datas, arrematadas ou por distribuição em função do interesse régio; do número de escravos que possuía o senhor; etc... No caso das terras de criar e plantar concedidas por Carta de *Sesmaria*, devia o pretendente conquistar a terra (expulsar a gentilha que por lá estivesse ou matá-la; combater quilombos e em algumas regiões de MG, até mesmo combater os índios selvagens); depois tinha que plantar a terra e/ou nela criar gado e pagar os devidos tributos a El-Rei e, ao final, requerer ao governador a Carta, pedir a confirmação desta ao Conselho Ultramarino. Depois, instaurava o Processo de Medição, mandava chamar o juiz das *Sesmarias* e sua comitiva até o local-sede das terras a demarcar e iniciar o processo de Demarcação propriamente *dito*, onde se ouviam os confrontantes e os *homens bons* do termo ou Distrito e, só então, havendo concordância ou acordo, se demarcavam as terras. Isto excluía do acesso à terra - e não me venham os historiadores demagogos e falseadores da verdade, citando exemplos de outros países e de outros estados, querer negar - os pobres, mormente se fossem *pretos* livres (*negros*, *pardos*, *cabras*, *caribocas*, *cafuzos* etc) e, ao mesmo tempo, permitia

## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

às pessoas poderosas a amealharem 50, 100 e até 200 *léguas* quadradas de terra. Os excluídos só tinham acesso à terra como escravos e como agregados e é claro, como cadáveres (sob os “sete palmos”, se os tatus deixassem). Sobre isto, escreveu o naturalista francês Augusto de Saint-Hilaire em 1822: “Os pobres, que não podem ter títulos, estabelecem-se nos terrenos que sabem não ter dono. Plantam, constroem pequenas casas, criam galinhas, e, quando menos esperam, aparece-lhes um homem rico, com título que recebeu na véspera, expulsa-os e aproveita o fruto de seu trabalho. O único recurso que ao pobre cabe é pedir, ao que possui *léguas* de terra, a permissão para arrotear um pedaço de chão. Raramente lhe é recusada tal licença, mas como pode ser caçada de um momento para outro, por capricho ou interesse, os que cultivam o terreno alheio e chamam-se agregados, só plantam grãos cuja colheita pode ser feita em poucos meses, tais como o milho e o feijão(...)”. (\*)Agregado: Hoje, nem isto; hoje, se chamam “Bóias-frias” ou “Sem terras”.

*SEU CRIADO* - Expressão muito usada no interior de MG, revelando a natureza humilde do povo (em todos os níveis sociais), o que também é ratificado pelo uso constante de diminutivos (zinho) quando se refere a si mesmo e às suas coisas e posses.

*SINCORÁ* (1) - *Mulata*.

“*SI VIS PACEM, PARA BELLUM*”: Latim, Se queres a paz, prepara a guerra.

*SÔ* - Forma reduzida de “senhor” em MG, (Ao invés do “sinhô ou do seu”), ou de “sou” do verbo “ser”. Senhora' ver “sá”.

“*SOLEMNIA VERBA*” - Palavras solenes. (Latim).

*SOMA* (1) - como (comparativo).

*SOMBRAS DEBAIXO DOS PÉS (OU DAS COISAS)* - Indica o sol a pino; ao meio dia.

*SOMBRAS AO NASCENTE* - Indica o entardecer.

*SOMBRAS AO POENTE* - Indica o amanhecer.

*SOPAPO* - Parede de pau-a-pique ou taipa, rebocada com a mão. O barro é temperado com bosta de vaca ou capim repicado para ficar com mais liga e não rachar.

*SOVA* - O mesmo que soba; *muxima*; chefe; régulo.

*SUCCESSOS* - Acontecimentos; fatos; sucedimentos.

*SUMBANGA* (1) - João-ninguém; pessoa insignificante.

*SUNCÊ* - Tratamento para escravos e pretos livres, ou para pessoas conhecidas e íntimas.

*SURRÃO* - Bolsa ou saco de couro; farnel; para guarda de líquido e farinhas.

*SUSCRISTO* - Forma reduzida de *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo*.

*SUSUHY E PEROPEBA* - *Sussuí* e *Paraopeba*; região onde, hoje, situam-se os municípios de Entre Rios de Minas, São Brás do Suaçuí e Queluzita-MG.

*SUVANCA* - Coisa feia e usada; mulher feia e/ou velha.

*TABAQUE* - Atabaque.

*TACA* - Espécie de lâtego feita de duas tiras de couro cru, largas e bem curtas, sobrepostas e encastoadas a um cabo de pau ou de sola mais grossa, tendo em seu corpo tachas curtas para ferir o animal espancado.

*TARRACUDO* - Atarracado.

*TATARNÊ* (1) - Bicho-de-pé.

*TELHAS DE COXA* - Telha; canal colonial ou comum. No século XVIII eram feitas pelos escravos que davam-lhe o molde ou forma com a própria coxa.

*TERNO* - - Substantivo Masculino - Grupo, time ou pelotão de uma agremiação específica, organizada e independente de dançadores de reinado (Festa de Nossa Senhora do Rosário); o mesmo que corte.

*TIADIAMBE* (1) - Dia santo.

*TIAPOSSOCA* (1) - Coisa boa.

*TIAPURECA* (4) - Bebedeira (\*)= há o sinônimo Tiaporonga.

*TIJUCO* - Hoje, cidade de Diamantina-MG.

*TIMBA* (4) - Barriga; gravidez; o mesmo que tamba. (\*)Homônimo de tamba: Bebida indígena; Tambá: concha.

*TIMBA CHEIA* (4) -Grávida. (\*)= *Timba*: chulo, pênis; *timbale*: tambor; forma esférica.

*TOMADIA* - Paga ou estipêndio que recebiam os *capitães-do-mato* pelas peças que capturavam (20 *oitavas* pagas pelo dono do fugido), ou matavam (6 *oitavas*, por cabeça, pagas pelas câmaras das vilas).

*TOMÁS ROBI DE BARROS BARRETO*: Foi intendente dos diamantes até o ano de

## SESMARIA

### Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

1757; seu sucessor foi o Dr. Francisco José Pinto de Mendonça, o “Mocó” ou “Mucó”, ex-ouvidor da Comarca do Rio das Mortes e comparsa do desembargador João Fernandes, o amante de Xica da Silva.

TOPA - (DAR DE) = Topada; colisão.

TRAIÇÃO - Mutirão em benefício de alguém, sem avisar, ou deixar saber até o término do serviço, ao beneficiário.

TRATOS ILÍCITOS - Adultérios; bigamias, etc.

TREM; TRENS - Objeto; coisa; troço; conjunto de objetos do mesmo gênero. O mineiro, por ser o único (além do goiano) que utiliza corretamente este vocábulo, - Ver o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, ou qualquer outro - recebe chistes e zombarias dos outros brasileiros que utilizam erroneamente para se referir ao comboio ferroviário - que pode ser chamado de *trem-de-ferro*, exatamente por se compor de um conjunto de vagões e a máquina (mesmo gênero e espécie), simplesmente como “*trem*”. O mineiro, geralmente, aceita a gozação e se cala, por não saber, talvez, que está certo.

TRÊS PARDOZINHOS - Naturalmente, filhos de Chica. Durante o tempo de convívio com o Contratador, Chica, ou Xica, teve um filho por ano, no total de 13. Isto, o romancista João Felício dos Santos não levou muito em conta (se bem que fala em crianças nas mãos de Chica de um modo vago e impreciso), no seu romance Xica da Silva.

TRONCO - Cadeia; a expressão *tronco* ou cadeia, não significa necessariamente que o preso ficou atado a um *tronco*; mas, os havia dentro das cadeias (espécies de vira-mundo de pau para o pescoço e braços) por serem algumas de construção frágil e de barro.

TUDO É DE TODOS - A organização econômica do Povoado do Cruzeiro foi idealizada / imaginada pelo autor, inspirada num misto do que ocorria nos quilombos com o que ocorria nas povoações de gente livre e pobre.

TUNSA - Tu; você. (vocábulo cigano-Mello Moraes Filho).

TÚRIA (1) - Gente ruim; o mesmo que capungo.

TURO (1) - Carniça.

TUTIMBA (1) - Sabiá.

UANDÁ (1) - Rede de embalar criança.

UANGA (1) - Feitiço; coisa feita; o mesmo que uama e muama.

UANGA DE SINCORÁ (1) - Feitiço de *mulata*.

UCUMBI (1) - o Sol.

UFECA (1) - Cemitério; por extensão, quem já morreu.

UGANGA (1) - O mesmo que *nganga*; padre; sacerdote.

UMBURANA (4) - Cachaça; garrafada de *umburana* de cheiro. (\*) = idem.

UNDARO (4) - Fogo; braseiro; o mesmo que *anduro* e *ondara*.

UNGUNDO (1) - Pó; rolão; parte grossa da farinha de trigo ou de milho.

UONEME (1) - Grande.

URUNDUNGO (1) - Pimenta.

USURA E DESCAMINHO DE PEDRAS: Agiotagem e contrabando de diamantes.

USSONHO (2) - Flecha ligeira.

VACA MANINA - Vaca estéril; machorra.

VALE VINTE OITAVAS - Valor da *tomadia* em vigor nas décadas de 750/770.

VASSUNCÊ - Tratamento para escravos ladinos e *pretos* livres mais importantes.

VAVARU (4) - Intriga; disse-que-disse. (\*) - sinônimo: *vavavu*.

VEREANÇA E JUSTIÇA - O Território da Capitania era dividido em Comarcas; estas, em termos (cidade e vilas). As câmaras das vilas chamavam-se a si mesmas de senados e compunham-se geralmente de dois juizes ordinários ou presidentes, três vereadores, um procurador e um escrivão. Os juizes e vereadores eram, em tese, escolhidos pelos *homens bons* e tinham um mandato anual (depois, trienal). A verdade é que o governador manipulava as listas de pelouro e elegia, de preferência, quem fosse *reinol*. Alguns nomes aparecem sucessivamente em várias vilas e comarcas diferentes, onde nem residiam e nem tinham negócios quaisquer.

VERGONHAS - Órgãos genitais femininos; podem se referir também aos masculinos.

“VERITAS EVIDENS NON PROBANDA” - A evidência não precisa ser provada. (Latim).

VIGONGO (1) - Torresmo.

VILA DE PITANGUI - Uma das mais importantes cidades históricas de Minas Gerais. Uma das primeiras vilas do ouro, fundada por Bartolomeu Bueno do Prado

## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

e outros paulistas, por volta de 1710/1711. Último reduto do elemento paulista nas Minas Gerais; palco da terrível batalha de 1719, quando dos últimos revoltosos paulistas foram expulsos das Minas. Alto São Francisco.

*VILA REAL DO SABARÁ* - Vila Real de Nossa Senhora da *Conceição* do Sabará; sabaraboçu; hoje, cidade de Sabará, Grande Belo Horizonte- MG.

*VILA DE SÃO JOSÉ* - Hoje, Tiradentes.

*VILA RICA* - Capital da capitania, hoje, cidade de Ouro Preto.

*VINGANGA* (1) - Arroz.

*VISITA ECLESIAÍSTICA* - Vide *Mesa de visitação*.

*VISITADOR ECLESIAÍSTICO* - Padre encarregado dos trabalhos de visitação (geralmente cônego, monsenhor, doutor, etc). Vide *Mesa de visitação*.

*VISPROU* (1) - De visporar, que advém do jogo de víspora; ter sorte; tirar a sorte grande.

*VISSEPA* (1) - Palha.

*VISSUNGO* (1) - Cantos de trabalho; fundamento; dividem-se em boiado ou solo e em dobrado, que é a resposta dada em coro e acompanhada de instrumentos usados na mineração ou roça. As letras e músicas de Aires da Mata Machado Fº, citadas nesta obra são *vissungos* colhidos pelo citado autor em São João da Chapada-MG.

*VOSSA MERCÊ* - Tratamento para os brancos mais importantes.

*VUNGO-VUNGO* - Brinquedo zunidor feito com um cordel e um pedaço de madeira ou *cuiá*; também conhecido por *zungo-zungo* (1).

*XAMBÁ* (1) - Pássaro de determinada espécie.

*ZANAGA* (4) - Bobo; abobado.

(\*)Estrábico; zarolho.



## SESMARIA

Cruzeiro, o Quilombo das Luzes

<a rel="license"  
href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/"&quot;&gt;&lt;img  
alt="Licença Creative Commons" style="border-width:0"  
src="http://i.creativecommons.org/l/by-nc-nd/3.0/88x31.png" /></a><br  
>A obra <span xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/"&quot;  
href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dct:title"  
rel="dct:type"> Sesmaria - Cruzeiro, O Quilombo das Luzes</span> de <a  
xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#"&quot;  
href="http://tjmar.sites.uol.com.br/sesmaria.htm"&quot;  
property="cc:attributionName" rel="cc:attributionURL">Tarcísio José  
Martins</a> foi licenciada com uma Licença <a rel="license"  
href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/"&quot;&gt;Creative  
Commons - Atribuição - Uso Não-Comercial - Obras Derivadas Proibidas  
3.0 Não Adaptada</a>.